

A woman with long brown hair is lying on her side on a white bed. She is wearing a beige knit sweater and patterned socks. A silver laptop is open on her lap, and she is holding a white cup of coffee with her right hand.

Tatiana Amaral

Autora best-seller da Trilogia “*Função CEO*”

o Professor

Será o fim das aulas?

A close-up portrait of a man with short dark hair and light blue eyes. He is wearing a white dress shirt, a dark tie, and a grey blazer. He is looking directly at the camera with a slight smile. The background is filled with out-of-focus white flowers with red centers.

Série *O Professor* - Livro III


PandorgA



Quando Alex Frankli aceitou que o casamento era a melhor saída para o relacionamento dele com Charlotte, não fazia ideia do que estava por vir. Agora casados, a vida deles se resume a fazer todos os pontos se encaixarem para que possam finalmente viver em paz. No entanto, felicidade e dias tranquilos não estavam no destino deles e os dois vão precisar a todo instante reafirmar o amor que sentem e se convencerem de que é o suficiente. Charlotte Middleton aceitou casar com o seu professor, mesmo ciente de que o relacionamento era recente demais e que para que desse certo, ambos teriam que se adaptar a uma nova vida, não imaginou o preço que lhe seria cobrado. Ela vai perceber que segredos que cercam o seu casamento podem ser mais fortes do que o amor que eles sentem e tudo pode se perder. Nesta nova aventura Charlotte e Alex vão viver os mais inusitados problemas. Vão aprender que esconder a verdade nunca será o melhor caminho, e que o amor não sustenta castelos de areia.

CAPÍTULO 01

“Um homem que não se alimenta de seus sonhos envelhece cedo.”

William Shakespeare

ALEX

Senti-me confuso quando os pensamentos perderam força, dando espaço para o reconhecimento da mudança de paisagem. A escuridão e o silêncio da estrada, aos poucos, se tornaram a movimentação cotidiana de uma cidade grande.

Charlotte, adormecida, não compartilhava das minhas apreensões. E eu pensava em tudo.

Quando decidimos nos casar tão rápido, gastei toda minha energia tentando impedir que minha noiva desistisse. Havia muita pressão sobre mim: Peter, a doença da Mary, o medo de perder a mulher da minha vida e o amor que eu não sabia como controlar ou conviver. Chegava a ser sufocante.

Assim, coisas básicas, que, normalmente, seriam planejadas e estruturadas, foram esquecidas, como, por exemplo, saber exatamente o que Charlotte precisaria daquela casa, o que levaria e o que poderíamos fazer para deixá-la pronta para atender a todas as suas necessidades.

Para falar a verdade, eu sabia que teríamos um quarto, e apenas isso bastava. Mas não era o suficiente e, só quando me vi sozinho, casado e

voltando para casa, entendi este fato. Nem sabia se Charlotte se contentaria em morar na minha casa ou se desejava algo maior.

Eu não sabia de nada.

Parei o carro na garagem, porém não acordei minha esposa imediatamente. Primeiro, entrei e conferi se estava tudo conforme combinado com a diarista. Era bom não haver nada que fizesse Charlotte se lembrar da tal despedida de solteiro. Só depois voltei para buscar minha esposa, que acordou meio atordoada.

Ela era linda!

– Bem-vinda ao lar – graciei e ela bocejou se esticando no banco do carro.

– É verdade. Meu mais novo lar.

Percebi certa amargura em sua voz, mas preferi não comentar. Ela saiu do carro, puxando a saia do seu longo vestido de noiva e ajustando o tecido nos ombros, depois bocejou mais uma vez.

– Vamos pegar minha mala.

– Faço isso depois.

Me aproximei, pegando-a no colo. Charlotte deu um gritinho divertido.

– Vamos manter a tradição.

Caminhei com minha noiva nos braços até a porta, e ela brincou quando precisou colocar a mão em meu bolso para pegar a chave de casa, fazendo-me quase derrubá-la. Entramos, ela verificando tudo ao redor, mesmo no escuro, e eu com um sorriso imenso de satisfação.

– Enfim, casados – brinquei.

Ela continuou olhando a casa, como se fosse sua primeira vez ali.

– É. Casados. – E conferiu a aliança no dedo. – Vou tomar um banho.

Charlotte, quando ainda estávamos na estrada, não quis passar na casa dela, ou na que vivia antes de casarmos. Preferiu irmos direto para minha casa. Segundo ela, seu corpo implorava por um banho. Eu bem podia imaginar do que aquele corpo delicioso precisava para implorar tanto.

No entanto, para minha completa surpresa, ela insistiu em tomar aquele banho sozinha. Cacete! Passei a viagem inteira imaginando as coisas que gostaria de fazer com a minha esposa e agradecendo pelo seu fogo sempre crescente e... merda! Eu adorava tomar banho com aquela mulher. Fizemos isso até antes de transarmos realmente, então era meio que um padrão, ou uma necessidade do meu corpo. Mas ela simplesmente me colocou para fora do banheiro e se trancou lá dentro.

Passei um bom tempo encarando a porta do meu banheiro. Quer dizer... do nosso banheiro. Era melhor começar a me acostumar com a ideia. Quanto antes eu entendesse que tudo ali dentro, a partir daquele dia, seria nosso, mais rápido Charlotte ficaria à vontade.

Desisti de aguardá-la. No fundo, eu queria acreditar que minha esposa abriria a porta dando risada, dizendo que estava brincando, e nós dois tomaríamos aquele banho tão desejado. Como não aconteceu, acabei tomando um banho sozinho no quarto de hóspedes.

Quando saí, Charlotte continuava trancada lá dentro. Não havia nenhum som. Fiquei um pouco constrangido por estar encostado à porta, afinal de contas, não era porque éramos casados que eu tinha o direito de invadir sua privacidade, apesar de estar encucado. O que tanto ela fazia?

O jeito foi começar a organizar as coisas no *closet*. Era importante arrumar minhas roupas de forma a ceder espaço para as da minha esposa. Eu

nem sabia se Charlotte era o tipo de mulher que colecionava sapatos e roupas, se precisava de muito espaço. Droga! Eu ainda tinha tanta coisa para conhecer daquela garota.

Consegui liberar uma parte consideravelmente grande, empurrando minhas roupas de uma forma não muito organizada. Talvez, se eu eliminasse a parede que separava os dois quartos, pegando uma parte do outro *closet*... Por que Charlotte ainda estava no banho?

Voltei para o quarto e fui até a porta do banheiro. Nada. Pensei um milhão de vezes em chamar. Sabe-se lá o que pode acontecer dentro de um banheiro. E o silêncio total só fazia minha nuca pinicar com um monte de pensamentos tenebrosos.

Bati de leve na porta. Nada. Resolvi ser mais incisivo, batendo um pouco mais forte. Silêncio absoluto. Meu coração acelerou, tirando todo o meu controle. Decidi que chamar por ela não seria algo tão inadequado, afinal de contas, Charlotte estava lá há mais de uma hora. Pensando bem, quase duas horas. Estava tarde e nós nem tínhamos jantado.

– Charlotte!

Tentei não parecer desesperado, mas a verdade era que eu estava, e muito. Que coisa mais estranha!

Ela não respondeu. Me aproximei, colando o ouvido na porta. Silêncio. Merda!

– Charlotte? Está tudo bem? – Mais silêncio. Bom, eu arrombaria a porta se fosse necessário. – Meu amor, estou ficando preocupado. Dá para você...

Sem querer, e na ânsia de encontrar uma resposta, meu braço esbarrou na maçaneta e a porta abriu. Que imbecil eu era. Por que não testei a porcaria da maçaneta? Fiquei ainda alguns segundos olhando sem saber se deveria ou

não entrar e acabar de uma vez por todas com aquela angústia. No entanto, minha boa educação me impedia de avançar.

– Lottie? – chamei carinhosamente. – Posso entrar?

Ela não respondeu, então achei que era melhor encarar o problema de frente. Eu havia feito a minha parte. Se Charlotte não estivesse com problemas, teria me respondido.

Entrei com o coração acelerado. O que poderia ter acontecido? O primeiro lugar que meus olhos buscaram foi o boxe. Como eu havia pensado, ela não estava lá. Claro, o chuveiro nem estava ligado. O vaso também, lógico! Então corri os olhos pelo ambiente e enxerguei apenas sua mão caída para fora da banheira.

Um segundo pareceu uma eternidade. Foi o suficiente para que meu coração parasse e acelerasse um milhão de vezes. Muitas teorias foram traçadas e desenhadas. Todas as tragédias possíveis desfilaram em minha mente. Minhas pernas vacilaram, meu corpo tremeu e meus pulmões buscaram ar.

Dei um passo inseguro em direção à banheira, que estava cheia, mas com pouca espuma, somente a água esbranquiçada que cobria o corpo pequeno da minha esposa, revelando apenas uma parte do seu joelho. Charlotte estava deitada, a cabeça apoiada no descanso, os olhos fechados, cabelos molhados e penteados para trás, a boca semiaberta e os lábios roxos.

Puta que pariu!

CHARLOTTE

Preferi passar em minha casa depois. Eu queria um pouco mais de tempo para pensar em tudo que apenas quinze dias tinham feito em minha vida. Então fiquei apática. Não tive como resistir. Não me arrependia do casamento. Não. De forma alguma. Mas e agora? O que viria?

Era normal, para uma garota que passou a vida sendo vigiada pelo pai, que nunca sentiu interesse em transgredir as regras, nunca quis namorar, nunca chegou nem mesmo a cometer um pequeno delito. Nada. Era normal surtar depois de sofrer uma desilusão amorosa que simplesmente nunca aconteceu, quase morrer por causa de um temporal, ser resgatada pelo príncipe encantado, perder a virgindade, ser pedida em casamento e casar pouco tempo depois, e tudo isso sem que meu pai ameaçasse me matar ou matar o meu... marido?

Putz!

Eu estava certa de que Alex era o homem da minha vida. Eu o amava. Amava até demais. No entanto, casar exigia de mim coisas que iam muito além do sexo, que, por sinal, era perfeito. O que Alex comia? Como ele gostava que sua cama fosse arrumada? Onde ficavam os copos e as louças na casa dele? Eu não sabia nada.

Não conhecia seus horários, não tinha ideia se ele almoçava em casa, se gostava de ficar trancado no escritório sozinho por horas a fio sem que nenhum barulho o incomodasse. Não sabia como ele reagiria a minha vontade de ficar sozinha por horas a fio sem ser incomodada. Definitivamente, a ideia de estar casada me assustava muito mais do que o próprio casamento.

Por isso corri, para o banheiro e fiquei lá, apesar de seus protestos apaixonados. Alex era mesmo perfeito! Ainda assim, eu precisava me trancar em algum lugar e ficar sozinha. Não dava mais para voltar atrás. Aliás, eu não queria voltar atrás, queria apenas que pulássemos dois anos e estivéssemos completamente adaptados um ao outro.

Andei pelo banheiro, que, de repente, parecia minúsculo, perdida em pensamentos. Primeiro de tudo: Alex já tinha uma casa pronta e não uma casa planejada e construída por nós. Por mais espaçosa que fosse, era realmente uma típica casa de homem solteiro.

Como eu viveria ali a partir daquele momento, o que eu deveria fazer? Poderia mudar o que não fosse do meu agrado? Poderia levar as coisas que eu amava, como o meu som portátil cor-de-rosa que pareceria um alienígena ali naquele ambiente perfeitamente estruturado e planejado?

Segundo ponto: sexo. Ok que eu adorava sexo e Alex adorava me ensinar sobre sexo. Mordi os lábios pensando nisso e meu corpo acendeu. Vamos lá, Charlotte! Concentre-se. Tudo bem, sexo era muito bom, mas será que, agora que estávamos casados e, teoricamente, passaríamos o resto da vida juntos, haveria um momento em que o interesse diminuiria ou acabaria? Será que Alex e eu, mesmo sentindo o tesão que sentíamos um pelo outro, transariamos tanto que perderia a graça? E quando ele não tivesse mais nada para me ensinar, o que faríamos? Minha dúvida era: eu poderia deixar meu desejo falar tão alto quanto falou no percurso do nosso casamento até a casa?

Terceiro ponto: ser casada exigia também uma vida social juntos. Quem eram os amigos de Alex e o que eles pensariam de mim? Merda, eu sou muito mais nova, recém-formada e com zero de experiência. Tá legal, digamos que 2% de experiência, ainda assim era pouco. Pouquíssimo para interagir com as pessoas interessantes e inteligentes que, com certeza, faziam parte do seu círculo social.

Tive uma pequena prova na reunião organizada na casa da minha cunhada, Lana. Eram pessoas maduras, cheias de intimidades e com histórias engraçadas sobre os anos de amizade com o meu... marido. Eles me acharam infantil? Riram de mim, ou do Alex, pelas costas? Droga!

E a minha? Eu não tinha muitos amigos, no geral, poucos colegas da faculdade e alguns remanescentes do colegial, além de Miranda, que ele visivelmente detestava. Como Alex se comportaria em meu meio? Quanto tempo ele suportaria as infantilidades e as conversas superficiais? Este ponto também me incomodava.

Quarto ponto, e é melhor parar neste ou enlouquecerei: o que ele esperava de mim além de ser uma aluna brilhante que escreveu um livro que o deixava animado? Havia muito mais de mim que ele ainda desconhecia. Não poderia ser só sexo e o livro. Ele não sabia que eu amava filmes românticos e que sempre chorava. Não sabia que minha pipoca era sempre sem sal. Não fazia ideia de que, normalmente, quando começo a sentir sono, eu sinto frio. Estranho, não é? Que eu gostava de colocar os fones de ouvido no máximo e ficar um tempo deitada de olhos fechados apenas idealizando histórias de amores complicados, de conflitos dolorosos e de soluções encantadoras.

Alex não sabia que eu sentia prazer em passar um lençol gelado entre os dedos. Era uma sensação boa! Que eu não gostava de lavar os cabelos todos os dias, pois tirava a oleosidade e os deixava sem graça. Que eu adorava comer besteiras, mesmo morrendo de medo de engordar. Que quando ia ao banheiro, sempre levava um livro. Pode rir, mas a situação era bem mais prazerosa, além do fato de poder desfrutar de mais tempo sem ser incomodada.

Ele não tinha livros no banheiro.

Sem pensar no que estava fazendo, acabei preparando um banho na banheira bem perfumado e atraente. Quando dei por mim, já estava imersa em sua água, relaxando e debatendo todos os meus conflitos.

Viver com Alex era como uma história de amor contada nos mais lindos romances, só que, neles, a intimidade não era descrita. Ninguém escreve sobre coisas que acontecem entre os casais no dia a dia, que são constrangedoras e

que, com o tempo, passam a fazer parte da rotina. Eu tinha medo exatamente disso. Da intimidade e da rotina.

E se eu descobrisse que ele era insuportável? E se ele descobrisse que eu era insuportável? Merda! Não queria perdê-lo. Definitivamente, não queria. Piorava muito quando imaginava que o perderia por não usar camisolas sensuais todos os dias. Aliás, eu gostava de usar calcinhas folgadas e camisas masculinas enormes para dormir. Isso quando não dormia completamente nua, disso com certeza Alex não reclamaria, a não ser que eu engordasse... muito.

Eu não era normal.

Por que estava perdendo tanto tempo com perguntas para as quais não encontraria respostas tão cedo, quando havia um problema muito maior para enfrentarmos? Anita era uma realidade incômoda. Tinha certeza de que ela não sossegaria enquanto não conseguisse nos fazer perder tudo. E eu era a única culpada.

Claro que eu era a culpada. Infernizei a vida do meu professor até que ele decidisse tirar minha virgindade. Que loucura! Como uma pessoa em sã consciência podia fazer uma proposta dessas? Mas eu fiz e ele aceitou. E nós nos apaixonamos, casamos e fazíamos amor de uma maneira tão incrível e perfeita que eu não conseguia pensar em problemas, medos e inseguranças. Nada. Eram só seus braços me envolverem que meu mundo se resumia em Alex Frankli, o meu professor.

De olhos fechados, senti o corpo relaxar completamente. Eu estava pronta para enfrentar o mundo e também muito cansada. Precisava passar mais aquele tempo comigo mesma aproveitando a água quentinha que me envolvia.

Então adormeci. E adorei!

ALEX

Minha primeira reação foi chamá-la, mas minha voz estava tão presa na garganta que saiu apenas um murmúrio. Então, tentando conter o pânico, toquei sua mão caída ao lado da banheira. Estava gelada. Puxei o ar com força, tomando coragem, e toquei em seu pescoço, buscando sua pulsação. Foi quando Charlotte gritou.

Esta é a parte em que confesso que meu grito foi tão alto e aterrorizante quanto o dela. Por mais ridículo que seja admitir, é a mais pura verdade. Charlotte simplesmente se exaltou e gritou a plenos pulmões. Enquanto eu me afastava com o susto, vi quando ela, ainda sob o efeito do pânico, se desequilibrou e... Ok! Isso foi demais, no entanto, em se tratando de Charlotte... começou a se afogar na banheira.

Sim. Ela estava se afogando, se debatendo desesperadamente, espalhando água para todos os lados, quando deveria apenas se sentar que estaria tudo bem.

– Charlotte! – gritei assim que percebi que, se não fizesse alguma coisa, ela certamente morreria afogada daquela forma patética.

Sem pensar duas vezes, me atirei na banheira, capturando sua cintura. Ela continuou se debatendo e eu precisei ser mais forte do que seu desespero, segurando-a com força e içando seu corpo até que estivesse totalmente colado ao meu e fora da água. Charlotte respirou com força e começou a tossir.

Eu a mantive firme nos braços até que seu desespero foi cedendo e só então ela se deu conta do ocorrido. Seu rosto exibia uma expressão impagável. Uma mistura de vergonha e incredulidade que me fez rir.

Ri tanto que não consegui mais segurá-la. Precisei soltá-la e ajoelhar na banheira, deixando a água terminar seu serviço e me encharcar por completo. Ri muito. Desculpe, mas foi mesmo muito engraçado olhar Charlotte e ver seu desespero e embaraço por ter quase se afogado em uma banheira que mal cobria seus joelhos.

– Não acredito que você está rindo! – Ela esbravejou ainda com cara de assustada. – Ótimo!

Sentou na borda da banheira e cruzou os braços no peito, fazendo cara de brava. Seu rosto estava tão vermelho que recomecei a rir. Foi ridículo, mas eu ria descontroladamente, incapaz de conseguir parar.

– Alex Frankli, você é um ser desprezível!

Olhei minha esposa totalmente nua, com os braços cruzados e os pés batendo na água como uma criança mimada. Ainda rindo, segurei aquela linda mulher pela cintura, puxando-a para mim. Charlotte tentou se soltar ou me impedir de alcançá-la, eu fui mais rápido e tomei seus lábios, segurando em sua nuca para impedi-la de me afastar. Aquela junção de corpos, o dela despido, o alívio da tensão, aquela carinha linda de quem estava muito aborrecida, foi o suficiente para me enlouquecer.

– Não! – Ela me empurrou, reclamando em meus lábios. Eu a mantive firme em meus braços. – Pare! – Sua voz manhosa já cedia às minhas investidas.

– Quer dizer que você se tranca no banheiro por horas só para tirar um cochilo?

Ela gemeu insatisfeita com a situação e tentou novamente me afastar, sem sucesso.

– Charlotte, eu estava preocupado.

– Estou vendo sua preocupação.

– Foi engraçado, admita!

– Não foi! Eu estava me afogando. – Ri, tentando arduamente controlar minha risada.

– E eu te salvei, meu amor.

Espalmei as mãos em suas costas e beijei seu pescoço. Deslumbrado, vi sua pele arrepiando todinha. Quase perco o foco assistindo aquele espetáculo.

– Você riu de mim, isso, sim.

– Mas te salvei e agora mereço ser recompensado.

Minha excitação já latejava por dentro da bermuda grossa, me incomodando, porém eu não poderia largá-la para me livrar das roupas, pois corria um enorme risco de ela fugir. Então descii uma mão até sua bunda, apalpando-a.

– Estamos em lua de mel – sussurrei em seu pescoço.

Charlotte estremeceu.

– Eu estou com frio, com fome e cansada. – Mais uma vez, ela tentou me afastar, eu me rendi, soltando-a e buscando seus olhos.

– Mesmo? Tudo isso é mais forte do que seu desejo por mim?

Ela mordeu os lábios, me arrancando um risinho que não consegui conter. Charlotte era um poço de excitação. Minha esposa levantou o rosto, me encarando com indignação.

– Ê, sim, professor Frankli. – Me deu as costas, saindo da banheira.

– Charlotte!

– Preciso colocar uma roupa ou vou congelar.

E ela saiu do banheiro sem me esperar.

CHARLOTTE

Puta que pariu! Paguei o maior mico da face da Terra. Porra! Fui inventar de me afogar justamente na merda da banheira. Eu deveria ter morrido, era melhor do que encarar Alex rindo da minha falta de jeito, da minha falta de coordenação motora, da minha incapacidade de ser graciosa. Senti tanta raiva de mim que não consegui entrar em seu clima de sedução.

Não dava!

Eu queria apenas enfiar a cabeça em algum lugar e sumir. Por isso fugi o mais rápido possível e, com isso, assinei meu atestado de infantilidade com uma tinta que jamais poderia ser apagada. Alex não me suportaria por muito tempo.

Corri para o *closet*, provavelmente onde ele havia deixado minha pequena mala, a mesma que levei para o rancho com tudo o que precisaria para aquele primeiro momento. Procurei uma calcinha limpa, depois vesti a primeira peça que encontrei: um vestido preto de alça, que não precisava de sutiã. Saí do *closet* passando as mãos pelos cabelos e encontrei com meu marido entrando, usando apenas uma toalha. Olhei para ele ligeiramente curiosa.

– Eu fiquei ensopado – disse, passando por mim, indo em direção ao *closet*.

Assim que passou pela porta, arrancou a toalha e a atirou em um canto. A visão daquele lindo corpo nu, daquela bunda que me tirava o fôlego, aquelas

costas largas tão em harmonia com as coxas grossas, simplesmente me fez parar para observar.

Ele abriu uma gaveta, retirou uma cueca e, antes de vesti-la, olhou para mim. Seu sorriso torto demonstrando toda sua safadeza se uniu à sobrancelha estrategicamente arqueada em sinal de deboche.

Alex era lindo, charmoso, delicioso, mas, quando exibia aquela cara debochada, me fazia ter vontade de matá-lo. comecei a sair quando sua voz sedosa me paralisou como cimento prendendo meus pés no chão.

– Achei que estivesse com frio.

Fiquei sem entender a que ele se referia, então meu marido apontou para minha roupa. Hum! O vestido era realmente para um dia quente.

– Eu não tinha mais nada adequado

Ele se abaixou e começou a subir a cueca pelas pernas torneadas.

– Você malha muito?

Fiquei vermelha de imediato. Era constrangedor não saber quase nada da vida do homem com quem eu havia me casado. Alex me olhou com curiosidade e sorriu.

– Às vezes. Gosto mais de correr na praia e surfar, além do basquete com os amigos e dos treinos na academia. – Caminhou até outra gaveta, retirando de lá uma calça de moletom cinza. – E você? Quer dizer... sei que começou a caminhar com Miranda, mas, antes disso, não fazia nenhuma atividade física? Conversamos sobre isso uma vez, não? – Fez uma cara engraçada.

– Hum! – Continuei assistindo ao espetáculo que era aquele corpo sendo vestido. – Sim, quando você me disse que não era apenas cuidar do corpo, mas da saúde também.

– Ah, sim. – Puxou a calça para cima e foi para o outro lado buscar uma camisa. – Você tem uma vida meio sedentária. – E sorriu daquela forma sacana.

– Nem tanto. Para falar a verdade, ando treinando bastante. – Corroborei com o seu sorriso e ele me encarou com desejo.

– É verdade. Para quem não fazia nada, começar a praticar tanta... – Seu sorriso se expandiu. – Só precisamos manter o ritmo, a constância das atividades... Você sabe. Não adianta começar a trabalhar o corpo e diminuir a frequência logo depois. O corpo tende a entender mal estas mudanças. É importante continuar praticando.

De repente, fiquei bastante alerta. Alex era fisicamente perfeito e com certeza convivia com pessoas que seguiam o mesmo padrão, enquanto eu era apenas uma magrela desajeitada que se afogava na banheira no seu primeiro dia de casada.

– Exercícios físicos fazem bem à saúde. Você gosta de patins – afirmou, lembrando-se do dia em que me atropelou. Eu usava os patins enquanto tentava encontrar algum homem interessado em tirar minha virgindade.

Nossa, como eu era absurda!

Corei instantaneamente e tenho certeza de que Alex se regozijou com isso. Fiquei tão envergonhada que não conseguia nem olhá-lo.

– Você pode me acompanhar nas corridas – ele disse com uma voz que queria dizer muitas coisas. – Se não for ruim deixar de caminhar com Miranda.

– Você quer dizer o que com isso? Que estou gorda ou que estou com um corpo horrível?

Mais uma vez ele riu. Bom, eu, na certa, estava em um dia engraçado.

– Você está maravilhosa, Charlotte, e eu amo seu corpo. – Colocou a camisa e veio em minha direção, me alcançando rapidamente. – Eu amo seu corpo – repetiu, passando as mãos em mim, o que, imediatamente, me deixou desconcertada.

– E eu estou faminta. – Pisquei várias vezes para conseguir quebrar o seu encanto. – E exausta.

– E estranha – ele completou. – Qual é o problema desta vez?

O “desta vez” que utilizou me deixou realmente abalada. Ele estava cansado. Claro que estava! Alex era um homem. Não um homem qualquer, mas um homem lindo, bem-sucedido, sexy, experiente, maduro, seguro... e um monte de outros adjetivos que só faziam me deixar mais depressiva. Ele se cansaria facilmente de mim.

Eu estava estranha? Ok! Com certeza estava, afinal de contas, era sempre eu a primeira a exigir sexo e, naquele momento, simplesmente fugia como se fosse alguma coisa ruim. Mas eu realmente estava com um monte de bobagens na cabeça e seria ótimo poder expurgá-las antes de me entregar de corpo e alma ao meu marido.

– Charlotte, o que foi?

Merda! Eu simplesmente precisava mandar aquilo às favas. Não era justo comigo, com ele, com nós dois. Era a nossa lua de mel e ele me amava. E eu o amava. Quantas vezes mais precisaria refletir sobre isso? Era hora de acabar. Respirei fundo. A vida de casada não era nada fácil. Não dava para ficar com aqueles grilos todos na cabeça e depois deitar ao seu lado e dormir como se nada existisse entre nós dois.

– Tá legal – falei por fim. Ele me olhava sem entender nada. – Acho que precisamos ter a nossa primeira DR de casados.

– DR?

– Isso. DR.

Ele sorriu de maneira espetacular, deixando-me ainda mais apaixonada. Alex olhou para os lados, procurando um jeito mais agradável de a conversa acontecer, então passou uma mão pelos cabelos e me olhou, mordendo o lábio inferior.

– Certo. Vamos fazer assim: eu cozinho e você fala.

– Perfeito!

CAPÍTULO 02

“Tão impossível é avivar o lume com neve, como apagar o fogo do amor com palavras.”

William Shakespeare

ALEX

Charlotte estava sentada em um dos bancos altos da cozinha americana enquanto eu pegava os ingredientes necessários para fazer uma salada italiana e grelhar uns pedaços de frango com shoyo e legumes. Ela continuava em silêncio, os cotovelos apoiados na bancada e as mãos no pescoço. Olhava para a madeira como se não soubesse como começar aquela conversa.

DR. Era só o que me faltava. No meu primeiro dia de casado, teríamos uma DR. Eu queria era fazer amor com ela em todos os cantos da casa e esquecer o mundo lá fora. Pedir uma pizza, tomar vinho enrolados no cobertor e fazer mais amor, até que não sobrasse mais nada de nós dois.

– Você não está falando.

Evitei olhar em sua direção. Pelo menos, assim, ela teria mais coragem. Então fui separando as folhas e colocando-as em uma vasilha com água e vinagre.

– Estou tentando encontrar uma forma de começar – admitiu com a voz baixa.

Meu coração acelerou. Larguei as folhas e coloquei os pedaços de frango no tempero de ervas finas que eu tinha pronto na geladeira. Depois sentei diante dela com uma toalha de prato nas mãos. Ela me observou por longos minutos.

– Você está insegura. Eu sei. Também estou, Charlotte. Nós casamos, e eu não estou arrependido, mas mal nos conhecemos. Não é isso que te incomoda? – Ela concordou com os olhos imensos fixos em mim. – Olha, essa coisa de se conhecer pode e deve acontecer aos poucos mesmo. Tenho certeza de que vou amar cada novo detalhe que descobrir a seu respeito e confesso que estou morrendo de medo do que você vai achar de mim agora que estamos casados.

Charlotte riu, ficando bastante encabulada. Ela era tão linda! Encantadora!

– Eu tenho medo de como será nós dois na mesma casa. Tenho as minhas manias e você, com certeza, deve ter as suas. Não sei.

Ela desviou o olhar, ficando cabisbaixa.

– Tenho medo de que se canse de mim. Por enquanto tudo é novidade, Alex. O sexo é novidade, e é fantástico, mas e quando você não tiver mais nada para me ensinar? E quando eu não for mais tão interessante? Não sei... – Puxou os cabelos para trás e depois os soltou, deixando-os cair sobre os ombros. Eu amei esse gesto. Foi tão sensual! – De repente você descobre que gosta deste lance de ensinar. – Sorriu com vergonha. – Que gosta de garotas inexperientes. – Voltou a me olhar e a sua insegurança me atingiu em cheio. – Eu não serei mais inexperiente... com o tempo, deixarei de ser.

Respirei fundo, sentando melhor no banco.

– Eu amo a sua falta de experiência, Charlotte, só que não é um fetiche, acho engraçado e bonitinho, não sei ao certo. Vamos concordar que você não tinha experiência, porém nunca foi uma pessoa crua. Sempre soube o que queria, sabia o que fazia, nunca ficou me aguardando.

Sorri, lembrando-me de quando ela me disse que havia se masturbado e a forma como fiquei excitado. Quase enlouqueci de tanto tesão naquele dia.

– Você sempre foi fantástica, mesmo quando ainda não transávamos. Era maravilhoso ser surpreendido por cada uma das suas investidas.

Ela sorriu, baixando a cabeça para encobrir a forma absurda como corou. Ah, eu amava aquela mulher de tantas formas que me surpreendia como conseguia me apaixonar o tempo todo por cada coisinha que ela fazia.

– Ainda sobre o sexo... – ela continuou de cabeça baixa, como se precisasse disso para tomar coragem. – Nós somos muito intensos.

– Você é muito mais intensa.

Ela riu um pouco.

– Fico preocupada que estejamos indo com muita sede ao pote e acabaremos esgotando tudo o que ainda temos para viver... sexualmente falando.

Fiquei em silêncio, tentando entender do que ela falava e, então, me dei conta.

– Eu não sei responder sobre isso, Charlotte – confessei. – Nunca fui casado. Nunca me apaixonei e nunca tive um relacionamento tão profundo como o nosso, então não sei como funciona. Talvez seja bastante normal no começo, apesar de saber que, na relação de Lana e João Pedro, só aumenta. – Ri sem graça por estar revelando a intimidade da minha irmã com meu amigo. – Vamos descobrir juntos. Deixar as coisas acontecerem e tentar moldá-las conforme a nossa vontade.

Ela concordou com a cabeça e eu fiquei mais aliviado.

– Qual é o próximo entrave?

Minha esposa riu e levantou o rosto, encarando a casa ou o que conseguia ver dela.

– Você gosta de cozinhar? – Seus olhos não deixavam os espaços da casa.

– Gosto, apesar de não fazê-lo com frequência. Existe uma pessoa, eu vou apresentá-la, que vem duas vezes por semana, esta semana ela não virá. – Sorri, pensando no motivo. – Ela tira um dia para fazer a faxina da casa e outro para deixar comida pronta e congelada. Era assim que funcionava para mim, já que eu passava muito tempo fora, agora será como você quiser. O que prefere?

Ela continuou olhando a casa e depois me encarou.

– Eu gosto de cozinhar, só não sei se me acostumo com esta obrigação diária.

Fiquei satisfeito com a sua honestidade.

– Tudo bem. Eu não faço questão de que seja diferente para me agradar, então podemos manter a D. Rosana e cozinhamos quando tivermos vontade.

– Certo.

– O que mais? – Charlotte riu visivelmente mais relaxada.

– Esta casa é sua.

– Agora é nossa.

– Mas foi projetada para você. É linda e eu gosto muito, mas...

– Mude o que quiser. Deixe tudo com a sua cara. Faça dela o seu cantinho também. – Seus olhos brilharam ao me encarar, mas, rapidamente, as sombras voltaram. – O que foi?

– Você vai dizer que eu sou absurda – revelou com pesar na voz.

Coloquei minhas mãos sobre as dela.

– Nós podemos resolver qualquer coisa juntos. Fale! Eu quero saber.

– Alex, eu sempre fui sozinha. Miranda e Johnny eram meus amigos, meus companheiros, no entanto, eles respeitavam minha individualidade porque entendiam que era uma necessidade. – Ela pigarreou e voltou a baixar os olhos. – Eu queria que entendesse que viver com um pai tão controlador fazia-me desejar ter ao menos algum lugar onde eu tivesse o controle, onde tudo fosse como eu queria, e foi assim desde cedo.

Ela se calou. Fiquei sério. Eu sabia o que incomodava minha esposa.

– Você está falando do fato de agora ter que dividir o quarto comigo – afirmei.

Ela concordou sem me encarar. Fiquei mudo. Aquilo, sim, era complicado. Minha mente fervilhava, tentando encontrar uma saída.

– Desculpe, Alex! Eu sou uma garota mimada e idiota.

Deixou-se cair sobre a bancada escondendo o rosto. Acaricieei seus cabelos sem deixar de pensar no quanto gostava deles, da sua cor, textura, tamanho, cheiro...

– Eu não quero dormir sem você – admiti com a voz baixa.

Era a primeira vez que me permitia ser egoísta em relação a suas necessidades.

– Eu também não. O problema não é esse.

– E qual é?

Charlotte levantou o rosto, que estava completamente vermelho.

– Charlotte! – gemi de ansiedade.

Ela não podia passar a vida com vergonha de me contar sobre seus problemas.

– Tá certo! Eu vou falar. – Recolheu as mãos e as deixou embaixo do balcão. Seus olhos não me encaravam. – Eu tenho um rádio cor-de-rosa que amo demais. Olhei para ele na loja e fiquei alucinada, mas ele é cor-de-rosa e não combina em nada com o seu quarto. Gosto de ter meus livros bem pertinho, pelo menos os que gosto mais. Eu os guardo em um armário com portas de vidro que mandei fazer para esta finalidade.

Eu me lembrava do móvel que ela falava. Era muito bonito, mas tiraria a harmonia do meu quarto.

– Gosto de ler no banheiro – admitiu com a voz bem baixinha. – Não costumo arrumar a cama quando levanto porque gosto de levantar e ver o dia. Arrumar a cama toma muito tempo.

Isso era um problema. Eu adorava minha cama forrada e arrumada como nas revistas. Sorri, achando aquilo uma loucura total.

– Eu guardo duas bonecas que tenho desde criancinha. Digo que são minhas filhas e elas ficam em cima da minha cama. Não queria me desfazer delas, foram presentes dos meus pais quando precisaram fazer a primeira viagem sem mim para Paris, acho que foi a milionésima lua de mel deles. – Ela revirou os olhos e eu fiquei emocionado. Era triste pensar nos pais dela, sabendo tudo o que eu sabia. – Eu tenho muitas roupas. Ok! Não parece, pois me visto como um moleque, embora goste de tudo o que minha mãe insiste em comprar para mim e acho que agora seria mais apropriado usá-las e... eu amo sapatos. Todos os tipos, formas e cores. Tenho muitos. – Ela sorriu, como se aquele pequeno detalhe fosse o seu tesouro. – Não cabe tudo no seu *closet*.

– Certo, Charlotte! Eu já entendi. Precisa trazer o seu quarto para dentro desta casa. Olha, por mim você pode trazer tudo, eu não me importo, desde que não tenha que te dizer boa-noite e sair para dormir sozinho.

Ela me olhava com atenção.

– O quarto de hóspedes é tão grande quanto o meu. A parede do *closet* dele é ligada ao nosso, se a quebrarmos, podemos ter um imenso. Você fica com uma metade e eu com a outra e, com isso, ganhamos também uma passagem entre os dois quartos. Podemos trazer tudo seu e arrumar naquele quarto para você, será o seu cantinho, com tudo o que tiver direito, mas, no final do dia, escolheremos onde queremos dormir. Fica bom assim?

Charlotte me olhava e seus olhos estavam marejados. Sorri para aquela menina tão linda e inocente que, muitas vezes, me deixava encabulado. Ela

sorriu de volta e se atirou sobre o balcão até alcançar meu pescoço, puxando-me em sua direção.

– Eu amo você, Alex Frankli!

Eu ria enquanto ela me beijava sem parar. Aquela era a minha Charlotte. Maluca, mimada, empolgada e perfeita.

CHARLOTTE

Eu estava mesmo com fome, afinal de contas, quase não consegui comer durante a cerimônia, e o excesso de atividade física que eu tinha feito durante o dia havia me deixado faminta e sonolenta. Alex comeu sentado ao meu lado, muito próximo a mim, e eu brinquei roubando os legumes do seu prato. Ele ria como uma criança. O tempo todo, trocamos carícias e beijinhos.

Era uma delícia!

Após o jantar, sentamos no sofá e ligamos a TV. Eu estava com sono, mas também sentia muita vontade de ficar com o meu marido e fazer amor com ele. A ideia de nunca termos transado naquela casa, agora sendo a nossa casa, me deixava mais animada. Ele apenas me mantinha em seus braços e acariciava os meus, com os olhos fixos no noticiário.

Comecei a me sentir incomodada. Poxa, ele estava doido para transar e eu amarelei com minha insegurança infeliz! Agora eu queria dar seguimento à nossa lua de mel e ele estava mais interessado em guerras, economia, o diabo a quatro. Assim não tinha como entrarmos em harmonia.

Sem perceber, comecei a me remexer no sofá. Ficava quieta, depois virava para o lado, colocava as pernas sobre as dele, levantava um braço e

abaixava logo em seguida, voltava para o outro lado, tirava a perna, cruzava como Buda, no entanto, minha paciência era zero. Alex notou.

Ele olhou para mim como se tivesse acordado de um sonho, depois voltou para a TV, desligando-a, em seguida me puxou para perto e começou a morder meu pescoço.

– Dá para parar de ficar tão agitada? – resmungou, mantendo os lábios em minha pele.

Eu era uma perfeita fraca em se tratando do meu marido. Ri sem graça, reivindicando seus lábios.

O beijo foi tranquilo. Era apenas um beijo no início, e eu cheguei a acreditar que ele o interromperia em breve, pois o noticiário havia mesmo prendido a sua atenção. Porém, quando Alex se afastou de mim e procurou pelo controle, uma música surgiu de algum lugar daquela casa. Era um pouco agitada, nada parecido com o que ouvíamos, que normalmente era lento e relaxante. A batida era excitante.

Ele se voltou para mim e me fez beijá-lo. A voz da cantora era sensual demais, dando-me vontade de me movimentar de maneira mais ousada. Alex também estava diferente. Não sei ao certo, mas havia algo mais forte nele, algo mais sedutor, mais seguro do que o normal. Ele me beijava com tanta propriedade que senti minha calcinha molhar antes mesmo que me tocasse.

Seu corpo se projetou sobre o meu, fazendo-me deitar no sofá. Arrancou a camisa, exibindo aquele peitoral muito bem trabalhado e o abdômen definido. Eu queria tocá-lo, mas ele segurou minhas mãos, levantando-as até estarem acima da cabeça.

Putá merda, igual ao que acontecia em meu livro! Fiquei ainda mais excitada. Como se fosse possível.

Seus lábios me tomaram de forma urgente, sua língua me invadindo e fazendo a minha acompanhá-la. Eu poderia gozar apenas com aquele beijo. Era possível? E então ele segurou meus dois punhos com apenas uma mão e começou a me tocar com a outra. Não foi nada calmo nem delicado. Ele me tocava como se precisasse disso para viver, e foi a situação mais cheia de luxúria que eu já havia vivenciado.

Gemi abertamente quando meu vestido foi puxado para baixo, revelando meus seios. Ele gemeu baixinho, deliciado demais. Alex agia como se aquele momento fosse apenas dele e, estranhamente, eu gostava daquilo. Seu rosto foi descendo pelo meu pescoço enquanto sua mão livre brincava com meus seios conforme a sua vontade. Apertando, puxando, esfregando a palma nele, acariciando o bico e deixando-me alucinada. Então ele sussurrou em meu ouvido, acompanhando a música.

– Agora, se estamos falando de corpo, você tem um perfeito. Então coloque-o em mim. Juro que não vai levar muito tempo. Se me ama de verdade, nós vamos foder para a vida.

Put. Que. Pariu!

Se eu já me sentia fodidamente excitada com a forma como ele agia, meu sexo pulsou e tudo dentro de mim se contorceu com as palavras cantadas com aquela voz rouca e sussurrada que fazia com que o tesão saísse pelos meus poros. Eu transpirava desejo.

Eu sentia seus lábios e dentes em minha pele, descendo em direção aos meus seios, enquanto a mão descia ainda mais, segurando-me pela cintura e colocando-me na posição que ele queria. Minhas pernas se abriram mais e eu pude sentir seu membro duro que, imediatamente, começou a roçar em mim sem nenhum pudor. O atrito era tão delicioso que fechei os olhos e tive dificuldade para respirar corretamente. Meu corpo se movia, rebojava, roçava nele, sem que eu precisasse enviar um único comando.

Mais uma vez, gemi sem conseguir me controlar quando seus lábios alcançaram meu seio, seus dedos chegaram a minha calcinha, avançando em seu limite e tomando meu sexo molhado como quem toma um brinquedo muito desejado. Alex não se fazia de rogado. Ele estava excitado, ansioso para me fazer sua, para ter a mim por completo. Seus lábios sugavam meus seios, um a um, e seus dedos me invadiam com vontade enquanto seu polegar esfregava meu clitóris.

Uma coisa era fato: ele queria me enlouquecer.

Completamente.

O orgasmo foi chegando, anunciando a sua explosão. Tudo em mim vibrava, pulsava e fervia, então ele parou, retirando os dedos e voltando sua atenção para meus seios. Não se atreveu a voltar a se esfregar em mim. A frustração era avassaladora, porém sentir seus lábios ainda me mantinha conectada.

Alex largou meus punhos. Minhas mãos voaram para seus cabelos enquanto ele descia em direção ao meu sexo. Me contorci embaixo daquele corpo delicioso, ouvindo a música acabar, dando espaço a uma mais calma, com batidas ainda excitantes, em outro contexto. Falava algo sobre amor e dor. Eu não conseguia captar mais nada, pois ele finalmente chegou ao meio das minhas pernas e não me deu tempo de pensar em mais nada. Logo, seus lábios e língua estavam em mim.

O fogo que me atingiu foi alucinante. Eu gemi, fechei as mãos em seus cabelos, forçando-o a permanecer ali, e rebolei descaradamente em seu rosto. Não dava para me conter. Eu estava em chamas, doida para explodir. Ansiosa demais pelos seus lábios, língua, dentes e tudo o mais que ele podia me oferecer. Então senti suas mãos firmes em meus quadris e depois uma força arrebatando minha calcinha.

Oh, Deus! Fiquei em choque e ainda mais excitada. Aquilo era tão... Puta que pariu! Ele rasgou minha calcinha? Rasgou a minha calcinha! Rasgou minha calcinha e me chupava sem parar, sem me deixar raciocinar, bebendo-me como se minha excitação fosse o mais delicioso vinho. Alex fechou os lábios em meu clitóris e o sugou.

Ah, meu pai do céu! Que tortura deliciosa!

Rebolei, saboreando cada segundo. Mais uma vez, meu corpo se preparou, meu ventre se contorceu e eu pude sentir o primeiro espasmo, só que Alex se afastou e levantou, pairando sobre mim, voltando a puxar meus braços para cima.

– Oh, merda! – protestei sem conseguir pensar em nada mais coerente para dizer.

Ele riu, sem se encostar em mim. Apenas passou a mão livre por minha pele, acariciou meus seios, assistindo a minha ansiedade. Tenho certeza de que meus olhos estavam como os de um louco, ansioso demais para o alívio, para o prazer que apenas meu marido poderia me proporcionar. O filho da puta... sim, filho da puta mesmo... olhou para mim e cantarolou.

– E se nessa hora você morder o lábio, quando eu te fizer gemer, você saberá que é real. Pode sentir a pressão entre seus quadris. Farei você sentir como na primeira vez.

Ok! Alex queria foder com o meu juízo. Só podia ser isso. Porque, assim que ele cantarolou sobre a pressão em meus quadris, senti seus dedos me invadindo outra vez. Joguei a cabeça para trás e implorei para que meu corpo aguentasse, pois tinha a certeza de que, mais uma vez, teria meu orgasmo frustrado. Ele não me permitiria gozar com facilidade.

Gemi, sentindo seus dedos tocarem minhas paredes, apertando-as, buscando qualquer botão que ativasse meu prazer. Ao mesmo tempo, seu

polegar se esfregava em meu clitóris já completamente sensível. Não demorou muito, aliás, foi até rápido demais e eu já estava ofegante, pulsando e me contraindo para liberar meu prazer. Até que seus dedos me abandonaram novamente.

– Alex! – gritei inconformada.

Ele me olhou com atenção e com aquele sorriso filho da puta nos lábios. Quase me desvencilhei e o segurei com força para obrigá-lo a transar comigo. Quase. Ele foi mais rápido.

– Eu vou comer você agora, Charlotte – avisou com a voz rouca e cheia de autoridade. – E vou te dar um orgasmo delicioso.

Assim que começou a falar, tratou de cumprir a promessa. Eu senti seu sexo me invadindo sem pedir licença. Como ele conseguiu, eu não fazia ideia. Afinal de contas, até onde eu havia prestado atenção, meu marido usava uma calça de moletom. Bom, não sei, apenas sei que seu membro duro foi abrindo espaço pela minha carne e, a cada centímetro que tocava, eu sentia leves choques de prazer percorrendo em minhas veias e fazendo-me gemer tão alto que a música ficou em segundo plano.

Ele entrou completamente, mas não se demorou. Alex ainda estava pairando sobre mim e com uma vista privilegiada dos nossos corpos se unindo. Sua mão segurava as minhas e a outra, como se não bastasse toda a tortura, continuava me estimulando, tocando-me em todas as partes possíveis.

Ele, então, começou a se movimentar. Entrava e saía do meu corpo com tamanha desenvoltura que me deixou fora de mim por alguns segundos. Eu via tudo, observava cada detalhe e, ao mesmo tempo, não via nada, apenas desfrutava do prazer intenso que meu marido me proporcionava. Era tão gostoso! Ele entrava cada vez com mais força, implacável, e eu sentia que não

aguentaria mais, era gostoso demais para ser contido dentro de mim. Por isso, simplesmente senti algo que nunca imaginei ser possível.

– Oh, merda! – anunciei, sentindo que meu corpo não aguentaria nem mais um milésimo de segundo.

E o que vinha era tão forte, tão soberano e implacável que eu tive a certeza de que me arrastaria ao limite do seu oceano. Me afogaria sem permitir salvação. Restava-me apenas me entregar.

Explodi em um prazer tão delicioso que foi como se meu espírito fosse jogado para fora do meu corpo. Como se, por alguns míseros segundos, eu me tornasse um conjunto de terminações nervosas, um aglomerado de prazer, desejo, tesão, luxúria, tudo junto, correndo cada pedacinho de mim e deixando o caos por onde passava.

Senti cada músculo meu se contorcer e enrijecer, liberando o desejo que os prendia e, como se não bastasse, meu corpo foi atingido por chamas que esfregavam suas labaredas em minha pele e me lambiam como um gatinho manhoso. Gemi mais uma vez, colocando para fora o que havia nos pulmões. Eu não precisava mais de ar, água, vida... nada. Estava morta.

E feliz!

Ainda consegui vê-lo encostar a cabeça em meu pescoço e gemer pela última vez, liberando seu gozo quente e espesso dentro de mim. Alex rebolou mais um pouco, forçando-se para dentro. Acredito que apenas curtindo um pouco mais daquela sensação deliciosa. Não me importei. Descobri que adorava tê-lo entre minhas pernas. O vai e vem gostoso dos seus quadris, o rebolado sensual, o calor da sua pele em minhas mãos, os cabelos sedosos e bagunçados, o olhar escuro voltando ao normal.

Alex era lindo!

Respirando com dificuldade, ele voltou a me beijar, começando pelo pescoço e alcançando meus lábios. Tudo em câmera lenta, com muita preguiça e carinho. Ele sorriu e eu retribuí o sorriso.

– Você é deliciosa, Charlotte.

Eu amei aquela carinha pós-foda, cheia da preguiça que nossos corpos sentiam, me olhando com carinho e sorrindo como uma criança em dia de natal.

– Você é delicioso, professor.

ALEX

Eu amava quando ela me chamava de professor. Antes me incomodava, depois passou a ser engraçado e, de uns tempos para cá, passou a ser uma delícia. Talvez Charlotte tivesse razão em relação ao fato de me acostumar a ser o professor, no entanto, dentro de mim, eu sabia que só havia espaço para uma única aluna. As demais que me perdoassem, mas minha esposa já era problema demais para uma vida toda. Ri sozinho enquanto me deixava dominar pelos pensamentos.

Ela dormia ao meu lado, em minha cama. Estava completamente nua. A aliança repousava em seu dedo, a mão delicada sobre o travesseiro, deixando que a luz da lua refletisse no anel símbolo da nossa união. Era tão linda! Charlotte era linda, delicada, inteligente, gostosa pra caralho, intrigante, confusa, birrenta, mimada e tudo mais que eu podia amar em uma mulher. E era minha. Somente minha.

Quando fomos para a cama, eu me sentia exausto. Ela adormeceu logo, colada a mim, como se não quisesse me deixar escapar. Eu dormi, no entanto, acordei angustiado no meio da noite. O problema com Anita ainda me preocupava muito. Não me importava o que poderia acontecer comigo, mas, quando eu sabia que aquela merda toda respingaria em Charlotte, simplesmente perdia o chão.

Cansado de ficar aguardando o sono, levantei decidido a trabalhar. Ainda usando a calça de moletom e a camisa que havia separado para aquela noite, saí do quarto, tomando cuidado para que ela não acordasse, e desci as escadas em direção ao escritório.

Não acendi a luz, apenas liguei o computador e acessei meus e-mails. Havia um de Anita. Respirei fundo, pensando em ignorá-la. Após conferir os demais: proposta de livros, e-mails de agentes literários, autores querendo informações; respondi a todos e voltei a encarar o de minha colega de trabalho. O que seria mais prudente? Resolvi abrir logo de uma vez e conferir o que a maluca queria.

“Querido Alex,

Então você casou mesmo? Nem consigo acreditar que preferiu arriscar tudo e dormir com uma aluna do que ter uma vida mais tranquila onde poderia ter tudo de todo mundo. Pensei que você fosse um cara inteligente, mas vejo que me enganei. Espero que o conselho lhe dê o presente de casamento que você merece. Não se preocupe, terá muito tempo para consolar a sua criança.

Com carinho,

Anita”

Ok! Tive muita vontade de matar a filha da puta. Se algum dia eu a encontrasse, ela teria o seu sonho realizado, porque minhas mãos estariam nela, só que não da forma que sempre desejou.

Filha de uma puta!

Fechei o e-mail e tentei me controlar. O que eu iria fazer? Seria a minha palavra contra a dela, e Charlotte estaria completamente vulnerável. Porra! A junta poderia facilmente analisar o trabalho dela e constatar que não havia nada de errado em seu projeto. Sim, um grupo de colegas avaliava o trabalho da minha esposa, buscando comprovar seu potencial. Não seria complicado nem difícil fazer com que acreditassem no seu talento e capacidade, afinal de contas, Charlotte era a melhor aluna da faculdade, se formaria com louvor e aquele semestre era o único em que eu havia lecionado para ela. Era isso. Nós conseguiríamos.

– Trabalhando a esta hora?

Sua voz doce chamou minha atenção. Charlotte estava envolvida em um lençol, parada na porta do escritório e me observando com uma expressão deliciosa de sono. Ela era tão tentadora.

– Perdi o sono e não quis te incomodar.

Chamei-a para junto de mim.

– E o que te fez perder o sono?

Sentou em meu colo, buscando meu olhar.

A luz do computador refletia em seu rosto angelical. Acariciei sua face com a ponta dos dedos. Eu precisava conversar com Charlotte sobre aquilo. Era importante que ela soubesse o risco que corria, mas será que era justo fazer isso no meio da noite? Com certeza ela ficaria nervosa e não conseguiria voltar a dormir. Por isso, apenas beijei seus lábios e continuei as carícias.

Charlotte se rendeu com muita facilidade, como eu havia previsto. Ela era tão entregue, tão cheia de desejo... merecia ser feliz, ter uma vida linda, realizar seus sonhos. E eu devia isso a ela.

– Alex! – Suspirou, abrindo os olhos para me encarar. – Você não me respondeu.

– Não quero conversar sobre problemas agora. – Puxei-a para mais perto. Não podia manter Charlotte na ignorância, então apenas fui verdadeiro. – Quero fazer amor com você.

– Você sempre quer fazer amor comigo.

Ela sorriu e acariciou meu peitoral por cima da camisa. Com o movimento, o lençol se desvencilhou do seu corpo e eu pude ver seus seios firmes, apontando em minha direção. Estavam durinhos, implorando por meus carinhos. Ah, Charlotte! Eu a desejo tanto!

– Você tem razão, minha esposa. – Passei as mãos por baixo do lençol e me levantei, levando-a comigo. – Eu sempre quero fazer amor com você. – Beijei seus lábios com cuidado. – Só que agora quero, finalmente, fazer em nossa cama.

Eu havia perdido o sono, mas não o tesão.

CAPÍTULO 03

“O amor dos jovens não está no coração, mas nos olhos.”

William Shakespeare

ALEX

– Você entendeu o que eu disse?

Olhei para Charlotte, que continuava imóvel sentada no sofá. O mesmo que havíamos feito amor na noite anterior e que, naquele momento, servia de apoio para aquela conversa tão complicada.

Resolvi ser claro, franco e honesto com minha esposa. Não dava para mantê-la na ignorância por muito tempo, sem contar que seria uma traição não informá-la dos fatos reais. A guerra contra Charlotte estava acontecendo, e ela deveria saber o que enfrentaria.

– Charlotte? Você está bem?

Ela estava pálida e muito quieta, encarando as próprias mãos sobre as pernas. Fiquei mais tenso ainda. Se minha esposa entrasse em transe, ou simplesmente não suportasse o peso, eu não conseguiria deixar de me culpar por tudo o que lhe aconteceria.

– Eu estou bem. – Ela me encarou com olhos penetrantes. – Então meu trabalho e conclusão do curso podem ser recusados?

– Vou lutar contra isso, amor. Prometo...

Ela levantou a mão, me impedindo de continuar.

– Eu sei, Alex. Tenho certeza de que fará o possível. Temos muitas formas de reverter o quadro e, se for necessário, a justiça pode ser acionada, mesmo que ganhemos um escândalo como bônus.

– Charlotte!

– Anita tinha me alertado. Ela me falou naquele dia que... quando... eu a encontrei na última vez que estive na faculdade. Pensei que ela estivesse tentando me assustar ou que não fosse tão grave assim, mas...

– Amor... – Segurei suas mãos para tentar confortá-la.

– Eu não me importo – ela afirmou decidida. – Alex, não me importo. Não cheguei até aqui para me desfazer em lágrimas e lamentações. Principalmente porque não lamento nada. Se você não tivesse me desafiado, se eu não insistisse naquela proposta, nós não estaríamos aqui hoje, casados e felizes. E eu faria tudo outra vez ou até mais para estar com você. Lógico que ter meu trabalho anulado altera muita coisa, mas posso recomeçar. Vai ficar tudo bem.

– Meu Deus, Charlotte! – Soltei o ar dos pulmões, sentindo-me cem quilos mais leve. – Definitivamente, não sei o que fazer com você.

Ela sorriu daquela maneira meiga e ousada que tanto mexia comigo.

– Eu amo você, minha menina!

Tomado pela emoção, agarrei minha esposa em um beijo cheio de amor. Charlotte era incrível! Quando eu pensava que teria que ser forte o suficiente por nós dois para aguentar o peso das nossas decisões, ela simplesmente se apresentava ainda mais forte do que eu conseguia ser. Era impossível não amar ainda mais aquela menina-mulher.

– Alex! – Charlotte ria e me beijava ao mesmo tempo em que tentava me impedir de irmos além. – Pare com isso!

– Eu amo você! Não se preocupe, tenho certeza de que o corpo docente vai estar do meu lado. Eles podem até tentar nos desmoralizar, porém não irão conseguir anular seu trabalho.

– Confio em você, amor! Meu herói! – brincou, lançando os braços em meu pescoço e me puxando para mais um beijo delicioso.

Lógico que fiquei excitado. Havíamos transado pela manhã, assim que acordamos e nossos corpos preguiçosos buscavam calor e contato. Foi impossível resistir e foi maravilhoso, entretanto, naquele momento, eu desejava minha mulher com tanta ânsia que precisava estar dentro dela para ter certeza de que tudo seguiria de acordo com as nossas promessas. Queria preenchê-la e manter aquela segurança que ela demonstrava sentir. Não sei, mas parecia que todas as vezes que eu queria que algo fosse certificado entre nós, o sexo era o batedor final do martelo. Não tinha como ser de outra maneira.

– Amor? – Ela se desvencilhou. Não deixei que saísse do sofá, então a segurei firme pela cintura, mantendo-a presa a mim. – Você tem uma reunião importante agora, esqueceu?

– Não esqueci.

Olhei o relógio, me certificando que dava tempo.

– Então vamos parar por aqui. – Charlotte me soltou, levantando-se rapidamente. – Vou passar lá em casa... digo, na minha outra casa. – Sorriu, corando. Tão linda! Tão deliciosa! Levantei e segurei suas pernas, colando meu rosto em sua barriga. – Vou buscar algumas coisas, verificar o que quero trazer, pegar meu carro...

– Ainda tempos um tempinho.

Subi as mãos provocantemente pelas suas coxas, passando por dentro do seu vestido, quase alcançando sua bunda, mas minha esposa me impediu.

– Alex! Até parece que não fizemos amor há alguns minutos.

– Quase três horas, Charlotte.

Ela riu.

– Que seja! É pouco tempo, e você tem uma reunião importante. Deveria estar tenso como estava agora há pouco.

– Você tem o dom de dissolver toda minha tensão e transformá-la em tensão puro.

– Nada disso!

Charlotte se afastou ainda mais, saindo da sala.

Putá merda! Será que ela não entendia que aquela era a única maneira de eu sair em paz para a maldita reunião?

CHARLOTTE

Ok! Eu estava apavorada, só que Alex não precisava saber disso.

Já bastava ele ter aceitado viver aquela loucura toda por mim, ter que abrir mão de coisas que levou muito tempo para construir, ainda teria que viver se culpando pelo meu fracasso? Não. As escolhas foram nossas, mas eu comecei com aquilo. Teria que ser forte e ir até o fim.

Tudo o que disse não foi mentira. Eu não me arrependia de nada. Talvez me sentisse mal pelo fato de ele estar deixando o cargo de professor, e Alex era

mesmo um excelente e conceituado professor, sem contar o fato de ele entregar à Lana o cargo de editor-chefe, o que o reduziria e muito como profissional, porém nada disso me fazia lamentar ter feito o que fiz. Ele nunca olharia para mim se tivesse acontecido de outra forma e éramos felizes, não éramos?

Eu estava realmente com medo e, naquele momento, minha única vontade era correr para casa, para o colo dos meus amigos, para ser mais exata, e colocar para fora tudo o que eu sentia. Além de aguardar a sentença que ele traria após a reunião com o reitor.

Eu estava tensa. Mais do que tensa. Estava emocionalmente exausta e não dava para pensar em sexo sabendo que algo muito ruim poderia acontecer logo em seguida. Quer dizer... pensar eu até pensava. Meu cérebro nunca funcionou muito bem mesmo, uma prova disso foi a proposta absurda que fiz ao meu professor e bem... todo mundo sabe como terminou, então... eu pensava em sexo.

As lembranças do amor calmo e delicioso que fizemos ao acordar ainda estavam bem fresquinhas, e ter suas mãos, cheias de más intenções, subindo pelas minhas coxas, com certeza reavivava alguma coisa entre meu umbigo e meus joelhos. Por outro lado, eu estava tensa, como já disse, e sexo não era a melhor solução. Não naquele momento e, definitivamente, não para aquele tipo de problema.

Pensando assim, me apressei em direção às escadas para começar a me arrumar, quando Alex conseguiu me alcançar e me impediu de fazer tudo o que eu pretendia, inclusive de ficar longe de sexo. Sim, meu marido sabia ser muito persuasivo quando queria.

– Charlotte! – sussurrou com aquela voz que indicava perfeitamente o que acontecia entre as suas pernas e que, com certeza, era capaz de ativar meus hormônios, fazendo-me perder o controle apenas por ouvi-la.

– Por que está fugindo de mim?

– Eu? – Pisquei inúmeras vezes. Meu cérebro, que já não funcionava muito bem, estava se dissolvendo. – Eu só ia...

– Fugir de mim. – Ele me abraçou pela cintura e colou nossos corpos.

Bingo! Aquela pequena junção de corpos deixou muito claro o que eu apenas acreditava ser verdade. Alex estava muito excitado.

– Não. – Suspirei, sentindo sua barba por fazer roçar meu pescoço com más intenções. – Eu só... ah! – gemi incapaz de me controlar.

Sabe aquele gemido que é uma mistura de suspiro e arrepio? Aquele que escapa vindo bem de dentro, que faz seu corpo estremecer, que demonstra, sem deixar dúvidas, o que você realmente está sentindo? Foi exatamente este. Alex riu. Aquela risadinha safada de homem que sabe do seu poder de sedução e se vangloria por isso.

– Alex, não!

Tentei afastá-lo, mas fui impedida.

– Não pode me deixar assim, amor!

Segurou minha mão e a conduziu para aquele local, quase arrancando de mim outro suspiro só em conferir seu estado. Estava real, surpreendente, deliciosa e foddidamente, com o perdão da palavra, duro. Claro que eu estava excitada, no entanto, fiquei ainda mais só de conferir o nível do tesão dele.

– Oh, Deus, Alex! Isso não vai dar certo.

Fechei os olhos, me entregando à sensação deliciosa que era conferir sua excitação.

– Por quê?

– Porque vai se atrasar.

– Você já ouviu falar em “rapidinhas”?

Abri os olhos e sorri.

Alex me imprensou contra a parede da escada. Uma das minhas pernas estava no degrau de cima, uma das dele no degrau logo abaixo, depois a minha outra e logo em seguida a dele, ou seja, estávamos encaixados. Perfeitamente encaixados, bastava apenas...

– Oh, Deus! – gemi ao sentir seus dedos ousados conferirem a minha excitação. Alex não gastava conversa. Seria uma rapidinha realmente e eu estava megaexcitada por isso. – Alex, aqui?

– Hum-hum! – ronronou em meu pescoço com as mãos cada vez mais ousadas e exploradoras. Foi impossível não rebolar naqueles dedos cheios de promessas. – Tire a roupa – sussurrou a ordem, fazendo meu ventre se contorcer.

– Aqui?

Tenho consciência de que meus olhos ficaram imensos e meu rosto tão vermelho quanto um tomate, no entanto, admito que me senti extasiada com toda aquela urgência e ânsia.

– Alex...

– Quero você nua, Charlotte. Preciso ver o seu corpo enquanto estiver dentro de você.

Suas mãos já levantavam meu vestido praticamente arrancando-o de mim.

Não criei nenhum obstáculo. Obedeci como a aluna disciplinada que era. Senti o sangue aquecendo minhas orelhas e pescoço, nem isso foi capaz de me impedir de continuar me permitindo aplacar todos os desejos do homem maravilhoso com quem eu havia me casado.

Alex se abaixou e minha calcinha foi descendo por minhas pernas deixando-me completamente exposta. Inclinou-se em direção ao meu sexo. Eu pensei que ele me beijaria ou qualquer outra coisa que já tínhamos experimentado, contudo, fiquei surpresa quando ele simplesmente me lambeu.

Sim, ele me lambeu como quem lambe um sorvete. Passou a língua por toda a minha extensão, mantendo-a firme e decidida. Minha reação foi gemer abertamente e me encostar na parede para suportar meu peso. Aquilo foi excitante demais.

Ele levantou rapidamente e só então percebi o que fazia. Eu estava nua, completamente nua, conforme a sua vontade, mas Alex estava vestido. Todo. Completamente vestido, apenas sua calça de moletom estava meio abaixada na frente, dando passagem para o seu sexo duro e imponente.

Putá que pariu! O que aquela imagem foi capaz de fazer comigo? Minha mente imediatamente projetou a imagem, como se eu estivesse do lado de fora, observando, e confesso que fiquei ainda mais excitada.

Ele segurou minhas mãos, levando-as para cima da minha cabeça e seus olhos me percorreram de maneira selvagem, carregada de desejo e sem nenhum pinga de pudor. Queimei gloriosamente por dentro. Minha respiração ficou pesada e meu corpo cheio de expectativa.

– Puta merda, Charlotte, como você é gostosa! – rosnou.

Alex era tudo o que uma mulher poderia sonhar. Era meigo, gentil, romântico, carinhoso, sexy, gostoso e muitas outras coisas que ele sempre fazia questão de demonstrar, mas nunca havia sido tão cafajeste.

Deliciosamente cafajeste. A forma como me olhou e falou simplesmente rompeu qualquer barreira que poderia existir naquela entrega. Eu nem me importava de ser a garotinha frágil e inexperiente à mercê daquele homem forte e dominador diante de mim.

– Abra as pernas – ordenou, mantendo minhas mãos presas.

Obedeci, subindo mais um degrau, e achei que meu rosto não suportaria tanto rubor quando ele baixou os olhos e me observou com volúpia e desejo. Pensei que minha excitação fosse capaz de gotejar. Meu sexo pulsava e vibrava, implorando para ser preenchido. E foi o que meu marido fez.

Sem utilizar as mãos, ele encontrou o caminho certo para me penetrar. Senti a familiar dor do primeiro momento, mas minha excitação facilitou o processo. Ele gemeu deleitado com a pressão que minha carne fazia ao recebê-lo.

Alex foi até meu limite, sem utilizar força ou pressa. Ele foi e voltou, testando-me. Fechei os olhos e encostei a cabeça na parede enquanto ele me observava recebê-lo e expulsá-lo, lentamente.

– Adoro isso, Charlotte! – gemeu, encostando os lábios em meu pescoço.
– Agora seja boazinha. Abra um pouco mais a perna. – Puta que pariu! Como assim? – Eu quero gozar logo e, para isso, preciso escorregar para dentro de você com intensidade.

Gemi descaradamente, abrindo mais as pernas.

– Isso! – rosnou, e este rosnado reverberou em meu ventre. – Você vai me deixar gozar bem gostoso. Vai me dar todo o prazer que quero para que eu possa sair com a segurança que preciso e resolver aquela merda de uma vez por todas. – Começou a estocar com mais velocidade. – Certo, Charlotte?

Concordei sem conseguir raciocinar direito. Ali, sentindo-o entrar e sair de mim tocando em cada centímetro das minhas paredes, eu concordaria até em ir ao inferno.

Porra! Eu amava ser tratada com amor e carinho. Amava todo o cuidado que ele tinha comigo, mas... merda! Eu estava louca com a forma que ele estava agindo. Variar era essencial para o relacionamento, não era? Então que ele agisse assim, como quem estava me usando. E eu nem me importava.

– Rebole, meu bem. – Aquela voz rouca, aqueles lábios descendo em direção aos meus seios, as investidas mais firmes e rápidas, tudo me levou a corresponder às suas ordens. – Assim, Charlotte!

Ele acelerava o ritmo e eu sentia meu corpo inteiro correspondendo. Enquanto seus lábios brincavam com meus seios, Alex mexia os quadris em movimentos certos recepcionados pelos meus rebolados causando um atrito delicioso demais. Os sons do choque dos nossos corpos se misturavam com os gemidos que escapavam com facilidade.

Eu rapidamente estava pronta, sentindo meu corpo se partindo em pequenos pedaços que começavam de dentro para fora, cada vez em proporções maiores. Uma delícia!

– Alex, eu vou... – Senti as pernas fraquejando, a boca ficar seca e meus olhos perderem o foco.

Ele largou meus braços, que pesaram para baixo, fazendo-me desacelerar um pouco, porém não o suficiente para impedir meu momento. Uma mão sua foi direto para minha bunda, mantendo-me firme enquanto ele estocava com mais força, e a outra se fechou em meus cabelos, forçando meu rosto para trás. Minhas paredes foram se fechando cada vez mais em seu membro duro, causando a deliciosa sensação de libertação que apenas o orgasmo era capaz de proporcionar.

– Oh, merda! Goze, meu amor.

E eu já estava gozando, ciente de que seus olhos não abandonaram meu rosto durante os extensos e intensos segundos de prazer.

Ele continuou investindo, sem diminuir o ritmo, e eu senti meu sexo latejar em protesto, mas não o impediria de continuar por nada neste mundo. Então Alex saiu tão rápido de dentro de mim quanto me girou, deixando-me de costas para si e voltando a me penetrar com força. Gritei com a investida que me jogou para frente, colando-me à parede. Meu marido espalmou uma mão em meu quadril, segurando-me com força, e a outra subiu por baixo do meu braço, passando pelos meus seios e se alojando em meu pescoço, imobilizando-me.

Minha bunda ficou completamente empinada, meu corpo rígido, com pouquíssima liberdade de movimento, e meu rosto inclinado em seu peito. Foi neste instante que ele se projetou, colando-me na parede, sua mão deixando meu quadril para se alojar no meio das minhas pernas.

Sem nenhum aviso ou cuidado, Alex apertou meu clitóris, chamando-me de volta. A sensação era de que eu estava com uma ligeira vontade de fazer xixi, eu bem sabia o que era, meu corpo já se preparava.

– Outra vez – ele gemeu, espremendo-me na parede. – Goze mais uma vez, Charlotte!

Seus dedos se esfregavam em mim com força, impondo a sua vontade enquanto seu sexo me invadia com movimentos curtos e rápidos. Choringuei. Alex queria uma rapidinha e eu sabia que ele estava no limite, meu corpo não conseguiria acompanhá-lo, eu precisava de um pouco mais de tempo.

– Alex, não! – sussurrei minha lamentação, mas ele não recuou.

– Sim!

A palavra saiu com força dos seus lábios, como se ele não quisesse discutir o assunto. Senti meu marido se abaixar ligeiramente e seu rebolado às minhas costas ficou ainda mais gostoso. Era uma fricção prazerosa demais.

– Vamos. Eu quero mais um. Você consegue.

– Eu não consigo – gemi. Estava muito bom, só não para fazer como ele queria, precisava de mais alguns minutos. – Eu não... – Que porra era aquela? – Alex... – choraminguei ao entender o que me acontecia.

Porra, lá estava eu. Gozando novamente. Era uma pequena pressão, não o formigamento selvagem que me atingia da primeira vez, e sim como a lambida que ele havia me dado minutos antes, algo que simplesmente chegava e me dominava.

Minha respiração estava totalmente acelerada, minhas pernas fracas e meu sexo começou a ficar dormente, então o senti arquejar, diminuindo o ritmo, se entregando e, como se as coisas realmente acontecessem em um passe de mágica, me vi gozando deliciosamente em seus dedos.

ALEX

Estacionei, verificando os poucos carros que ali estavam. Quase nenhum aluno perambulava pela faculdade, com exceção de um ou outro que possuía pendências e precisava saná-las. No entanto, não pude deixar de notar o carro dela: Anita. Merda! Não imaginava que iria encontrá-la naquela reunião. Seria mais difícil do que imaginava.

Fechei os olhos e pensei em Charlotte. Seu jeito meigo, a forma como corava, o corpo macio, o desejo ardente, a maneira madura como encarava os problemas. Nossa! Eu amava a minha esposa. E estava louco para voltar para casa, abraçá-la e dar-lhe boas notícias. Era o que eu precisava naquele momento.

Preferia mil vezes encarar o problema dos quartos, do som portátil cor-de-rosa, da mobília que não combinava, as inseguranças da minha esposa, do que aquela reunião. Era absurdo, mas, na minha idade, mesmo sendo um homem independente e, principalmente por não me arrepender de nada, eu me encontrava completamente envergonhado por ser obrigado a admitir que havia sucumbido ao charme de uma aluna muito mais nova.

Puta que pariu!

Charlotte nunca poderia saber da minha fraqueza, mas, naquele momento, eu me sentia um completo covarde. Não havia como negar nosso envolvimento, afinal de contas, estávamos casados, porém eu precisava enfeitar a história e não simplesmente contar que nos apaixonamos enquanto eu lhe ensinava a transar.

Claro que não! Nunca revelaria esta parte. Ok! Hora de editar os fatos. O que exatamente eu poderia contar? Como escrever uma história de amor, tendo como base o fato de sermos professor e aluna?

– Alex! – Praticamente pulei dentro do carro ao ouvir a batida forte no vidro e uma voz masculina me chamando. Olhei para fora e vi Johnny rindo de maneira debochada. – Pensei que estivesse em lua de mel.]

Abri a porta, saindo em seguida. Era melhor encarar tudo de uma vez.

– Tenho um problema para resolver.

Ele parou de sorrir e me encarou com firmeza.

– Algum problema? Charlotte...

– Ela está bem. – Fiz uma careta que deixava claro o quanto Charlotte poderia não estar realmente bem. – Estamos encrocados, Johnny. Anita me denunciou ao conselho e agora eu tenho que confirmar a história para o reitor Carvalho, o que pode prejudicar Charlotte.

– Anita os denunciou?

Confirmei, passando as mãos pelos cabelos, sentindo toda a minha covardia voltar. Meu coração ficou acelerado.

– Exatamente pelo quê? – Johnny se aproximou mais, evitando que a conversa fosse ouvida por quem quer que passasse por nós.

– Você sabe... eu era o orientador de Charlotte. Eticamente, não deveríamos nos envolver. Ela quer levar este fato ao conselho, mesmo com a minha demissão e com João Pedro assumindo o trabalho de conclusão. Pelo que entendi, Anita vai tentar convencer nossos colegas de que ajudei mais do que o recomendado na construção do livro, favorecendo minha protegida. Para piorar tudo, existe o contrato com a minha editora, o que só demonstra meu interesse em fazer deste trabalho um sucesso.

Johnny me encarava, absorvendo o máximo de informações que podia. Mordendo o lábio inferior, um gesto igual ao de Charlotte, ele encarou o chão e depois olhou para os lados, como se procurasse alguém.

– Você sabe o que eu acho disso tudo, não é? Realmente, o fato de ser o professor dela torna esta história mais complicada, no entanto, não acredito que no século em que estamos o envolvimento de um professor com a sua aluna seja um problema que mereça tamanha importância. – Mais uma vez, ele encarou o chão e ficou desconcertado. – Você não vai deixar que todos saibam que... essa coisa de aula de sexo...

Putá merda! Ouvindo o melhor amigo da minha esposa falar em voz alta o que havíamos feito era realmente vergonhoso.

– Não! Claro que não. Pelo amor de Deus! O que eu quero é livrar Charlotte dessa merda, e não fazê-la atolar ainda mais nela.

– Certo. É melhor assim.

– Com certeza! – Encostei-me ao carro sem saber qual deveria ser o primeiro passo. – Não sei o que Anita será capaz de alegar e estou com medo de que ela exponha demais Charlotte.

– Ela não fará isso.

A certeza que Johnny demonstrou me surpreendeu. O que ele sabia e estava escondendo de mim?

– Como pode saber?

– Ele soltou o ar com força e ficou visivelmente agitado.

– Anita está ofendida com a minha recusa e completamente incomodada com o casamento.

– Eu sei. Mesmo assim, acho que ela também tem muito a perder.

– Como assim? O que você está sabendo que eu não sei?

– Olha... – Voltou a olhar para os lados e deu um passo para trás. – Digamos que sei uma coisa que pode impedi-la de levar isso adiante, tá?

– Johnny...

– Só me dê um tempo, Alex. Vou tentar ajustar alguns pontos. Encontro você depois.

E saiu sem acrescentar mais nada.

Ainda fiquei olhando em sua direção sem acreditar no que havia acontecido. O que Johnny poderia fazer para nos ajudar eu realmente não sabia, apesar disso, naquele momento, implorei aos céus para que ele conseguisse.

Caminhei em direção ao prédio principal, determinado a acabar de vez com aquela angústia. Não dava para ficar protelando. O ideal era pelo menos tentar descobrir o que encontraríamos pela frente, o que só aconteceria quando eu iniciasse aquela bendita reunião.

O frio que castigou meu corpo não era nenhuma mudança súbita de temperatura, e sim a minha insegurança tentando me fazer acovardar mais uma vez.

– Bom dia, professor Frankli.

Bianca, uma das secretárias do professor Carvalho, levantou-se para me cumprimentar adequadamente. Eu sabia que, além da sua extrema necessidade de ser educada, ela também queria se insinuar para mim. Quase revirei os olhos.

– Como foi o seu fim de semana?

– Perfeito! Tenho uma reunião com Arthur. Ele deve estar me aguardando.

– Sim, já esperávamos pelo senhor. Fim de semana perfeito? Alguma coisa em especial?

Piscou seus cílios carregados de maquiagem enquanto arrumava o vestido colado ao corpo perfeito e torneado.

Bianca era uma linda mulher e todos diziam que existia um caso entre ela e o reitor, provavelmente para justificar sua permanência naquele cargo, já

que ela era totalmente inadequada. Porém, apesar da provável existência de um romance extraconjugal e nada ético, ela não deixava de demonstrar seu interesse por mim, e muitas vezes por João Pedro, que dizia evitar os encontros como o diabo foge da cruz. Pudera, Bianca era a tentação e Lana não era o tipo de mulher que poderia ser passada para trás.

– Foi o meu casamento.

Sorri, saboreando seu sorriso se desfazer e seus olhos se voltarem para qualquer outro lugar que não fosse a minha direção.

– Casamento? Eu nem sabia que o senhor era comprometido.

– Eu sou. Posso entrar?

– Claro...

Ela me avaliou mais uma vez, encontrando minha aliança e suspirando pesadamente. Como se o fato de eu estar casado fosse o suficiente para mantê-la longe de mim, ou de qualquer outro homem.

– Bianca?

– Claro, professor! Por aqui.

Com duas batidas leves, Bianca abriu a porta, anunciando-me para então me dar passagem. Assim que entrei, encontrei Arthur sentado com os braços sobre a mesa e, ao lado, Anita. Ela sorriu quando a secretária deixou a sala, levantando-se, e trancou a porta. Percebi que seria uma guerra.

CAPÍTULO 04

“As mais belas joias, sem defeito, com o uso, o encanto perdem.”

[William Shakespeare](#)

CHARLOTTE

– Puta que pariu, Charlotte! Como você pode estar tão calma?

Miranda andava de um lado para outro sem conseguir parar. Eu encarava o celular, mesmo sabendo que não era hora de Alex me ligar anunciando o veredito. A porta do quarto, o meu antigo quarto, estava fechada, dando-nos privacidade. Graças a Deus, meus pais estavam fora, em mais uma visita ao hospital, o que não significava que não apareceriam quando menos esperássemos, nos surpreendendo no meio de alguma informação que não deveriam saber.

– O que eu posso fazer? Me desesperar não vai mudar nada.

– Eles não podem anular a sua formatura porque se casou com seu professor. Isso é um absurdo! Em que século estamos?

– No século onde tudo de anormal pode acontecer. – Johnny entrou no quarto sem bater, o que fez o meu coração acelerar. Poderia ser a minha mãe, ou pior, o meu pai. – Sem desespero, Charlotte. O padrinho ainda está no hospital e eu acabei de encontrar o seu querido e amado marido.

– Alex? Então ele...

– Foi para a fatídica reunião.

Ele sentou-se ao meu lado, me encarando. Havia a preocupação natural de amigo e também uma tranquilidade que não poderia deixar de ser notada, como se Johnny soubesse de algo que não sabíamos.

– Como ele estava?

– Nervoso.

Sorriu e desviou o olhar.

– Aquela cobra da Anita! Eu deveria tê-la afogado na piscina quando tive a oportunidade. Ou empurrado-a da escada quando a encontrei no quarto do Alex naquela noite... – Miranda deixou a frase morrer, ciente de que o assunto ainda me machucava. – Alex deveria ter dado queixa dela, assim teríamos prova de que estamos tratando de frustração e não de uma excessiva e ultrapassada moralidade. Aquela malcomida – esbravejou, continuando a sua caminhada incansável pelo curto espaço do meu quarto. Johnny riu e eu fiquei tensa.

Ainda não havia conseguido me recuperar completamente daquela tão fatídica despedida de solteiro, quando encontrei Alex preso à cama e Anita e Tiffany abusando do meu marido. Estremeci. Não, a imagem continuava sendo um pesadelo para mim.

– Calma, Miranda! Vai dar tudo certo. – Foi só o que consegui dizer, conferindo mais uma vez o meu celular e suspirando ao constatar que poucos minutos haviam se passado. Seria um dia longo.

– Vai, sim. – Johnny também olhou para o seu aparelho, demonstrando ansiedade. Ao perceber que eu o analisava, endireitou as costas e sorriu. – Eu... preciso fazer uma ligação.

Ele se levantou e saiu do quarto. Pensei em segui-lo. Johnny estava muito estranho.

– Nós deveríamos denunciá-la por perseguição a uma aluna. Aquela mulher só pode ser louca. – Miranda continuou ganhando a minha atenção. – Você vai se formar, Charlotte. Nem que eu tenha que matar um.

Sorri mais uma vez. Aquela era a minha amiga.

– É melhor terminarmos logo com isso aqui. – Coloquei mais um conjunto de camisas dentro da mala. – Quero estar com tudo pronto quando Alex chegar.

– Tem certeza de que não quer levar tudo? Quer dizer... você tem que se adaptar ao fato de que agora a sua casa é lá.

Minha amiga não me olhou quando falou e eu sabia o motivo. Era difícil não ter a mim em casa quando ela precisasse, principalmente na situação em que se encontrava.

– Tenho. – Tentei parecer tranquila. – Alex vai mandar reformar o *closet*, então ainda não tenho espaço para tudo. Vou levar apenas o que preciso de imediato.

Ela colocou mais algumas roupas na mala que arrumava e voltou ao *closet*.

– E o Patrício?

– O que tem ele? – Miranda demorou mais do que o normal para responder.

– Como vocês estão?

Ela voltou, colocou algumas calças sobre a cama e começou a separá-las.

– Não estamos. – Ficou calada por um tempo, mas eu sabia que ela acabaria falando. – Eu não sei se seria legal voltarmos. Depois de tantas coisas, não tenho mais certeza do que quero.

– Eu acho que você o quer, apesar de achar meu cunhado um imbecil. – Ela riu. – Esteja segura antes de se decidir. Patrício parece não saber o que quer, e isso pode acabar te machucando.

– Eu sei – disse com pesar. – Não vou fazer o jogo dele, Charlotte. Vou seguir em frente e deixar a vida me mostrar no que vai dar.

– Isso mesmo. Acho que já tenho tudo de que preciso.

Fechei a mala e Miranda levantou da cama.

– Tem certeza? – Ela levantou minha boneca, debochando da minha paixão pelo brinquedo.

– Doroteia tem lugar garantido em minha nova casa.

Peguei a boneca da mão da minha amiga e fingi protegê-la. Miranda riu e colocou as últimas peças na outra mala, fechando-a.

– Me ajuda a colocar tudo no carro? Ainda quero passar no mercado para comprar algumas coisas. Quero fazer o almoço para Alex.

– Ai, meu Deus! Teremos divórcio antes do tempo.

Ela riu quando joguei Doroteia nela.

ALEX

Olhei mais uma vez para Anita, que me encarava com olhos atentos e, de tempos em tempos, sorria. Eu ainda sentia arrepios quando me lembrava dela em minha cama, quase chupando meu... foi assustador. Sim, foi completamente aterrorizante.

E agora ela estava ali, sorrindo como se não tivesse tentado acabar com a minha vida poucos dias antes. Maldita!

Professor Carvalho conversou comigo calmamente, como se o problema não o incomodasse, e de fato não deveria incomodar, era como se estivesse apenas cumprindo o papel de reitor e investigando uma denúncia vinda de uma professora respeitada.

– Eu entendo a sua preocupação, Arthur, mas acredito que a faculdade deva levar em consideração os anos de trabalho que dediquei à instituição sem que nada pudesse denegrir meu nome. Aliás, o fato de eu ter me apaixonado por uma aluna não pode invalidar minha competência e seriedade como profissional, muito menos questionar o trabalho de Charlotte que, pelo que me consta, foi, durante toda a sua permanência nesta faculdade, a melhor aluna de todos os cursos, com notas admiráveis. Muitos professores podem atestar que minha esposa tem competência para desenvolver o trabalho apresentado.

– Ele vai lançar o livro dela, Arthur. É do interesse do professor Frankli que o trabalho da aluna esteja impecável, o que nos leva a questionar o quanto de influência dele há na qualidade do material – Anita atacou.

Professor Carvalho olhou para ela e depois para mim, por cima dos óculos. Ficou claro que ele sabia os motivos reais de a colega agir daquela forma. Quem não imaginaria? Era muito nítido o interesse de Anita por mim.

– O trabalho entregue por Charlotte teve apenas minha orientação como professor e responsável pelo seu desenvolvimento. A minha editora não trabalhou o original em nenhum momento, muito pelo contrário, somente após

a entrega do material à instituição, e após a minha aprovação e, consequentemente, a do professor João Pedro, nos sentimos livres para iniciar os preparativos para lançá-lo como livro. Nem mesmo a crítica dos meus profissionais foi repassada para Charlotte.

Olhei para Anita, que revirou os olhos e cruzou os braços.

– Todos conhecem o nosso código de ética e ele prevê o não envolvimento entre professores e alunos.

– Ora, Anita, você está sendo muito maldosa – o professor Carvalho a repreendeu. – O professor Frankli não é nenhum leviano. Não existe histórico de envolvimento dele com alunas, funcionárias ou até mesmo colegas de trabalho, e todos sabemos o quanto muitas de suas colegas gostariam de estar no lugar desta aluna. – Ele sorriu amigavelmente para mim. – Nunca tivemos motivo para olhá-lo de maneira diferente, então não posso levar em consideração o fato de ele ter se apaixonado e se casado com nossa melhor aluna. Eu mesmo, quando professor da casa, me envolvi com uma ex-aluna, que é a mãe dos meus filhos, minha esposa até os dias atuais.

Ela fez muxoxo e se agitou enquanto o professor Carvalho folheava o material que identifiquei como o trabalho de Charlotte.

– Alex, eu precisei conversar com os outros dois professores da banca examinadora de Charlotte para saber o que eles podiam me dizer sobre o material apresentado, para que não pairasse mais nenhuma dúvida sobre o seu envolvimento, apesar de eu aceitar que, nos dias de hoje, haja vista a falta de interesse dos jovens pelos seus cursos, há a necessidade de uma participação cada vez mais efetiva dos seus orientadores.

– Não por um interesse pessoal – novamente ela rebateu.

– O trabalho de Charlotte foi analisado e seguiu o curso correto dentro da minha editora. Todos aqui sabem que uma profissional como a minha esposa

não pode ser desprezada. Se não fosse minha editora, seria a concorrência. Agi exatamente como faria com qualquer outro livro em potencial que encontrasse.

– Eu te entendo. – Arthur levantou a mão, impedindo que Anita falasse. – Acredito que você já esteja munido de toda a questão legal para defender a formatura da sua esposa.

Confirmei com a cabeça e os olhos fixos em minha colega de trabalho. Foi quando o seu telefone tocou. Ela olhou o visor, fez uma careta e ignorou a ligação. Como eu estava atento, percebi o quanto ela ficou incomodada.

– Também tenho o parecer emitido por alguns colegas que acompanharam o desenvolvimento dela no decorrer do curso. Eles avaliaram o material e confirmaram se tratar de um trabalho construído apenas pela minha ex-orientanda.

– E vou reunir o conselho e pedir que revogue qualquer parecer encomendado por você, caro colega. – Anita estava mais agitada do que antes e o seu telefone voltou a tocar, irritando-a.

– Neste caso, você estará acusando nossos colegas de estarem colaborando com uma farsa, professora Anita? – provoquei e Arthur sorriu satisfeito.

– Estou dizendo que todos vão se esforçar para encobrir a sua atitude leviana, Alex.

Mais uma vez, o telefone tocou, porém minha colega continuou ignorando a ligação.

– Vejamos aqui. – Peguei o e-mail que imprimi logo cedo, contendo o parecer dos professores. – Ah, sim! A professora Helena Lacerda escreveu: um trabalho incrível, digno de uma aluna incrível. O livro, apesar de não ser do meu gosto literário, tem a assinatura óbvia de Charlotte Middleton, seguindo o

padrão de todos os trabalhos apresentados em minha matéria. Texto bem escrito e conciso, português impecável, apesar da necessidade do linguajar popular... Devo continuar?

Encarei Anita, que fez uma careta ao receber mais uma ligação.

– Por que não sai e atende logo de uma vez, professora? – O reitor se moveu em sua cadeira, demonstrando sua contrariedade com as interrupções.

– Com licença. – Ela me fuzilou com os olhos, deixando a sala.

– Eu sinto muito, Alex! Está difícil domar a fera. Se a professora Anita resolver realmente levar o fato ao conselho, não sei como faremos para Charlotte se formar em alguns dias. Com certeza, vocês irão conseguir reverter a situação, comprovar que ela merece os méritos, mas em quanto tempo? Charlotte será impedida de acompanhar os colegas na cerimônia...

– Eu entendo todos os riscos. Anita está apenas...

– Sendo invejosa. – Ele sorriu ao me encarar. – Lógico que eu percebo o motivo desta tempestade toda. – Recostou-se na cadeira e entrelaçou os dedos. – Acredito que este será o menor dos problemas de vocês.

– Como assim?

– Anita não vai ficar calada. Não vai aceitar se o conselho favorecer a vocês. Eu prevejo um escândalo de grandes proporções.

Puxei o ar com força e me encostei na cadeira, olhando o professor Carvalho. Minha vontade era sair e dar uns bons tapas em minha colega de trabalho. Forcei minhas mãos a se agarrarem nos braços da cadeira para me impedir de levantar. Eu sabia do que Anita era capaz e ela faria de tudo para desestruturar Charlotte. Com o aval da prima, então... seria realmente complicado.

– Talvez... – Professor Carvalho começou a falar, então Anita abriu a porta e entrou. Quando olhei para ela, fiquei preocupado. Estava pálida, tremia um pouco e quase esmagava o celular em uma das mãos. – Aconteceu alguma coisa, professora?

– Eu... É... – Ela me olhou com raiva, depois olhou para Arthur e, em seguida, desviou a atenção. – Eu preciso sair. – Pegou a bolsa e virou em direção à porta.

– Professora... – Professor Carvalho levantou para impedi-la.

– Preciso ir. Desculpe!

Não sei por quê, mas tive quase certeza de que aquela desculpa foi direcionada diretamente para mim. Como se estivesse se desculpando pelos transtornos. Fiquei sem palavras ao assisti-la sair e fechar a porta.

CHARLOTTE

– Como é que é? – Miranda gritou me olhando como se eu tivesse três olhos, quatro braços e cinco pernas. – Eu não acredito!

Estávamos paradas na sala, as malas aguardavam ao lado da porta. Paramos para tomar um suco, que a Sra. Odete ofereceu e iniciamos uma conversa que nos levou para um caminho um tanto quanto constrangedor. Passei as mãos no rosto, tentando afugentar o vermelho que, com certeza, tingia meu rosto com toda a sua potência.

– Fale baixo, pelo amor de Deus! – implorei.

– Pelo amor de Deus digo eu. Você é uma mulher casada e conversar sobre... acessórios é perfeitamente normal.

– Acessório? – Ri sem graça. – Ok! É muito melhor do que vibrador. Chama menos atenção.

Ela gargalhou.

– Eu não consigo acreditar que você, você, Charlotte Middleton, a garota que até pouco tempo era virgem, tem um vibrador.

– Céus! Eu ganhei. Nunca usei, tá legal?

– Não sabe o que está perdendo. – Ela se jogou do meu lado no sofá e fez uma expressão engraçada. – Se nunca usou... pelo menos pretende usar?

– A ideia é essa.

Ela riu novamente.

– Porra, Lottie! Você está mandando muito bem, menina!

– Para com isso. – Empurrei minha amiga com o ombro e bebi um gole do meu suco.

– Então Alex te presenteou com um vibrador?

– Dentre outras coisas – revelei, me sentindo ainda mais envergonhada.

– É. Alex está saindo melhor do que encomenda – provocou.

– Você tem um? – Tomei coragem para olhá-la diretamente e vi Miranda sorrir amplamente.

– Com certeza!

Abaixei a cabeça e ri baixinho.

– Eu não consigo me imaginar... você sabe... não sei. É estranho.

– Você se acostuma. Considerando que foi um presente do Alex, não acredito que seja para usar sozinha.

– Não... quer dizer... ele disse que eu posso usar como quiser, mas que... porra, não posso falar sobre essas coisas com você.

– E com quem mais falaria? Charlotte, eu ainda sou a sua melhor amiga e não vai ser um professor babaca que vai mudar esse fato.

– Ele não é babaca.

Ri e ela revirou os olhos.

– Um babaca gostoso que tem fantasias maravilhosas com a esposa. Ok! Ponto para o Alex. Não fique com todos esses preconceitos na cabeça. Homens são curiosos. Eles gostam de observar a mulher usando um... – Me olhou divertida. – Ou usar nelas. – Piscou um olho e estalou a língua.

– Você já fez isso com algum carinha?

Ela engoliu o suco demoradamente e confirmou, balançando a cabeça. Não havia mais divertimento em seu rosto.

– Patrício?

Mais uma vez ela confirmou.

– Foi o único que me fez desejar não ter limites – falou com tristeza.

– Ele também te presenteou com um ou você...

Ela me olhou sem entender, rapidamente percebeu para onde meus pensamentos seguiam.

– Caralho, Charlotte! – E riu, bebendo o restante do seu suco.

ALEX

Parei o carro em frente à minha casa sem saber como dizer a Charlotte que Anita poderia tornar tudo muito mais difícil. Com as mãos ainda firmes no volante, eu buscava uma maneira de suavizar a situação e nada vinha em minha mente que pudesse me ajudar. Quando o telefone tocou, quase pulei de susto. Mais uma hora vivendo aquela tensão e eu não suportaria.

– Diga, João Pedro.

– Atrapalho a lua de mel dos pombinhos? – Ele riu como se aquela fosse realmente a sua intenção.

– Sim, Charlotte está me fazendo um boquete, então pode falar que eu vou ouvindo enquanto não gozo.

– Vá se foder, seu escroto, filho de uma puta! – E começou a rir.

– Se eu estivesse fazendo alguma coisa mais interessante, nem atenderia esta ligação. Diga logo o que você quer.

– Saber das coisas, se por acaso você já pegou uma fraqueza, se Charlotte já detonou a casa, se você já broxou...

– Vá à merda! – Meu cunhado riu alto, fazendo-me rir também.

– Agora, sério, eu só queria saber como foi com o professor Carvalho.

– Ah, cara! Foi bem complicado. Anita estava presente, acredita?

– Bom, devo dizer que já esperava por isso. Aquela mulher precisa de uma boa foda.

– Desde que não seja comigo.

– Bem que poderia ser. Evitaria muitos problemas.

Riu, deixando-me irritado.

– Nem que ela fosse a última mulher do universo.

– Não acredito que você iria preferir ficar de punheta a comer Anita.

– Eu disse que ela seria a última mulher e não que a sua bunda deixaria de existir.

– Vá se foder, sua bicha enrustida.

Gargalhei, relaxando um pouco.

– E o que o professor Carvalho resolveu?

– Parece que ele entende o meu lado e confia em meu profissionalismo, só que Anita não vai deixar barato. Ela vai levar o caso ao conselho.

– Que merda!

– É, sim. Estou com o parecer dos professores aos quais pedi ajuda e ele foi favorável. Acho que levarão isso em consideração.

Olhei para fora, buscando algum sinal de que Charlotte já havia chegado, então me dei conta de que seu carro não estava do lado de fora. Confesso que pela, primeira vez em anos, eu me senti só. E foi ruim.

– Mas estou contando com o bom senso do Arthur para me ajudar a colocar Charlotte naquela formatura. Ela será a aluna homenageada, se formará com louvor, não pode ficar de fora por causa das loucuras de Anita.

– Eu acho que vai dar tudo certo. Ninguém quer se envolver em escândalos.

– Anita quer.

– Anita quer outra coisa, tão grande quanto um escândalo.

– É? Você fica de olho para ter esta certeza toda? Vou começar a me preocupar quando entrarmos juntos em um sanitário.

Ri ansioso para rever a minha esposa.

– Alex alguém já te disse que você é um imbecil?

– Não, mas muitas vezes me falaram sobre um amigo meu que...

– Vá tomar no...

– Tchau, João Pedro! Tenho coisas mais importantes para fazer agora.

– Não me deixe sem notícias.

– Combinado.

Abri a porta do carro quando meu telefone tocou outra vez. Achei que fosse João Pedro de novo e me surpreendi ao verificar o número da faculdade, o que me deixou ainda mais nervoso, então fiz o caminho contrário, voltando ao carro, e atendi.

– Sim?

– Alex, é o Arthur.

– Aconteceu alguma coisa?

Fiquei tenso e encostei ao banco, tentando manter a mente aberta para ouvir a bomba.

– Aconteceu e você nem vai acreditar.

- O que Anita aprontou desta vez?
- Ela retirou a queixa.
- Como? – Me inclinei sobre o volante, me concentrando para não fazer nenhuma besteira. – Mas ela falou...
- Sim, ela falou, pelo que parece a professora Anita voltou atrás em sua decisão.
- Ela não vai levar o caso ao conselho?
- Não.
- E Charlotte vai poder se formar sem problemas?
- Pelo visto, sim. O caso ficará entre a gente e ninguém mais precisará se envolver, o que me leva a acreditar que não existe mais motivo para o seu afastamento. A universidade ficará honrada em continuar tendo você como professor da casa.
- Reitor, eu fico agradecido, contudo, é muita coisa para digerir. Por que Anita desistiu de tentar me prejudicar?
- Não sei dizer, algo me leva a crer que está relacionado à ligação que ela recebeu, não consigo pensar em mais nada. Ela parecia bastante determinada.
- Exatamente. Ela estava muito determinada, o que me deixa ainda mais alerta e apreensivo.
- O importante é Charlotte se formar, depois da formatura, ela nada mais poderá fazer. E quanto à proposta de esquecermos a sua demissão?
- Não acredito que trabalhar ao lado da professora Anita seja uma opção saudável, Arthur.

– Posso manter vocês afastados o máximo possível. Rever os horários dela, não sei ainda, farei qualquer coisa para que você permaneça conosco.

– Vou pensar, Arthur. Agora preciso desligar. Ligue se tiver alguma novidade.

– Com certeza.

Liguei o carro outra vez. Não dava para contar aquela novidade a Charlotte sem comemorarmos da forma correta, se é que já poderíamos comemorar, afinal de contas, o que havia acontecido com Anita para que ela desistisse de prosseguir? Mesmo assim, a ideia já existia, então eu precisava apenas levar o plano adiante.

CAPÍTULO 05

“Há pessoas que entram por acaso em nossas vidas... mas não é por acaso que elas têm o privilégio de permanecer.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Ouvi o barulho do carro e o portão da garagem se fechando. Alex estava em casa. Pensei em mil formas de iniciar a conversa, mas a verdade era que eu estava frustrada, ansiosa e nervosa, sem contar que cortar cebolas era realmente irritante.

Alex demorou a entrar, o que aumentou minha apreensão. Cheguei a olhar pela janela algumas vezes, me certificando do seu carro, porém não da sua presença. Olhei para a panela a minha frente, o fio de azeite dourando o alho e a cebola. Os tomates frescos aguardavam em um prato, assim como os camarões.

– Arroz soltinho – resmunguei. – Como inferno alguém consegue fazer isso?

– Falando sozinha? – Ele apareceu do nada, pegando-me de surpresa.

Estremeci, pulando para longe do fogão.

– O que está fazendo? Cozinhando?

Meu marido... Alex, com aqueles olhos que me afogavam, com aquele sorriso torto que me fazia esquecer como respirar, se aproximou do fogão e olhou dentro da panela.

– Acho que está queimando. – E o sorriso antes tão sexy me pareceu mais debochado do que nunca.

– Merda! – Empurrei Alex, passando rapidamente a colher na panela e desligando o fogo. – Merda! – Ele riu, pegando um pedaço de tomate, levando-o à boca.

– Cozinhando para mim?

– Tentando descobrir a ciência por trás de um estrogonofe de camarão.

– Hum! – Pegou outro tomate e me deu espaço na bancada para continuar preparando o almoço.

– Por que não descongelou alguma coisa que D. Rosana deixou?

– A sugestão é uma tentativa de me dissuadir de continuar tentando incendiar a casa ou uma preocupação para que eu não continue cheirando a alho e cebola?

Ele riu e me abraçou por trás, colocando o rosto em meu pescoço desprotegido devido ao cabelo preso.

– Pare. Eu estou com cheiro de comida.

– Uma comida deliciosa – ronronou.

– Alex!

Com uma mão, ele me prendeu pela cintura, puxando-me em sua direção e, com a outra, ultrapassou o tecido da camisa, indo direto ao meu seio.

– Pare, Alex! Eu preciso terminar aqui e tomar um banho.

Para conseguir afastá-lo, peguei os tomates e os joguei na panela, reacendendo o fogo. Alex não desistiu. Ele se manteve preso a mim, acariciando minha pele e beijando meu pescoço.

– Eu vou acabar tocando fogo nesta cozinha – resmunguei.

– A ideia é essa.

Roçou sua ereção em minha bunda e mordeu o lóbulo da minha orelha.

– Deus!

Fechei os olhos por um instante, permitindo-me apenas sentir. Aquelas mãos... ah, aquelas mãos! Elas me seguravam com tanta firmeza, tanta certeza do que queriam que era impossível não confiar. E os lábios? Porra, os lábios do meu marido eram mágicos. Eles me faziam flutuar, entrar em um espiral de

cores e sentidos, perder qualquer noção do tempo, e isso tudo apenas com o toque em minha pele.

O chiado da panela me alertou que eu colocaria tudo a perder.

– Droga!

Peguei rapidamente os camarões já descascados e tratados e os joguei na panela, que enfumaçou e praticamente gritou para que eu prestasse atenção ao que fazia.

– Desligue isso, Charlotte.

Sua voz rouca em minha orelha fez minha pele inteira arrepiar.

Apoiei os dois braços na bancada e dei um pequeno passo para frente para me desvencilhar dele.

– Você está tentando me fazer desistir de cozinhar? Acha mesmo que vou arruinar o almoço? Que falta de fé em mim!

Alex riu e me imprensou contra o balcão.

– Eu estou louco para saber como vai ficar isso aqui, mas antes...

Suas mãos desceram para minhas coxas, com movimentos largos e expansivos. Ca-ra-lho. Bom demais!

– Pare, pare e pare, Alex! – Consegui fazê-lo me soltar. – Eu quero realmente fazer este almoço.

Nos encaramos e eu percebi que ele perdia um pouco do brilho dos olhos. – Além do mais – voltei a mexer a panela –, não quero você me cheirando quando o meu perfume agora é o de tempero.

Abri a embalagem de molho para estrogonofe e joguei sem nenhum cuidado na panela, misturando todo o conteúdo. Aquilo estava uma porcaria.

– Charlotte temperada. Hummm!

Girei sem conseguir entender como aquilo aconteceu, porém, em um segundo, eu estava diminuindo o fogo e, no outro, estava sobre a pia, com Alex entre as minhas pernas e suas mãos em todos os lugares ao mesmo tempo.

– Alex...

– Shhhh! – Ele me calou, colocando um dedo em meus lábios. – Vamos comemorar.

– Comemorar? Comemorar o quê? Então... a reunião...

– Depois eu explico.

Seus lábios tocaram levemente os meus, em um beijo rápido, então escorreram pelo meu rosto, descendo pelo pescoço, ao mesmo tempo que suas mãos subiam, levando junto a camiseta que eu usava.

– Vem cá. – Ele me puxou, deixando-me de pé e de costas, os braços apoiados no balcão. – Preciso tirar a sua roupa.

Suas mãos foram direto para o botão dos meus shorts.

– Alex! A janela... a gente.

O botão abriu, o zíper desceu e seus dedos passaram para dentro, calando-me mais uma vez.

– Porra, Charlotte! – rosnou ao sentir a minha excitação.

– Ai, meu Deus! – Implorei mentalmente para que nossa aventura não trouxesse consequências irreversíveis.

– As maravilhas do casamento!

E ele se afundou em mim sem nenhum pudor. Arfei, jogando meu corpo para frente, proporcionando que seu membro ganhasse mais espaço em meu íntimo. Porra, as maravilhas de um casamento! Nada como poder transar onde, quando e sempre que quiser.

Uma mão afobada encontrou meu seio, puxando a camisa para baixo e deixando-o livre para o seu bel-prazer. A outra, como não podia deixar de ser, manteve-me firme, pronta para suas estocadas que certamente chegariam sem nenhum preparo.

E foi exatamente o que Alex fez. Ele se afundou em mim, gemendo pelo primeiro contato, parando apenas os poucos segundos em que seu corpo reconhecia o meu, para, em seguida, estocar, a princípio lento, com cuidado, até ter certeza de que não encontraria obstáculos.

Meu sexo completamente molhado facilitava suas investidas, fazendo com que meu marido se perdesse em mim. E eu amava a forma como ele se movimentava, a graciosidade do seu rebolado, o jeito delicioso como seu membro roçava a minha carne, alcançando todos os espaços, atijando cada terminação nervosa, provocando meus neurônios... sim, eu amava transar com Alex e não importava se estávamos no meio do dia, na cozinha e não em uma cama de casal, se eu cheirava a cebola, alho e condimentos... nada importava, meu eterno professor me chamava e eu prontamente atendia.

Rebolei quando ele me penetrou mais uma vez e ouvi o gemido delicioso do meu marido. Ele aprovava minha iniciativa, então inclinei sobre a bancada e abri um pouco mais as pernas. Eu podia senti-lo alcançar o meu limite, forçando ao máximo, seu quadril se chocando contra minha bunda em investidas fortes e decididas. Eu o sentia todo e completamente dentro de mim, até não haver mais nada para me oferecer, até que não restasse mais espaço, que estivesse completamente enterrado em mim.

E era bom. Era delicioso!

– Ah, Charlotte! – Ele rosnou ao se inclinar sobre meu corpo, encurtando as estocadas, a mão apalpando meu seio.

Estávamos ambos sobre a bancada, ele roçando em mim com todo o seu desejo, seu membro entrando e saindo em movimentos curtos e eficazes, pois o delicioso movimento estava me levando ao êxtase, fazendo-me sair da capacidade raciocinar, deixando meu lado animal falar por mim.

Gemi alto e forte. O gozo já lambendo minhas veias, vibrando em meu sexo. Alex passou a mão em minhas costas, fazendo-me deitar sobre o balcão e levantou, ganhando uma visão ampla do que fazia comigo. Eu sabia o quanto meu marido gostava de nos assistir. Ele se excitava vendo seu pau inchado entrar e sair do meu sexo molhado, e eu? Eu me excitava ainda mais sabendo o quanto o enlouquecia com aquela exposição.

Eu me deixava ver, me permitia ser assistida e me exibia para que ele se deliciasse. Por isso empinei a bunda, mantive as pernas afastadas e o corpo inclinado enquanto ele gemia atrás de mim, os olhos vidrados no que fazíamos.

– Que delícia! – gemia tão entregue que me perguntei se ele ainda estava ali comigo ou perdido em seu mundo particular.

– Hum! – Estirei a coluna, empurrando o quadril contra ele no momento em que meu marido se enfiava mais uma vez em mim, e o senti no meu limite.
– Assim! – sussurrei extasiada com a sensação de ser completamente preenchida.

Alex passou a se mover um pouco mais rápido, mas não com estocadas fortes, era como se ele entrasse saboreando cada partícula alcançada e nossas peles trocassem a experiência do gozo. Eu sabia o que ele sentia, porque podia sentir minha própria carne inchar e formigar, anunciando o que se aproximava.

Inclinado sobre mim, seus lábios alcançaram meu pescoço e ele gemeu ao me morder levemente. A mão que me segurava no quadril correu para o meio entre as minhas pernas e, sem qualquer aviso, apertou meu clitóris, não com força, mas na medida certa para fazer minhas pernas tremerem.

– Meu Deus, Charlotte! Goze!

E assim eu soube que meu marido estava perdendo a guerra contra o controle, mas nunca contra o cavalheirismo, primeiro as damas, esta era a sua regra e eu a obedecia.

O prazer me rasgou de dentro para fora, com labaredas de fogo que incendiavam minhas veias, fazendo tudo pulsar, minha mente ganhar uma camada espessa de névoa e perder completamente a capacidade de raciocínio. Alex gozou gemendo alto, se forçando contra mim como se quisesse me transpassar, despejando em meu íntimo o seu gozo, como uma lembrança do quanto havia sido prazeroso.

Aos poucos, fui percebendo que o chiado que ouvia não saía de mim, não era nenhum resquício do meu orgasmo avassalador, muito menos qualquer som emitido pelo meu marido. Minha respiração foi voltando ao normal, assim como a capacidade de raciocínio que logo inundou minhas narinas com aquele cheiro que ligou rapidamente os pontos.

– Merda! – reclamei quando Alex levantou rapidamente e desligou o fogo.
– Droga, Alex!

Ele riu baixinho enquanto saía de dentro de mim.

– Queimou tudo.

– Não.

Meu marido abriu a torneira e lavou as mãos. Seus gestos e atitudes nem lembravam que há poucos segundos ele estava dentro de mim gozando como se nada no mundo importasse. E eu? Bom, eu estava descabelada, com os shorts no meio das pernas, as coxas melecadas com o gozo recente que escorria, lógico! Cheirando a cebola, alho, tempero, luxúria e suor, o rosto vermelho e a respiração irregular.

Por que nos romances nunca era desse jeito? Neles, a mocinha cheirava sempre bem, o gozo do seu parceiro não escorria pelas pernas, nem ficava um bom tempo molhando a calcinha da protagonista, lembrando-a das safadezas que havia feito. Nos romances, a garota vestia a roupa, servia a comida, que ficara fantástica por sinal e ainda tinha ânimo para trocar olhares sensuais com o parceiro.

Pois é. Eram romances, por isso eram perfeitos. Subi a calcinha e os shorts desejando me livrar do suor que grudava em minha pele junto com o vapor da comida queimada, além do cheiro que já começava a me irritar. E, devo confessar, não era nada agradável sentir as coxas grudando e a calcinha molhada, imprensada pelo jeans em um sexo recém... usado.

Tive que rir deste último pensamento.

– Pode deixar, amor. Eu cuido de tudo por aqui – ele disse sem parecer querer livrar a cozinha de alguém como eu. Alex me cercou com seus braços e me deu um beijo leve nos lábios. – Acho que você precisa de um banho.

Fiz uma careta. Não era nada legal ouvir do marido que você fedia. Ele riu ao perceber o meu desconforto.

– Eu sei o quanto você fica incomodada após transarmos. – Beijou levemente meu pescoço. – E não quero minha esposa andando sem calcinha por aí.

Ah, claro! Ele não esquecia o episódio do apartamento de Lana. Homens!

– Certo. O almoço está arruinado, eu estou uma catástrofe e é muito chato sentir você escorrendo entre as minhas pernas, melecando minha roupa.

Me afastei, percebendo o divertimento em seus olhos.

– É excitante saber que “eu” escorro entre as suas pernas.

– Imagino que muitas coisas sejam excitantes para você, professor Alex.

– Com você? – Meu marido, muito inocentemente, pegou uma colher e começou a mexer na panela. – Com toda certeza. – E me lançou aquele sorriso torto, carregado de promessas e safadezas que conseguiam tirar meu fôlego.

ALEX

Eu tinha conseguido tirar a papa que formou o que deveria ser um estrogonofe de camarão, sem deixar a colher raspar o fundo da panela, evitando que o gosto de comida queimada imperasse. O arroz ganhou a mesma atenção, apesar de que eu achava ser impossível salvar o seu gosto.

Enquanto Charlotte tomava banho, coloquei algumas folhas de molho, separei uns talos de rúcula e salsa, preparei um misto de azeite e vinagre com algumas pitadas de alecrim, quem sabe, assim, tivéssemos pelo menos um almoço “comível”.

Charlotte e todas as suas surpresas.

Vasculhei o armário em busca de batata palha. Não que fosse a melhor pedida, mas... qualquer coisa que ajudasse a melhorar o sabor.

– Eu esqueci que tinha que colocar um pouco de mostarda para...

Charlotte apareceu na cozinha, os cabelos molhados, ainda um pouco bagunçados. Usava shorts soltos e uma regata cinza, sem sutiã, o que realmente ganhou minha atenção.

Porra, eu ainda conseguia pensar em sexo suado na cozinha, com aquela mulher incrível, mesmo pouco tempo após gozar deliciosamente dentro dela. Sorri e percebi quando ela corou e desviou o olhar.

– Você conseguiu salvar o almoço?

– Não exatamente. Apenas tirei da panela o que não pegou no fundo. Não mexi na sua receita, juro!

Charlotte mordeu o lábio inferior e sorriu com doçura.

– E... está bom?

– Ah... – Desviei minha atenção dela, fingindo interesse no jogo americano. – Achei que você não gostaria que eu fizesse isso.

Ela fez biquinho, sem se atrever a tecer nenhum comentário sobre minha falta de coragem para provar sua comida.

– Vou ajudar com os pratos. – Minha esposa passou por mim se ocupando em dispor os acessórios para o almoço. – Hum! Onde ficam os guardanapos?

– De pano, na terceira gaveta a sua direita. De papel, no armário de cima, primeira porta.

Sequei as folhas, arrumando-as na saladeira e me descobri curtindo aquele momento.

Realmente, o casamento foi uma boa escolha.

– Posso tomar um banho antes? – arrisquei enquanto assistia a minha esposa abrir todas as portas e gavetas em busca de alguma coisa.

– Ah... sim. Acho que consigo me virar por aqui.

Ela abaixou, remexendo nas panelas, fazendo um barulho irritante.

– O que está procurando?

– Condimentos. Pimenta, sal... essas coisas que colocamos sobre a mesa para que cada um possa se servir.

Tive que rir.

– Condimentos no panelheiro?

Charlotte me olhou incrédula.

– E como espera que eu saiba que aqui ficam as panelas se eu não abrir tudo?

– Tem razão, então, por via das dúvidas, vou deixar o banho para depois do almoço. Aqui. – Passei o moedor de pimenta. – Já preparei um molho para a salada e temos batata palha. – Entreguei o saquinho que havia encontrado no armário.

– Ótimo! Onde encontro uma vasilha?

– Aqui.

Charlotte pegou da minha mão e sorriu, voltando a corar.

– Desculpe pela bagunça. Prometo que vou me adaptar a sua cozinha.

E eu nem queria imaginar a minha esposa voltando a se aventurar na cozinha. Não que eu acreditasse que aquele fosse um ambiente que, aos poucos, com persistência, ela conseguisse dominar. Claro que não era isso.

Para ser honesto, experiências como almoçar o que quer que Charlotte se aventurasse a cozinhar precisavam de espaço de tempo entre uma e outra.

Assisti a minha esposa pegar meu prato e me servir aquele arroz grudado e empapado, sem contar a cor e o sabor duvidoso, acrescentar o que deveria ser um saboroso estrogonofe de camarão, que, no entanto, não passava de uma papa estranha, e colocar diante de mim. Depois, com a mesma graciosidade – e esta parte não é ironia, ela conseguia mesmo dar leveza e graça a gestos que deveriam estar tensos e ansiosos –, serviu o seu prato com porções menores, mas com a mesma coragem que acreditou que eu teria para comer.

Sentados um de frente para o outro, ela se serviu da salada e de um pouco de batata palha e aguardou por mim. Certo. Era hora do sacrifício. Enquanto colocava a salada no prato, eu pensava no quanto aquela comida deveria estar horrível e até que ponto eu poderia ser honesto com a mulher da minha vida.

Segurei o garfo, encarando-a apenas para me certificar do brilho ansioso dos seus olhos e da sua necessidade de que, mesmo contra todas as possibilidades, aquele almoço estivesse à altura da sua vontade de me agradar. Merda! Era para ser um almoço especial. O primeiro que ela fazia para mim, mesmo sendo a minha esposa uma garota rica e mimada, cercada de cuidados que a impediram de ser tornar uma “mestre-cuca”.

Sim, eu poderia fazer aquele sacrifício sem atormentá-la. Eu faria aquilo pela mulher da minha vida.

Ela continuou me encarando, desviando o olhar às vezes para a própria mão, passando o garfo pela comida, sem se aventurar por ela, me aguardando. Corajosamente, juntei um pouco de cada coisa e levei à boca, fazendo o maior esforço para não demonstrar meu medo.

A primeira coisa que senti foi a consistência errada do estrogonofe. Parecia de fato um pudim fora do ponto, e o arroz não ajudava. Outra coisa que logo me atingiu foi o sabor estranho. Sim, havia aquele leve ardor queimado, que já prejudicava e muito o sabor, mas também havia... não sei explicar... estava salgado demais, o camarão borrachudo e o molho em nada parecia com o adequado para um verdadeiro estrogonofe.

Mantendo a comida na boca e pensando se seria muito indelicado cuspir, encarei minha esposa, que agora estava com uma careta estranha. Forcei o bolo para baixo e, sem demonstrar ansiedade, tomei um longo gole da água que ela tinha acabado de colocar a minha frente.

– Tá tão ruim assim? – Sua voz decepcionada fez meu coração diminuir.

Bebi mais um pouco de água, lavando a boca, e me preparei para continuar a guerra.

– Não – disse com convicção. – Queimou um pouco, mas eu assumo a culpa. Se tivesse deixado você em paz, com certeza não passaríamos por isso. – Sorri, tentando ser convincente.

Ela sorriu mais aliviada. Quando, finalmente, levei mais uma garfada daquela “gororoba” à boca, ela teve coragem de começar a comer. E foi quando percebeu a minha mentira.

– Meu Deus!

Charlotte fez uma careta horrível, pegando rapidamente o guardanapo para cuspir tudo nele. Depois, com muita ansiedade, pegou o copo com água, bebendo-a rapidamente até que não restasse mais nada.

– Puta merda! Está horrível! – Ela me encarou com olhos acusatórios, com uma indignação que me fez rir. – Como pôde me incentivar a comer? Como pôde mentir tão descaradamente?

– Não está tão ruim assim – tentei manter a mentira, apenas para não aumentar seu desapontamento. – Só... queimou...

Seus olhos se estreitaram, o que me fez pensar se Charlotte me atacaria, caso eu continuasse mentindo.

– Certo. Está horrível – confessei pronto para aguentar o seu sofrimento.

– Horrível? Não existe uma palavra para descrever isso aqui melhor do que “uma merda”.

– É. Eu não imaginaria você se expressando de outra maneira. – Recostei na cadeira para observá-la com mais atenção.

– Porra, fala sério. Não dá para comer esta merda!

– Charlotte... – Voltei a encostar no balcão, encarando-a. – A comida está mesmo uma porcaria, no entanto, você não precisa usar a sua boca suja para demonstrar toda sua indignação.

Ela me encarou séria, depois sorriu, a princípio timidamente, para logo em seguida se expandir, ganhando toda minha atenção. Foi impossível não sorrir de volta.

– O que quer fazer?

Ela piscou divertida e passou uma mão pelo pescoço, fazendo meus olhos acompanhá-la.

– Eu estou faminta. Acho que consigo preparar um sanduíche.

– Ou eu posso descongelar alguma coisa.

Ela não gostou muito da ideia.

– Ou podemos sair para almoçar. Vai ser bem mais divertido.

– Tipo um encontro?

Aquela menina sabia mesmo me divertir. O sorriso inocente e o brilho cheio de expectativa em seu olhar me fascinavam.

– Tipo um encontro, menina linda. – Acariciei a mão que estava sobre o balcão. – O que quer comer? – Levantei, levando nossos pratos para despachar a comida no lixo, onde era o seu devido lugar.

– Podemos comer hambúrguer?

Olhei em direção a minha esposa sem acreditar naquele pedido. Charlotte não tinha mesmo nenhuma noção do que era uma boa alimentação.

– Batata-frita, *milk shake*, hummmmm! – Ela parecia uma criança saltitando no banco da cozinha.

– E onde fica sua noção de comida saudável? – provoquei.

– Depois desta mer... porcaria de comida, só muita gordura para desfazer o meu trauma.

Ri, tirando o excesso de comida dos pratos para levá-los à máquina de lavar pratos.

– Vamos, Alex!

Agora, sim, ela parecia realmente uma menininha ansiosa para dar um passeio com o pai. Eu sorri e fingi pensar no assunto enquanto ajeitava toda a bagunça de pratos e panelas.

– E... eu tenho que te acompanhar no parquinho também ou posso só ficar sentado olhando?

Charlotte nada respondeu, o que me fez olhá-la. Minha esposa estava com os olhos vidrados em mim, o rosto corado e os dentes segurando o lábio

inferior. Não sei por que gostei daquela expressão, como se ela estivesse constrangida e tímida, e, ao mesmo tempo, como se estivesse decidida o suficiente para não ceder ao meu comentário.

– Bom... normalmente, os pais ficam sentados apenas monitorando os filhos. – Sua voz baixinha e doce deixava claro que seu comentário não tinha nada de inocente. Charlotte tentava me provocar.

– Então quer dizer que eu terei que entrar no parquinho se quiser um pouco da sua atenção? – Enxuguei as mãos na toalha de prato e caminhei em direção a minha aluna.

– Se você conseguir me encontrar na piscina de bolinha. – Deu de ombros, me fazendo rir.

– Eu sou ótimo em encontrar garotinhas atrevidas em uma piscina de bolinhas. – Inclinei-me sobre ela e dei um beijo rápido em seus lábios. – Só preciso de um banho. Rápido – acrescentei antes que ela protestasse. – E você deveria aproveitar para trocar de roupa... quer dizer...

Charlotte estreitou os olhos.

– Pelo menos colocar um sutiã, amor. Ou então vamos ter problemas caso eu pegue algum palhaço babando em você.

– Até parece – gracejou, saltando do banco, os seios pulando, o que mexeu com a minha imaginação.

– Está duvidando da minha capacidade em defender o que é meu?

– Não. – Ela ficou nas pontas dos pés para me beijar. – Duvido que algum garoto realmente fique interessado em peitos como os meus.

– O que tem de errado com os seus seios? Eles são fantásticos! – Passei as mãos para dentro da camisa dela, subindo em direção ao ponto de meu interesse.

Charlotte riu e se encolheu, forçando o afastamento.

– Tá legal, Alex! Nada de gracinha. Eu estou morrendo de fome, então... – Ergueu uma sobrancelha e cruzou os braços na frente dos seios. – Vou colocar o sutiã.

CAPÍTULO 06

“É muito melhor viver sem felicidade do que sem amor.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Colocar a chave na fechadura da minha antiga casa foi estranho. Não era a primeira vez que eu aparecia desde o casamento, aliás, eu estava lá quase todos os dias, sempre que Alex precisava resolver alguma coisa na rua ou passar longas horas na editora. Mesmo assim, fugir para casa sempre que me sentia sozinha demais ou assustada demais com o dia a dia do casamento não era algo que me deixasse orgulhosa.

Assim que girei a chave e abri a porta, dei de cara com Patrício. Patrício. Como assim?

- Charlotte? – ele disse sem esconder o susto.
- Charlotte! – Miranda se encolheu atrás dele.
- Hum! – Parei na soleira sem saber se deveria ou não entrar.
- Patrício está de saída... – Miranda começou a falar.
- Sim. Eu estou... Como estão as coisas? E Alex?

Era impressão minha ou aquele babaca estava querendo puxar conversa, ser agradável, tentando ganhar a minha aprovação. Vá sonhando!

- Miranda, eu vim apenas buscar mais algumas coisas e...
- Pelo amor de Deus, Charlotte! A casa ainda é sua. A madrinha e o padrinho...
- Vão passar o dia em Belo Horizonte. Eu estou sabendo. Eles me ligaram ontem à noite.

Ela sorriu sem graça.

- E Johnny? – Olhei sugestivamente para Patrício, que estava visivelmente envergonhado.
- Eu tenho mesmo que ir. Marquei uma reunião... – meu cunhado se justificava, mas eu não estava muito amistosa.
- Com Alex. Sei. Aliás, se eu não me engano, ele já deve estar na editora há mais ou menos... – Olhei o relógio e fiz uma careta. – Uma hora e meia.
- Droga! – Patrício resmungou e saiu da minha frente, me dando passagem. – Vejo você depois. – Muito sem jeito ele olhou para Miranda, como se pedisse desculpas já que, provavelmente, ele não poderia se despedir como deveria, ou como ela esperava. – Tchau, Charlotte.

– Tchau. – Dei um passo à frente e bati a porta atrás de mim, ignorando a cara de censura da minha amiga. – E Johnny? – Ela me encarou com a boca aberta, sem acreditar no que eu estava fazendo.

– Não faço a mínima ideia. Você sabia que Patrício é irmão do seu marido?

– Que azar, não?

Ela revirou os olhos irritada.

– Olha, Miranda, Patrício é um problema seu. Eu não sei nem por que ainda fico aborrecida com toda esta merda se, no final das contas, você já cedeu.

– Alex também era um problema seu e nem por isso deixei de te apoiar.

– Não se trata de apoio. Você nem precisa da minha aprovação – disparei indignada. – Eu só acho que este babaca...

Ela me deu aquele olhar que indicava tudo, o que me fez recuar.

– O Patrício não sabe muito bem o que quer. Quando ele tinha você completamente entregue à relação, recuou e, agora que não tem mais, quer avançar. Pelo amor de Deus!

– Eu o amo, Charlotte – rebateu sem me deixar reagir. – Patrício é uma criança crescida, é um idiota, prefere fugir do que encarar seus medos, mas o que posso fazer? – Andou até o centro da sala e sentou no sofá com uma almofada no colo. – Eu o amo! Não sei como fugir desse sentimento. Ele ficou com medo de toda pressão do meu tio, achou que Alex foi forçado a se casar e que aconteceria o mesmo com a gente. Foi isso. Patrício não quer se amarrar agora, nem eu, então está tudo certo.

– E como vocês ficam se nenhum dos dois quer compromisso? O que vai ser? Ficantes eternos? Amantes?

Sentei ao seu lado sem forças para contestar qualquer argumento dela. Miranda amava Patrício, e quem era eu para persuadi-la a esquecê-lo?

– Namorados. Apenas namorados. Sem pressão para noivado, casamento ou qualquer outra coisa que torne tudo mais sério do que deve ser.

Concordei com a cabeça.

– Tudo bem. – Levantei as mãos, me rendendo. – Não vou mais implicar com ele. – Suspirei – Vou tentar não implicar.

– Acho bom. O nosso baile de formatura está aí. Vai ser superchato a família toda reunida e você neste clima ruim com o seu cunhado.

– Primeiro lugar: eu pouco me importo com o que os outros acham. Segundo lugar: tenho certeza de que qualquer pessoa concordaria comigo se eu contasse o motivo do meu climão com o irmão do meu marido.

– Nossa, Charlotte, você sabe mesmo ser chata!

– Sei, sim. – Sorri, tentando suavizar o clima. – Olha, estou tentando falar com o Johnny desde ontem e não consigo. Aconteceu uma coisa muito estranha e eu preciso contar a vocês dois.

Rapidamente, Miranda saiu do modo defensivo e se endireitou no sofá para prestar atenção ao que eu dizia.

– A última vez que o vi foi ontem quando conversávamos sobre o problema da neurótica da Anita. Ele simplesmente saiu correndo depois disso e não me atendeu mais. Tentei ligar várias vezes ontem, o padrinho também, mas Johnny está incomunicável. E sabe como é estranho ele não atender nem as ligações do padrinho. O que você tem para contar?

– Como assim ele não atende? Para onde foi que nem se despediu? Sem ao menos avisar o que estava pretendendo? Isso é muito estranho!

A casa se tornou tão pequena e sufocante que minha vontade era sair correndo até conseguir encontrar Johnny e descobrir o que ele estava aprontando. Algo me dizia que seu sumiço estava diretamente ligado à minha situação. Em que merda ele estava metido?

Saquei o telefone e tentei mais uma vez. Nada. A ligação sempre caía na caixa-postal. Mandeí mais uma mensagem, só que ele não visualizava. Comecei a ficar preocupada.

– Ele nunca sumiu por tanto tempo – pensei alto.

Miranda levantou-se do sofá, indo em direção à escada.

– Com certeza está atrás de algum rabo de saia. Até parece que não conhece Johnny. Vai me contar ou não? Preciso da sua ajuda com a fantasia.

Suspirei. Era melhor acompanhar Miranda e esquecer temporariamente o meu amigo do que ficar tentando adivinhar o que ele estava aprontando. E minha amiga tinha razão. Normalmente, os sumiços de Johnny estavam ligados a alguma mulher.

– Vou contar. – Subi os degraus atrás dela, que parecia mais animada com a história das fantasias do que com qualquer coisa que eu pudesse contar.
– Anita retirou a queixa.

– O quê? – Ela se voltou para me encarar. A princípio, parecia não entender, mas depois sorriu, adorando a novidade. – Então a vaca ficou com medo do que Alex poderia fazer com aquela safadeza toda da despedida de solteiro? Ele a ameaçou? O que ele fez? Como foi?

– Não foi nada disso.

Subitamente, fiquei desanimada. Não, Alex não havia ameaçado Anita, muito menos Tiffany, nem tinha tomado nenhuma providência quanto ao ocorrido naquela fatídica noite. E claro que eu me incomodava com isso. Lógico! Qual motivo ele teria para não reagir contra ela, quando a própria Anita estava atirando em nós dois?

– Ela estava disposta a ir até o final. Não se sentiu intimidada em nenhum momento. Disse que queria o conselho envolvido. O que Alex me contou foi que ela recebeu uma ligação e ficou nervosa, precisando sair rapidamente, depois o reitor Carvalho telefonou avisando que a maluca tinha desistido de levar sua acusação adiante.

– Que estranho, não? – Ela voltou a subir as escadas, perdendo outra vez o interesse.

– Mais estranho ainda foi Alex ter encontrado Johnny pouco antes e ele ter dito que daria um jeito naquela confusão.

– Ele disse isso? Como alguém como Johnny poderia resolver um problema como o seu? – Ela riu sem acreditar naquela possibilidade.

– Pois é, mas você tem que concordar comigo que foi estranho Johnny sair daqui daquela forma e simplesmente desaparecer, para, logo em seguida, Anita retirar a queixa,

Chegamos ao seu quarto.

A cama estava desarrumada, deixando claro que ela e Patrício estiveram ali e sabe Deus que tipo de coisas fizeram. Rapidamente senti meu rosto esquentar com tanta força que minhas orelhas arderam. Engoli em seco e preferi sentar no pufe. Ela foi para o *closet* e voltou com várias peças de roupas nas mãos, despejando-as sobre a cama.

– Pense bem, Charlotte. Que tipo de ligação pode ter a professora Anita com Johnny? Nenhuma. Aliás, eu nunca nem poderia imaginá-la em outro ambiente com ele que não fosse a sala de aula. O tempo que passamos juntos no rancho não foi pela necessidade de ela de estar ao lado dos seus alunos para melhor conhecê-los. Você sabe o quanto aquela mulherzinha é pernóstica, e o real interesse da permanência dela no rancho foi pura e simplesmente para esperar uma oportunidade para agarrar Alex.

Concordei sem nada dizer, sentindo o gosto amargo daquela verdade.

– Tudo bem. Não há como ligá-los. Só acho estranho demais a Anita ter desistido quando estava tão decidida a me arruinar. Você tem razão, Johnny deve estar ocupado demais com alguma nova conquista e eu aqui quebrando a cabeça com essa história toda.

– Charlotte, o que importa é que acabou – ela disse animada. – Você vai se formar com honras, está casada com o homem que ama e Anita está, definitivamente, fora do seu caminho.

Será?

– Então, qual dos dois? – Miranda suspendeu os vestidos, alternando-os em frente ao corpo para que eu pudesse opinar. Suspirei.

– O preto.

– Preto? – Olhou-se mais uma vez no espelho, mantendo o vestido à frente do corpo. – Tem certeza? Você não está prestando atenção ao que eu estou falando este tempo todo.

– Estou, sim. Você não está pensando naquela personagem lá daquele filme antigo com o coelho?

– Uma cilada para Roger Rabbit. Eu vou de Jéssica Rabbit e o vestido dela é vermelho.

– Então por que estava em dúvida entre um preto e um vermelho?

– Porque eu ainda não tenho certeza.

Ela bufou e sentou na poltrona me encarando incrédula com minha pouca disposição para acompanhar seu entusiasmo em relação à fantasia que usaríamos no baile de formatura. Na verdade, o motivo que levou Anita a desistir de tentar me impedir de formar continuava sendo uma incógnita, e este fato estava ocupando boa parte dos meus pensamentos.

– E Patrício, o que ele acha de tudo isso? Não consigo imaginá-lo fantasiado do que quer que seja.

– Ele está amando se fantasiar de investigador.

Ela continuava animada. Realmente, o relacionamento deles estava voltando aos eixos e, para Miranda, parecia que o tempo longe um do outro nunca tinha existido. Preferi não voltar a este assunto.

– O par de Jessica Rabbit é o coelho, não?

– Sim, mas Patrício se recusa a se fantasiar de coelho, então vai de Eddie Valiant mesmo. Por mim, tudo bem, desde que ele esteja comigo. – Passou alguns segundos perdida em pensamentos até que retornou à realidade dando um pulo da poltrona. – E você? Meu Deus! Não pensamos em você.

– Ah, tudo bem! Eu ainda não me decidi. No meio desta confusão toda, me esqueci de conversar com Alex sobre o assunto. Acredito que ele já saiba como quer se fantasiar. Vou simplesmente tentar segui-lo.

– Que horror! Com a criatividade do nosso professor, eu até consigo imaginar do que irão se fantasiar.

Olhei para a minha amiga e sorri largamente.

– Você nem faz ideia da criatividade do meu marido. Se formos levar por este lado, acredito que vamos fantasiados de Sr. Grey e Anastácia.

Miranda arregalou os olhos, sua boca fazendo um “oh” que quase me fez gargalhar.

– O quê? Ele te bate? Ele te prende naquelas algemas e usa o chicote... Meu Deus! Não pensei que a história do vibrador...

– Não! – respondi agitada. Conhecendo a minha amiga como conheço, eu nunca deveria ter feito uma brincadeira como aquela. – Pelo amor de Deus! – Ri meio sem graça, já sentindo meu rosto esquentar consideravelmente. – Quer dizer... já fizemos algumas brincadeirinhas... nada que se compare ao livro. Esqueça. Eu quis apenas brincar com você sobre a capacidade do Alex de ser criativo. Esqueça!

– Como você pode saber? Nunca teve ninguém, nem uns amassos no corredor da escola enquanto todos estavam na aula. Nada de amassos no sofá de casa, mão boba no carro...

– Ok! Já entendi. O que importa é que Alex é um homem incrível e isso é suficiente para mim. Aliás, antes que você venha com mais gracinhas: ele é mais do que suficiente. Ele é perfeito. Maravilhoso! Sem comparação com qualquer personagem que eu já tenha imaginado em toda a minha humilde vida inexperiente.

– Se sonhos eróticos com personagens fictícios contarem, você já é mais experiente do que eu. – E começou a rir.

Eu não conseguia ficar aborrecida com Miranda por muito tempo, muito menos quando ela me distraía de uma situação muito pior do que a minha falta de experiência sexual antes de Alex entrar em minha vida, então ri junto,

me deixando levar pela conversa sobre fantasias, baile de formatura e tudo o mais que ela quisesse falar, mas, lá no fundo, bem lá no fundo, Anita ainda me consumia.

Meu celular tocou no momento em que eu me despedia de Miranda. Achei que fosse Johnny querendo me explicar o que estava acontecendo, quando olhei o visor verificando ser Alex. Um misto de sentimentos me dominou. Uma parte muito feliz e quente por ser meu marido maravilhoso a me ligar, o que indicava que ele já estava livre para mim, a outra angustiada e ansiosa.

Sim, eu não conseguia superar aquela história. Porra! Ou Alex estava me escondendo alguma informação, ou Anita estava aprontando alguma. E nenhuma das duas hipóteses me deixava confortável.

– Oi, amor! – Tentei continuar leve, já que havia dito que, independentemente do que acontecesse, nós ficaríamos bem, e eu estava determinada a fazer com que realmente fosse assim.

– Já está em casa?

– Não, chego em alguns minutos. – Coloquei a mala na cabine, deixando que Miranda colocasse outra enquanto eu voltava para buscar mais uma. – Quer alguma coisa da rua?

– A minha esposa. De preferência nua, deitada em nossa cama e aguardando por mim.

Dei risada, sentindo o quanto aquelas palavras me deixavam quente.

Alex estava se mostrando insaciável, o que me animava um pouco, afinal de contas, estávamos em lua de mel.

– Onde você está? Como foi a reunião? Trabalhou muito hoje? Tem alguma novidade, algo que queira me contar?

Eu sabia que não poderia pressionar Alex, nem acusá-lo de estar omitindo alguma informação, muito menos demonstrar o quanto aquele assunto mexia comigo.

– Conto tudo depois que te beijar, amor.

Eu não sabia se ele tentava me enrolar para amenizar minha dor ou se estava realmente feliz com o problema resolvido.

– Então acho que vou dirigir o mais rápido possível.

– Tudo isso para saber como foi a reunião ou para me cercar de perguntas?

– Não. Tudo isso para poder tomar um banho, deitar nua em minha cama e beijar o meu professor da maneira como imaginei o dia todo – falei baixinho para que minha amiga não me ouvisse, aproveitando que ela estava debruçada sobre a mala do carro.

– Imaginou? E posso saber como foi?

– Quente! – Sorri enquanto Miranda se aproximava para tirar a mala de minha mão e levá-la para o carro.

Ela revirou os olhos ao ver o meu rosto corado e meu sorriso bobo.

– Posso imaginar como deve ter sido essa sua imaginação fértil. – A voz rouca do meu marido me deixava ainda mais ansiosa.

– Você vai demorar muito ainda?

- Só o tempo do seu banho, amor.
- Tá certo. – Abracei mais uma vez Miranda e entrei no carro. – Vou ser breve.
- Nada de banheira – o tom debochado de sua voz me alertou.
- Por quê?
- Nada de cochilo na hora do banho, Charlotte. – Ele riu e eu tive vontade de me trancar no banheiro só por causa da sua brincadeira.
- Não tem graça, professor Frankli.
- Charlotte, amor! – ele gemeu meu nome, deixando-me acesa. – Sabe o quanto eu adoro quando me chama assim?
- Assim como? – Tomei cuidado para manter a atenção necessária para dirigir e continuei levando o carro a uma velocidade mínima.
- Como minha aluna predileta.
- Ah, é? – Mordi os lábios deleitada com aquela conversa, apesar de que, lá no fundinho da minha mente, eu sabia que Alex tentava me enrolar.
- Você tem dúvidas?
- A respeito de eu ainda ser a sua aluna predileta? Algumas.
- Charlotte! – Ele continuava com a voz rouca, repleta de desejo. Até a sua advertência me deixava excitada.
- Teremos aula hoje, professor?
- Vai depender do que a minha aluna tem para me oferecer.

– E o que você quer como pagamento? Eu não tenho nada além do meu humilde corpo, será que dá para pagar por algumas horas de aula particular?

– Seu corpo? – Ele fez silêncio e eu podia visualizar aqueles olhos penetrantes queimando em mim. Uma delícia! – Ah, Charlotte! Seu corpo é um excelente pagamento.

– Então acho que posso exigir um pouco mais do meu professor.

– Tudo o que você quiser, amor. Tenho que desligar porque não dá para estar em um lugar público tentando conter uma ereção.

– Onde você está?

– Logo, logo, chego para cobrar o meu pagamento. Amo você! – E desligou.

Sorri mesmo sabendo que o que viria após a minha aula particular poderia colocar tudo a perder, mas quem conseguia pensar em problemas sabendo que, em alguns minutos, estaria com Alex, fazendo amor e aprendendo um pouco mais? Sempre um pouco mais.

ALEX

– Charlotte? – Fechei a porta, sentindo-me completamente leve. – Amor, já estou em casa.

Falei para o lado da cozinha e, como não recebi resposta, fui em direção à sala. Um sorriso brincou em meus lábios ao imaginá-la exatamente como havia sugerido: nua, em nossa cama, me aguardando.

– Charlotte? Estou subindo! – brinquei enquanto alcançava os degraus da escada que me levaria ao seu encontro.

Cheguei ao quarto e não a encontrei. O carro dela estava na porta de casa, o que me levava a crer que minha esposa deveria estar em algum lugar ali dentro. Fui até o banheiro, abrindo a porta. Vazio. Caminhei até o *closet*, lá ela também não estava.

– Charlotte? – Fiquei mais preocupado do que deveria, afinal de contas, se algo tivesse acontecido, ela teria me avisado.

Entrei no quarto ao lado, o que eu utilizava quando minha esposa começou a frequentar aquela casa, e reconheci ali algumas coisas que provavelmente faziam parte do que ela havia buscado na sua antiga casa, como o aparelho de som cor-de-rosa. Sorri.

– Amor, onde você está? – Cortei o corredor, conferindo o outro quarto e a pequena sala que ficava ao sul da casa e não a encontrei. – Aonde você se meteu? – sussurrei mais para mim do que para ela onde quer que estivesse.

Peguei o celular para conferir que não havia nenhuma mensagem.

Desci de volta à sala e migrei em direção ao escritório. Como não a encontrei, fui à cozinha, conferindo ali algumas compras recentes. Abri as portas que levavam à área externa e saí olhando para todos os lados.

– Deixe de ser exagerado, Alex! Ela pode ter esquecido de comprar alguma coisa ou ter ido à farmácia... Logo, Charlotte estará de volta.

Fechei as portas e voltei ao nosso quarto decidido a não enlouquecer com o sumiço da minha esposa. Aproveitei para tomar banho e colocar roupas limpas e confortáveis. Quando deixei o *closet*, vi minhas esperanças morrerem ao conferir o silêncio da casa. Peguei o celular determinado a acabar com aquele mistério.

– Pode até me chamar de neurótico, mas não vou me conformar com um sumiço como este e ficar aqui de braços cruzados.

Enquanto discava o número, desci ao térreo em busca de um copo com água. Foi quando ouvi o trinco da porta sendo destravado. Pode parecer estranho, mas a simples forma como ela abriu a porta me deixou alerta. Alguma coisa estava errada.

CHARLOTTE

O que eles estavam escondendo, eu não consegui descobrir. Minhas pernas ainda tremiam e minha cabeça era pura confusão quando finalmente Miranda me deixou na porta da minha nova casa, prometendo tentar descobrir alguma coisa. Olhando do lado de fora, nenhuma movimentação era percebida, mas o carro do meu marido, acomodado na garagem, denunciava sua presença, o que me fez lembrar que eu ainda não tinha a chave da garagem... ou tinha?

Não conseguia lembrar se Alex havia comentado alguma coisa sobre uma daquelas chaves, que me entregara logo na nossa primeira manhã, era a que me daria acesso ao local onde eu deveria guardar o carro dali em diante. Abri a porta ainda tentando organizar meus pensamentos, quando ele me surpreendeu.

– Charlotte? Onde esteve?

Pisquei algumas vezes com a luz antes inexistente, machucando meus olhos. Alex havia acendido a lâmpada da primeira sala, assustando-me.

Olhei meu marido e senti que toda a tensão de antes me dominaria por completo, pois era nele que eu encontrava a força necessária para continuar, no entanto, era com ele que eu me sentia melhor para ser frágil e era o que eu precisava naquele momento.

– Alex! – Suspirei, passando as mãos pelos cabelos embaraçados. Mordi os lábios sem saber por onde começar e como relatar uma situação tão confusa. – Eu... minha mãe... – Puxei o ar e ele me lançou um olhar de quem sabia o que acontecia. Mas como? – Lana te ligou? Patrício?

Suas sobrancelhas se juntaram, revelando sua confusão. Pudera, eu não conseguia ser nada além de confusa.

– Não. O que houve? – Com poucos passos, ele me alcançou, tomando-me em seus braços. – Você está bem? Onde estava? Por que saiu sem o carro?

Encostei o rosto em seu peito, sentindo o cheiro delicioso do seu perfume. Alex estava fresco, recém-saído do banho, pele levemente fria, cabelos molhados... seus braços ao meu redor como se pudesse me proteger do mundo, sem saber que, naquele momento, eu precisava me proteger de mim mesma. Antes que conseguisse conter, as lágrimas caíram.

– Charlotte! – Levantou meu rosto para constatar o choro e então este chegou com tudo o que tinha direito. Sem saber o motivo para tanto desespero, apenas chorei o medo que senti naquele final de dia. – Amor! – Alex voltou a me segurar em seu peito, acariciando meus cabelos. – O que aconteceu?

– Eu estava aqui quando Miranda me ligou. – Funguei, tentando encontrar equilíbrio para continuar. – Parece que foi tudo um mal-entendido, mesmo assim, eu fiquei muito assustada e agora eles simplesmente avisaram que precisaram viajar, assim, sem mais nem menos, outra vez. Dá para entender? Eles deveriam estar longe e só voltar amanhã, só que voltaram mais cedo e vão viajar outra vez. Papai disse que foi uma emergência, que não foi

possível evitar, pois alguma coisa aconteceu em outra unidade, eu não sei ao certo, eles foram no avião do hospital. Quando perguntei por mamãe, ele disse que ela estava dormindo, mas não consegui me sentir melhor, sei que é bobagem, porém, depois do que aconteceu, precisava falar com ela e ter certeza de que estava tudo bem...

– Calma! Você está falando rápido demais e misturando as coisas. Seus pais viajaram sem avisar e isso a deixou nervosa?

– Não. Eu estava aqui quando Miranda ligou...não consegui dirigir, estava muito nervosa e, quando chegamos lá, não os encontramos.

– Charlotte, você está confusa. Por que Miranda ligou e você ficou nervosa?

– Patrício tinha acabado de chegar quando Lana ligou contando que estava no hospital porque precisou levar uma funcionária da editora que entrou em trabalho de parto antes da hora. Ela entrou pela emergência e aguardou até que tudo estivesse resolvido. Quando estava saindo, já quase em seu carro, avistou outro carro chegando apressadamente e viu quando meu pai saiu dele pedindo ajuda, logo depois, dois enfermeiros chegaram com uma maca para retirar minha mãe desacordada. Quando ela os reconheceu, tentou se aproximar, mas foi tudo rápido demais e eles entraram correndo sem que ela tivesse chance de entender o que estava acontecendo.

Alex puxou o ar com força e seu rosto ficou tenso, seus olhos eram puro sofrimento. Eu não sabia se ele se preocupava comigo ou com minha mãe, como não queria parar para pensar, continuei.

– Lana ligou para Patrício e comentou com ele e foi assim que Miranda ficou sabendo. Eu não consegui dirigir, minhas mãos tremiam muito, então ela veio me buscar, só que, quando chegamos ao hospital, não os encontramos,

não havia registro de entrada, nem nada que alguém pudesse me esclarecer. Conversei com o Dr. Marconi, o diretor, ele me disse que não viu papai por lá.

– Lana tem certeza de que eram eles?

– Sim. Ela disse que não havia como confundir e que, inclusive, um dos enfermeiros falou o nome do meu pai.

– E você não os encontrou no hospital – afirmou, me olhando atentamente nos olhos, como se estivesse conferindo alguma coisa ou me escondendo algum detalhe importante.

– Não.

Alex soltou o ar dos pulmões como se tal informação lhe trouxesse alívio.

– Então eu liguei para papai e ele me informou que precisaram viajar e não conseguiram me avisar a tempo. Disse que era bobagem, apenas um problema para resolver e que não queria atrapalhar a nossa lua de mel.

– Então? – Ele correu suas mãos pelas laterais dos meus braços. – Amor, no momento, a única coisa que podemos fazer é acreditar em seu pai. Se ele disse que nada está acontecendo, deve ter um motivo muito bom para isso.

– O quê? Você acha...

– Charlotte, eu não acho nada. Aliás, acho, sim. Acho que você precisa de um banho, uma comida gostosa e assistir a um filme comigo, sei lá, qualquer coisa que a tire deste estado – Sem poder impedir, algumas lágrimas voltaram a cair. – Contra algumas coisas da vida, nós nada podemos fazer além de aceitar.

E eu soube, pela forma como ele me olhou, que alguma coisa estava mesmo errada, porém eu nada saberia até que chegasse a hora.

– Tudo bem.

Levantei o braço para limpar as lágrimas, Alex foi mais rápido, com as mãos carinhosas, secou meu rosto e depois beijou meus lábios com doçura. Não havia como não me sentir protegida e amada.

– Quer que eu prepare seu banho?

Eu ia negar, até porque não era certo que ele se ocupasse de mim quando, mais uma vez, eu precisaria tentar encontrar a maturidade, no entanto, novamente, ele conseguiu evitar qualquer reação minha.

– Posso te ajudar com as costas. – Beijou levemente meu rosto. – E cuidar de você para que não caia no sono de novo.

Sorri. Alex era divino no quesito “ludibriar a esposa”.

– Certo. – Sorri timidamente e me deixei ser conduzida até nosso banheiro.

Alex me deixou sentada na pequena escada de três degraus que dava acesso à banheira e tratou de providenciar o necessário para o banho. Enquanto aguardava que a água fosse suficiente e estivesse na temperatura certa, parou diante de mim, começando a desabotoar os botões da minha camisa, lentamente e um por um, até deixá-la escorrer pelos meus ombros. Depois abaixou e soltou o laço do cadarço do tênis, auxiliando com a mão em minha panturrilha, para que eu ficasse descalça.

Sem demonstrar segundas intenções, escorregou meu jeans pelas pernas, seus dedos longos me causando calafrios e me deixando constrangida, afinal de contas, há poucos minutos, eu estava chorando por não saber o que estava acontecendo com a minha mãe, então, pensar nos dedos quentes do meu marido em minha pele sensível era algo inapropriado para o momento.

Como se pudesse ler meus pensamentos, ele olhou para mim, me presenteando com um sorriso discreto, o mais safado de todos que já vi, até porque seus olhos eram inocentes e seus gestos apenas carinhosos, sem malícia. Sua única representatividade era aquele sorriso de quem sabia o que fazia e, principalmente, que conhecia a minha reação mesmo que disfarçada.

– Está com frio?

Levantou sem desviar os olhos dos meus. Senti que a vermelhidão, antes concentrada em minhas bochechas, se expandia em direção às orelhas e pescoço, pois minha pele estava completamente arrepiada, apesar de o frio ser inexistente.

– Um pouco. – Engoli em seco ciente de que a mentira fora desmascarada em seu primeiro milésimo de segundo.

Ele sorriu ainda mais e passou um dedo de cada mão pelas alças do sutiã, como se brincasse. Correndo-os pelas minhas costas, logo iniciaram o trabalho de desprendê-lo do meu corpo, deixando-me seminua e ainda mais envergonhada, o que deveria ser uma piada, já que aquele homem era o meu marido e ficar nua na presença dele já era algo corriqueiro.

Quebrando o contato visual, Alex se abaixou e começou a retirar minha calcinha. Mordi o lábio inferior contendo um gemido. Realmente, todo o problema de outrora ficou esquecido em algum lugar da minha mente. Se esta era a intenção do meu marido, ele conseguiu. Merecia aplausos.

– Venha – sussurrou, segurando minha mão e me levando até a banheira, onde entrei prontamente.

Alex retirou a camisa e a calça de moletom que usava, depois, como se não estivesse fazendo nada de mais, deixou a cueca no chão e entrou na banheira para me acompanhar, sentando-se às minhas costas. Evitei olhar em sua direção, então mantive as vistas na água.

– Relaxe! – A voz era baixa, então me puxou de encontro a seu peito me envolvendo com seus braços. – Vou cuidar de você.

Era uma promessa velada, como se, com aquelas palavras, Alex estivesse me dizendo que o mal nos alcançaria, porém ele permaneceria ao meu lado. Estremeci. Não mais de desejo e sim de medo. O que ele sabia que eu não podia saber?

– Talvez eu devesse ligar de novo. Quem sabe mamãe já acordou?

– Depois do banho, Charlotte. – Com voz suave e tranquila, ele tentou me fazer esquecer. Era possível? – Apenas relaxe e me deixe cuidar de você.

Pegando uma esponja, ele despejou um pouco de sabonete líquido e esfregou em meus braços. Fechei os olhos, permitindo que ele me lavasse, sem resistir ou me deixar levar pela suave carícia, apenas deixando que o movimento ritmado e a água conseguissem levar de mim qualquer angústia e tornasse tudo mais plácido, mais terno.

Afinal de contas, era para ser como ele sugeriu, deveríamos confiar e acreditar no que meu pai havia dito. Tudo podia ser mais uma fantasia da minha cabeça infantil agravada pela tensão dos últimos dias. Era muita coisa para uma cabeça só.

Alex cumpriu sua promessa e cuidou de mim, sem ultrapassar as barreiras, apesar de em muitos momentos eu desejar que ele o fizesse. Esfregou minha pele, massageou meus ombros, lavou meus cabelos e me deu muitos beijos que cumpriram seu papel amnésico. Tudo acabou rápido demais e ele logo levantou e me envolveu com um roupão aveludado, não antes de enrolar uma toalha em sua cintura, escondendo, ou tentando esconder, o quanto ele também não queria que aquele banho acabasse daquela forma.

Suspirei alto o suficiente para fazê-lo sorrir e me fazer corar.

– O que quer vestir?

Pegou uma toalha para me ajudar a secar os cabelos, como se não tivesse me lançado um olhar absurdamente lascivo, segundos antes.

– Posso vestir meu pijama cor-de-rosa e minhas pantufas?

Ele riu atrás de mim e me deu um beijo no pescoço, mantendo meus cabelos presos em sua mão.

– Não.

– Por quê? São confortáveis.

Sua negativa fez com que o meu próprio corpo rejeitasse a ideia, já que significava que meu marido tinha outros planos para nós dois.

– Porque... – Suspirou e depois riu. – Porque eu não quero, Charlotte. Vista um vestido leve.

– Se não posso escolher, por que perguntou?

Ele depositou outro beijo em meu pescoço e depois mordeu a pele sem fazer pressão de fato, apenas o suficiente para deixar seu recado.

– Porque eu quis.

– Você é um chato – brinquei, me desprendendo do seu domínio e tomando a toalha para finalizar seu trabalho.

– Sou?

– É, sim.

Meus olhos traidores vagaram pelo seu peitoral e abdômen tão bem definidos. Mordi o lábio inferior desejando que, naquele momento, ele apenas quisesse me punir.

– Então serei um cara legal.

Deu um passo em minha direção, me encarando daquela maneira safada que apenas o meu professor sabia fazer. A mesma que me enlouquecia fazendo-me esquecer do mundo.

– Vou deixá-la escolher a calcinha. – E piscou divertido, saindo do banheiro.

Ainda fiquei parada, perplexa, sem acreditar no quanto Alex conseguia me distrair. Naquele momento, eu apenas pensava no que ele estava pretendendo e, antes que pudesse me recriminar, me vi pensando no que eu teria para usar que o incentivaria a continuar.

Quando, finalmente, tomei coragem para sair do banheiro, depois de desembaraçar os cabelos molhados, secá-los apenas para não facilitar com a saúde, passar hidratante no corpo e me olhar atentamente, decidindo se já estava na hora de iniciar o antirrugas, ele não estava mais em nenhum lugar do quarto.

Fiquei um pouco desapontada, pois esperava que Alex estivesse na cama, prontinho para o bote, como havia sugerido mais cedo, antes de tudo acontecer. Que droga! Eu não devia pensar neste detalhe. Foi o suficiente para me esmaecer outra vez.

CAPÍTULO 07

“O maior erro que você pode cometer é o de ficar o tempo todo com medo de cometer algum.”

ALEX

Fechei a porta do quarto apenas para ter algum indicativo da sua presença quando Charlotte resolvesse descer. Com o celular na mão, eu me perguntava até quando seria justo mantê-la desinformada?

Quando Peter me procurou para confidenciar o estado de saúde da sua esposa, eu concordei em manter segredo e até mesmo em colaborar para que Mary tivesse dias perfeitos ao lado da filha. Claro que também havia o meu próprio interesse em ter Charlotte para mim, no entanto, nunca parei para pensar em como aquilo tudo a afetaria quando descobrisse.

De verdade, só entendi a profundidade daquela situação para a minha esposa quando a vi parada a minha frente, pálida e trêmula, assustada com o que poderia ser uma mentira. Infelizmente, não era. E eu sabia.

Piorou muito a minha apreensão quando a vi chamá-los de “papai” e “mamãe”, como uma criança perdida, abandonada e amedrontada. Não eram mais “meu pai” e “minha mãe”, ou “Peter” e “Mary”, como dizia em seus momentos mais maduros, e ali, naquele instante, eu soube que Charlotte não estava pronta para perder a mãe.

E eu estava colaborando com a farsa. Ajudando a esconder dela algo tão sério e grave. Merda!

– Alô?

– Peter? É Alex.

– Como vai? – Ele mantinha a voz firme, como se temesse revelar alguma coisa.

– Nada bem. Charlotte está muito nervosa. Quero saber a real situação de Mary.

Ele hesitou.

– Charlotte está com você?

– Não. Mas logo estará, então seja rápido e objetivo.

– Temos pouco tempo agora.

Por um segundo, pensei que a sala foi tomada pela penumbra da noite. Minhas vistas escureceram e voltaram à claridade. Encostei-me na parede buscando apoio.

– Quanto tempo?

– Não sei precisar, estaremos na formatura. Conseguiu resolver tudo?

– Sim. – Olhei para a escada, sentindo-me miseravelmente egoísta. Seria justo tirar de Charlotte aqueles poucos dias? – Onde vocês estão?

– Fazendo alguns exames. Vamos modificar a medicação, algo para ajudá-la a suportar a dor. – Sua voz sofrida fazia com que meu coração batesse fraco.

Aquela era uma situação que eu esperava nunca precisar passar. A angústia de perder quem se ama, de lutar e ser derrotado pela morte. Engoli em seco.

– Charlotte precisa saber, Peter.

– Ainda não. – Não foi uma ordem, somente um pedido de um pai sofrido e amedrontado. – Dê-me só mais um tempo, Alex. Até a formatura. Ela precisa ter este momento, depois contamos.

– E se Mary não... – Não tive coragem para completar a frase. Era triste demais.

– Ela vai conseguir. Nós estaremos aí e então contaremos a verdade a Charlotte.

Suspirei e ouvi a porta abrindo.

– Tenho que desligar agora. Por favor, me mantenha informado.

– Pode deixar.

Seus passos leves pela escada foram o suficiente para me fazer desligar e atirar o aparelho no sofá. Então Charlotte entrou na sala, usava um vestido azul curto e solto, que ficava incrível em sua pele tão clara. Os cabelos úmidos desciam pelos ombros e finalizavam na cintura fina e bem feita. Ela me olhou expectante e eu senti o coração afundar por ter que continuar sustentando aquela mentira.

– O que quer comer? – perguntei mais para me distrair do que pela necessidade de comer.

– Não sinto fome – ela murmurou sem se aproximar. – Com quem estava falando?

Fiquei meio alarmado, porém consegui manter a postura.

– O agente da Tiffany. Pedi para ele procurar Lana.

Ela estreitou os olhos desconfiada da veracidade, ou incomodada pela minha relação, mesmo que profissional, com Tiffany. Encarei minha esposa, tentando não deixar transparecer a farsa.

– E então, o que vai ser?

– Como eu disse, não tenho fome. – Charlotte suspirou, desviando o olhar. – Mas, como sei que não vai me deixar ficar sem comer, pode escolher por mim.

– Charlotte? – Fui até ela, tomando-a nos braços. O aperto em meu peito era grande e esmagador. – Amor, só quero que fique bem.

Ela me envolveu com seus braços e descansou a cabeça em meu peito.

– Eu sei. Desculpe! Vou ser uma boa menina. – Ergueu o rosto, me oferecendo os lábios que tomei de bom gosto.

– Acho que sei exatamente o que posso fazer para mudar seu humor.

Coloquei Charlotte sentada no sofá, liguei o som, deixando uma música lenta preencher o ambiente e, com um beijo terno, saí para a cozinha, onde encontraria tudo o que precisávamos para aquela noite.

Em uma panela com água, despejei batatas ainda com a casca e coloquei para cozinhar. Escolhi um vinho branco, um *Fendant do Valais*, da minha pequena adega, peguei duas taças e servi para levar a minha esposa. Ela estava onde a deixei, o rosto continuava preocupado, mas sorriu quando me aproximei.

– Vamos jantar vinho?

– Não. Vamos começar com o vinho. Vá aproveitando. Já volto.

Encontrei o *raclette* no armário, assim como todos os acessórios necessários. O queijo, de mesmo nome, estava cortado na geladeira, acrescentei algumas azeitonas, tomate, cebola, pickles, pimenta calabresa, pepino em conserva, páprica doce e picante, retirei da geladeira uma bandeja de frios, já preparada, e comecei a levar tudo para a mesinha de centro que havia diante da minha esposa. Ela me olhou com curiosidade ao ver as vasilhas que espalhei pelo tampo de vidro.

– Já volto – informei, colocando uma azeitona em sua boca e saindo para buscar o restante das coisas.

Voltei com o *raclette*, equilibrando mais algumas vasilhas, os pratos e talheres. Arrumei tudo na pequena mesa sob o olhar atento da minha esposa, que sorria levemente, verificando tudo o que eu fazia.

– Só falta mais uma coisinha.

Pisquei, voltando para buscar minha taça.

– Estou ficando curiosa. O que é isso aqui? – Apontou o aparelho sobre a mesa.

Sorri largamente.

– Sêrio que uma garota viajada, herdeira de um superpatrimônio, não sabe o que é um *raclette*?

– Mandei mal?

Fez uma careta engraçada, colocando uma mecha para trás da orelha e encarando a taça em sua outra mão. Ficava linda vermelha como estava.

– Não! Só achei estranho. Pensei que não seria nenhuma novidade. Você conhece a Suíça, não?

– Passei alguns dias lá.

Tomou um gole do vinho visivelmente envergonhada.

– Então... – Sentei no chão, ajustando o *raclette* para ligá-lo. – Não aproveitou a culinária suíça? Eu estive três vezes no país e confesso que fiz tudo que um bom turista deve fazer. – Sorri para animá-la. – Também é normal encontrar na França e em outros lugares.

– Eu nunca fui muito de me inserir no mundo glamouroso dos milionários. – Baixou o olhar como se tal fato fosse absurdo. – Eu gosto de viajar, conhecer lugares diferentes, culturas diferentes, nunca lugares muito badalados ou onde pudesse ser o centro das atenções. Nunca gostei de ser reconhecida pelo que tenho, e sim pelo que sou. Na verdade... – Olhou para os lados e tomou mais um gole de vinho. – Sempre tive medo das relações que eu poderia ter por causa do dinheiro da minha família e, por isso, sempre evitei me expor em lugares onde eu seria vista assim. Claro que estive, muitas vezes, em lugares refinados, a posição do meu pai exige isto de mim, sempre quando era realmente necessário. Não conheço o *raclette*...

– *Raclette* – completei.

– Isso. O *raclette*. Desculpe! Quando estive na Suíça, me acabei no *fondue*.

Sorriu tão lindamente que me deixou ainda mais apaixonado.

– Eu gosto de *fondue* também, mas o *raclette* tem um charme especial. Posso começar a preparar?

– E o que é?

– Queijo e batata... Hum, esqueci as batatas.

Ri e Charlotte me acompanhou divertida. Beijeí minha esposa e saí em busca das batatas.

Despejei em uma vasilha com água fria, apenas para quebrar a temperatura, depois retirei e coloquei em um prato, levando até onde estava minha esposa. Ela já comia um pouco do que estava disposto na mesa.

– E então? Como comemos?

– É fácil. Coloque uns pedaços de queijo nestas pás e leve até o *raclette*, assim. – Fiz como indiquei e Charlotte me imitou. – Enquanto esperamos o queijo derreter, podemos descascar uma batata. – Peguei a minha, fazendo o processo depositando a casca em outro pratinho. – Pode escolher o que achar melhor para acompanhar. Eu gosto de cebolas em conserva, pickles, azeitonas e pimenta, mas vale experimentar com um pouco de tudo.

– Deve ser gostoso. – Ela sorriu, pegando presunto, azeitonas, pepino em conserva e tomate. – Tem que esperar muito para derreter?

– Na verdade, ele vai esquentando e, quando chegar na segunda ou terceira porção, fica mais rápido. Sente-se aqui comigo.

Segurei sua taça para que ela pudesse se sentar ao meu lado e bebemos mais um pouco de vinho.

– Está parecendo um programa de namorados – ela disse, acomodando-se em meu peito.

– E é. Não foi você quem disse que queria viver essa experiência? Que queria ser a namorada, a noiva e depois a esposa? Então... só invertemos a ordem.

Minha esposa riu, um som infantil e maravilhoso para meus ouvidos.

– Vamos fazer amor aqui no chão como dois adolescentes apaixonados?

Eu ri, puxando-a para um beijo quente.

– Vamos fazer amor onde você quiser, linda! – Voltamos a nos beijar, mas foi preciso interromper. – Antes, precisamos comer.

Retirei as duas pás com o queijo já derretido e despejei em meu prato e no de Charlotte.

Ela cortou um pedaço, misturou com alguns complementos que já estavam em seu prato e, sem nenhum medo, levou uma quantidade à boca. Fechou os olhos e sua expressão foi de puro prazer, sentindo a mistura de sabores. Eu, particularmente, adorava queijo e o *raclette* era um dos meus favoritos, por isso fazia questão de ter sempre um pedaço em casa.

– Muito bom, Alex! O queijo é excelente!

Buscou mais um pouco da comida em seu prato.

– Um dos melhores.

Comemos conversando sobre o sabor, o vinho, a música, namoramos com muito carinho e ela logo estava completamente esquecida da situação dos pais. Tanto melhor, afinal de contas, o que enfrentaria em futuro próximo não seria nada fácil.

CHARLOTTE

– Espere, Alex!

Estávamos nos beijando daquela maneira que dizia muito do que aconteceria, com suas mãos me percorrendo, tentando subir meu vestido e fazer de mim o que bem quisesse. O vinho tinha o poder de me deixar

confortável até demais, no entanto, eu precisava saber o que o destino me reservava.

– Amor. – Ri quando tentei afastá-lo e ele resmungou, correndo os lábios pelo meu pescoço. – Você ainda não me falou se tem alguma novidade sobre o problema com a faculdade.

Alex levantou o rosto e sorriu.

– Já contei tudo. – Acariciou meu rosto sem perder aquele olhar apaixonado. – Está tudo bem. Anita retirou a queixa e você vai se formar. Pronto. Resumido e com um final feliz. Podemos continuar?

Ri da facilidade com que ele tratava um assunto tão sério.

– Alex! – Forcei para que se afastasse e consegui sair de debaixo do seu corpo. – Como assim Anita retirou a queixa? Isso não o deixou perturbado? Ela estava tão rancorosa, o que a fez voltar atrás? Tenho até medo de imaginar o que mais ela pode estar aprontando.

Ele me olhou e, por breves segundos, uma situação se formou em minha mente.

– Você não... Alex? – Me afastei ainda mais, sentindo meu corpo tremer. – O que você fez? Você...

– Deixa de ser maluca, Charlotte! – Riu, me segurando com força para não permitir que eu escapulisse. – Eu jamais faria qualquer bobagem para persuadir Anita.

Encarei seus olhos para tentar pegar qualquer resquício de mentira. Não havia.

– Amor, eu amo você! Só desejo você. – Mais uma vez, conseguiu ficar por cima me forçando a deitar e alcançando meu pescoço para me dar mais um pouco de sua tortura deliciosa. – Só quero você, Charlotte Frankli.

Charlotte Frankli. O nome brincou em minha mente, me distraindo por breves segundos. Sim, eu era a senhora Frankli. A esposa do lindo, maravilhoso e bem-sucedido Alex Frankli. Apesar de sempre me sentir orgulhosa por ser uma Middleton, eu me sentia completa e realizada por ser uma Frankli.

– Acho bom! – Não havia mais raiva, nem dúvidas, só a vergonha por ter pensado aquilo dele. – Não quero ninguém colocando as mãos no que é meu.

– Isso mesmo. Defenda o que é seu, meu amor. Porque é o que eu sou, um homem a seus pés. Um escravo das suas vontades. Um servo que te seguirá para onde for e um amante cheio de desejo. Faça amor comigo, Charlotte – sussurrou sua súplica e meu corpo incendiou. – Vamos conversar sobre este ou qualquer outro assunto depois. – Recomeçou as carícias, subindo as mãos pelo meu vestido.

– Tem certeza de que não teremos mais problemas?

Minha voz rouca indicava que estávamos bem perto de deixar o assunto morrer, se não fosse pela sensação estranha de sentir meu marido reter as minhas mãos que vagavam pelas suas costas.

– Ou teremos?

Alex levantou o rosto e me encarou.

– Acho que somos jovens demais para acreditarmos que não teremos mais problemas. – E sorriu lindamente. – Só posso garantir que estarei aqui para lutar por você, Charlotte. E também para acalmá-la, confortá-la, ser o que você precisar.

– Obrigada! – Um nó em minha garganta me incomodava, porque era lindo ouvi-lo falar daquele jeito e algo dentro de mim dizia que estávamos cada vez mais perto daquela realidade que ele traçava. – Eu também estarei aqui por você.

– Eu sei. Quer mais vinho?

Também entendi que o clima modificou e que precisaríamos recomeçar. Por isso, sinalizei com a cabeça confirmando desejar o vinho oferecido e me ajeitei no chão quando ele se afastou para buscá-lo. Alex serviu as taças e me entregou a minha. Bebemos em silêncio enquanto eu pensava em como salvar nossa noite.

Eu podia encerrar tudo e dormir pensando nos problemas que não encontraria respostas, em como Alex conseguiu fazer com que Anita desistisse de me destruir, em como poderíamos nos manter longe das loucuras de Tiffany, nas mentiras dos meus pais, do que o meu marido tanto me escondia. Eu podia simplesmente passar a noite pensando naquilo tudo e, no final, quando o sol voltasse, eu estaria na mesma ou até pior.

Ou poderia, simplesmente, não pensar. Esquecer o que deveria ser temporariamente esquecido e aproveitar a noite maravilhosa que Alex me oferecia. Deixar que ele me proporcionasse o melhor de nós dois. Afinal de contas, eu queria que tudo desse certo. Queria fazer amor, senti-lo em mim e desfrutar de tudo o que seu corpo poderia me proporcionar.

Foi pensando assim que decidi. Eu esqueceria e faria amor com meu marido. Engatinhei na direção dele, que parou para me observar. Subi em seu colo, me acomodando em seus quadris. Logo, sua mão livre estava em minhas costas, descendo até a bunda e se ocupando em acariciá-la.

– Faça amor comigo, Alex – sussurrei bem próxima a sua boca a mesma súplica, com o acréscimo do meu sexo roçando levemente o dele.

Ele bebeu um longo gole do seu vinho, sem tirar os olhos de mim e depois colocou a taça mais afastada de nós dois para então me dar toda sua atenção. Com o polegar, acarinhou meus lábios, contornando-os com desejo. A outra mão foi até minha coxa, acompanhando meus movimentos leves e sensuais.

– Sempre, Charlotte!

A afirmação chegou repleta de devoção, como se não houvesse dúvidas a respeito da sua promessa. Alex estaria sempre ali por mim, para atender às minhas vontades e aplacar meus anseios.

Nossos lábios se juntaram em um beijo orquestrado. Delicioso! Todos os nossos movimentos eram ritmados. Suas mãos em minhas coxas, avançando pelo vestido, nossos quadris se encontrando, se apertando em luxúria, e nossa língua bailando maravilhosamente, enchendo-me de desejo.

Passei as mãos pelo seu peitoral, levando comigo sua camisa. Alex não se opôs, pelo contrário, assim que se viu livre do tecido, tratou de retirar meu vestido, deixando-me apenas com a calcinha minúscula. Seus olhos focaram em meus seios ao mesmo tempo em que sua mão se apossou de um deles, pressionando o monte macio enquanto seus lábios cuidavam do outro.

Gemi. Era impossível pensar em me conter tendo a boca de Alex em mim, sugando o bico endurecido pelo prazer e brincando com a ponta da língua, fazendo com que meu juízo acabasse de vez. Deixei que ele brincasse com meu corpo e me concentrei em tocá-lo, descendo a mão pelo seu abdômen até chegar ao limite da sua calça de moletom.

Acaricieei o pé da barriga e desci com as pontas dos dedos até ultrapassar o tecido e encontrar os pelos lisos e baixos que antecipavam o contato que eu tanto desejava. Alex gemeu em meus seios e se movimentou para melhor adequar o roçar delicioso entre nossos sexos, deixando que uma mão

abandonasse o seio e corresse para a minha bunda, apertando-me com vontade.

– Quer mais vinho?

Sua voz rouca acompanhada de toques tão sensuais me deixou confusa a respeito da sua pergunta. Ele realmente precisava de mais uma pausa? Antes que eu pudesse questioná-lo, Alex pegou sua taça levando-a aos meus lábios. Bebi desajeitadamente, sob o seu olhar atento. Quando achou que era o suficiente, liberou-me, então colocou dois dedos no conteúdo da taça e depois, com pingos da deliciosa bebida escorrendo, molhou o bico já sensível e rijo do meu seio, para, logo em seguida, abocanhá-lo com vontade. Gemi alto e forte.

– Mais vinho?

Derramou uma pequena quantidade no outro seio e rapidamente lambeu o líquido que escorria pela minha pele, provando-me com fervor. Peguei a taça de sua mão, levando-a à boca. Reservei uma quantidade da bebida e, com os lábios, comecei a espalhar em seu tórax. Alex arqueou o corpo ao contato com o líquido frio e soltou o ar com força quando minha boca fez o trabalho de capturar o vinho de volta, lambendo cada centímetro do seu peitoral tão bem trabalhado, ouvindo seus gemidos baixinhos, enquanto suas mãos acariciavam minhas coxas e bunda. Foi quando tive uma ideia.

Saí de cima do meu marido e peguei a garrafa que continha um pouco menos da metade do seu conteúdo. Aquele homem lindo, que roubava meu sono e que conseguia o que quisesse de mim, continuou me acariciando como podia, bem atento ao que eu planejava fazer e sem entender ao certo o que seria.

– Fique de joelhos – falei já puxando seu braço para que me atendesse. Alex fez como pedi, seu sorriso demonstrava o quanto ele não tinha ideia do que eu faria.

– O que vai fazer, Charlotte?

Sorri, encarando meu marido, e mordi os lábios, provocantemente, ciente do quanto aquele gesto mexia com a sua libido, ao mesmo tempo em que, com as duas mãos, abaixei sua calça juntamente com a cueca, revelando sua ereção espetacular.

– Charlotte!

Sua voz rouca me advertia que estava migrando para um caminho perigoso, ao mesmo passo, delicioso, onde, quando o provocasse não haveria mais volta. Era exatamente o que eu queria. Segurei seu membro rígido, manipulando-o vagarosamente, enquanto levava a garrafa à boca, deixando que o vinho escorresse pelos cantos. Alex me segurou pela nuca, soltando um gemido cheio de malícia, e lambeu o líquido que descia, fazendo o mesmo processo em meus lábios.

Sem deixar de manipulá-lo, apertando seu sexo em minha mão como uma forma de lembrá-lo como seria quando estivesse realmente em mim, encostei o gargalo em seu peitoral e deixei que um fio de vinho vertesse, escorrendo lentamente, completando o seu caminho da perdição. E que perdição!

– O que vai fazer, mocinha?

Sorri para o “mocinha”, pois este apelido me levava de volta ao tempo em que éramos aluna e professor. Bom... O discípulo sempre supera o mestre.

Encarando seus olhos, levei os lábios ao tórax, bem no centro, e acompanhei o rastro da bebida, até que minha língua estivesse quase em seu sexo. Então sorri e passei a língua nos lábios, ciente dos seus olhos escuros e da sua respiração suspensa pela excitação. Com a garrafa devidamente posicionada e minhas mãos ainda o masturbando, permiti que um pouco do

vinho descesse pelo seu membro, causando um calafrio estimulante em meu eterno professor.

– Vou tomar vinho de canudinho.

E, antes que ele conseguisse dizer qualquer coisa, descí os lábios por toda sua extensão, afundando-o em minha boca enquanto iniciava a sucção que capturava o sabor incomum de Alex, sexo e vinho.

ALEX

– Puta que pariu!

O xingamento escapuliu antes que eu conseguisse evitá-lo. Charlotte era tão frágil, pequena, infantil na maioria das vezes, que, quando demonstrava ser a mulher ousada e destemida que verdadeiramente era, conseguia me desarmar e dominar completamente.

Meus olhos continuaram fixos naquela imagem, vendo-a de quatro, o corpo ostentando apenas uma calcinha tão pequena e devassa, tanto quanto a sua boca que me sugava avidamente sem interrupção e sua mão que me mantinha cativo daquela prisão de prazer sem fim.

Sua bunda empinada, exposta, movimentando conforme sua boca faminta me devorava, deixava-me ansioso para tocá-la. Eu queria me curvar e roçar meu dedo bem ali, no meio, sentindo o quanto também sabia enlouquecê-la. Queria detê-la, segurá-la de quatro e me enfiar nela, punindo-a por me deixar tão entregue, mas não podia.

Eu estava simplesmente preso àquela imagem: Charlotte de quatro, me chupando de maneira a me manter encarcerado, rendido a suas vontades, meu

único pensamento era que eu queria, acima de tudo, gozar naquela boca libertina, fazê-la beber cada gota da sua provocação, vertida pura e exclusivamente, em sua devoção.

Por este motivo, minha única reação foi movimentar-me lentamente, auxiliando seus lábios, ganhando espaço ao entrar e sair de sua boca e me perdendo em sensações com o roçar absurdamente luxurioso, da sua língua em minha carne e no movimento das suas bochechas, apertando-me em sua quentura e sugando-me sem piedade.

– Charlotte, eu vou gozar, mas não quero que pare.

Seus olhos levantaram para os meus, gulosos, ansiosos e satisfeitos. Gemi consciente de que era o que ela queria. Seus anseios correspondiam aos meus e minha esposa me dizia, sem palavras, que essa era exatamente a sua intenção: fazer-me gozar em sua boca.

Com um sugar mais forte e sua mão posicionada para melhor me apoiar, mantendo-me firme em sua boca, ela me colocou todo para dentro, enroscando a língua em minha extensão, como uma serpente pronta para o bote, retirou lentamente, centímetro por centímetro. Um espasmo fez minhas pernas tremerem e meus olhos se fecharem, então sua língua brincou com a cabeça do meu pau e seus lábios se fecharam chupando apenas aquela parte, ao mesmo tempo que acelerou os movimentos com a mão.

Incapaz de me conter por muito mais tempo, segurei em seus cabelos, guiando sua cabeça até que ela me tivesse completamente em sua boca. Minha excitação era tanta que não consegui repetir o processo mais do que duas vezes e me vi gozando, esvaindo-me em um prazer incontável, que se cercava não somente do meu sexo latejante, mas de todo o meu corpo, levando-me a uma satisfação só alcançada com ela: a minha melhor aluna.

Charlotte ficou quietinha, recebendo os resquícios dos meus movimentos, enquanto eu ainda gemia e expelia o final do meu prazer. Ela tinha o “time” perfeito. Talvez por ser uma escritora, sabia observar, absorver e aprender, para colocar em prática com perfeição. E foi por isso que ela soube exatamente a hora de parar e esperar, sem forçar nada, apenas receber o que eu podia lhe ofertar.

Quando voltou a me olhar, seu rosto corado, com resquícios de suor, demonstrava o quanto estava excitada. E eu amava vê-la com aqueles olhos suplicantes, com aquele aspecto de quem ansiava sempre por mais. Por isso agi pelo instinto. Naquele momento, eu era apenas um escravo, pronto para atender a todas as suas ordens.

– Vem cá. – Notei minha voz rouca e o quanto minhas palavras fundidas aos pensamentos repletos de luxúria faziam meu corpo reagir. Mas eu a queria de forma diferente.

Charlotte se levantou enquanto eu me sentava e estirava as pernas no chão, encostando-me ao sofá. Entreguei-lhe a garrafa do vinho enquanto ela me olhava com expectativa e ansiedade, parada, em pé, de frente para mim. Sem pensar duas vezes, segurei sua calcinha, retirando-a. O brilho da sua excitação provocando-me mais do que eu imaginava ser capaz.

– Derrame um pouco de vinho em seu corpo.

Ela não questionou, apenas obedeceu e, posicionando a garrafa um pouco acima dos seios, deixou que o líquido escorresse até alcançar o meu objetivo. Segurei minha esposa pela bunda e a trouxe até mim. Ainda pude ouvir seu suspiro, deliciado com o que eu faria, então minha boca provou o que tanto desejava.

O sabor da uva completava o sabor de Charlotte e fazia com que minha língua passeasse pelo seu sexo molhado, forçando-me a chupá-lo com

sofreguidão. As pernas dela fraquejaram e a contive com os braços. Minha esposa, em segundos, conseguiu recuperar o domínio do seu corpo, firmando-se e, para a minha surpresa, seus dedos adentraram em meus cabelos, pela nuca, auxiliando meus movimentos, curvando os quadris para a frente, me oferecendo um pouco mais da sua intimidade e me aprisionando com seu olhar lascivo.

Senti o quanto cada pedaço do meu corpo reagia àquela situação. Charlotte me guiava com as mãos, enquanto rebolava em minha língua, determinando o ritmo de acordo com sua vontade. Eu apenas a seguia, dando-lhe o prazer que ela precisava sem desconectar nossos olhos, assistindo, assim, o quanto cada investida dos meus lábios, cada avançar e carícia da minha língua, a deixava entregue.

Sem pensar duas vezes, subi uma das mãos até sua bunda e brinquei, roçando meus dedos em sua segunda entrada tão provocante. Ela gemeu e rebolou com mais intensidade, para frente e para trás, recebendo o que havia de melhor dos dois mundos.

Quando pensei que o quadro estava completo, sentindo o pulsar delicioso do seu clitóris em minha língua, indicando que Charlotte não tinha mais muito tempo, eu vi o que nunca imaginei ser possível com a minha esposa. Dominada pelo prazer, ela levou uma mão ao próprio corpo, subindo pelos seios e os estimulando como eu mesmo faria.

Charlotte se tocava, mordida os lábios em uma entrega única, me presenteando com o mais puro desejo. Senti meu pau rígido em poucos segundos e tive vontade de me masturbar enquanto a assistia apertando os seios, um a um, prendendo o bico entre os dedos e esticando, fazendo-os reagir e estremecendo com o contato.

Um gemido animal escapou da minha garganta, então, com a mão que brincava com a sua bunda deliciosa, puxei-a com mais força e aprofundei os

dois lados, minha boca em seu sexo e meu dedo em sua entrada deliciosamente apertada, devorando seus lábios íntimos com uma fome indescritível. Ela gemeu cheia de manha e apertou um seio com força. Porra! Eu poderia fodê-la repetidas vezes só vendo-a se manipular. Charlotte era a minha perdição, o desestabilizar da minha cabeça.

– Alex...

Sua boca se abriu em prazer e minha vontade era ordenar que ela gozasse. Contudo, eu não podia, não queria interromper o que fazíamos, então segurei meu pau e iniciei um masturbar lento, tendo a certeza de que ela não via o que eu fazia, mas já me preparando para o que viria a seguir.

Então senti minha esposa tremer e gemer mais alto e o sabor do pecado se acentuou em minha língua enquanto seus movimentos diminuía e ficavam mais intensos, fortes. Charlotte gozava em minha boca e eu enlouquecia aos poucos, sentindo meu próprio sexo vibrar em minha mão, ansioso para se afundar naquela carne com que minha boca brincava.

Ela gemeu mais uma vez, se apertou em mim e abriu os olhos para sorrir lindamente. Vi seus dentes prenderem os lábios ao perceber que minha sede não fora aplacada e eu entendi que me dava consentimento para continuarmos. Foi o que fiz. Sem pedir permissão, puxei minha esposa para baixo e beijei seus lábios tão logo consegui alcançá-los.

Antes que eu pudesse me saciar nela, Charlotte se afastou e girou o corpo, pondo-se de costas para mim, sentou em meu colo, deixando meu pau invadir seu corpo profundamente. Segurei em seus quadris, dominado pelo prazer, deixei que minha cabeça caísse para trás, apoiando-a no sofá e gemi abertamente.

– Porra, Charlotte! – Minha voz esganiçada fazia com que eu precisasse de um esforço maior para pronunciar cada palavra. – Você é o inferno, garota!

Ela riu e se encostou em mim, deitando-se e permitindo que meu pau se movesse em sua carne apertada.

– Se isso é o inferno, por favor, não me deixe entrar no céu – sussurrou.

Minha esposa começou a rebolar com a cabeça jogada para trás. Sem pestanejar, corri as mãos pelo seu ventre liso e, segurando-a com garras de ferro, ditei seu rebolado, nossos gemidos ecoaram.

– Toque-se, Charlotte. Faça como antes, brinque com meu juízo, gostosa.

Ela entendeu o recado. Enquanto suas mãos subiam em busca dos seios macios e delicados, eu deixei que as minhas chegassem a seu centro, as duas ao mesmo tempo. Ela arquejou e apertou os dois seios. Esfreguei os dedos em sua umidade quente e forcei suas pernas a se abrirem mais, deixando-a completamente exposta.

Brinquei com seu clitóris e vi minha esposa, aos poucos, recuperar a volúpia, se entregando às nossas necessidades prementes. Em instantes, nossas mãos se misturavam, tocando seu corpo em todas as partes, com uma mão ela se estimulava saboreando seus próprios dedos junto com meu pau que a possuía sem descanso, enquanto, com a outra, brincava com o bico do peito.

Em outro momento, nossos dedos se misturavam em seu sexo, estimulando e brincando em uma batalha deliciosa, onde sua excitação banhava-os, ao mesmo tempo em que apertávamos os seios, juntos, cada mão em um, repetindo os movimentos e esfregando pele com pele, até que eu finalmente a senti arfar e pulsar, aprisionando meu pau em sua entrada, que já gritava pela satisfação.

Com força, arremeti com movimentos curtos e rápidos fazendo nossos corpos se chocarem. Ela gemeu e intensificou a masturbação e então gozou divinamente, gritando meu nome e me apertando até que eu não aguentasse mais. Sentando afoitamente, preendi seu corpo ao meu e gozei, esmagando o

seio que ainda estava em minha mão e enterrando meu rosto em sua nuca, que abafava os gemidos que eu não conseguia impedir de sair. Ela riu levemente.

Depois deixei-me cair, levando-a comigo. Nos enroscamos desajeitadamente, trocando beijos leves e carícias sem malícia, até que ela, sorrindo e com um brilho nos olhos de pura satisfação, deitou em meu peito, permitindo-se relaxar.

– Eu acho que misturarmos sexo e vinho será sempre um caminho sem volta, professor.

Gemi, adorando ouvi-la me chamar de professor.

– Ótimo! Eu não tenho mesmo para onde ir.

CAPÍTULO 08

“Se as paixões aconselham por vezes mais ousadamente do que a reflexão, isso deve-se a que elas dão mais força para executar.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

– Tem certeza disso?

Eu estava na praia. Sim. Eu, Charlotte Frankli, estava devidamente acomodada embaixo de um sombreiro, banhada com bloqueador solar, exigência do meu marido atencioso, usando um chapéu enorme, um biquíni

indecente, também palavras dele, com algumas páginas do meu novo livro em mãos, contendo as observações do meu professor e agora agente, e no celular com a minha melhor amiga: Miranda.

– *Tenho. Vai ficar perfeito!*

– Alex pode não gostar muito da insinuação.

Olhei para o mar, identificando aquele corpo perfeito, coberto pela roupa preta colada, se equilibrando majestosamente em uma prancha.

E era todo meu.

– *Ele disse que vai de professor, não é? Então? Vamos transformar o fato de seu marido ser um chato antiquado em uma brincadeira muito legal.*

– Ele não é chato, muito menos antiquado. E até onde eu me lembro, ainda não insultei o seu “namorado”, ou será “rolo”?

– *Ah, claro! E o que foi aquela conversa sobre o seu biquíni esta manhã. Se não queria que eu tivesse esta imagem, não deveria me contar os absurdos que ele fala.*

Tive que rir. Alex realmente me surpreendia.

– Não sei, não, Miranda. Não é melhor pensarmos em outra coisa?

– *Deixe comigo e não conte nada a ele. Vai dar tudo certo. Estou tão ansiosa.*

– Por quê?

– *Quero ver a cara de algumas pessoas, apenas isso.*

Franzi o cenho. Como assim ela queria ver a cara de algumas pessoas?

– *Tenho que desligar. Curta o seu “não sol” por mim. Beijos.*

– Beijos.

Ri mais uma vez me lembrando do quanto Alex era absurdo com suas ideias de proteção.

Estava quente, apesar de ainda ser muito cedo para que a temperatura realmente incomodasse. O mar brilhava em um convite que eu teria que recusar. Não apenas porque tinha trabalho a fazer, também porque eu não tinha muito interesse em me aventurar na água sendo tão desajeitada. Certamente me afogaria no primeiro mergulho.

Lana havia enviado a última prova do livro e eu já tinha aprovado toda a revisão, além de ter deixado claro que eu precisava entregar a continuação o quanto antes. Por recomendação de Alex, eu estava trabalhando neste material.

Eu desconfiava que a insegurança quanto ao texto nunca me abandonaria. Olhando as observações do meu professor, sentia meu rosto arder. Eu tinha tentado ser mais ousada, seguindo a escrita de algumas autoras e, com isso, modifiquei um pouco o vocabulário antes trabalhado, o que, pelo visto, não agradou tanto ao meu marido. Este fator me deixava extremamente envergonhada.

Quando Alex insistiu em ler o que eu escrevia antes de estar finalizado, não consegui persuadi-lo a aguardar. Ele queria fazer parte do projeto, talvez acreditando que, assim, estaria me incentivando e apoiando, e eu não queria desestimulá-lo.

Suspirei, voltando ao início do material para começar a fazer as anotações necessárias, conforme as recomendações de Alex contidas naqueles papéis. Muitas páginas depois, senti uma movimentação ao meu lado, distraíndo-me.

– Bom dia! Com licença.

Levantei a cabeça para encontrar um par de pernas cabeludas que seguiam até os shorts do macacão. Um homem alto, que se abaixava para conseguir ser visto devido ao guarda-sol, segurando uma prancha, cabelos curtos, escuros, lábios grossos, olhos negros e penetrantes e um sorriso que queria dizer muito mais do que realmente dizia, me olhava atentamente.

– Bom dia! – respondi completamente intrigada.

Olhei para os lados, conferindo a praia praticamente vazia e estremeci. O que aquele homem queria comigo? E por que sorria daquele jeito desconcertante, sem esconder a forma como seus olhos varreram meu corpo?

– Posso ajudá-lo?

Deixei os papéis de lado, tomando cuidado para colocar o protetor solar sobre as páginas para não perdê-las. Também preferi ficar com as mãos livres para o caso de ele ser um psicopata, um ladrão, um assassino... Santa imaginação! O cara era um surfista e, certamente, queria uma informação. Tentei não rir de mim mesma e mantive a expressão firme.

– Eu poderia deixar minha toalha com você? A praia está vazia, mas nunca se sabe, não é? – E continuou sorrindo, aguardando minha resposta. – Me sentiria mais seguro se pudesse voltar e encontrá-las aqui, me aguardando.

Encontrá-las. Não encontrá-la, referindo-se apenas à toalha. Ele usou o plural, inferindo que eu e a toalha estaríamos aguardando o seu retorno. Ansiosamente. Que idiota!

– É... Bom...

– Ela já está de saída.

Sobressaltei-me ao ouvir aquela voz forte, que facilmente dominava todas as minhas ações e sensações.

– Ops!

O rapaz levantou rapidamente e só então conferi as pernas cobertas pelo macacão preto que pertenciam ao meu marido. Levantei rapidamente colocando-me fora do guarda-sol.

– Perdão! Eu não sabia que já estavam de saída. Vou entrar no mar agora. – E seus olhos me percorreram descaradamente. Tive vontade de me cobrir com as mãos, principalmente quando vi o olhar do meu marido direcionado ao estranho. – Como estão as ondas?

– Perigosas – Alex respondeu em tom intimidador.

Estremeci. A ameaça estava explícita.

– Acho que vou arriscar.

O estranho piscou para mim e saiu. Achei que meu marido seria capaz de se voltar no mesmo passo para afogar o rapaz abusado. Então ele olhou para mim com olhos estreitos.

– Viu que eu te disse? – rosnou, fincando a prancha na areia.

– O que eu fiz?

Ele colocou a mão para trás para abrir o macacão, despindo-se sem deixar de me olhar com olhos acusadores.

– Alex, eu estava aqui lendo, quando ele se aproximou para me pedir...

– Para guardar a toalha. Eu ouvi. – Continuou carrancudo enquanto vasculhava minha bolsa em busca da sua própria toalha. – Não sei se existem muitos ladrões arriscando tudo por uma toalha e, se isso acontecesse, ele não passaria por nenhuma situação embaraçosa pela falta dela – ele falava e agia, demonstrando a sua raiva.

Suspirei.

– Eu falei que este biquíni era indecente.

Revirei os olhos e recebi uma carranca em troca.

– Ele mal cobre você, Charlotte!

– A ideia é esta. Biquínis devem ser pequenos. Aposto que você olhava, comentava e até paquerava as garotas que desfilavam seus biquínis mínimos aqui na praia, quando era solteiro.

– É muito diferente.

– Claro que é! – Comecei a arrumar as coisas, uma vez que Alex estava disposto a me manter escondida do mundo. – Eu não tenho culpa de ser o que sou. – Sorri, dando-lhe as costas. – Não provoquei ninguém, apenas fiquei aqui trabalhando em meu material. Se ele achou que podia tomar liberdades...

Ele me enlaçou pela cintura, colando-se a mim. A pele fria e úmida me fez estremecer.

Eu estava aborrecida, no entanto, preciso admitir que ser paquerada por outro homem, tão bonito quanto Alex, levantava minha autoestima e me fortalecia como mulher.

– Você não tem culpa de ser a delícia que é. – Beijou meu pescoço com seus lábios gelados. – Desculpe! Eu preciso aprender a domar meu ciúme. Esse cara deve ser um idiota para não enxergar a sua aliança.

Ri sem querer debochar dele. Minha aliança era mesmo algo gritante.

– Vai ver este foi o detalhe que o instigou.

Suas mãos me apertaram e eu ri com vontade.

– O que foi? Vocês não se gabam afirmando que as mulheres adoram homens de aliança? Vai ver o mundo está realmente mudando e agora os homens também preferem mulheres de aliança.

– Eu prefiro. – Sua mão fria em minha cintura fez uma pressão um pouco mais forte. – Prefiro uma aliança no seu dedo esquerdo com o meu nome grafado nela. Com certeza, você fica muito melhor com ela.

– Hum! – Fingi avaliar o anel em meu dedo. – Se eu soubesse disso antes, teria casado logo.

– E você hoje está cheia de gracinha. Venha, vamos dar uma olhada no que você anotou.

– Não.

Tentei passar à frente dele. Alex foi mais rápido, pegando os papéis e sentando na canga para avaliá-los.

– Você não pode sentir vergonha de me mostrar o seu material, Charlotte, afinal de contas, eu a estimulei a escrever mais profundamente todas as sacanagens que a sua mente pervertida criava.

Meu rosto esquentou consideravelmente e minha garganta ficou seca. Alex nem se atreveu a me olhar, simplesmente jogou aquelas palavras para cima de mim sem tirar os olhos do papel. Sentei-me ao seu lado, pegando a garrafa com água para aliviar meu estado.

– Você continua tendo dúvidas quanto ao vocabulário – ressaltou ainda sem me olhar.

– Mais ou menos. Na verdade, eu queria que você me explicasse por que não?

– Simples. – Deixou as folhas sobre o colo e me encarou. – Seu texto é mais sutil, mais romântico. Você fala de putaria sem perder a leveza.

Desviei os olhos dos dele e encarei minha mão.

– Viu? Você cora só com este meu argumento.

– Mas o texto não tem que ser necessariamente o que eu sou.

– Vá por mim, ganha muito mais sendo o que você é. Pelo menos para esta personagem. – E voltou a analisar o material.

– E quanto a ele? Homens não são tão sutis, tão leves.

Ele abriu um imenso sorriso.

– Fala sério, Alex! Você tem os seus momentos e eu sei que sempre está se segurando para não baixar o nível quando está comigo.

Ele riu baixinho.

– É diferente.

– Não, não é!

Ele voltou a me olhar e eu senti que havia um leve constrangimento em seu olhar.

– Mas o seu público é basicamente feminino. As mulheres normalmente idealizam o homem perfeito.

– E o homem perfeito não diz palavras como boceta e pau? – provoquei, sem conseguir evitar o rubor que só crescia.

Alex me encarou assustado, mas acabou rindo.

– Eu não sei, Charlotte. Homens reais dizem até coisas piores.

– Exatamente!

– Mas não para o seu público. – Ele ria e balançava a cabeça incrédulo.

– Você é um homem real ou um homem idealizado?

– Como assim?

– Bom... – Encarei o mar, com medo de perder a coragem. – Você não diz algumas palavras. Não quando está comigo. Mas pensa, tenho certeza.

– Penso – admitiu sem rodeios.

– Mas não diz – continuei provocando.

– Não, não digo. Não para você.

Por alguns segundos, ficamos apenas encarando o mar e deixando o silêncio criar uma parede entre nós dois.

– Por que não?

Ele se remexeu incomodado.

– Não sei. Não acho que você precise disso.

– De ouvir coisas como: vou comer a sua bocetinha?

– Puta merda, Charlotte! – Outra vez se remexeu incomodado.

Tomei coragem e olhei para o meu marido. Ele fez uma careta e não me olhou.

– Não tenho problema em dizer que quero chupar o seu pau.

Ele riu, passou a mãos pelos cabelos molhados e colocou os papéis de lado, tomando cuidado para colocar as sandálias sobre eles.

– Ou de pedir para você me comer todinha.

– Todinha?

Mordi o lábio inferior, entendendo a sua provocação. Nos encaramos. O azul daqueles olhos, que me sugava para um lago sem fundo, não me deixou escapatória. Sim, eu queria ser comida todinha. Ser fodida de todas as formas e em todas as intensidades. E tudo isso eu queria com aquele homem lindo que estava diante de mim.

– Sim, todinha – minhas palavras saíram lentamente e sussurradas. – Eu queria poder ouvir seus pensamentos quando você está dentro de mim. – Encarei a areia com vergonha de ter deixado aquele pensamento escapar pelos meus lábios.

– Você ficaria assustada – ele confessou sem quebrar o clima.

– Ou em êxtase.

Não tinha como voltar atrás. A conversa já tinha iniciado e nós precisávamos ir até o final.

Outra vez, o silêncio ocupou seu lugar, formando uma barreira palpável. Eu não gostava. Não queria que silêncio ou constrangimento nos impedisse de conversar. No entanto, foi Alex quem o quebrou.

– Neste momento, eu não paro de pensar em começarmos a utilizar os brinquedinhos novos.

Engoli em seco. Aqueles brinquedinhos. Os que derrubariam os tabus de uma vez por todas. Porra!

Meu sexo ficou úmido e, ao ter este pensamento, percebi que realmente eu era leve e suave, como Alex tinha me definido. Eu nunca pensava ou dizia que minha boceta estava molhada, que latejava de desejo, mesmo depois do

amor delicioso que fizemos ao acordarmos. Para falar a verdade, eu corava só de pensar nas palavras.

Realmente, aquela não era eu.

Era bom, até sexy, imaginar o que ele pensava sobre mim, sobre nós, quando estávamos de maneira mais íntima. Esquentava meu corpo ter a certeza de que Alex tinha os pensamentos mais obscenos comigo quando sentia desejo. E eu queria saber o que era, queria conhecer os seus pensamentos, dividir, compartilhar aquela forma mais ousada de ele falar, nem que fosse por um instante, uma única vez.

Sim, era o que eu queria.

Olhei para Alex sem conseguir dizer nada. Seus olhos intensos descarregavam em mim todo o tesão daquela nossa conversa. Eu me sentia tocada da maneira mais íntima possível, com o mais puro desejo e luxúria, que era o que predominava naquele momento.

Deus! O que Alex faria comigo? E o mais importante: o que eu permitiria que ele fizesse?

Bom, sob aquele olhar tão forte e dominador, eu nunca conseguiria me negar a nada. Seria dele amplamente, de todas as formas e maneiras possíveis. Sorri timidamente. Porra, Padre Messias e a sua fiel carola jamais seriam capazes de imaginar o que a tímida e obediente ovelha do seu rebanho era capaz de fazer por aquele homem.

Eu seria expulsa do céu, com certeza, mas... valeria a pena.

Alex levantou, tirou a areia que cobria o macacão que ainda vestia as suas pernas, discretamente olhou ao redor e puxou a peça para fora do seu corpo, revelando uma sunga azul, que, por sinal, ficava fantástica nele.

– E eu estou com uma puta ereção. Ansioso para chegar em casa e te foder gostoso.

Seu olhar lascivo percorreu meu corpo, fazendo meu ar faltar. Sem conseguir evitar, conferi a veracidade das suas palavras e estava lá: uma imensa ereção, gloriosa, mal cabendo em sua sunga, cheia de promessas tentadoras. Meu rosto esquentou muitos graus acima da temperatura ambiente. Nem assim eu recuei.

Alex pegou sua bermuda. Um sorriso sacana brincou em seus lábios. Ele vestiu a peça, disfarçando a ereção vibrante e escandalosa, escondendo sua existência. Então me estendeu a mão, a qual aceitei sem nem pensar no assunto e, com isso, fui puxada para cima e esmagada em seu peito. Um grito assustado escapou dos meus lábios, Alex sorriu ainda mais.

– Assustada ou excitada?

Não consegui desviar os olhos dos seus, nem sorrir para amenizar o clima ou sustentar a brincadeira.

– Assustada – revelei com a voz fraca. – Excitada – completei, acompanhando a forma como seus lábios brincavam com o meu juízo quando se esticavam tão luxuriosamente. – E ansiosa.

Sua mão, que estava na base da minha coluna, me apertou mais, fazendo-me sentir o quanto meu marido me desejava.

Pensei que ele me arrastaria para casa imediatamente sem me dar alternativas. Aparentemente, essa não era sua intenção. Ele me beijou com volúpia, mãos, lábios, língua e pele demonstrando o quanto estava excitado, pronto para me derrubar naquela areia e me tomar para si sem nenhuma preocupação com o possível público.

Meu corpo inteiro correspondeu. Minha pele arrepiou, meus lábios se abriram em uma entrega atrevida, minha língua o seguiu como se não tivesse vontade própria, meu corpo amoleceu, esquentando sob aquelas mãos ágeis e habilidosas, minha mente deu um nó e eu já não sabia mais onde estávamos.

Ele afastou os lábios dos meus. Involuntariamente, gemi um protesto. Logo senti o calor da sua boca queimando meu pescoço, chegando a minha clavícula, alcançando meus ombros... uma tortura.

Porra, era, sim, uma tortura! Porque, ao abrir os olhos, me deparei com um mar imenso a nossa frente, pessoas andando, passeando com os filhos ou com os cachorros, casais mais bem-comportados do que nós dois, e eu só conseguia pensar em ignorá-los totalmente e continuar de onde paramos. Pouco importava se, no dia seguinte, saíssemos nos tabloides ou estivéssemos em um vídeo viral na internet.

Nossa! Deus me livre! Pensando assim, me forcei a parar. No fundo, eu ainda me importava com minha imagem e intimidade. Aliás, no raso, bem no raso.

E Alex continuava ali, as mãos quentes em meu corpo, os lábios sensuais em meu ombro, insinuando querer alcançar muito além, a respiração pesada, cortada e ansiosa.

– Alex! – gemi baixinho, lutando contra meu corpo.

– Hum?

Ele não se afastava. Pelo contrário, senti dedos firmes forçarem um contato maior, um roçar leve e discreto da sua ereção em minha barriga, os lábios voltando em busca da minha boca...

– Vamos para casa – consegui dizer, sentindo-me mais ousada do que o habitual.

– Não.

O quê? Eu não conseguia pensar direito e, definitivamente, aquela resposta não correspondia a nada do que eu imaginava.

– Mas...

Ele se afastou para me olhar nos olhos. Uma mão firme em minha nuca e um azul profundo e penetrante que me hipnotizava.

– Eu vou te levar para casa, Charlotte, mas com uma condição. – Ele permanecia sério, sem me libertar daqueles olhos que comandavam as minhas ações.

– Uma... – Engoli em seco. – Condição? – Percebi que meu ar faltava, ou eu não respirava corretamente por estar tão bêbada do seu olhar.

– Uma condição. – Ele aguardou até que eu ficasse bem quietinha para ouvir. – Vou te levar para casa porque estou fodidamente duro. Porque meu pau está latejando implorando por alívio e eu sei, e você sabe, que toda a minha ânsia só será saciada de um jeito.

– Um... jeito? – repeti automaticamente.

Eu parecia uma boba com os olhos arregalados, a boca semiaberta, falando como se fosse incapaz de compreender suas palavras.

– Eu quero te foder de várias maneiras.

Meu coração perdeu uma batida e o arrepio em minha espinha me alertou que aquilo poderia ser assustador. Alex passou o polegar em meus lábios, seus olhos me libertando por breves segundos enquanto acompanhavam seu dedo.

– O que... o que... – Forcei minha coragem. – O que pretende fazer?

Ele sorriu. Caralho! Era o sorriso mais lascivo que meu marido já conseguiu dar. Aquilo me desestruturou totalmente. Se eu já era dele, depois daquele sorriso, eu não tinha mais escapatória.

– Você quer saber como eu penso – concordei lentamente. – Bom... – Ele me soltou e se afastou minimamente. – Primeiro eu vou... – Umedeceu os lábios e olhou para os lados. – Não... vamos andando.

Frustração, ansiedade, tesão, uma necessidade sem tamanho me invadiu. Eu queria saber. Precisava saber, ao mesmo tempo, o mistério que nos envolveu, a vontade de ser surpreendida cercava a minha mente me conduzindo de acordo com os comandos do meu professor.

E eu realizaria todos os seus desejos.

Sempre.

– Vamos dar um mergulho?

Pisquei diversas vezes, me sentindo tonta pela mudança drástica de assunto. Um mergulho poderia ser uma promessa, porém eu sabia que algo tão público não condizia com a personalidade do meu marido... ou eu estava errada?

– Um mergulho?

E aquele sorriso estava lá outra vez.

Juro que, quando Alex sorria, os lábios esticados mais para um lado, os olhos azuis se fechando levemente, eu conseguia enxergar a porta do inferno, e ela nunca foi tão atraente.

– Você está bastante confusa hoje, amor.

Pigarreei, tendo certeza de que ele tinha razão, contudo, como não ficar quando protagonizava uma situação tão... excitante?

– Você me confunde.

– Eu? – Ele continuava sorrindo.

Naquele momento, se Alex me pedisse para eu ficar de quatro na areia, eu atenderia o pedido sem pensar duas vezes. Porra, como um simples sorriso conseguia ter um domínio tão forte sobre mim?

– A água está gelada – argumentei.

Ele revirou os olhos.

– Aposto que você nem vai perceber este detalhe.

Voltei a olhar ao redor. Não tínhamos um público tão ameaçador, somente algumas pessoas caminhavam pela areia.

– Alex! – Suspirei. Eu queria entrar naquela água e fazer tudo o que ele intencionava, mas... – As ondas estão fortes.

– Vai entrar ou não?

– Vamos molhar os bancos do carro e...

Ele me puxou pela mão e começou a andar me rebocando, como se eu fosse uma criança perdida.

– As nossas coisas... não é arriscado?

– Com certeza é. – E suas palavras demonstravam que ele estava pouco se importando com este detalhe.

– Ai, meu Deus, Alex! – gemi de expectativa e medo quando nossos pés encontraram a água gelada.

Parei por reflexo e, então, ele me carregou em seus braços e entrou no mar comigo sem fazer nenhum esforço.

Gritei me encolhendo em seus braços, sentindo nossas peles expostas coladas. Ri baixinho, me divertindo com a sua empolgação, e ele também riu, avançando sem parar até que ultrapassássemos as ondas e estivéssemos em um local mais profundo e calmo, balançado apenas por uma ou outra onda.

Alex me soltou e eu percebi que quase não alcançava o chão. Precisei me apoiar em seus ombros e suas mãos me envolveram rapidamente. Nossos lábios se colaram misturando os sabores ao sal do mar. Havia um pouco de cada coisa naquele beijo, a entrega, o amor, o desejo, o medo, a vontade de se deixar levar.

– Meu Deus, menina! – ele gemeu ao libertar minha boca. – Por que eu não consigo parar de pensar em te comer?

Seus dedos ultrapassaram a barreira do meu biquíni através da minha bunda, chegando bem perto do ponto, onde, eu tenho certeza, me levaria a não pensar mais em nada

– Porque você é um tarado incorrigível?

Ele riu e me beijou novamente, dessa vez sem a mesma profundidade de sentimentos ou prolongamento do desejo.

– Porque eu estou louca para ser comida? – arrisquei quando seus lábios se afastaram dos meus.

– Da forma como eu quiser?

Encarei o meu marido.

No mar, seus olhos ficavam ainda mais encantadores, sua pele bronzeada coberta por gotículas que escorriam dos cabelos molhados. Seus

dedos experientes se aprofundando um pouco mais, fazendo-me puxar o ar com força. Ele roçou aquele ponto cheio de mistérios e expectativas e eu sabia o que Alex estava me propondo. Eu não seria capaz de responder.

Então ele mordeu meu lábio inferior e o chupou. Simultaneamente, seu dedo fez uma leve pressão em minha bunda e seu quadril se projetou para frente, esfregando sua ereção em mim. Involuntária ou voluntariamente, mas sem coragem para admitir tal fato, levantei uma perna, apoiando-a em seu corpo, dando a Alex mais liberdade para abusar de mim.

Excitada e ansiosa, me vi correspondendo àquele roçar leve e delicioso, friccionando meu sexo no dele e recebendo a carícia ousada dos seus dedos. Ah, merda! Será que de onde estávamos alguém conseguiria nos ver tão íntimos? Eu esperava que não, pois não queria quebrar aquele momento.

Alex me beijava com tanta voracidade que me fazia ter consciência de que estávamos em uma posição muito escandalosa sem me importar nem um pouco com isso.

– Não podemos transar aqui – eu disse mais tentando me convencer do que convencê-lo a se afastar. Ele afastou um pouco o rosto e sorriu. Um sorriso escandaloso.

– Não vamos – afirmou naturalmente, como se eu tivesse acabado de falar uma besteira. – Mas eu vou te fazer gozar aqui, Charlotte. Assim. Coladinha em mim.

Ele me virou, ficando de costas para o público e me deixando contra as poucas ondas que ainda nos alcançavam, o que só aumentava o nosso roçar indecente.

– Alex!

Porra, eu estava assustada, mas também, e principalmente, excitada. Mais excitada do que assustada, tanto que, em momento algum, hesitei, contestei ou me neguei. Eu queria que o mundo deixasse de existir apenas para que eu pudesse ter aquele orgasmo prometido pelo meu professor.

E, como se ele acreditasse que eu poderia realmente recuar, sua mão me puxou com força pela bunda, forçando um maior atrito entre os nossos sexos, enquanto a outra mantinha minha coxa suspensa e encoberta pelas águas, que, naquele momento, eram o nosso maior expectador, além de guardião daquele imenso segredo.

No mesmo instante em que fechei os olhos, recebendo da maneira mais plena possível os seus lábios nos meus, fui acometida pela comichão em minha pele, fruto de um toque mais íntimo e ousado dos seus dedos entre a minha bunda.

Caralho! Nos últimos tempos, ele se satisfazia em brincar daquela forma comigo. Até então, era apenas uma brincadeira mais ousada, um flerte entre o real e o imaginário, no entanto, à medida que intensificávamos nossa intimidade, aquela brincadeira se tornava cada vez mais séria e real. Uma promessa de ser atirada ao inferno ou levada ao céu.

Sentindo seu dedo me explorar ao mesmo tempo que sua mão me forçava a roçar em seu sexo duro, friccionando meu clitóris já sensível, nada me assustava, nem mesmo a ideia de ultrapassar uma barreira tão bem erguida e até então sólida. Quando Alex me tomava em seus braços e me conduzia ao prazer, eu acreditava fielmente que qualquer maneira apresentada por ele seria sempre a correta. E assim eu o seguia cegamente, como um discípulo segue o seu mestre.

Nossos lábios se devoravam e sua língua me impedia de pensar coerentemente. Com o balanço das ondas, o movimento do mar e sua mão me conduzindo, me permiti aproveitar aquele corpo incrível. Rebolei, me

permitindo apenas sentir, e foi o que aconteceu, nossos sexos se esfregavam suavemente, mas com a pressão exata para me deixar ansiosa, minha bunda, sem que eu tivesse pudor, se abria e aceitava o toque, recebendo choques de prazer que me deixavam em êxtase.

Uma delícia!

– Charlotte! – ele gemeu ao desgrudar os lábios dos meus. – Eu quero que você goze assim. – Sua voz rouca me fazia avançar, me fazia aceitar e cumprir as suas ordens. – Preciso entrar aqui em você.

Seu dedo se afundou um pouco mais, indicando onde exatamente ele desejava estar. Senti a leve pressão em minha mente que tentava me fazer recuar sem conseguir grandes avanços, pois minha reação foi empinar um pouco a bunda e depois voltar a me esfregar em seu sexo rígido, mantendo seu dedo preso a mim.

– Ah, você vai gostar, amor.

Seu dedo se aprofundou mais e eu soltei um gritinho de prazer que não consegui conter. De olhos fechados, eu me entregava e sentia meu corpo ceder, conduzido pela voz forte e rouca de Alex, pelo delicioso roçar do seu membro no meio das minhas pernas. Meu corpo enviava ondas que me faziam arfar, eu sentia tudo esquentar, minha pele ser lambida pelo fogo do desejo, meu ar ficar rarefeito, meu coração acelerar.

Abri os olhos e me vi presa aos dele. Alex me encarava, os lábios semiabertos, as pupilas dilatadas, a expectativa presa em seu pulmão. Então, sem ter como evitar, eu gozei, jogando a cabeça para trás, deixando o prazer me consumir.

CAPÍTULO 09

“As palavras estão cheias de falsidade ou de arte. O olhar é a linguagem do coração.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

– Charlotte, seu pai já ligou três vezes! – Alex gritou pela enésima vez desde que eu me tranquei no *closet* para experimentar minha fantasia.

Sinceramente? Eu não conseguia pensar em como Miranda acreditou que eu usaria uma saia tão curta e meias tão indecentes, sem contar que aquele conjunto de calcinha e sutiã que ela, cuidadosamente, escolheu para mim era mais do que eu poderia imaginar ser necessário.

Quanto tempo eu tinha de casada para precisar ser tão ousada? No momento, estávamos na fase “nada de roupas” ou “transando o tempo todo”, então pensar em roupas íntimas ocupava um espaço muito pequeno da minha mente. Aquilo que minha amiga escolheu estava fora da realidade.

Sem contar que eu passaria toda a festa de formatura usando aquilo. E aquela calcinha certamente ficaria entrando em minha bunda e me incomodando mais do que eu poderia suportar. Se precisasse retirá-la no meio da festa, Alex morreria, ou me mataria.

No dia anterior, eu dei a Alex o seu primeiro momento frustração relacionado à nossa vida sexual. Sim, amarelei, e sim, tenho vergonha disso.

Quando voltamos da praia, eu parcialmente satisfeita e envergonhada pelo ato público, e ele ansioso para continuarmos, cheguei em casa receosa e, definitivamente, dei para trás em sua proposta. Lógico que ele tentou me persuadir de todas as maneiras, mas não teve jeito, eu não quis. Tive medo, receio, vergonha e todas as outras desculpas que uma mulher pode ter em um momento como este.

No entanto, não fechei todas as portas. Prometi que tentaria, que ele poderia, aos poucos, conquistar tal terreno ainda pouco explorado e assim, em outro momento, estando mais segura, poderíamos concretizar o ato.

Deus, tenho certeza de que toda mulher pensa um milhão de vezes antes de dar... antes de aceitar o sexo anal. Assim como sei que todas as que acabaram cedendo, por fim, gostam do que acontece. Mas ainda não era a hora, não para mim.

– Ele passou um dia inteiro sem se importar em como eu me senti com esta viagem fora de hora, então alguns minutos a mais ou a menos não vão matá-lo. Eu preciso de um tempo, Alex! – gritei respirando fundo para conter o rubor que tomava o meu rosto.

Certo. Eu não deveria ficar tão constrangida ao pensar em sexo anal com o meu marido. Porra, é o meu marido! Mulheres casadas fazem coisas para apimentar a relação, não? Sim, claro, se bem que, levando-se em conta o tempo que tínhamos de casados, aprofundando um pouco mais e pensando no tempo em que tínhamos de vida sexual é de, no mínimo, imaginar que muita coisa ainda poderia ser feita antes de chegarmos a este ponto, não é mesmo?

Meu problema era que eu queria. Não sei. Quer dizer... sei, sim. Eu queria quando ele me estimulava, quando me conduzia de modo a não me fazer temer ou recuar, quando meu corpo já estava quente e mole, entregue aos seus comandos, e não quando estávamos frente a frente discutindo o assunto.

Não dava para simplesmente dizer: tudo bem. E virar de costas para deixá-lo fazer o que bem quisesse do meu corpo. Se bem que... bom... a ideia de, sem mais nem menos, ser virada de costas e simplesmente... cacete, sim, assim eu aceitaria, mas sem precisar olhar em seus olhos e concordar. Era constrangedor demais.

– Vamos chegar atrasados para a sua própria formatura, amor! Eu sou professor da casa e devo incorporar o corpo docente. Não dá para chegar tarde.

– Já estou quase acabando.

Olhei-me mais uma vez no espelho e decidi deixar a camisa solta. Seria menos provocativo. Joguei a beca por cima, rezando para que meu marido não fosse muito curioso. Eu ainda precisava de um tempo para me acostumar à ideia de usar algo tão depravado.

Aliás, eu ainda precisava de algum tempo para muitas coisas, como aceitar o sexo anal, por exemplo. Também, e com menos importância, seria bem aceito um pouco mais de tempo para encarar meus colegas de faculdade, dentre tantas outras pessoas que estariam presentes, como esposa de Alex.

Céus! Ninguém nem fazia ideia. Eu era apenas uma aluna brilhante, uma garotinha rica, e assim poderia continuar se não fosse este detalhe. Eu chegaria naquela festa acompanhada do professor mais desejado por todas as turmas, por todas as garotas que já cruzaram o seu caminho naqueles corredores. E não apenas como a sua mais nova namorada. Porra, eu entraria metendo o pé na porta, porque estava casada com aquele homem e não tinha como voltar atrás nem esconder nada.

Não que eu quisesse, mas... última olhada no espelho e... tudo bem, minha fantasia não era tão depravada assim e, levando-se em consideração as minhas colegas de curso, certamente muitas estariam no mesmo nível. O problema era que eu não estava acostumada a me expor tanto. Minhas roupas

sempre foram confortáveis e sempre, sempre mesmo, buscavam apenas a minha aprovação, nunca a dos outros. Por isso, saber que naquela noite eu seria alvo da atenção de outras pessoas, além de mim e do meu marido, me deixava incrivelmente envergonhada.

Eu devia estar louca quando concordei com Miranda.

Abri a porta e o encontrei com uma cara contrariada. Seus olhos percorreram meu corpo, deixando claro o fato de não entender o motivo de tanta demora, afinal de contas, era apenas a roupa tradicional de formatura. Permiti-me observar meu marido com mais atenção. Ele vestia um terno completo, cinza-escuro. Sobre ele estava um guarda-pó, típico dos antigos professores. Levava no bolso duas canetas e óculos de grau, que eu sabia não serem de nenhuma utilidade, mas que combinavam perfeitamente com sua fantasia.

– Pronta?

Olhou para minha maquiagem muito bem feita depois de longas horas em um salão de beleza, também recomendado pela minha amiga. Seu sorriso tímido suavizou a expressão preocupada e eu pude ver o brilho de satisfação em seu olhar.

Eu tinha me submetido a uma hidratação completa e, quando digo completa, é completa mesmo, então cada parte do meu corpo estava mais macia, gostosa e com certo brilho. Até mesmo meus cabelos se comportavam e os grossos cachos, artificialmente projetados e endurecidos, que desciam pelas minhas costas, estavam em seu devido lugar.

– Você está linda, Charlotte! – Aproximou-se, sem me tocar, nem ousou me beijar. – Estou muito orgulhoso, amor! E feliz por poder comemorar este dia ao seu lado.

Estendeu para mim uma caixinha de veludo na cor preta. Sorri, aceitando o presente e provoquei meu marido.

– Uma caneta dourada com o meu nome gravado?

– Hum! – Ele fez uma carinha linda. – É um pouco mais do que isso.

– Que pena! Eu realmente precisava de mais uma caneta dourada.

A caixinha preta continuava em minha mão e eu podia sentir a ansiedade do meu marido. Avaliei o peso e o tamanho. Poderia ser uma joia, afinal de contas, era um presente de formatura. Desisti de adiar, já que estávamos mesmo atrasados, mas, quando abri, não consegui acreditar. Tenho certeza de que meu rosto demonstrou toda minha confusão. Era um chaveiro. Um lindo chaveiro, a bem da verdade, mas, definitivamente, não era o que eu esperava.

Com cuidado, retirei o pequeno objeto da caixa para melhor avaliá-lo. Era em formato de livro, não de uma forma qualquer, era um pequeno livro, com entradas que davam a entender serem as páginas começando a se abrir e, cada uma, em sua mínima dimensão, possuía um brilho discreto, perceptível apenas quando movimentada, onde pequeninas pedras, muito pequenas mesmo, adornavam a sua lateral.

Segurei o chaveiro pela ponta, no espaço onde seria colocada a chave, e vi que havia algo escrito na capa. Aproximei o objeto do rosto e lá estava gravado o título do meu livro, o mesmo que tinha me levado àquela loucura toda, que tinha colocado Alex em meu caminho e que, naquele momento, me levaria a minha realização profissional, ao sonho de uma vida. Estava o título, e um acréscimo. No final, em letras cursivas, estava “Por toda a vida. Amor, Alex”. Respirei fundo para evitar as lágrimas.

– Alex, é lindo! Obrigada!

Ele sorriu como se meu comentário tivesse sido inocente demais.

– Falta só uma parte – comentou sem alterar a voz ou o semblante.

– Uma parte?

– Sim. Já está pronta? Falta mais alguma coisa? – Olhou para os lados procurando algum detalhe. – Sua bolsa...

– Na cama – respondi confusa.

O que meu marido estava aprontando?

– Então vamos. Sua mãe está eufórica e todos já chegaram, se demorarmos mais um pouco, vamos perder a entrada dos formandos.

Segurando-me pela mão, ele conseguiu me tirar do quarto, descemos as escadas e seguimos em direção à porta, sem nada falarmos e sem parar. Alex olhava em frente, como se quisesse evitar me olhar ou dizer alguma coisa e eu continuava me perguntando o que tanto ele escondia.

Assim que trancamos a porta, eu pude ver o imenso carro preto. Ele era do tipo que eu gostava, alto, com muito espaço, vidros esverdeados, que talvez não fossem os mais seguros, mas que davam certo charme ao carro e me agradavam demais. Os bancos de couro claro, do lado de fora não dava para saber exatamente a cor, deixavam tudo mais bonito. Ele era lindo!

Ele virou em minha direção e sorriu. Aquele mesmo sorriso que me acusava de ser inocente demais e me deixava envergonhada. Não tive como evitar a pontada de saudade que sentia do meu velho carro, que já estava na oficina há dois dias, deixando-me de carona com Alex o tempo todo. Uma verdadeira humilhação.

Johnny havia dito que estava complicado conseguir a bendita peça e que o melhor a fazer era vender para o ferro-velho, e claro, ele levou um belo soco

no braço. Eu podia desistir de fazer o estilo garota que não se importa com o dinheiro do pai, comprar um carro mais moderno, como aquele novo do meu marido, e deixar a velha mania de lado.

No entanto, eu amava o meu carro, amava o orgulho que sentia todas as vezes que o ligava e me lembrava de que ralei em trabalhos secundários para juntar a grana e comprar, pelo menos uma vez na vida, alguma coisa com o meu próprio dinheiro. E eu tinha comprado logo um carro, o sonho de qualquer jovem.

– Trocou de carro? – Desviei meus pensamentos na tentativa de entender o motivo de Alex precisar trocar de carro quando o dele ainda estava em perfeito estado.

– Eu não – continuou sorrindo enquanto procurava alguma coisa no bolso do paletó. – Você. Feliz formatura! – E levantou a chave em minha direção.

Sem entender o porquê, dei um passo para trás, me afastando dele.

– Alex!

– É seu. É um presente, Charlotte.

– Por quê?

Ele me olhou sem entender e abaixou a mão que estendia a chave em minha direção.

– Qual é o problema? É apenas um presente.

– Não é apenas um presente, é um carro. Um carro muito caro.

– E daí?

– E daí que não era necessário!

Ok! Eu sabia que estava sendo dramática demais, afinal de contas, dinheiro não era problema para nenhum de nós dois e Alex não era um louco que saía gastando o que não tinha, então, se ele estava me dando aquele carro de presente, era porque podia fazer isso sem maiores sacrifícios. O que me afligia era o fato de tudo acontecer rápido demais. Namoramos rápido demais, casamos mais rápido e agora ele trocava o meu carro com apenas poucos dias de casados.

Eu poderia ter um pouco mais de dignidade neste relacionamento, não?

– Charlotte. – Ele respirou fundo, buscando paciência.

Eu detestava isso nele. Saber que eu era infantil o suficiente para fazê-lo precisar respirar fundo me atingia de uma forma impossível de controlar.

– Seu carro precisa de descanso. – Sorriu de maneira contida, como se quisesse controlar a piada. Fechei a cara.

– Eu comprei o meu carro com meu próprio dinheiro e me orgulho muito disso.

Alex ficou sério e me encarou.

– Você é... estranha.

Engoli em seco. Como assim estranha? Alex balançou a cabeça para reorganizar os pensamentos e, muito rápido, me envolveu com seus braços, me apertando junto a ele.

– Você me deixa confuso, Charlotte. Não sei como agir nem o que fazer. Uma garota, filha única, amada exageradamente pelos pais, mimada ao extremo, herdeira de uma enorme fortuna, agindo de uma forma tão simples, desprovida de luxo, com valores que não condizem com a sua realidade, me deixa extremamente confuso. Eu só queria... não sei... sinto um orgulho

imenso em saber que você é assim, que luta pelo que quer sem se aproveitar da sua posição, que não acredita no que o dinheiro pode nos proporcionar apenas porque seu único desejo é ser você mesma e isso é tão lindo e incrível e sensível da sua parte que me confunde cada vez mais. Eu não sei... só quero poder cuidar de você, amor. Te dar uma vida confortável, mesmo sabendo que você mesma pode se proporcionar isso, então... só... me deixe cuidar de você, como o marido que eu quero ser, o companheiro que você precisa. Por favor! Pelo menos enquanto o seu carro estiver impossibilitado de transitar.

Fiz uma careta sem me preocupar em parecer feia. Meu carro não transitaria tão cedo e ele sabia muito bem.

– Encare como um substituto temporário, somente para quando o seu carro quebrar.

Só então percebi que minha respiração ficou suspensa durante aqueles segundos em que Alex se declarava. A sua intensidade e necessidade de ser algo que realmente valesse a pena para mim me comoveu profundamente. O que importava se ele estava me dando um carro caro enquanto o meu ainda poderia ser útil para minhas necessidades? O que importava se o que eu possuía em apenas uma das minhas contas, das inúmeras que meu pai insistentemente abriu para mim, daria para comprar até cinco daquele mesmo modelo? O que importava se eu tinha um limite rígido de gastos socialmente correto e que aquele carro ia contra todos os meus princípios? Ele só queria cuidar de mim, então por que não? Era apenas um carro caro.

– Ele é lindo, Alex! Obrigada!

Enlacei seu pescoço com meus braços e o puxei para o meu melhor beijo, deixando transparecer o quanto ele me fazia feliz. Era apenas um carro caro. Repeti insistentemente em minha mente até que meu corpo começasse a se esquecer do problema e apenas se concentrasse naquelas mãos quentes que seguravam a minha cintura.

– Eu amo você! – ele sussurrou assim que nossos lábios se desgrudaram.

– E eu amei o carro novo.

Sorri, acompanhando o seu sorriso de homem orgulhoso.

– Imaginei que isso aconteceria. Não vá se acostumando. Onde está o chaveiro?

Entreguei a ele enquanto me aproximava mais do veículo. Alex tratou de colocar a chave e, sem muita conversa, me entregou para que eu pudesse guiar até o local da cerimônia.

– Onde está a sua fantasia?

Colocou o cinto de segurança e ficou me observando ligar o carro.

– Aqui mesmo.

Apontei para mim e, depois de um breve segundo de silêncio, ele falou.

– Vai se fantasiar de formanda?

– Mais ou menos. O senhor precisará esperar, professor Frankli.

Então entendi que aquela fantasia fazia todo sentido.

ALEX

Por um instante, pensei que teríamos mais desentendimentos. Charlotte era uma incógnita. Eu não conseguia adivinhar se minhas atitudes causariam um momento de maturidade ou simplesmente uma ofensa capaz de estragar a

nossa noite. Mas ela estava lá, dirigindo seu carro novo, sorrindo de tempos em tempos e demonstrando satisfação com cada avanço na estrada.

Claro que minha esposa não precisava saber que o carro era blindado, muito menos que esta foi uma exigência de Peter, e pago por ele também, o que era uma droga sem tamanho. Com certeza, este detalhe poderia ficar para outro momento, afinal de contas, nós já tivéramos o suficiente de sua intempestividade.

– Eu estava pensando... – ela disse sem tirar os olhos da pista.

– Ah é?

Sorri e Charlotte me olhou rapidamente com aquela cara de ofendida. Desviei os olhos, segurando o riso.

– Vamos chegar juntos?

– Acho que agora é um pouco tarde para pensar sobre isso, amor.

Meu sorriso ficou ainda maior enquanto ela se encolhia no banco.

– Nós somos casados, Charlotte, e eu não pretendo esconder de ninguém.
– Coloquei minha mão em sua coxa, sentindo um volume de tecidos por baixo da sua roupa de formatura. Minha esposa ficou tensa. – O que você tem aí embaixo?

Ela retirou minha mão rapidamente.

– Muito ansioso, professor! Por enquanto, apenas mantenha essas mãos bobas longe de mim.

– Tudo isso só para que eu não descubra qual é a sua fantasia?

– Não. É para que eu não perca a cabeça e estrague tudo antes da hora.

Ri, saboreando a expectativa.

– Se a sua ideia era me deixar louco, conseguiu. Nem sei o que tem escondido aí embaixo, embora saiba exatamente o que este mistério está fazendo comigo.

Peguei a mão da minha esposa e coloquei em meu pau já desperto.

– Alex! – ela me censurou com um misto de gemido e repreensão que me animou ainda mais.

– Até eu saber o que você está vestindo, vou ficar assim.

– O que será um tanto quanto embaraçoso.

– Então você poderia facilitar meu lado.

Ela abriu um sorriso lindo e depois mordeu o lábio inferior.

– Não acho que o que eu estou vestindo irá ajudá-lo, professor.

– Isso não é nem um pouco justo, aluna. – Voltei a colocar a mão em sua coxa, subindo em direção ao meio das suas pernas.

Charlotte me deu um tapa na mão e me afastou novamente.

– Paciência, esta é a maior virtude de um bom professor.

Respirei fundo e tentei mudar o rumo dos meus pensamentos.

Droga! Eu estava tão animado com todas as nossas possibilidades que nem a frustração da negativa da minha esposa diminuiu minha excitação, só de pensar em um possível sim, um dia, no futuro, me deixava aceso. Era melhor desviar meus pensamentos para outra coisa. Me ajeitei no banco, sentindo meu pau protestar, e me concentrei na estrada.

– Estou louco para encontrar João Pedro, ele disse que eu nem conseguiria imaginar a fantasia que vai usar.

– Lana me disse que ia de princesa.

Fiquei sem entender. Por que João Pedro ficaria tão empolgado com uma fantasia de príncipe?

– Bom... vai ver ele acha que ser príncipe é algo muito legal.

Ri e troquei a música que estava tocando.

– Ser príncipe é bem legal – ela me repreendeu, mas também deu risada.

– Nem consigo imaginar o que ele está aprontando.

Chegamos ao local da formatura e muitas pessoas já desfilavam pela frente, ostentando fantasias de todos os tipos. Os formandos, com certeza, já estavam organizados do lado de dentro, ensaiando os últimos detalhes para a cerimônia. Charlotte manobrou, entrando em um estacionamento privativo onde um manobrista já aguardava. Ela desligou o carro, sem descer de imediato.

– Não precisa ficar nervosa, amor. Vai dar tudo certo.

– Nós praticamente não fomos nem namorados, como podemos aparecer como marido e mulher? As pessoas vão ser maldosas. Não sei como agir.

– Como a mulher corajosa que você é. Vamos, o manobrista já está impaciente.

Ela me olhou por um tempo, logo concordou e, me puxando para um beijo onde procurava segurança, se armou de coragem e desceu.

Nos encontramos em frente ao veículo e, de mãos dadas, saímos para o evento. Charlotte não demonstrou medo ou arrependimento, nem mesmo

quando alguns grupos de alunos de outros cursos ou semestre se viravam para nos encarar. Ela se manteve firme, a mão na minha, sorrindo para todos os que se atreviam a nos cumprimentar.

Tenho que confessar que fiquei orgulhoso da minha esposa. Ela era incrível!

Assim que entramos no salão principal, Miranda surgiu, ansiosa demais, com aquele olhar de quem me mataria se eu tentasse impedi-la de levar a minha esposa para longe. Charlotte ainda me lançou um olhar de súplica, infelizmente, eu nada poderia fazer. Ela precisava realmente se juntar ao grupo.

– Vejo você em breve.

E nem deu tempo de beijá-la. Rapidamente, minha esposa foi levada pela mão, comigo apenas admirando-a.

– Ela está linda – Peter chegou por trás, sobressaltando-me. – Como estão as coisas?

Apertamos as mãos sem que eu deixasse de notar o seu smoking elegante e a máscara que levava, seguindo o mesmo padrão negro.

– Está tudo bem. Ela passou o dia mais preocupada com a formatura do que com o sumiço de vocês. Como está Mary?

– Melhor. Achei melhor que ela poupasse energia, por isso a deixei sentada junto com seus pais.

Corri os olhos pelo auditório procurando-os.

– Professor? – Por um segundo, não entendi o que Peter falava até que me dei conta da minha fantasia. – Muito original. – Ele riu e eu me perguntei se estava realmente fazendo uma piada.

– Não gosto muito dessas coisas.

Seu sorriso ficou ainda maior, chamando a minha atenção.

– Pelo menos você não está vestido de sapo.

– E por que diabos alguém se fantasiaria de sapo?

Foi quando eu entendi o motivo da sua risada. Junto ao grupo em que nossa família formava, estava o ser inacreditavelmente ridículo. Não. Ridículo era pouco. O que João Pedro pretendia vestindo aquela roupa absurdamente esquisita?

– Graças a Deus, Charlotte casou com você.

Peter riu livremente fazendo-me rir também.

Caminhamos na direção deles e meu amigo fez questão de me receber esbanjando alegria por ser o centro das atenções, sem contar que, com certeza, era a fantasia mais brega da festa.

– Sapo?

Ri ao apertar a sua mão, sem conseguir tirar os olhos daquele capacete verde que sustentava olhos grandes e redondos, onde uma boca imensa se abria para dar passagem ao rosto do meu amigo. Era muito estranho! Notei que minha irmã, devidamente vestida de princesa e, diga-se de passagem, ela estava linda naquela fantasia, de cara emburrada e braços cruzados enquanto fingia ouvir a conversa entre minha mãe e minha sogra.

– Ah, cara, esta é “a fantasia”. Vá por mim.

E seus olhos correram o auditório para parar em um grupo de alunas que sorriam e acenavam em sua direção.

– Por que Lana está tão chateada?

Ele voltou a me encarar e logo parou de sorrir.

– Algumas alunas adoraram minha fantasia.

Entendi. Lana estava com ciúme.

– Três perguntaram se eu queria um beijo para desencantar.

– Não! – Fiz uma careta. – Sério que alguém ainda pensa em te beijar vestido assim? É muito mau gosto.

Ele me deu um soco no braço e olhou para a esposa.

– Ela está linda, não está? Minha eterna princesa. – Sorri. João Pedro ainda era o mesmo bobão apaixonado que só tinha olhos para a minha irmã. Ainda bem! – E Charlotte?

– Já está com o grupo de formandos.

– Ela está fantasiada de quê? Por falar nisso, sua fantasia está ridícula!

– Ah, eu não tenho o mesmo bom gosto que você, príncipe do brejo.

– Eu jamais seria previsível, Alex. Professor é tudo o que você é, e em tempo integral. – Sorriu, insinuando a minha situação com Charlotte.

Foi a minha vez de socá-lo no braço.

– Onde está Patrício?

Fui até a minha mãe, que me olhava ansiosa demais. João Pedro resolveu que era hora de ficar com a esposa e acalmá-la.

– Ainda não chegou. – Ela me deu um beijo no rosto e sorriu. – Você está ótimo!

– Mary, como está?

Foi impossível não notar o quanto minha sogra estava debilitada. Ela permanecia sentada e o semblante era de cansaço. Como Peter tinha dito: havia pouco tempo agora. Não consegui evitar a tristeza.

– Estou ótima! – Sua voz fraca indicava o contrário. – Como não estar bem quando sua única filha consegue se formar no curso que sonhou a vida inteira? A realização dela é a minha.

– E a minha.

Mary sorriu com brilho nos olhos. Ela era uma mulher linda, apesar de estar magra e abatida.

– Onde ela está? – Procurou a filha com os olhos cansados.

– Já se juntou aos colegas.

Sentei-me ao seu lado decidido também a fazer de tudo para que a sua noite fosse perfeita.

Por ela e, principalmente, por Charlotte.

CAPÍTULO 10

“O rosto enganador deve ocultar o que o falso coração sabe.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Arrumei minha beca pela milionésima vez. Percebi que aquela era a única maneira de fingir que não estava percebendo os olhares curiosos que, de tempos em tempos, caíam sobre mim. Olhar para cima, fingir impaciência e saltitar também ajudavam um pouco, mas não o suficiente para evitar o questionamento que logo me atingiria.

– Vocês estão namorando?

Respirei fundo. Estava começando e não havia como voltar atrás.

Cinco garotas que estavam na minha frente na fila para subir ao palco se viraram em minha direção assim que Cristina, a garota que estava atrás de mim, se atreveu a me fazer a pergunta de um milhão de dólares. Engoli em seco ao me sentir fuzilada por olhos ansiosos e invejosos.

– Nunca os vi juntos, pelo contrário.

Uma delas, para quem não me atrevi olhar, começou a falar o que eu tanto temia. Procurei Miranda, mas ela estava longe, conversando com dois professores e cuidando dos últimos preparativos para a nossa entrada.

– Ele é um gato!

Virei em direção a Michely, uma garota que adorava usar roupas decotadas e se insinuar para os professores. Ela me media de cima a baixo sem nem tentar disfarçar.

– Nunca imaginei que qualquer aluno pudesse ter uma chance com o professor Delícia. – E passou a língua nos lábios como se estivesse saboreando meu marido.

Senti o sangue ferver.

– É bom saber que ele não é tão rígido assim.

Elas riram enquanto Cristina deixava claro que tentaria a vez dela naquela fila.

– Ele foi o seu orientador, não? – Rafaela, uma garota ruiva que mais parecia uma cenoura ambulante, se intrometeu.

– Foi, sim – Michely respondeu por mim, me deixando ainda mais irritada. – Foi assim que conseguiu se aproximar?

– Essa coisa de professor não poder se envolver com alunas é realmente muito ultrapassada. Eu mesma já fiquei com um professor quando estava no colegial – Cristina revelou, fazendo-as rir. – Foi muito bom!

– Ele é bom de cama? – Rafaela me provocou e eu pensei que iria explodir. – O cara deve ter uma pegada de tirar o fôlego de qualquer uma. Já viu como seus braços são musculosos?

– Uma vez o encontrei na praia. Ele estava surfando. Que corpo! – Gabriela, a que até então estava calada só observando as amigas enxeridas, resolveu se manifestar.

Então Alex podia se exhibir na praia para as suas alunas, mas se achava no direito de brigar por causa do meu biquíni. Nós teríamos “aquela” conversa. Com certeza. Piorava muito quando a aluna em questão era Gabriela, uma morena dona de um corpo incrível. Eu mataria Alex!

– E, então, é namoro mesmo ou vocês são só ficantes? – Rafaela não deixaria barato e não dava mais para ignorar.

– Ficantes com toda a certeza – Michely afirmou, como se eu não fosse capaz de conquistar alguém como o meu marido.

Fazer o quê? Até pouco tempo atrás, eu mesma não acreditava que poderia.

– O professor Frankli não é homem de uma mulher só. – E me encarou zombeteiramente.

– Na verdade... – comecei a falar e elas rapidamente se calaram para prestar atenção ao que eu diria.

Foi ridículo, mas, naquele momento, me sentia tão forte, tão maravilhosa e perfeita, por que não dizer, superior, que achei o máximo esfregar a minha aliança na cara de cada uma delas.

– Nós estamos casados.

Quase ri quando o queixo de Rafaela caiu. Levantei a mão e mostrei minha enorme aliança.

– Não! – Cristina falou alto demais segurando minha mão e aproximando a aliança do rosto. – Tem o nome dele gravado?

– Claro! – Retirei a joia e, sem deixar que saísse da minha mão, virei-a para mostrar o nome do meu marido gravado em letra cursiva. – E hoje ele me deu um carro de presente de formatura, não é lindo? Meu marido é mesmo muito atencioso.

Ergui a sobrancelha, desafiando-as a continuar.

– Ele te deu um carro de presente? Há quanto tempo vocês estão juntos?
– Rafaela cruzou os braços me encarando sem acreditar.

– Tempo o suficiente para fazê-lo implorar pelo casamento.

Miranda chegou sem que eu tivesse percebido e, como não podia deixar de ser, minha amiga conseguiu calar todas as que ainda ousavam se aventurar por aquele assunto.

– Alex é perdidamente apaixonado pela Charlotte, uma prova disso é ele estar, neste momento, se dobrando em atenções com a sogra, além de, é claro, presentear minha amiga com um supercarro e se deixar ser conduzido por ela sem se importar com as línguas afiadas e os olhares invejosos que ele, com certeza, sabia que encontrariam por aqui. Agora, vamos nos organizar porque iremos ser chamadas dentro de alguns instantes. Cada uma tomando conta da sua vida e cuidando para não tropeçar na própria língua e quebrar a cara antes da formatura. Normalmente eu não me importaria com isso, afinal de contas, muitas pessoas precisam ter a cara quebrada para aprender certas coisas. No entanto, hoje, exclusivamente hoje, eu quero que tudo esteja impecável, pois é o meu baile de formatura e quero que tudo saia perfeito.

– Por falar nisso, Miranda, qual foi o seu trabalho de conclusão de curso?
– Rafaela continuou provocando.

– Foi aquele chamado “não é da conta de ninguém”, conhece? Trate de voltar para a fila ou vou te expulsar do baile por desacato.

Segurei o riso e me comportei para dar o exemplo, mas minha vontade era de aplaudir a minha amiga.

Com cara de quem não estava gostando nem um pouco, Rafaela e todas as suas amigas enxeridas se posicionaram na fila sem acrescentar mais nada. Sorri satisfeita. Elas não perdiam por esperar.

Rapidamente, o reitor e mais dois professores subiram para anunciar o espetáculo que seria a nossa formatura. Eu não conseguia me imaginar como alguém com ativa participação, mas gostava da ideia de ter chegado até ali. Era a realização de um sonho e eu sabia que este estava cada dia mais completo.

Eu tinha uma editora, um marido apaixonado, uma família que amava. O que mais poderia querer? Nada.

Foi pensando assim que consegui sustentar um imenso sorriso durante toda a cerimônia. Falei os textos ensaiados para serem ditos em conjunto no momento em que solicitado, aplaudi cada pessoa homenageada, levantei e sentei todas as vezes necessárias e, o tempo inteiro, encontrei os olhos marejados da minha mãe, os orgulhosos do meu pai e os apaixonados do meu marido.

Aguardei pacientemente o momento em que meu nome foi chamado, fiz o meu juramento, recebi o anel de bacharel, ergui o canudo na direção dos meus familiares e sorri largamente tentando conter as lágrimas. Eu tinha sobrevivido. Apesar de toda a tempestade que havia se instalado em minha vida nos últimos meses, como o medo de não ter meu projeto aprovado, a proposta escandalosa que me vi obrigada a fazer ao homem que se tornou o amor da minha vida e à perseguição de Anita, eu tinha vencido.

Talvez tenha sido pela emoção do momento, enquanto olhava de tempos em tempos para a minha amiga Miranda, que também sorria emocionada, que não prestei atenção quando meu nome foi chamado novamente. Sem conseguir entender, fui retirada do banco por mãos que não consegui identificar e colocada de pé, só então entendi que deveria caminhar até o reitor e, ainda sem conseguir me situar sobre o que deveria fazer, recebi de suas mãos uma placa dourada e todos levantaram aplaudindo.

– É um orgulho, para esta instituição, ter uma aluna como você, Charlotte Middleton. Coroamos a sua formatura com Honra ao Mérito.

Senti uma lágrima solitária escapar quando ele saiu da frente do microfone, dando-me passagem. Paralisei.

Não estava acostumada a falar em público, aliás, este era o meu grande problema. Adorava escrever, amava criar situações fascinantes, saber que provocaria o público, mas, falar para uma plateia não estava em meus planos. Por isso, olhei na direção em que a minha família estava e busquei aqueles olhos que sempre me faziam esquecer o restante do mundo. Foi para ele que eu falei.

– Boa noite – comecei timidamente. – É uma surpresa esta homenagem. – Sorri sem saber o que seria importante dizer. – Nunca pensei que poderia assumir uma profissão diferente. Desde cedo, eu soube que escrever era a minha vocação. O curso que escolhi me deu todas as bases, além de me iniciar nos sabores do caminho que escolhi trilhar. Foram anos que aproveitei com muita intensidade, me realizando a cada semestre e concretizando o que sempre acreditei, porém nada do que aconteceu no meu último semestre estava previsto. Eu nunca esperaria por tantos acontecimentos. – Sorri para Alex, que sorriu de volta com cumplicidade. – Hoje encerro minha participação nesta instituição sentindo-me completa. Segura da minha capacidade. Seria injusto agradecer a uma única pessoa. Cada professor foi um tijolo, cada amigo o cimento e a minha família a mão necessária para a construção desta realidade. Eu preciso agradecer especialmente a minha mãe, por nunca duvidar, nunca olhar para mim como se fosse apenas um capricho, por me entender e estar ao meu lado, lutando comigo para que este sonho se tornasse realidade. Ela representa a minha família. Minha amiga Miranda, por entrar neste curso junto comigo, somente para garantir que tudo daria certo. – Olhei para a minha amiga, que, discretamente, enxugou uma lágrima. Seu sorriso estava imenso. – E deu. Ela representa cada colega que esteve comigo ao longo destes anos. E devo agradecer ao meu marido, professor Alex Frankli, por ter me desafiado, me torcido até conseguir extrair de mim o que havia de melhor. Sem você, eu até conseguiria, só que não de maneira tão perfeita. Obrigada por representar tão bem o corpo docente desta universidade e por nos engrandecer com a sua tão honrada presença. Obrigada!

Afastei-me do microfone recebendo os aplausos da plateia. Ainda consegui ver a emoção da minha mãe, porém nada se igualou ao sorriso orgulhoso do meu marido, que, de pé, me aplaudia sem parar. Sorri e acenei antes de me juntar aos meus colegas.

Ainda aguardamos por vinte e cinco minutos até que todos os funcionários fossem homenageados, ouvindo todos os agradecimentos e cantando o hino escolhido para o encerramento do nosso curso, até que, finalmente, pudemos jogar os chapéus para cima, festejando o final daquela etapa.

Assim que fomos liberados, pudemos sair para nos arrumarmos para o baile. Todos os convidados foram encaminhados para o salão principal, onde as mesas estavam dispostas e o cerimonial já começava o seu serviço. Miranda conseguiu me interceptar e fomos juntas para as salas reservadas especialmente para que as fantasias fossem trocadas, ou para os seus ajustes finais.

– E aí? Deu tudo certo?

Ela estava mais animada do que o normal.

– Sim, mas achei que a fantasia está muito provocante. Alex pode não gostar muito – sussurrei com medo de alimentar a fofoca causada pelo meu casamento com um professor.

– Deixe de bobagem, ele vai adorar! – Piscou, me ajudando a levantar a beca.

Olhei para os lados, sentindo-me constrangida pelas meias brancas que subiam até um pouco acima dos joelhos.

– Eu trouxe duas coisinhas que vão apimentar a sua fantasia, antes...

Ela parou um pouco e levantou a própria beca, revelando um vestido vermelho idêntico ao da personagem que ela queria representar junto ao seu namorado. Seu corpo, devassamente desenhado naquela peça, deixava-a ainda mais linda. Miranda retirou uma sacola de um dos armários, dispostos para armazenar o que os alunos precisassem, e encontrou as luvas que cobriam quase todo o braço. O penteado escolhido completou o visual. Ela seria, com toda certeza, o centro das atenções da festa.

– Prontinho. Eu já estou completa, quanto a você... – Me observou, fazendo uma careta. – A ideia é ser sensual, Charlotte!

– Não posso ousar tanto estando na frente dos meus sogros e meus pais.

Porém, ela já estava com as mãos em mim, puxando a camisa branca para cima, abrindo os botões de baixo e fazendo um nó acima da minha cintura, revelando demais.

– Perfeito! – Riu empolgada. – Eu sabia que você ficaria divina com esta fantasia. Esse seu ar inocente, apimentado com uma safadeza quase que totalmente encoberta...

– Miranda!

Minha amiga riu abertamente.

– Agora deixe-me ajeitar este cabelo.

– Meu penteado está lindo!

Tentei fugir dela, foi impossível.

– Você vai estragar tudo! Pela primeira vez na vida, consigo ter cachos – choraminguei.

– Deixa de ser boba, logo os cachos não vão existir mais, já estão até cedendo. – Fiz muxoxo, mas cedi. – Precisamos de um penteado adequado. Confie em mim.

Olhei ao redor, percebendo que quase todos os alunos já tinham saído. Menos mal. Miranda pegou duas marias-chiquinhas, enfeitadas com laços no mesmo xadrez da minha saia e prendeu duas pequenas mechas acima das orelhas. Tive que rir. Miranda tinha uma imaginação louvável.

– Podemos ir? Alex deve estar ansioso.

– Ele vai superar. – Voltando sua atenção à sacola, retirou um pequeno embrulho e me mostrou.

Tive vontade de rir e chorar ao mesmo tempo.

– Não espera que eu entre com isso, não é?

– Por que não? – Sua expressão deixava claro que não aceitaria uma recusa.

Suspirei derrotada.

ALEX

– E elas nunca chegam.

Patrício se agitou ao meu lado com seu sobretudo amarelo e chapéu esquisito. O charuto que completava a sua fantasia, que o deixava incrivelmente parecido com um gângster, já tinha entrado e saído tantas vezes do seu bolso que eu me vi perguntando por que ele resistia tanto.

Claro que entendi o nervosismo do meu irmão. Ele estava oficialmente reatando o namoro com Miranda, passando por cima de tudo o que afirmou não querer e se submetendo à morena que tinha roubado o seu coração. Claro que ela não era o que eu escolheria para ele, no entanto, quem era eu para escolher qualquer pessoa para Patrício?

– Acho que vou buscar mais um copo de refrigerante para as garotas. – Sorri para minha sogra e minha mãe, que não saíam do meu lado.

– Você também deveria se importar, afinal, a sua esposa, de uma maneira muito misteriosa, sumiu com a minha namorada.

Vi minha mãe e Mary se entreolharem e depois minha sogra olhar discretamente na direção do meu sogro, com um sorriso tranquilo no rosto. Sim, elas também aprovavam o retorno do namoro daqueles dois. Peter caminhava em nossa direção, já quase nos alcançando.

Patrício ficou mais agitado, obviamente ainda envergonhado depois da sua demonstração patética de irresponsabilidade. Pelo visto, este não era um problema com o qual meu sogro gostaria de se ocupar.

– Elas devem estar retocando a maquiagem – Peter riu, sentando-se ao meu lado e batendo em meu ombro. – Com o tempo, ele aprende que mulheres sempre se atrasam.

– Eu aprendi bem rápido. – E levantei o braço para chamar um garçom que passava próximo a nossa mesa. – Só acho que Charlotte já extrapolou sua quota de atrasos antes da cerimônia. Quase tive que arrombar a porta e tirá-la daquele *closet* à força.

– O que já é muito estranho, afinal de contas, nossa menina nunca foi de perder tanto tempo com essas coisas – Mary me alertou.

– Vou procurá-las então.

Levantei determinado a encontrar a minha esposa e descobrir o que ela estava aprontando. Assim que minhas vistas alcançaram a pista de dança, vi alguns alunos que se aglomeravam no local abrirem passagem para duas figuras deslumbrantes passarem entre eles.

Elas caminhavam lentamente, ou meu cérebro diminuiu a velocidade, permitindo que meus olhos captassem cada detalhe da minha esposa. Ela desfilava em saltos altíssimos, que torneavam suas pernas, cobertas por meias de estudante, brancas, que subiam até quase as coxas. Uma saia xadrez, mínima, e cheia de pregas, começavam muito acima de onde deveria começar e terminavam antes da cintura bem torneada e que também estava à mostra, já que a camisa de mangas curtas e de botões, que deveria esconder a sua barriga, estava enrolada em um laço que revelava seus seios, mais fartos naquele decote indecoroso.

Confesso que fui atingido por tantos sentimentos que fiquei atordoado e confuso sobre como deveria me sentir de fato. Seu corpo tão exposto, chamando a atenção dos garotos que dançavam muito próximos, prendia minha atenção, deixando-me extasiado e excitado. Devo admitir, no entanto, que saber que aquilo tudo que até então apenas eu pude colocar os olhos e as mãos estava ali, à disposição, andando como em uma cena de filme, com um molejo digno das melhores divas do cinema, deixou-me irritado.

E ela tinha se negado a me deixar pular mais uma etapa. Que diaba!

A cereja do bolo não estava em seu corpo muito bem desenhado, nem no seu rebolado sensual, muito menos no fetiche que era a sua fantasia de estudante, que mexia consideravelmente comigo, devido à nossa história, e sim naquelas marias-chiquinhas, que prendiam duas mechas dos seus cabelos, deixando seu rosto ainda mais inocente, apesar do batom vermelho. E, finalmente, aquele pirulito de ponta redonda e vermelha, que ela colocava e

tirava da boca em chupadas que atiçavam a imaginação de quem quer que a estivesse olhando.

– Puta que pariu!

Foi impossível guardar para mim a minha reação. Eu estava perdido com Charlotte. Não sabia se a visão me deixava mais apaixonado ou mais puto da vida por não tê-la forçado a me contar o que estava planejando para aquela noite. Ou a me dar o que eu tanto desejava.

Definitivamente, seria uma longa noite.

CHARLOTTE

Tive todo o cuidado em me concentrar nos meus pés e não cair no meio da pista, como provavelmente aconteceria se eu apenas andasse normalmente para encurtar o caminho. Não sei onde estava com a cabeça quando deixei Miranda me convencer de que não haveria mal algum. Ledo engano! Assim que colocamos os pés naquele salão, as atenções se voltaram para nós duas.

Eu estava vestida de estudante. Uma estudante muito safada, a bem da verdade e, devo confessar que a fantasia combinava perfeitamente bem comigo, por aquela ser uma realidade da qual eu estava me despedindo e que, no entanto, em minha vida íntima, ainda ansiava em permanecer.

E a forma como eu a sustentava, permitindo que tão pouco dela ficasse em meu corpo, aliás, na minha concepção, minha fantasia era apenas o meu corpo e alguns pedaços de pano que sugeriam o uniforme de uma estudante, revelava o que eu era na intimidade. Tive vontade de rir. Alex, com certeza, concordaria comigo.

Era constrangedor!

– Só mais alguns passos – repeti para mim mesma, como um mantra, e mantive meus olhos fixos em meus pés.

Foi impossível ignorar todas as gracinhas, como o garoto do penúltimo semestre que soltou um sonoro “a menina do Frankli” acompanhado de um nada discreto “hummmmmmm!” que quase me fez correr em busca de uma toalha de mesa para me cobrir.

O pirulito sabor morango me distraía consideravelmente. Ele era gostoso. Brinquei com a guloseima enquanto tentava identificar alguém que pudesse me salvar daquela situação embaraçosa, até que encontrei seus olhos e não tive mais tanta certeza de que queria ser encontrada. Alex não deixava de me encarar e, pelo que conhecia daquele olhar, eu estava em maus lençóis.

– Patrício está lindo! Ele conseguiu, Charlotte. A fantasia ficou perfeita!

Eu não conseguia olhar para minha amiga, nem sorrir e nem expressar nenhuma opinião. Naquele momento, eu me sentia ridícula naquela roupa absurda.

Uma droga!

Miranda adiantou os passos enquanto eu pensava somente em dar a volta e me esconder. Se Alex reagiria mal, eu nem queria saber como seria a reação do meu pai. Eu sabia que o confronto seria inevitável e precisava me armar de alguma forma para que ele deixasse a repreensão para depois. Foi assim que, munida de coragem, parei em frente ao meu marido, sustentando o seu olhar, e aguardei.

– Estudante?

Não deixou nenhum sentimento transparecer.

– Deu para perceber, professor? – Sorri inocentemente, e foi neste momento que vi uma chama quente em seus olhos duros.

No fundo, Alex havia gostado da minha ousadia.

– O que você pretende, Charlotte?

Pisquei algumas vezes indecisa se deveria provocar mais ou recuar.

– Sabe o que é conter uma ereção na frente dos seus pais? Sabe o quanto é difícil para mim ficar te olhando sem nem ao menos poder colocar as mãos em você como eu gostaria? Tem alguma ideia de como estou me sentindo vendo aqueles “alunos” – ele rosnou o “alunos” e eu me senti temerosa – olhando para a minha esposa como se ela fosse algo comestível? E, pelo amor de Deus, pare de chupar esta droga de pirulito como se ele fosse...

Meus olhos ficaram imensos, então Alex se calou e eu entendi que alguém se aproximava de nós dois.

– Charlotte! Você está linda! – Lana me abraçou sorridente. – Vocês dois são inacreditáveis, professor e aluna. – E começou a rir. – Eu adorei. Principalmente com Alex sendo um professor antiquado e você uma aluna tão moderna, para frente, ousada. – Piscou, pegando em uma das minhas mechas.

– Obrigada! Foi ideia da Miranda – informei timidamente ainda sem conseguir definir como deveria me comportar.

Afinal de contas, ele gostou ou não?

– Ela sempre tem as melhores ideias. Parabéns pela formatura e pela homenagem. Não é todo dia que temos uma autora se formando com honra.

Sorri e tenho certeza de que corei, não sabia que eles iriam perceber em meio àquele jogo de luz alucinante e embaixo da meia tonelada de maquiagem que Miranda me obrigou a usar.

– Obrigada! Onde está João Pedro?

Minha cunhada ficou um pouco mais séria.

– Foi votar na melhor fantasia. – E aquilo parecia que incomodava a minha cunhada.

– Você já votou?

– Não, acho que vou votar em vocês dois. – Seu sorriso ficou maior. – Quem sabe assim estrago os planos do meu marido? – E saiu como se me deixar olhando para o nada fosse normal.

– Pare de chupar este pirulito – meu marido rosnou às minhas costas, fazendo-me perceber que eu repetia aquele gesto mecanicamente.

– Sim, senhor, professor Frankli.

Virei em sua direção e, mais uma vez, coloquei o pirulito na boca e o retirei bem maldosamente. Seus olhos ficaram fixos em minha boca.

– Mais algum pedido...

Ele umedeceu os lábios e depois me encarou.

– Não me provoque – parecia mais uma súplica do que uma ameaça.

Sorri amplamente.

– Não estou fazendo isso.

– Sim, você está!

– Posso abraçar a minha filha?

Meu pai surgiu para me tomar em seus braços. Seu sorriso era tão perfeito que, por um instante, me esqueci do quanto Alex estava furioso e me

concentrei apenas naquele homem que havia sido o primeiro amor da minha vida.

– Parabéns, Charlotte! Estou muito orgulhoso.

Verifiquei que seus olhos estavam marejados, mas resolvi não tocar no assunto.

– Minha filha se formou com honra, então acho que posso tirá-la um pouco do marido esta noite, não posso?

Minha mãe me cercou com seus braços e eu me senti tentada a olhar para Alex, porém não o fiz. Não queria me sentir tentada a recusar o pedido de minha mãe e ficar ao lado do meu marido para assegurá-lo de que eu não o estava provocando.

– Claro, Mary! Vou dar uma volta e parabenizar alguns alunos. Com licença.

Alex saiu e me senti sozinha. Era injusto me sentir assim, estando eu com pessoas que amava e que me amavam também. Na verdade, eu começava a me sentir mal por ter permitido que Miranda me convencesse a usar algo tão indiscreto e, com isso, acabar decepcionando o meu marido. Merda!

Todos me abraçaram, inclusive meu sogro e minha sogra, que demonstravam sua felicidade pela formatura e a homenagem. Patrício não largava Miranda um só segundo e, assim que me cumprimentou, a arrastou para a pista de dança como dois namorados apaixonados.

A parte mais engraçada foi quando João Pedro se aproximou. Sua fantasia de sapo era tão ridícula que eu não conseguia parar de rir. Ele adorou a minha reação e levou um bom tempo me convencendo das vantagens de ser um sapo. Claro que ele tentava era convencer a esposa, já que afirmava com

muita ênfase que, no meio da noite, receberia o beijo da princesa mais preciosa daquele baile e aí, sim, se transformaria em príncipe.

Só João Pedro para acreditar naquelas bobagens!

Quando eu já tinha bebido duas taças de champanhe e estava com a terceira nas mãos, Johnny apareceu com uma alegria extasiante. Me abraçando com força pela cintura e me levantando para rodopiar, ele ria e me parabenizava. Ri junto.

– Você é a aluna mais gostosa desta faculdade. Este é o comentário que ouvi por aí.

– É? E onde você estava? Posso saber?

Ele fez uma careta e depois deu risada.

– Finalizando o meu projeto. – Fez o maior esforço para ficar sério.

– Projeto? Como assim? Estava estudando na noite da minha festa de formatura? Sumiu por vários dias e não me atendeu, e isso tudo por causa de um projeto? Quando ficou tão responsável?

Johnny, então, explodiu em risada, deixando-me sem graça.

– Eu estava finalizando meu projeto para hoje mais tarde, entendeu? – Piscou um olho e voltou a rir.

– Você é muito cretino! – Dei um tapa em seu braço e ri junto.

– Eu já volto. Vou pegar a minha taça.

Ele saiu de perto e eu continuei rindo, porém fiquei imediatamente tensa, assim que identifiquei a figura que se aproximava.

– Estudante? Não acha que é muita provocação?

Saco! Uma coisa era meu marido se sentir provocado, outra era a imbecil da Anita achar que poderia criticar a minha fantasia. Ela nem era mais minha professora!

– Não acha que é muita arrogância da sua parte esfregar na cara dos dirigentes desta faculdade a pouca vergonha que você e seu marido fizeram? Jogando o nome da instituição na lama.

Dei um longo gole do meu champanhe antes de formular uma resposta sem que isso se tornasse um escândalo de nível internacional.

– Eu acho que isso não é da sua conta, Anita. Por que não vai infernizar outra pessoa?

Ela riu alto.

– Isso não vai ficar assim, Charlotte. Está pensando que a vida é linda, que isso é um livro com final feliz? Caia na real, garota. Ninguém ganha o tempo todo e eu estarei esperando para ver você perder cada vez mais, pouco a pouco. Alex é um homem, não um menino que se contenta com tão pouco. – Fez uma cara de desprezo que me atingiu em cheio. – Um dia ele vai perceber o erro que cometeu, então a sua queda vai ser drástica, escritora mimadinha.

Seu sorriso arrogante quase tirou o meu ar e me aborreceu com a mesma potência. Somado à raiva que eu sentia, havia a quantidade considerável de álcool no meu sangue, que me deixava mais segura, na medida do possível. A prova maior foi quando ela começou a se virar para me deixar e eu a segurei pelo braço, impedindo que se afastasse.

– Escuta, você está fazendo isso só porque o meu marido não quis te comer? Você é tão mal-amada assim? Precisa descer tão baixo para mostrar a um homem que ele não pode te recusar? Tenha um pouco de amor-próprio, Anita! Alex não te quer, e isso acontece não porque eu existo, e sim porque ele não tem desejo por você, nunca teve. Ele comeu metade desta cidade, dividiu a

cama com muitas outras mulheres. O mais engraçado é que, mesmo quando ele não amava ninguém, quando não havia uma namorada ou um relacionamento para se lamentar, mesmo quando ele saía, bebia e se envolvia com as mais variadas mulheres, ele não quis você, então bola pra frente! Tenha mais amor-próprio, se dê um pouco de valor e simplesmente esqueça que meu marido existe. Não que o meu casamento agradeça, afinal de contas, as suas ameaças possuem o peso de uma pena em nosso relacionamento. Alex prefere morrer, passar as maiores humilhações, perder tudo, a ter você na cama dele. – Fiz biquinho encarando a minha rival, que me olhava com fogo nos olhos. – Agora me dê licença porque o meu marido me aguarda na pista de dança.

Percebi quando Alex nos viu no canto do salão e sabia que permitir que ele se aproximasse poderia dificultar ainda mais as coisas, então preferi encerrar a conversa. Johnny se aproximava, nos encarando. Ele parecia seguro, como se Anita não fosse nenhuma ameaça.

– Atrapalho?

Ela, que ainda me encarava pronta para rebater, se assustou com a sua presença.

– Não. A professora Anita só estava me parabenizando. – Ergui uma sobrancelha, aguardando a reação dela.

– Isso – respondeu com raiva, que imediatamente evaporou quando resolveu encarar meu amigo. – Eu estava me despedindo de Charlotte. Com Alex fora da faculdade, não teremos mais por que nos encontrar.

– Acho que vocês duas ainda poderão se encontrar mais algumas vezes. – Ele sondou a professora com olhos sensuais, deixando que estes descessem até os lábios dela. Depois, sorrindo lindamente, acrescentou: – Quem sabe o que a vida nos reserva?

Não acreditei quando um sorriso mínimo brotou nos lábios dela e como ela ficou desconcertada, por isso bebi de um gole só o champanhe. Johnny teria que me explicar exatamente o que estava acontecendo entre eles dois.

– Alex ainda não definiu como ficará a situação dele com a faculdade. – Nem sei por que resolvi explicar aquele ponto, talvez porque eu estivesse realmente desconcertada com o que estava vendo.

– Não? – Rapidamente, a atenção de Anita se voltou para mim.

– Não. Com licença. Meu marido está me procurando. – Resolvi que era hora de interceptar Alex, que já se aproximava de nós três.

– Algum problema? O que ela queria? – ele perguntou assim que o alcancei, impedindo-o de ir até a lacraia traiçoeira.

– Onde você estava, professor?

Ergui o rosto, encarando meu marido e forçando uma expressão desconfiada.

– Conversando com alguns amigos, parabenizando os professores e ouvindo piadinhas.

– Piadinhas?

– Sim. – Ele se inclinou em minha direção, igualando a altura dos nossos olhos. – Minha esposa está dando o que falar.

– E isso é bom ou ruim?

Sorri, baixando o olhar e mexendo em uma mecha do meu cabelo. Confesso que meu nervosismo era muito maior do que qualquer outro sentimento.

– Vamos deixar para falar sobre este assunto quando chegarmos em casa. Agora eu quero aproveitar a minha esposa gostosa e mostrar para estes “garotos babacas” quem é que manda.

Suas mãos correram minha cintura, puxando-me para perto em uma atitude de posse que arrepiou todos os meus pelos.

– Hum! Esposa gostosa?

Ele me beijou de forma provocante, roçando a língua na minha.

– Muito gostosa!

Suas mãos quentes subiram ligeiramente em minhas costas seminuas.

– Garotos babacas? – provoquei, agarrando seus cabelos pela nuca e deixando meus braços em seus ombros.

– Muito babacas. – Ele afastou nossas bocas e me olhou aborrecido. – Os mais babacas que já conheci.

– Você tem noção que “babaca” é uma expressão ultrapassada, não é?

– Eu sou um homem ultrapassado, Charlotte. E um idiota, dominado e apaixonado por uma diabinha...

– Estudante, professor Frankli!

– Uma estudante deliciosa, saída do inferno para me tentar.

– Eu sabia que você tinha gostado. – Sorri em seus lábios, provocando-o ainda mais. – E meu marido nem imagina o que tenho por baixo desta saia.

– Graças a Deus, Charlotte! Levei uma boa parte da noite imaginando que você não teria nada por baixo e não consegui definir se te mataria ou não, se isso realmente fosse verdade.

Ri, colando meu corpo ao dele.

– Ainda bem que sobrou um pouco de decência neste corpo, depois de ter a mente dominada por uma libertina. – Ele inclinou a cabeça e suas mãos desceram provocantemente em direção a minha bunda. Um sorriso sacana brincou em seus lábios. – Ou... quase libertina.

– Libertina também é ultrapassado.

Meu rosto queimou à medida que minha mente me lembrava do motivo para o seu comentário.

– Eu sou um idiota mesmo.

Ele me apertou em seus braços e aprofundou nosso beijo, deixando-me extasiada.

– Esqueceu-se de quem é que manda aqui, professor Frankli?

– Acho que você não está se comportando de maneira satisfatória, cara aluna. Vamos ter que ficar depois da aula para uma conversa muito promissora.

– Uma aula extra? – Fiquei animada e ao mesmo tempo temerosa.

– Não sei se seria uma aula extra. – Fez uma careta linda e sorriu torto.

– E o que seria então?

– Vou te mostrar o que acontece quando alunas como você provocam professores ultrapassados como eu.

CAPÍTULO 11

“Os ciumentos não precisam de motivo para ter ciúme. São ciumentos porque são. O ciúme é um monstro que a si mesmo se gera e de si mesmo nasce.”

William Shakespeare

ALEX

Ao som de Amy Winehouse, nós dançávamos *Know him is to love him*. A melodia doce e a batida sensual, a letra cativante que ela, de tempos em tempos, sussurrava olhando em meus olhos. Uma promessa de amor que me abalava e emocionava na mesma proporção.

Charlotte dançava em meus braços, movimentando-se sensualmente, deixando-me ainda mais excitado. Era uma música lenta, mas só o fato de poder abraçá-la em público, segurá-la na segurança do meu corpo, deixar claro que aquela menina espetacular me pertencia, me fazia ganhar a noite.

Eu sentia raiva dos idiotas que a olhavam sem nenhum pudor ou receio por tentarem flertar com a esposa de um professor. Ao mesmo tempo, sentia prazer em poder me exhibir com aquela linda e deliciosa mulher, mostrando a todos que era minha. E o pior, ou melhor, ela adorava me pertencer.

E eu que pensei que nunca mais sentiria aquela sensação gostosa de conquistar a melhor da noite, deixando meus amigos com inveja. Não porque Charlotte não fosse linda, nem gostosa, nem nada disso, era apenas porque este não era o seu perfil e, por mais incrível que pareça, minha esposa se tornou a mulher mais sensual e interessante que eu já havia conhecido.

A melodia lenta perdeu força e outra mais agitada ocupou o seu lugar. Charlotte sorriu com malícia, se afastando para dançar mais livre da minha proteção, porém não distante o suficiente para que minhas mãos não a alcançassem.

– Pare de chupar este pirulito, Charlotte! – alertei quando ela encostou as costas em mim, rebolando provocantemente enquanto segurava o maldito pirulito em sua boca.

– Ele é gostoso! – Riu brincalhona.

Tive vontade de tomar o doce de sua mão e lhe mostrar o que acontecia quando ela decidia me torturar com algo tão sugestivo.

– Pare!

Minha esposa tirou a guloseima da boca e se virou para me olhar. Havia um sorriso perturbador em seus lábios e ela dançava sem deixar de me encarar.

– O que foi?

– Gosto de você assim. Lembra daquela noite em que me salvou na boate?

Claro que eu lembrava. Aquela noite foi decisiva para nós dois. Foi o começo de tudo.

– Nós dançamos. – Ela se aproximou mais, alcançando meus lábios.

– E tomamos uma decisão.

– A melhor de todas.

Porra! Charlotte me enlouquecia com poucas palavras. Eu amava saber que ela gostava da nossa história. Era gratificante.

– Eu amo você, professor Frankli – sussurrou em meus lábios e, mesmo com o barulho do som estridente, consegui entender o que ela dizia.

Eu ia responder, quando os gritos no salão despertaram a minha atenção.

Seguindo o som, identifiquei que a algazarra era devido a algum acontecimento até então ocultado pelos inúmeros alunos que gritavam e aplaudiam. No meio de tudo consegui identificar os meus pais, que dançavam um pouco afastados de mim, mas muito próximos de Lana e João Pedro, como se quisessem incentivar minha irmã a desamarrar a cara que ela sustentara a noite toda. Curioso com o sorriso dos meus pais, forcei a passagem e logo consegui identificar o que causava tanta algazarra.

João Pedro dançava com Lana, se declarando ao som da música *Accidentally in Love*. Minha irmã sorria apaixonadamente e tentava esconder a emoção, enquanto ele fazia uma coreografia engraçada que arrancava risos e gritinhos de todos. Então, quando pensávamos que não passaria disso, a música foi acabando e o DJ incrementou com *When a Man Loves a Woman*. Todos gritaram quando João Pedro se ajoelhou como um príncipe e Lana, orgulhosamente, se curvou para beijá-lo. Foi quando tudo aconteceu.

Ao som apaixonado da melodia, ele levantou e começou a tirar a fantasia. No momento, não entendemos, mas, quando realmente conseguimos identificar o que ele fazia, foi impossível não sorrir. Por baixo da roupa de sapo, João Pedro vestia um smoking, digno de príncipes. O sapo se transformava em príncipe pelo amor da sua princesa. Eu não conseguia imaginar outra pessoa capaz de fazer algo tão ridículo e ao mesmo tempo tão romântico, somente o meu amigo.

Naquele momento, eu me senti feliz. Minha irmã merecia um homem que a encantasse e era isso o que João Pedro fazia da vida deles dois. Ele a encantava e deixava claro, a cada dia, que tinha tomado a decisão certa.

Olhei para Charlotte, que aplaudia emocionada. Ela sorria de maneira espontânea e natural. Linda! Era o que eu queria para a nossa vida. Dias de paz, onde eu sempre pudesse reafirmar que, independentemente da forma louca como tudo começou, eu sempre a escolheria. A minha aluna.

– O que foi? – Ela me olhou ainda sorrindo, me avaliando com aqueles olhos que me transportavam para um mundo lindo e encantado. Um reino de faz de contas.

– Eu amo você!

E puxei minha esposa para um beijo apaixonado.

CHARLOTTE

– Por que tão cedo?

Meu pai não tinha gostado nada da ideia de eu ir embora mais cedo com Alex. Por várias vezes, enquanto o ouvia argumentar, me perguntava se ele tinha se esquecido de que eu já era uma mulher, madura e casada, dona do meu próprio nariz.

– Eu não gosto muito de festas, pai! O senhor sabe disso.

– É a sua formatura! Sua família está aqui, seus amigos... Lana e João Pedro ganharam o concurso e nós queremos festejar.

– Deixe Charlotte decidir o que é melhor para ela, Peter! – Minha mãe, como sempre, interferiu a meu favor. Tive vontade de abraçá-la e beijá-la como agradecimento. – Não esqueça que eles ainda estão em lua de mel – falou de maneira discreta, fazendo o meu pai corar um pouco.

Ri.

– Ela deveria passar mais tempo com você, quer dizer... com nós dois.

Minha mãe colocou um dedo nos lábios do meu pai, impedindo-o de continuar. Achei estranho. Como ela sorria, não me preocupei.

– Vocês vão viajar outra vez? – Fiquei alerta. – Já estão pensando em ir embora?

E aquele pensamento me entristeceu profundamente. Alex se aproximou, colocando as mãos em meus ombros. Meu pai ficou tenso.

– Talvez. Já estamos há tempo demais aqui e você sabe que prefiro estar em casa – meu pai respondeu sem conseguir me encarar direito.

– Vocês poderiam demorar mais um pouco. Mãe, eu ainda preciso de você!

A forma como ela me olhou fez meu coração perder uma batida. Ela sofria.

– Não seja infantil, Charlotte! – meu pai me repreendeu. – Você é uma mulher, adulta...

E eu me perguntei por que isso não contava há poucos segundos. O que estava acontecendo?

– Eu não vou a lugar nenhum, meu amor! – minha mãe se manifestou, pegando minha mão e levando-a ao rosto. – Estarei sempre aqui. Vá para casa, filha. E fique tranquila que eu cuido desta fera.

Meu pai resmungou novamente e então, por fim, apertou a mão de Alex e nos liberou.

Após a longa despedida, afinal de contas, Alex precisava falar com inúmeros professores, alunos, funcionários, até que, finalmente, estávamos liberados e conseguimos seguir para nossa casa. Deixei que ele dirigisse, pois estava muito cansada para desfrutar das maravilhas do meu presente.

Ele estava um pouco sério, apesar de relaxado. Olhava para a frente, nunca para mim, no entanto, sua mão estava, sempre que possível, em minhas coxas, fazendo uma carícia delicada e cheia de promessas. De tempos em tempos, cantarolava a música que tocava no rádio, e eu sempre achava que aquelas escassas palavras revelavam um pouco do que ele estava sentindo.

– Feliz?

Ele me olhou pela primeira vez enquanto manobrava para entrar na garagem de casa. Alex pegou minha mão e levou-a aos lábios, beijando carinhosamente os meus dedos.

– Muito! Estou feliz com a sua formatura, com o seu sucesso, com o nosso casamento, com você... – E sorriu, parando o carro.

Tive que sorrir de volta, sentindo-me subitamente feliz. Era contagiante.

– Fique bem aí onde está.

Ele saiu correndo do carro, deixando-me sem saber o que pretendia. Rapidamente, Alex deu a volta e abriu a porta do carona, estendendo-me a mão para me auxiliar a sair. Achei lindo e engraçado. Ele sorria e fazia galanteios. Assim que fechou a porta do carro, me imprensou contra a lataria, colando-se a mim.

– Pronta para pagar por suas travessuras? – sussurrou, roçando os lábios em meu pescoço.

– Eu me comportei, professor.

Alex riu, jogando seu hálito quente em minha pele, aquecendo todo meu corpo.

– Não acho que usar meias como estas possa ser classificado como bom comportamento, Sra. Frankli.

Seu polegar levantou ligeiramente minha saia e acariciou minha coxa, forçando a meia para baixo. Minha pele inteira se aqueceu.

– O que tem de errado com as minhas meias, professor?

Deslizou a mão, puxando minha perna para cima, acomodando-me em sua cintura. Depois acariciou do meu tornozelo até o limite da coxa.

– Ela termina cedo demais. – A outra mão se fechou com força em minha nuca. – Pior ainda é esta saia curta, começando muito tarde e terminando muito cedo.

– Isso te incomoda?

Gemi ao sentir seus dedos trilhando para dentro da minha saia até alcançarem a calcinha de renda branca. Seus dedos brincaram por cima do tecido, até que começasse a ficar molhado.

– Só quando preciso perder muito tempo imaginando o que tem por baixo.

– Então acho que estou perdoada. O senhor não precisa mais perder tempo com imaginação, é só pedir que a calcinha será toda sua.

Ele correu a ponta do nariz da minha orelha até o queixo, aspirando meu cheiro e demonstrando sua ansiedade.

– Tire a calcinha – ordenou, me deixando de repente.

Fiquei confusa e precisei respirar várias vezes para coordenar as ideias.

– Tire a calcinha, Charlotte.

Olhei para os lados. Mesmo excitada como eu estava, não dava para ignorar o fato de estarmos expostos demais.

– Alex, nós estamos na rua.

Seus olhos quentes pareceram perder o foco. Ele me olhou de cima a baixo e depois desviou sua atenção para a rua.

– Está tarde. Ninguém está nos observando.

Corei significativamente e engoli em seco.

– Eu não vi este pudor todo quando você desfilou na pista de dança chupando aquele doce provocante.

Baixei o olhar ciente de que merecia aquela cobrança e temi que ele exigisse uma reparação. Então ri. Exigir uma reparação era mesmo algo ultrapassado em se tratando de sexo.

– Qual é a graça?

– Exatamente a de eu adorar te provocar, embora deteste o fato de estarmos tão expostos.

Ele revirou os olhos e me segurou pelo braço, puxando-me em direção à casa. Nem tive tempo de protestar, Alex andava a passos largos, decidido a alcançar o interior do nosso lar o mais rápido possível. Destrancando a porta, ele simplesmente me fez entrar e a fechou. Seus olhos exigentes me varreram. Minha respiração ficou presa com a intensidade daquele olhar.

– Agora, Charlotte. – Ele puxou o ar com força. – Vai ser exatamente do jeito que eu quero. Como eu quero – advertiu, inclinando a cabeça para o lado.

Estremeci, pois sabia que naquela afirmação existia muito mais do que eu poderia concordar. Ou não?

– Vire-se de costas.

Obedeci prontamente, sem deixar de perceber o frio que percorreu a minha espinha. Eu estava tensa e ansiosa... mais ansiosa do que tensa.

– Isso – rosnou, lançando calor por todo o meu corpo. – Agora, lentamente, retire a calcinha.

Ouvi quando ele deu dois passos para trás, quase que se encostando à porta. Respirei fundo e percebi que eu podia participar daquela brincadeira também. Passando a mão para dentro da saia, segurei dos dois lados da calcinha, porém, antes de começar a retirá-la, inclinei-me, empinando a bunda, e só depois que acreditei estar em um ângulo que pudesse ativar ainda mais o meu professor, iniciei a sua retirada, bem lentamente, como ele tinha solicitado, afinal de contas, eu era a sua melhor aluna.

– Está bom assim? – provoquei mais.

– Está ótimo!

E sua mão me atingiu com um tapa não muito forte, apenas o suficiente para ativar a minha imaginação. Soltei um gritinho e depois ri.

– Isso é para você aprender a não me provocar em lugares públicos.

– Não acho que devo ser punida por tal fato, professor, afinal de contas, o senhor mesmo tentou me persuadir a fazer atos ilícitos, agora há pouco, em um local um tanto quanto público.

Recebi outro tapa como reprimenda, em seguida, sua mão, de baixo para cima, me acariciou de maneira indecorosa. Mordi os lábios para não me entregar tão rapidamente à tentação.

– Eu posso puni-la como quiser, Charlotte.

Não respondi, pois tive medo de gemer descaradamente e não queria estragar a brincadeira deliciosa que estava apenas no início.

– Onde está aquele pirulito?

– Ri.

– Achei que o senhor odiasse o doce, professor.

Seus dedos acariciaram o centro entre as minhas pernas, descaradamente exposto para o meu marido, estando eu em uma posição tão indecorosa.

– Ele estava recebendo uma atenção que deveria ser só minha. – E gemeu de uma maneira absurdamente desavergonhada ao deixar que seus dedos brincassem com meu corpo.

– Posso arrumar uma maneira de me redimir. É só...

Ele me impediu de levantar, mantendo-me naquela posição, com a bunda empinada.

– Outra hora, Charlotte. Teremos uma noite inteira de punição.

Puta. Merda!

– Agora eu quero outra coisa.

Puta merda um milhão de vezes!

Outra coisa seria... Oh, droga!

Sem entender o que ele pretendia fazer, não consegui me preparar para o que aconteceria. Alex ficou de joelhos e, imediatamente, seus lábios e língua exploravam meu sexo, sem nenhuma compaixão. Involuntariamente, comecei a

gemer. Não eram gemidos tímidos, eu simplesmente perdi o controle e, quando dei por mim, já rebojava, sentindo sua língua me acariciando, e gemia inebriada pelo prazer.

Não posso mensurar quanto tempo ficamos assim, ele me experimentando e eu me permitindo ser experimentada. O fato é que cheguei rapidamente ao meu limite, sentindo que não suportaria mais.

Mas Alex sempre sabia o que fazer.

Claro que ele poderia me dar prazer naquele instante, afinal de contas, nunca chegaria o dia em que meu professor me deixaria na mão. Sem contar que ele sabia, e eu também, que bastavam apenas mais alguns toques para que meu corpo voltasse a corresponder e, então, nossa brincadeira só teria fim quando fosse a sua vontade. No entanto, a ideia era me punir por provocá-lo e, no quesito punição, o alívio rápido seria inadequado. Por isso, ele parou.

Suspirei resignada. Eu aceitava minha punição, e de muito bom grado.

Como se eu já não estivesse excitada o suficiente, no momento em que seus lábios deixaram meu sexo, subiram inesperadamente, e sua língua passou pelo... bom... ele passou a língua bem ali, naquele lugar que tanto me deixava apreensiva. E, porra, minhas pernas cederam na mesma hora. Um misto de prazer e ansiedade percorreu minhas veias, fazendo tudo a minha frente escurecer.

Caralho! Eu gostei daquilo. Era sujo, de uma maneira perversa. Era pecado, ao menos para alguém como eu. Era inesperado, inapropriado, errado... era quebrar todas as regras, atirar ao fogo tudo o que eu tinha de princípio, tudo o que eu imaginava ser correto e aceitável. Mesmo assim, naquele momento, eu não queria nada menos do que isso.

Sem nada acrescentar, simplesmente recomeçou as carícias com os dedos, instigando-me a manter o controle, mas consciente de que era uma

batalha perdida. Que mulher resistiria às mãos de Alex Frankli, roçando o seu sexo com a destreza dos grandes mestres? Quem manteria o autocontrole, sentindo sua carne umedecida ser tocada em seus pontos mais sensíveis com a intenção de ser levada ao êxtase? E como tentar entender cada detalhe do que se passava lá embaixo quando sua outra mão subia, buscando, incansavelmente, encontrar meus seios para completar a sua tortura? Bom... eu não conseguia.

Empinei ainda mais a bunda, implorando para que meu orgasmo não fosse tão teimoso quanto eu e resolvesse que já era hora de se exhibir. Alex entendeu o meu pedido e, assim que sua mão se fechou em meu seio, forçando-me para trás, seus dedos adentraram em meu sexo, iniciando o movimento avassalador de entrar e sair.

– Alex! – gemi, implorando.

Não dava para prolongar muito aquela brincadeira, estando eu tão excitada.

– Cansou de brincar, Charlotte?

Ele era um filho da puta, miseravelmente delicioso, que preferia me provocar a aliviar a própria tensão, já que eu podia ter a certeza de que sua ereção estava absurdamente dura e implorando por alívio.

– Cansei de ser punida, professor. Acredito que já estamos prontos para que o senhor me aplique um corretivo mais incisivo.

Com isso, assinei minha confissão de que nada faria para impedi-lo. Alex riu e abandonou meu sexo, não sem acariciar minha bunda e espalhar a minha excitação. Gemi despudoradamente. Céus! Como eu podia mudar de opinião tão rápido quando ele me tocava daquela forma? Como eu podia simplesmente fechar os olhos e me entregar ao seu bel-prazer sem pensar nas consequências?

– Vamos ver o que posso fazer.

Alex saiu sem nada me dizer. Respirei fundo. Meu coração estava acelerado e meu sexo pulsava tanto que, por um breve segundo, pensei em acabar com aquela angústia que não me deixava raciocinar direito. Era uma boa solução antes que não me restasse saída.

Meu marido voltou tão rápido quanto o meu pensamento. Ainda completamente vestido, e na mão... porra! Ele não teve o cuidado nem de esconder de mim. Senti o ar ficar preso em meus pulmões.

Merda, eu ia amarelar outra vez. Eu ia. Com certeza. Podia sentir o pânico e a vergonha me dominando, ganhando força em minha mente. Piorou e muito quando ele levantou o objeto, deixando-me ter certeza do que pretendia.

Santo Deus, me proteja!

– Alex...

– Shhh – meu marido me calou, segurando meu queixo com uma mão. – Vai ser como eu quero.

E me calou com seus lábios cheios de desejo, antes que eu pudesse protestar.

Alex me beijou com tanta vontade que não encontrei forças para reprimi-lo. Sua mão, a que ainda segurava aquela coisa, me puxou pela cintura, colando nossos corpos, e a outra... ah, a outra brincou com a minha pele, queimando meu pescoço e todo o restante do caminho até encontrar meus seios.

Senti os botões cederem, o sutiã ser afastado até que, finalmente, meu mamilo estivesse entre seus dedos. Gemi deliciada, esquecida de qualquer

medo, deixando a ansiedade voltar aos poucos para minhas veias, fazendo meu sangue correr mais rápido.

Ele puxou o bico já duro e pressionou na intensidade certa. A mão de Alex em minha pele era sempre uma sensação inacreditável. Eu não conseguia encontrar coerência entre a forma como o meu corpo reagia e a minha mente trabalhava. Eram apenas toques. Tudo bem que eram toques ousados, mesmo assim, era apenas a mão dele em meu seio, e... era delicioso.

Seus lábios deixaram os meus, fazendo-me suspirar. Alex não perdeu nem um pouco da sua intensidade. Sua respiração pesada, as pupilas dilatadas, a necessidade de estar tão próximo que poderia se fundir a mim, tudo indicava o seu nível de tesão e, claro, o meu. Afinal, eu correspondia a Alex, como o mar ao vento, como o sol ao céu, como as estrelas e os romances, eu correspondia àquele homem, seguia os seus passos e encontrava a felicidade neles.

– Vai ser como você quer também, Charlotte – sussurrou, deixando os lábios roçarem minha clavícula. – Porque você também quer, amor. Confie em mim.

E sua mão correu para meu centro de prazer. O suspiro que escapou dos seus lábios, quando seus dedos ousados encontraram meu sexo molhado e pronto para recebê-lo, fez minha mente girar. Alex agia como um perverso, como um homem incapaz de se conter perto de uma mulher, como se ali, naquele momento, o que havia entre as minhas pernas fosse a sua única preocupação.

Ele me acariciou, deixando os dedos deslizarem para cima e para baixo em minha carne, sem pressa, apenas aproveitando a liberdade de poder me tocar como quisesse, na hora que quisesse, e eu estava adorando.

Involuntariamente, minhas pernas se abriram, permitindo que ele se aproveitasse ainda mais de mim. Fechei os olhos e pensei em nós dois. Eu vestida de aluna, com uma saia curta, sem calcinha, meias e saltos ousados, sendo bolinada pelo meu professor, completamente vestido, ansioso para se enfiar e se perder em mim.

Minha carne formigou. A sensação de ser masturbada por Alex, meu marido, meu eterno professor, era de me tirar o fôlego. Mais uma vez, acreditei que gozaria ali, sendo assistida por ele, presa à atenção e profundidade dos seus olhos, então ele parou e eu nem tive tempo de pensar.

Rapidamente, Alex me girou de costas, deitando-me sobre o banco próximo à bancada da cozinha. Minha saia logo foi suspensa, revelando minha bunda e meu sexo. Fechei os olhos, tentando não pensar no que estava por vir, sem querer amarelar.

Novamente, seus dedos me tocaram, desta vez eles se afundaram aos poucos em minha carne. Primeiro um dedo, lento, calmo, depois outro e, por fim, outro. Ele me testou, abrindo-me, se afundando até chegar ao limite. Posicionado atrás de mim, Alex povoava minha mente de possibilidades. Eu não sabia como seria, nem sabia se ele realmente faria, não tinha ideia de como reagiria, mas de uma coisa eu estava certa, não havia como voltar atrás.

Foi quando senti seu pau em minha entrada. Por um breve segundo, me perguntei como ele conseguiu fazer aquilo sem ganhar a minha atenção; no segundo seguinte, eu já não conseguia pensar em mais nada. À medida que Alex se afundava em mim, seu dedo, não sei qual deles, se enterrou em minha bunda seguindo o mesmo movimento.

Engasguei de prazer e de medo. Porra, ele estava com um dedo todo dentro de mim. Todo. Paramos. Eu não sabia se Alex não continuava porque queria a minha permissão ou se estava me testando. Fiquei bem quietinha,

aguardando o que mais ele exigiria de mim e o que mais eu seria capaz de fazer por aquele homem.

Então ele começou a se movimentar, bem lentamente e, ao mesmo tempo que seu pau entrava em minha vagina, acariciando as paredes, alcançando todas as terminações nervosas, seu dedo seguia o mesmo movimento, entrando e saindo, empurrando-me para um conjunto de sensações que eu não conseguia identificar.

Só sei dizer que eu estava adorando. Sim, eu recriminava. Sim, eu tinha um conceito antiquado e, principalmente, sim, aquilo era um tabu para mim, mas... droga! Eu gostava quando Alex me tocava daquela forma. Porra, eu gostava!

Ele retirou o dedo e seus movimentos ficaram mais fortes, mais intensos, forçando-me para a frente e para trás, segurando-me ora pela cintura, ora por um seio que estava à mostra. Ah, Deus! Aquilo me partiria ao meio, me faria evaporar. Não poderia haver mais tesão acumulado em um corpo como o que havia em mim.

Alex parou abruptamente, interrompendo o meu devaneio e o fluxo de prazer que acariciava o meu corpo e lambia meu sexo com a volúpia necessária para me tirar de qualquer realidade. Eu me senti perdida. Abandonada. E completamente necessitada dele.

– Alex...

Ele me virou outra vez, segurando-me com força. Levantei as pernas, envolvendo a sua cintura quando meus lábios foram tomados. Céus! Eu sentia seu membro rígido contra o meu sexo inchado, sem me penetrar, apenas me provocando, se impondo e me fazendo lembrar de tudo o que ele era capaz de fazer comigo.

Na posição em que estávamos, eu abraçando o corpo do meu marido com as pernas, minha bunda ficou outra vez a sua disposição, e Alex não se fez de rogado. Segurando-me com força com uma mão em cada nádega, ele me abriu e roçou a ponta dos dedos, ora um, ora outro, sem se afundar, só instigando, me fazendo desejar, sonhar, ansiar.

Ele andou sem deixar de me beijar. Eu sentia seus lábios exigindo os meus enquanto sua língua me incentivava a acompanhá-lo. Logo em seguida, ele me deitou no sofá da sala e levantou, ficando entre as minhas pernas. Eu não o beijava mais, porém podia assistir seus olhos famintos me cobiçando.

Alex esfregou uma mão em meu sexo, sem muito cuidado ou como se estivesse estudando o que estava fazendo, ele só me tocou, refletindo o seu desejo. E então seus olhos encontraram os meus. Eram quentes, intensos, tão cheios de tesão quanto os meus.

Sem deixar de me olhar, segurou o pau e o manipulou, bem pertinho da minha entrada, sem me penetrar. Ele se masturbava sem pudor, sem que parecesse algo errado, ou fora do contexto, e era lindo, forte, poderoso.

A vontade de acompanhá-lo foi mais forte do que o rubor que aquecia meu rosto, por isso, sem me permitir pensar duas vezes, deixei minha mão se guiar até o centro entre as minhas pernas e meus dedos me acariciarem, buscando alimentar a chama que já me consumia. Alex gemeu, aprovando minha atitude. Seu gemido foi algo carnal, que me dizia exatamente o que ele estava pensando, e o quanto apreciava o que estávamos fazendo.

Após um período masturbatório, tempo no qual nos permitimos buscar o prazer sem desconectar nossos olhos, ele largou o membro e segurou minha mão. Não percebi o que fazia, mas Alex segurou meus dois punhos e os elevou até acima da minha cabeça.

Ele não disse nada, mas eu sabia que seria diferente daquela vez.

Senti o que aconteceria e consegui conter uma leve tensão que ameaçou me acometer. Porque seu pau inchado e já lubrificado, assim como o meu sexo, estava em minha entrada, enquanto outro corpo, um pouco menor, e mais fino, se posicionava na abertura um pouco abaixo, lá, na minha outra entrada, aquele lugar tão temido.

Respirei fundo, me preparando.

Merda! Por que o medo? Eu havia gostado quando seu dedo se afundou em mim, não foi? Qual era a diferença? Bom, havia diferença e esta era gritante. Primeiro que um dedo era infinitamente menor. Segundo que eu seria penetrada por um pênis. Não um de verdade, nem nada parecido com o de Alex, mesmo assim, era um pênis, e só de pensar eu já podia sentir a tensão arrastando suas garras em minha direção.

Alex, devidamente posicionado, abriu minhas pernas para ter um ângulo melhor, e conferiu o trabalho que fazia em mim. Sim, ele gostava do que via, estava extasiado com o que aconteceria, ansioso para me penetrar nos dois lugares ao mesmo tempo.

E seus olhos eram tão quentes e decididos que senti o calor voltar ao meu corpo, a excitação lubrificar meu sexo e o desejo do proibido me impulsionar. O ar ficou preso em meus pulmões em um misto de expectativa e temor, contudo, mesmo com o medo que me rondava sem conseguir colocar suas garras outra vez em mim, eu sentia meu corpo se entregar à novidade e ansiar por ela.

Foi quando, sem nenhum aviso, ele me penetrou. Eu o senti, das duas formas, dentro, me abrindo, me explorando. Meus olhos se fecharam, permitindo que apenas minha mente vagasse e buscasse respostas que eu jurava impossíveis de serem encontradas.

Tenho que ser bastante sincera neste quesito. Eu estava extremamente excitada. Muito mesmo. E, naquele momento, entendi que era ótimo estar excitada o suficiente para ignorar alguns incômodos.

A princípio, havia a estranheza e a falta de familiaridade, embora facilitasse e muito o fato de não ser um pênis com proporções reais, com isso, eu não me sentia invadida de uma forma mais rude, apenas o suficiente para me fazer senti-lo. E eu o sentia. Também havia a questão do constrangimento do ato, o medo de que alguma coisa desse errado, afinal de contas, quem era eu para filosofar sobre o sexo anal? Por esse motivo, muitos temores e fantasias povoavam meus pensamentos.

Mas tenho também que admitir que a sensação era boa, depois de afugentados os demônios, claro.

Eu adorava a maneira como meu corpo reagia à penetração. Podia senti-lo recusando-se a aceitar o membro que o invadia, depois pulsando para, logo em seguida, iniciar a contração e o relaxamento, onde, a cada investida, eu saboreava Alex em cada pedaço da minha carne. E posso jurar que ele tocava em cada ponto de prazer, transformando aquele momento em um espetáculo particular.

E Alex... Ah, Alex! Ele era tão maravilhoso que, em pouco tempo, me fez esquecer e ignorar qualquer confusão que se formava em minha mente. No momento em que me penetrou, ele gemeu, e vou contar, foi um gemido que veio de dentro mesmo, um que antes de sair passou por todas as suas terminações nervosas e acionou as minhas no momento em que encontrou expressão.

Aquele gemido despertou em mim um lado desconhecido. Minhas pernas se abriram um pouco mais, recebendo-o com mais facilidade, dando-lhe espaço. Ele não se deitou sobre mim, acredito que por não possuir um ângulo muito favorável para as duas penetrações, então ficou ali, entre as minhas pernas, o peitoral todo escondido pela sua fantasia, os movimentos lentos e

completamente exibidos para mim, uma mão segurando uma coxa minha e a outra buscando, em meu corpo, todos os pontos de prazer possíveis.

Logo, o prazer já era a parte mais forte daquela relação. Eu o sentia entrar e sair, e o seu auxiliar seguindo os seus movimentos, me penetrando com calma, mas completamente. Alex sentou sobre os calcanhares, abaixando-se e se afundando em mim. Então ele desceu, com cuidado para que nada me abandonasse, e seus lábios alcançaram meus seios, um e depois o outro, chupando, mordendo e acariciando, o que me fez delirar de prazer.

Gemi alto, segurando-o com força nos quadris para que a sensação magnífica não se findasse. Eu queria que ele continuasse, estava extasiada com a sensação que me dominava, amortecendo meus pensamentos e me fazendo apenas agir. Assim, com Alex preso em minhas mãos, seus gemidos um pouco mais contidos, ou cedendo lugar aos meus, eu rebolei, saboreando a delícia de tê-los de uma forma tão completa.

E foi gostoso, não posso mentir. O membro do meu marido me preenchia, roçando minhas paredes, tocando-me em todos os mínimos pontos que me fariam arfar. Ao mesmo tempo, aquele membro auxiliar conseguia me mostrar outro lado do prazer, completando, me dominando, causando-me uma sensação tão familiar e ao mesmo tempo tão nova, por ser recheada de horizontes nunca antes visitados.

Meu marido se mantinha firme em sua posição, seus dedos brincando com meus seios, suas mãos apalpando minha carne de todas as formas possíveis, e eu fui me perdendo, me permitindo afundar naquele mar sem fim, minha pele formigando, a mente longe, muito longe...

– Em que você pensava quando estava chupando aquele pirulito?

Ele rosnou, tentando controlar a voz sem denunciar o quanto também estava deliciado. Despertei do devaneio como se estivesse acordando de um

sonho, sendo sugada pela realidade, porém sem perder nada da deliciosa sensação. Abri os olhos e o encontrei me encarando. Lindo!

– Em me enlouquecer?

Ele se movimentou com mais firmeza, me preenchendo até o limite e repetindo o movimento com mais força.

– Porra, Alex! Oh, meu Deus!

– Essa boca suja serve para muitas outras coisas além de xingar e provocar as pessoas com doces.

– Você adorou – provoquei e o senti mais fundo, nos dois pontos. – Oh, droga!

– Adorei, sua safada! Mas muitos idiotas também adoraram e eu não gosto de ninguém imaginando coisas com a minha esposa. Diga, Charlotte, em que estava pensando?

– Em você – admiti excitada demais com seus quadris chocando-se em minha bunda em movimentos cada vez mais rápidos.

Porra, aquilo era fantástico!

– Ah, droga! – ele gemeu com a minha confissão.

Suas mãos seguraram a camisa da fantasia dos dois lados e puxaram, arrebatando os botões, assim meus seios ficaram mais expostos, então, sua palma quente e ansiosa encontrou meu monte volumoso e se fechou nele com desejo. Arqueando-se, voltou a me penetrar, indo até o fundo. Não havia mais espaço, nem no meu corpo nem na minha mente.

– Alex... – o que eu ia dizer se perdeu no ar no instante em que meu bico foi apertado pelos seus dedos, puxando-o até arrancar o ar de mim.

– Você é muito safada, Charlotte! Esta carinha de anjo, de menina ingênua. – Deu uma risadinha abafada. – Posso imaginar seus pensamentos ao chupar aquele pirulito.

– Eu sei que pode, assim como tenho certeza de que está cem por cento certo quanto ao conteúdo desses pensamentos...

E me perdi com as estocadas mais profundas e rápidas.

– Puta que pariu, Charlotte!

Pelo seu tom, tive a confirmação de que não suportaríamos mais. Sem pensar duas vezes, empinei mais a bunda e me permiti sentir seu corpo duro entrando e saindo do meu.

– Alex, eu vou... Oh, droga! Eu vou...

– Eu também.

E ele explodiu antes de mim, me forçando para frente e se apertando em mim até que meu corpo não suportasse e se entregasse ao orgasmo delicioso que lambeu minhas pernas, se alojou em meu ventre e incendiou meu corpo.

Com a respiração pesada e entrecortada, ele me abraçou e testou nossos corpos, ainda envolvidos pelo prazer extasiante, saindo demoradamente e voltando a entrar até que se sentisse realmente satisfeito.

– Gostei desta fantasia – revelou ao me puxar para me colar mais adequadamente a ele.

Minha coluna protestou e eu me vi pensando que talvez fosse a hora de fazer alguma atividade física para ficar mais bem preparada para os momentos com o meu marido.

– Posso providenciar outras – brinquei e ele riu baixinho. Senti meu rosto esquentando quando revelei: – E gostei da novidade.

Ele riu mais uma vez e levantou o corpo para me encarar. Alex acariciou meu rosto com cuidado e avaliou minha expressão.

– Eu tinha certeza.

– Eu sei.

Mordi o lábio inferior, sentindo-me envergonhada. Ele beijou meus lábios de uma maneira casta e seus dedos percorreram meu couro cabeludo.

– Foi maravilhoso – disse baixinho. – Obrigado!

Deixei-me ser beijada, aceitando todo o carinho que ele me dava como recompensa pelo que nos permiti viver.

– Vamos tomar um banho?

Aquela pergunta estava tão repleta de promessas que logo meu corpo correspondeu. No entanto, com a ausência do calor que me impulsionava a continuar, da volúpia que tirava de mim todo o desconforto, impedindo-me de pensar nas consequências daquele ato, eu me vi perdida no temor de não saber como funcionaria o meu corpo dali em diante. O que mudaria? O que poderia ou não acontecer? Eu não sabia. Mordi o lábio mais uma vez e meu rosto esquentou consideravelmente.

– Vá na frente, eu preciso...

Ele me olhou com curiosidade e, logo, um sorriso travesso brincou em seus lábios, se esticando de um dos lados.

Para não me constranger ainda mais, Alex se levantou retirando aquele troço que estava dentro de mim e se abaixou me dando um selinho.

– Encontro você no quarto.

E saiu, deixando-me sozinha com as minhas dúvidas.

CAPÍTULO 12

“As ideias das pessoas são pedaços da sua felicidade.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Certo. Não preciso ter medo. Não preciso ter medo.

Mas eu estava com medo.

Vamos ser realistas. Um lugar utilizado para saída não responde muito bem às entradas, entendeu? Porra! Lógico que eu estava com medo. O que eu poderia esperar?

Calma, Charlotte! Que coisa mais ridícula e absurda!

Mesmo assim, não fiz força para levantar, vai que... puta que pariu! Onde eu estava com a cabeça? Sem contar que, no momento, eu não pensei muito bem no que seria o depois, e eu, com o sangue mais frio, as ideias fervilhando na cabeça e o corpo não tão entregue, sabia que alguma

consequência nossa brincadeira causaria. Até já podia sentir uma delas: assadura.

– Tudo bem. Você consegue. – Minha voz ecoou na sala vazia e pouco iluminada.

Levantei cuidadosamente, conferindo meu corpo, as suas reações e possíveis incidentes.

– Incidentes improváveis, Charlotte! Deus do céu!

Eu estava uma pilha. Lógico que estava. Bastou ficar de pé para que o resquício de lubrificação, e as paredes, outra vez mais próximas uma da outra, comessem a apresentar certa ardência, típica de um corpo desvirginado. Ri sozinha. Deus, eu era mesmo muito louca com os meus pensamentos.

Mas que estava ardendo estava. Não muito. Não o suficiente para me fazer arrepender, apenas para me lembrar do que aconteceu e do que ainda poderia acontecer. Eu daria tudo para conferir de perto a espessura daquele brinquedinho. Aliás, eu faria isso tão logo Alex me deixasse sozinha. Era um direito meu avaliar o objeto de perto, não? Acredito que sim, afinal de contas, era em mim que ele havia entrado.

Porra! Que pensamento ridículo! Não consegui deixar de rir ao me imaginar dizendo a Alex que eu queria saber a grossura daquilo que estava em meu... bom, em meu corpo.

Ok, hora de andar. Senti um calafrio e aquele azedume que dá no estômago. Cara, eu nem conseguia acreditar que estava fazendo tanto drama para aquilo... sério, e se... porra, seria muita sacanagem comigo. Mas andar não poderia... ok, vamos testar.

Um passo, outro, tudo bem. Só o ardor devido à fricção das nádegas. Então... olhei para os lados e minha preocupação se voltou para o sofá, e se...

não, está tudo limpinho, tudo no seu devido lugar. E Alex não me deitaria ali se soubesse que poderia... não, ele saberia e não permitiria que acontecesse.

Um sorriso brincalhão estava estampado em meu rosto. Era divertido estar tão insegura e sozinha, podendo brincar com os meus medos sem o seu olhar de “que menina boba e inocente”.

Bom, se eu ainda precisaria enfrentar as escadas, era melhor me apressar, ou Alex apareceria para checar o que estava acontecendo e aí, sim, seria constrangedor. Andei em um ritmo lento. Não, para falar a verdade, eu andei que nem uma lesma. Não dava para evitar. Qualquer movimento a mais em meu estômago, qualquer diferença sentida em minha barriga, me fazia apertar as nádegas e parar de andar.

Caralho! Não dava para passar um dia inteiro assim. E eu realmente precisava daquele banho. Sozinha, de preferência. Aliás, eu precisava de um pouco de privacidade por um tempo. Nada de sexo matinal, nem nada que me fizesse abrir as pernas facilitando... puta que pariu!

Respirei fundo quando cheguei ao primeiro degrau. Testei, retesei, relaxei, subi. Um processo longo e estressante. Ah, Deus, por que não poderia ser apenas prazeroso? Por que tinha que ter a parte ruim? E nós nem tínhamos feito de verdade. Eu até já podia imaginar quando Alex resolvesse que era a vez de ele entrar na festa. Eu passaria um dia inteiro na cama.

No meio da escada, ouvi a voz do meu marido me chamando. Droga!

– Já estou indo. É que... estava procurando o meu celular.

Ele apareceu na porta do quarto, o corpo envolto parcialmente em uma toalha, os cabelos molhados, gotículas descendo pelo seu peitoral tão bem trabalhado.

Ah, Alex!

– Você o deixou no bolso da minha calça.

Ele encostou na soleira e ficou me observando.

Droga! Não dava para subir a escada com tanto cuidado. Alex não me deixaria em paz nunca mais na vida se pudesse imaginar o meu drama. Ele me avaliou com certa satisfação, como se estivesse... Porra, ele estava conferindo como eu estava lidando com as consequências. Filho da puta!

– Vai ficar parada aí?

Merda! Ele brincava comigo.

– Não.

Meu lado infantil falou mais alto. Ele sempre falava. Não havia como evitar. Levantei a cabeça, encarando o meu marido, e comecei a subir os degraus, me esforçando ao máximo para não demonstrar dor ou angústia pelos movimentos bruscos para quem tinha acabado de... era demais para uma noite só.

Os lábios do meu marido se repuxaram para o canto em um sorriso irônico e seus olhos se estreitaram, me observando com atenção.

– Algum problema? – disse quando cheguei ao topo e precisei parar para me certificar de que nada aconteceria.

Confesso que meu olhar de raiva poderia matá-lo, só que eu não lhe daria aquele gostinho.

– Nenhum. Por quê?

Ele cruzou os braços e continuou me olhando daquele jeito constrangedor.

– Porque você está estranha.

– Estranha? – Apoiei o braço no corrimão e aproveitei para travar mais uma vez as nádegas, garantindo a minha segurança e assegurando a voz firme.

– Eu estou apenas cansada. Posso tomar meu banho ou você tem mais algumas perguntas?

Ele riu baixinho e saiu da frente da porta, dando-me passagem. Com orgulho, juntei o que restava da minha dignidade e passei pelo meu marido, alcançando o banheiro e me trancando lá sem lhe dar chance de me intercalar outra vez.

ALEX

Arrumei a cama, observando Charlotte fingir que estava tudo bem, mas eu sabia que não estava e, cada vez que a observava lutando para esquecer das suas angústias e tentar sentar voltando rapidamente, eu tinha vontade de rir.

Claro que não dava para saber quais reações cada corpo tem ao sexo anal, como nós tínhamos apenas brincado, então não houve um estrago a ponto de causar dor. Eu estava apenas tentando fazê-la se acostumar à ideia. O que estava acontecendo era somente Charlotte sendo Charlotte, dramática e infantil, e saber disso me fazia sorrir todas as vezes que olhava tentando fingir que estava bem.

Eu nada dizia. Deixava a minha esposa se enrolar em seus pensamentos confusos e a cada instante ficar ainda mais engraçada e desejável. Foi engraçado quando a abracei pela manhã, sentindo-a se entregar as minhas carícias para logo em seguida se dar conta e se afastar com a desculpa mais esfarrapada possível.

E eu suportaria, permitiria que ela se angustiasse por quanto tempo achasse necessário até que criasse coragem e conversasse sobre o assunto comigo. Eu pagava para ter esta conversa. Seria, no mínimo, interessante.

Durante o café, ela apenas pegou uma xícara e andou até o jardim, o que quase nunca acontecia, mas ficou por lá e justificou dizendo que o dia estava lindo e merecia a sua atenção. Eu queria rir e dizer que ela não tinha motivos para se preocupar tanto, em vez disso, fazia a minha melhor cara de marido compreensivo e deixava que ela continuasse se torturando.

Não entendia por que ela ficou tão ensimesmada. É bem verdade que a única pessoa com quem eu tive uma primeira vez anal foi Tiffany, e ela não ficou muito tempo depois para eu verificar sua reação. As demais garotas já eram rodadas e até gostavam. Pediam. Sem traumas e sem consequências. No entanto, eu podia jurar que aquele excesso de cuidados e temores da minha esposa era um pouco mais do seu jeito dramático de ser.

Revirei os olhos, vendo-a levantar rapidamente quando pretendia sentar no banco da varanda, e preferi dar mais atenção ao jornal e deixá-la em paz para remoer suas angústias. Afinal de contas, um pouco de sofrimento até que ela conseguisse chegar a suas próprias conclusões, sem precisar ser conduzida por outras pessoas, não fazia mal a ninguém.

Charlotte precisava amadurecer, apesar de eu me divertir com as suas infantilidades. Era de suma importância que ela estivesse mais forte e segura para o que provavelmente aconteceria em pouco tempo. E seria uma droga.

No caminho para o escritório de casa, porque, mesmo sendo um dia de folga, eu precisava checar alguns documentos e dar andamento ao meu projeto, a encontrei andando com cautela e quase ri, porém preferi manter a farsa fingindo não ver seu desconforto.

– Está tudo bem, amor?

Rapidamente ela endireitou a coluna e seu rosto ficou vermelho.

– Tudo ótimo! Esta é a terceira vez que me pergunta, Alex. – E a sua postura defensiva já dizia tudo.

Sorri porque fui incapaz de conter a vontade dos meus lábios.

– Porque estou começando a acreditar que te machuquei ontem à noite.

Com essa, eu já sabia que minha esposa surtaria. Precisei de um esforço extraordinário para não gargalhar quando a vermelhidão do seu rosto começou a tingir as orelhas e pescoço.

– Ora, Alex! De onde tirou esta ideia?

Deixei minha cabeça pender para o lado, observando-a melhor e sabendo que isso a deixaria ainda mais sem graça.

– Quer conversar sobre ontem?

Os olhos de Charlotte ficaram imensos.

– Eu estou ótima! Não vejo motivos para acreditar que... – Seus olhos desviaram dos meus. – Que possa ter me machucado se só o que demonstrei foi prazer, então não vejo motivo para ficar me olhando assim e...

– Tudo bem. Eu só pensei que não estivesse legal. Você bebeu muito ontem, pode estar com ressaca, mal-estar... qualquer coisa. Se está me dizendo que está tudo bem... – Dei de ombros e ela relaxou. – Eu vou trabalhar um pouco no escritório. Quer sair para almoçar em algum lugar?

– Não.

Sua resposta muito rápida e a forma como voltou a ficar tensa me fizeram voltar a sorrir. Charlotte era inacreditável. Não resisti à vontade de provocá-la mais. Me aproximei, deixando-a entender o que eu queria.

– Vamos ficar em casa o dia todo?

Ela tentou recuar, mas minha mão rapidamente foi para a sua cintura, mantendo-a junto de mim.

– Então vamos aproveitar porque amanhã volto a trabalhar normalmente. – Deitei meu rosto em seu pescoço, uma tentativa de esconder meu sorriso imenso, e coleí meus lábios em sua pele.

Charlotte retesou.

Deixei minhas mãos brincarem com o tecido do seu vestido solto, como se quisesse levantá-lo, ela se encolheu. Lógico que estava excitada, mas seu medo era muito maior que o desejo. Brinquei em sua clavícula, rocei os lábios de leve pela pele alva e, propositalmente, deixei minha esposa sentir minha ereção, que evidentemente estaria presente. Não sou de ferro e Charlotte é a minha fraqueza em qualquer momento.

– Eu preciso trabalhar no livro, Alex. – Sua voz fraca foi um divertimento à parte.

– Não pode esperar? – Não me afastei nenhum centímetro. Queria saber até onde ela iria com aquela loucura. – Nós poderíamos testar mais alguns brinquedinhos.

A tensão dos seus ombros chamou minha atenção. Provoquei.

– Já que você gostou tanto, poderíamos pular algumas etapas. – E não deu para impedir o divertimento em minha voz.

– Eu preciso... resolver algumas coisas... e... – Ela começava a se enrolar com as palavras.

– Tem certeza? – Me afastei para olhar em seus olhos e vi quando Charlotte titubeou. – Está tudo bem, não está?

Ela piscou algumas vezes e eu vi quando seu medo foi mais forte do que o desejo.

– Está tudo ótimo, Alex! Por que não vai trabalhar um pouco enquanto eu resolvo as minhas coisas?

Desisti de pirraçar a minha esposa e, com um beijo casto, me despedi dela e fui para o escritório, onde passei a maior parte da manhã e início da tarde. Respondi a alguns e-mails, fiz algumas ligações, uma delas para Peter, que me certificou de que o estado de Mary continuava o mesmo, nenhuma melhora, nenhuma piora também, o que já me deixava mais animado.

Lana, como era de imaginar, também estava trabalhando e me enviou alguns pareceres sobre originais. Conversamos um pouco sobre o livro da Charlotte e ela me passou um roteiro que iniciariamos em breve para divulgar seu trabalho. Talvez devêssemos postar algo em plataformas gratuitas, apenas para que ela começasse a se tornar conhecida pelo público. Em breve, receberíamos o planejamento da equipe de marketing e publicidade.

Senti cheiro de comida e me peguei pensando no que Charlotte estava aprontando. Fui até a cozinha e a encontrei montando uma salada de verduras cozidas. Seu computador estava aberto no balcão, a tela escura. Ela me olhou com receio, no entanto, tentou disfarçar sorrindo.

– Se aventurando na cozinha outra vez? – Sentei no banco alto e me apoiei no balcão para observá-la melhor.

– Só uma salada e frango grelhado. Usei o que já estava temperado no congelador. Não achei molho para salada.

Dei a volta no balcão, abri a porta do armário que estava na outra extremidade e peguei uma garrafinha com molho de salada. Não era o mais saudável, mas serviria. Deixei sobre a pia e encarei a minha esposa.

– Está mais disposta?

Um rosinha quase suave tomou conta das suas bochechas e ela sorriu.

– Não acho que só porque estamos juntos devemos usar todo o nosso tempo livre para transar, Professor Frankli.

Sorri. Amava quando ela me atiçava me chamando de professor.

– Levando-se em consideração nossa tão recente vida sexual e a sua recusa, começo a acreditar que eu fiz alguma coisa de errado.

Ela ficou séria e desviou o olhar.

– Você sabe que eu adoro transar com você – revelou com os olhos na salada. – Não sei de onde tira essas coisas. – Tentou rir, o que soou falso.

– Talvez do fato de você estar evitando conversar comigo sobre ontem ou sobre como está se sentindo.

Charlotte parou de ajeitar a salada, mas seus olhos não se voltaram para mim. Eu estava cansado de fingir não estar percebendo e, analisando melhor, não havia motivo para tanto alarde, então, se ela estava mesmo com tantas angústias, era melhor que soubesse que eu estava disposto a ajudá-la. Até me arrependi de brincar tanto com a sua situação.

– Alex...

– Eu te machuquei?

Ela suspirou.

– Olhe para mim.

– Por favor, eu me sinto melhor se não olhar.

Comecei a ficar com medo do que poderia estar realmente acontecendo. Vi suas orelhas ficarem vermelhas e ela engoliu com dificuldade. Merda! Por que brinquei tanto com a situação e não me coloquei à disposição para ajudá-la? De onde eu tirei que Charlotte amadureceria se eu a deixasse chegar a suas próprias conclusões quando o que mais a deixava perdida era o sexo?

– Certo. Eu te machuquei? – repeti para que a pergunta não se perdesse no meio do seu constrangimento.

– Não – ela disse com firmeza, aliviando um pouco o meu temor. – Pelo amor de Deus!

– Charlotte, você não pode sentir vergonha de conversar comigo sobre isso.

– Claro que eu posso – rebateu, demonstrando o quanto a conversa a aborrecia. – Eu já disse um milhão de vezes, eu estou bem, você não me machucou, está tudo certo.

– Então por que está agindo como se estivesse com algum problema?

Ela fechou os olhos e virou o rosto para o outro lado. Sorri achando graça da sua relutância em conversar.

– Porque... – Ela parou por alguns segundos, provavelmente se perguntando se deveria ou não revelar alguma coisa.

– Charlotte...

– Eu estou assada, apenas isso. Satisfeito? Que droga!

Aproveitei que ela não me olhava e ampliei o meu sorriso. Lógico que ela estaria assada, como não?

– Muito? – Minha voz estava mais relaxada, o que poderia lhe transmitir confiança.

– Um pouco. Só o suficiente para incomodar. Podemos mudar de assunto? – Desta vez, ela me olhou e conseguiu me flagrar sorrindo. – Você está adorando, não é?

Levantei as mãos me rendendo e ri sem conseguir evitar.

– Não tenho como dizer que não. Sua ingenuidade me encanta.

– Ingenuidade?

– Charlotte, sexo anal é um assunto normal para ser debatido entre um casal. Não entendo a sua relutância e me divirto com ela.

– Sexo anal, até onde eu sei, é um tabu para muitos casais, principalmente casais recentes, como nós dois. – Seu olhar se tornou atrevido.

– Em que mundo você vive? – provoquei, assistindo a vermelhidão do seu rosto se intensificar.

Como minha esposa não respondeu, resolvi continuar.

– Então devo deduzir que este assunto virou um tabu para você.

Ela mordeu o lábio inferior e baixou o olhar.

– Charlotte?

– Não – disse baixinho.

– Não?

Ela negou com a cabeça.

– Por mim ou por você?

Ela suspirou e voltou a me olhar.

– Eu... gostei. – Minha satisfação escapou pelos meus lábios, formando um sorriso amplo. Ela sorriu sem graça e abaixou mais uma vez o olhar. – Só fiquei um pouco incomodada depois, mas gostaria de guardar esta parte para mim.

– Você gostou?

Ela concordou com a cabeça, me olhando vez ou outra através dos cabelos que desciam como uma cortina a sua frente.

– Então podemos continuar...

– Eu preciso de um tempo – disse rapidamente. – Para me restabelecer.

Mordi os lábios evitando o riso que certamente a constrangeria ainda mais.

– Claro! Ainda estou tentando fazer você se acostumar com a ideia, ficar mais à vontade.

– Obrigada!

Soltei o ar e ri abertamente.

– Às vezes você parece uma menininha, Charlotte. Puta merda! Eu me sinto um canalha aliciando uma garota.

Ela sorriu e relaxou visivelmente.

– Bom, eu estou sendo aliciada.

– Está?

Sua língua umedeceu o lábio inferior e meu pau reagiu na mesma hora.

– Se não está disposta a expor essa bunda deliciosa, é melhor não me provocar.

– Eu não estou fazendo nada. – Virou outra vez em direção à salada e recomeçou o seu trabalho. – Vamos almoçar?

– Se é só o que eu posso comer...

E fui atingido no rosto por uma vagem cozida.

CHARLOTTE

Trabalhei em meu texto uma boa parte da tarde, quando fiquei entediada e parei. Alex estava no escritório e não mais me atormentava com a minha cautela quanto a andar, sentar... optei por trabalhar na cama, onde era bem mais confortável, o que me rendeu uma dorzinha na coluna.

Desci, conferindo o silêncio da casa e a pouca luminosidade, já que o dia começava a se despedir. A luz que vinha do escritório me fez querer conferir o que Alex fazia.

Ele estava concentrado, digitando rapidamente no teclado e olhando para a tela com atenção. Mesmo assim, quando me aproximei, ele fechou a tela e me encarou. Fiquei envergonhada e minhas mãos foram diretamente para os meus óculos.

– Ainda trabalhando? – perguntei sem jeito por ter atrapalhado o que ele fazia.

– Escrevendo. – E cruzou as mãos sobre a mesa. – E você?

– Escrevi um pouco também. Não posso ler o que escreveu? Até hoje você não me contou nada sobre o seu projeto.

– Não. – Ele sorriu daquela forma escrota e permaneceu me encarando. – Quer debater comigo sobre o seu livro?

– Não – fui birrenta. O que havia de tão absurdo em me mostrar o seu livro? Não era o que eu fazia?

– Sou seu agente, Charlotte. Preciso saber como está conduzindo o livro.

– Não temos contrato, professor.

Ele sorriu com mais propriedade. Eu odiava quando Alex me fazia lembrar do quanto eu era infantil. Estreitei os olhos.

– Por que não posso saber sobre o que escreve?

– Porque eu não quero. – Continuou relaxado e sorrindo. Filho da puta!

– Ok. – Virei para ir embora quando ele falou.

– Está se sentindo melhor? Digo... a assadura. – Puta merda!

– Estou bem. – Parei com a mão na porta e de costas para ele.

– Sente aqui comigo. – Havia tanta ironia em sua voz que minha vontade foi levantar o dedo do meio para ele; como seria infantil, desisti.

– Eu almocei sentada.

– Parcialmente sentada.

– Alex, por que você não vai...

– Eu tenho pomada para assaduras.

Parei sem acreditar no que ele me dizia.

– Mais precisamente. – Deixou que o corpo se projetasse um pouco mais sobre a mesa e me encarou com olhos estreitos. – Para este tipo de assadura. Se me deixar...

– Eu estou bem. – Minha voz saiu irritada.

– Eu posso ajudar a melhorar. É só uma pomada, Charlotte, não seja infantil.

– Não estou muito certa se quero andar pela casa com algo melado e grudento na minha bunda.

Ele me encarou e depois explodiu em uma gargalhada gostosa. Acabei acompanhando.

– Você poderia parar de pegar no meu pé? Vai acabar me fazendo desistir de aceitar uma nova rodada, desta vez de maneira mais real. – Assisti quando seus olhos ficaram mais selvagens e a tensão sexual tomou conta do meu marido.

– Está certo. Não está mais aqui quem falou. Vou deixar você se recuperar e depois cobrar esta promessa.

– Que promessa? – Ri da forma como ele recuava. – Eu não prometi nada.

– Mesmo assim, sei que vai cumprir. Aliás... por que mesmo não podemos ficar juntos agora?

– Porque eu preciso de um tempo.

Ele levantou e andou em minha direção. Senti medo e, ao mesmo tempo, uma vontade imensa de estar com o meu marido. Era uma droga ter tanto receio.

– Vamos ficar um pouco no sofá. – Sua voz rouca indicava a sua real intenção.

– Alex...

– Só ficar juntos.

Ele não me deu chance de recusar. Simplesmente segurou em meus ombros e me conduziu para fora.

– Você desenvolveu algum tipo de fetiche pelo sofá?

Ele riu.

– Se eu te levar para a cama, vou exigir muito mais do que alguns momentos.

– Até parece que um sofá te impediria de alguma coisa.

– Não impediria.

Ele me sentou no sofá e puxou minhas pernas para cima, fazendo-me deitar. Depois virou-me de lado, como se eu fosse uma boneca de pano e deitou-se colado a mim.

– Agora, vamos fazer o que os casais que não podem transar fazem.

– Assistem filmes antigos e repetidos, tomando sorvete? – provoquei.

– Não. Dão uns amassos no sofá da sala.

Ri enquanto ele se ajeitava, apoiando-se no braço para que seu rosto ficasse acima do meu. Alex me olhou com aquela admiração que, normalmente,

roubava meu ar. Ele era tão lindo, e me encarava como se eu fosse realmente a coisa mais maravilhosa do universo.

Eu era tão sortuda!

– Que sorriso lindo é este? – ele disse, passando os dedos em meus lábios, contornando o sorriso imenso que eu nem tinha reparado que estava ostentando. – O que você pensou para que esse sorriso encantador aparecesse?

Meu rosto ficou quente e ele percebeu, porque seus dedos alisaram minha bochecha e ele também sorriu.

– No quanto eu tenho sorte – admiti.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Casei com um homem lindo, apaixonado, que cuida de mim, mesmo tentando me fazer ficar constrangida sempre que pode.

– Porque eu amo suas bochechas rosadas.

– E ama me colocar em situações embaraçosas.

– Amo tudo em você, Charlotte, até as situações embaraçosas, como perguntar como está a sua bunda neste exato momento, com meu corpo pressionando o seu.

E seu sorriso se ampliou. Ele era lindo, delicioso e escroto pra caramba.

– Está ótima, professor Frankli. Pode parar de tentar me sacanear.

– Eu posso te mostrar as vantagens de ter um marido cuidadoso. É só me deixar passar aquela pomada...

– Alex! – Dei um tapa em seu braço e ele riu com vontade. – Fique longe da minha bunda.

– Isso vai ser impossível, Charlotte. Impossível!

Seus lábios tomaram os meus e, logo, eu não conseguia mais pensar em nada que não fosse a sua língua, seus toques, seu corpo se apertando ao meu... Cara, Alex era o máximo no quesito “faça sua esposa calar a boca e esquecer os problemas”.

Meu sangue ferveu, minha pele arrepiou, meus seios ficaram rijos e meu sexo, molhado, o que me lembrou... ah, não, eu queria esquecer isso também. Alex me apalpou, subindo a mão pela minha barriga, alcançando meus seios, ainda por cima do vestido. Sua língua brincava com a minha, provocando e instigando-me a segui-lo, seus lábios se alimentavam dos meus, relaxando meu corpo e me entregando o seu desejo, seu corpo, completamente aceso, roçava com cuidado o meu, e eu fui entrando naquela onda, sendo levada, aceitando que seria muito mais do que um simples amasso no sofá quando...

– Puta que pariu! – Alex rosnou quando a campainha tocou nos arrancando do nosso momento.

Ele olhou em direção à porta e depois para mim, então resolveu ignorá-la.

– Correio.

E voltou a me beijar com voracidade.

A campainha tocou outra vez e, em seguida, uma série de socos na porta.

– Puta merda! – ele resmungou e levantou. – Eu vou matar você, Patrício!

Patrício? Merda!

Levantei correndo e rapidamente me arrependi, sentindo o familiar desconforto que insistia em me lembrar as travessuras da noite anterior.

Piorava e muito quando meu sexo ficava úmido o suficiente para tornar tudo ainda mais difícil.

Outra vez a porta foi esmurrada. Passei a mão no vestido e arrumei as alças, enquanto Alex abria a porta resmungando.

– Que parte do “eu estou em lua de mel” você não entendeu?

– Estou lhe fazendo um favor. Transar demais enfraquece. – Ouvi Patrício rebater com ironia enquanto passava pela porta aberta.

Logo em seguida, a risada de João Pedro ganhou a minha atenção. Meu cunhado me olhou e sorriu.

– Ainda bem que a bunda branca de Charlotte está coberta.

Alex acertou a cabeça do irmão com um tapa e este riu.

– Charlotte, você ainda consegue ficar de pé? – João Pedro brincou e eu senti meu rosto esquentar até o último grau.

– É só dizer que eu os coloco para fora em dois tempos, amor.

João fez cara de ofendido.

– Viu só o que um homem dominado faz, Patrício? Antes, tínhamos passe livre.

– Cala a boca, João – meu marido resmungou, dando uma cutucada no amigo. – Parece uma mulher traída. – E seu sorriso era real. Alex estava feliz em tê-los ali.

– Se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a...

– À merda – cortei Patrício, que me encarou sem reação.

Alex riu alto e João piscou para mim, aprovando a minha provocação. Meu cunhado estreitou os olhos e sorriu diabolicamente.

– O que uma interrupção sexual não causa em uma mulher.

Levantou uma sacola para o meu marido e, pelo tilintar das garrafas, deduzi ser cerveja. Eles pretendiam esticar o fim da tarde.

Frustração me definia.

– Cala a boca, Paty! – Alex me defendeu. – E deixe Charlotte em paz ou então será a sua bunda que eu vou comer.

João estava andando em minha direção, quase me alcançando, quando ouviu a merda que Alex falou e virou fazendo uma cara que eu sabia que me colocaria no inferno.

Puta. Merda.

– Epa! Quem aqui tocou no assunto “comer bunda de alguém”? – Patrício riu alto. – Ninguém chegou aqui com este assunto, então eu preciso saber por que Alex levantou o tema.

Percebi o olhar de desculpas do meu marido e fiz a minha melhor cara de “nunca vou te perdoar”, ele suspirou.

– Não inventa assunto, João. Amor, esses idiotas vão ficar um pouco.

João me avaliava e sorriu, fazendo-me encolher como um bicho acuado. Que grande merda!

– Tá, eu vou...

– Calma aí, calma aí – João me interrompeu com seu tom irônico, me dando a certeza de que não seria uma conversa muito agradável. – Deixe-me ver você, Charlotte.

– João, vá se foder, cara. – Alex entrou na minha frente, tentando sorrir para manter o clima de zoação. – Pode tirar seus olhos da minha esposa. Se quiser beber, é melhor começar agora ou então vou desistir.

– Eu só ia dizer que o casamento não fez muito bem à garota. Você está com uma cara péssima, Charlotte. Noites maldormidas? – Aquele sorriso brincalhão estava lá para me aterrorizar.

– Estou em lua de mel, professor João. Uma pena você não ter feito o mesmo por Lana.

Alex e Patrício riram e João sorriu largamente, sem se importar com a ofensa.

– Eu disse que ela era uma diabinha – Patrício brincou, fazendo-me recuar.

O idiota ainda acreditava que eu voltaria a considerá-lo como alguém com quem eu gostaria de socializar.

– Vou continuar trabalhando no livro – anunciei.

– Vá. Nós vamos beber e embebedar o bunda-mole do meu cunhado. Opa? Eu falei bunda? – João brincou, fazendo Patrício gargalhar. – Entrego-o de volta quando Alex não conseguir mais manter o pau erguido.

Meu rosto queimou e Alex colocou um braço em meus ombros.

– Vou levar você lá em cima.

João e Patrício foram para a cozinha e Alex me acompanhou. Não falei nada, pois não queria chamar atenção dos outros dois, mas, quando chegamos no primeiro degrau, ele me pegou no colo e subiu correndo as escadas. Gritei, porque não poderia haver outra reação para o que ele estava fazendo.

– O que...

Ele me deitou na cama e se deitou sobre mim.

– Para, Alex!

– Desculpe, eu não fazia ideia de que eles apareceriam. Ontem mesmo eu disse que não.

– E aquela conversa de bunda foi constrangedora – protestei e Alex sorriu largamente.

– Bobagem. João falou aquilo para te deixar sem graça. Não tem como ele saber sobre o seu... – Ele me olhou e sorriu. – Desconforto.

Bati em Alex, exigindo que ele saísse de cima de mim.

– Você é um idiota, Alex Frankli!

– Deixe de bobagem, amor. – Ele riu enquanto saía de cima de mim. – João estava te provocando porque sabe que sexo anal é tabu para a maioria das mulheres.

– Sério? Em que mundo você vive, garoto?

E o sorriso de triunfo foi todo meu.

CAPÍTULO 13

“Nada encoraja tanto ao pecador como o perdão. ”

William Shakespeare

ALEX

– Caralho! É sério mesmo que já aconteceu?

Olhei de soslaio para João Pedro, incomodado com o fato de ele não desistir do assunto. Não era confortável conversar sobre Charlotte, principalmente sobre algo tão íntimo, e o que era pior, quando ela estava em casa. João era realmente muito sem noção.

– Não acredito que você não vai me contar – ele continuou.

– Larga de ser idiota, João. Não vou ficar falando sobre a minha vida sexual que nem um adolescente – rebati. – E pare de pensar besteira. A compulsão de Lana pelo sexo já está afetando a sua mente.

– E, mesmo assim, Lana nunca aceitou fazer anal. Você é um filho da puta sortudo.

Patrício riu do nosso cunhado e se serviu de um pouco do amendoim que eu tinha disposto sobre o balcão.

– Você é um imbecil, João. Por isso ela nunca te deu a bunda – brincou meu irmão e eu fiquei mais incomodado.

– Vocês dois já pararam para pensar que estão falando da minha irmã? Nem sei por que ainda me dou ao trabalho de beber com vocês – esbravejei.

– Corrigindo: estamos falando de Charlotte e do fato de vocês, em tão pouco tempo de vida sexual, devo ressaltar, já terem feito sexo anal – João me cortou e Patrício explodiu em risadas.

– Não sei de onde você tirou isso, João. Aliás, sei, sim, da sua mente pervertida e doentia.

– Ou do fato de você ter ficado completamente sem graça quando iniciei a brincadeira e eu nem vou dizer que o rosto da Charlotte parecia um tomate. Conta logo, Alex. Rolou ou não?

– Porra! – Passei a mão no rosto e observei que o céu estava carregado. Teríamos chuva aquela noite. – Pela última vez: não vou conversar sobre a minha vida sexual, João Pedro.

– Rolou – Patrício afirmou e bebeu mais um gole da sua cerveja. – Claro que rolou.

– Por que não conversamos sobre Miranda e a reconciliação de vocês? – provoquei e João arqueou uma sobrancelha, encarando o meu irmão.

– Porque não tem nada para ser dito sobre isso. Nós conversamos e reatamos, é assim que funciona.

– Então me explica por que você estava com aquele cartão?

João encostou-se no balcão, encarando o meu irmão, que ficou realmente sem graça.

– Que cartão? – Fiquei curioso.

– Nenhum. Não foi nada de mais, só João Pedro, idiota profissional, inventando história.

– Inventando história? Sei! – João deu um gole em sua cerveja. – Eu entrei na sala dele há uns quatro dias...

– Cala a boca, João! – Patrício tentou fazê-lo parar de contar.

– Você não disse que era mentira? Vamos deixar Alex decidir se é suspeito ou não.

– Porra, eu quero saber que conversa é essa – entrei na brincadeira, agradecendo por terem esquecido minha situação com Charlotte.

– Continuando... – João olhou para Patrício, desafiando-o, então deu andamento à conversa. – Patrício estava ao telefone, em pé, afastado da mesa. – Ele levantou para demonstrar como foi, gesticulando com empolgação. – Eu só precisava dar um recado, então fiquei em sua mesa.

– Porque é um filho da puta curioso – Paty completou, ainda ansioso com a revelação.

– Não importa – João continuou. – Eu estava lá, sentado naquela cadeira de magnata que ele fez questão de comprar.

Ri porque João nunca deixaria de sacanear Patrício por causa daquela cadeira.

– E vi que, sobre os vários papéis que estavam na mesa, que ele insiste em manter desorganizada, havia um cartão, todo preto, com apenas um nome escrito em dourado e um telefone no verso.

– E daí? – falei impaciente com todo o teatro de João Pedro.

– E daí que não te diz nada um cartão todo preto, com apenas um nome em dourado e um número de telefone no verso?

Busquei em minha mente algo que pudesse me lembrar um cartão assim e não encontrei nada, mesmo assim provoquei.

– Alguma prostituta?

– Puta merda! – João riu alto. – Muito mais do que uma prostituta.

– Fala logo – insisti, querendo acabar com todo aquele mistério.

– Era do Harém – Patrício revelou. – Ele descobriu um cartão de acesso ao Harém.

Senti meu sangue gelar. Merda!

– Entendeu? Ele recebeu um convite para passar uma noite no Harém.

Como eu nada disse, nem continuei com a brincadeira, João brincou.

– Vai dizer que Alex Frankli nunca recebeu um convite para a maior casa de suíngue do Rio de Janeiro?

Engoli em seco. O que eu poderia dizer?

– Você recebeu um convite? Quem te deu? – falei diretamente com Patrício. Não era possível que Miranda tivesse coragem.

– Sinto muito, conto o milagre e não o santo – Patrício brincou. Foi impossível relaxar e continuar brincando.

– Então você foi ou não? – João insistia para que eu falasse.

– Duas vezes – revelei, analisando a reação do meu irmão. – Mas não curti muito.

– Você é um idiota – João gritou animado com a minha revelação. – E nunca me contou nada. Com quem você foi?

– Uma vez com Tiffany.

Ele deu outro grito.

– Ela não gostava muito dessas coisas, pelo menos era o que eu achava.

– Tiffany foi a revelação do ano – Patrício brincou. – Quem foi a outra?

– Rafaela. – Eu não queria entrar em detalhes, porque foi justamente na noite em que aceitei aquele convite que comecei a ter problemas.

– Rafaela? Quem diabos é Rafaela? A Dórea?

– Não. Vocês não conhecem – desconversei. – Nos conhecemos em um almoço e nos encontramos alguns dias depois, mas isso não vem ao caso. Quem conseguiu o convite para você?

– Isso não vem ao caso. – Paty se afastou do balcão e levou a sua bebida.
– Eu ainda nem sei se vou ou não.

– E Miranda? – Eu estava realmente tenso com aquela conversa. – Ela sabe sobre o convite?

– Sabe – ele respondeu naturalmente, como se fosse algo normal para se propor para a namorada.

– E ela aceitou? Porra, só eu não dou sorte com essas coisas – João disse desanimado.

– Você é casado com a minha irmã, João! Dê um tempo nas suas lamentações.

Ele sorriu ironicamente e se calou com mais cerveja.

– Miranda ainda não decidiu sobre o assunto. Pensei em ir só para conhecermos. Ela está com um pouco de receio.

Sei! Desviei o olhar, tentando não ser irônico com o meu irmão e acabar chamando a sua atenção para o que tinha acontecido. Droga! Seria um inferno se todos descobrissem.

– Não é um lugar para levar a namorada, Patrício.

Falei apenas por falar. Cada casal decidia o que era melhor para sua relação, no entanto, se eu conseguisse convencer meu irmão a não ir, ou não levar Miranda, estaria poupando-os de maiores problemas.

– Você é um cretino, Alex – João protestou. – Levou a Tiffany.

– Fale baixo. – E só Deus poderia saber o que seria da minha vida se Charlotte descobrisse esta parte do meu passado. – Tiffany não era minha namorada.

– Não era o que parecia – ele disse, rindo da minha cara. – Miranda pode gostar. Quem sabe? Se Lana quisesse, eu iria numa boa.

– E eu mataria você por levar minha irmã a um lugar como aquele. – Eu sabia que não poderia jamais me meter nas escolhas deles, mas... Caralho! Ali não era lugar para Lana. Não mesmo.

– Lana é maior de idade – ele alertou. – Casada. Muito bem resolvida. – Arqueou uma sobrancelha, me desafiando.

– E eu acho que você realmente adoraria ver outro cara comendo a bunda da sua mulher – Patrício provocou e eu ri, ainda nervoso.

– Não, mas isso pode acontecer com a sua bunda, quando você for com Miranda Dominatrix, ou acha mesmo que eu acredito que ela vá aceitar ser apenas a garota boazinha? Conte outra, Paty! – João sempre tinha as melhores tiradas, por isso ri de verdade. Ele mal sabia do que Miranda era capaz.

– Paty é a puta que te pariu!

Meu celular tocou e eu o peguei apenas para conferir. Não pretendia atender nenhuma ligação relacionada a trabalho e, como os dois patetas estavam comigo, poucas pessoas estavam na minha lista de ligação pessoal.

Era Peter. Franzi o cenho sem saber o motivo daquela ligação, afinal de contas, havíamos nos falado à tarde e estava tudo bem. Mesmo assim, não tive como evitar o frio que praticamente congelou minha espinha. Levantei e me afastei, ouvindo o celular de Patrício tocar.

– Peter?

– Alex, começou.

Meu sangue correu mais lentamente. Sem conseguir responder, virei em direção aos passos leves que eu ouvia e vi Charlotte parada na cozinha, a pele pálida, os olhos esbugalhados e o pânico estampado em sua face.

Que merda!

Charlotte tremia e estava muito pálida, no entanto, aceitou tomar um banho antes de sairmos para o hospital. Tenho que contar que, no momento em que o celular tocou e identifiquei ser Peter, tive medo de receber aquela notícia e mais ainda de comunicá-la a Charlotte, por isso apenas confirmei que Mary não havia se sentido bem e estava na emergência.

Claro que Miranda conseguiu ligar antes, também ligou para Patrício assim que desligou com Charlotte. A minha sorte, ou azar, foi que ela também não sabia a gravidade da situação, então minha esposa, mesmo nervosa e com muito medo, não fazia ideia do que a aguardava.

O pior de tudo foi constatar que ela não estava preparada para passar por aquela situação. Quer dizer... quem na verdade está preparado para perder alguém tão próximo? Seja ele pai, mãe, irmão, filho... Mas a verdade é que Charlotte não teria tempo para se acostumar à ideia, ou escolher como viveria este tempo restante com a mãe. Em uma atitude que talvez possa ser considerada egoísta, se é que tenho o direito de julgar a escolha deles, esta possibilidade lhe foi tirada, restando apenas a alternativa de se conformar, aceitar.

E o que restaria depois?

Tive pena da minha esposa e do que ela precisaria enfrentar, também tive dúvidas se ela seria forte o suficiente para seguir em frente. Só de uma coisa eu tinha certeza, um pedaço de Charlotte morreria junto com a mãe e esta parte nunca mais seria recuperada.

– Estou pronta.

Sua voz doce e fraca preencheu a escuridão do quarto. Olhei em direção ao *closet* e a vi em contraste com a luz que saía do ambiente. Não tive coragem de falar nada. Todos os meus gestos pareciam pesados demais, como se, naquele momento, as minhas escolhas pesassem uma tonelada. Foi horrível perceber que eu nunca deveria ter concordado em manter aquela mentira e, naquele instante, entendi que o peso da verdade cairia sobre o meu relacionamento.

Descemos juntos. Desta vez, fomos em meu carro. Charlotte não reagia, apenas olhava a fina chuva que começara a cair pouco antes, como se o céu estivesse precipitando as lágrimas que certamente fariam parte do nosso cenário por muito tempo.

Eu não queria falar. O que eu poderia dizer? Que daria tudo certo? Que Mary ficaria bem? Não. Não seria justo com Charlotte continuar mentindo. Eu

já pagaria um preço alto por ter ocultado a verdade, não precisava continuar sustentando a farsa.

– Você está muito calado.

Não consegui evitar a careta que se formou em meu rosto.

Eu me conhecia o suficiente para saber que, em qualquer outra situação, estaria tentando animá-la, sendo mais otimista. O pior era que Charlotte também sabia disso. Seria assim tão rápido? Ela descobriria que menti sem ao menos me dar a chance de tentar encontrar uma desculpa? Apertei as mãos no volante.

– Eu não sei o que dizer – admiti sem querer olhá-la.

– O caso é tão ruim assim?

Engoli em seco.

– Charlotte, vamos aguardar até que seu pai possa esclarecer tudo, ok? No momento, só precisamos chegar ao hospital.

Os longos segundos que ela permaneceu me encarando, e que eu, covardemente, evitei olhá-la, apesar de sentir seus olhos acusadores me queimarem, me pareceram intermináveis. Então minha esposa se calou e voltou a observar a chuva. Me amaldiçoei um milhão de vezes por não ter uma palavra de conforto para ela.

Estacionamos na primeira vaga encontrada. A chuva tinha aumentado e o frio que nos cercava certamente não era devido a uma mudança súbita de temperatura, e sim o temor existente dentro de nós dois. Tomei coragem e encarei minha esposa. Tive certeza de que meus olhos disseram muito, pois vi seu rosto ficar cada vez mais triste enquanto ela lutava bravamente para não se entregar.

– Charlotte...

– O que você sabe, Alex? – Sua voz estava rouca e continha a acusação que eu sabia merecer.

– Talvez seja melhor conversarmos antes de você entrar.

E as lágrimas dela já desciam antes mesmo que eu continuasse.

CHARLOTTE

A dor que eu sentia parecia me rasgar de dentro para fora, mas eu me mantinha de pé, firme, mesmo com as lágrimas incessantes e os soluços que insistiam em escapar.

Alex falou tudo o que sabia. Contou-me a verdade que concordara em me esconder. Ele também havia tirado de mim o direito de escolha, como se eu fosse uma criança incapaz de tomar as decisões corretas. Arrancou o meu direito de escolher o melhor para ela, para mim, para nós duas.

Se eu soubesse... O que teria feito? Sofreria? Com certeza! Mas mudaria todas as minhas escolhas. Teria dado um tempo da faculdade para estar com ela o máximo possível. Certamente, nem teria mudado de estado para conquistar a independência tão sonhada pelos jovens. Eu teria ficado ao seu lado. Dividiria a sua dor e, talvez, quando chegasse a hora da despedida, eu estivesse mais preparada... será?

Não sei dizer, mas a verdade era que eles não podiam ter me escondido a verdade. Era meu direito saber, meu direito escolher! Suspirei, limpando o rosto, apesar de saber que as lágrimas continuariam caindo. Alex permanecia

ao meu lado, sem me tocar. Aceitava minha necessidade de espaço até que eu finalmente absorvesse e digerisse toda aquela história.

E então chorei ainda mais. Entendi os meus pais tentarem me poupar daquela dor, porque era tão forte e absurda que eu não conseguia acreditar como continuava de pé e respirando. Mas Alex... as lembranças me invadiam mesmo com a minha mente pedindo um tempo até que eu me adaptasse. Elas não paravam de gritar a nossa conversa no chalé antes do nosso casamento. A história que ele me contou sobre o amigo que perderia o amor da sua vida... meu pai perderia a minha mãe, e foi apenas por isso que ele teve aquela ideia louca de casar tão rapidamente. Foi tudo apenas para que minha mãe tivesse paz? Eu não sabia.

Não tive coragem de entrar no quarto. Não tive coragem de dar um passo em sua direção. Fiquei afastada, observando enfermeiras entrarem, Miranda sair para atender uma ligação, chorar um pouco e entrar novamente. Johnny chegar atordoado e também se trancar lá. Eu apenas observava escondida entre as escadas e a recepção do terceiro andar.

– Charlotte...

Alex estendeu a mão para me tocar e eu recuei. Sabia que não era o mais correto a ser feito, mas, no momento, a minha mágoa era tanta que eu apenas queria ficar sozinha.

– Você precisa entrar. – Deixou a mão cair ao lado do corpo.

– Para quê? Para vê-la morrer? Para constatar o que eu não quis enxergar? O que vocês não me deixaram ver?

– Amor...

– Não, Alex! – rosnei, me afastando ainda mais.

– Eles quiseram apenas protegê-la.

– E você? O que você queria?

Ele se encolheu com a minha acusação. Não era justo aquilo tudo que vivíamos.

Por mais infantil que fosse, meu único pensamento era que tudo não passava de uma mentira. Eu não tinha dúvida do seu amor por mim, não havia como ser mentira, mas tudo o que fizemos, o casamento, ele ter aberto mão de tudo, da faculdade, da editora, para impedir que a minha formatura fosse sabotada, tudo em função da sua vontade de colaborar com os planos do meu pai de tornar os últimos dias da minha mãe inesquecíveis. Era louvável, mesmo assim, uma mentira.

E eu me vi me perguntando insistentemente se teria sido diferente se ele não soubesse a verdade? Se antes ele havia concordado em deixar as coisas acontecerem normalmente, provavelmente a sua decisão de se casar de qualquer jeito foi única e exclusivamente baseada em tornar possível a realização do plano do meu pai.

Era tudo uma mentira.

E doía terrivelmente.

Sufocava.

– Charlotte? – Ele se aproximou de novo. – Amor, você não está bem. Por que não senta um pouco?

– Foi por isso que insistiu em casar tão rápido, não foi?

– O quê? Não! – Ele levantou mais uma vez a mão para me alcançar e, novamente, eu recuei.

– Foi tudo uma mentira – acusei sem me importar se chamaríamos a atenção dos outros.

– Charlotte, não foi uma mentira. Você está confusa. Amor...

– Não me chame assim!

– Certo. – Ele me olhava atentamente e eu podia ver a dor causada por minhas acusações. – Fique calma, Charlotte. Sua mãe precisa de você agora, não é hora para discutirmos...

– Este casamento foi uma mentira!

E, sem querer, a dor já me sufocava e nublava minha mente. Eu não conseguia raciocinar, nem distinguir o que era certo ou errado, apenas queria esquecer tudo o que acontecia ao meu redor, tentar não pensar que o meu “faz de contas” estava desmoronando, e eu não tinha forças para mantê-lo de pé.

Por isso corri. Foi a única coisa que consegui fazer. Desci as escadas o mais rápido possível, ciente de que Alex tentava me alcançar, mas eu sabia que precisava sair dali e, se isso significava ficar longe dele, era assim que seria.

Passei pela entrada da emergência ouvindo seus gritos me chamando de volta e saí para a chuva forte. O motorista do táxi parado diante do hospital não entendeu muito bem quando entrei apressada, gritando para que desse partida, mas obedeceu automaticamente e eu vi meu marido ficando para trás, cada vez mais longe, como um passado que não mais voltaria.

ALEX

Charlotte havia desaparecido. Ela simplesmente correu, fugiu de mim, foi embora, me deixando para trás.

Fazia vinte e quatro horas e ninguém tinha a mínima ideia de onde ela poderia estar. Eu já havia procurado em todos os lugares e começava a cogitar a ideia de procurar em hospitais, delegacias, necrotérios... Puta que pariu! Já era difícil saber que Mary piorava consideravelmente a cada minuto, sem a minha esposa, tudo parecia ganhar uma amplitude ainda maior.

Eu não sabia o que fazer.

– Amor, sou eu mais uma vez. Por favor, retorne minhas ligações, nós estamos muito preocupados e... – Olhei para a minha imagem no espelho, assustando-me com as olheiras e a barba já apontando. – Sua mãe precisa de você. Apareça. – Desliguei a milésima ligação do dia para a minha esposa. Cada segundo de silêncio ampliava o buraco em meu peito, como pode?

– Nada ainda? – Miranda parou ao meu lado. Ela também não estava bem, pelos dois motivos.

– Nada. Charlotte não retorna as ligações.

– Aonde será que ela se meteu? – Passou a mão pelos cachos, sentou e suspirou cansada. – A madrinha está cada vez pior.

– Eu sei. É estranho, não? Mary parecia bem até duas semanas atrás. Como a doença pôde evoluir tão rapidamente?

– Eu não sei. O padrinho não contou direito, apenas explicou que era um câncer muito agressivo e que eles já tinham tentado de tudo para salvá-la. – Ela desviou o olhar, deixando algumas lágrimas escaparem e eu fui ficando cada vez mais apreensivo.

Charlotte estava em algum lugar, sofrendo ainda mais do que Miranda, e sem ninguém para apoiá-la. Droga! Eu precisava encontrá-la, mas onde? Não havia mais nenhum lugar em que ela pudesse se esconder. Eu já tinha, inclusive, ligado para todos os hotéis previsíveis, para saber se estava hospedada.

– Ela deveria estar aqui – Miranda falou com voz chorosa. – Eu tenho que ir. Patrício está chegando e nós vamos passar lá em casa para buscar algumas coisas para o padrinho.

– Tudo bem. Eu vou aguardar mais um pouco.

Assim que ela saiu, Johnny entrou na sala onde eu estava. Ele parecia meio atordoado e parou ao me encontrar. Alguma coisa na forma como me olhou me fez ter certeza de que ele sabia de alguma coisa. Confirmei a suspeita quando fez uma careta e sentou em uma das poltronas.

– O que aconteceu?

Fui direto ao assunto. Não dava para enrolar em uma situação como aquela.

– Eu não deveria estar te contando isso, mas...

– Onde Charlotte está? – Ele fez mais uma careta e se mexeu incomodado.

– Eu não deveria te contar.

– Onde?

– Ela não quer te ver – falou com cautela, aguardando minha explosão.

– Pois ela deveria esquecer este problema neste momento e se concentrar em um muito maior. Charlotte está agindo como uma criança mimada enquanto sua mãe definha naquela cama.

Ele arqueou uma sobrancelha, me lembrando de que não era nenhuma novidade minha esposa ser infantil e mimada e que eu sabia muito bem o que estava levando para casa quando decidi me casar.

Eu não sabia por que estava com tanta raiva. Charlotte ter sumido, ter escolhido ficar longe de mim, me culpar por tudo, era, sim, o meu motivo, mas eu estava mais ansioso do que magoado. Aliás, eu nem me sentia no direito de ter mágoas, afinal de contas, realmente colaborei com aquela farsa, apesar de ter um bom motivo, que era ajudar a mãe dela.

No fundo, toda aquela história havia sido um disfarce utilizado para encobrir os meus reais motivos, pelos quais eu queria que Charlotte aparecesse, não porque a mãe dela precisava, e sim porque eu necessitava dela. Era egoísta, sim. Não dava para esconder. Minhas últimas horas foram as piores, um inferno para ser mais exato, então, se a única forma de tê-la por perto de novo era usando a desculpa da doença da Mary, eu o faria.

– Ela está magoada, Alex. – Ele levantou, rebatendo com determinação. – Eu acho que nem você nem o padrinho tinham o direito de tomar a decisão que tomaram.

– Nós tomamos? Peter tomou esta decisão em comum acordo com Mary. Eu apenas fui jogado nesta confusão.

Ele me olhou, puxando o ar com força.

– Isso tudo é uma droga! Charlotte está maluca. Não quer te ver e não tem coragem de encarar os pais, ao mesmo tempo está morrendo de medo de não dar tempo para... você deve imaginar.

– Onde. Ela. Está?

– Na minha casa. – Foi inevitável não desviar a atenção para a saída daquela sala, mas Johnny foi mais rápido. – Não vá até lá, Alex! Charlotte não quer te ver e, neste momento, eu sou a única pessoa em quem ela confia. Não vamos perder este elo.

Estanquei imediatamente. Era uma merda admitir que Johnny estava com a razão. Se Charlotte só o havia procurado, então era prudente não forçar demais. Controlando a minha ansiedade, andei para o fundo da sala, olhando pela janela que me mostrava o estacionamento. O mesmo que tinha permitido que ela escapasse de mim.

– O que eu faço? – Quando olhei para Johnny, ele me olhava como se eu estivesse dizendo algum absurdo.

– Você está realmente me perguntando isso?

Ri. Era um momento ruim. Tão ruim que eu precisava pedir conselho para o Johnny. Eu estava mesmo fodido.

– Estou desesperado, Johnny! Charlotte fugiu de mim, não me atende, nem retorna minhas ligações, não aparece para acompanhar os últimos momentos da mãe. Não sei mais o que fazer.

– Não quero me meter nisso, Alex. Não seria muito justo se eu passasse informações. Ela confia em mim, entenda. A coisa não está muito boa para o seu lado, tenho que ser justo. Charlotte está com a ideia fixa de que você só antecipou o casamento por problemas de consciência. A madrinha queria ver a filha bem e um casamento a deixaria convencida disso, então você aceitou, não pela sua vontade, e sim pela vontade deles.

– Isso é uma bobagem! Charlotte sabe que a amo, sempre deixei bem claro. Como ela pode duvidar do meu amor?

– É assim que ela está se sentindo. São muitos problemas de uma vez só e está tendo dificuldades para assimilar, por isso acho que você deveria dar este tempo a ela.

– Um tempo? Um tempo como? Separados? Ela vai embora, é isso? Foi o que ela te disse?

– Nossa! – Ele riu, deixando-me ainda mais irritado. – Ela nem sabe o que vai fazer da vida, Alex! Não tem nada definido. Charlotte está confusa e magoada, além de desesperada por estar perdendo a mãe e não saber o que poderia fazer para mudar esta realidade.

– Droga!

– Ela está sofrendo muito. – Seu sorriso se desfez. – Nunca imaginei que encontraria Charlotte naquele estado. Ela... ela não fala coisa com coisa. Fica se perguntando como seria, falando sobre o que não deveria ter feito... – Ele me olhou com apreensão. – Ela fala muito de você. Descansou pouco, não comeu nada... eu queria encontrar uma maneira de ajudá-la, mas não consigo, porque sinto a mesma dor que ela e tudo o que faço é tentar acalenta-la. Só que sofrendo também, acho que acabo prejudicando. Estou na mesma que você, sem saber o que fazer.

– Eu preciso vê-la, Johnny. Preciso me explicar. Mostrar que não é como ela está pensando.

– Alex, se ela não quer ouvir as explicações do pai, imagine as suas. Dê um tempo. Charlotte vai pensar melhor, vai conseguir acalmar a turbulência dentro dela e enxergar as coisas mais claramente. Se você forçar a barra, só vai piorar a situação.

Fiz um esforço imenso para conseguir continuar onde estava. Ele tinha razão, minha única opção seria aguardar.

– Quer um conselho? Vá para casa, descanse. Ela não vai aparecer por agora. – Ele olhou para os lados, como se estivesse sendo observado. – Charlotte vai me matar por isso, mas... ela pretende aparecer nesta madrugada. Acha que é melhor

– Certo. Obrigado!

Johnny me deu um tapinha no ombro e saiu em direção ao quarto da Mary.

Ainda fiquei algum tempo na sala, vi quando meus pais chegaram e só então voltei a entrar no quarto. Fui me despedir, dando a desculpa de que precisava resolver algumas pendências. A verdade era que eu faria o que Johnny aconselhou, descansaria para poder voltar no horário que ela ficou de aparecer. Para isso, era importante estar forte. Eu não sabia o que esperar.

CAPÍTULO 14

“A sabedoria superior tolera, a inferior julga. A superior perdoa, a inferior condena. Tem coisas que o coração só fala para quem sabe escutar!”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Os corredores do hospital durante a madrugada eram ainda mais fantasmagóricos do que costumavam ser. Eu nunca gostei deste ambiente. A ideia de doença, desespero e morte sempre foi mais forte do que a de vida e alegria das maternidades. Naquele momento, eu apenas sentia dor e solidão.

Mesmo assim, me forcei a continuar. Johnny estava certo. Minha mãe estava morrendo e eu não poderia ser tão infantil a ponto de me trancar em minha dor, perdendo os seus últimos momentos. A porta fechada indicava que ninguém mais estava por lá, como meu amigo havia dito.

Parei, pensando em como eu poderia ou deveria reagir. Não queria entrar em clima de guerra com o meu pai, mesmo ainda me sentindo extremamente traída. Ele também sofria e não me cabia julgá-lo. Não enquanto precisávamos ser fortes para proporcionar o melhor para a minha mãe. Respirei fundo e bati levemente na porta. No fundo, eu queria que eles estivessem dormindo, assim eu ganharia um tempo para ver, analisar e me recuperar.

Não foi o que aconteceu.

Assim que abri a porta, vi meu pai deitado desajeitadamente em um sofá que, provavelmente, se inclinaria para ficar mais confortável, porém ele não havia ajustado o móvel e sua coluna pendia para o lado, enquanto sua cabeça tentava encontrar um ângulo melhor. Do lado oposto, estava ela. Muitos fios ligados ao seu corpo que, só naquele momento, percebi o quanto estava debilitado. Um respirador em seu nariz e os olhos verdes, abertos, me observando.

– Oi! – Minha voz quase não saiu. Eu não esperava encontrá-la acordada. Definitivamente, não estava preparada para aquele encontro. Por isso, chorei, incapaz de controlar o meu sofrimento.

– Filha! Vem aqui. – Estendeu os braços, me oferecendo seu colo.

Tive medo de machucá-la, de fazer alguma coisa errada e acabar atrapalhando o seu tratamento.

– Está tudo bem.

Fui até minha mãe e, a cada passo, eu sentia como se estivesse entrando em uma caverna sem fim, adentrando em uma escuridão sufocante, que me cercava e aprisionava, me deixando sem escapatória.

– Vai ficar tudo bem – ela repetia baixinho e, muito lentamente, acariciava meus cabelos.

Enquanto sua voz, que parecia uma melodia, invadia meus ouvidos, meu cérebro só conseguia registrar o fato de que não a teria por muito mais tempo. Que eu deveria memorizá-la o máximo possível antes que não pudesse mais escutá-la. Foi o suficiente para me deixar desesperada.

– Não. Não está tudo bem. Não está nada bem. – Me afastei, evitando machucá-la com a minha agitação. – Por que esconderam de mim? Eu tinha o direito...

– Justamente para evitar que ficasse assim antes da hora. – Ela não parecia assustada, muito menos aborrecida com a minha reação. Muito pelo contrário. Minha mãe me olhava com tanta ternura que me desarmou. – Filha, a morte faz parte da vida. Pelo menos, estamos seguindo o curso natural das coisas: os pais sempre devem ir antes dos filhos. Eu tive tudo o que desejei, uma filha linda, que me deu as minhas maiores alegrias. Pude ver todas as suas realizações, seu casamento, sua formatura, sua primeira oportunidade como escritora...

– Mãe, isso não muda nada. Eu tinha o direito de saber.

– Para quê? Para que ficasse desse jeito? Para que estragasse todas as suas conquistas? Charlotte, você sabe que desistiria de tudo, me diga, valeria a pena?

Não consegui responder. Eu sabia que, em uma situação como aquela, com certeza eu adiaria todos os planos. Com certeza nem me permitiria viver tudo o que vivi com Alex. Droga!

– Você desistiria de tudo e, no final das contas, nada impediria o avanço da doença, nem a minha morte. Sabe o que aconteceria? Eu partiria sem vê-la formada no que ama, sem conhecer o seu olhar apaixonado, sem assistir ao seu casamento, sem compartilharmos diversos momentos de alegria. Você pode dizer que fomos egoístas, Charlotte, mas eu não me arrependo de nenhuma decisão. Foi justamente por causa delas que hoje sinto-me tranquila, com a certeza de ter cumprido a minha missão.

Solucei. Era tão correto e sensato e ao mesmo tempo tão egoísta e absurdo, que só me confundia cada vez mais. Apenas uma coisa me fazia repensar: tínhamos pouco tempo e não poderíamos desperdiçá-lo com brigas ou cobranças. Isso poderia ficar para depois.

– Eu queria que pudesse ser diferente – confessei, sentindo-me frágil, uma criança indefesa.

– Meu amor. – Ela sorriu, me chamando para perto. – Eu também queria, mas quem pode controlar a vida? Tenho medo do que vou deixar para trás. – E olhou para meu pai todo torto na poltrona. – Ele vai precisar muito de você. Charlotte, sua força sempre foi a sua maior qualidade. É hora de exercê-la.

– Eu não vou conseguir. – E as lágrimas continuaram caindo. – Não sou forte o suficiente, mãe. Não sei viver sem você. – Engasguei ao constatar aquela realidade.

– As pessoas morrem, Charlotte, e todos aprendem a continuar, querendo ou não. Você vai conseguir, eu sei disso. Vai ter uma vida linda, ao lado do homem que você ama, e vai me dar netos. – Sorriu, mas eu não consegui acompanhá-la.

Alex era outro problema que, mais cedo ou mais tarde, eu precisaria enfrentar.

Precisei me afastar um pouco e, como desculpa, fui até meu pai para verificar se ele sentia frio. Pelo visto, não. Voltei a encarar minha mãe, que me olhava impassível. Suspirei e senti vontade de deitar. Dormir era uma ótima maneira de escapulir daquela loucura toda.

– Alex não tem culpa – ela disse por fim. – Seu pai precisou envolvê-lo e só o fez porque me viu muito empolgada com o seu casamento. Ele sabia que não tínhamos muito tempo... – Sua voz me pareceu cansada demais.

Conferi o horário e me surpreendi ao perceber como o tempo corria quando eu mais precisava que ele parasse.

– Era a mim que ele devia esta história. Não podemos construir uma vida baseada em mentiras.

– Filha!

– Se não fosse por este motivo, nós teríamos nos casado? Não, mãe. Alex tinha concordado em esperar. O tempo que eu precisava poderia mudar tudo, inclusive a forma de enxergarmos um ao outro. Se tivéssemos aguardado, poderíamos decidir até mesmo não nos casarmos.

– Mas ele queria casar com você.

– Queria? Quem pode ter esta certeza? Quem pode me garantir que Alex não agiu pela vontade de fazer um bem maior? Ele nunca escondeu de ninguém a culpa que sentia pelo nosso relacionamento.

– Por Deus, Charlotte! Não fale assim. Alex ama você, e o que ele fez, em momento algum, foi por mim ou por seu pai. Não estrague tudo, filha.

Voltei a dar as costas a minha mãe. Aquele não era o momento certo para aquela conversa. Se eu teria que perder a minha mãe, se meu pai preferiu construir um mundo lindo, de sonhos e realizações, não seria eu quem colocaria tudo a perder. Alex ficaria para depois.

– Por que não dorme um pouco, mãe?

– Estou muito cansada.

Tentei sorrir, contudo, tenho certeza de que minha mãe não acreditou em meu sorriso.

– Você parece cansada. – Me aproximei do seu leito, verificando o seu lençol. – Descanse um pouco. Precisa de alguma coisa?

– Não. – Ela fechou os olhos e, por alguns segundos, me lembrou uma criança. Ela estava tão frágil! – Só preciso que fique aqui comigo.

– Eu vou ficar. Durma.

ALEX

Foi impossível ficar em casa depois da dica do Johnny. Eu sabia que aquele seria o único jeito de encontrá-la, só não podia projetar qual seria a sua reação. Eu não queria me impor. Claro que não. Era necessário respeitar o

momento dela. No entanto, eu queria deixar claro que, independentemente de como ela estava enxergando aquela confusão, eu estaria lá para apoiá-la, mesmo que fosse apenas como amigo.

Merda!

Pensar nisso agravava a minha dor. Não queria pensar em Charlotte como amiga. Eu a amava! Amava aquela garota mimada e birrenta mais do que consegui me imaginar amando algum dia. Ela tinha se transformado em meu centro, meu foco, e ficar afastado me desestabilizava.

Entrar no hospital foi muito fácil, os funcionários já me conheciam, afinal de contas, estive presente em quase todos os horários desde que precisei contar a verdade a minha esposa.

Como encontrei a porta fechada, preferi aguardar do lado de fora. Eu não tinha certeza, embora imaginasse que Charlotte já estivesse lá. Por isso, fiquei quieto, encostado na parede, meu corpo todo tenso e atento a cada movimento minimamente percebido atrás daquela porta. Eu ansiava pelo reencontro e, ao mesmo tempo, temia revê-la e constatar que tinha realmente acabado.

Eu suportaria?

Não havia como saber.

Foi quando a porta se abriu. A princípio, a escuridão do lado de dentro, quebrada apenas pela pequena claridade dos aparelhos e a discreta luz do leito, logo em seguida eu pude vê-la.

Charlotte não notou a minha presença. Ela olhava ainda para a direção onde a mãe deveria estar e seu rosto demonstrava toda a sua tristeza. Tive vontade de abraçá-la, protegê-la e dizer que estava tudo bem, infelizmente, eu não podia. Era importante respeitar os limites dela, aguardar sua decisão.

Quando minha esposa saiu e fechou a porta, levantou os olhos em minha direção. Eu pensei que ela ficaria surpresa ou que teria mais um ataque, saindo de lá às pressas para ficar o mais longe possível de mim. Porém, ela me encarou e caminhou em minha direção. Passos firmes e olhos decididos.

– Alex. – Parou a dois passos. Talvez uma tentativa de manter tudo como estava ou simplesmente se defender de nós dois, do que poderia acontecer caso, por um acidente, nos tocássemos. – Como vai?

Tive que sorrir. Como podia tentar impor uma formalidade entre nós dois depois de tudo o que vivemos? Mas aquela era a minha Charlotte, absurda, confusa e perdida, o que apenas reforçava a minha ideia sobre o tamanho do seu sofrimento. Minha vontade era abraçá-la, só que eu não podia. Ainda não.

– Não estou nada bem, Charlotte, apesar de acreditar que o meu sofrimento nem se compara ao seu, então por que não nos focamos em você?

Ela abriu a boca e fechou, sem conseguir encontrar uma resposta. No entanto, desviou os olhos, encarando o chão, como se dividir comigo a sua tristeza fosse a última coisa que gostaria de fazer. Impulsivamente, dei um pequeno passo em sua direção e ela não se afastou.

– Como ela está? – Charlotte pareceu perdida com a minha pergunta.

Tenho que ser franco e admitir que meu medo de ouvi-la me dizer que acabou me impedia de iniciar a conversa que tanto necessitávamos, por isso preferi ser vago e tirar o foco de nós dois. Mary era o melhor assunto que poderíamos ter e, quem sabe, até nos reaproximar.

– Me diga você, afinal de contas, estive aqui por mais tempo do que eu. Estive por trás desta mentira toda, foi quem mais recebeu informações a respeito do estado de saúde dela, não é verdade?

– Charlotte!

– Ela está morrendo, Alex! O que espera que eu diga?

– Eu... – contive a vontade de me explicar. De nada adiantaria repetir que não tive escolha, quando eu sabia perfeitamente que a escolha foi toda minha.
– Se pensa que me confrontar fará com que eu me arrependa de alguma coisa, Charlotte, está muito enganada. Eu posso ter errado ao concordar em mantê-la na ignorância dos fatos, embora não me arrependa de nenhuma das minhas decisões. Eu fui feliz, mesmo que por poucos dias, e você também.

– O que não muda nada.

– Muda tudo – falei um pouco mais alto e aproveitei para me aproximar ainda mais. – Você queria aguardar, mas eu sabia que sua mãe não teria este tempo. Como seria depois? Como seria, para você, saber que ela não pôde compartilhar um momento tão incrível como o nosso casamento? E a sua formatura? Você se lamentaria, Charlotte. Sofreria com a ausência de Mary em todos estes momentos importantes.

– Ela vai morrer e não poderá estar presente em muitos outros momentos.

– Eu fiz o que pude. Tentei fazer o meu melhor.

– Claro! Você fez um favor aos meus pais casando-se comigo, fazendo, assim, a felicidade de uma moribunda. Foi um incrível ato de caridade.

– Do que está falando?

– Você tinha concordado em esperar.

– Por você! A minha vontade era adiantar o casamento, eu te disse isso, desisti somente porque queria a sua felicidade, queria que fosse como você desejava.

– Pelo visto, não foi.

– Não foi. – Fiquei com raiva e isso fez com que eu me afastasse. Era melhor do que explodir com a minha esposa em um momento em que ela estava tão fragilizada. – Merda, Charlotte! Eu posso ser acusado de tudo o que quiser, exceto de ter me casado por caridade. Eu nunca faria isso. Sei que, neste momento, sua tristeza e mágoa não permitirão que veja com clareza, mas, se fizer um esforço, vai se lembrar da nossa noite na cabana. Naquele dia, eu nada sabia a respeito de sua mãe, nem tinha ideia de como seria com o seu pai. Eu estava desesperado, aterrorizado com a ideia de te perder antes que pudesse dizer como me sentia. E eu disse, não foi?

Olhei minha esposa e vi seus olhos marejados. Ela sentiu o impacto das minhas palavras, mas não era o que eu queria para aquele momento. Fazer com que Charlotte entendesse que eu a amava era bom, também poderia ser um tiro no pé. Conhecendo Charlotte como conheço, ir de encontro ao seu orgulho ferido era o mesmo que desejar que ela fosse embora.

– Olha, Alex... – Ela parecia meio perdida, como se não soubesse o que dizer depois de tudo o que falei. – Este não é um bom momento. Eu...

– Tem razão. Não é o melhor momento.

– Eu não vou voltar para casa – ela disse, torcendo as mãos e com o olhar baixo. – Não posso, Alex! Sinto muito.

– Eu sei. – E me amaldiçoava profundamente por isso. Minha única vontade, naquele momento, era pegá-la à força e levá-la para casa. Não dava para acreditar que Charlotte estava desistindo de nós dois.

– Sabe?

– Eu sei, Charlotte!

E toda a minha raiva se dissipou. Ela era tão jovem... tão menina ainda e já carregava tanto sofrimento e dúvidas. Não dava para confrontá-la quando tudo que eu queria era acalenta-la.

– Mas ainda tenho esperança de que um dia volte. Hoje está mais difícil do que você pode suportar, então não vou ser egoísta pedindo que pense em nós dois. Tenha o tempo que precisar. Eu estarei por perto, esperando a minha vez.

– Alex!

– Eu amo você! Não me arrependo do nosso casamento, nem de tudo o que precisei passar para tê-la comigo. Não me arrependo dos dias em que precisei esconder de você a verdade, pois pude te ver verdadeiramente feliz. Pude vislumbrar o seu sorriso, a sua vontade de vencer. Não sei quando e se tudo voltará a ser como antes, então não acredito que tenha errado ao proporcionar a você momentos felizes antes de todo esse sofrimento. Sinto muito, mas não vou me arrepender.

Ela concordou com a cabeça e se abraçou, como se esta atitude pudesse lhe trazer força. Chegava a ser incrível Charlotte ser tão fraca e permanecer tão forte diante de tudo o que estava vivendo. O esforço que fiz foi imenso para conter a vontade de confortá-la, de dizer que tudo ficaria bem.

– Vou passar a noite aqui – ela informou. – Quer dizer... o resto da noite... já está bem tarde.

– Eu posso ficar? Aqui fora, quero dizer. Só para o caso...

– Vai ser ruim para você.

– Não. Não vai. Eu posso ficar na salinha ao lado, assim você poderá me chamar se precisar.

– Alex, não é necessário. Vai ficar desconfortável naquele sofá.

– E você? Onde vai ficar?

Ela deu de ombros, olhando ao redor.

– Não estou com sono. Tem uma cadeira ao lado da cama da minha mãe.

– Uma cadeira? E está reclamando do sofá?

Ela sorriu e, pela primeira vez desde que minha esposa havia sumido, eu me senti feliz. O seu sorriso era incrível.

– Tudo bem. Podemos ficar um tempo na salinha, assim acompanhamos tudo o que acontece no quarto.

– Posso buscar um café. – Sorri ao senti-la mais relaxada. – Ou um chocolate quente, o que prefere?

– Café, obrigada!

CHARLOTTE

Meu corpo inteiro doía e eu sentia como se o sono não quisesse me abandonar. Uma mão grossa me fazia despertar e eu me sentia péssima, como se o despertar fosse um lobo faminto, pronto para me atacar e me levar de volta para a tortura que era a minha realidade. Foi impossível fugir.

– Filha – ele disse e eu abri os olhos.

Imediatamente, senti meu pescoço doer, mas, assim que verifiquei em que eu me apoiava, meu coração acelerou, aqueceu e uma confusão de sentimentos se instalou em minha mente.

Alex.

– Está tudo bem? – Meu pai parecia constrangido e eu podia imaginar o motivo.

Eu não estava completamente confortável com o que havia acontecido. E também não me sentia capaz de fingir. Alex entendeu a minha situação. Claro. Ele sempre entendia. Sempre me enxergava melhor do que qualquer outra pessoa, e nos conhecíamos há tão pouco tempo. Como era possível?

– Como está Mary? – Alex perguntou, dando-me tempo para organizar meus pensamentos.

– As enfermeiras estão cuidando dela agora.

Ele continuava me olhando, como se estivesse esperando minha reação. Respirei fundo.

– Eu posso entrar?

Levantei, arrumando a roupa e me sentindo incrivelmente constrangida por ter sido flagrada dormindo com o meu marido, mesmo que em uma saleta do hospital.

– Claro que sim! Elas estão fazendo os procedimentos padrão, acredito que não haverá problemas.

Concordei com a cabeça e já ia saindo, ele me segurou pelo braço, forçando-me a olhá-lo.

– Charlotte, eu vou levar a sua mãe para casa.

– Mas...

– Não há mais nada a fazer, o que fazem aqui poderá ser feito em casa, conversei com os médicos e achamos melhor...

– Vai desistir dela?

– Charlotte... – Alex colocou as mãos em meus ombros, como se quisesse me conter.

– Deixe-me, Alex. – Me desvencilhei facilmente do meu marido, no entanto, meu pai conseguiu me conter.

– Não seja infantil. Sua mãe não precisa de mais aborrecimentos agora – ele disse com firmeza.

Encarei-o sem conseguir evitar.

– Ela precisa de cuidados. E é o que terá.

– Em casa? E o que acha que vamos fazer? Sentar e esperar pelo suspiro final?

– Ela está morrendo, Charlotte! Não há mais nada que possamos fazer. Eu passei os últimos anos lutando contra esta droga de câncer.

– Se não tivesse me tirado do caminho, eu poderia ter lutado também.

– Não seja infantil! Foi a vontade dela. A última vontade, e eu não poderia contrariá-la, então deixe de ser egoísta e compreenda que não podemos nos focar em você e em suas mágoas. Existe algo muito maior agora e não se trata de você, Charlotte.

– Charlotte... amor. – Alex, mais uma vez, se aproximou para ajudar. – Em casa, ela se sentirá melhor. Vocês ficarão melhor. Seu pai é médico, ele sabe o que faz.

– Droga! – Não conseguia conter a minha mágoa e ficar contra o meu pai era inevitável sendo eu realmente infantil e egoísta.

– Vai ficar tudo bem, Charlotte. – A voz do meu pai ficou outra vez doce e aveludada. Reconfortante. – Eu sei que não é fácil. Não está sendo para ninguém, mas, acredite em mim, ela vai ter uma qualidade melhor de vida.

– De morte, pai! – E comecei a chorar, como uma criança perdida. Meu pai me abraçou com carinho, passando a mão em minhas costas. Droga! – Não consigo acreditar que ela vai morrer. Não consigo acreditar que ela pode me deixar a qualquer momento.

– Eu sei – ele dizia sem deixar de me acolher. – Por que não vai para casa e descansa um pouco? Tenho certeza de que Alex...

– Não! – O olhar dos dois me deixou constrangida. Merda! Alex poderia esperar. Eu não estava pronta para aquela conversa. – Vou ficar aqui. Quero acompanhá-la.

– Você precisa de um banho, comer alguma coisa – Alex se intrometeu.

– Tenho tudo de que preciso. Obrigada! – Me afastei um pouco mais. Não queria ser convencida do contrário. – Vou ver como ela está. – E saí como uma covarde, deixando meu pai e meu marido para trás.

Entrei no quarto quando as enfermeiras finalizavam os cuidados a minha mãe. Ela estava mais pálida, parecia sentir dor, mesmo assim, sorriu quando me viu.

– Filha!

– Oi! Eu estava lá fora. – Me aproximei chocada com a piora do seu estado em tão pouco tempo. – Como está se sentindo?

– Cansada. Acho que, de agora em diante, será assim.

– Papai quer levá-la para casa. – Fixei meus olhos em seu rosto. Queria saber o que ela pensava a respeito.

- Será melhor para todo mundo.
- Tem que ser o melhor para a senhora.
- Sim. Com certeza será o melhor para mim, filha. Ficar em casa, no conforto do lar, cercada pelos que eu amo... nada pode ser melhor.
- Mas aqui você tem tudo de que precisa para... – O que eu poderia dizer? Para melhorar? Para morrer melhor? Droga! Eu nem sabia o que falar.
- Terei tudo em casa. Seu pai jamais permitiria que fosse diferente, meu amor. Ele já solicitou *home care* e, assim que eu chegar, terei toda a assistência.
- Tudo bem – concordei vencida.

Realmente, ela poderia ser assistida em casa sem que precisasse se desgastar com o ambiente triste e doentio de um hospital, sem a ansiedade no olhar de cada pessoa. Em casa, seríamos apenas nós, a sua família, os únicos que poderiam dar o amor que ela tanto necessitava naquele momento.

- Vou usar o banheiro e já volto.

Graças a Deus, eu tive o bom senso de levar alguns acessórios de primeira necessidade, como minha escova de dentes, por exemplo, e lenços íntimos umedecidos, o que não era algo muito legal, mas quebrava um galho temporário. Lavei o rosto, troquei a calcinha, coloquei um pouco de batom, apenas para não ficar com aquela cara de enterro... pensar nisso era uma droga, afinal de contas, aquela seria a minha cara por muito tempo.

Enterro.

Não dava para manter um nível de sanidade mental com esta palavra dançando na cabeça.

Bom... eu não tinha como.

Quando saí, meu pai estava lá, sentado ao lado da minha mãe e tentando fazê-la comer alguma coisa. Ela estava com uma cor horrível, mais verde do que a papa que meu pai carinhosamente lhe servia. Fiquei alguns segundos observando-os e finalmente entendi que ele tinha razão, o foco jamais poderia estar em mim. Ali, diante de mim, estava uma história de amor com hora marcada para o final. Imediatamente, pensei em Alex, expulsei o pensamento. Não era hora dele ainda.

– Alex foi para casa. Disse que precisava resolver alguns problemas e que logo estaria de volta.

Não consegui falar, apenas concordei.

– Pedi para Jaina fazer o favor de trazer o nosso desjejum. Se vai ficar, é bom colocar alguma coisa no estômago.

Assim que ele se calou, minha mãe colocou tudo para fora. Que ironia. Um time perfeito. Eu até ria, se a situação não fosse tão trágica. Ver minha mãe vomitando, com aquele aspecto tão doentio, o corpo magro e frágil, fez meu coração perder uma batida.

Como se aquela fosse a sua rotina, meu pai ajudou-a a se recompor e acionou as enfermeiras que trataram de cuidar dela. Eu fiquei observando tudo, como se não estivesse presente. Era tudo novo demais e eu não sabia como e nem se deveria agir. Estava bastante assustada. Outra vez, minha mente me levou a Alex.

– Não precisamos aumentar a dose – ele informou a uma enfermeira que estava do seu lado. – Está tudo exatamente como deveria, não se preocupe. Vamos aguardar um pouco e fazê-la beber água – ele falava e ajudava a retirar o lençol, assim como auxiliava minha mãe para que fosse trocada a sua camisola.

Johnny foi impedido de entrar por uma das enfermeiras. Aproveitei a deixa e saí. Eu estava tonta. Precisava de ar.

– Oi! Como estão as coisas? – ele disse assim que me viu sair do quarto.

– Eu... – Olhei para a porta e me perguntei se não estava sendo muito covarde. – Não sei. Ela... Acabou de vomitar tudo.

Ele fez uma careta de nojo, o que me fez sorrir.

– Deve ter sido uma cena e tanto.

– Você nem faz ideia. – Segurei em seu braço e comecei a me afastar. Precisava me sentir normal outra vez e nada como Johnny para me ajudar.

– Já comeu alguma coisa? – Ele me levou até o elevador e acionou o andar do restaurante.

– Não acredito que eu consiga comer alguma coisa depois do que vi.

– Eu estou faminto, então vamos comer.

Acompanhei meu amigo ao restaurante e me forcei a comer um misto quente com um suco de laranja. Precisei aguardar Johnny acabar com o estoque da cozinha.

– E Alex? – ele perguntou entre uma garfada e outra.

– Mamãe vai voltar para casa.

Ele revirou os olhos.

Johnny sabia que eu não queria conversar sobre aquele assunto. Tinha sido assim desde que apareci na casa dele na madrugada, totalmente molhada e chorando, como se minha vida tivesse perdido o sentido. E perdeu.

– Ah, vai? Bom, o padrinho sabe o que faz. Como vai ser?

Suspirei.

– Não sei, mas vou providenciar a minha mudança para lá. Não posso ficar longe da minha mãe agora.

– Isso é ruim.

– Não. Eles me convenceram de que é realmente o melhor.

– Eu falo de você se mudar para lá.

Encarei minhas mãos sobre a mesa e tentei ignorar o meu amigo.

– Alex já sabe?

– Johnny, você sabe que não quero falar sobre Alex.

– Você tem alguns dias de casada, o cara pediu demissão para ficar com você e agora vai desistir de tudo? Charlotte, não acha que está exagerando? Tudo bem que ele escondeu a verdade e tal, mas daí a se separar... pensei que ele fosse o homem de sua vida.

– Eu não sei se vou me separar realmente, ok? Só preciso deste tempo.

– Você está sendo infantil.

– Eu estou cansada das pessoas me dizendo que estou sendo infantil. Se tivessem me dado a oportunidade de decidir o que era melhor para mim, eu poderia ser ou não infantil, mas estaria tomando as minhas próprias decisões. Não estou dizendo que estou cortando Alex da minha vida, só que, neste momento, tenho outras prioridades. Não posso simplesmente voltar para casa e fingir que nada aconteceu quando minha única vontade é ficar perto da minha mãe o máximo possível.

Quando acabei de falar, Johnny me encarava de uma forma estranha.

– O que foi?

– Nada. – E voltou a dar atenção para sua comida.

– Johnny!

– Só acho que você realmente tem o direito de escolher, e de ficar ao lado da sua mãe em um momento tão crítico quanto este, também acho que afastar Alex é como jogar tudo o que fez a sua mãe feliz nos últimos dias no lixo.

– Não se trata da felicidade dela.

– Claro que não. Eu estou realmente preocupado com a sua.

Não consegui responder. Por algum motivo especial, senti meu sangue gelar.

– A madrinha vai morrer e não há nada que possamos fazer. Pense bem, quando tudo isso acabar, Alex continuará sendo parte da sua realidade, mas será que ele estará aqui?

Não quis responder. Na verdade, eu nem poderia. Foi como se todos os meus músculos estivessem congelados. Confesso que senti um medo impossível de ser descrito.

ALEX

Passei a manhã na editora. Lana estava ansiosa, não conseguia contato com Charlotte e precisava resolver algumas coisas relacionadas ao livro da minha ex-aluna. Sentei em minha cadeira e não consegui me concentrar.

– Ela ainda está na casa do Johnny?

– Acho que sim. Peter quer levar Mary para casa, então acredito que Charlotte vá preferir ficar lá.

– Dê este tempo a ela, Alex.

– É o que estou fazendo. – Segurei a caneta, rodando-a entre os dedos.

– Isso o incomoda, não?

– Como não? Se ela tivesse conversado comigo e decidíssemos juntos, eu aceitaria sem nenhum problema, mas ela simplesmente foi embora. Charlotte está com raiva de mim, Lana, e eu nem sei o que posso fazer para mudar esta situação.

– Você está fazendo a coisa certa. Está presente e ao mesmo tempo dando a ela o espaço de que necessita.

– Até quando? Nós acabamos de casar!

– A mãe dela está morrendo e você já sabia que seria assim.

Ouvimos uma batida na porta e, logo, minha secretária entrava com alguns documentos. Precisávamos trabalhar, então dedicaria minha atenção ao trabalho.

Após o almoço, decidi voltar ao hospital, contudo, não encontrei Charlotte. Ela tinha ido para casa e não voltaria. Mary seria transferida, então sua presença não era necessária. Conversei com Peter, ele estava arrasado. Pudera. Fiz questão de acompanhar todo o processo de transferência, auxiliando no que fosse possível e, ao final do dia, a ambulância levou minha sogra para morrer em casa.

Era dramático, sofrido e desesperador assistir a sua calma. A sua resignação. Ver aquela mulher sorrir para a morte, disfarçar a dor que castigava o seu corpo, ser forte quando todos ao seu redor desistiam de lutar

contra o abatimento. Era como se uma parte de mim, da minha história, estivesse de volta, fazendo-me lembrar do quanto era difícil e, sobretudo, do quanto eu precisava estar ao lado da mulher que tanto amava.

Na verdade, a morte é sempre mais difícil e dolorosa para quem fica. Mary parecia entender muito bem esta teoria.

Fui para casa, porém não aguentei ficar no silêncio sufocante que passou a residir no lugar de Charlotte. Ela fazia falta. Muita falta. Quanto tempo mais? Peguei a prancha, mesmo sem vontade de fazer mais nada, aliás, eu tinha, sim, uma vontade que precisaria ser sufocada. No hospital, era mais fácil, na casa deles seria muito mais difícil. Charlotte não aceitaria minha presença com tanta facilidade.

Na praia, eu não consegui entrar na água. O final do dia estava frio, ameaçava chover, o vento forte agitava as ondas. Sentei na areia e me limitei a observar. João Pedro ligou várias vezes até entender que eu não queria conversa e desistir, deixando uma mensagem que eu só verificaria depois, quando a tempestade que se formava dentro de mim estivesse mais calma, controlada.

Eu me sentia péssimo. Arrasado como nunca me senti antes. Nem quando... Bom, quando aquilo aconteceu eu estava preparado, mas eu não estava preparado para perdê-la, não depois de tudo o que vivemos, tudo o que enfrentamos para ficarmos juntos.

Claro que isso poderia não acontecer. Eu queria acreditar que Charlotte me amava e, no final das contas, iria ponderar e ver que eu não tive muita escolha. Eu queria realmente acreditar nisso, só não conseguia. A forma como ela me evitava parecia confirmar a sua vontade de permanecer longe, como se a nossa relação fosse um erro, um equívoco.

Que ironia!

Quantas vezes eu pensei assim? Quantas vezes me recusei a enxergar a verdade que estava bem na minha frente? Quantas vezes desisti dela? Eu, um homem maduro, vivido, experiente, me dei o direito de pensar isso, então o que impediria Charlotte, uma jovem inexperiente, sem grandes histórias de vida, confusa com seus sentimentos conflitantes, de pensar exatamente a mesma coisa? Como se tudo tivesse sido um erro.

As gotas caíram e nem assim eu tive vontade de levantar, contudo, me forcei a fazê-lo. Apesar da minha tristeza, não era um suicida. E, como um bom surfista, conhecia todos os riscos de pegar ondas em dia de chuva. Peguei minha prancha e voltei ao carro.

A escuridão já estava quase completa, ajudada pelas nuvens carregadas. Mesmo assim, consegui chegar rápido em casa e não precisei de mais do que dois segundos para entender a minha nova situação. O carro estava lá.

A princípio, pensei que Charlotte tivesse voltado, pois o seu carro, o mesmo que eu havia lhe dado de presente, e que ela tinha levado na madrugada em que foi embora, estava na garagem, mas... Puta que pariu! Eu sabia que não seria bem assim.

Abri a porta, implorando mentalmente para que tudo não passasse de um engano. A casa imersa na escuridão e tão vazia quanto na noite anterior. O silêncio continuava irritante e sufocante demais. Acendi a luz do corredor, subindo rapidamente para o nosso quarto. No fundo, eu queria acreditar que ela estava lá.

Não estava.

Como se eu precisasse de provas, senti seu perfume e todo o meu corpo ficou em alerta. Charlotte não estava mais lá. O *closet* remexido era a prova de que ela tinha apenas passado para buscar algumas coisas, as primeiras que levaria embora. Um recado colado ao espelho me fez parar.

“Alex,

Desculpe ter vindo sem avisar, mas eu precisava de algumas coisas. Sinto-me na obrigação de comunicar, pois não vou agir como o ladrão que entra na surdina e leva embora as riquezas sem que o dono, de olhos fechados, perceba a ação. Sei que não estou sendo muito madura, mas acredite, para mim, é a única forma de agir diante das circunstâncias. Não quero pensar em nada além dela neste momento. Nós dois podemos esperar. Sinto muito!

Charlotte.”

Reli o recado inúmeras vezes até assimilar que seria daquela forma. Charlotte não voltaria. Pelo menos, enquanto não resolvesse o seu inferno particular. Derrotado, sentei no chão do *closet* e me permiti chorar. Não foi um choro desesperado, e sim um que me permitiu colocar toda a minha tristeza para fora. Eu havia segurado demais.

Ouvia o barulho da chuva castigando a noite e não tinha vontade de me mover. Era como se o tempo tivesse parado. Agradei por isso. Eu precisava que as horas ficassem suspensas, que me fizessem esquecer o tempo e que apenas me permitissem extravasar meus sentimentos até que nada mais restasse além da esperança.

E, assim, adormeci, cansado de lutar ou esperar. Cansado de ser forte. Adormeci sem sonhos, sem o familiar aperto no coração, mas ainda com o seu cheiro nos lençóis, o que era reconfortante.

Acordei no meio da noite com o celular tocando sem parar. Meio atordoado, procurei o aparelho que estava dentro do bolso da minha bermuda

jogada no canto do quarto, não sei quando nem como a ligação parou e recomeçou. Sem olhar no visor, atendi rapidamente.

– Alô? – Pigarreei para que minha voz ficasse ao menos audível.

– Alex?

– Charlotte? O que houve?

Minha esposa chorava, mas estava controlada.

– Você pode...

– Estou indo.

E sem deixá-la terminar, desliguei, procurando minhas roupas. Charlotte precisava de mim e eu estaria lá para ela.

CAPÍTULO 15

“Ria e o mundo rirá com você. Chore e você chorará sozinho.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Eu pensei que teria mais tempo.

Não foi o que aconteceu.

– Você está bem? – meu pai falou com ela, acariciando seus cabelos que insistiam em colar na testa, devido ao esforço gigantesco para esconder a dor que todos nós sabíamos que ela sentia naquele momento. – Está confortável?

Minha mãe apenas sinalizou com a cabeça. Vi quando os nós dos dedos do meu pai se esbranquiçaram assim que ele fechou a mão na beirada do colchão. Uma tentativa de esconder de nós duas o seu sofrimento. Minha única reação foi colocar as mãos nos bolsos do meu jeans e puxar o ar o máximo que pude.

Apesar de tudo, confesso que pensei que teríamos mais tempo.

Mesmo que fosse mais tempo de dor, incertezas, inseguranças... Tempo para assisti-la dormir ou esconder o que realmente sentia. Tempo para vê-la definhar, morrer aos poucos e, mesmo vivenciando cada detalhe mórbido daquela situação, eu ansiava por mais tempo.

Entretanto, não foi o que aconteceu.

– Por que não descansa um pouco? – ela disse com a voz fraca e os lábios sem cor, sorrindo com tamanha doçura que, por um segundo, me permiti acreditar.

– Vou aguardar Rosemeire chegar.

Desviei a atenção dos dois, sentindo-me uma intrusa. Olhei o quarto equipado para mantê-la viva o máximo de tempo possível. Era sufocante. Meu pai escolheu o que ficava no andar de baixo, pela facilidade de locomoção, também facilitaria o acesso, no caso de necessitarmos de uma ajuda extra.

Não era bem um quarto, e sim uma sala onde poderíamos ver televisão e ouvir música, mas tudo fora retirado e preparado para melhor receber a minha mãe.

– Charlotte pode ficar comigo.

Voltei a olhar para a minha mãe. Eles se olhavam daquela forma, como sempre faziam quando não precisavam utilizar palavras e, então, meu pai concordou.

– Vou tomar um banho rápido.

– Eu ficarei bem.

Ele a beijou e saiu, antes, tocou meu ombro, como se me pedisse para ter forças. Eu teria?

Quando voltei a olhar a minha mãe, parecia que uma eternidade havia se passado. Bastou meu pai sair do quarto para aquele brilho mudar. Seu rosto ficou mais escuro, seu semblante mais abatido. Ela fechou os olhos e gemeu baixinho, cansada de lutar. Meu corpo inteiro tremeu. A pele levemente suada, apesar do ambiente climatizado, revelava a sua febre alta, alta demais por sinal.

– Espero que ele durma um pouco – sussurrou com a voz incrivelmente fraca. – Seu pai precisa descansar.

– Acho que esta é uma missão impossível. – Tentei sorrir, o sorriso não apareceu. – Ele está muito preocupado.

– Eu sei, por isso pedi que ele saísse. – Ela arqueou um pouco o corpo e fez uma careta de dor.

– Está tudo bem? – Me aproximei mais.

Minha mãe respirava com dificuldade, mesmo com a ajuda do respirador.

– Eu estou cansada, filha. Meu corpo não responde mais.

– Está acontecendo rápido demais – lamentei em voz alta e ela sorriu. – Como o seu quadro se agravou tão rápido?

Pelo olhar dela, eu soube que nunca teria aquela resposta . Minha mãe tinha escolhido esconder a verdade de mim e levaria aquela decisão até o final.

– E Alex?

Estremeci.

– Vou ficar aqui um tempo. Não brigue comigo – me antecipei, impedindo-a de falar. – Alex compreendeu que agora preciso estar com você, ao seu lado.

Ela fechou os olhos e mordeu os lábios.

– Você poderia fazer as duas coisas, Charlotte. Não deixe que a minha doença te afaste do seu marido.

– Eu sei o que estou fazendo, mãe. Não se preocupe com isso, por favor!

– Seu pai levou alguns anos para voltar para casa – ela sussurrou, como se estivesse perdida em um sonho. – Ele me pediu em casamento, fugimos para que um padre nos abençoasse, depois disso, ele foi embora. Peter se envolveu em todas as missões possíveis só para conseguir alcançar o seu objetivo. Muitas vezes, não concordei com as escolhas dele. O que eu tinha? Eu era jovem, estava sozinha, vivendo um relacionamento a distância e, naquela época, não existia e-mail. – Riu baixinho e começou a engasgar, mas logo se recuperou e continuou. – Mesmo assim, nunca pensei em desistir. Confiava em seu pai. Sabia que ele faria o melhor por nós. Eu apenas esperei, mais até do que acreditava ser capaz de suportar.

– Eu sei, mãe. Vocês dois são perfeitos juntos.

– Você e Alex também.

Engoli em seco.

O que ela poderia saber a respeito do meu relacionamento com o meu marido? Minha mãe nem fazia ideia de que aquilo começou com a minha loucura em insistir que ele me ensinasse sobre sexo. Não. Ela não tinha noção do quanto o meu relacionamento com Alex era raso e frágil.

– Ele não vai te esperar para sempre, Charlotte.

– E eu não quero que seja assim. – Minha única vontade era que aquela conversa acabasse logo.

– Eu nunca me arrependi das escolhas que fiz para ficar com o seu pai. Foram os melhores anos da minha vida.

– Imagino que sim. Papai faz tudo por você. Construiu um mundo encantado, o seu faz de conta.

Novamente, ela sorriu e suspirou, como se aquelas lembranças fossem o seu melhor remédio.

– Eu me casei com ele cinco dias após nos conhecermos.

Parei sem reação. Como assim? Aquela não era a história que eu conhecia.

– Eu namorava um rapaz que morava em uma rua próxima da minha. Meu pai estava satisfeito com o nosso relacionamento, gostava do meu futuro marido, então conheci seu pai quando caminhava para a casa de uma amiga e, naquele momento, eu soube que não poderia passar a vida ao lado de outra pessoa. Foi por esse motivo que esperei, que não abri mão do que ainda tínhamos que viver, e é por isso que posso partir em paz, com a certeza de que vivi tudo o que poderia, aliás. – Ela abriu os olhos e me encarou. – Eu vivi tudo

de uma maneira muito melhor, porque amei e aceitei o homem que escolhi. Não perca a sua oportunidade.

Como se suas últimas forças tivessem se juntado para dizer aquelas palavras, assim que acabou de falar, fechou os olhos e dormiu. Suas feições imediatamente ficaram mais serenas, eu até podia encontrar um pouco de brilho em seu rosto e me questionei se ela, naquele momento, sonhava com meu pai.

Senti uma vontade imensa de ligar para Alex, mas eu não podia. Precisávamos de uma conversa, uma que esclarecesse, que tornasse possível expurgar toda a minha dor e indignação... Com certeza, não conseguiríamos enquanto minha mãe estivesse sobre uma cama, definhando e levando de mim todos os momentos que não me permiti viver com ela.

– Ela dormiu? – meu pai perguntou logo atrás de mim.

Só então me dei conta de que a olhava fixamente, encarando-a como se encarasse a minha própria vida. Senti medo. Mas o que eu poderia fazer? Era muito fácil olhar a minha vida e me achar infantil demais. Achar que eu não tinha maturidade para encarar e enfrentar os problemas, não era exatamente o que eu estava demonstrando?

As pessoas certamente nunca me compreenderiam. Nunca ninguém seria capaz de entender o que eu sentia naquele momento, não só em relação a minha mãe, mas em relação a toda a minha vida. O que eu fiz? Fui a filha certinha, que seguiu todas as regras, que se rebelou apenas quando teve que decidir entre seguir o sonho do meu pai ou o meu. Excetuando isso, nunca saí da linha.

Então tudo mudou, as coisas perderam o rumo, eu me vi apaixonada e envolvida em um relacionamento incomum, incerta sobre o que era ou não adequado, o que eu poderia ou não viver quando, na verdade, eu nunca tinha

vivido nada. Foi tudo rápido demais, intenso demais e descarrilhou, perdeu a direção, indo de encontro a um muro forte e sólido.

Minha vida mudou, não com a sutileza das brisas, e sim com a força dos tsunamis. Então eu pergunto: como alguém consegue se manter firme diante disso? Eu amava Alex? Sim, eu amava. Mas estava preparada para viver aquilo tudo? Com certeza, não. Não houve tempo para me preparar. Nada seguiu o curso normal e eu era somente uma garota inexperiente, de 21 anos, que não teve forças para lutar contra a correnteza e se deixou levar pelas decisões dos outros.

Por isso, eu acho que ser infantil, ter medo, errar, recuar e desistir, são direitos meus e não dava mais para permitir que outros decidissem por mim. Era hora de tomar as rédeas da minha vida. Como, se eu mesma não encontrava ou sabia o caminho certo? Se a cada segundo ficava mais difícil, se a cada respiração as coisas se transformavam, modificavam e desmoronavam a minha frente?

– Charlotte?

Pisquei, sendo arrancada do meu devaneio. Meu coração encolheu, me impedindo de agir. Os pulmões não encontravam o ar e nada reagia como eu pensava que deveria.

– Você está bem?

Senti sua mão em meu ombro e me encolhi.

Eu me senti tão nada. Egoísta, mesquinha, infantil e ao mesmo tempo tão repleta de razão, magoada, insegura... definitivamente, eu não sabia o que fazer.

– Acho que preciso de um banho.

Ele concordou, deixando-me escapar.

Subi para o meu quarto e encontrei meu celular desligado ao lado da minha mala, a mesma que eu tinha ido buscar na casa que dividi por tão poucos dias com Alex. A casa que não era minha e que, mesmo assim, havia me acolhido de uma maneira única.

Depois do banho, não tive coragem para descer, nem fome para comer nada, então deitei e encarei o teto, esperando que o sono chegasse.

Acordei, sentindo uma movimentação estranha na casa. Meu quarto estava escuro, a porta fechada, mesmo assim, as vozes me alcançavam. Forcei o corpo para levantar e senti uma dor que me persuadia a voltar para a cama. Minha boca estava seca e havia um gosto estranho em minha garganta, como um presságio de que a amargura seria minha companheira por muito tempo.

Foi quando minha porta abriu.

– Charlotte...

Miranda estava parada lá. Eu não conseguia ver o seu rosto, mas o tom empregado quando chamou o meu nome foi o suficiente para que eu entendesse que algo não estava bem, ou que havia piorado consideravelmente.

– O que houve? – Rapidamente fiquei alerta. Levantei, fechando o roupão e tentando arrumar a bagunça em meu cabelo.

– Ela... – Miranda não conseguia falar, o que tirou o meu chão.

– Não! – Minha voz foi abafada pelo desespero.

Tentei passar, mas Johnny surgiu diante de mim e me segurou pelos ombros.

– Fique calma – ele disse, me levando para dentro outra vez.

– O que aconteceu? Eu preciso descer – continuei agitada sem conseguir formular nada coerente em minha mente.

– Ela piorou – ele disse, mantendo-se firme.

Miranda chorava baixinho enquanto nosso amigo tentava me conter.

– A madrinha teve algumas complicações, Charlotte.

– Que complicações? Como ela está? Por favor, Johnny... – E as lágrimas já me impediam de enxergar qualquer coisa.

– Fique calma – ele repetiu sem alterar a voz. – O coração está muito fraco e eles precisaram entubá-la, o que já sabíamos que poderia acontecer.

– Eu preciso vê-la.

– Charlotte... – Ele me segurou com força pelos ombros, forçando-me a encará-lo. – Ela está em coma. Não reage mais. Os médicos disseram que agora é só uma questão de tempo.

– Oh, Deus!

E fui invadida por soluços. Um choro forte demais para ser contido.

Não conseguia acreditar que foi tudo tão rápido. Há poucos dias, ela estava bem, feliz, comemorando o meu casamento, para logo em seguida não conseguir mais se manter viva, perder os sentidos, ser dominada e destruída pela doença. Como podia?

Johnny me abraçou com força. Eu sabia que meu amigo fazia um esforço enorme para que aquele momento fosse só meu, para que o seu próprio sofrimento não o impedisse de me apoiar. Abracei-o, deixando que o choro ganhasse força, até acreditar que me partiria ao meio.

Miranda ficou ao meu lado. Ela chorava muito também e eu compreendia sua dor. Minha mãe foi seu maior exemplo materno, havia sido o seu centro de amor. Era tão difícil aceitar!

Quando, finalmente, consegui me controlar, pelo menos o suficiente para encarar meu pai, Johnny liberou a minha passagem. Desci cada degrau como se estivesse caminhando de encontro à própria morte. Não sabia como reagiria ao ver minha mãe em um estado tão crítico. Não sabia como consolar meu pai.

Já na porta do quarto, encontrei o Dr. Frankli, ele me olhou de uma maneira estranha, porém não fez nenhum comentário que não coubesse no momento.

– Como ela está?

Senti vergonha por estar tratando de um assunto tão pessoal com o pai do meu marido, mesmo sabendo que ele estava ali profissionalmente. Eu havia abandonado o filho dele, algo do qual ele com certeza já tinha conhecimento, o que me tirava toda a disposição para encará-lo.

– Conseguimos estabilizá-la, Charlotte, mas, como já deve saber, agora é só uma questão de tempo. – Ele passou a mão no cabelo e me olhou sem graça.

Concordei com as palavras dele e nada acrescentei. Olhar para o meu sogro era constrangedor. Ele era mais um dos que nunca entenderiam a minha dor, nem os meus motivos.

– Você pode vê-la – ele falou ainda sem jeito. – As enfermeiras vão continuar ministrando as medicações. Preferimos mantê-la sedada, por causa das dores fortes. Será melhor assim, acredite.

Suspirei pesadamente. Poderia ser o melhor para ela, mas... e se não fosse? Como saberíamos? E para nós?

– Ela não vai reagir mais, Charlotte. Sinto muito.

Mordi os lábios e, mais uma vez, concordei balançando a cabeça. Era um peso tão grande para ser carregado!

– Eu sei. Só não... – Respirei fundo para que as lágrimas não continuassem caindo. – Não imaginei que seria assim tão rápido. Eu nem tive tempo...

– Sei como você se sente, e acredite, você teve mais tempo do que muitas pessoas. Sei que não se conforma por eles terem optado por esconder a verdade. Tente ver por outro lado, o fato de não saber permitiu que vivesse momentos verdadeiros ao lado dela, sem dor, sem sofrimento e sem desespero.

Fiquei longos minutos encarando meu sogro, pensando no quanto suas palavras faziam sentido. Eu estava tão arrasada! Saber antes ou depois não mudaria a minha reação, eu ficaria destruída e todos os momentos que passamos sem que eu soubesse o que realmente acontecia permitiram que fôssemos verdadeiramente felizes.

– Você tem razão – admiti, sentindo-me ridícula.

– Você também tem. Em uma hora como esta, não dá para sabermos quem está mais certo. O que passou não volta mais. As decisões tomadas não podem trazer o passado de volta, então, agora é apenas aceitar e utilizar tudo da melhor maneira possível.

– Eu sei.

– Não vai entrar?

– Ela pode me ouvir?

– Não sei. Alguns estudos dizem que sim, no entanto, não posso garantir que seja verdade. Entre, fique um pouco com seu pai, ele está precisando de você.

E foi o que fiz.

Ele estava de costas, a cabeça deitada sobre a cama dela e as mãos entrelaçadas, como dois amantes. Me senti triste. Incrivelmente triste e, mais uma vez, Alex voltou aos meus pensamentos.

– Como o senhor está? – Minha voz fraca invadiu o quarto que só repetia o barulho dos aparelhos ligados ao corpo dela.

– Como alguém que perdeu os dois braços e as duas pernas – ele disse sem medo de demonstrar a sua fraqueza.

Eu nunca havia visto meu pai tão triste e devastado.

– Sinto muito.

Ele segurou minha mão e levou-a aos lábios.

– Eu amo você, filha.

– Eu também o amo, papai.

ALEX

Estacionei defronte ao flat onde Charlotte tinha voltado a morar. Era estranho estar lá por ela quando tudo já tinha ficado muito bem definido, mas eu não conseguia agir de forma diferente. Charlotte precisava de mim e eu

precisava estar ao seu lado, então estava tudo tão certo que minha mente não me permitia questionar.

Antes mesmo que eu conseguisse tocar a campainha, Johnny abriu a porta, me encarando. Apesar da escuridão, pude notar seus olhos vermelhos e levemente inchados. Ele soltou o ar e me deu passagem.

– Ela está lá em cima.

– O que aconteceu? – Não tive coragem de encontrá-la sem estar preparado, embora no fundo eu já esperasse pelo pior.

– A madrinha está em coma. Seu pai esteve aqui, mais cedo, quando ela piorou tanto que pensamos que fosse o fim. Ele conseguiu estabilizá-la, porém não há mais nada que possamos fazer.

– Droga!

Olhei para as escadas, Eu tinha estado lá tantas vezes. Muitos momentos bons, estranhos, engraçados e constrangedores. Eu tinha vivido coisas com Charlotte que nunca abandonariam a minha memória. Naquele momento, tudo ali era tão estranho e complicado que parecia ser outra casa.

– Legal você ter vindo. – Ele bateu em meu ombro, me conduzindo até a escada. – Eu sei o quanto Charlotte está sendo difícil.

– É o momento dela.

Ele me olhou com admiração e sorriu complacente.

– Sim, é o momento dela. Só espero que este momento não dure o suficiente para que o arrependimento a destrua depois.

– Charlotte é muito nova ainda, Johnny. Conheceu pouco dos sentimentos, foi muito mimada, e nós temos que levar em consideração que ela

foi jogada no meio desta confusão toda sem nem ter tempo para pensar no assunto.

– É verdade. Eu nunca toparia casar tão rápido.

– Ainda bem que ela topou. Não me arrependo nem um pouco.

– Eu sei que não. – Ele parou no primeiro degrau, dando a entender que eu deveria seguir sozinho.

– E Peter?

– Ele está com a madrinha. Não sai de lá. Você já sabe qual é o quarto dela.

Balancei a cabeça, concordando, e Johnny saiu deixando-me seguir em direção a minha esposa.

A porta do quarto estava encostada. Dentro, a escuridão era quebrada pela luz fraca do abajur. Abri a porta bem devagar. Não queria assustá-la, mesmo sabendo que ela me aguardava. Charlotte estava deitada, segurando um travesseiro entre as pernas e outro na cabeça. Ela encarava o nada.

Nunca, em toda a minha vida, vi Charlotte tão menina. Uma criança perdida em uma imensidão de dor. Não dava para pensar em mim quando ela precisava tanto de alguém para pensar nela.

– Charlotte? – Minha esposa se virou rapidamente em minha direção.

Apesar de imersos na penumbra do quarto, conseguimos nos encarar. Ela ainda chorava, também parecia constrangida, como se tivesse se arrependido em ter me ligado. Dei um passo à frente sem fazer menção de tocá-la. Era melhor dar um passo de cada vez e ganhar a sua confiança.

– Desculpe ter ligado tão tarde – ela disse com a voz baixa, desviando o olhar e abraçando o próprio corpo. – Eu acho que...

– Tudo bem. – Dei mais um pequeno passo e parei. – Foi bom você ter me ligado, Charlotte. Eu estarei sempre aqui por você.

– Obrigada. – A voz ficou ainda mais baixa. – Ela está...

– Eu sei. – Sentei ao seu lado na cama sob o seu olhar atento. – Sinto muito!

Então, Charlotte se jogou em meus braços, como uma criança, e chorou até que não tivesse mais lágrimas. Permaneci com ela, afagando as suas costas, permitindo que minha esposa colocasse para fora todo o seu sofrimento. Não me importei com a posição incômoda, nem com o longo tempo em que tive que mantê-la. Naquele momento, meu pensamento era dela, e no conforto que era tê-la novamente em meus braços.

– Se você nunca tivesse me contado, será que eu acreditaria que todos foram pegos de surpresa?

Engoli em seco. Aquele era o melhor momento para conversarmos sobre este assunto?

– Não sei, Charlotte. Por que não descansa um pouco? Foi um dia muito difícil para você.

– Eu acho que sim. Sempre aceitei tudo o que as pessoas me contavam, então acho que, se vocês tivessem dito que foram surpreendidos, eu acreditaria.

Ela continuou com a voz fraca e baixa, o rosto colado em meu peito. Eu conhecia Charlotte o suficiente para saber que ela não desistiria facilmente

daquela conversa, por isso não resisti, nem tentei dissuadi-la. Apenas aceitei que deveria ser assim.

– Eu acho... – Me ajeitei na cama, sem permitir que Charlotte se levantasse, e continuei acariciando seus cabelos. – Acho que você acreditaria.

– Então por que escolheu me contar?

– Você preferia que eu não tivesse contado?

Ela se encolheu em meus braços e eu aproveitei para abraçá-la mais forte.

– Não sei.

– Posso te dizer o que eu acho?

Ela se moveu, concordando.

– Nunca acreditei que esconder a verdade de você fosse a melhor opção, mas eu não te conhecia direito, e continuo não conhecendo, Charlotte. Pelo pouco que vivemos, tenho certeza de que seu sofrimento seria muito maior se pudesse acompanhar tudo desde o início, porque não existe ninguém que esteja preparado para perder quem ama, seja para a morte ou para a vida. No seu caso, seus sentimentos são muito intensos.

– E por isso você acredita que tomou a melhor decisão.

A sua afirmação me fez recuar ligeiramente. Estávamos entrando em um campo minado, então era prudente controlar o avanço.

– Não. Não acredito que alguém tenha conseguido tomar a decisão certa nesta situação. A verdade era que ninguém poderia prever que tudo acabaria assim, não é? Seus pais tentaram te proteger.

– E você?

– Eu tentei te dar amor e felicidade antes de a tristeza chegar. Quis que você conseguisse dar orgulho aos seus pais, que fortalecesse a sua vida, para que conseguisse passar pelo pior sem ter que destruir nada.

– Você fala como se soubesse exatamente o que me aguarda, quando...

– Não tem como saber o que te aguarda, Charlotte Frankli. – Sorri ao pronunciar o seu nome de casada, me fazia bem pensar nela como minha esposa.

Ela suspirou e se aconchegou um pouco mais. Inclinei-me, acomodando minhas costas nas almofadas que decoravam a sua cama. Ela me acompanhou continuando deitada em meu peito.

– Eu sei o que é perder alguém, então posso adiantar que não será nada fácil – sussurrei, percebendo que Charlotte estava quase dormindo.

– Vai ficar aqui? – Ela bocejou, colando seu corpo ao meu.

– Eu posso?

Ela consentiu sem nada dizer, então continuei acariciando suas costas, até que senti seu corpo totalmente relaxado.

Então fechei os olhos e adormeci junto com ela, com a consciência de que o dia seguinte seria muito difícil.

CHARLOTTE

– Você vai ficar bem?

Alex estava sentado junto de mim, ao pé da escada, observando o movimento de entrada e saída no quarto em que minha mãe estava. Havíamos sentado ali quando eu decidi que não conseguiria entrar. Não ainda.

Ele permaneceu comigo, sem reclamar, apenas sentado, as mãos apoiadas no cotovelo, imitando a minha própria posição, que, aliás, não combinava em nada com ele. Alex era um homem, tinha porte de homem e não se assemelhava em nada à menina que eu era e que se acentuava ainda mais devido à minha pequena capacidade de ser adulta em um momento como aquele.

– Vou ficar bem – respondi tarde demais.

Ele suspirou sem me olhar diretamente.

– Eu posso voltar?

E lá estava a insegurança outra vez, demonstrando que aquele homem não parecia com quem eu havia me casado. O que eu estava fazendo conosco?

– Claro, Alex – tentei fazer minha voz parecer suave, embora ela estivesse áspera pelo choro que eu tentava, a todo custo, segurar. – Minha mãe te adora. – E me vi pensando se eu deveria pensar nela no presente ou já me acostumar com o passado.

– Eu também gosto muito da Mary, mas quero voltar por você.

Olhei para o meu marido, que me olhava atentamente, tentando esconder o desespero que lhe abatia.

– Claro, volte. – Mas não tive como ser amável. Eu continuava me sentindo confusa e perdida com a forma como ele escolheu para iniciar a nossa vida.

– Eu só preciso resolver algumas coisas. Volto assim que conseguir passar tudo para Lana.

– Não se preocupe. – Voltei a encarar a porta, assistindo uma enfermeira sair com a roupa de cama nas mãos. – Eu não vou a lugar nenhum.

– Você deveria comer.

Seus dedos frios acariciaram meu rosto, retirando o cabelo que o impedia de me ver direito e colocando-o atrás da orelha. Estremeci. Ele logo retirou a mão.

– Mary não iria gostar...

– Mary não iria gostar de muitas coisas, só acho que ela não está em posição de exigir nada agora, não é mesmo?

A acidez em minhas palavras me machucou mais do que ao meu marido. Droga! Por que eu não conseguia simplesmente esquecer os nossos problemas ou deixá-los para depois? A resposta eu já sabia. Era tudo recente demais e, apesar da minha necessidade de tê-lo ao meu lado, me apoiando, eu sabia que era exatamente a convivência que me afastava, pois me impedia de pensar corretamente.

– Desculpe!

– Tudo bem. Você ainda está muito abalada – ele disse com a sua condescendência habitual, justificando todas as minhas infantilidades.

– Será que algum dia eu deixarei de estar? – Escondi o rosto entre as mãos e fechei os olhos.

– Com o tempo, com certeza.

– E como pode estar tão certo disso?

Alex suspirou e se mexeu desconfortável.

– Eu apenas sei. – E havia mais naquelas palavras do que ele realmente estava me dizendo. – Vou ficar com o telefone o tempo todo. Pode me ligar quando quiser. Tem alguma coisa que gostaria que eu trouxesse de casa para você? – Se pôs de pé e me encarou, aguardando minha resposta.

– Por enquanto, não.

Alex consentiu e já estava saindo quando eu o interrompi, segurando a sua mão.

– Obrigada por ter vindo. Por estar aqui comigo.

– E onde mais eu poderia estar, amor? – Sua voz cheia de carinho e cuidado me desarmou. Sim, ele sempre estaria lá por mim, restava saber se eu seria capaz de estar sempre lá por ele.

CAPÍTULO 16

“Quando a dor cortante o coração maltrata e tristes gemidos ferem nossa alma, apenas a música e seus sons de prata rápido nos trazem outra vez a calma!”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Uma semana se passou e as mudanças eram sempre para pior. Ela nunca melhorava, apesar de todas as minhas promessas e orações. Aos poucos, a tristeza cedia lugar ao desespero e eu já não fazia ideia se minhas preces eram para que ela partisse logo, amenizando o seu possível sofrimento, ou se, ainda assim, tendo constante contato com tudo o que a afligia, eu ainda a queria ali, ligada a aparelhos e ao alcance dos meus olhos.

Meu pai não saía de casa. Nunca. Por nenhum motivo ou necessidade. Ele ficava no quarto com ela, acompanhava tudo de perto, sofria sem dizer uma palavra e, se em algum momento derrubou qualquer lágrima, não foi na minha presença.

Alex cumpriu a promessa de estar ao meu lado. Ele saía pouco, trabalhava em seu notebook, às vezes em meu quarto, e outras, quando possível, na sala. Normalmente ele ficava onde eu estivesse, me apoiando e me lembrando de que sua mão estaria ao meu alcance quando eu, finalmente, desistisse e desabasse de uma vez por todas.

Cada dia era mais difícil do que o outro. Primeiro, foram os rins, eles já estavam prejudicados e logo apresentaram problemas. Ela precisaria de hemodiálise, o que eles não sabiam era se o coração suportaria. Arrumaram tudo em casa mesmo. Meu pai jamais a levaria de volta para um hospital, então o hospital foi até minha mãe.

Como previsto e, para o meu total desespero, na primeira sessão de hemodiálise o coração dela fraquejou e ameaçou não suportar. Foi uma loucura este dia. Cheguei a pensar que seria o fim, um grande coração parado por rins fracos.

Dr. Frankli, juntamente com os demais médicos que formavam uma junta exclusiva para atender minha mãe, resolveram que segurariam ao

máximo a necessidade de fazer outra sessão. Assim, medicamentos fortes começaram a ser ministrados, mesmo tendo eles a absoluta certeza de que seria só mais um paliativo.

Era doloroso assistir cada passo, cada movimento para tentar adiar o que era inadiável, mas quem ali entregaria os pontos primeiro? Ninguém. Nenhum de nós estava disposto a abrir mão de tê-la, nem que fosse por mais um dia, mais algumas horas.

No dia em que o coração da minha mãe quase parou, eu pensei que o meu morreria junto. Foi quase impossível me manter do lado de fora do quarto estrategicamente elaborado para atendê-la. Meu pai, como não podia deixar de ser, ficou do lado de dentro, e Alex assumiu o papel de me segurar do lado de fora, aguentando meu choro incessante, o tremor do meu corpo e a minha incapacidade mental em elaborar qualquer pensamento mais maduro.

Eu só conseguia pensar em conseguir mais tempo.

É incrível como as lembranças, antes arquivadas ou esquecidas, voltam com tamanha força em situações como esta. Enquanto Alex me mantinha firme em seus braços, oferecendo seu ombro para que eu pudesse chorar sem medo, eu lembrei quando, uma vez, ainda na Inglaterra, em mais uma das travessuras de Johnny e Miranda, a porta do jardim acabou passando por cima do meu dedão, e a unha, de uma forma que eu nunca consegui entender, enrolou completamente para cima, como uma lata de sardinha, deixando apenas a carne viva e sangue.

Lembrei que Miranda e Johnny ficaram horrorizados. Do jardineiro – como era mesmo o nome dele? –, eu não me lembrava, mas ele me carregou até a mesa da cozinha, enquanto outros empregados corriam para avisar a minha mãe. Ela chegou, o rosto pálido, os olhos agitados buscando por mim e, assim que viu a minha situação, pegou um pedaço de algodão, sorriu, me passando

confiança e, mesmo com os meus protestos, segurou a unha, desdobrando-a até que estivesse em seu devido lugar.

Claro que fui levada para o hospital, meu pai nunca permitiria que fosse diferente, e ninguém conseguiu impedir as injeções que tomei, só que a força e a determinação da minha mãe ficaram no meu pensamento por muito tempo, como se eu tivesse sido salva da morte por ela. O pior de tudo era que eu nunca poderia retribuir o favor.

Após o episódio do coração, fomos mais uma vez alertados que o dia estava chegando e que precisávamos nos preparar. Desde então, tão quanto meu pai que montava guarda do lado de dentro, eu montava do lado de fora, sentada nos degraus da escada, os olhos fixos na porta e a certeza de que poderia ser a qualquer momento.

E foi assim que Alex me encontrou naquela noite. Ele precisou participar de uma reunião importante. Eu tomei sopa, só um pouco, e ainda assim porque meu pai insistiu muito, depois voltei para o degrau e ali fiquei sem perceber o tempo passar.

Ele se aproximou sem nada dizer. Não desviei os olhos da porta do quarto em que minha mãe estava. Sabia que era Alex sem precisar olhá-lo. O coração tem dessas coisas, não é? Você sabe porque reconhece os passos, o barulho da chave do carro junto ao movimento do seu corpo, a forma como respira. Definitivamente, ninguém precisa de anos de convivência para identificar estes pequenos detalhes na pessoa que ama. Eu era assim com Alex. Sabia e pronto.

Senti suas mãos levantarem meus óculos e depois enxugarem as lágrimas que caíam e que se tornaram tão habituais que, se não fosse pela visão borrada, eu nem as perceberia mais.

– Comeu alguma coisa?

Confirmei com a cabeça e pigarreei para que minha voz não ficasse tão ruim quanto o meu semblante.

– E você?

– Passei na casa dos meus pais e jantei com eles. Tentei ligar, mas seu celular está dando caixa de mensagem.

Fiz uma careta. Há dias eu não me lembrava de carregá-lo. Alex se encarregava disso quando percebia que não havia mais bateria.

– Tudo bem.

– Falei com seu pai mais cedo e ele me informou sobre a situação de Mary.

– Os rins estão no limite.

– Eu sei. – Seus dedos acariciaram meu couro cabeludo. – Por que não subimos? Eles vão avisar se alguma coisa acontecer.

Estremeci só de imaginar o que poderia acontecer ao ponto de precisarem me chamar. Olhei para a sala e vi Mirada sentada no sofá, Patrício ao seu lado, e me perguntei quando ele havia chegado. Eu nem tinha notado.

– Vamos. Você toma um banho eu massajeio os seus pés.

Ele sorriu lindamente, tentando me animar.

– Eu queria... – Engoli em seco. – Eu quero dar boa-noite a ela.

– Certo. Venha, eu vou com você.

Andamos em silêncio, ele segurando a minha mão. Abri a porta e meu pai levantou a cabeça. Seus olhos vermelhos indicavam o tamanho do seu desespero. Meu coração acelerou.

– Como ela está? – Minha voz quase falhou.

– Partindo. – Ele desviou o olhar e acariciou a mão da minha mãe.

Olhei para ela. Minha mãe não era aquela pessoa ali, ligada a aparelhos, respirando artificialmente, sem a sua habitual alegria, sem o seu brilho. Não. A minha mãe já tinha partido há muito tempo, ali restava apenas o que nos mantinha de pé, a casca, a ideia hipócrita de que ela ainda estava ali.

A que custo?

Meu pai se afastou quando eu me aproximei, cedendo-me a mão dela. Segurei com cuidado, sentindo a sua frieza. Respirei fundo, me inclinei e beijei a sua testa.

– Boa noite, mamãe. *–Eu me esforçarei para ser o que você sempre sonhou. Me tornarei a mulher pela qual você escondeu a sua verdade, a que a fez abdicar da própria vida. Descanse. Ficaremos todos bem.*

Não consegui expressar meus pensamentos em palavras. Então deixei Alex me levar. O que eu poderia fazer sentada ali, como um cão de guarda? Nada. Eu não poderia fazer mais nada. No entanto, cada passo que me levava para o meu quarto aumentava o buraco já imenso no meu peito.

Minha cama estava tão vazia que cheguei a pensar que Alex tinha sido um sonho. A luz fraca do dia tentava avançar e vencer a cortina totalmente fechada. No primeiro instante, não percebi nada. A movimentação, o choro, a conversa sem moderação não me alcançaram tão rapidamente. Eu ainda tive os últimos minutos de paz, até que fui jogada de volta à minha realidade.

Primeiro congelei. Fiquei completamente paralisada enquanto os sons chegavam aos meus ouvidos. O choro de Miranda, a voz de Patrício. Talvez este tenha sido o detalhe que mais me alertou. O que Patrício fazia ali tão cedo? E com quem ele conversava? Depois outras vozes, todas estranhas, mais choros.

Levantei, percebendo que não estava com minhas roupas e, rapidamente, as lembranças da noite anterior me invadiram. Alex me dando banho, seu jeito carinhoso de me tratar, a massagem que me fez adormecer... mais choro, vozes estranhas se distanciando. Alcancei minha calça pendurada na poltrona, tive o cuidado de colocar um sutiã, já que a camisa clara revelava demais, e saí do quarto descalça, sem lavar o rosto, escovar os dentes ou até mesmo pentear o cabelo.

Meu coração acelerado ficou ainda pior quando abri a porta e vi Alex subindo as escadas. Ele falava baixo ao telefone, o tom que empregava deixava claro que algo de muito ruim tinha acontecido. E então nossos olhos se encontraram e eu entendi.

Minha mãe havia partido.

Eu, sinceramente, pensei que toda dor já havia se esvaído do meu corpo. Estava enganada. Naquele momento, naquele mísero segundo em que entendi minha realidade, me pareceu que o mundo deixou de fazer sentido, que minha mente havia dissolvido e meu corpo se fragmentado em milhares de pedacinhos que doíam sem parar, formando uma massa sólida de dor, apenas dor.

– Charlotte!

Meus olhos não fixavam, eu ouvia a voz de Alex e sentia suas mãos em mim. Parecia que ele me carregava, mas eu não tenho certeza se foi real ou só mais uma travessura da minha mente. Eu sentia a dor que parecia aumentar cada vez mais.

– Droga! Johnny! – gritou enquanto sentia meu corpo flutuar. – Merda, Charlotte! Fale comigo.

Ele estava tão próximo e distante ao mesmo tempo. Era estranho. A única parte que coordenava os pensamentos mais coerentes do meu cérebro, se assim posso chamar, parecia estar bem perto de se fundir ao restante e se perder em loucura e dor, porque eu pensava em correr escada abaixo e avisar às enfermeiras, médicos, quem quer que estivesse lá, que minha mãe estava morrendo e que eles precisavam fazer alguma coisa, como se ainda tivéssemos tempo para tentativas.

Eu sabia, só não conseguia me conectar à realidade, minha mente entendia que minha mãe estava morrendo e não que ela já estava morta, que mais nada poderia ser feito.

Era estranho!

Como alguém tão vivo pode não estar mais vivo? Como simplesmente entender e aceitar que aquela presença tão constante não permaneceria? Como retirar da sua realidade a figura de uma pessoa que, com certeza, eu continuaria esperando chegar ou pensaria com esperança quando precisasse de apoio?

Não. Não era possível entender e encarar esta realidade.

Decerto, a vida continuaria, o sol brilharia, a chuva cairia, as plantas cresceriam, porque tudo seguiria o seu curso. Pode parecer bobagem o que vou dizer: era injusto com os que sofrem a perda de alguém tão amado. Não dava para acreditar que a dor que me paralisava e roubava de mim todas as minhas faculdades, incapacitando-me, não seria sentida ou respeitada por todos. Que seria um dia lindo, mesmo eu estando tão morta por dentro. Que chegaria a noite e o dia outra vez, empurrando a vida a continuar e forçando tudo e todos

a seguirem em frente quando meu único desejo era parar, congelar e me perder no tempo.

– Charlotte, amor, fale comigo! O que você está sentindo?

– Charlotte? Droga! Ela parece estar em choque. Está gelada demais.

Johnny também estava perto e parecia desesperado.

– Não faça isso, Lottie, por favor! O padrinho precisa de você

E bastou este argumento para que algo em mim se rasgasse. Uma lufada de ar invadiu meus pulmões, queimando e me forçando a entender que continuava viva e que, apesar de tanta dor, eu precisava continuar. Então, como se eu estivesse presenciando o meu nascimento, enxerguei o ambiente ao meu redor, lutando para ganhar vida, respirando com dificuldade... um parto real. Por isso, assim que percebi que estava de volta, me permiti chorar como uma criança recém-saída do ventre.

– Ah, amor! – Alex me abraçou carinhosamente, mantendo-me em seus braços com a cabeça apoiada em seu peito.

– Ela está bem?

Johnny segurou minha mão, conferindo a temperatura. Ninguém respondeu, mas acho que Alex fez algum gesto para que meu amigo entendesse que eu apenas sofria a perda da minha mãe, porque ele beijou minha mão e ficou ao meu lado em silêncio.

Estávamos sentados no chão, provavelmente eu caí, ou ameacei cair e ali foi o lugar onde eles conseguiram me amparar. Permanecemos no mesmo lugar, em silêncio. Eu chorando, olhos fechados, cabeça no peito do meu marido, que mantinha as mãos em mim, acariciando minhas costas e cabelos, enquanto meu amigo segurava firme em minha mão.

– Preciso vê-la – avisei com a voz tão fraca que nem acreditei ser a minha.

– Charlotte...

– Preciso me despedir, Alex.

Ele resmungou, mas começou a se ajeitar para levantar e me auxiliou quando fiz o mesmo. Senti as pernas fraquejarem, meu corpo cobrando o desgaste, minha mente lenta.

– O padrinho está lá. Acho que ainda não desligaram os aparelhos. Vão levá-la ao necrotério, não poderão salvar nada para a doação... você sabe... – E ele se calou.

O câncer havia destruído a minha mãe por dentro. O que restou foi apenas a sua doçura, sua força e capacidade de encarar a vida e a própria morte de uma maneira calma e natural. Ela não se dobrou. Não foi vencida. Ela venceu, porque escolheu como seria.

Esta seria a minha fantasia eterna. O conto de fadas que eu levaria comigo. A ideia frágil e infantil de que minha mãe escolheu partir depois de completar a sua missão aqui na terra, que foi viver intensamente ao lado do homem que escolheu e amou, e que vivenciou os melhores momentos da sua filha, como tinha planejado. De que não se rendeu à doença, que não foi derrotada, que não sofreu. Que partiu com dignidade, levando o melhor da vida.

Mas o fato era que nunca descobriríamos a verdade.

ALEX

Charlotte estava trancada no quarto há bastante tempo. Ela e Peter se juntaram em uma espécie de despedida íntima, que pertenceria apenas aos dois. Todos respeitaram o momento, inclusive Miranda e Johnny, que, apesar de fazerem parte daquela família, entenderam que aquela era a hora de pai e filha acertarem as contas e, finalmente, deixarem que a vida seguisse o seu curso. Nada mais poderia ser feito.

Um pouco antes de entrar, Charlotte me disse uma coisa que martelava a minha cabeça e na qual eu não conseguia parar de pensar. Ela disse: foi assim que ela escolheu. Como se Mary tivesse escolhido que seu corpo deixaria de lutar na noite de formatura e que, quando sua mente se cansasse, ela partiria, sem sofrimento, sem desgaste, sem dor. Isso era possível? Eu não sabia no que acreditar.

A minha experiência de perda não havia sido nada fácil e, definitivamente, não foi como estava sendo para Charlotte. Em muitos aspectos, devo ressaltar. Mas não era hora para relembrar o meu passado, e sim de me preparar para ampará-la. Seja lá qual fosse a sua decisão.

Quando a porta abriu, apenas a minha esposa saiu de lá. Pudemos ver Peter, sentado ao lado do corpo da esposa, a cabeça baixa, como se fosse parte do acordo deles, ele permanecer ao lado dela, até que não pudessem mais ficar juntos. Era triste. Melancólico.

Charlotte caminhou na direção de Johnny e levantou a mão para Miranda, amparando a amiga. Eles se olharam com cumplicidade e eu me senti um “peixe fora d’água”, como se não fizesse parte da família, e a verdade era que eu realmente não fazia. Há quanto tempo estávamos juntos? Parcos dias. Como eu poderia almejar um lugar naquela pintura de família? Não havia espaço para mim ali e isso me incomodou profundamente. O precipício entre nós dois aumentava cada vez mais.

– Vamos voltar para a Inglaterra – ela anunciou sem titubear. Estavam decididos. – Vamos enterrá-la em casa. Esta era a sua vontade e nós iremos cumpri-la.

Eles concordaram. Eu e Patrício nos olhamos. Eu sabia muito bem o que o meu irmão pensava: e nós? Pois é, Patrício. Perdemos.

Tudo já estava arranjado. Peter tinha secretárias eficientes, por isso todos da minha família foram contatados para confirmar a presença no enterro, assim como fomos informados de que o Sr. Middleton fazia questão de nos hospedar em sua casa. Pelo menos, assim, eu estaria perto dela.

Iríamos no avião particular da família. Só a ideia já me deixava constrangido. Sempre trabalhei muito e me considerava uma pessoa com uma vida financeira confortável. Pelo menos era assim que me sentia quando saía com outras mulheres. Minha casa era boa, em um ótimo bairro e tinha a decoração perfeita, de uma profissional, é claro. Os lugares que eu frequentava também eram os melhores e eu sempre paguei a conta, pois gostava de cuidar das mulheres com quem me relacionava. Isso nunca foi um sacrifício.

Talvez, por este motivo, me inserir no mundo de Charlotte me causasse certo desconforto. Obviamente, eu viajava de primeira classe, sempre que podia, daí a ter um avião particular era uma distância muito grande. Sem contar que acomodar todos nós em uma única casa já me fazia imaginar em que tipo de mansão ela morava.

Tudo bem que não ser tão ou mais rico do que a minha esposa não deveria me incomodar, só que incomodava e eu não sei dizer ao certo o porquê. O fato era que, daquele momento em diante, eu não me sentia mais um marido apaixonado que tentava recuperar a esposa. Eu me sentia o pobre marido que precisava bajular a esposa rica. Pelo menos era como minha mente me dizia que as pessoas me veriam.

Merda!

Por que eu estava me preocupando com o que as pessoas diriam? Já não tinha problemas demais para pensar? Por que não esquecia esta bobagem e me concentrava em Charlotte e no que eu poderia fazer para ajudá-la?

– Por que não tenta descansar um pouco? Vamos demorar a embarcar. – tentei puxar conversa.

Charlotte estava muito calada, funcionando no automático. Ela simplesmente fazia o que deveria ser feito, apaticamente, como se sua alma não estivesse mais lá. Johnny assumiu as rédeas e me pediu para cuidar dela enquanto ele cuidava de todo o resto. Claro que concordei. Nada me daria mais prazer do que cuidar da minha esposa. Restava apenas saber se ela queria ser cuidada por mim.

– Eu estou bem – ela disse com a voz suave e baixa.

Acariciei seu braço enquanto me lembrava das suas malas. Eram inúmeras, como se Charlotte estivesse realmente indo embora. Prefiri não comentar sobre o assunto. Não era o momento.

– O caixão dela já chegou?

Charlotte segurava um casaco grosso e uma bolsa estilosa. Não parecia em nada com a minha Charlotte. Aparentemente, aquela era a Charlotte Middleton inglesa, de família nobre, por isso o vestido composto e alinhado, combinando com os sapatos clássicos.

– Não sei, Charlotte, com certeza saberemos quando chegar a hora.

– Eu não gosto da ideia de esperar chegar a hora, Alex – ela respondeu de uma maneira estranha.

Estava fria, havia certa agressividade na maneira como colocou o fato. Suspirei. O que eu esperava? Que ela não me culpasse mais por termos escondido a verdade? Acorde, Alex. Você fez merda!

– Vou perguntar a Johnny.

Peguei o celular para ligar, mas Johnny entrou na sala já caminhando para encontrá-la.

– Onde está meu pai? – Charlotte se adiantou visivelmente angustiada.

– Foi acompanhar o caixão. – E a palavra parecia feri-lo mais do que deveria. – Nós vamos embarcar agora.

Ele abriu espaço para que pudéssemos passar, e minha esposa seguiu em frente sem me aguardar. Ainda vi um olhar terno do meu pai em minha direção. Era constrangedor.

Quando entrei e me deparei com o luxo do avião, quase pensei em me recusar a embarcar. Droga! Ela tinha que ser tão rica?

– Boa tarde, senhor! Posso ajudá-lo?

Uma comissária muito bonita e bem arrumada se ofereceu para me ajudar com a pequena bagagem. Olhei para Charlotte, que já estava muito bem acomodada em uma das poltronas confortáveis, de frente para uma pequena mesa. Ela não me olhou.

– O senhor pode colocá-la no compartimento acima das poltronas.

– Obrigado.

Fui em direção a minha esposa. Pelo menos a poltrona ao lado dela estava vazia, assim como as duas a sua frente. Ela me olhou quando me aproximei.

– Posso sentar aqui? – perguntei bem baixo, sentindo-me envergonhado por precisar fazer aquilo na frente de toda a minha família.

– Claro!

Charlotte me olhou de uma maneira curiosa, como se fosse absurdo fazer aquela pergunta. Fiquei ainda mais constrangido, mesmo assim, sentei ao seu lado.

– Pensei que seu pai...

– Ele vai na cabine.

Concordei sem nada dizer.

– Minha mãe irá no compartimento de carga, como se não pudéssemos mais tê-la como uma pessoa – continuou mantendo a voz baixa, assim como os olhos.

– Não tem como manter um caixão seguro aqui, Charlotte. Tem a decolagem, e...

– Eu sei. Apenas não gosto de pensar nela sozinha lá embaixo, como se fosse uma bagagem, descartável... – Ela suspirou e deitou a cabeça em meu ombro. – Desculpe-me, Alex! Sei que estou sendo difícil.

– Tudo bem. Este é o seu momento. – Passei a mão em seu rosto e beijei o topo da cabeça.

– Obrigada!

– Pelo quê?

– Por estar aqui.

– E onde mais eu poderia estar?

Onde mais eu poderia estar senão ao lado dela? Aquela garota triste e fria podia não se parecer em nada com a Charlotte Middleton com quem me casei. Suas roupas caras e formais não deixavam que a Charlotte jovem e leve aparecesse, ainda assim, era a mulher mais incrível que já conheci e isso nunca mudaria. Nem mesmo com um avião, uma mansão ou qualquer outra coisa que o dinheiro pudesse comprar. Ela era Charlotte Frankli, minha esposa, a mulher da minha vida.

CAPÍTULO 17

“Nenhuma herança é tão rica quanto a honestidade.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

A sala estava repleta de amigos e conhecidos, mas eu não queria interagir. Minha mãe quis um enterro rápido, uma cerimônia simples e nada de velar o corpo mais do que o necessário, não importava quem não conseguisse chegar. Ordens dela. Minha mãe era incrível!

Enquanto o padre dizia aquelas palavras que apenas nos jogavam mais para baixo, eu encarava o caixão sem acreditar que, em poucos minutos, não mais veria o rosto dela. Era desesperador.

Alex estava comigo. Ele cumpria a promessa de estar sempre lá, pronto para me amparar. Lana e Miranda se revezavam, tentando me fazer reagir. Eu permanecia ali, parada, olhando fixamente o caixão, sem entender o mecanismo da vida.

Meu pai permanecia ao lado dela. Sua companheira, esposa, amante... Ele ficaria com ela até o último momento. Até que não fosse mais possível. Ele estava firme, apesar de sofrer e não fazer questão de esconder. Meu pai era forte e assim continuava, sem nada falar, sem sequer desgrudar a sua atenção daquele corpo sem vida.

Senti a mão de Alex apertar a minha e então entendi. Era a hora da despedida. Eu não queria. Minha mão gelou e os dedos dele pressionaram com mais firmeza. Levantei, ainda mantendo meu marido próximo, e nos acercamos do caixão.

Olhei minha mãe ali deitada. Serena, ela parecia dormir, como se fosse acordar a qualquer momento. E eu queria que ela acordasse. Meu pai se inclinou e beijou a sua testa. Uma lágrima escorreu e desceu pela face gelada e dura da minha mãe. Então ele se afastou e tocou em meu ombro, dando-me passagem.

Eu não sabia o que fazer, nem o que dizer. Apenas queria acordar daquele pesadelo. Alex colocou as mãos em meus ombros e se posicionou atrás de mim.

– Vou sentir a sua falta, mamãe – sussurrei e peguei em sua mão. A rigidez do corpo ia de encontro à suavidade do seu rosto. A morte era algo estranho. – Obrigada por tudo.

Eu me afastei antes que o choro me dominasse outra vez. Concentrei toda a energia em sentir a mão de Alex na minha e encarei um ponto ao fundo, evitando assistir o fechamento do caixão.

O que aconteceu depois, eu não sei explicar. Talvez quem já tenha passado por algo parecido me entenda. Sei que fui levada de um ponto a outro. Que muitas pessoas me cumprimentaram, muitas palavras foram ditas, que ela foi enterrada. Mas eu não vi nada. Minha mente se fechou em um mundo só meu, deixando-me incapaz de conseguir sair dele.

Como cheguei em casa? Não faço a mínima ideia. Eu comi? Não tenho como responder. De que forma troquei de roupa? E eu troquei de roupa? Era bem isso mesmo. Todos entraram, saíram, falaram, tentaram me ajudar. Eu apenas olhava, concordava e voltava a me trancar dentro de mim.

Lembro vagamente de Thomas, meu primo de segundo grau, amigo de infância, me visitando dois dias depois. Eu estava sentada no sofá, a roupa adequada, a postura correta, como ela sempre sonhou, mas tão morta por dentro que não consigo descrever o que exatamente conversamos.

Alex estava lá, mas ele pouco falou. Thomas me deu um beijo no rosto e eu lembro deste fato porque pude sentir o quanto Alex ficou incomodado, fechando seus dedos com mais força nos meus. Minha outra mão ficou um bom tempo presa nas mãos do meu primo, não me recordo de ficar aborrecida ou de me sentir invadida. Era como se nada importasse ou fizesse sentido.

– Você sabe que pode contar comigo, Lottie. Estivemos juntos durante muitos anos e tenho por você uma grande admiração – ele falava em nossa língua natal, o que quase dava um nó em minha mente.

Me concentrar em algo que deveria ser trivial me ajudava a esquecer um pouco a dor aguda que penetrava cada vez mais fundo em meu peito.

Como ou quando ele foi embora ficou perdido em algum lugar da minha memória. Era assim que eu ficava, sóbria em alguns momentos e perdida na maior parte do tempo. Como isso era possível? Não sei explicar. O fato era que eu podia estar em um lugar, ouvindo atentamente alguém discursando sobre

as maravilhas feitas por minha mãe, e então me perder em pensamentos apenas por olhar um objeto que me trazia alguma recordação, uma lembrança que fosse.

Às vezes, eu fechava os olhos e ainda podia ouvir com exatidão a sua voz. Às vezes, eu sorria quando pensava no quanto ela me recriminaria por não responder em tempo hábil as perguntas das visitas intermináveis e, às vezes, eu apenas a assistia, como um filme antigo, entrando pela porta de casa e me procurando, como fazia sempre que voltava de viagem.

Eu sentia falta dos seus abraços, e fazia tão pouco tempo.

E assim foram duas semanas.

A família do meu marido foi embora dois dias depois. Não sem antes Lana me ameaçar de todas as formas para que eu levantasse da cama. Obedeci, voltando a me deitar tão logo ela passou pela porta da minha casa. Aliás, não havia prazer em estar lá, naquela mesma casa que eu amava tanto e que foi tudo para mim um dia. Nada mais seria como antes.

Miranda ficou, mas Johnny precisou voltar. Ele ainda estava na faculdade e, mesmo em férias, era necessário resolver sua matrícula e justificar suas faltas no curso de férias. Sem contar que já estagiava na administração do hospital. Meu pai achou melhor assim.

Por falar em meu pai, ele levantava todos os dias no mesmo horário. Regava as flores que minha mãe plantou. Na certa, mais uma promessa. Tomava café em silêncio, resolvia alguns problemas por telefone, cuidava da organização da casa e fingia muito bem que estava forte para seguir em frente.

Um belo mentiroso.

Alex ficou. Aliás, Alex foi o principal personagem nas minhas últimas semanas. Enquanto eu continuava presa em meu mundo, onde as lembranças

me invadiam e machucavam impiedosamente, ele cuidava para que eu me levantasse, me ajudava a tomar banho, me forçava a comer e deitava ao meu lado quando eu precisava chorar.

Ele foi perfeito!

Tenho consciência de que não consegui ser nada para ele, mesmo ciente de que ele estava se desdobrando por mim. Existia, dentro de mim, um precipício. Algo que me afastava, me impedindo de trazê-lo de volta para a minha vida. Eu me sentia tão perdida!

E foi assim por longas semanas. Alex cuidava de mim e eu não fazia nada para melhorar. Até que um dia acordei sozinha na cama. Não que isso fosse um problema, eu dormia mais do que qualquer outro ser humano atualmente. Os antidepressivos ajudavam. Mas acordei diferente. Havia a angústia habitual, no entanto, mais alguma coisa estava lá. Uma certeza dentro de mim de que tudo iria piorar.

Imediatamente, senti a falta dele. Levantei sozinha, tomei meu banho me sentindo desamparada. Alex estava sempre lá. Nunca me olhava de uma maneira mais ousada, nunca tentava uma reaproximação, ele apenas cumpria o seu papel de marido e de bom amigo.

Amigo.

Put a merda!

O que mais eu poderia fazer?

Escolhi minha roupa, me sentindo uma colegial em seu primeiro dia de aula. Queria uma camisa de algodão, jeans e tênis, mas, desde que minha mãe partiu, sentia vontade de ser um pouco mais do que ela queria que eu fosse, então optei por um vestido de manga curta, meio solto e justo na cintura.

Coloquei uma sapatilha, penteei os cabelos ainda molhados, escolhi o mesmo perfume de sempre e desci.

Não sentia fome, mesmo assim, sentei à mesa, que estava vazia àquela hora, e deixei que Shirley me servisse. Ela era uma das empregadas mais antigas entre os inúmeros empregados daquela casa. Mesmo sem apetite, me forcei a tomar uma xícara de café e comer um pedaço de bolo.

– E meu pai?

– Saiu logo cedo, Lottie. Seu esposo está no jardim, deseja que eu comunique a sua presença?

– Não. Eu vou encontrá-lo. Obrigada!

Assim que saí em direção ao jardim, vi Alex ao telefone, andando de um lado para o outro, sem muita pressa, bastante concentrado na ligação. Diminuí meu ritmo, evitando constrangê-lo, ou pelo menos que ele me visse a tempo para que eu não interrompesse nada.

Meu marido me viu e deixou de andar, me encarando. Ainda consegui ouvir o final da sua conversa.

– Tudo bem. Faça isso. Vou tentar resolver por aqui. Falo com você depois. – Ele desligou sem tirar os olhos de mim.

Senti quando ele percebeu que eu havia feito todo o seu trabalho, tomado banho, escolhido a roupa... tudo o que ele vinha fazendo quando eu não tinha controle da minha vida. Suspirei, sentindo-me uma garotinha.

– Bom dia. – Sua voz estava firme, mas não empolgada.

– Bom dia, Alex. – E a minha fraca, sem muita vontade.

– Como está se sentindo?

Pensei no assunto. Eu estava bem? Sim, eu estava. A dor, a mesma que eu sabia que me acompanharia pelo resto da vida, ganhando mais força nos momentos em que tudo seria perfeito se minha mãe ainda estivesse entre nós, mas ocupando um lugar seguro nos demais momentos, estava presente. Mesmo assim, eu me sentia bem, e alguma coisa me incomodava nisso.

Quando parei para pensar, percebi uma coisa que até então me parecia bem distante. Eu estava reagindo. A morte era algo mesmo estranho e a vida... ela nos forçava a continuar.

Meu rosto esquentou consideravelmente. Era correto se sentir bem com tão pouco tempo que ela havia partido? Era justo perceber de bom grado que o aperto no coração perdia a sua força? Realmente me envergonhava disso. Não era justo com ela.

– Charlotte? – ele repetiu, me observando com a mesma expressão de sempre, aquela que demonstrava entender o meu momento, e que sabia que eu ficaria fora do ar durante muito tempo. Era uma droga.

– Estou bem, Alex.

– Precisei fazer alguns telefonemas, mas já estava voltando para o quarto. Não pensei que acordaria tão cedo.

Mais uma vez, fiquei constrangida. Os remédios me mantinham desacordada e eu não estava muito atenta ao tempo.

– Já tomou banho. – Tocou em meu cabelo e, pela primeira vez, senti o brilho diferente dos seus olhos em mim.

– Como eu disse, estou me sentindo melhor hoje.

– Estou percebendo. – Um leve sorriso brincou em seus lábios.

Tive vontade de retribuir, porém alguma coisa me impediu.

Não havia como negar a existência da imensa barreira que se ergueu entre nós dois desde que descobri a verdade sobre a saúde da minha mãe. Ela estava lá, nítida e sólida, tão forte que parecia indestrutível. O que eu não conseguia definir dentro de mim era o porquê de aquilo estar acontecendo.

No fundo, eu sabia que a mentira me machucava muito. Entendia que a aceitação pela decisão dos meus pais estava encontrando o seu lugar. Era como se eu esperasse isso deles, esperasse que minha mãe quisesse limitar o meu sofrimento e que meu pai acataria qualquer que fosse a sua decisão.

Também tinha consciência de que eles tinham razão. Eu jamais conseguiria me manter sóbria, independentemente do momento em que eles revelassem a verdade. Eu nunca aceitaria nem conseguiria passar por aquela situação sem me destruir.

Da mesma forma, eu aceitaria a mentira se partisse dos meus amigos, Johnny e Miranda, afinal de contas, quantas vezes eles já haviam mentido para mim? Além de imaginar que eles sempre aceitariam qualquer que fosse a determinação dos meus pais.

Mas Alex... não. Alex era diferente. Era meu parceiro na luta contra as normas que meu pai instituiu em minha vida. Ele era o meu quebrar de regras, a minha anarquia, o que pularia comigo independentemente da altura. Alex era aquele cara que eu acreditava que seguraria em minha mão e me faria entrar em um carro sem rumo definido.

E ele me fez acreditar nisso quando me convenceu de que deveríamos casar porque ele me queria sem regras, sem impedimentos, sem meu pai entre nós dois. No fundo, era tudo mentira. Ele quis casar porque assim meu pai pediu. Mais um que seguia as suas regras e imposições. E acreditei nele.

Acreditei que aquela loucura de casamento, mesmo sem nem termos ideia de quem éramos, era realmente a nossa melhor opção. Não era.

E eu também poderia entender, se conseguisse desvincular a decepção e a mágoa e levar tudo pelo lado racional, que, mesmo não sendo a melhor maneira de conduzir uma situação tão delicada, meu marido acabou proporcionando a minha mãe os momentos que sei que me feririam caso ocorressem sem a sua presença.

Sim, eu podia ser grata por este detalhe, no entanto, tal fato não anulava a minha dúvida sobre o casamento. Sobre a profundidade do seu amor, sobre o tipo de alicerce que erguêramos para sustentar aquele relacionamento.

Eu não acreditava mais em nada.

Alex colocou as mãos nos bolsos da calça e puxou o ar com força. Seu olhar perdeu o brilho de antes e eu vi a decepção em seu rosto antes mesmo que conseguisse prever o seu comentário.

– Você nunca vai me perdoar, não é?

Confesso que senti o ar preso em meus pulmões. Eu seria capaz? Havia o que ser perdoado ou era apenas incompatibilidade de opiniões? E quanto ao papel de Alex em minha vida quando nem eu sabia para que lado ela seguiria?

Seus olhos intensos exigiam uma resposta, mas sua gentileza o impedia de me pressionar ainda mais. Desviei o olhar e, assim como ele, puxei o ar, sentindo-me sufocar.

– Não acredito que seja uma questão de perdoar ou não. Você precisava fazer uma escolha, e foi o que fez.

– Uma escolha que, para você, foi a errada.

Fechei os olhos sem querer deixar que cada palavra escapasse dos meus lábios. Eu nunca poderia discutir aquele assunto sem antes colocar em ordem a confusão dentro de mim. Sentei na grama, sem me preocupar com a roupa

ou a com a delicadeza que Mary sempre me cobrava e que eu sabia não existir em mim.

– Foi uma escolha, Alex. E não sei se foi certa ou errada.

– Mas, mesmo assim, essa escolha rompeu algo muito forte entre a gente, não foi?

Ele se abaixou, ficando no mesmo nível que eu. Não consegui responder, então mordi os lábios e olhei para minhas mãos caídas sobre minhas pernas cruzadas. Alex aguardou, aguardou e o silêncio passou a ser constrangedor.

– Charlotte? – ele sussurrou, fazendo-me olhá-lo.

Lógico que meus olhos estavam lacrimejados, este era o seu habitual, entretanto, eu lutava para não chorar. Não mais.

– Eu amo você. – Seus dedos correram em meu cabelo, segurando uma mecha e acariciando de leve o meu rosto. – Não quis te magoar. – Sua voz baixa continuava me atingindo. – Sinto saudade de você.

Porra, eu também sentia. Meu coração afundou e meus lábios desejaram os dele, nem que fosse um breve segundo, um consolo, qualquer coisa que me lembrasse de que era a ele que eu pertencia.

– Alex, eu...

– Charlotte?

Ouvimos a voz de Thomas e eu não pude deixar de notar que a careta que o meu marido fez não foi pela minha falta de resposta. Alex era um homem doce, educado e gentil, mas, desde o enterro da minha mãe, ele não conseguia esconder o quanto Thomas o aborrecia.

Eu não via motivos para isso, uma vez que não dava espaço para que meu amigo de infância se aproximasse mais do que o necessário. Mesmo assim, Alex não gostava do garoto. Eu até poderia entender o fato de Thomas demonstrar ser mais íntimo do que era de fato, da sua família fazer questão de estar muito presente e do meu marido não se sentir à vontade em um país que não era o dele, convivendo com pessoas que não tinham interesse nele. Era frustrante.

Mas o incômodo dele era mais do que isso. Era como se ele visse em Thomas um concorrente, o que era patético. Meu marido levantou e estendeu a mão para me ajudar a ficar de pé. Levantei, endireitando a roupa.

– Thomas, bom dia.

– Bom dia, princesa – ele brincou, se aproximando para me dar um beijo no rosto, o que achei completamente desnecessário. – Alex. – E estendeu a mão para o meu marido, que, lógico, aceitou.

– Como vai, Thomas? – ele disse em inglês, um ponto que me deixava mais confortável.

– Estou bem, apesar de passar horas do meu dia pensando em coisas que possam ajudar Charlotte a superar a morte da mãe.

Alex se moveu incomodado com a facilidade com que ele falava de um assunto tão delicado, no entanto, estranhamente, eu me senti melhor com a forma clara e descuidada que ele utilizava, muito melhor do que a delicadeza e o medo de falar tão abertamente sobre o assunto comigo, como todos estavam fazendo.

– Eu pensei em umas coisas interessantes, Lottie. – E ele se voltou exclusivamente para mim, como vinha fazendo quando Alex estava por perto. – Fiz algumas pesquisas sobre superação da perda e vi que algumas pessoas se

dedicam a cuidar de pacientes com o mesmo problema, como se quisessem fazer pelo próximo o que não fizeram pelo ente querido.

Alex apertou minha mão e, discretamente, me puxou para perto. Doía o que Thomas me dizia, mesmo assim, eu preferia que ele dissesse tudo o que pensava do que esconder a verdade de mim.

– Não entendi. O que está sugerindo? – dei corda, ciente de que aquilo tudo desagradava o meu marido.

– Bom, você já tem o hospital, com uma ala imensa voltada para o tratamento do câncer. Pensei em trabalho voluntário, com certeza já existe um grupo fazendo isso por lá, é só se integrar e pronto.

– Que bobagem – Alex disse baixinho e em português.

Meu rosto ficou vermelho. Era a primeira indelicadeza dele desde que chegamos.

– Não sei se estou preparada para algo deste porte – revelei.

– Só vai saber se tentar. De qualquer forma, existem inúmeros projetos. Enviei algumas sugestões para o seu e-mail e tomei a liberdade de me informar sobre os projetos já existentes dentro do hospital da sua família, talvez algum te interesse.

– Sim, claro – Alex falou em inglês e com a voz controlada, até gentil. – Mas nós voltaremos para o Brasil em breve e Charlotte possui o projeto do sonho dela aguardando pelo seu retorno. Um trabalho voluntário deste porte deve ser tratado com seriedade, então não acredito que ela deva se inteirar para abandoná-lo logo em seguida.

Senti minhas costas ficarem tensas, meus ombros rígidos, o calor subindo para o meu rosto e me dominado sem que eu conseguisse impedi-lo.

Droga! Aquele era um assunto que eu não queria discutir tão cedo. Voltar ao Brasil não estava em meus planos. Não nos imediatos.

Droga!

E lógico que Alex percebeu. Senti na forma como seus dedos apertaram os meus, e a certeza desaparecia dos seus olhos. Merda!

– Você não vai embora e deixar seu pai com todos os problemas para resolver sozinho, não é? Porque eu entendo aquele lance de escritora, mas, vamos ser sinceros, Charlotte, seu pai tem uma fortuna, um pequeno império do qual você é a única herdeira, não dá para ignorar algo assim.

Thomas não se abalava com o meu marido e isso incomodava ainda mais Alex.

– Este é um assunto que já ficou muito bem definido, Thomas. Peter e Charlotte têm tudo sobre controle. Obrigado pela preocupação. – E, com isso, meu marido achou que encerraria o assunto.

– Hum! De qualquer forma, o trabalho de escritor não exige que você esteja em um ou outro continente, não? Pode ficar e continuar com o seu sonho. – le colocou as mãos nos bolsos e sorriu, como se tivesse me dado a melhor de todas as ideias.

Olhei para Alex, que, com o maxilar travado, encarava meu amigo, tentando manter a calma. Droga! Como resolver aquela situação? Como dizer a Alex que eu realmente precisava de mais um tempo? Como fazê-lo entender que eu não poderia virar as costas para tudo tão rápido?

– De qualquer forma – comecei fazendo com que os dois focassem apenas em mim –, não me sinto preparada para trabalhos sociais. Pelo menos não os que envolvam câncer ou perda de familiares. Obrigada pelo interesse!

– Vocês estão aqui. – Meu pai se aproximou com passos rápidos. – Está frio, por que não entram?

– Estamos bem, pai. Como o senhor está? Já comeu alguma coisa? O que foi fazer tão cedo na rua?

Meu pai olhou para as duas figuras paradas ao meu lado e sorriu.

– Não invertemos os papéis ainda, querida, mas, sim, eu já comi, e não é mais tão cedo, você que está dormindo demais.

Baixei o olhar, envergonhada. Ele tinha razão, eu não precisava cuidar dele como se fosse uma criança. Pelo menos não na frente dos outros.

– Thomas, estive com o seu pai ontem. Ele está muito satisfeito com o trabalho que você vem fazendo nas empresas da família. Isso é ótimo!

– Eu não sirvo para escritor. – Thomas deu de ombros e sorriu, me olhando de soslaio. Ele não perdia a chance de ser irritante. – Minha única opção é cuidar do que vou herdar.

Meu pai riu.

– Charlotte sabe o caminho dela. Não criamos os filhos para seguir os nossos sonhos e eu tenho Jonathan, que é um garoto exemplar.

– Com certeza, Peter.

Mas eu sabia que Thomas achava um absurdo um garoto sem berço ser o responsável pela gestão de uma fortuna que não lhe pertencia. Azar o dele.

– Eu preciso ir. Foi ótimo te ver hoje, Charlotte. Você está muito melhor, até está voltando a parecer a garota infantil e mimada que conhecemos.

Mordi a língua para que não precisasse mostrá-la e senti a tensão do meu marido.

– Não posso dizer que foi um prazer, já que você não tem me dado oportunidade para sentir a sua falta – assinei meu atestado de mal-educada e infantil.

– Charlotte! – meu pai me repreendeu da mesma forma como minha mãe fazia, o que fez meu peito doer de uma forma familiar.

– Eu... preciso deitar um pouco. Desculpe.

– Eu te acompanho. – Alex me tirou de lá tão rápido que me deixou confusa.

Entramos em casa em silêncio, ele segurando a minha mão sem demonstrar nenhum interesse em soltar. Sem contar conversa, me conduziu ao quarto com passos firmes, abriu a porta, me levou para dentro e nos fechou para o restante do mundo. Engoli em seco quando virei de frente para o meu marido. Ele estava possesso.

– Você está bem? – ele perguntou, tentando melhorar o humor. – Precisa de alguma coisa?

– Não. Eu só... Thomas às vezes me tira do sério.

Ele soltou o ar e passou a mão pelos cabelos. Acompanhei seu gesto, recordando o quanto gostava dele.

– Sei como é.

Ele caminhou até a outra extremidade, como se manter distância de mim naquele momento fosse o mais apropriado.

– Não esquite com ele, Alex. Thomas acha que o mundo pertence a ele, mas não é uma pessoa ruim.

Ele riu com sarcasmo.

– Vou deixar de me incomodar com ele quando voltarmos para casa. – Droga! Eu deveria imaginar que ele não deixaria passar aquela conversa. – Por falar nisso...

– Ainda não, Alex. Por favor! – Sentei na cama, me sentindo péssima por enganá-lo.

– Charlotte, eu sei o quanto é difícil para você, mas precisamos ao menos começar a pensar no assunto.

– Ainda não – eu disse com mais determinação e vi o quanto frustrava o meu marido.

Ele ficou em silêncio por um tempo, deixando-me ainda mais tensa.

– Lana pediu que você dê uma olhada no trabalho final. Era para recebermos o boneco, mas não voltamos a tempo... – Ele deixou morrer a frase.

– Vou olhar – respondi sem vontade.

Não conseguia pensar no livro, nem no lançamento, nem em nada naquele momento.

– Charlotte... amor... – Alex se aproximou com cuidado. – Eu entendo todo o seu sofrimento, entendo o quanto é difícil, mas você precisa começar a reagir.

– Eu estou fazendo isso.

Evitei os olhos dele.

Alex não entendia. Ele nunca poderia entender. Tão cedo não saberia o que era conviver com um buraco no peito que nunca se fecharia. E, com certeza, não seria pego de surpresa, envolvido em uma mentira onde seria o último a saber a verdade.

– Por favor, não me pressione.

Ele suspirou outra vez e se abaixou diante de mim.

– Eu não estou te pressionando. – Segurou meu rosto, forçando-me a encará-lo. – Estou tentando te fazer seguir em frente.

– Como? Me explique como, Alex. Me entregando a projetos que envolvem pessoas que certamente perderei também? Voltando para casa e ignorando o fato de que meu pai também precisa de mim? – Fiquei exaltada e meus olhos marejaram. Eu não queria chorar. Não queria ser tão fraca. – Droga, Alex! Agora não é o momento. Me dê mais um tempo.

– São quinze dias já, Charlotte, mas tudo bem. Vamos... – Ele levantou, soltando o ar e olhando para o quarto, como se estivesse deixando claro que não servia para nós dois. – Vamos ficar e tentar ajeitar as coisas.

– Obrigada. – Deitei e abracei uma almofada.

– Vai dormir?

Fechei os olhos. Era o que eu queria. Não sei explicar o que havia de errado comigo, só sei dizer que aquele início de manhã havia me esgotado.

– Estou cansada.

– Você acabou de acordar.

Tive vontade de responder de maneira bem rebelde, mas preferi esconder meu rosto no travesseiro e ignorá-lo.

– Amor, por que não levanta, tenta trabalhar um pouco, liga para Miranda, sei lá... faça alguma coisa, Charlotte, só, por favor, não volte ao estado vegetativo, pelo amor de Deus!

Levantei o rosto, encarando o meu marido. Ele estava preocupado, mas eu realmente me sentia cansada demais para continuar conversando ou até mesmo para descer e fingir que a vida seguiria normalmente. Não queria sequer pensar no livro. No fundo, eu sabia que tinha medo que este dia chegasse, que eu conseguisse passar uma hora que fosse sem me lembrar dela.

– Por que não deita aqui comigo?

Vi o quanto o meu convite surpreendeu o meu marido.

– Porque não posso deixar você passar o dia todo na cama. – ele respondeu relutante e eu sabia o porquê de Alex estar naquela posição.

Já haviam se passado muitos dias desde que estivemos de fato um com o outro. Só que, naquele momento, eu queria apenas me abraçar a ele e, outra vez, esquecer o mundo. Toparia qualquer caminho que me levasse a isso.

– Houve um tempo em que você insistia para ficarmos o dia inteiro na cama.

Mais uma vez, senti os olhos dele queimarem em mim, no entanto, Alex continuava resistente.

– Charlotte... – Ele recuou ligeiramente. – Lana está me pressionando. Nós saímos de repente, não pensei que passaria tanto tempo afastado. Trabalhar a distância é complicado, pelo menos no meu caso, que ainda assino pela editora.

Me ajeitei na cama e voltei a esconder o rosto no travesseiro. Em parte, eu estava cansada daquele assunto, já que, no momento, não havia como solucioná-lo. Além disso, eu estava envergonhada. Pela primeira vez, em dias, eu estava permitindo que meu marido ficasse comigo de forma mais ousada, mesmo que não fosse a minha real necessidade, e mesmo assim ele recuava, resistia.

Não dava para ficar pior.

Senti seus dedos em meus cabelos e o colchão afundando com o seu peso. Alex sentou no espaço mínimo que eu deixara, suas carícias desceram até minhas costas, dando-me afago. Meus olhos ficaram marejados. Não era o que eu esperava dele.

– Tudo bem. Chegue um pouco para lá.

Respirei fundo e obedeci, deixando espaço suficiente para o meu marido. Ele deitou e me puxou para perto, ficando de frente para mim, me encarando e acariciando meu rosto. Alex estava sério, concentrado, me observando, como se estivesse aguardando pelo momento em que eu desmoronaria.

– Eu queria poder acabar com o seu sofrimento. – Seus olhos continuavam me observando.

E, com essas palavras, ele acabou com o que restava de determinação em mim. Alex, sem perceber, havia acabado com as minhas barreiras, com a minha tentativa de colocar as coisas em seus devidos lugares. O nó em minha garganta me impedia de falar.

– Charlotte, acredite em mim, com o tempo fica mais fácil, você só precisa tentar.

Desviei os olhos, mas ele segurou em meu queixo, fazendo-me encará-lo.

– Você sempre foi forte, amor. Era isso o que a sua mãe esperava de você.

– Alex, não! – As primeiras lágrimas começaram a se apresentar sem que eu conseguisse contê-las.

– Charlotte, todos nós a estamos aguardando. Seu pai, Miranda, Johnny, eu... todo mundo está deixando a vida continuar, menos você.

– Que droga! – explodi, me afastando dele. As lágrimas ficaram mais densas e embaçavam a minha visão – Você quer que eu coloque a minha vida para frente, só que quer saber de uma coisa? Era para estarmos transando agora e o que você fez? Nada – falei um pouco mais alto, as palavras arranhando a garganta que tentava, sem sucesso, resistir ao choro copioso.

– Pelo amor de Deus! – Alex resmungou, passou a mão no cabelo e encarou o teto.

– Pois é. Você quer que eu supere a morte repentina da minha mãe. Quer que eu volte a trabalhar nos livros, que eu tome decisões, mas não tem feito nada além de me apoiar na mesmice. Quando, finalmente, eu resolvo fazer alguma coisa normal, habitual, você decide me pressionar.

– Eu não estou te pressionando – rosnou.

– Você não transou comigo quando teve oportunidade. – Levantei para melhor olhá-lo.

Meu nariz começava a entupir devido ao choro. Os óculos há muito estavam largados sobre o colchão. Alex abriu a boca, fechou, abriu outra vez, soltou o ar preso nos pulmões e levantou também, ficando de frente para mim.

– Você não está em condições para... não é o seu momento, Charlotte. Enlouqueceu?

– Não era só o que fazíamos?

– O quê? – ele também falou alto, surpreso com a minha reação.

– Transávamos. Era só o que fazíamos, Alex. Quer ter a nossa vida de volta? Não vejo nada de diferente para fazermos.

– Você só pode estar... – Ele tentou não falar, mas estava exasperado demais. – Não é um bom momento, está legal? Não vou brigar com você, Charlotte.

– E quem está brigando?

Alex estreitou os olhos, me encarando.

Ok. Eu estava brigando e era absurdo. Sem sentido. Fiquei imediatamente envergonhada. Os soluços faziam meu peito vibrar, meu nariz escorria e eu continuava chorando, incapaz de me conter.

Alex suspirou, mais uma vez passou a mãos nos cabelos para se acalmar, voltou a sentar na cama e depois de alguns segundos, que me pareceram uma eternidade, fez um gesto para que eu me sentasse ao seu lado, o que fiz imediatamente.

Assim que sentei, sua mão foi para meus cabelos, afagando minhas costas com carinho.

– Desculpe – ele disse baixinho. – Podemos recomeçar o nosso dia?

Ri sem vontade.

Primeiro, eu nem conseguia conter o choro, segundo, eu não fazia ideia de como recomeçar o dia, como esquecer minhas palavras ou as dele, ou qualquer coisa acontecida desde que descobri a doença da minha mãe. Mesmo assim, fiquei ali.

– Venha, deite aqui comigo – ele disse, já me conduzindo para deitar na cama. Resisti.

– Você disse que eu não deveria passar o dia na cama e...

– Charlotte, esqueça. Vamos apenas deitar.

Ele limpou as lágrimas que ainda molhavam meu rosto e continuou me encarando sem desviar o olhar do meu. Deitei, sentindo todo o meu corpo tenso. Alex me envolveu em seus braços. Com o rosto em seu peito, pude ouvir seu coração acelerado.

– O que quer fazer? – suas palavras saíram baixinhas, cautelosas.

Eu sabia que meu marido tinha medo da minha resposta; o que ele não sabia era que eu não mais o atordoaria com aquela ideia absurda.

– Não sei – funguei sem delicadeza.

Ele riu baixinho.

Como Alex conseguia rir depois daquela minha exibição de infantilidade, eu não sabia dizer. Só sei que ele riu e, com isso, meu coração ficou menos pesado. Não tinha sido tão ruim assim.

– Então vamos ficar apenas abraçados – ele sussurrou, me envolvendo com seus braços protetores.

Fechei os olhos buscando conforto e me assustei quando senti seus lábios tocando os meus. Eu não sabia dizer quando fora o nosso último beijo, não fazia ideia se mantínhamos a tradição dos casais de chegadas e despedidas com pequenos beijos. Eu apenas sabia que aquele beijo, não mais recatado, cumprindo com a obrigação dos casais, mas que dizia que o amor continuava ali, foi como bálsamo para o meu coração.

CAPÍTULO 18

“Eu aprendi... que sempre posso fazer uma prece por alguém, quando não tenho forças para ajudá-lo de alguma outra forma.”

William Shakespeare

ALEX

Todos os dias, desde a morte de Mary, eu me perguntava quando Charlotte voltaria à vida. Era como assistir um cadáver que continuava andando, comendo, dormindo... essa era a minha esposa nas últimas semanas. Às vezes, eu achava que ela nunca mais voltaria, e era desesperador.

Eu me sentia péssimo, como se estivesse cuidando de um paciente em estado terminal, o que me arremessava em lembranças enterradas há muito tempo. Mesmo assim, eu lutava contra todos os meus temores e fazia o que era possível para estar junto dela, mas confesso que, um dia após o outro, eu me sentia cada vez mais cansado.

Não sou o homem perfeito, nem a pessoa ideal. Eu precisava lutar contra mim mesmo todos os dias para não sacudir Charlotte pelos ombros e gritar para ela acordar. Todo mundo estava sofrendo, Peter, Miranda, Johnny e até mesmo eu, porém todos seguiam com a vida enquanto ela morria aos poucos sem fazer nada para mudar a situação.

Era um teste de paciência contínuo e paciência nunca foi o meu forte, nem eu estava habituado a conviver com ela. Charlotte foi o meu primeiro teste e, desde então, eu vinha exercendo, explodindo em alguns momentos, me desmotivando em outros, mas no geral eu conseguia.

O que eu não sabia era se conseguiria continuar tão passivo. Esperando e esperando sem ultrapassar a linha quase inexistente que me impedia de dar um choque de realidade na minha esposa.

Eu me sentia pressionado por todos os lados. Peter não me cobrava diretamente, mas estava aborrecido e preocupado com a forma como Charlotte estava reagindo e não me poupava de seus comentários. Minha vida profissional estava uma bagunça. Precisei sair do Brasil às pressas e não imaginei que este seria mais um problema, então eu estava sendo cobrado por Lana, que ainda não podia tocar o barco sozinha. Para piorar, surgiram mais problemas, como a queda das vendas, a falha na plataforma que estávamos criando para combater a pirataria e o custo de produção que havia subido consideravelmente, levando-nos a questionar até quando seria viável a manutenção da gráfica em nosso prédio.

Eu podia fazer muito pouco estando do outro lado do oceano, a não ser ter longas conversas pelo celular, que geralmente não eram suficientes. E, quando percebia que mais um dia estava indo embora e que Charlotte continuava uma morta-viva, eu fechava os olhos e pedia a Deus para me ajudar, porque a minha vontade era gritar para ela acordar.

E eu sabia que ela não merecia isso. Droga, ela não merecia. Charlotte sempre foi a garotinha mimada e infantil, a que foi criada em uma redoma, a que tinha o mundo aos seus pés, mesmo sem se dar conta disso. Como esperar que ela reagisse de forma diferente?

Meu medo era que aquela situação se estendesse mais do que eu seria capaz de aguentar, mais do que eu poderia suportar. Porque, uma hora, a corda teria que partir e eu teria que escolher entre seguir a minha esposa, uma casca ambulante do que ela fora um dia, e com isso destruir a empresa que lutei arduamente para criar e, consequentemente, a minha família, ou desistir de Charlotte e assumir a responsabilidade que me cabia e gritava por mim.

Eu poderia dizer com todas as letras que eram dias fodidos.

Para piorar, existia o babaca do Thomas. O cara era um idiota de carteirinha que vivia rondando a minha esposa com piadas toscas e tentativas de animá-la que não passavam de inconveniências de mau gosto e má educação. O cara era um mala. Nessas horas, eu sentia uma falta absurda de João Pedro e Patrício.

Thomas vinha todos os dias, agia com cordialidade, mas sua atenção era sempre voltada para Charlotte, e chegava a ser descarada a maneira como ele deixava claro que não respeitava o meu casamento. Se minha esposa não estivesse tão alheia, eu sentiria medo; como ela estava morta por dentro, nada do que aquele idiota fizesse poderia mudar a situação.

Peter me pedia para ter paciência. Mais? Eu deveria ser canonizado. A vida me testava a cada segundo e tudo o que eu fazia era ter paciência.

Piorava, e muito, quando a única reação que havia conseguido de Charlotte após tantas semanas vendo-a acordar, dormir, comer e tomar banho mecanicamente, como se fosse um robô, foi justamente uma reação explosiva e infantil. Depois se debulhou em lágrimas, fazendo eu me sentir um merda de um insensível.

Com ela deitada em meus braços, já mais calma, aceitando o que eu poderia lhe dar de carinho naquele momento, eu apenas me perguntava até quando seria assim.

As pessoas, normalmente, choravam, passavam alguns dias atordoadas pelo impacto, questionavam o mundo, mas levantavam todos os dias, trabalhavam, comiam e, com o tempo, voltavam ao normal. Com Charlotte, era tudo diferente. E eu não conseguia acreditar que ela queria transar.

Porra, era lógico que eu queria transar. Não sou santo. Todos os dias, despir a minha esposa, lhe dar banho, vestir e dormir agarrado a ela era

mesmo uma situação que fodia com o meu corpo, porém eu sequer me imaginava tendo relações com ela em um estado tão crítico.

Charlotte era mesmo um caso a ser estudado.

E lógico que eu transaria com ela, que a desejava, mas, para que acontecesse, ela deveria ao menos começar a viver, estar acordada de verdade, ciente do que estava fazendo e, principalmente, querendo tanto quanto eu. O que não era o caso. Charlotte estava em um momento de desespero, querendo arrumar uma forma de sair do fundo do poço, se agarrando a qualquer coisa que a fizesse esquecer.

Mesmo assim, não tive como evitar que meu pau ficasse tão duro que quase assumia o controle da situação. Eu era mesmo um miserável, contudo, humano, tenho que ser franco e admitir que sentia falta de sexo. Com a minha esposa, evidentemente.

Respirei fundo, deitei, conseguindo finalmente acalmar Charlotte. Ficamos em silêncio, minhas mãos acariciando ora as suas costas, ora seu cabelo e rosto. Ela ficou de olhos fechados, recebendo meus beijos castos, cuidadosos, sem muito se aprofundar.

Às vezes, ela abria os lábios e deixava sua língua quente e tímida tocar os meus. Minha pele ficava arrepiada, mesmo assim eu me mantinha distante. Só Deus sabia o que poderia acontecer caso eu cedesse aos apelos dela. E, depois de ocorrido, só Ele poderia conter uma Charlotte desesperada por não ter encontrado o alívio que buscava, e apenas Ele poderia me dar a paciência necessária para lidar com tudo.

Complicado mesmo era quando ela gemia baixinho enquanto nos beijávamos, porque isso, sim, fazia meu pau reagir e minha mente anuviar. Minha esposa se aproximou ainda mais, deixando nossos corpos colados. Ela

agia como se não quisesse ser a que determinaria o rumo das coisas, embora deixasse claro que esperava que eu determinasse.

E Deus deveria ter piedade de mim. Tinha que ser muito forte para resistir a uma Charlotte quentinha, entregue, desejosa, mesmo que perdida, me beijando com tanta doçura que eu me deixava levar e, quando caía em mim, precisava de um esforço descomunal para me afastar.

Sempre que eu tentava, ela investia, segurava a minha camisa como um aviso para que eu não me afastasse, os meus lábios eram prensados contra os dela, sua língua brincava com o meu juízo e sua coxa subia na minha, fazendo-me acreditar de que ela seria capaz de seguir em frente.

Mas eu sabia que não seria.

– Seu pai está em casa – sussurrei quando ela tentava mais uma vez me cercar com as suas carícias.

– Meu pai sabe o que recém-casados fazem quando estão em um quarto – provocou, me impedindo de recuar.

– Tenho certeza de que sim.

Deixei-a me beijar um pouco mais e, outra vez, me esforcei para me afastar.

– Alex!

– Não me sinto bem sabendo que os empregados, seu pai, qualquer visita inesperada pode nos surpreender, ou até mesmo nos ouvir.

– O quarto é imenso, a porta está fechada, ninguém pode entrar sem a nossa permissão, e eu tenho o direito de passar o dia na cama.

– Não é educado, Charlotte. – Segurei sua mão quando ela tentou colocá-la por dentro da minha calça. – E seu pai pode estar precisando de mim.

Ok. Usar o pai dela era tão infantil quanto covarde. Além de injusto. Eu sabia que, naquele momento, a única coisa que impediria minha esposa seria o sofrimento do pai. Charlotte respirou fundo e virou para encarar o teto.

– Eu me tornei um estorvo para você.

– Claro que não! – Pela primeira vez, senti vergonha pela minha recusa. – Você nunca será um peso para mim. É só uma fase.

– Que, de acordo com as suas próprias palavras, está demorando muito para passar.

Ri sem graça. O pior de tudo era o fato de ser realmente verdade.

– E, mesmo querendo que nossa vida volte ao normal, se recusa a transar comigo.

– Você não está pronta ainda, Charlotte.

Foi a vez de ela rir, desdenhando das minhas palavras.

– Olha, eu preciso que você esteja realmente bem. Não buscando uma fuga ou um jeito de esquecer temporariamente o que está te consumindo. Acredite em mim, ou vai ser uma merda para você desde o início, ou vai ser depois, mas será assim.

– Alex, eu...– Ela suspirou pesadamente. – Já pensou se isso nunca acabar? Já imaginou como será se eu não superar a... – Engoliu as palavras com dificuldade.

– Você vai conseguir.

– Eu não penso mais em minha vida como antes. Não consigo me imaginar naquela vida sem ela. Não consigo imaginar a vida sem ela. – Uma lágrima escorreu do seu olho.

Não era para eu me sentir assim, mas fiquei feliz por pelo menos ela estar falando sobre o assunto com alguém. Charlotte passou dias vivendo mecanicamente. Mal falava, mal ouvia, mal vivia. Não trocou uma palavra com ninguém sobre como se sentia, nem mesmo antes de Mary nos deixar. Ela simplesmente se fechou, deixando que as coisas acontecessem. Então, ouvi-la falar sobre seus temores, receios, dificuldades, me deixava mais tranquilo.

– Você tem direito de se sentir assim. – Ela fechou os olhos e cobriu o rosto com o braço. Sua respiração estava mais acelerada. – Charlotte, se você me disser o que deseja, como quer fazer, fica mais fácil.

Ela sorriu, o rosto ainda molhado, e mordeu o lábio.

– Eu quero transar com você – disse sem titubear.

– Não, você não quer.

Ela riu sem vontade.

– E nós sempre estamos voltando para os primeiros dias, não? Você se recusa a transar porque eu sou virgem, se recusa a transar porque não quero casar e se recusa a transar porque perdi a minha mãe. Realmente não sei aonde este casamento vai dar.

– Amor, é isso mesmo o que você quer? Tem certeza de que está se entregando a mim por causa do amor e do desejo que sente? Que quando acabar não vai desabar? Porque a nossa realidade não vai mudar depois de um orgasmo. Ainda estaremos aqui, na Inglaterra, nesta casa repleta de lembranças. Ela continuará fora das nossas vidas, Charlotte.

Minha esposa se recusou a me olhar.

– Se for o que realmente deseja, se eu estiver enganado, posso esquecer as minhas dúvidas e... – Acariciei seu rosto, sentindo Charlotte estremecer.

– Agora eu não quero mais – fez birra, juntando os lábios em um beicinho.

– Estou deixando em suas mãos. Você decide.

Ela levantou aborrecida. Eu havia atingido o meu objetivo.

– Vou ver se meu pai precisa de alguma coisa.

CHARLOTTE

Alex conseguiu matar qualquer tentativa de fuga. Pelo menos qualquer uma ligada a sexo. Suas palavras martelavam em minha mente: “ela continuará fora das nossas vidas”. E era isso mesmo. Ou eu conseguia aceitar esta realidade ou me perderia em um mundo de lamentações.

Então, nos dois dias seguintes, voltamos a erguer a muralha que nos separava. Quer dizer... apesar de fingirmos que não, sabíamos que estava lá, sólida, firme e intransponível.

Alex não mais tentou cuidar da minha rotina, ele sabia que eu poderia me cuidar e eu realmente queria fazer isso. Depois que voltei a conseguir prestar atenção na vida, passei a me sentir envergonhada por ter deixado acontecer por tanto tempo.

Ocorreram algumas mudanças, ou eu passei a perceber suas atitudes depois que tirei a nuvem que cegava meus olhos e me adormecia para a vida. O

fato é que fiquei mais consciente de Alex. Sentia seus braços me segurando com firmeza a noite inteira. Percebia seu corpo reagir ao meu todas as manhãs e a sua luta para se manter distante. Ele não queria invadir o meu espaço, estava respeitando o meu momento.

E eu não sabia mais o que acontecia comigo. Pensava que, talvez, sexo fosse a solução, ao mesmo tempo, era difícil seguir em frente quando eu tinha acabado de enterrar a minha mãe, principalmente quando a vida que seguiria seria a sexual. Então, não. Alex tinha razão, eu não estava pronta. No entanto, saber que ele se afastava me deixava insegura e magoada. E isso eu não sei explicar.

O problema era que as minhas dúvidas, medos e culpas me faziam ficar estagnada. Eu não seguia, não andava, ficava apenas ali, no mesmo lugar sem conseguir dar um passo à frente. Enquanto Alex... ele seguia. Claro que sim. Mesmo a distância ele estava acompanhando a sua empresa. Passava muito tempo se dedicando ao seu livro e, muitas vezes, ainda acompanhava meu pai em algum compromisso.

Ele seguia e eu ficava para trás.

Só que esta distância, ao invés de me despertar, me deixou com um sentimento enorme de solidão e abandono. Era como se ele não estivesse ali, até porque, não queria estar mesmo.

Foi como me senti naquela manhã. Alex acordou muito cedo, se despediu de mim ainda na cama. Tinha um compromisso com o meu pai que não poderia adiar. Minha presença não chegou a ser cogitada, como vinha acontecendo nos últimos dias, e eu, orgulhosa, não me atrevia a me incluir nos planos deles.

Levantei, dei continuidade à rotina que havia estabelecido para me sentir viva outra vez e, depois de uma hora, não havia mais nada que eu tivesse

vontade de fazer. Poderia trabalhar, me empenhar em continuar escrevendo, mas não me senti bem para escrever algo que não sentia realmente.

Zanzei pela sala, demorei mais tempo do que o necessário no jardim da minha mãe e me senti péssima ao ser invadida pelas recordações. Talvez, Alex tivesse razão. Aquela casa estava repleta de lembranças e sofrimento e eu nunca melhoraria enquanto estivesse no passado.

Miranda mandou uma mensagem. Propôs uma viagem, apenas nós duas. Lógico que neguei, eu ainda era casada e, se Alex não aceitava muito bem o fato de eu não querer deixar a Inglaterra, imagine se aceitaria que eu ficasse, sabe Deus quantos dias, rodando o mundo com a minha melhor amiga.

Então ela teve a ideia terrível de viajarmos os quatro, eu, Alex, ela e Patrício. Definitivamente, aquela não era uma boa opção. Chegava a ser mais animador passar a manhã inteira naquele jardim.

Bom, ela estava apenas tentando. E eu... eu estava evitando. Me agarrando a qualquer desculpa para permanecer ali.

– Charlotte!

Thomas estava na porta larga que dava acesso ao jardim. Ele sorria. Vestia roupas informais, apesar de estarmos no meio da semana e de ele levar a sério o seu trabalho. Mas Thomas estava ali, sorrindo como se fosse um dia lindo de verão.

– Pensei que te encontraria na cama. – Arqueou uma sobrancelha e deixou os olhos me percorrerem o corpo.

Fiquei incomodada, apertando o casaco ainda mais.

– O que faz aqui?

– Ora, não me trate como se eu não fosse bem-vindo. Mary não gostaria nada disso.

Encarei Thomas, esperando a alfinetada perfurar o meu coração, o que não aconteceu. O jeito destemido como ele falava sobre a minha mãe, sem cuidados ou receios, fazia com que eu me sentisse melhor do que quando as pessoas ficavam constrangidas em falar da minha mãe na minha presença.

– Mary não está em condições de reclamar.

Ele riu, eu não.

– Vamos lá, Charlotte. Você costumava ser mais divertida. O que este casamento está fazendo com o seu bom humor?

Suspirei.

– O que você quer, Thomas?

Ele se aproximou um passo, me olhando nos olhos com intensidade.

– Você.

Foi inevitável a minha reação. Meus olhos ficaram imensos e minha respiração, pesada. Ele sorriu, me observando.

– Sequestrar você, Charlotte. Lembra quando sentávamos no alto dos prédios para observar a vida de cima?

As imagens chegaram rapidamente. Eu, Johnny, Miranda, Thomas e mais um ou dois amigos que se uniam a nossas aventuras, nos juntávamos para beber escondido, subindo no alto de alguns prédios antigos, sem nenhuma permissão, usando as escadas de incêndio. Era engraçado, apesar de eu nunca ser a mais ativa nesses encontros, ia apenas para ficar com os meus amigos, e Thomas se juntava porque era quem conseguia as bebidas.

– West End? – brincou, se aproximando, como se quisesse me incentivar a aceitar.

– Não somos mais crianças, Thomas!

Mas a ideia já estava incutida. Me aventurar em lugares que há muito não faziam mais parte da minha rotina, com lembranças já quase esquecidas, e poder beber um pouco, era realmente uma forma de conseguir fugir da minha realidade.

– Estão te forçando a amadurecer rápido demais, Charlotte! Quantos anos você tem? Vinte e um? Trinta? Quarenta?

Ri pela primeira vez depois de muito tempo.

– Não deixe que eles te transformem em uma velha rabugenta.

Mordi o lábio receosa da decisão que se formava em minha cabeça.

– E eu tenho vodca – provocou.

– Ok! Mas não vamos demorar, certo?

– Como quiser, milady!

ALEX

– Se ela continuar com esta ideia, fixa não sei como será, Peter. Eu realmente estou prejudicando o andamento da editora permanecendo aqui por tanto tempo.

– Eu estou fazendo o possível. Tenho saído de casa muitas vezes para que ela entenda que não precisa ficar comigo. Charlotte precisa compreender

que já é uma mulher, que está casada e que possui responsabilidades das quais não pode abrir mão por minha causa.

Suspirei pesadamente. Eu não queria deixar Peter sozinho, inclusive tinha sugerido que ele voltasse conosco, mas ele estava firme em permanecer um tempo na Inglaterra e depois dar seguimento às suas viagens de negócios. Voltar ao Brasil não estava em seus planos imediatos.

Além do mais, tínhamos certeza de que, se ele voltasse, Charlotte permaneceria em sua antiga casa, com a desculpa de que precisaria estar ao seu lado. Seria demais para a minha sanidade mental.

– Seja mais firme, Alex. Charlotte não vai preferir perdê-lo. – Ele sorriu enquanto entrávamos em casa.

Exceto por um ou outro barulho que indicavam o trabalho dos empregados que preparavam o jantar e cuidavam dos seus afazeres, a casa estava como deixamos, silenciosa e sem vida. Era incrível a transformação da minha esposa, tão espirituosa, cheia de energia, em uma pessoa completamente invisível.

Outro suspiro escapou dos meus lábios. Eu estava realmente cansado daquilo tudo. Disposto a qualquer coisa para tomar outra vez as rédeas da minha vida, a me sentir de volta ao meu mundo.

Eu havia ligado algumas vezes para Charlotte, mesmo sabendo da sua displicência em relação ao celular desde que Mary adoeceu e, novamente, não consegui encontrá-la. Paciência, aquela estava se tornando a nossa rotina.

Uma das empregadas da casa se aproximou para nos recepcionar, recebendo de nossas mãos os casacos e a pasta de trabalho do Peter. Era como um filme antigo e eu me sentia cada vez mais perdido.

– E Charlotte? – Peter perguntou, seguindo para a sala.

– Saiu ainda cedo com o Sr. Thomas.

Fiquei tenso imediatamente.

– Saiu? Como assim, saiu? Para onde? – questionei confuso demais para entender.

Durante dias, Charlotte se recusou a sair. Não quis fazer nenhum tipo de passeio e mal recepcionava corretamente as visitas. Então por que saiu sem dar explicações e logo com aquele... moleque metido a executivo?

– Ela só disse que estava de saída, Sr. Frankli.

Saquei imediatamente o celular, embora soubesse que de nada adiantaria. Merda!

– Vamos tentar falar com o Thomas – Peter se adiantou, pegando o celular dele.

Não foi necessário. Tão logo ele iniciou a ligação, ouvimos as risadas na direção da entrada da casa. E eram de Charlotte, mesmo alterada, eu sabia. Olhei para a porta um pouco alarmado, quando ela abriu, entrando praticamente carregada por um Thomas que aparentava ser ainda mais jovem.

Eles riam descontroladamente. O garoto segurava a minha esposa pela cintura, enquanto esta, alheia à nossa presença, se encaminhava, quase caindo, para o sofá.

– Charlotte! – falei chocado demais para ser cuidadoso.

Ela me olhou por breves segundos, ficando séria, então explodiu em uma nova onda de risos.

Eles estavam bêbados, não havia como negar.

– Você bebeu? – Peter se aproximou, fazendo com que Thomas procurasse se recompor. – O que está acontecendo, Thomas? – foi mais firme.

– Bem... – Ele se ajeitou no sofá e passou a mão no rosto, procurando clarear as ideias. – Nós demos um passeio. Visitamos alguns lugares que costumávamos frequentar e bebemos um pouco, sim. Charlotte precisava disso.

– O quê? – Não me contive. Estava prestes a colocar aquele moleque em seu devido lugar.

– Charlotte é maior de idade – ele rebateu, me encarado com firmeza. Pelo visto, não estava tão bêbado quanto aparentava. – Ela tem plenas condições de saber o que deve ou não fazer. Pode tomar as próprias decisões.

– Você só pode ser idiota! Como pode acreditar que embebedar a minha esposa é algo justificável? – Minha voz estava cada vez mais alta.

Peter colocou uma mão em meu ombro enquanto Charlotte ria cada vez mais.

– É melhor você ir para casa, Thomas – disse, me contendo ainda com a mão em meu ombro. Eu queria matar aquele imbecil. – Nós cuidaremos de Charlotte.

– Tudo bem. – Thomas se levantou sem nenhuma dificuldade. – Vejo você amanhã, Charlotte. – Ele já começava a se abaixar para se despedir com um beijo. Foi demais para mim.

– Fique longe dela. – Empurrei o garoto para longe, surpreendendo a todos, inclusive Charlotte.

– Ela não é sua propriedade – ele gritou em resposta me desafiando.

– Ela é minha esposa – falei mais alto sem me deixar intimidar.

– Que saco! – Charlotte gritou, levantando, mas seu estado não era dos melhores e, logo em seguida, ela fechou os olhos e caiu de volta no sofá.

– Charlotte! – falamos todos juntos, socorrendo-a.

Minha esposa respirou fundo, sem abrir os olhos, gemendo um pouco, provavelmente por causa da bebedeira.

– Merda! – Peguei Charlotte nos braços, levantando-a imediatamente. – Mande este merdinha embora, Peter. E não quero te ver por aqui outra vez.

– A casa não é sua. Aliás, o que você é mesmo? Ah, sim, o marido. Apenas o marido da milionária Charlotte Middleton.

Se Charlotte não estivesse em meus braços, eu juro que o acertaria com meu punho.

– E você? Claro, você é o garoto rico que brinca de executivo. Saia das fraldas, pentelho. E deixe que da minha esposa cuido eu. – Dei as costas, vendo Peter se colocar entre nós dois, evitando que o garoto me seguisse. – E, se eu te pegar rondando a minha mulher mais uma vez, juro que quebro o seu nariz. Quem sabe, assim, sua carinha de boneca se desfaz e você parecerá mais com um homem de verdade.

Charlotte gemeu, tentando levantar a cabeça.

Subi as escadas enquanto Peter tentava levar Thomas até a porta. Não olhei para trás, mas não posso negar a raiva que sentia. Charlotte estava tão bêbada que mal conseguia reagir. Como pôde se deixar levar pelas ideias daquele garoto?

Abri a porta com o pé sem saber se deveria deitá-la na cama ou levá-la para um banho. Foi quando Charlotte repentinamente reagiu. Ela levantou a cabeça e tentou se afastar.

– Fique quieta, Charlotte, ou vamos acabar caindo. – Fiz esforço para segurá-la.

– O que está fazendo? – Ela continuou tentando se afastar. – O que você fez?

– O que *você* fez – rebati sem paciência para as suas infantilidades. – O que estava pensando quando decidiu se embriagar?

– Não me dê sermão. – Ela conseguiu se desvencilhar e deitou na cama, fechando os olhos. – Foi você quem me largou em casa o dia inteiro. Foi você que preferiu os seus compromissos, a sua moral, a mim.

– Você está bêbada, Charlotte. Não sabe o que está falando. Não vou discutir com você neste estado.

Caminhei pelo quarto, tentando recuperar a calma. O que acontecia dentro de mim era forte demais para ser ignorado. O que incentivou Charlotte a sair de casa e se divertir com aquele moleque? O quanto ela havia permitido que acontecesse?

Droga! Eu estava mortificado pelo ciúme. Ela ainda não havia me perdoado por ter participado daquela mentira. Nosso casamento estava por um fio. O amor dela estava em teste, e... porra! Eu estava morrendo por dentro devido à incerteza.

Ela continuava deitada, olhos fechados, respirando lentamente. Resolvi despi-la. Era melhor do que deixá-la na cama com roupas sujas. Me aproximei e ela nada fez. Quando comecei a retirar o seu casaco, ela gemeu e tentou tirar minhas mãos dela.

– Deixe-me em paz, Thomas – gemeu perdida em seu delírio e meu sangue ferveu.

Respirei fundo para não sacudi-la, exigindo explicações.

– Deixe-me.

– Sou eu, Charlotte. Alex.

– Alex. – Ela suspirou, relaxando completamente.

Tentei esquecer as dúvidas e a raiva. A vontade de sair atrás do filho da puta era maior do que a de cuidar da minha esposa, mas eu sabia que não poderia fazer isso. Teria que aguardar, saber de Charlotte a verdadeira versão dos acontecimentos.

Tirei seu casaco, logo em seguida, a camisa, a calça e as botas. Ela ficou só de calcinha e se encolheu de frio. Cobri seu corpo com a manta grossa, separando suas roupas para descartá-las nas roupas sujas, porém não resisti e senti o perfume que exalava delas, em busca de qualquer indício.

– Puta que pariu! Eu pareço um putinha ciumento – resmunguei, me sentindo mais leve ao constatar o perfume dela, ainda que fraco, misturado apenas ao cheiro da bebida.

Joguei a roupa junto às demais, pensando em me deitar com ela, contudo, de repente, uma ideia me assolou, então resolvi procurar o meu sogro. Só ele poderia me ajudar.

Saí do quarto com uma decisão tomada e entreguei meu casamento nas mãos de Deus.

CAPÍTULO 19

“A sabedoria e a ignorância se transmitem como doenças; daí a necessidade de se saber escolher as companhias.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

A primeira sensação foi a de não saber onde eu estava. Era como se estar acordando com o dia claro me fizesse perceber que eu perdi alguma coisa. Uma parte da minha memória estava apagada e eu estava confusa.

Logo em seguida, um enjoo que revirou o meu estômago, secou minha garganta e me fez gemer. Ah, sim, eu havia bebido. Talvez até mais do que deveria. Com certeza muito mais do que costumo beber. Droga!

Só então me dei conta do vazio em minha cama, que de repente se tornou imensa e fria. Alex! Puta merda!

Alguns *flashes* pipocavam em minha mente. Thomas muito próximo, nós dois achando tudo muito engraçado, ele me dizendo que as pessoas não me entendiam e eu concordando como se ele fosse o meu salvador. A bebida que nunca era interrompida, um senhor subindo ao terraço para brigar por estarmos ali e a nossa fuga que se transformou em mais uma crise de risos.

O beijo roubado que me trouxe de volta à realidade e me fez entender que não fora uma boa ideia. E agora eu desconhecia o que Alex sabia a respeito da noite anterior. E se eu contei? E se Thomas contou? Não foi um beijo com todas as propriedades de um beijo. Eu sequer retribuí, fui pega de surpresa e o repreendi imediatamente, então não pode ser considerado traição, pode?

Alex também tinha passado por situações semelhantes, então, caso eu tivesse contado, ou ele tivesse descoberto, não poderia significar um problema de grandes dimensões. Poderia?

Cacete!

Levantei, sentindo meu corpo protestar. Onde ele estaria? O que estava pensando? Fui ao banheiro, conferindo meu rosto horrível, digno de uma bebedeira. Resolvi tomar um banho e tentar parecer o máximo normal possível, quem sabe, assim, Alex pegasse mais leve comigo.

Porque certamente ele me repreenderia.

Que droga!

Devidamente arrumada, com uma roupa que deixaria minha mãe orgulhosa, um pouco de maquiagem para parecer mais saudável, um olhar que demonstrava reconhecer o erro cometido, mas também a sabedoria e maturidade para superar e aprender, desci, sentindo meu estômago protestar.

Eu não queria, mas, se ficasse sem comer, seria com certeza mais um ponto negativo com Alex e eu precisava de todos os pontos extras possíveis.

Encontrei mais uma vez a mesa ainda posta, contudo, vazia. Sentei, me servi com café preto, forcei um pedaço de pão para dentro, fingi comer o bolo, tomar meio copo de suco e saí em busca do meu marido, com a certeza de que ele estava em algum lugar naquela casa ou, caso contrário, teria dado um jeito de me avisar.

Assim que cheguei ao jardim, vi Alex caminhando pela grama verde e muito bem tratada. Ele estava lindo! Foi como se meus olhos encontrassem a luz depois de muitos anos na escuridão. Usava jeans, tênis e uma camisa de algodão branca. Era como estar em casa. Ele falava ao celular e não percebeu quando me aproximei, por isso consegui ouvir parte da sua conversa.

– Tudo bem, Lana. Deixe este problema pendente até amanhã. Vou tentar chegar o mais rápido possível. – Ele ficou calado e deu um passo bem lentamente. – Não. Ela está na mesma... eu sei... temos muitos profissionais que podem fazer esta parte por ela... eu sei, Lana, mas o que você quer que eu faça? Não, ainda não conversamos sobre...

Ele se virou e me viu um pouco atrás, perto o suficiente para escutar a conversa. Alex pigarreou.

– Certo. Eu ligo assim que conseguir acertar tudo por aqui. Amo você também. – Desligou e me encarou, analisando minhas feições.

– Desculpe, eu não sabia que já tinha acordado. – Olhou para mim com atenção, tentando encontrar algum resquício da bebedeira. – Como está se sentindo?

– Bem... eu acho. Vai viajar? – fui direto ao ponto.

O foco daquela conversa deveria ser o meu deslize da noite anterior. Foi para este embate que eu havia me preparado, estava cheia de argumentos, com todas as colocações devidamente estruturadas, porém ouvir a conversa dele com Lana me fez perder a linha. Não dava para ignorar o que eu tinha acabado de escutar.

Alex colocou as mãos nos bolsos desajeitadamente, em seguida me encarou. E então eu soube que a bebedeira não seria nada perto do que do que viria.

– Eu preciso voltar, Charlotte.

Meu coração perdeu uma batida. Então seria assim? Engoli em seco, mas minha angústia foi percebida.

– Você pode voltar comigo. – Pelo seu tom de voz, eu soube que ele também sabia que isso não aconteceria.

Eu não podia voltar. Alex pigarreou e se mexeu incomodado.

– Preciso voltar para a editora, estou longe há muito tempo e Lana ainda está meio perdida em sua nova função. Nestas últimas semanas, ela acumulou as duas funções, então...

– Você vai embora. – Mordi o lábio inferior, sentindo-me incapaz de encará-lo.

– Charlotte, eu...

Vi quando Alex se afastou e respirei fundo.

Eu não queria chorar. Não podia chorar. Não era justo. Ele precisava seguir em frente, e segurá-lo ao meu lado apenas para que eu pudesse me sentir segura, quando nem eu mesma sabia que destino teria aquele casamento, era errado. Pelo menos alguma coisa certa teria que acontecer naquilo tudo.

– Eu não posso, Alex. Meu pai precisa de mim. Não posso voltar e deixá-lo sozinho.

Ele ficou em silêncio. Quando levantei os olhos, vi que ele me encarava fixamente.

– Desculpe! Não tenho sido a melhor pessoa para você. Eu...

– Você está sofrendo, Charlotte, e isso não torna você uma pessoa ruim para mim.

– E o que faz então?

Ele voltou a ficar em silêncio, me encarando, eu sabia que ele conhecia a resposta. O pior era que eu também conhecia. Eu não era mulher para Alex Frankli.

– Quando você vai?

– Charlotte...

Ele deu um passo em minha direção e eu recuei. Estava aflita demais para aceitar ser envolvida por seus braços só para não me quebrar na sua frente.

– Do que você precisa?

– Droga, Charlotte! – Ele segurou a explosão e respirou fundo para se conter. Alex sempre seria Alex e nunca seria capaz de me magoar.

Engoli em seco.

– Eu não preciso de nada. Só vou verificar os voos e avisar a Lana – concordei com a cabeça sem voltar a encará-lo.

Ficamos em silêncio até que se tornasse um momento bastante constrangedor.

– Então eu vou... Acho que...

Respirei fundo e virei para sair, Alex me segurou pelo braço e me puxou de encontro ao seu corpo.

– Eu amo você, Charlotte!

E me beijou como há muito tempo não beijava. Eu não sabia como me sentir ou como tinha o direito de me sentir. Minha mente trabalhava a ideia de luto, no entanto, meu corpo aceitava apenas a ideia de saudade. Por isso, não

resisti e me entreguei àquele beijo como quem se entrega à luz depois de séculos na escuridão.

Foi impossível não pensar em como recuei, mesmo estando fora do meu estado normal, quando Thomas me beijou, e na forma como eu me entregava ao beijo de Alex. Não havia dúvidas a quem eu pertencia.

Nossos corpos se colaram, nossas mãos se buscavam e, em determinado momento, não deu mais para conter a ansiedade. Minhas pernas fraquejaram e nosso beijo foi interrompido. Ele me manteve junto a ele, colando sua testa a minha.

– Venha comigo! – A súplica me pegou de surpresa. Meu coração estava tão fragilizado e tudo estava tão confuso que simplesmente chorei. – Charlotte?

– Eu não posso. Sinto muito! Não posso ir com você.

– Charlotte, como poderemos continuar juntos se você vai morar em outro país? Do outro lado do oceano. Eu entendo o seu sofrimento, entendo as suas dúvidas, mas, amor, a vida precisa continuar, e você agora tem uma vida comigo. Nós precisamos resolver nossas diferenças e fazer este casamento dar certo. Eu sinto a sua falta, Charlotte!

Oh, merda!

Lógico que eu sentia a falta dele também, mas o que eu podia fazer? Não dava para dar as costas ao meu pai e ir embora. A própria Miranda arranhou uma desculpa e foi embora atrás de Patrício. Johnny teria que assumir as empresas tão logo tivesse oportunidade e meu pai... Ele estava sozinho naquela casa imensa, cheia de lembranças. Eu não podia. E não queria.

Não queria abrir mão de Alex, e também não podia abrir mão de meu pai. Então seria assim. Era o fim para nós dois. Novas lágrimas caíram.

– Você não vem mesmo, não é? – Alex segurou meu rosto, fazendo-me olhá-lo. – Charlotte?

– Desculpe! – Foi só o que consegui dizer.

Eu quis sair e deixá-lo sozinho, no entanto, me vi em seus braços em uma despedida muda e sofrida.

– Eu amo você, Charlotte! Sempre vou amar. – ele sussurrou, então a dor e a tristeza ampliaram seu espaço em meu coração.

O dia demorou mais do que o normal para passar. Alex se manteve afastado o tempo todo. Conversou com meu pai durante muito tempo, trancados no escritório e, depois, ambos saíram com uma cara que deu mais vontade de ficar distante.

Eu não fiz nada de mais. O assunto da noite anterior havia morrido. Nenhuma palavra foi dita, como se o desejo fosse realmente esquecer o ocorrido.

Andei pela casa, ajudei as empregadas a dobrarem as roupas da minha mãe; mais um pedido dela, doar todas as suas coisas para instituições de caridade. Separamos o que iria para cada lugar, fiquei com um vestido e um par de sapatos, apenas como uma recordação.

O jantar foi estranho, meu pai e Alex conversaram sobre diversos assuntos, nenhum dos dois falou comigo, pelo menos nada que fosse relevante ou interessante. Tive vontade de gritar, mas não o fiz. Eu entendia o fato de meu pai estar aborrecido por eu não acompanhar o meu marido. Ele nunca

admitiria que precisava dos meus cuidados, assim como eu nunca admitiria que estava ficando por não ter força suficiente para seguir em frente.

Eu perderia Alex e nada faria para mudar a nossa situação. Por isso, escolhi um livro, me tranquei na biblioteca ficando sozinha com os personagens, até que as horas passaram e me vi obrigada a voltar para o quarto.

Assim que entrei, vi as malas próximas à porta. Foi estranho. Meu coração acelerou, meus olhos se encheram de lágrimas e minhas pernas tremeram. Alex saiu do banheiro, tinha acabado de tomar banho e ainda estava sem camisa, usando só uma calça de pijama e secava o cabelo com a toalha. Nossos olhos ficaram presos uns nos outros e era possível enxergar nosso sofrimento.

– Desculpe, pensei que você não subiria tão cedo – ele começou, jogando a toalha para dentro do banheiro e voltando para buscar a camisa.

– Você já está indo? – Minha voz denunciava a minha emoção. O choro travado na minha garganta, tentando sair.

– Não. Mas, como tenho que embarcar muito cedo – ele me olhou com dúvida e receio –, vou dormir no quarto de hóspedes... para não te acordar quando eu levantar.

– Alex... – Eu fazia um esforço tremendo para segurar o choro e me manter firme, era impossível. – Eu...

– Está tudo bem, Charlotte. – Ele vestiu a camisa. – Lana está tentando falar com você. Precisa resolver algumas coisas relacionadas ao livro.

– Falo com ela depois.

Ele caminhou em minha direção, a sua intenção era alcançar a porta para fugir de mim e não me envolver nos braços.

– Alex...

Ele beijou minha testa, demorando mais tempo do que o habitual.

– Boa noite, Charlotte! Eu ligo amanhã para saber como você está.

E saiu, levando as duas bagagens. Não sei descrever como me senti. Meu estômago embrulhou, meu peito ficou mais apertado do que costumava ficar nas últimas semanas. As lágrimas desceram e eu comecei a sufocar.

O que faria? O que poderia fazer? Nada. Eu não podia deixar meu pai sozinho para viver ao lado de Alex quando eu não tinha ideia do que seria viver com ele. Eu tinha medo. Morria de medo, simplesmente porque sabia que não era, nunca seria, o suficiente para ele.

Eu não superava as minhas dores, não amadurecia, não conseguia deixar de ser a filhinha para ser a esposa de um homem tão forte, corajoso e decidido como Alex. Eu sabia que, se me entregasse àquela relação naquele momento, sem resolver dentro de mim todos os meus traumas, fantasmas e inseguranças, criaria uma dependência doentia daquele homem incrível que me amava.

Tinha consciência da fragilidade do nosso sentimento, da insegurança das nossas atitudes e, principalmente, tinha certeza de que, se eu me tornasse a figura frágil e dependente, ele deixaria de me amar. Contudo, como poderia fazer acontecer de forma diferente? Como simplesmente esquecer e me deixar ser conduzida quando eu não tinha mais forças para ditar meu caminho, se este seria o tiro de misericórdia mais certo que eu daria em nossa relação já agonizante?

Não. Eu destruiria tudo.

Faria com que Alex me visse como um peso, como um fardo. Nunca mais conseguiria voltar ao meu íntimo simplesmente porque teria medo de ser eu mesma. Não. Eu não poderia voltar com ele. Mas ele poderia ficar por mim.

Era isso! Alex poderia ficar por mim. Poderíamos fazer aquilo juntos, no meu mundo, onde eu sabia que poderia me reencontrar, onde eu poderia cuidar de meu pai e do meu casamento sem precisar abrir mão de nada.

Sim, esta era uma boa solução.

ALEX

– E acha que isso vai dar certo?

João Pedro fazia um esforço imenso para continuar conversando comigo sem chamar a atenção de Lana. Eu precisava desabafar com alguém depois de tudo o que decidi junto com Peter.

– Não sei. Charlotte é imprevisível, estou deixando as coisas acontecerem conforme a vontade de Deus.

– Peter foi realmente um grande mestre nesta conversa com você – ele disse, rindo, sem intenção de me irritar.

– Ele é experiente. E conhece Charlotte como ninguém.

– E se não der certo?

– Então vou seguir em frente, João Pedro. Estou cansado. Tenho tentado ser paciente, ter cuidado com ela, entender seu sofrimento, mas, se Charlotte quiser realmente abrir mão de nós dois por causa da sua infantilidade, então não me resta outra saída. Quero acabar com esta agonia que já me cerca há

muito tempo. Não posso parar a minha vida porque ela não quer continuar comigo.

– Alex, pense bem, mano. Você pode dar mais um tempo aí, ganhar a confiança dela.

– Não. Eu vou embora, João! Charlotte não quer ceder, então que seja feita a vontade dela. – retruquei impaciente.

Foi quando ouvi uma batida leve na porta. Com certeza, não seria Peter, nem nenhuma empregada da casa. Apenas uma pessoa poderia bater a minha porta àquela hora da noite. Meu corpo inteiro se agitou.

– Preciso desligar. Acho que ela está batendo na porta.

– Cara! Vá com calma. Lembre-se de tudo o que Peter te disse. Seja firme.

– Eu serei. Falo com você quando chegar. – Desliguei, levantando para abrir a porta.

Primeiro, parei com a mão na maçaneta. Respirei fundo, procurando força para ser firme e duro com ela, quando todo o meu corpo já reagia à possibilidade de ela estar ali, por mim, por nós dois. Uma energia estranha correu minhas veias, acelerando meu sangue. E, de repente, me vi ansioso demais, temeroso demais e com raiva demais. Merda!

Por que um homem como eu, experiente, conhecedor dos sentimentos, das curvas da vida, de todas as intrigas possíveis, não conseguia simplesmente se desvencilhar daquela garota?

– Alex? – ela sussurrou, chamando meu nome enquanto meu corpo se dividia entre corresponder com toda a força que sua voz era capaz de provocar em minhas células, e a raiva, que só a rejeição poderia conduzir.

Abri a porta. Charlotte estava lá. Um cobertor pesado em suas mãos e com uma expressão que não me permitia decifrar o que ela realmente desejava. Fiquei confuso.

– Está frio – ela disse, estendendo o cobertor em minha direção.

– Obrigado! – Peguei-o.

Ela ficou sem graça, suas bochechas ficaram vermelhas e seus olhos desviaram dos meus.

– Não consegue dormir?

Suspirei. Aonde ela queria chegar? Virei de costas e andei em direção à cama, onde deposei o cobertor. Depois virei para ela, que ainda me aguardava com a porta aberta.

– O que exatamente você deseja, Charlotte?

Não era para ser assim. Ser mais invasivo me traria resultados mais positivos, no entanto, eu não conseguia agir de forma diferente. Ela recuou com a agressividade das minhas palavras e pareceu desistir do que pretendia dizer.

– Apenas pensei que este quarto não estava bem equipado para recebê-lo. As empregadas...

– O que você quer?

Dei um passo em sua direção e ela não recuou. Seu rosto corou um pouco mais, mas ela manteve-se firme, me encarando. A respiração pesada denunciava a sua ansiedade.

– Alex, eu...

Não tive mais paciência, muito menos controle sobre as minhas ações. Charlotte parecia desarmada, vestia uma camisola fina, contradizendo o frio daquela noite, que moldava absurdamente o seu corpo, mais magro e, definitivamente, mais frágil, no entanto, este detalhe não me impediu de desejá-la. Puxei Charlotte em minha direção e a beijei como há muito não fazia.

CHARLOTTE

Eu não sabia o que estava fazendo quando peguei aquele cobertor e bati à porta dele. Aliás, eu sabia o que deveria fazer, só não sabia como. Minha vontade era conversarmos como dois adultos civilizados, afinal de contas, éramos casados. Não foi nada disso o que aconteceu.

Primeiro ele me beijou. Não foi somente um beijo apaixonado. Foi um beijo repleto de todos os sentimentos que nos consumiram durante todos aqueles dias que estivemos separados. Foi um beijo cheio de propriedade, rebeldia, que deixava claro quem ele era e o que queria.

Confesso que, como tudo em minha vida, eu me deixei levar, ainda insegura se era mesmo o certo a ser feito, afinal, estávamos de luto, mas Alex era tão intenso, tão forte e perfeito, sabia a fórmula certa para me conduzir, de me fazer não pensar em mais nada.

E eu o amava. Sim. Eu o amava como nunca havia amado homem algum em minha vida. Por isso o queria ao meu lado, ali, na Inglaterra, lutando comigo e por mim, para que eu, finalmente, superasse aquele momento tão triste e difícil.

Então, me entregar aos carinhos do meu marido não seria uma transgressão das regras. Era justo, certo, adequado e necessário. Todo o meu

corpo acendia e ganhava vida quando ele me tocava, e só assim eu entendia que não dava para esperar, não dava simplesmente para assisti-lo partir sem fazer nada.

– Às vezes, eu detesto a sua infantilidade – bradou ao descolar seus lábios dos meus.

Eu me senti ofendida e até incomodada, então uma mão dele se fechou em meus cabelos, mantendo-me firme para que pudesse fazer o que bem quisesse de mim, e a outra, sem pedir permissão ou tomar qualquer cuidado, avançou sobre a camisola, se apossando da minha bunda. Gemi, sem conseguir evitar.

– O que pensa que está fazendo?

– Alex... – Pisquei sem saber como ter aquela conversa com as mãos dele tão incisivas em mim. – Eu...

– Você não é mais nenhuma criança, Charlotte.

Puxou meus cabelos, levando minha cabeça para trás. Encarei seus olhos carregados de raiva e desejo. A outra mão não deu conversa e invadiu minha calcinha, conferindo a minha excitação.

– Cresça!

E me jogou na cama, fazendo-me arfar. O barulho, com certeza, foi ouvido em outros cômodos daquela casa, nem isso me fez desejar menos o meu marido. Ele estava tão feroz! Arrancou a camisa e se debruçou sobre mim, segurando em minhas pernas, afastando-as e puxando-me em sua direção.

– Tenho tido paciência... – Arrancou a calça do seu pijama, deixando sua ereção ganhar toda a minha atenção. O que ele faria? Aliás, o que eu implorava para que ele fizesse? – Tenho sido o seu companheiro de todas as horas. – Se

acomodou entre as minhas pernas, se inclinando em minha direção. – Por um acaso você tem ideia do inferno que está causando na minha cabeça?

Segurou meus braços para cima e, com a mão, afastou a minha calcinha. Tenho certeza de que corei absurdamente. Sem contar que minha mente se apegava em apenas um detalhe: ele me tomaria e eu não desejava mais nada.

– Você é egoísta, mimada... – Levantou minha coxa para melhor se encaixar entre as minhas pernas.

– Alex!

Suspirei ansiosa demais para impedi-lo.

– Eu sou o seu marido, Charlotte! Não o seu brinquedo.

– Eu não...

– Não?

Ele voltou a beijar meus lábios. Não tive nenhuma vontade de resistir, mas ele não me tomava, não entrava em mim e me mostrava o que eu deveria fazer, não dominava a minha vida e me impedia de decidir qualquer que fosse o meu próximo passo. Ele me beijava como se me possuir fosse algo errado, como se não tivesse este direito sobre mim. Mas ele tinha e eu queria que ele tivesse.

– Alex! – gemi, me entregando de vez. Se era de permissão que ele precisava, então ele a tinha. – Por favor!

– Por favor, o quê?

– Faça amor comigo.

Ele gemeu enternecido com o meu pedido e beijou meu pescoço com desejo. Sua mão livre vasculhou meu corpo até se apossar do meu seio. Ele

apertou sem delicadeza, eu estava tão excitada que só consegui gemer e me movimentar, buscando mais do seu corpo em mim.

– Por favor!

– Você não pode ter tudo o que deseja, Charlotte.

Ele não estava aborrecido, só adorava estar no controle novamente. Puta merda! Eu abriria mão de toda a minha liberdade, apenas para tê-lo dentro de mim. Alex sorriu.

– Por que não assume de uma vez que você não quer ficar longe?

E entrou em mim sem nenhum aviso. Gememos alto e juntos, sem pudor, sem limites e sem vergonha de estarmos sendo ouvidos. Senti como se meu corpo estivesse voltando à vida, como se finalmente eu estivesse forte, inteira, completa.

– Eu não quero ficar longe – admiti. Não havia nenhuma parte do meu corpo que conseguiria esconder aquela verdade.

– Então não fique.

Com uma mão na base da minha coluna, ele me puxou com mais força e se afundou em mim, roubando-me toda a capacidade de raciocinar.

– Alex!

Gemi incapaz de me conter, mordendo os lábios, fechei os olhos para que tudo o que havia dentro de mim não explodisse antes da hora. Eu o queria por todos os minutos e segundos que ele pudesse me manter em seus braços.

– Você é uma menina mimada... – Ele arremeteu com força, afundando-se em mim.

Gemi, arqueando o corpo e jogando a cabeça para trás.

– É infantil, cheia de vontade... – Mais uma vez, saiu e entrou com tudo.
– É irritante... – Mordeu meu pescoço e desceu em direção aos meus seios.

Neste momento, tive consciência de que meus gemidos com certeza alcançariam todos os cômodos daquela casa.

– Mas chega, Charlotte! – E seu ritmo acelerou, fazendo-me sacudir com as suas investidas. Alex levantou uma coxa minha e se enterrou profundamente em minha carne quente e úmida. E então parou.

– Não, Alex!

Me agarrei a ele, impedindo-o de me deixar. Eu não sabia se aquela era a sua intenção, mas, dentro de mim, havia um desespero que me fazia agir. Não podia deixar que ele me abandonasse. Não daquele jeito, não naquela hora. Ele precisava saber o que eu pensava, o que tinha planejado.

– Não vou ficar nesta luta sozinho – ele avisou, voltando a entrar com vontade. – Ou você vai amadurecer ou eu vou desistir.

– Alex... Não...

Lágrimas caíram dos meus olhos, provocando uma confusão de sentimentos dentro de mim. Estávamos fazendo amor, ele estava dentro de mim, então por que simplesmente não me amava e esquecia tudo? Por que me punia?

– Eu amo você – eu disse por fim.

– Mas vai abrir mão de mim – ele rebateu.

– Não vou.

Seu ritmo diminuiu e Alex beijou meus lábios com o amor que há muito eu não me deixava sentir. Ele diminuiu a distância entre nós dois sem

interromper nosso beijo, permitindo que nossos corpos se unissem e se completassem.

O prazer voltou com força total. A sensação de entrega e de certezas nos dominava, a ansiedade nos fazia buscar cada vez mais um ao outro e então eu senti o meu mundo voltando para o seu eixo. Nas mãos do meu marido, eu me sentia segura, como se nenhum mal pudesse me alcançar. Ele era o meu caminho, eu tinha certeza. Só precisávamos ajustar os detalhes, acertar alguns pontos.

Alex me compreenderia, ele estaria ao meu lado e eu voltaria a ser a Charlotte de sempre. Eu amadureceria por ele, pela nossa história, pelo nosso casamento.

– Charlotte! – meu nome saiu de seus lábios com devoção.

– Alex! – retribuí com a mesma intensidade.

E, juntos, chegamos ao orgasmo de uma maneira leve, romântica, deixando que o nosso amor derrubasse todas as barreiras, entregues ao que existia de melhor entre nós dois.

ALEX

Ela estava tão linda! Relaxada, entregue em meus braços, e eu não podia desejar mais nada. Nos beijamos enquanto o calor do prazer ainda percorria nossas veias. Acariciei seu rosto, beijei suas bochechas e, depois, me acomodei às suas costas, puxando-a para junto de mim.

– Como você é confusa, Charlotte! – resmunguei, beijando seu ombro.

Alguma coisa dentro de mim me alertava de que a batalha não havia terminado, por isso rapidamente voltei a ficar na defensiva.

– Desculpe! Sei que não tenho sido fácil, Alex. Eu nem consegui absorver a doença da minha mãe e já tenho que digerir a sua morte. Não dá para voltar ao normal tão rápido.

– Eu te entendo. Mesmo assim, não posso ficar aqui assistindo você se vitimando e deixando que tudo ao seu redor se destrua.

Ela se mexeu incomodada. Segurei-a mais forte para impedi-la de sair.

– É o que você está fazendo.

– Não. Não é. Eu estou sofrendo. Sei que não estou conseguindo conviver com a dor da maneira como todos esperavam, mas ninguém vai saber como é para mim, simplesmente porque nenhum de vocês passou pelo que eu passei.

– Não seja infantil, Charlotte. Todo mundo perdeu com a morte de Mary, você não foi a única.

– E todo mundo aceitou muito rápido, seguindo a sua vida, como se ela não tivesse existido, como se sua morte não significasse nada.

– Que absurdo!

Soltei Charlotte e me virei na cama, deitando de costas para encarar o teto.

– Meu pai está sofrendo, Alex. E ele está sozinho.

– Seu pai é muito mais maduro e forte do que você pensa. E sabe muito bem o que fazer da vida dele. Ele fez as escolhas que pôde, arrumou a vida para depois que Mary partisse. Você está se preocupando sem necessidade.

Ela levantou o corpo e puxou o cobertor para esconder a sua nudez. Tive vontade de revirar os olhos, mas mantive-me firme, encarando-a.

– Não vou discutir isso com você. Não existe como você entender o que é perder uma mãe, um pai...

– Será? O que sabe da minha vida, Charlotte? O que conhece da minha história para afirmar com tanta veemência?

Ela me olhou com dúvida e receio, depois desviou os olhos e, ainda mantendo o cobertor firme em seus braços, sentou-se na cama, como se fosse partir.

– Você tem razão. Eu nada sei sobre você, da mesma forma que nada sabe sobre mim.

– Sei o suficiente para ter certeza do que quero.

– E o que você quer? Você vai embora, Alex...

– Você pode vir junto.

– Não posso abandonar meu pai.

Suspirei pesadamente. Aquela conversa estava me cansando, sem nos levar a lugar nenhum. Peter tinha razão. Ele sempre tinha. Aquela carapuça de pai durão, de homem antiquado, era, na verdade, o jeito que ele encontrou para controlar Charlotte, uma menina que desde cedo mostrou que seria complicada, difícil e cheia de vontades. Ter medo era a única coisa que a fazia mudar de ideia. E eu seria um idiota em suas mãos se meu sogro não me alertasse sobre este detalhe.

– Tudo bem. Já tivemos esta conversa antes e eu não quero brigar com você na minha última noite aqui.

– Alex, por favor!

Ela me olhou suplicante.

Como eu era um idiota, um imbecil apaixonado que daria o mundo para aquela mulher que a cada dia se mostrava mais infantil. Senti meu coração ceder. No entanto, era imprescindível ser forte.

– Venha aqui, Charlotte. – Minha voz saiu mais rouca do que o normal. Se realmente acontecesse como Peter previa, passaríamos um tempo afastados e eu já sentia saudade daquela garota birrenta. – Deite aqui comigo.

– Não. Não quero ficar neste clima de despedida.

Ela limpou discretamente uma lágrima.

– Então não fique. – Mantive a voz baixa e calma. – A escolha é sua.

Ela fez birra e me deu as costas. Sorri. Charlotte era uma criança, uma garota mimada, cheia de vontade, egoísta ao extremo, que só olhava para a sua vida, porque foi assim que aprendeu a ser, ao mesmo tempo, ela ainda era a minha Charlotte, a garota que virou a minha vida de cabeça para baixo, que, em vez de me irritar com as suas criancices, me encantava cada vez mais.

Porque não existia só aquele lado dela. Charlotte estava ferida, machucada, seu castelinho tinha desmoronado e ela não sabia como seguir em frente. Estava fragilizada e perdida. Sabia que era hora de amadurecer e, em alguns momentos, eu a via bem forte neste quesito, mas era tudo muito recente e era muito mais cômodo se esconder atrás da dor do que encarar o novo.

Não dava para julgá-la quando eu mesmo já tivera a minha cota de rebeldia. Levantei ligeiramente e passei a mão em suas costas. Ela estremeceu, se afastando. Ri. Como ela podia ser tão boba? Tirei seus cabelos dos ombros e

me aproximei mais. Quando Charlotte fez menção de se afastar, segurei-a com força, puxando-a para mim, forçando-a a se deitar do meu lado.

– Basta de infantilidades por hoje.

Girei sobre ela e beijei seus lábios, envolvendo-a mais uma vez em nossa bolha.

CHARLOTTE

Alex era envolvente, forte, decidido e sabia a fórmula certa para simplesmente me fazer esquecer do mundo e me entregar a ele. Fizemos amor outra vez. Com cuidado, carinho... Com entrega e desejo. Trocamos juras de amor, não tivemos pressa, também não tentamos fazer o tempo parar, seguimos o nosso curso, o nosso ritmo, e foi encantador.

Depois nos beijamos, trocamos carícias e meu corpo inteiro se entregou a um relaxamento que há muito esqueci que existia. Ele passava os dedos pelos meus cabelos enquanto beijava meu rosto e, rapidamente, me senti envolvida em uma atmosfera tranquila que me puxava para um sono delicioso.

– Charlotte? – ele me chamou bem baixinho. Senti seus dedos em meus cabelos e seus lábios em minha pele. – Charlotte?

Abri os olhos e vi o quarto ainda escuro. Alex acariciou minha cintura e beijou meu ombro.

– Está na hora. Eu preciso ir.

Abri os olhos assustada. Como assim ele precisava ir? Merda! Não tínhamos conversado. Eu não contei a ele o que eu queria, o que precisava.

Não desfiz aquela confusão. Não pedi para que ele ficasse. Alex me encarava com curiosidade e um pequeno sorriso brotou em seus lábios enquanto ele arrumava meu cabelo, colocando-o atrás da orelha.

– Então, você não vem – ele afirmou sem demonstrar dor ou contrariedade.

Era isso. Alex estava desistindo, como disse que faria. Não. Não. Não. Ele não podia ir.

– Alex... – Avancei sobre ele com uma intensidade que me assustou. Uma paixão desesperadora. – Fique! – supliquei com ardor. – Fique, por favor! Eu sei que é complicado, que você precisa trabalhar, retomar a sua vida, eu entendo, mas, por favor, fique só mais um pouco. Eu preciso de mais um tempo.

– Um tempo?

Ele arqueou a sobrancelha.

Mantinha o corpo suspenso e apoiado em um dos cotovelos e me encarava como se não houvesse mais dúvida. Como se a sua decisão fosse aquela e não tivesse como voltar atrás.

– Só um tempo. Eu prometo. Vou melhorar, vou amadurecer como você quer... Por favor, não vá!

Vi um brilho em seus olhos e, por um segundo, achei que conseguiria virar o jogo a meu favor, no entanto, este brilho desapareceu assim como o seu sorriso e, naquele momento, entendi que não havia mais chance.

– Eu tenho que ir, Charlotte. Minha vida está lá, tudo o que construí.

– Você pode construir uma vida aqui também. Comigo!

Ele riu e levantou para sentar na cama e me encarar.

– Não. Eu não quero uma vida aqui. Quero a vida que construí para mim. Quero tudo pelo que lutei. Aqui não é a minha casa, não é onde eu trabalho e, definitivamente, não é o meu mundo.

– O quê?

– Não quero viver na Inglaterra, Charlotte. Não quero ser apenas o seu marido, quero ser Alex Frankli, o editor, professor, escritor... Quero ser o que lutei para ser, o que sonhei, o que construí. E isso deveria acontecer para você também. Este mundo de faz de contas, onde a sua vida se resume ao espaço limitado pelos muros da sua mansão, ao luxo que o dinheiro de seu pai pode proporcionar, não é o que você quer. Você decidiu a sua carreira, burlou todas as regras, lutou pelo que queria, por mim...

Solucei, deixando o choro chegar. Não dava para lutar contra os argumentos dele. Alex tinha razão em tudo, mesmo assim, eu não me sentia forte o suficiente. Sentia-me frágil, amedrontada, esta era a minha verdade. Naquele mundo que meus pais criaram para mim, nada me machucava. As coisas podiam dar errado, mas eu teria sempre para onde voltar. Não era o que aconteceria se eu fosse embora.

Seria um passo muito maior do que eu conseguiria dar naquele momento. E minha covardia me impedia de tentar. Alex alisou meus cabelos como um pai faz com a filha quando ela cai. Ele passou uma mão em meu rosto e limpou as lágrimas. Quando nos olhamos, ele sorriu.

– Você quer um tempo. Posso te dar isso. Mas eu vou embora, Charlotte. Vou seguir a minha vida. Então você não tem “todo” o tempo. Arrume sua cabeça, organize suas ideias.

– Não! – Chorei como uma criança, como não acreditei ser capaz de voltar a chorar após a morte da minha mãe. – Não me deixe, Alex! Eu preciso de você.

– E eu de você. – Ele colocou a testa na minha.

Eu não conseguia parar de chorar.

– Só não posso mais lutar contra a sua vontade.

– Eu quero ficar com você. Eu te amo!

Ele sorriu e mordeu os lábios.

– Então venha comigo. Nós daremos um jeito com as passagens.

– Eu não posso. Não agora. Meu pai...

– Seu tempo acabou, Charlotte. Eu realmente preciso levantar.

Meu coração descompassou e a respiração ficou pesada. Alex voltou a ficar sério e frio. Ele saiu da cama e entrou no banheiro. Em pouco minutos, ouvi o barulho do chuveiro e cada segundo que passava a vida caminhava para afastá-lo de mim também.

Eu não queria perdê-lo, mas era covarde demais para dar aquele passo.

ALEX

Saí do banho depois de conseguir acalmar meu corpo. Aquele plano poderia dar certo ou poderia realmente pôr um ponto final em nosso relacionamento. Peter foi incisivo. Ele disse: “Vá! Charlotte precisa te perder para ter pelo que lutar”. Era o que eu faria. Minha única dúvida era se aquele era mesmo o momento. Ela ainda estava frágil e poderia achar que eu não fui justo, que a abandonei quando mais precisou...

Também sabia que não dava mais para esperar, que, se Charlotte não tivesse um tratamento de choque, poderíamos perdê-la para sempre. Ela se

acomodaria àquela dor, a sua posição de vítima, e nunca mais voltaria ser a mulher que eu tanto amava.

E ainda havia Thomas e as suas investidas. Não conversamos sobre o assunto, mas ele não morreu para mim e eu sabia que para ela também não. No entanto, preferi aguardar. Já estava pressionando demais, precisava seguir com o plano e deixá-la pensar sobre o assunto.

Ela ainda estava lá, enrolada no cobertor, sentada na cama. Não tinha se movido nenhum centímetro. Desviei o olhar pegando minhas roupas e vestindo-as. Ela permaneceu quieta, olhando para o nada, como se estivesse em choque. Sorri. Charlotte sempre reagia muito mal ao que não podia ter. Foi assim mesmo quando decidiu que seria eu quem tiraria a sua virgindade e quando me neguei, fez todas as loucuras que pôde até conseguir o que queria de mim.

– Preciso ir – alertei quando terminava de calçar os sapatos.

Meu coração também estava triste. Eu estava partindo sem a certeza de que ela voltaria algum dia. Mesmo assim, estava decidido a seguir até o final. Charlotte que me perdoasse, mas infantilidade tem limites e ela conseguiu ultrapassar todos os que podia.

– Alex! – ela gemeu e outras lágrimas desceram pelo seu rosto.

Me aproximei, limpando-as.

– A decisão é sua – sussurrei. – Eu amo você, Charlotte, e você me ama.

– Eu não posso...

Coloquei um dedo em seus lábios para que ela não continuasse afirmando aquela bobagem.

– Você sabe onde me encontrar. Não demore.

Beijei seus lábios salgados pelas lágrimas e levantei, impedindo-a de me segurar.

Eu não sabia se resistiria, se me manteria forte. Odiava ter que me despedir dela. Abri a porta do quarto, peguei minhas duas malas, coloquei uma sobre os ombros e saí. A casa estava silenciosa, o dia estava nascendo e meu voo seria em duas horas, tempo suficiente para me fazer desistir.

– Alex? – ela chamou da porta do quarto.

O cabelo bagunçado, o lençol preso no corpo magro, o rosto marcado pelas lágrimas e o olhar desesperado. Meu coração acelerou. Por que Charlotte tinha que ser tão teimosa? Por que não cedia e voltava comigo? Estava fazendo exatamente o que Peter tinha dito que faria. Ela não cederia facilmente. Coloquei as bagagens no chão e fui em sua direção. Abracei minha esposa com paixão e tomei seus lábios já com a saudade que eu sabia que me castigaria pelo longo tempo que passaríamos separados.

– Encontro você em casa – sussurrei, tentando manter a dor distante das minhas palavras.

– Alex... – ela soluçou.

– Shhh! Vou te esperar. Não demore.

Peguei minhas malas de volta, deixando Charlotte para trás. Tentei ignorar seu choro, ou sua voz me chamando. Tentei ignorar a minha própria dor que me implorava para voltar, temendo que fosse realmente o fim. Me mantive firme. Peter estava do lado de fora, o que me assustou.

– Não se preocupe – ele disse com um sorriso no rosto. – Se ela não tiver coragem de tomar esta decisão, eu tomo por ela. – E deu um tapinha em meu ombro. – Você precisa aprender a ser firme com esta garota, ou ela vai dominá-lo. – Olhou para o horizonte e sorriu. – Assim como a mãe dela fez comigo.

Eu sorri. Sabia do que Peter falava. Não importava o quanto eu tivesse que ser firme com Charlotte, nem o quanto tivesse que fazê-la aprender a ser menos infantil, no final, tudo se resumiria a ela, e eu não estava nem um pouco incomodado com a minha nova condição.

CAPÍTULO 20

“As oportunidades nunca são perdidas. Alguém sempre vai aproveitar as que você perdeu.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

No primeiro momento, eu simplesmente petrifiquei. Não conseguia acreditar que ele havia ido embora. Não Alex, o meu Alex, que fazia o mundo girar ao contrário apenas para me agradar. Voltei para o quarto e aguardei. Aguardei tempo demais.

Não consegui dormir, nem me mexer, nem mesmo pensar em mais nada. O cheiro dele ainda estava naquela cama, e as lembranças da nossa última noite me torturavam.

Ele não ligou no primeiro dia. Eu tentava fazer com que minha cabeça não se fixasse tanto no telefone, até tentei não conferir as mensagens ou chamadas a cada minuto, mas era impossível e, sempre que eu entendia que ele não ligaria, meu coração parecia querer parar. Por causa da minha

ansiedade, voltei a ficar atenta ao telefone, tomando cuidado para que estivesse sempre carregado e que todas as mensagens fossem conferidas.

– Você precisa sair, querida – meu pai anunciou, fazendo-me perceber que já estava sentada na sala por tempo demais.

– Gosto de ficar em casa – respondi sem vontade, folheando uma revista sem muito interesse.

– Thomas tem ligado? Ele nunca mais apareceu depois daquele dia. – Era perceptível a forma desconfortável como meu pai tratava o assunto.

– Algumas vezes. Não estou a fim de outro porre, se é o que quer saber. – Fechei a revista e o encarei.

Eu queria que aquela conversa seguisse outro rumo, e meu pai sabia muito bem disso.

– Ele não deveria...

– Sou maior de idade, pai – tentei não parecer rude. – Thomas não pode ser culpado por ter me levado para beber.

– Com certeza não pode. – Ele me encarou durante um tempo. – Mesmo assim, não gostaria que aquela noite se repetisse.

– Por causa do Thomas ou por causa da bebedeira? – provoquei, tentando amenizar a conversa, mas ele não riu.

– Você é uma mulher casada, Charlotte. Não se esqueça disso.

Engoli em seco.

– Não esqueci, pai.

Ele concordou e relaxou.

– Lana ligou. Disse que um fotógrafo e uma maquiadora estarão aqui amanhã cedo para te preparar para a foto do livro.

– Lana ligou? Por que não ligou para o meu celular? – Rapidamente, o assunto Thomas foi esquecido.

– Ela disse que estava fora de área. Deve ser esta sala. – Ele sorriu e saiu.

– Espere, pai. Aonde o senhor vai?

– Ao orquidário.

– Por quê?

– Porque não quero passar o dia inteiro enfurnado nesta casa. – Ele se virou para seguir, mas voltou. – E também porque as flores estão morrendo. Acho que estou fazendo alguma coisa errada. Não deveria ter prometido a sua mãe que cuidaria delas. Tudo o que sei é tratar de doentes e administrar hospitais, não entendo nada de flores, terra... – Deu de ombros e saiu.

Ainda levei um tempo assimilando o que ele tinha dito. Primeiro, meu celular estava fora de área, então poderia ser este o motivo de Alex não ter entrado em contato. Segundo, meu pai estava arrumando um jeito de ficar longe da casa, da dor, dos problemas, e eu me trancava em minha própria dor sem me preocupar em ser uma companhia melhor para ele. Droga!

– Espere, pai! Eu vou com o senhor.

Corri para buscar a bolsa e, no caminho, tentei ligar para Alex, deu caixa-postal e, quando desci para encontrar o meu pai, ele já tinha partido.

No dia seguinte, acordei cedo, ajudei meu pai a regar as plantas, conversamos sobre algumas técnicas que ele havia aprendido, tomamos café

juntos e minha mente me levava o tempo inteiro ao celular e na falta da ligação do meu marido.

O fotógrafo chegou mais tarde do que eu previa, então fui arrumada, maquiada, posicionada e fotografada de todas as formas possíveis. Eu sabia que aquelas fotos chegariam às mãos do meu marido, então fiz questão de cooperar e de ficar ainda mais bonita para ele, quem sabe, assim, ele não mudaria de ideia.

A quem eu queria enganar? Alex não mudaria de ideia. Ele já havia decidido e restava somente a minha decisão. Só que eu não podia. Ainda não. Na verdade, adicionado a minha insegurança, existia agora um medo de voltar e ser rejeitada. De ver Alex se afastar a cada dia e de ser forçada a aceitar que não era a mulher certa para ele. Que se cansaria de mim e, mesmo me amando como dizia, chegaria a um limite ou, quem sabe, já tivesse chegado.

– Alex ligou – meu pai informou enquanto conferia as correspondências.

Uma empregada se aproximou, entregando-lhe a medicação da hora.

– Não preciso disso. Vou ficar sonolento.

– O médico mandou tomar, Sr. Middleton. – A mulher, Jaciara eu acho, estendeu a bandeja na direção dele.

– Pai! – esbravejei e ele, como uma criança mimada, fez cara feia, mas tomou o remédio. – E depois fala que eu sou a infantil.

– Você é infantil, Charlotte. Culpa da sua mãe, que fez todas as suas vontades. – Ele sorriu, com certeza se lembrando de alguma situação nossa onde a mamãe sempre tomava meu partido.

– Alex ligou? – tentei não parecer muito ansiosa. – Por que não ligou para o meu celular?

– Ele disse que não queria atrapalhar a sessão de fotos. Perguntou como você estava e me informou a respeito do seu livro. Pediu para te informar que, ainda esta semana, você receberá a revisão final. – Ele parou de falar e voltou a verificar a correspondência.

– Ele não disse mais nada? – Conferi meu celular para me certificar se havia alguma mensagem. Além das de Johnny e Miranda, não havia mais nenhuma.

– Disse que o dia estava quente por lá e que pretendia sair da reunião a tempo de pegar umas ondas. – Fez voz “maneira” como se Alex fosse realmente aquele tipo de surfista.

Alex estava mesmo seguindo a vida dele, como havia dito. Eu não teria “todo” o tempo.

– Vou... – Indiquei as escadas e meu pai fingiu não prestar atenção.

Eu começava a acreditar que ele estava ansioso demais para se livrar de mim.

Subi já com o número digitado e acionei o aparelho assim que tive certeza de que estava mesmo sozinha. O telefone tocou insistentemente e ele não atendeu. Que droga! Entrei no quarto ainda aguardando que ele atendesse e, quando desisti e já ia desligar, ouvi sua voz do outro lado.

– Charlotte?

Coloquei o aparelho outra vez na orelha, implorando para não perder a ligação.

– É...! Oi! – Senti-me ridícula por estar tão encabulada pela ligação.

– Aconteceu alguma coisa? – Ele não parecia reagir como eu, muito pelo contrário.

– Não. Quer dizer... Meu pai falou que você ligou, então...

– Deu tudo certo com as fotos?

– Sim. Tudo certo. – O que era aquilo? Que conversa fria e sem sentimentos era aquela que estávamos tendo?

– Que bom!

E ficou um silêncio insuportável.

Tive vontade de gritar, dar uma de louca, atirar o telefone na parede e sumir. Aliás, um buraco negro poderia se abrir bem embaixo dos meus pés e me engolir, assim eu nunca mais precisaria passar por uma situação tão constrangedora.

– Eu tenho que desligar, Charlotte. Estava entrando em uma reunião importante quando recebi sua ligação.

– Ah! Certo! Não quero te atrapalhar, eu só liguei porque...

– Porque...

Como assim “porque”? Eu podia ligar quando quisesse, não? Éramos casados. Nos amávamos... Droga! Dava para ser mais fácil?

– Porque você ligou e eu achei que tivesse alguma coisa importante para me dizer. – Minha voz saiu fraca e cansada.

– Eu só queria saber como você estava e como foi com as fotografias.

– Tá! Deu tudo certo, como eu já disse.

– E você está bem?

Pensei em tudo o que eu poderia dizer. Poderia falar que não, que eu estava péssima, com medo de perdê-lo, sentindo-me sozinha, que me sentia

ridícula tendo aquela conversa e que estava sofrendo, querendo-o de volta para a minha vida. Mas não foi o que eu fiz. Alex tinha razão, eu estava me vitimizando, então o mais correto era dizer que estava tudo bem, que eu seguiria firme e superaria todas as minhas perdas, inclusive a dele.

– Está, sim, Alex – respondi sem ânimo. – Está tudo bem. Obrigada por perguntar.

Ele fez silêncio.

Tive esperança de que dissesse que sentia a minha falta ou que ainda me amava. Qualquer coisa que me deixasse mais feliz. Alex não fez isso.

– Certo. Eu tenho mesmo que desligar, desculpe. Falo com você amanhã, pode ser?

– Claro, ficarei aguardando.

E desligamos.

Assim, passamos dois meses, uma semana, três dias, quatro horas e vinte e oito minutos. Esse foi todo o tempo que eu tive. Naquele último dia, eu fiz tudo da nova rotina que havia criado para mim. Acordei muito cedo, ajudei meu pai com as flores, tomamos café juntos, fingi ler algum livro na sala enquanto ele dava telefonemas no escritório.

Alex estava cada vez mais distante. Primeiro ele ligava todos os dias, conversávamos pouco, basicamente ele queria saber como eu estava e era tudo. Depois ele passou a ligar uma vez ou outra e, naquele dia, completávamos oito dias inteiros sem trocarmos uma só palavra.

Eu já estava conformada. Aguardava o dia em que o seu advogado me procuraria com os papéis do divórcio, o que não significava que não me sentisse um lixo. Eu tentava ser forte, seguindo fielmente a minha rotina,

conversava com meus amigos, ria de alguma bobagem na TV quando, na verdade, minha alma chorava.

Não havia como culpá-lo. Alex era jovem, bonito, bem-sucedido, incrível. Era perfeitamente normal que descobrisse que eu não era tão interessante quanto ele acreditava, ou até mesmo se interessasse por outra mulher mais madura. Qualquer coisa que o levasse para longe de mim.

Mas ele te ama, sua burra!, uma voz dentro de mim gritava, pedindo socorro, implorando para que eu reagisse, para que não me conformasse em perdê-lo. Alertava que eu deveria lutar pelo meu marido. Lutar pelo quê? Ele já tinha decidido e ponto final.

Além do mais, meu pai não estava bem o suficiente para ficar sozinho. Havia os remédios com os quais ele continuava implicando, como um velho ranzinza. Como eu poderia ir embora e abandoná-lo? Não se tratava apenas de mim, eu tinha obrigação de estar ao lado dele. Nem Miranda se deu a este trabalho. Johnny até tinha aparecido, passou alguns dias e foi embora, mas eu, a sua única filha, não podia deixá-lo.

Thomas foi outro problema que precisei administrar. Lógico que ele apareceu lá em casa assim que percebeu que sua barra estava limpa e ficou sabendo que Alex tinha voltado para o Brasil. Foi como combustível em um incêndio.

– Preciso cuidar do meu pai, Thomas. Foi para isso que fiquei – dei a desculpa e me afastei rapidamente.

– Não estou vendo Peter por aqui.

– Você entendeu. – Cruzei os braços e desviei o olhar.

– Eu acho é que você está com medo do que Alex vai pensar. – E deu risada. – Nunca imaginei que você escolheria casar com uma versão mais moderna do Peter.

– Não seja ridículo, Thomas! Alex é...

Ele ergueu uma sobrancelha, me desafiando enquanto eu procurava a palavra adequada.

Fechei os olhos e ouvi o seu risinho de vitória. Mas o que Thomas não entendia era que, naquele momento, eu apenas sentia. A saudade me invadiu com mais força do que foi capaz de atingir nos últimos tempos. Eu queria ver seus olhos, apreciar aquele sorriso que me atiçava, sentir seus dedos em meu rosto quando me acalentava, seus braços fortes me envolvendo e me dando segurança...

– Eu o amo – disse baixinho sem realmente desejar revelar o que sentia.

Naquele instante, Thomas ou qualquer outro problema havia perdido a importância para mim. Eu sentia falta do meu marido e estava sufocando com isso.

– Alex é o meu sopro de vida. Você nunca vai entender porque não sabe o que é isso, Thomas. Nunca encontrou um amor de verdade.

Ele riu outra vez, apesar de eu ter percebido que o atingi com aquelas palavras.

– Você mal o conhece. – Ficou um pouco mais sério. – Sabe o que eu acho, Charlotte? Ficou encantada com o cara mais velho, o que tornou seu sonho possível, mas o que não enxerga é que você poderia ter feito tudo sozinha. Você é milionária, poderia bancar a sua produção no mundo todo, aliás, duvido que alguma editora não se interessasse pelo livro de Charlotte Middleton.

– Alex acreditou em mim, mas não é isso que o torna especial para mim.

E as lembranças do nosso primeiro beijo, da forma como ele me olhava naqueles primeiros tempos, da sua paciência, a maneira como me respeitou, como me amou.

– Ele não se parece em nada com você – rebateu, me provocando.

– Você não o conhece. E ninguém precisa ser igual ao outro para ser um casal perfeito. Ninguém seria perfeito para mim. – Dei de ombros.

– Eu seria perfeito para você. – Olhei para Thomas e seus olhos estavam intensos.

– Thomas, você não...

– Nós somos idênticos, somos do mesmo meio, nossas famílias se adoram, nos conhecemos, seríamos muito mais adequados. – O rancor em sua voz era perceptível.

– O amor não é adequado.

– Você não o ama de verdade, Charlotte. Ele foi embora e você ficou...

O barulho na escada nos interrompeu.

– Pode deixar aqui mesmo. – Ouvi a voz do meu pai e virei em sua direção.

Ele estava com dois empregados descendo bagagens e acomodando-as na porta de casa.

– O que você está fazendo?

– O que deveria ter feito há muito tempo. Colocando você para fora.

Ele olhou para Thomas e o cumprimentou com um aceno de cabeça. Os olhos estavam desconfiados, mas ele sorriu divertidamente.

– O quê? – Olhei mais uma vez para as bagagens e identifiquei que eram as minhas malas. O que aquilo significava?

– Isso mesmo, Charlotte. Não quero passar meus dias vendo você definhar de amor, seguindo meus passos como se eu fosse um velho babão que não consegue dar dois passos sozinho. Quero que você vá embora.

Olhei para Thomas, que acompanhava tudo sem entender e depois voltei a olhar para o meu pai. Eu já entendia. Meu coração acelerado me dizia o que estava acontecendo de fato.

– Mas, pai...

– Seu lugar não é aqui. Alex já esperou demais. Você fez a sua parte. É uma ótima filha e eu te amo, mas seu lugar é junto de seu marido. Não vou assistir você jogar seu casamento fora.

Meus olhos encheram de lágrimas. Eu queria ir. A saudade me sufocava. Só que eu não podia.

– Ela não pode ser forçada a...

– Este assunto não é seu, Thomas. Charlotte escolheu Alex. Se conforme com isso. – E seu sorriso demonstrava o quanto estava feliz em poder dar aquela resposta.

– Eu não posso ir. – Minha mente dava giros e eu não conseguia pensar direito no que estava fazendo. – Não posso deixá-lo.

– Ora, Charlotte! Eu estou muito bem, obrigado! Então não venha com esta desculpa de que é por mim.

– É pelo senhor!

– Não é. Você está com medo e está fazendo a maior de todas as suas bobagens. Vamos lá, o avião não vai te esperar a vida toda, muito menos Alex.

– Pai! – gritei para pará-lo.

– Charlotte. – Ele segurou em meus ombros, me encarando com determinação. – Filha, você fez a sua parte. Eu estou bem, estou feliz. Eu e sua mãe deixamos as nossas vidas ajustadas e, apesar da falta que ela me faz, estou seguindo como prometi que faria. Você também precisa seguir. Você ama Alex. Está na hora de construir uma vida ao lado dele.

– Mas Alex não me ama mais. – Uma lágrima escapou pelo simples fato de dizer aquelas palavras em voz alta. – Eu não tenho motivo para voltar.

Captei o sorriso de Thomas e me senti envergonhada.

– Alex sempre vai te amar, filha. – Seus olhos eram tão ternos. – Ele é o homem ideal para você.

– Como pode saber?

– Apenas sei. Agora, vá. Você precisa chegar logo.

Fiquei alguns segundos aturdida, sem saber se deveria sair correndo por aquela porta, pois a proposta ofertada, a possibilidade de recuperar o meu casamento, de estar de volta a minha vida com o homem que eu amava, chegava a me fazer deixar de enxergar todo o restante. Ainda assim, eu temia. Me sentia uma traidora, uma filha ingrata, uma insensível.

Como eu podia pensar em mim, no amor que sentia por Alex, quando sabia que há tão pouco tempo meu pai havia perdido seu grande amor? Que ele ficaria naquela casa sozinho.

– Vamos comigo – supliquei. – Vamos tocar nossa vida lá do Brasil.

Ele sorriu e eu vi Thomas se afastar incomodado. Ele sabia que, mesmo após a sua declaração, eu partiria. Voltaria para Alex, se ele ainda me quisesse de volta.

– Ainda tenho muito o que resolver aqui – meu pai revelou com um sorriso triste. – E você tem muito o que resolver por lá.

– Bom, então eu vou... – Thomas começou, só que não demos muita atenção ao que ele dizia. Ele não era mais nada. – Boa viagem. – E deu as costas, deixando a sala.

– Por falar em coisas para resolver, quase esqueci disso. – Ele me entregou um envelope pardo com a logomarca da editora do meu marido.

– O que é?

– Chegou hoje cedo. Lana ligou avisando sobre esta documentação. É tudo o que você precisa para a viagem para a Alemanha.

– Frankfurt?

Ele fez que sim com a cabeça.

– Eu havia me esquecido.

– Parece que seu trabalho começa lá, então ela precisa que assine alguns documentos.

Meus olhos marejados não deixavam o rosto do meu pai. Eu sentiria falta dele.

– Lana disse que fazia questão da sua presença e eu confirmei que você iria. Não se esqueça de levar os documentos assinados.

– Assino durante o voo. – Minha voz embargada me impedia de falar com mais firmeza.

– Agora vá de uma vez. – Ele me empurrou para fora sem me deixar alternativa.

– Mas, pai, eu estou vestida assim...

– Você está linda. Muito parecida com a sua mãe. – Ele sorriu com emoção nos olhos.

Limpei as lágrimas e o abracei.

– Prometa que vai tomar os remédios.

– Eu prometo. – Ele me abraçou, afagando minhas costas.

– Que vai ligar todos os dias. Que vai passar muitos dias lá comigo.

– Claro que sim! Esta semana volto a viajar visitando os hospitais, então logo estarei por lá atrapalhando a sua vida de casada.

– Eu te amo, pai.

– Eu te amo, Lottie!

ALEX

Fechei a última pasta e perdi um bom tempo encarando a tela do computador. Respirar era difícil, caminhar era difícil, comer, dormir, viver, qualquer atitude normal era difícil.

A espera estava sendo maior do que havíamos previsto. Charlotte não reagiu, ela, mais uma vez, parou e deixou a vida passar. E, apesar de amá-la loucamente, eu a odiava cada vez mais por permitir que aquilo acontecesse com a gente.

Todos os dias eu me perguntava até onde eu seria capaz de ir. Até que ponto deixaria chegar? E se nunca chegasse ao ponto que eu esperava ansiosamente? Se ela nunca voltasse? Eu suportaria?

Uma semana desde que enviei o tão decisivo documento e nenhuma resposta. Preferi ficar distante, aguardando que ela me ligasse, que reagisse nem que fosse para me gritar e xingar, qualquer coisa que demonstrasse que ainda estávamos no jogo, mas não. Uma semana era tempo suficiente para que Charlotte tomasse conhecimento da minha decisão.

Cansado de esperá-la, arrisquei tudo e liguei para Peter. Eu sabia que ele colaboraria, que entenderia a minha decisão e me apoiaria. Apenas ele poderia me dar uma visão real do que acontecia com ela.

– Alex. – Sua voz baixa me alertava que não era um bom momento. Ou que ele não estava realmente de acordo, como eu havia imaginado.

– Atrapalho?

– Estou em uma reunião importante, mas pode falar. Aconteceu alguma coisa?

Pigarreei incomodado.

– Enviei uma documentação para Charlotte e não obtive resposta. Sabe me dizer alguma coisa?

– Ah, sim. Recebemos, sim. Charlotte já está ciente e de acordo. Ela já assinou e em breve estará com Lana.

Fechei a mão com tanta força que quase quebrei o telefone. Ela estava de acordo. Merda! O que eu fiz?

– Ela está de acordo? – Ouvi uma voz chamando por Peter e me dei conta de que não poderia sobrecarregá-lo com mais aquele problema.

– Sim. Para falar a verdade, achei que isso a deixou mais aliviada e decidida.

Um bolo se formou em minha garganta e precisei de muita força para impedi-lo de me sufocar.

– Tudo bem, Peter. Não vou mais tomar o seu tempo.

– Eu preciso mesmo ir. Ligue para dar notícias.

– Claro. Até mais.

Desliguei sem saber se deveria permanecer sentado ou se levantava para colocar aquele sentimento para fora. Meu Deus, então era isso, chegávamos ao fim e Charlotte se sentia mais aliviada e decidida? O que eu havia feito?

– Alex, tudo certo para... – Lana entrou em minha sala como um furacão, mas parou imediatamente. – O que aconteceu?

Olhei para a minha irmã sem saber o que poderia dizer. Como contar a ela que havia acabado? Como fazer funcionar um divórcio e o lançamento do livro da Charlotte? E como eu sobreviveria a isso tudo?

– Preciso sair.

Levantei em um rompante, ainda atordoado e sem saber para onde deveria ir. Que lugar do mundo conseguiria fechar o buraco em meu peito?

– Como assim? O que aconteceu? – Ela se aproximou preocupada.

– Depois eu falo. Agora preciso... – Olhei ao redor, peguei o celular, as chaves e saí.

Dirigir não surtiu o mesmo efeito de sempre. Eu não me sentia mais relaxado, não havia conseguido pensar em nada, nenhuma saída, nada que me ajudasse a reverter a situação. Nada. Minha mente era um oco repetindo a mesma frase: ela aceitou, aceitou.

Putá que pariu! Por que fui me deixar envolver a tal ponto com uma menina mimada que nunca soube o que fazer da própria vida? Como me permiti acreditar que ela mudaria, que era forte o suficiente para viver tudo o que eu sonhei para nós dois? E por que inferno me apaixonei logo por ela? Tantas outras mais compatíveis, mais adequadas, e eu quis justamente ela. Ela!

Sentia raiva da minha vulnerabilidade, da forma frágil como conduzi a minha vida, como me deixei levar por um amor que sempre soube que não daria certo?

Eu queria nunca ter me envolvido, nunca ter aceitado aquela brincadeira, nunca ter permitido que ela entrasse, bagunçasse e abandonasse a minha vida. Deveria deixá-la longe, distante... mas eu não pude. Nunca pude.

Porque Charlotte simplesmente me dominou. Ela não apenas mudou a minha vida, ela me fez viver. E, mesmo a odiando de verdade naquele momento, eu a amava desesperadamente.

Parei o carro em frente a minha casa sem nem me dar conta de que seguia aquele caminho. Nem o trânsito absurdo conseguiu ganhar a minha atenção. Entrei na garagem e saí do carro sem me dar o trabalho de trancá-lo. Acendi a luz da casa, olhando para os lados ainda sem saber o que eu fazia ali. Tudo havia se transformado em Charlotte. Meu mundo era ela.

Cansado, fui até a cozinha e procurei algo que me distraísse. Uma cerveja me faria relaxar, então abri a primeira e sentei em um dos bancos. Ela não saía da minha cabeça. O que estava pensando? O que estava fazendo? Se se sentia mais aliviada e segura, então estava saindo com Thomas? Com outros caras? Ela havia realmente desistido ou estava apenas magoada por eu ter participado daquela mentira?

Quando me dei conta, cinco garrafas long-neck estavam sobre o balcão, e meu corpo ainda não estava em melhor estado. A sensação de relaxamento não me atingia. Procurei mais uma e não encontrei, só que eu precisava de mais álcool. Sair para comprar estava fora de cogitação, então o jeito era encontrar outra coisa, qualquer substituto.

Meu celular tocou insistentemente, mas preferi ignorar. Não estava em condições de conversar com qualquer pessoa que fosse. Abri o armário e encontrei a tequila que havia comprado para ela, Charlotte. Peguei um copo e tomei um longo gole. Aquela merda ardia e queimava a garganta que nem o inferno, mas era assim mesmo que eu me sentia, queimando, de raiva, amor...

Bebi e minha cabeça girou. Um porre seria muito bem-vindo. Me faria esquecer por algumas horas, quem sabe tirar as minhas forças, me impedindo de pensar, para encontrar respostas que eu nunca encontraria? Bebi mais, como há muito não me permitia fazer e, em determinado momento, comecei a me sentir mais leve, sem muita noção do que acontecia ao meu redor.

Alguém tocou a campainha, ignorei, no entanto, a pessoa insistiu, então, sem raciocinar direito, levantei e fui até a porta. A casa girava, mas eu continuava de pé, ainda sentia o buraco em meu coração e a confusão em minha mente. Quem quer que estivesse por trás daquela porta não conseguiria mudar a minha realidade.

Olhei para a figura diante de mim, cabelos escuros, um pouco mais curto do que o habitual, óculos de grau pendurados sobre o nariz, uma roupa que

não combinava muito com ela, mas quem era eu para saber o que condizia a Charlotte? Ela não era mais a mesma.

– Charlotte? – Pisquei algumas vezes com a imagem ofuscando a minha mente.

Ela riu. Não era o seu riso. Não parecia feliz. Fechei os olhos com força e tentei fazer minha cabeça parar de rodar.

– Pelo visto, não está sendo nada fácil.

A voz também não era a dela. Abri os olhos, mas eu só conseguia ver seus cabelos escuros, lisos e os óculos. O sorriso parecia menos amplo, mas a brancura dos dentes era a mesma. Ri. Como comparar a brancura dos dentes de alguém?

– Você voltou? – E eu me senti ridículo fazendo aquela pergunta.

– Alex. – Ela suspirou. Charlotte sempre suspirava. – Acho que você está precisando de ajuda. – Ela se aproximou no exato momento em que a porta escapou das minhas mãos. – Cuidado!

Não senti o calor do seu corpo, apesar de ter consciência da sua presença bem próxima. Ela estava mais alta ou eram os saltos? Saltos. Charlotte estava usando coisas como estas nos últimos tempos. Eu preferia os seus tênis. Eram mais parecidos com ela.

– Charlotte.

Tentei encarar a minha esposa, minha mente girava, não me deixando enxergar com clareza. Vi quando ela ajeitou os óculos e riu baixinho. Charlotte sempre ria baixinho.

– Você voltou para mim – constatei enlevado.

Porra, como eu podia estar tão bêbado naquele momento? Ela não merecia ter que cuidar de mim no momento em que eu deveria cuidar dela.

– Me perdoe, amor.

Segurei seu rosto, ela tentou se desvencilhar.

– Alex, não...

– Eu amo você, Charlotte. Não me abandone.

Precisei segurá-la com mais força, pois não sentia o meu equilíbrio, e acho que acabei apertando a sua mandíbula forte demais. Ela gemeu e tentou tirar a minha mão.

– Desculpe! Eu não deveria ter pedido o divórcio. Desculpe.

– Você... pediu o divórcio? – Sua voz baixa me alertou para alguma coisa que eu não conseguia identificar.

Charlotte não parecia aborrecida. Era como se a surpresa a deixasse... feliz?

– Você quer isso? Foi o que veio me dizer?

– Não! – ela sussurrou rápido demais. – Quer dizer... Alex, espere. – Desvencilhou-se outra vez quando tentei beijá-la. – Você está bêbado. Não sabe o que está fazendo. Venha, vou te ajudar a deitar.

– Eu estou bem.

Mesmo assim, deixei que ela me conduzisse pelas escadas.

Fiquei olhando seu rosto atentamente. Tinha algo diferente que me intrigava, mas eu estava bêbado, tonto e ansioso demais para tentar descobrir o que era. Precisava recuperar a minha esposa o quanto antes. Fazê-la ver que

nós dois precisávamos ficar juntos, que eu a amava, que só fiz aquilo para que ela voltasse. Ela tinha que me entender.

Senti a cama em minhas costas e depois Charlotte se afastar. Gemi enjoado. O perfume dela não era o mesmo, ou era e eu estava bêbado demais para notar?

– Amor, fique comigo. – Segurei seu braço para que ela não se afastasse.
– Eu amo você. – Levantei, sentindo tudo girar, eu precisava fazê-la entender. – Não se afaste – supliquei e ouvi seu gemido.

Sim, ela me queria e eu só a queria.

Segurei sua cabeça para que nossos lábios ficassem próximos. Eu necessitava daquela mulher. Tanto tempo longe, sonhando com a sua volta, com o seu jeito, com o nosso amor. Porra, eu precisava fazê-la entender.

– Alex, não...

Mas eu a beijei mesmo assim.

CAPÍTULO 21

“Os homens deviam ser o que parecem ou, pelo menos, não parecerem o que não são.”

William Shakespeare

ALEX

Charlotte resistiu no começo, parecia assustada, em dúvida se deveria mesmo me beijar, mas logo em seguida se entregou. Não foi o beijo que eu esperava, tinha alguma coisa diferente, mas, porra, era Charlotte e eu precisava dela.

Com certeza, ela estava assustada, afinal de contas, eu estava bêbado, estava sendo insistente, despejando nela todos os nossos problemas de uma vez só. Seria natural a minha esposa se assustar, tentar recuar. Eu não podia permitir, por isso aprofundei mais o beijo, exigi a sua boca, a sua entrega e ela se rendeu com um gemido de prazer que me atiçou ainda mais.

Deitei Charlotte sobre a cama, puxando seu vestido para que seu corpo ficasse livre para mim. Ela colaborou puxando a minha camisa. Suas unhas correram minhas costas e novamente tive aquela sensação estranha, mas não parei muito para pensar nela. Eu estava ávido por Charlotte, precisava estar dentro dela o quanto antes.

Chutei os sapatos para longe enquanto ela tentava tirar minha calça, senti sua mão ansiosa empurrando minha cueca para baixo, se apossando do meu pau sem a familiar inocência ousada da minha esposa. Ela também estava com saudade, também me queria avidamente. E eu seria dela como nunca havia sido.

– Alex! – ela gemeu quando mordeu seu pescoço.

O tom da voz não era o correto, mas quem se importava com a intensidade da voz quando estava vivendo o momento mais incrível da sua vida? Ela estava de volta, para mim e por mim.

Puxei seu sutiã, deixando os seios livres e rapidamente abocanhei cada um deles, chupando com tanto tesão que ela gritou. Não era o que normalmente acontecia, mas eu gostei mesmo assim. Seus seios estavam maiores, não cabiam em minha mão, como eu gostava de constatar, no

entanto, este detalhe não ganhou a minha atenção, minha cabeça girava tanto, me deixando confuso e incapaz de raciocinar.

Meu único pensamento era que Charlotte estava ali comigo, nós transariamos e, no dia seguinte, ficaria tudo bem. Eu estaria sóbrio e poderíamos conversar. Ali, naquele momento, eu queria apenas estar dentro dela, matar a saudade que sentia, deixar claro o quanto a amava e estava arrependido de cada passo dado desde que deixei a Inglaterra.

Enquanto eu ainda brincava com seus seios, desci uma mão e puxei a sua calcinha. Minha perna estava enroscada na calça, que insistia em não sair, ou eu não tinha equilíbrio suficiente para tirá-la. Charlotte me empurrou para o lado e, muito afoita, tratou de arrancar a calça e minha cueca. Recuperado do movimento rápido, que fez minha cabeça girar a toda velocidade e depois fazer o caminho de volta à velocidade da luz, peguei minha esposa pelas pernas e a deitei de volta no colchão. Ela deu um gritinho que não se parecia com os seus.

Eu estava confuso demais. Talvez sexo não fosse uma boa ideia. Parei sem conseguir respirar corretamente, o esforço me fazia engasgar, mas ela retirou a calcinha, que já estava no meio das suas pernas, e me puxou para o seu centro. Olhei minha esposa nua sem conseguir focar realmente em seu corpo. Minha cabeça era uma confusão só. Parei mais uma vez e ela me puxou com mais vontade, posicionando-me entre suas pernas.

– Charlotte, eu...

– Shhh! – ela me calou com um beijo, que me dividiu em dois.

Havia tanto desejo naquele beijo que poderia facilmente me fazer perder o fio da meada, no entanto, estava tudo muito estranho, muito diferente que me impelia a parar e esperar que minha cabeça voltasse ao normal. Charlotte não deixou.

Sua mão procurou meu pau. Era uma palma quente e esperta, se fechou em mim com sabedoria e iniciou o movimento de masturbação que me fez deitar o rosto em seus seios e gemer como um menino inexperiente. Porra, o que aquela menina conseguia fazer comigo?

Completamente entregue, alisei seu corpo, apalpando seus seios e sugando-os com vontade. Minha mão desceu, procurando seu sexo úmido, decidido a deixá-la pronta para mim. Me deparei com um sexo que não era o que eu realmente esperava. Charlotte se mantinha lisinha desde que descobriu o quanto me agradava, contudo, naquele corpo havia pêlos. Não grandes, nem nada que fosse absurdo, pelo contrário, eram bem tratados, baixinhos e concentrados em apenas um espaço. E estava tão úmida que me fez esquecer mais uma vez de qualquer detalhe estranho.

– Quero você – eu disse, abandonando seu seio e afundando meu dedo em seu sexo.

Ela gemeu, rebolando de leve, apenas para se permitir sentir. O prazer que escapava dos seus lábios era de saudade, de espera e de satisfação. Não esperei uma resposta, levantei o corpo e entrei nela sem nenhuma dificuldade. Alguma coisa estava errada. Parei, respirei e me mantive imóvel até que minha cabeça parasse de girar. Eu precisava do mínimo de equilíbrio mental para continuar.

Charlotte me segurou com suas pernas e rebolou ao me receber. Caralho! Aquilo foi tão gostoso! Foi quente e fez com que eu me afundasse ainda mais naquela loucura toda. Eu arremeti com força, sentindo meu corpo enrijecer e me indicar que não me seguraria por muito mais tempo. Podia sentir minhas células pedindo por alívio, no entanto, alguma coisa estava muito fora do lugar. Recomecei a investida, tudo parecia estranho demais. O toque, os gemidos, o conforto e o calor do seu sexo... tudo.

E então minha mente clareou, sugando minha respiração. Como se estivesse brincando comigo, afastou a nuvem que confundia os meus olhos. O quarto, de repente, não estava mais tão escuro. A luz do poste entrava pela cortina aberta, revelando nossos corpos nus. E então eu finalmente enxerguei e fiquei estupefato.

– Tiffany? – Minha voz quase não conseguiu sair quando constatei a realidade.

Ela abriu os olhos se dando conta de que finalmente eu descobrira.

– Alex! Não!

E mais uma vez a nuvem negra que me cegava e me entorpecia desceu sobre mim, me afundando de vez.

“Alex! Não!”

A voz entrou em meu sonho, como se estivesse me trazendo de volta à realidade. Abri e fechei as mãos sentindo-as como se fosse a primeira vez depois de muito tempo. Respirei fundo, sentindo a boca seca e a ânsia de vômito. Me movimenteí incomodado.

“Alex, por favor, não!”

O choro foi tão real que me fez abrir os olhos. O quarto estava parcialmente iluminado. O silêncio me alertava de que ainda era muito cedo. Minha cabeça girou sem conseguir separar o que era real do que era sonho... ou pesadelo.

Senti o movimento e fiquei em alerta, sentando rapidamente.

– Puta que pariu!

Minha cabeça girou e a ânsia de vomitar quase fez com que eu perdesse o jogo. Respirei fundo e voltei a abrir os olhos.

Ela estava lá. Acuada em um canto, com o lençol protegendo-a, estava uma Tiffany assustada, os olhos vidrados em mim, como se desejasse que eu não tivesse acordado.

– Tiffany? – Eu estava muito confuso. Minha mente me confundia, não me deixando entender o que havia acontecido. – O que...

– Eu já estou de saída. – A voz embargada chamou a minha atenção e um *flash* de memória quase tirou meu ar.

– Tiffany, o que aconteceu?

Não precisava ouvir sua resposta, pois eu sabia o que tinha acontecido. Eu estava bêbado, mas não o suficiente para ter amnésia. O pouco que minha mente me mostrava era o suficiente para me deixar enojado. Levantei, sem me dar ao trabalho de me cobrir, e fui o mais rápido possível para o banheiro. Tive que vomitar na pia. Minha cabeça latejava.

Puta que pariu!

Encarei o espelho e vi quando Tiffany começou a se vestir. Ela fez uma careta quando precisou levantar os braços para colocar o vestido. O vestido, merda! Virei para ela e vi a marca roxa em seu seio. Fechei rapidamente os olhos sem conseguir acreditar no que minha mente me mostrava.

O que eu havia feito?

– Tiffany, eu... – Dei um passo vacilante em sua direção e ela se encolheu. Notei o rosto inchado, não somente pelo choro, mas por... Deus! – Eu não queria...

– Eu só preciso ir embora, Alex.

Ela não me encarava. Vi quando se encolheu quando passou a mão no ombro e senti a mordida clara que estava ali.

– Santo Deus, o que eu fiz? Nós precisamos conversar.

Novamente, me aproximei e ela tentou fugir de mim. Fui mais rápido, segurando-a com força em meu peito.

– Por Deus, Tiffany, nós precisamos conversar.

– Não. – Ela chorou copiosamente.

Abracei seu corpo frágil, mantendo-a perto e tentando apagar da minha mente o que ela insistia em mostrar. Acariciei seu cabelo. Eu precisava disso. Precisava mostrar para mim mesmo que eu não era aquele monstro.

– Alex, por favor, me deixe ir.

E a lembrança daquela mesma frase dita com mais desespero fez minhas pernas fraquejarem.

– Droga, Tiffany! – rosnei com raiva de mim mesmo e outra vez ela se encolheu amedrontada. – Eu não vou te fazer mal. Por favor, não faça isso – implorei, sentindo que meu corpo não aguentaria.

Ela fungou e finalmente levantou o rosto, revelando claramente o quanto tínhamos ido fundo. Fechei os olhos sem querer acreditar.

– Por que você deixou acontecer? – tentei não ser rude para não assustá-la ainda mais. – Por que não me impediu?

Seus olhos diziam tudo. Ela queria que eu estivesse com ela, mesmo acreditando que fosse outra pessoa. Merda! Até onde Tiffany iria por amor? Pelo que ela acreditava ser amor?

– Eu só quero ir embora. – Ela sorriu fraco, como se quisesse me transmitir segurança. – Podemos conversar melhor em outro momento.

Meus braços ainda a envolviam e ela parecia gostar disso. Me afastei um pouco, sentindo, pela primeira vez, vergonha pela minha nudez.

– Tudo bem. – Fui até a cama e puxei o lençol, procurando algo que me assustava mais do que os hematomas de Tiffany. – Nós usamos camisinha?

Ela me olhou alarmada, depois desviou o olhar, negando com a cabeça.

– Merda!

Joguei o lençol sobre a cama e encontrei minha cueca. Sentei na cama, segurando a cabeça entre as mãos. Era muita merda para uma noite só.

– Você ainda toma remédio?

– Sim. – Sua voz fraca demonstrava frustração.

O que ela estava pensando?

– Alex... – Tiffany se aproximou, mantendo uma distância segura. – Eu não vou contar. Juro! Não vou usar isso como arma contra você. Quando Charlotte voltar...

– Ela não vai voltar. – E a realidade me atingiu como um tiro. Meu ar ficou mais pesado e meus pulmões protestaram. O buraco ainda estava lá, imenso, me esmagando e me sufocando. – Ela... assinou o divórcio.

O silêncio me fez levantar a cabeça. Tiffany me encarava com receio, mas a alegria que a novidade lhe causava era nítida. Senti raiva. Muita raiva. Dela, de mim, de Charlotte...

– Não quero que seja um incentivo para você, Tiffany. O que aconteceu ontem... – Respirei fundo. Droga! Aquela merda nunca deveria ter acontecido. – Não vai voltar a acontecer. – Olhei para ela sem conseguir evitar a dureza das minhas palavras. – E você deveria ser grata por isso.

Vi o quanto ela ficou magoada, mas eu estava com razão. O que Tiffany estava pensando? Como ela pôde?

– Alex... – Mais um passo em minha direção, o que fez meu corpo todo enrijecer. – Eu não ligo. – Havia tanta dor em sua voz que tive vontade de... não.

Nunca mais eu poderia fazer o que fiz.

– Vá embora, Tiffany.

Levantei, vestindo minha cueca.

– Fuja enquanto ainda há tempo. – A ameaça em minha voz deixava clara a presença da raiva, a mesma que senti quando descobri que era ela e que me levou a agir com tanta violência.

– Eu não vou fugir – rebateu. – Eu não ligo se você transa comigo pensando nela.

– O que está dizendo? – Deixei a raiva extravassar.

Ela recuou.

– Deixei acontecer, Alex. Tentei impedir no início, então acabei permitindo. Eu sabia que era nela que você pensava, quis mesmo assim.

– Você só pode ser louca – gritei incapaz de me conter. – Eu quase te matei – cuspi as palavras, sentindo o quanto minha mente repudiava minha atitude e o quanto conseguia afetá-la.

– Você não teve culpa – tentou me convencer, o que só contribuiu para aumentar mais a minha raiva.

Andei decidido até Tiffany e a segurei pelos ombros.

– Eu não quero que isso aconteça outra vez. Para seu bem, para o bem da sua integridade, desapareça, Tiffany. Fique longe de mim, pelo amor de Deus!

– Eu não ligo – choramingou.

– Vá embora! – gritei e bati a porta do banheiro atrás de mim. Desejei veementemente que, com essas palavras, ela entendesse nossa realidade.

Sentei no chão do banheiro sentindo minha cabeça girar, fazendo com que a ânsia de vômito voltasse. Merda! Eu odiava vomitar, odiava ficar bêbado, odiava não ter controle sobre meus atos, odiava o monstro que me tornei por causa disso tudo. E odiava Charlotte pelo que ela havia feito comigo.

Apesar de tudo, ainda a amava como se não restasse mais nada para mim no mundo. As lágrimas desceram com facilidade e eu me senti um merda por me permitir chorar. Tudo continuava lá, a realidade que me atirava ao fundo do poço, o divórcio assinado que chegaria a qualquer momento, a certeza de que não havia mais volta. Tudo estava lá para me assolar, me derrubar e me destruir.

Eu não queria que continuasse assim. Não queria mais ser um fraco. Eu vivi para Charlotte nos últimos meses, estava na hora de voltar a viver por mim. Fiz tudo o que foi possível, perdoei todos os seus deslizes, justifiquei

todas as suas infantilidades, e para quê? Para ela me abandonar, desprezar o meu amor, me esquecer e seguir em frente, ficar aliviada com o divórcio.

Limpei o rosto, afastando as lembranças. Eu sabia o que precisava fazer. Primeiro, cuidaria da minha ressaca, depois daria seguimento a minha vida como se Charlotte Middleton nunca tivesse existido. Sairia para surfar, almoçaria fora, conheceria outras garotas e transaria com todas elas, obviamente sem beber, sem deixar chegar ao que aconteceu com Tiffany. Transaria com cada mulher que eu desejasse, até que nenhuma lembrança restasse.

Era o que eu faria.

CHARLOTTE

Ok. Até o momento eu sabia que precisava descobrir uma forma de voltar para Alex, só não tinha coragem nem de cogitar a ideia. Sentia-me culpada ao pensar em mim esquecendo que meu pai precisava da minha ajuda, então, por isso e por achar que minha mãe só descansaria se meu pai estivesse bem, fiquei com a vontade retida e aceitei o gosto amargo de perder o homem que eu tanto amava.

Também tive que aceitar e entender que eu me esquivava das situações onde precisava decidir minha própria vida. Não sei se por que a única certeza que eu tinha era em relação a minha carreira, porém eu entendia que parte desta minha conduta era pelo fato de nunca me sentir inserida em nada, como se não pertencesse àquele mundo. Como se eu não fizesse parte de nenhum cenário.

Apesar de ser bonita, eu não gostava de chamar atenção, então os carinhos nunca me notavam. Era inteligente, sem nunca ter feito parte do grupo de xadrez. Era rica, embora detestasse qualquer coisa superficial relacionada ao dinheiro. Eu simplesmente não me encaixava. Então permitia que as pessoas que eu amava decidissem por mim, pelo menos, com isso, eu me sentia parte de algo.

Foi assim com o meu casamento. Não era um arrependimento. Claro que não! Eu amava Alex e não tinha dúvidas disso, no entanto, me sentia sufocar quando parava para pensar na ideia de dividirmos uma casa, muito mais do que algumas horas, uma vida inteira.

Ao mesmo tempo, pensar na forma como tudo aconteceu, no amor que ele me dedicava, seu jeito tão perfeito de ser comigo, se esquecendo, inclusive, dele mesmo, me dava a certeza absoluta de que estávamos no caminho certo.

E daí se mal nos conhecíamos? E daí se eu não sabia a história de vida dele? E daí se Alex se sentia desconfortável com todo o dinheiro que fatidicamente eu herdaria? Nós nos amávamos, o que significava cinquenta por cento do caminho que teríamos que percorrer. Além do mais, eu abriria mão de uma vida ao lado de Alex simplesmente porque não conseguia ultrapassar os meus limites? Deixaria de viver cada segundo com ele só porque não tivemos tempo para ser namorados? Não. Eu nunca abriria mão de Alex Frankli.

Minha mãe tinha toda razão. Não importava se tivemos cinco dias, cinco meses ou cinco anos, importava apenas que meu coração o reconheceu como o amor de uma vida inteira, ou até mais, de uma eternidade. E foi pensando assim que peguei um táxi de volta a nossa casa tão logo desembarquei. Foi com esta certeza que parei a sua frente e, com a mesma intensidade, entrei naquela casa que havia sido palco de toda a minha felicidade.

Alex não estava lá, o que não me preocupou. Ele estava trabalhando, mesmo sendo sábado, afinal de contas, havia dedicado um bom tempo aos

meus problemas, acumulando todo o seu trabalho. Então, após matar a saudade de cada detalhe, de imaginar como seria o nosso reencontro, sentei no sofá e aguardei.

Não demorou muito. Meu coração acelerou quando ouvi o barulho do portão eletrônico abrindo para dar passagem ao meu marido. Poucos minutos depois, ouvi a sua voz. Alex falava com alguém, provavelmente ao telefone. Quando a porta abriu, senti como se o próprio ar tivesse evaporado.

– Não vou demorar, vou só deixar estas compras.

Ele entrou com os braços segurando duas sacolas de papel com alguns produtos aparecendo. Sem perceber minha presença, caminhou até o balcão da cozinha, depositando as sacolas sobre ele. Usava uma bermuda descolada e uma camiseta um pouco justa. Os cabelos molhados e a cor bronzeada denunciavam que estivera na praia, provavelmente surfando. Mas seu rosto exibía uma expressão cansada. Um tanto quanto sofrida.

Levantei, alisando o vestido prensado e arrumando o cabelo. Não imaginei que teria a surpresa que tive. Não mesmo.

A risada dela chegou aos meus ouvidos antes mesmo que meus olhos captassem sua imagem. Uma mulher morena cor de jambo, um corpo magro e perfeito, usando shorts curtos e uma camiseta cor-de-rosa revelando o biquíni. Seus cabelos negros desciam até a cintura e também estavam molhados. Ela ria e ele sorria amplamente para ela.

Pensei que não suportaria. O que eu estava pensando? Que Alex me esperaria a vida toda? Que não encontraria alguém menos confuso e egoísta, menos infantil e, definitivamente, menos medroso? Eu estava enganada e a verdade estava ali, sendo esfregada na minha cara.

A garota foi a primeira a me ver, seu sorriso se desfez e ela deu um passo para trás, só então percebi que eles estavam muito próximos, como um casal

ou como dois adultos com interesses sexuais. Algo dentro de mim se partiu em tantos e minúsculos pedaços que me perguntei se algum dia em minha vida conseguiria me recuperar daquela rasteira. Alex só me viu depois que seguiu o olhar da garota. Seu primeiro momento foi de surpresa e, em seguida, embaraço.

– Charlotte? – Passou a mão no cabelo e se afastou um pouco mais da garota, como se fosse realmente necessário.

Eu já tinha entendido tudo.

– Charlotte? – a garota repetiu, como se cobrasse uma explicação.

Um segundo se passou antes que eu pudesse reagir. Um segundo, que significou toda a minha vida.

CAPÍTULO 22

“Aprendi que são os pequenos acontecimentos diários que tornam a vida espetacular.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Passei a mão no cabelo, observando a cena diante de mim, ciente de que bastava apenas uma centelha para que eu explodisse. Ainda ri baixinho, nervosa, com raiva e ansiosa demais para disfarçar toda a minha dor.

Como Alex era cretino, sacana, escroto... E aquela mulher? “Charlotte?” Desdenhei do seu jeito de falar em minha mente, esforçando-me muito para não desabar em lágrimas na frente daqueles dois escrotos ou, o que era mais provável, arrancar o fígado de Alex com minhas próprias mãos.

Mas eu estava de volta e decidida a salvar o meu casamento. Queria provar a Alex que foi apenas uma fase ruim e que eu era, sim, capaz de ser a mulher da sua vida.

Eu demorava a tomar uma decisão, mas, quando tomava, ninguém conseguia me persuadir a desistir. Eu sabia o que queria e não seria uma vagabunda de praia que levaria o meu marido de mim.

Arqueei os ombros, encarei os dois cretinos decidida a matar Alex assim que conseguisse expulsar aquela mulher da minha casa.

– Charlotte Frankli, a esposa. – Estendi minha mão em sua direção com o sorriso mais provocante que já consegui ostentar em toda a vida.

Ela me olhou com curiosidade, as sobrancelhas unidas, avaliando minha atitude. Mesmo assim, segurou em minha mão e me cumprimentou como deveria.

Era tão ridículo aceitar apertar a mão da amante do meu marido. Aquele Judas.

– E você seria...?

Mantive meus olhos firmes nela, enquanto captava um Alex ansioso demais, mal sabendo o que fazer com as mãos. Seria uma situação bem interessante se não fosse eu a vítima.

– Eu sou...

Alex segurou no braço da garota, impedindo-a de falar. Ele simplesmente estreitou os olhos e fez um gesto com a cabeça para que ela não me passasse nenhuma informação.

– Charlotte, esta é Aline, uma amiga. Você não avisou que viria.

Assim. Frio, distante, grosseiro, um perfeito exemplar de um filho da puta.

– Não sabia que precisava avisar meu marido que estava voltando para nossa casa. Principalmente quando ele mesmo afirmou estar me esperando.

Ok. Não houve como esconder a minha emoção quando falei isso. Minha voz saiu esganiçada e a raiva que eu sentia fez com que meus dentes se recusassem a cooperar. Gostaria de poder matar Alex. Queria poder matar aquela garota.

Ele recuou, perdendo, nem que fosse só uma parcela mínima, a sua postura altiva de senhor da autoridade.

– Só estou querendo dizer que não sabia que você viria. Digo... hoje. Não depois do que Peter me disse.

Como assim? Sacudi a cabeça, me negando a desviar a atenção do fato. Aquela maldita mulher na minha casa, ansiosa para fincar as garras no meu marido.

– E por isso resolveu que era o momento ideal para trazer uma... – Olhei a garota com todo o desprezo que sentia. – Amiga.

– Olha, Charlotte... – ela começou, novamente Alex a interrompeu.

– Aline, esta é Charlotte, a minha... – E ele me deu aquele olhar curioso, como se quisesse entender o que eu fazia ali. Pela milésima vez em minha vida,

eu me senti excluída. Doeu. – Esposa? – Os olhos estreitos sinalizavam que ele não tinha mais tanta certeza.

– Uau! – Ela arqueou a sobrancelha e riu um pouco.

– O que foi? Ele não te contou que era casado? – Ela abriu a boca para responder, no entanto, fui mais rápida. – Aposto que não. – Sorri, sentindo meu equilíbrio desaparecer. – Não é de se estranhar, pelo que posso perceber do nível de amizade de vocês, não deve haver muita conversa nem confissões, não é?

– Charlotte! – Alex tentou me deter.

– Posso até apostar que quando ele te catou na praia... sim, porque não deve ter sido algo muito trabalhoso, ou complicado. Acredito até que um simples convite tenha sido o suficiente...

– O que está fazendo, Charlotte?

Ele segurou em meu braço, visivelmente nervoso, mas eu já tinha perdido o que restava da minha dignidade. Eu até poderia juntar a minha vergonha na cara e sair de lá por cima da situação, agora não existia mais esta possibilidade. O fio que mantinha meu equilíbrio emocional havia se rompido.

– Não toque em mim, seu cretino. – Com esforço, consegui me livrar de suas mãos. – Nem esperou o meu lado da cama esfriar para colocar uma vagabunda nela.

Pensei que a garota ficaria ofendida, isso não aconteceu. Ela riu alto e se afastou, observando a cena. Alex ficou furioso comigo. Eu pude ver pela maneira como ele me olhou, quase explodindo, mas tentando se segurar. Só que, além da fúria, havia algo mais. Havia uma vergonha que o fez recuar, como se eu tivesse ido direto ao alvo.

– Você me disse que ela era mimada e infantil, porém o que estou vendo aqui é uma mulher defendendo o seu território. – Os olhos da garota brilharam e minha vontade era de arrancá-los da cara dela.

– Você o quê?

Alex, outra vez, recuou com o meu grito.

– Você disse a uma... uma... uma vagabunda de praia que eu era mimada e infantil?

– Charlotte, não...

– Cale a boca, Alex Frankli! – gritei já totalmente transtornada. – Como teve coragem de usar este argumento para comer uma mulher qualquer? Como pôde passar por cima da minha dor, do meu sofrimento, apenas para conseguir sexo?

– Pare! – Ele tentou me deter e eu me afastei enojada demais.

Não consegui chorar, todo o meu sofrimento ficou retido pela raiva.

– Quer saber? Eu me enganei a seu respeito. Pode ficar com ele, Aline. Vocês se merecem.

Tentei recuperar um mínimo de dignidade e sair daquela sala, daquela casa, daquela situação tão ridícula, absurda... Sair da vida dele. Juntar todos os mínimos pedaços nos quais me parti desde que Alex adentrou naquela sala, e tentar, da maneira que fosse possível, me reconstruir.

No entanto, Alex não me deixou passar.

– Charlotte, espere. Você...

– Bem que você disse que ela também tinha uma veia dramática muito forte – a garota provocou.

– Aline! – Alex a recriminou enquanto tentava impedir a minha passagem.

Parei imediatamente. O que aquela garota ridícula estava falando a meu respeito? O que ela achava que conhecia de mim? E como Alex conseguiu ser tão cretino em tão pouco tempo? Como pôde me expor, me ridicularizar... eu o odiava. Preferi odiá-la mais. Por isso virei em sua direção decidida a resolver aquela situação.

– O que você disse?

– Que você está dramatizando.

– Por quê? Porque peguei meu marido com uma cadela como você? Olha, garota, nem vou me dar ao trabalho de acreditar que você seja capaz de compreender o que está acontecendo aqui. Assim como não vou subestimar a minha inteligência me convencendo de que ele precisou deste ou de qualquer outro argumento para te levar para a cama. Mulheres do seu nível não se importam com quem vão transar, muito menos precisam de justificativas. Alex pode ter dito a você todas estas asneiras, ele só esqueceu de te informar sobre um pequeno detalhe.

– É mesmo? – Ela sorriu, me olhando com os olhos arregalados. – E o que seria?

– Charlotte, não... – Mas foi tarde demais.

– Que eu sou louca – gritei, me jogando na direção dela.

Não queria parar para pensar em que daria aquela briga. Se eu bateria ou apanharia. Somente queria sentir seus cabelos em minha mão enquanto os arrancava do couro cabeludo, sua pele morena se desfazendo em minhas unhas, seus ossos se quebrando com os meus golpes. Eu queria sangue.

Não foi o que aconteceu.

Antes mesmo que eu conseguisse acertar o primeiro golpe na garota, mãos fortes agarraram minha cintura e me levantaram. Um muro maciço de músculos e carne se colocou entre nós duas e manteve-me longe daquela cobra que, apesar de ter muita coragem para me dizer aquelas coisas todas, não teve para se defender.

– Você está maluca? – Alex gritava enquanto tentava me conter.

Eu nem tenho coragem de descrever o meu estado. Mesmo com ele na minha frente, impedindo meus passos e recebendo meus golpes para defendê-la. Só sei que eu gritava e me debatia. Uma perfeita desequilibrada.

– Charlotte, pare! – Ele me segurou com força.

– Ah, Alex! Olha só você. Quem está sendo infantil agora? – ela gritou visivelmente divertida.

Senti tanto ódio. Tanto mesmo. Foi tanto que chorei. Minha dignidade não existia mais, minha coragem desceu pelo ralo. Eu estava humilhada. Terrivelmente humilhada. Ele não só tinha me trocado por qualquer uma, mas também tinha dito coisas terríveis a meu respeito. Tinha destruído minha imagem. Destruído a nossa história. Havia matado a minha vontade de amá-lo.

Sim, ele matou a minha vontade de amá-lo. Porque a minha capacidade nunca morreria. Eu amei aquele cretino. Amei o cara errado. E estava pagando o preço por ter sido tão burra.

Alex ainda me segurava enquanto eu chorava e respirava com dificuldade. Não tive coragem de olhá-lo. Não queria ver em seus olhos mais nenhuma das suas acusações. Eu só queria ir embora. Apenas isso.

– Eu vou embora – anunciei ciente de que minha voz não era mais nada.

– Charlotte... – ele tentou, mas eu não queria ouvir.

– Por favor, Alex! Não fale mais comigo.

– O quê? – Ele me segurou com mais força, tentando alcançar os meus olhos.

Aline riu baixinho.

– O que está dizendo? Vai dar uma de criança e ficar de mal comigo?

Mordi os lábios para não ter que enfiar a mão na cara dele. Não valeria a pena.

– Não. Vou ser madura e entender que você não vale a pena. Acabou.

– Charlotte, você está sendo... como assim acabou? Você assinou... eu não estou entendendo. Você é...

– O quê? – falei com raiva. – Infantil, criança, imatura, insegura, dramática. Quer saber? Vá se foder!

– Charlotte! – ele me repreendeu visivelmente abalado e me soltou como se meu xingamento o tivesse ferido.

– Vá. Se. Foder! – falei mais alto. Aliás, eu gritei mesmo. – Seu puto! Seu cretino! Mentiroso! Seu...

– Ai ,meu Deus! – Aline se aproximou de nós dois e eu recuei, ciente de que poderia outra vez atacá-la. – Alex, acabe logo com isso – ela disse séria pela primeira vez no dia. – Estava divertido, agora já passou dos limites.

Ele se afastou mais um pouco. Quando o olhei, senti mais raiva ainda. Alex estava com as mãos nos bolsos, encarava o chão visivelmente sem graça. Era a típica criança pega pelos pais após aprontar alguma coisa.

– Tudo bem que vocês dois estão tendo problemas – ela continuou. – E que você, Charlotte, bateu o recorde de infantilidade...

– Pegue a sua opinião e enfie na...

Ela levantou um dedo em minha direção, o que me fez calar.

Aline não estava mais divertida, muito menos cínica. Não estava tentando me provocar. Mais parecia uma mãe dando bronca nos filhos do que a amante do meu marido que estava adorando ver o circo pegar fogo.

– E você, Alex... Pelo amor de Deus! Não está sendo mais maduro do que ela.

Ele nada disse, continuou de cabeça baixa sem coragem de nos olhar diretamente, aceitando a bronca que levava.

– Deveria ter mais respeito pelo momento que Charlotte está enfrentando.

– Você provocou – ele rebateu.

– Apenas porque queria saber até onde ela poderia ir por você. E também porque sei que, se Charlotte fosse realmente uma menina mimada, uma garota infantil como descreveu, você não teria se apaixonado, ok? Não seja egoísta enxergando apenas o seu lado da situação.

– Espere um pouco – interrompi sem conseguir suportar aquele discurso todo. – Do que está falando? Que conversa é essa?

Ela olhou para mim e depois para Alex, suspirou e disse:

– Nós somos realmente amigos, Charlotte. Apenas amigos, se isso lhe interessa.

Não dei o braço a torcer tão fácil, mas confesso que meu rosto começou a ficar vermelho, acusando-me.

– Não é mesmo, Alex?

Ele me olhou rapidamente, tão envergonhado quanto eu e encostou-se na parede, passando uma mão do cabelo até o pescoço.

– Alex?

– É verdade – admitiu com a voz fraca. – Aline é minha amiga. – Engoliu com dificuldade.

– Ah, me poupem disso... – tentei rebater.

Ela continuou.

– Nós somos melhores amigos, garota! Somos amigos de infância.

Ele continuou calado, ficando cada vez mais constrangido. O motivo? Eu não fazia a mínima ideia.

– E por que eu nunca ouvi falar de você?

– Não sei. Vai ver Alex não é realmente este bom moço. – Ela cruzou os braços e estreitou os olhos, acusando-o.

Ele sorriu fracamente, ainda sem graça.

– Ou ele é um babaca que se envolve com as alunas, mas... Ele é meu amigo.

– Certo. – Respirei fundo, levantando as mãos, pedindo um tempo. Era coisa demais para tentar assimilar. – Vocês são amigos, eu entendi. E daí? Vai me dizer que foram namorados na adolescência, que viveram juntos o primeiro

amor, que passaram um tempo longe, que agora se reencontraram e querem recuperar o tempo perdido. É isso?

– Charlotte, eu... – Alex tentou, mas o mínimo contato com a voz dele já me deixava mais irritada.

– Tá legal! Eu não quero mais ouvir explicações. Vocês até podem ser amigos, mas amigos também ficam, também transam e, principalmente, podem se descobrir apaixonados algum dia.

Ela revirou os olhos e sorriu.

– Pelo amor de Deus! Você é mesmo maluca, garota! – disse, sorrindo daquela maneira que tanto me irritava.

Se eu fosse um pouco mais forte, dava um soco na boca daquela menina.

– A culpa é dele.

Alex não respondeu.

– Para mim, já deu. Aproveitem a noite. Eu estou caindo fora.

Alex desencostou da parede e ia me segurar, então Aline me deteve com uma simples frase.

– Eu sou lésbica – revelou, fazendo com que todos congelassem naquela sala.

Ok! Vou recapitular. Eles entraram carregando compras. Alex disse que não demoraria muito, ela ria de alguma coisa, eles se olharam de uma maneira um tanto suspeita... puta merda!

Eu tinha xingado a garota de tudo quanto era nome ofensivo e ela era somente a melhor amiga de infância e, além disso, lésbica. Lésbica! Ou seja, não era amante do meu marido.

Puta merda!

Eu queria morrer.

– Não faça essa cara, Alex. Isso não é novidade para você – ela disse, se divertindo. – Charlotte, se eu tivesse que entrar nesta briga, com certeza não seria pelo Alex. – Arqueou uma sobrancelha e sorriu largamente.

Soltei o ar que estava preso em meus pulmões desde o momento em que Alex entrou naquela sala. Puta merda, puta merda! Caminhei até o sofá e sentei, sentindo o chão girar. Fechei os olhos e abaixei a cabeça, enterrando o rosto nas mãos.

– Charlotte, você está bem? – ele perguntou preocupado.

– Está vendo no que dá provocar ciúme de uma esposa maluca? – Aline provocou.

– Dá um tempo, Aline – ele esbravejou e ela riu.

– É só descarga de adrenalina, Alex. Charlotte deve estar com o corpo começando a relaxar com a descoberta de que você não está comendo ninguém. Pelo menos não está me comendo.

– Puta que pariu! Você não mudou nada. – E ele se afastou, sumindo.

Não olhei para saber do seu paradeiro, apenas continuei do jeito que estava.

– Alex é um grande homem, Charlotte, mas merecia uns tapas por ter te sacaneado assim. Eu tentei contar, ele não deixou. Você viu!

– Eu estou ouvindo, Aline. Dá para não complicar ainda mais a minha situação?

A garota riu e eu simplesmente não consegui descongelar.

Ouvi barulho na cozinha e deduzi que Alex buscava alguma coisa que pudesse me socorrer. Bom... Ele deveria estar correndo, porque, quando eu colocasse minhas mãos em Alex Frankli... senti que lágrimas quentes desciam pelo meu rosto, e não tive vontade de secá-las.

Merda! Era uma mistura de tudo. Raiva, indignação, humilhação, alívio... sei lá. Eu podia matá-lo. Ah, se podia!

– Aqui, Charlotte. Beba um pouco de água – ele disse muito próximo.

Levantei o rosto e encontrei seus olhos preocupados me avaliando.

Que belo filho da puta! Depois de me fazer acreditar que estava transando com outra mulher, que havia desrespeitado a nossa casa, nossa cama... que tinha me trocado... agora estava ali, parado na minha frente como o bom rapaz que era, preocupado com a minha saúde mental, a mesma que ele não teve nenhum cuidado de tentar não foder minutos antes.

– Não quero água. – Afastei o copo. Minha cabeça era uma confusão só. Eu entraria em parafuso, com certeza.

– Charlotte, não seja teimosa – ele disse sem perder a paciência.

– Eu disse que não quero a merda da água.

– Tá. – Alex levantou aborrecido, deixando o copo com água sobre a mesinha de centro. – E o que você quer, então?

Olhei meu marido com ironia. O que eu queria? Contava o que eu queria? Contou alguma vez? Era só: Charlotte faça assim, não seja infantil, comporte-se como uma pessoa madura.

Eu estava cansada! Mesmo assim, respirei fundo e levantei. Sem nada dizer, fui até a cozinha e peguei o litro de tequila que eu sabia estar no armário. Era importada e havia sido comprada há pouco tempo. Provavelmente

após o nosso casamento, pois Alex sabia que eu gostava. Notei que ela estava pela metade e não me importei com este detalhe.

Peguei um copo e sentei em um dos bancos altos da bancada da cozinha. De longe, Aline me acompanhava, se divertindo com a situação, e Alex me olhava sem acreditar no que eu faria.

– Vai beber? – perguntou já me recriminando.

Apenas olhei para meu marido, fazendo minha melhor cara de poucos amigos, e entornei o copo de uma vez só. Senti a garganta queimar, o que foi ótimo, pois não me permitiu pensar em mais nada. Completei o copo, olhei para Alex de novo e, em uma atitude de rebeldia, bebi todo o líquido de uma vez só.

– Essa é das minhas – Aline riu se aproximando.

Pensei que meu corpo não suportaria.

ALEX

– Essa é das minhas.

Vi minha amiga se aproximar de Charlotte e tive medo do que a maluca poderia aprontar daquela vez. Minha esposa, ou ex-esposa, eu já não sabia mais, estava enfurecida. Aliás, somente uma vez vi Charlotte reagir tão mal quando confrontada e foi justamente no dia em que eu disse que não aprovaria o trabalho dela, e então estávamos casados, em crise e eu fazendo mais merdas para destruir o casamento.

Putá que pariu! Ela tinha voltado, não tinha? O que eu estava pensando quando decidi fazer ciúme em minha esposa usando a minha melhor amiga? Por que fui tão inseguro e infantil? E por que droga Peter não ligou avisando que ela finalmente decidiu voltar? Por que me fez acreditar que tudo havia acabado? E... merda! Ela nunca poderia desconfiar do que aconteceu na noite anterior. Eu nunca esqueceria, não havia como, mas teria que lutar com todas as armas para esconder aquela verdade de Charlotte.

Eu não podia perdê-la. Queria entender o que realmente aconteceu. O que ela havia assinado e se sentido relaxada? O porquê de estar ali depois de ter recebido o divórcio. Eram tantas perguntas, mas eu só conseguia me concentrar nela, no enjoo que o cheiro de álcool me causava e na situação em que ela estava se metendo bebendo sem nenhum cuidado.

Não dava para ignorar a ironia da situação.

– Vá com calma, Charlotte.

Ela segurou a garrafa em resposta ao meu pedido.

Seus olhos já indicavam a perda de foco. Merda! Tequila é muito forte, principalmente para alguém como Charlotte. Eu era o maior de todos os exemplos. Respirei fundo e Aline riu. Novamente, Charlotte bebeu de uma vez. Aonde aquilo iria parar?

Merda!

Álcool era a última coisa que eu queria naquele final de tarde.

– Aline – ela começou. – Eu sei que fui grosseira e que tentei quebrar a sua cara em vários pedaços. – A voz começava a enrolar, mas ela ainda estava séria e segura. – E sei que esta não é a melhor maneira de tratar a melhor amiga do meu marido, o que não vai me incomodar nunca mais, já que você é lésbica.

Aline sorriu amplamente e eu fiquei sem graça. O que significava aquilo?

– Mas você poderia nos dar licença?

– Claro! Eu nem podia demorar tanto. Alex, eu só preciso do álbum – falou sem se sentir ofendida.

Aline sempre foi o tipo de pessoa desencanada. Até mesmo quando assumiu sua sexualidade. Ela chegou e disse: sabe a Caroline, aquela garota que você ficou na semana passada? Pois é, fiquei com ela ontem. Assim, sem mais nem menos. Eu gostava dela do jeito que era e até agradeci por não haver interesse de ambas as partes, só achava que assumir este lado lhe causaria problemas.

Até nisso ela se deu bem. Assumiu sem perder sua meiguice, muito menos sua feminilidade, como ela dizia e, poucas vezes, precisei dar uns socos em alguém por tentar humilhá-la ou desrespeitá-la.

Depois ela foi embora para estudar em uma faculdade no Canadá. Trocávamos mensagens, ligávamos sempre que possível. Eu fui visitá-la em algumas oportunidades e ela veio poucas vezes ao Brasil durante esse período. Se apaixonou, sofreu, sumiu por um ano inteirinho e agora estava de volta e cheia de novidades. Estava amando de novo e iam se casar. Sem contar que a garota escolhida estava grávida, ou seja, Aline seria mãe, o que era maravilhoso.

Fui até o meu escritório e peguei um álbum que tinha mandado fazer logo que comecei a carreira no meio editorial. Um acúmulo de fotografias que contavam a nossa infância, adolescência e uma pequena parte depois de adulto, já quase sem a minha amiga, mas com Lana, Patrício e João Pedro, sem contar outros amigos que sobreviveram à nossa jornada de trabalho.

Eu tinha dado um igual para Aline quando a visitei há alguns anos. Ela havia adorado, mas, de uma forma bastante misteriosa, que nem ela mesma

sabia explicar direito, o dela desaparecera, por isso precisava do meu. O cerimonial contratado para realizar a festa do casamento pedira fotos e ela não conseguia pensar em outras que não fossem aquelas.

Era sobre isso que conversávamos quando chegamos em minha casa e encontramos Charlotte me aguardando. Claro que antes, quando nos encontramos na praia, conversamos muito sobre nossas vidas, o que havia mudado, como nos sentíamos, essas confidências que só os amigos entendem.

Lógico que levei um bom tempo contando a minha saga ao lado da mulher com quem escolhi casar. Desabafei mesmo. Conteí, inclusive, sobre Tiffany, sobre as merdas que fiz na noite anterior, sobre a dor que eu estava sentindo com o divórcio.

Minha relação com Aline era assim, podíamos ficar anos longe um do outro, porém, quando nos encontrávamos, era como se nenhum dia tivesse passado. Ela brincava sobre eu ter engordado e eu dizia que ela continuava gostosa, depois ríamos e iniciávamos uma conversa mais madura, onde sabíamos que poderíamos contar sempre com o apoio do outro.

Voltei para a sala em tempo de ver as duas entornando mais um copo. Aline riu e Charlotte encostou a testa no tampo do balcão, já visivelmente alterada. Puta que pariu!

– Está aqui. Tome cuidado, este é filho único de mãe solteira. E eu o quero de volta.

– Deixa de ser fresco. – Tirou o álbum de minha mão já descendo do banco. – Vejo você depois?

– Bem depois. Tenho coisas para resolver.

– Que absurdo. Não se faz mais amigos como antigamente. – Bateu em meu ombro com o álbum e riu.

– Eu cresci, Aline. Tenho responsabilidades.

– Estou vendo. – E olhou discretamente para Charlotte, que encarava o copo sem prestar atenção em nós dois.

– Vou cuidar dela.

– É melhor cuidar. Vai que aparece alguma amiga lésbica... – E riu com vontade.

Eu também dei risada.

Quando adolescentes, eu e Aline nos vimos em uma disputa ridícula por causa de uma garota por quem nem eu nem ela morríamos de amores. Foi infantil, inconsequente e divertido. No final, nós dois conseguimos, e a amizade ficou ainda mais forte. Só que isso não aconteceria com a minha esposa. Além de sermos adultos agora, não brincávamos com nossos sentimentos. Aline respeitava o meu espaço, assim como eu o dela.

– Diga a João Pedro que estou na área. – Ela piscou, andando em direção à porta. – E manda um beijão para a Lana.

Minha amiga tinha uma queda pela minha irmã, o que assustava João Pedro consideravelmente. Nós nos divertíamos muito com isso, e Aline costumava pegar no pé dele todas as vezes que estávamos juntos. Lana, como sempre, se envolvia na brincadeira e deixava o marido furioso.

– Digo, sim. Aquele filho da puta vai ter que pagar os maus momentos que costuma me fazer passar.

– Tchau, Charlotte! – ela gritou da porta.

Minha esposa fez um gesto vago com a mão e simplesmente entornou a garrafa no gargalo.

– Puta que pariu! – reclamei.

– Este é um problema para o superprofessor Frankli – ela brincou, indo embora.

Fechei a porta e encarei a minha esposa. Merda! O que eu iria fazer com Charlotte tão bêbada?

CHARLOTTE

Oh, droga! Eu havia esquecido o quanto tequila era forte. Mesmo depois de um quase porre um pouco antes de Alex ir embora da Inglaterra.

Naquele momento, minha única preocupação era descobrir como fazer as coisas pararem em seu devido lugar. Pisquei várias vezes para conseguir foco e avistei Alex meio distante, me olhando com uma cara estranha. Engraçada, para ser mais sincera.

Procurei o copo e não o encontrei, por isso passei a beber direto da garrafa. Fazer o quê? Minha vida estava uma merda. Eu tinha estragado tudo enquanto me fechava em minha dor. O filho da puta do meu marido conseguiu me fazer ficar pior quando resolveu me fazer ciúme usando a amiga lésbica.

Merda! Eu chamei a garota de vagabunda e disse que qualquer um catava ela na praia. Comecei a rir descontroladamente.

– O que é tão engraçado? – Ele se materializou ao meu lado.

Me assustei com sua aproximação tão súbita, mas consegui segurar a garrafa, que ele tentou tirar de minha mão.

– Eu chamei sua amiga lésbica de vagabunda. – Não vi como ele reagiu ao que eu falei, pois parei para tomar mais um gole. – Disse que qualquer homem poderia catá-la na praia. – E desatei a rir novamente e, ao mesmo tempo, comecei a chorar.

– Você deveria parar de beber. – Ele tentou mais uma vez alcançar a garrafa.

– Não me diga o que devo fazer – rebati irritada.

Uma raiva acumulada durante muito tempo. Uma que apenas eu sabia que existia. Uma que me revoltava e, ao mesmo tempo, me tolhia. E Alex conseguiu alimentá-la.

– Você está sendo infantil mais uma vez. – Sua voz não era dura, embora tenha soado como a de um pai. Ri.

– Por que você não vai para o inferno?

Alex se assustou com a minha resposta.

– Aliás... – Peguei a garrafa e levantei do banco, contornando o balcão, com muita dificuldade, é verdade, mas conseguindo tomar a direção que me levaria até a porta de casa. – Por que vocês não vão todos para o inferno?

– Charlotte!

– Eu quero que você, meu pai, Johnny, Miranda, Lana, Aline, Tiffany, Anita e até mesmo a minha mãe, se explodam e me deixem em paz – gritei, sentindo a cabeça latejar e meu estômago revirar. – É sempre a mesma coisa: Charlotte, não seja infantil; Charlotte, vista-se adequadamente; Charlotte, não fale palavrão; Charlotte, siga este caminho; Charlotte, case; Charlotte, não perca a virgindade. QUE MERDA!

Ele recuou, deixando-me passar. Os olhos assustados não passaram despercebidos por mim, como eu já tinha deixado a fúria transbordar e não dava para voltar atrás. Minhas pernas fraquejaram. Os malditos saltos não colaboravam. Alex conseguiu me segurar a tempo, mas eu me desvencilhei dele e tirei os saltos, jogando-os longe.

– Vocês se acharam no direito de decidir por mim. Desde sempre. Eu era a garota frágil, a garota fraca, a garota boazinha, temente aos pais, que concordava com tudo e com todos. Foi só o que pude ser. Nem mesmo quando me tornei adulta me permitiram escolher. Decidiram tudo o tempo todo. Charlotte pode até fazer faculdade fora, mas terá que levar Miranda e Johnny junto; Charlotte pode ser escritora, mas terá que escolher um marido que possa cuidar da sua vida e da sua herança; Charlotte pode morar sozinha, mas precisa continuar virgem; Charlotte precisa de experiências, mas não serei eu a fornecê-las; Charlotte pode melhorar o livro dela, mas terá que se contentar com migalhas; Charlotte pode perder a porra da virgindade, mas terá que casar em dois dias; Charlotte pode ter uma festa de formatura, mas precisará entender que escolhemos esconder a doença da mãe dela, porque ela não podia escolher desistir dos seus planos; Charlotte pode sofrer a perda da mãe, mas não pode ser infantil e nem escolher o que fazer da própria vida. Charlotte é um grande saco de merda! Uma idiota! Uma cretina! – Chorei e ri ao mesmo tempo sem saber como tantas emoções podiam me dominar.

– Charlotte...

– Não toque em mim. – Solucei, sentindo o corpo inteiro tremer. – Eu estou cansada. Esgotada. O que vocês acham que eu sou? Uma boneca? Uma marionete? Uma pessoa incapaz de tomar as próprias decisões sem que precisem me acusar, me ameaçar, me amedrontar? Acham que podem realmente me acusar o tempo inteiro de infantilidade? De não ter maturidade para encarar as coisas que acontecem em minha vida? Não conseguem enxergar que esta redoma que colocaram ao meu redor, e que até hoje fazem

questão de sustentar, mesmo que disfarçada com ameaças, que no fundo não passam de mais decisões que vocês tomam por mim, apenas me impede de crescer?

– Charlotte, você está alterada. Por que...

– Eu estou sofrendo, merda! – gritei sem permitir que ele me tocasse. – Em pouco tempo, eu descobri que tudo o que construí foram castelos de areia, que na verdade nunca tive nenhum direito sobre mim, que apenas me preocupei em ser a garota que todos desejavam que eu fosse, seguindo o curso, me enganei e me deixei ser enganada.

– Amor...

– E você ainda acha que podia me enganar me fazendo acreditar que tinha um caso com a sua amiga lésbica.

– Dá para parar de falar dela desse jeito?

– Como? – perguntei confusa e precisei me amparar no sofá.

– Como a minha amiga lésbica.

– E não é o que ela é?

– Você a está rotulando, Charlotte! E isso é feio.

Ri da forma como ele falou. Não. Eu gargalhei.

– Ops! A garotinha fez mais uma besteira. Foi mal! – Um arroteo forte chegou até minha garganta e minha cabeça latejou. – Acho que não vou ter direito a sobremesa.

Não olhei para o meu marido, mas tenho certeza de que ele revirou os olhos com a minha rebeldia.

– Você não está em condições de conversar.

– Não, professor Frankli, você não está. Eu não sou uma garotinha que obedece às suas ordens, que endeusa as suas atitudes, que segue as suas orientações, até porque o que vi hoje não te faz mais maduro do que eu.

– Eu também erro, Charlotte.

Ele estava em algum lugar que não pude ver porque meus olhos se fecharam por tempo demais. Até que senti suas mãos em mim.

– Pare com isso, Alex. Sou maior de idade.

– Você está bêbada.

– “Você está bêbada” – desdenhei, repetindo sua fala. – E agora? A garotinha infantil está bêbada, simplesmente porque não suporta mais ser a garotinha infantil.

– Charlotte, venha aqui – ele disse manso. – Deixe-me ajudar – tentou, mais uma vez sem sucesso, pegar a garrafa de minha mão. – Se embebedar não vai ajudar em nada.

– Até parece, Alex Frankli. – Ouvi minha voz e nem acreditei que ela saiu tão embolada. Tentei sair, esbarrei no sofá e acabei subindo nele. – Quer saber? Agora só faço o que eu quero e, a partir de hoje, Charlotte Middleton é uma garota infantil, mimada e rebelde. A imprudente.

– É Frankli – ele me corrigiu, falando um pouco mais alto. – Charlotte Frankli. Você ainda está casada comigo. – Não entendi o porquê da sua afirmação com tanta veemência.

– Estou? – Estreitei os olhos, tentando enxergá-lo melhor. – Oh, estou! Vou me lembrar disso da próxima vez que você mentir para mim, seu traidor! –

Bati em seu ombro quando ele se aproximou, me impedindo de cair do sofá. Nossa, eu estava mesmo tonta.

– Charlotte, eu vou cuidar de você. Venha.

Alex me segurou com força, como quem segura uma criança muito levada. Não tive forças para lutar contra. Meu mundo desmoronava diante de mim e digo isso literalmente, pois eu não conseguia mais sentir o chão, nem enxergar nada corretamente.

– Não preciso que cuide de mim. Não sou mais criança. – Mesmo assim, deixei que ele me abraçasse e assumisse o controle.

– Eu sei que não é – disse com a maior paciência, acariciando meus cabelos e me prendendo em seu peito.

Desta vez, ele conseguiu pegar a garrafa e afastar definitivamente de mim.

– Não sou infantil. – O choro voltou com força. Eu não conseguia mais lutar contra ele.

– Não? – Sua voz pareceu divertida. – Não, você não é. – E começou a me embalar.

– Eu só não sei conduzir muito bem as situações quando estou sob pressão. Foi coisa demais para assimilar. Mal descobri toda a mentira, tive que me conformar com a doença da minha mãe e, logo em seguida, com a sua morte. Você não sabe o que é isso. Não pode saber como dói, como tira o meu chão. Eu sinto a falta dela, Alex.

– Eu sei – sussurrou.

Seu tom amigável e seus dedos acariciando meu couro cabeludo me faziam querer falar sem parar e, ao mesmo tempo, me faziam querer deitar, dormir e esquecer.

– Não, você não sabe.

– Eu sei, Charlotte. Também já perdi uma pessoa importante.

Afastei-me para olhá-lo, exatamente nesta hora aconteceu o que eu deveria saber que aconteceria, no entanto, minhas poucas experiências não me permitiram evitar. Simplesmente, foi mais forte do que eu, me abaixei sem forças, vomitando tudo, inclusive a minha vida, nos pés do meu marido.

Put. Merda!

CAPÍTULO 23

“Os covardes morrem várias vezes antes da sua morte, mas o homem corajoso experimenta a morte apenas uma vez.”

William Shakespeare

ALEX

Deixei Charlotte na cama, depois de fazê-la tomar um banho decente. Lógico que, primeiro, ela conseguiu vomitar na sala, no corredor, na escada, no quarto e no banheiro, sempre com um “Alex, me perdoe por isso”. Era inacreditável.

Mas o que eu poderia esperar de alguém como Charlotte? Abusei da sua capacidade, estiquei a corda até o limite e ainda não sabia se ela tinha partido ou não. Sem contar a enorme merda que fiz motivado pela confusão na nossa comunicação. Ela nunca me perdoaria.

Só chorava, falava da mãe, dizia que ninguém a entendia e que eu tinha ido embora. E, claro, falava da minha amiga incrivelmente linda e lésbica, além de debochada. Também acrescentava que me odiava por tê-la feito acreditar que a estava traindo.

Se Charlotte sequer sonhasse com o que eu havia feito... o pavor me dominava a todo momento. Mas, neste caso, e eu não deixaria de ser um cretino por isso, negaria até que não restasse mais argumentos. Utilizaria tudo o que Tiffany já fora capaz de fazer para nos destruir e confiaria no amor da minha esposa por mim. Era só no que eu poderia me apegar.

Depois de muito chorar, me acusar, tentar se desvencilhar, sem mais nem menos, adormeceu em meus braços, quando eu tentava enxugá-la. Peguei minha esposa no colo, deitei-a na cama e a cobri com um lençol fino. Era a hora da limpeza.

Eu já havia tomado alguns porres, por isso me mantinha longe das vodcas e da tequila, pelo menos até um dia antes, quando fiz a maior de todas as merdas de toda minha vida. Deveria ter impedido que ela bebesse, mas Charlotte parecia sentir atração pelo proibido e ia direto em sua direção, e claro que ela encontrou exatamente a merda da tequila.

Seria cômico se não fosse trágico.

Depois de limpar tudo, apesar de me sentir um merda por ter que fazer este trabalho logo depois de eu mesmo ter feito a mesma coisa e ficado satisfeito, vendo a minha casa limpa e cheirosa de novo, entrei no banheiro e tomei um banho relaxante.

Que merda eu fiz!

Ouvir Charlotte falar tudo o que falou com a ajuda do álcool, cobrar o fato de as pessoas sempre decidirem por ela, me fez enxergar uma realidade completamente diferente. Era a mais pura verdade. Eu tinha feito exatamente isso. Desde que começamos aquela loucura, acabei chamando para mim todas as suas responsabilidades sem que a minha aluna tivesse me pedido.

Era uma necessidade inexplicável de defendê-la, de cuidar dos seus passos... E, assim como os outros, não vi que, na verdade, confiscávamos dela o direito de decidir por si mesma.

O porquê de ter agido assim? Como eu disse: era inexplicável. Principalmente porque Charlotte sempre se mostrou forte, decidida, madura... não foi esta a garota que eu conheci e pela qual me apaixonei? Não foi ela quem disse que conseguiria o seu objetivo e lutou por ele até o final? Então por que eu simplesmente, no seu primeiro momento de fraqueza, decidi que ela teria que amadurecer na marra e a empurrei até o seu limite?

Aliás, cheguei ao meu limite deixando que acontecesse o que aconteceu na noite anterior. Merda! Eu precisava esquecer, deixar passar e me concentrar na volta da minha esposa.

Por que simplesmente não permaneci ao seu lado, aguardando que ela conseguisse se encontrar e retomar a sua vida? Não havia sido assim comigo? De quanto tempo eu precisei? A única diferença é que, na época, eu tinha 17 anos, e não 21. Mesmo assim, comparando a minha vida com a dela, nada mais natural alguém como Charlotte ter o mesmo comportamento adolescente que tive mesmo estando em fase adulta, afinal de contas, ela vivia em um conto de fadas.

Porra!

Desliguei o chuveiro, coloquei shorts soltos e deitei-me com ela. Charlotte parecia morta, fria, dormindo como uma pedra, sem nem se dar conta da minha presença. Abracei seu corpo frágil e adormeci.

CHARLOTTE

Todos os sentimentos e dores chegaram ao mesmo tempo. Este é o preço da tequila. Você bebe para esquecer, suportar, relaxar, se divertir, e depois paga caro. Eu sempre soube, só nunca havia sentido. Não com tanta precisão. Então meu corpo despertou antes mesmo que estivesse preparado para isso.

Se houvesse um paraíso para os bêbados, este seria um lugar onde você dormiria até que seu organismo se restabelecesse, vinte e quatro horas, por exemplo, sem precisar sentir a dor de cabeça, a boca seca, o gosto de cabo de guarda-chuva na garganta, a dor de estômago e a ânsia de vômito. Não sentiria nada. Se recuperaria durante o sono e, quando acordasse, precisaria se preocupar somente com o que fez ou o que deixou de fazer por conta da bebida, pois não tem como ser absolvido de todos os pecados de uma tacada só.

Por isso, de repente, eu me dei conta de que o enjoo era muito mais forte do que o sono, e que a dor de cabeça com certeza me mataria. Abri os olhos para o quarto escuro por causa das cortinas fechadas. Ainda consegui alguns segundos para me situar.

Alex... Aline... Tequila... Puta merda!

E então me dei conta do seu braço pesado sobre a minha cintura e da sua respiração bem pertinho de mim. Eu estava em casa, na cama, com Alex. Merda! O que tinha acontecido?

Não consegui ficar muito tempo pensando. A vontade de vomitar foi mais forte do que qualquer necessidade de respostas. Corri para o banheiro sem a certeza de que conseguiria chegar, mas consegui. Abri a tampa da privada e despejei até a minha alma lá dentro. No mesmo instante, minha cabeça latejou e meu estômago protestou com a falta de algo para colocar para fora.

Logo, mãos fortes estavam em minha cabeça. Sim, eu não conseguia mais sustentá-la, corria o risco de enfiá-la na privada e morrer afogada no vômito. Mas aquelas mãos estavam lá. Seguraram meu cabelo para trás e sustentaram meu corpo até que estivesse mais calmo.

– Vá embora, Alex – reclamei.

Quem, em sã consciência, deixaria um homem como Alex Frankli assistir a um espetáculo bizarro como aquele?

– Não quero você aqui – tentei fazer com que ele me soltasse e fui surpreendida com mais vômito.

– Não é hora para orgulho, Charlotte.

Não consegui responder. Minha cabeça doía muito e meu estômago protestava, então me vi chorando baixinho, sem conseguir evitar.

– Merda!

Ele riu de maneira carinhosa.

– Se quer se embriagar, precisa aprender primeiro.

– Desculpe, perdi essa aula na faculdade.

Ele riu outra vez.

– Você perdeu muita coisa, menina – afirmou pensativo enquanto me levantava do chão frio do banheiro, ajudando-me a caminhar até a pia para lavar a boca e o rosto.

Meu corpo parecia feito de gelatina e eu me senti um bebê nas mãos dele.

Alex abriu a torneira. Peguei água e lavei a boca, jogando um pouco em meu rosto, que estava pegajoso com o suor devido ao esforço. Olhei minha imagem no espelho enquanto ele me passava um copinho de enxaguante bucal. Gemi ao constatar que estava incrivelmente horrível. Minha pele estava verde, olheiras estranhas em meu rosto, minha boca roxa e meu cabelo... nem quero comentar.

– Vai passar – comentou enquanto eu colocava o líquido ardente na boca.

Cuspi e não voltei a me olhar. Já tinha visto demais.

– Como está se sentindo?

– Péssima. Se pudesse, não olharia nunca mais para você.

E não olhei mesmo. Minha vergonha era imensa. Eu tinha feito todas as bobagens que uma mulher poderia fazer na vida. Deveria até me arriscar a escrever o livro *Como fazer o seu marido te detestar em 30 dias* e, nele, eu deveria incluir o pedido humilhante para que ele tirasse a minha virgindade e a cena que entraria para o *top five* quando eu vomitei em seus pés. Era tudo com o que uma garota poderia sonhar.

Dei as costas e praticamente me arrastei de volta para a cama, e só então me dei conta de que estava completamente nua. Puta que pariu! Dava para apagar as horas anteriores da minha vida?

Puxei o lençol, me perguntando por que não reparei em minha nudez quando me olhei no espelho? Vá entender! Voltei a deitar e a me cobrir, escondendo o rosto e desejando morrer naquele momento. Tudo em mim doía.

Depois de um tempo, completamente coberta e escondida do mundo, o silêncio começou a ficar estranho. Onde Alex estava? Puxei o lençol bem devagar, com medo do que poderia encontrar.

Ele estava lá, sentado na poltrona, os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos escondendo o rosto. Não sabia se ele estava sofrendo ou cansado. Cansado era o mais provável, já que, com certeza, eu dei mais trabalho do que facilitei as coisas quando decidi encher a cara. Droga!

– Está muito aborrecido comigo? – perguntei baixinho, tomando cuidado para que minha própria voz não vibrasse dentro da minha cabeça.

Alex levantou o rosto e me encarou. Depois sorriu sem muita vontade.

– Eu pensei que você estivesse aborrecida comigo.

– Por que pensou isso?

Ele hesitou, respirou fundo, os olhos expressando uma culpa que, eu sabia, seria difícil de remover.

– Porque você disse que, se pudesse, não olharia mais na minha cara. – E me encarou com um misto de tristeza, cansaço e ansiedade. – Olha, Charlotte...

Minha cabeça latejou e precisei fechar os olhos para suportar. Ao mesmo tempo, meu estômago doeu tanto que pensei que alguma coisa estivesse me rasgando de dentro para fora. Tenho certeza de que, de verde, passei para branco papel.

– Acho melhor buscar um “kit ressaca” para você – ele disse, levantando.

– Kit ressaca?

– Volto logo. Por enquanto, o melhor a fazer é ficar deitada e quietinha.

Alex saiu e eu me deitei novamente. Ele estava triste porque eu disse que não queria mais olhá-lo? Eu não disse isso. Pelo menos não com este sentido. Droga! Minha cabeça doía demais. Eu falei porque estava me sentindo péssima por estar tão acabada na frente dele e, principalmente, porque, apesar de tentar corrigir as coisas, eu sempre fazia cada vez mais merda.

Depois de um tempo, ele voltou, trazendo uma bandeja. Deixou-a na poltrona e se aproximou para me ajudar a sentar na cama, colocando uma almofada grande e grossa em minhas costas. Sorri sem graça. Como eu poderia desejar que ele me visse como uma mulher se sempre o fazia cuidar de mim como uma criança? Alex pegou a bandeja e colocou em meu colo.

– Remédio para dor de cabeça, para enjoo, um *sprite*, água e café.

– *Sprite*? Refrigerante de limão? – argumentei em dúvida, afinal de contas, era um refrigerante em um estômago acabado.

– Um santo remédio para ressaca.

– E eu vou ficar boa tomando isso tudo?

Ele sorriu com mais entusiasmo.

– Primeiro: você não está doente, está de ressaca. Segundo: não. Vai apenas aliviar os sintomas.

Fiz uma careta, sentindo meu estômago protestar.

– E terceiro: é importante repor a água e os sais minerais que está perdendo.

– Você tem muita experiência em ressaca, hein?

Coloquei o primeiro comprimido na boca e o engoli com a água.

– Tenho, sim. Só que a minha rebeldia se manifestou na adolescência.

Me encolhi com a acusação e ele pareceu envergonhado. Era uma reação estranha em Alex.

Aproveitei o momento constrangedor e engoli o restante do que ele tinha levado. O tempo todo, achei que não conseguiria chegar ao final. O café, especialmente, quase me fez vomitar de novo. Estava amargo.

– Agora deite-se. Quando se sentir melhor, eu preparo um banho.

– Vai demorar para passar?

Ele me deu um olhar carinhoso.

– Um pouco. Imagino que, como você não tem o hábito de beber, deve demorar um pouco além do normal.

Fiz outra careta e deitei assim que ele retirou a bandeja do meu colo.

Dormi alguns minutos depois, quando o “kit ressaca” começou a fazer efeito.

ALEX

Eu estava na cozinha, preparando o almoço. Algo leve, para não sobrecarregar o estômago dela. E minha cabeça não parava de martelar. Estava tudo tão estranho! Charlotte parecia não querer me afastar, mesmo assim, disse que preferia nunca mais olhar na minha cara. E ainda havia as lembranças.

Claro que ela lembrava que era ridículo acreditar em algum envolvimento meu com Aline. Então do que se tratava? Será que o fato de eu ter vindo embora a machucou tanto assim? Não. Do contrário, não teria me aguardado voltar para casa. Será que ela tinha recebido os papéis do divórcio? Foi isso que Peter quis dizer, que ela ficou animada em corrigir a nossa situação, e eu acabei interpretando errado? Será que ela notara algo diferente no quarto? Algum sinal deixado por Tiffany?

Porra! Nem me dei ao trabalho de tentar encobrir qualquer pista. Estava tão ferido e magoado que ignorei os rastros, e agora Charlotte estava lá, deitada na mesma cama em que... Droga! Eu não podia me sufocar mais com este pensamento.

E Peter, que não ligava nem atendia o celular?

Não sabia o que fazer, o que poderia cobrar ou até mesmo como iniciar nossa conversa. Eu me sentia um menino perdido, quando, na verdade, deveria ser o maduro daquela relação e ter o controle.

Desliguei a panela com a sopa, tirei as torradas do forno, coloquei tudo em uma bandeja e subi para acordá-la. Charlotte já dormira demais. Passava de uma da tarde e ela só tinha ingerido um copo com água, refrigerante e uma pequena xícara de café.

Assim que cheguei ao quarto, encontrei a cama vazia. Fiquei meio assustado, embora soubesse que ela não poderia ter ido embora, então, após depositar a bandeja na poltrona, fui até a porta do banheiro e ouvi o som da torneira.

– Charlotte, está tudo bem?

– Não! – Sua voz fraca conseguiu chegar até mim, deixando-me ainda mais preocupado. – Estou me sentindo um lixo – ela disse, abrindo a porta e saindo do banheiro.

Estava enrolada na toalha, os cabelos molhados, descendo pelos ombros. Um pouco abatida com uma expressão de dor. Andou até a cama e sentou nela.

– Minha cabeça vai explodir – reclamou, choramingando.

– Você precisa se alimentar. Depois que tomar a sopa, eu pego mais um comprimido para dor de cabeça. – Fui em busca da bandeja.

– Posso te acusar de não ter me impedido de beber enquanto podia?

Respirei fundo antes de virar para ela.

– Dentre tantas coisas das quais você pode me acusar, a que menos me abalaria seria esta.

Ela se acomodou e eu coloquei a bandeja em seu colo.

Peguei uma colherada da sopa e levei em sua direção. Charlotte não protestou. Ela me olhava atentamente e aceitava o que lhe dava em silêncio. Às vezes, pegava uma torrada e comia bem devagar, corando com algum pensamento que eu nunca descobriria.

– Por que você acha que eu posso te acusar de muitas coisas? – indagou enquanto eu levantava para retirar a bandeja da cama.

Outra vez, respirei fundo, pensando no que poderia dizer. O que realmente deveria confessar estava fora de cogitação.

– Não sei, Charlotte. – Desviei o olhar sem saber realmente o que dizer naquele momento. – Coloquei suas malas no *closet*.

– Ah! Certo! Eu tenho que arrumá-las. Pegar o que vou precisar.

Olhei minha esposa e meu coração acelerou. Ela iria embora? Tinha realmente acabado?

– Eu acho que... – Engoli em seco. – Acho que precisamos conversar, Charlotte. – Tomei coragem e a encarei.

Ela parecia tão nervosa quanto eu.

Charlotte arrumou a toalha no corpo e se ajeitou na cama, se posicionando de maneira mais confortável. Se é que existia uma posição mais confortável em uma situação como a nossa. Eu pretendia começar a falar, explicar minha atitude, o motivo de ter ido embora, de ter pedido o divórcio, porém minha esposa começou a falar, calando-me completamente.

– Alex, sei que tenho sido difícil. Que não fui muito justa com você, com o nosso relacionamento. Sei que tenho levado nossa relação ao limite, desgastando-a antes de ela começar. Não sei como me justificar, apesar de achar que meus motivos são justos. Em pouco mais de um mês, vi minha vida girar descontroladamente, sem me dar a chance de me agarrar em alguma coisa. Eu queria dar conta de tudo e não pude. Também não vou ficar aqui me desfazendo em desculpas, pois já repeti isso tantas vezes que até eu já estou cansada de ouvi-las. Também não tenho mais esperança de que alguém me compreenda.

– Eu compreendo – disse, segurando sua mão. Estava aliviado.

Ela não se afastou.

– Não, você não compreende, Alex. Você me ama, é o meu marido e, como tal, se sente na obrigação de fazer isso, mas nunca vai entender o que eu estou sentindo.

– Eu compreendo – falei firme, olhando em seus olhos. – Mas não é porque compreendo que vou me calar e ficar do seu lado assistindo a sua ruína. Sei o quanto a dor nos paralisa, sei o quanto é difícil ser jogado em uma realidade que sequer sonhávamos. Acredite em mim: eu sei. Só que, se eu simplesmente aceitasse e ficasse calado, permitindo que você vivesse a sua dor,

talvez agora ainda estivesse naquele estado catatônico e vegetativo. Sempre precisamos de alguém para nos dar um choque de realidade. Desculpe por ter sido eu.

Ela sorriu e mordeu o lábio inferior, movendo os dedos contra os meus. Senti como se a nossa conexão estivesse voltando. Como se Charlotte finalmente estivesse de volta para mim, infelizmente, não havia como ter esta certeza. Não ainda.

– Quanto ao divórcio...

– Divórcio? – ela me interrompeu com o olhar confuso.

E só aí me dei conta. Charlotte não sabia, não havia recebido o fatídico documento. Fiquei perdido, sem saber o que fazer, o que dizer.

– Charlotte...

– Você pediu o divórcio? – Ela se afastou e me encarou com ansiedade.

– Não! Quer dizer... – Olhei para a minha esposa e decidi que uma mentira era mais do que o suficiente para o nosso relacionamento. Nenhuma mais. – Eu queria chamar a sua atenção. O tempo estava passando, você não voltava...

– Você quer o divórcio? – Seus olhos marejados fizeram meu coração acelerar.

– Não quero – avancei, ficando mais próximo dela e voltando a segurar sua mão. – Eu me sinto perdido, Charlotte – confessei. – Não estou preparado para uma separação. Não estou preparado para te perder. Nosso casamento pode ter sido uma loucura, devido às circunstâncias, pode ter sido precipitado para você, mas eu nunca me arrependi. Nunca achei que foi um erro, porque nunca duvidei dos meus sentimentos.

Ela levantou o rosto e me encarou muito séria.

– Talvez eu não seja a mulher ideal para você.

– Charlotte... – ia começar a contestar, mas ela me calou, colocando a ponta dos dedos em meus lábios.

– Eu sei que ainda não sou. Já tivemos provas demais disso. Mas quero ser. Quero aprender a merecer o seu amor.

Sorri, fechando os olhos para melhor saborear o que aquelas palavras causavam em mim.

– Me perdoe por não ser o suficiente e, por favor, permita que eu possa tentar mais uma vez.

– Eu amo você – disse emocionado.

– E eu amo você demais, Alex!

Beijei Charlotte, permitindo que todo meu ser reagisse a ela. Minha esposa se entregou ao momento também, gemendo baixinho quando nossos lábios se encontraram. Ela se levantou, sem desfazer nosso beijo, sentando-se em meu colo, cruzando as pernas em minha cintura. Corri as mãos em suas coxas, subindo pela lateral até alcançar sua bunda.

Deus, como pude confundi-la? Como pude me condenar a uma miséria tão grande? Como não reconheci seu corpo, seu cheiro... O tesão que eu sentia por Charlotte jamais deveria me deixar seguir em frente com outra mulher. Infelizmente, não foi o que aconteceu.

Apesar de estar com a mulher que eu amava nos braços, nua, com apenas uma toalha entre nós dois, com seu corpo colado ao meu em uma entrega deliciosa, eu sabia que ela não estava em condições. Ou talvez eu não estivesse em condições. A culpa me consumia.

– Não posso abusar de você – falei ao abandonar seus lábios.

– Por favor, abuse! – ela sussurrou em uma súplica que mais parecia música aos meus ouvidos.

Voltamos a nos beijar com mais intensidade. Eu precisava esquecer. Tirar da minha mente as lembranças. Merda, era ela se esfregando vagorosamente em mim. Como uma dança sensual. Minhas mãos vagavam pelas suas costas, puxando-a em direção a minha ereção, que já pulsava dolorida, dentro da bermuda. Sim, eu desejava Charlotte, apesar de tudo.

Droga, eu sentia falta de sexo. Sexo com Charlotte, logicamente. Não o que havia ocorrido com Tiffany, onde a lembrança era apenas da parte mais sombria, e não da prazerosa. Se é que foi prazerosa em algum momento.

Tinha ido embora da Inglaterra deixando a mulher que amo para trás, mas deixei para fazer isso depois de transarmos, e esta foi a minha ruína porque, quando fechava os olhos, minhas lembranças não traziam uma Charlotte frágil e chorosa, me pedindo para ficar. Eu sempre pensava nela embaixo de mim, se entregando ao prazer, me dando todo o seu amor.

Nem preciso dizer que isso me enlouquecia. Eu dormia e acordava duro. Por duas vezes, precisei de alívio, de me masturbar como um adolescente, e confesso que foram as duas vezes que mais senti raiva da minha esposa. Era para ela estar lá comigo e não tão distante, presa a seu sofrimento. Então passava o dia fodido. Talvez este tenha sido um dos fatores que me fizeram deixar acontecer com Tiffany. Era lamentável.

Mas ali, com ela deliciosamente se entregando, me pedindo para fazer o que quisesse com ela... Puta que pariu! Eu era louco por aquela menina! Com cuidado, levantei Charlotte pelas coxas, deitando-a no colchão. Retirei a minha camisa e a toalha que a cobria. Admirei seu corpo perfeito, seu rosto corado... eu adorava a forma como ela ainda corava ao ficar nua na minha presença.

Passei a mão pela sua coxa, subindo um pouco mais, adorando senti-la prender a respiração. Charlotte também sentia minha falta, disse eu nunca duvidei. Naturalmente fogosa, minha esposa nunca decepcionava. Estava sempre pronta, sempre com vontade, sempre disposta e ansiosa.

Mais uma vez, foi impossível não me culpar pelo ocorrido. Eu vi as diferenças nos corpos delas duas, senti o tempo inteiro a dúvida me cercar, mesmo assim, me deixei levar, me permiti acreditar que era ela de volta e, com isso, cometi aquele erro absurdo. Ainda não me conformava. Como eu poderia desejar algo diferente? Como me permiti enganar?

Deixei que meus dedos brincassem com seu sexo, incapaz de não compará-la. Fechei os olhos, tentando me controlar. Eu sentia raiva de tudo, mas precisava deixar acontecer, recuperar minha vida com Charlotte e manter o passado longe de nós dois. Por isso, me forcei a continuar esfregando os dedos no sexo dela e arrancando os seus gemidos que me convenciam cada vez mais do quanto fui um idiota. Já estava no meu limite e Charlotte também, a umidade que consegui capturar a deixava incrivelmente mais gostosa. Gostosa ao extremo.

Inclinei-me sobre ela, tomando um dos seios na boca. Desta vez, no tamanho correto, com todas as semelhanças que eu recordava. Ela gemeu abertamente. Mordisquei, lambi, chupei até que ele estivesse rijo, bem arrepiado na ponta da minha língua. A sensação era indescritível. Maravilhosa.

Puxei a bermuda para baixo, ciente de que era uma necessidade vital penetrá-la. Unir os nossos mundos, fundir nossos corpos, sentir que tudo voltava ao normal, que ela era outra vez minha. Só minha. Assim como eu era apenas dela.

No mesmo instante, o pânico me invadiu. Tiffany. Nós não havíamos nos prevenido. Não usamos camisinha. Olhei para Charlotte, que começava a abrir os olhos, estranhando meu comportamento, deitado sobre ela, encarando o seu

rosto, com medo do que mais aquele deslize poderia destruir do meu mundo. Eu não podia fazer isso. Não com Charlotte.

No entanto, como dizer que precisávamos usar camisinha se nunca usamos antes? Se este era o nosso maior vínculo? Se nos orgulhávamos de confiar um no outro a esse ponto? Droga!

– O que foi?

Encarei seus olhos, sentindo meu coração afundar. As palavras não saíam. O que eu poderia dizer?

– Alex? – ela insistiu.

Pisquei várias vezes e me afastei um pouco.

– A injeção – comecei a formular a desculpa em minha mente, rezando para que Charlotte não se sentisse mal com o assunto ou com a minha recusa.
– Você perdeu a data outra vez?

E, pela primeira vez, comecei a rezar para que a mente da minha esposa continuasse confusa e distraída como sempre. Ela corou, mordeu o lábio e eu quase agradeci aliviado. Eu não merecia, mas Deus ainda estava do meu lado.

– Esqueci, desculpe. – Charlotte se moveu incomodada. – Não podemos...

– Vamos usar camisinha.

Eu já estava levantando quando ela segurou em minha mão.

– Camisinha?

Vi em seus olhos que aquela não era a melhor opção. Charlotte sabia que eu não gostava de ter o preservativo entre nós dois, e ela não era uma garota burra. Lógico que estranharia. Deitei outra vez sobre ela e beijei seus lábios com cuidado, pedindo perdão intimamente por ter sido tão canalha.

– Não acho que seja o melhor momento, amor. Você ainda não está pronta para engravidar. – Ela deitou e encarou o teto, visivelmente contrariada.
– Você quer isso?

– Você não?

Levei longos segundos para responder.

Porra! Lógico que eu queria. Eu queria tudo o que fosse possível com aquela menina, mas não daquela forma, não colocando a saúde dela em risco.

– Eu quero, só acho que não é o momento. Você ainda está se recuperando, temos o lançamento do seu livro, adaptação à vida de casado, não podemos...

Ela colocou um dedo em meus lábios, me calando.

– Tudo bem. Vamos usar camisinha. – Mas não havia tanta certeza em sua voz.

– Charlotte!

– Nunca usamos, Alex. Eu só estou estranhando, mas a culpa é minha.

Merda! Era terrível deixá-la acreditar que era culpada por estarmos estragando nossa intimidade.

– Vamos agendar uma consulta. – Segurei sua mão e beijei com carinho.
– E eu vou ficar responsável por te lembrar todos os meses, combinado?

Ela concordou e sorriu de leve.

– Vamos encarar isso como uma oportunidade para que conheça mais alguns brinquedinhos.

– Brinquedinhos?

– Já volto.

Saí da cama, indo para o *closet*. Eu precisava da gaveta de brinquedinhos, lá havia uma variedade interessante de camisinhas. Peguei a gaveta e levei tudo para a cama. Charlotte estava coberta com o lençol, me encarou meio sem graça enquanto eu a deixava ver tudo o que possuíamos.

– Aqui. Temos muitos tipos de camisinhas. Muita variedade.

Ela arqueou uma sobrancelha, me encarando.

– Variedade?

– Usar camisinha também é divertido. – Beijeí seu pescoço, fazendo-a ceder e esquecer o problema. – E prazeroso.

– Vamos ver.

– São essas. – Separei um monte de pacotinhos para que ela não perdesse tempo atizando a curiosidade com outros acessórios. – Temos com sabores: morango, uva...

– Sabores? – Ela riu.

– Sexo oral. Com pessoas estranhas, é bom não arriscar. Veja essa – Peguei uma que oferecia a promessa de ser retardante.

– Não! – Foi categórica e eu entendi a sua ansiedade.

Deixei minha esposa se aventurando com o que tínhamos na gaveta e aproveitei para alisar o seu corpo. Como eu sentia a sua falta! Corri as mãos em suas costas, conferindo a magreza devido ao sofrimento. Sua pele ficou arrepiada, deixando-me ainda mais excitado. Puxei o lençol e acariciei seus seios. Ela fechou os olhos e mordeu o lábio.

– Já escolheu? – Continuei acariciando seus seios, sentindo um tesão enlouquecedor.

– O que é isso? – Ela me mostrou um objeto.

– Uma capa peniana com reservatório. – Beijeí outra vez seu pescoço e desci em direção aos seios.

– É uma camisinha? E essas bolinhas.

Levantei. Charlotte era curiosa demais para esquecer aquilo.

– Capa peniana possui estas saliências que servem para atíçar os pontos sensíveis da vagina. Esta aqui possui o reservatório que serve para que não precise ser retirada e trocada por uma camisinha comum, então exerce esta função também.

– Você gosta?

– Gosto. Mas não acho que seja para agora. – Tirei da sua mão e coloquei de volta na gaveta.

– Por que não?

Ri. Aquela, sim, era a minha Charlotte.

– Porque ela aumenta o diâmetro do pau, Charlotte. Você ainda é muito apertada e eu... – Inclinei a cabeça para que ela entendesse.

Minha esposa corou significativamente.

– Você precisaria de uma dose extra de estímulo e, ainda assim, tenho certeza de que vai acabar machucada.

Ela apenas concordou, sem me encarar de fato.

– Vamos usar esta. – Segurei uma e coloquei a gaveta no chão.

Ela deitou de volta.

– Como é esta?

– Tem uma função que você gosta. – Comecei a abrir o pacotinho.

– E qual seria?

– Ela esquenta e esfria por um tempo.

Seu sorriso tímido me encantou.

Desenrolei a camisinha em meu pau sob o seu olhar atento e ansioso. O gelo previsto me fez fechar os olhos e gemer. Era mesmo gostoso. Acariciei meu membro e, com a outra mão, brinquei com o clitóris de Charlotte. Ela gemeu, se entregando, e suas pernas relaxaram, abrindo-se um pouco mais.

Deitei sobre ela e, sem esperar nem mais um segundo, me encaixei entre suas pernas e me enfiei em seu sexo. Charlotte arfou, sentindo o gelo que a camisinha nos proporcionava.

– Ah, Alex! – Ela se contorceu embaixo de mim e mordeu o lábio involuntariamente.

– Frio?

Ela concordou com a cabeça.

– Vamos esquentar então.

Comecei a me movimentar, ciente de que as estocadas fariam com que a camisinha trocasse o frio pelo calor. Para variar, antes de conseguir consumir o ato, a campainha tocou.

Por que tinha que ser sempre assim?

CAPÍTULO 24

“As pequenas mentiras fazem o grande mentiroso.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Oh, Deus! Eu estava tão ansiosa, tão necessitada que poderia gozar apenas com suas carícias em meus seios. Quando Alex puxou a bermuda e eu pude sentir seu pênis roçando a minha entrada, sorri largamente pensando que a vida não poderia ser mais generosa comigo.

No entanto, a história da camisinha me desconcertou. Também, com tantos problemas, a doença e a morte da minha mãe, o medo de deixar meu pai sozinho, o afastamento de Alex... Putz! Era impossível me lembrar de uma merda de injeção de anticoncepcional.

O que me deixou mais incomodada foi que, lá na Inglaterra, quando transamos pela última vez, Alex não pareceu incomodado, nem temeroso em relação a gravidez. Então, depois de tanto tempo separados, ele simplesmente conseguiu ser mais forte do que a saudade e foi racional. Isso realmente me intrigou.

Alex não queria que eu engravidasse porque não confiava mais em mim. Não tinha mais tanta certeza da nossa relação nem podia contar com uma pessoa inconstante como eu. Isso me doeu, mas, o que eu poderia esperar? Que ele me recebesse de braços abertos, que continuasse passando a mão em minha cabeça?

Então, decidida a não ser mais a garotinha infantil e demonstrar a ele que poderíamos, sim, voltar a acreditar naquele relacionamento, coloquei as dúvidas e receios de lado e concordei com o uso da camisinha. E a escolha não poderia ser a mais perfeita, apesar de eu ter ficado realmente interessada naquela capa peniana. Se, sem os carocinhos, já era espetacular, imagine com aquilo tudo tocando todos os lugares ao mesmo tempo?

O friozinho da camisinha, que gelava como o gel que tínhamos experimentado certa vez, fez meu corpo entrar em um estágio que me impedia de raciocinar. Caraca! Eu amava todas as novidades que meu marido me apresentava, mesmo que fosse uma camisinha.

Senti meu corpo sendo preenchido, o gelo se espalhando, ganhando espaço no corpo quente e fazendo minhas terminações nervosas entrarem em parafuso.

Aí a campainha tocou.

Merda! Segurei meu marido, agarrando as suas costas para mantê-lo sobre mim. Não dava para parar. Não dava para esperar até que, quem quer que fosse lá fora, entrasse, conversasse e saísse. Tinha que ser naquela hora, naquele minuto e naquele segundo.

Alex me olhou atentamente, entendendo o que eu disse sem utilizar palavras. Então, beijando meus lábios com doçura, ele deslizou para dentro de mim, fazendo-me arfar. Foi tão gostoso que todo meu corpo ficou arrepiado. Gememos fortemente.

A campainha tocou novamente. Ele gemeu, mas continuou se movimentando, entrando e saindo, sem muita urgência e com muita vontade. Aproveitando cada investida, saboreando cada contato. Cruzei minhas pernas em sua cintura, dando-lhe mais espaço e me deleitando com suas investidas. Alex entrou mais duro, levantando o corpo para observar seus movimentos.

Uma onda de calor me percorreu. Sim, o gelo cedia e eu já conseguia sentir aquele fogo que esquentava tudo por dentro. A luxúria me lambia enquanto eu era observada por aqueles olhos quentes. Senti-me viva.

Quem estava do lado de fora continuava insistindo. Alex se afastou, parando as investidas e olhando para a janela.

– Não pare – implorei, tocando em seu rosto, trazendo-o de volta para mim. – Não pare, Alex!

Ele piscou algumas vezes e, como se estivesse acordando de um sonho muito bom, sorriu lindamente e voltou a me beijar. Senti seu sexo entrando até o limite e arfei, achando que nunca, em momento algum da minha vida, algo foi tão gostoso quanto transar com Alex Frankli.

E ele era meu. Todo meu e só meu. Nada de amigas lésbicas, de mulheres fácies da praia nem colegas de trabalho... Alex era apenas meu e nada mais importava.

A campainha insistia. Quem estava lá fora não desistiria e estava cada vez mais insistente. Pensei que Alex não suportaria a pressão, porém ele simplesmente ignorou o mundo e construiu uma bolha para nós dois. Agarrei-me a esta oportunidade, deixando que tudo ficasse de fora, me concentrando apenas em nós.

– Charlotte, que saudade!

Distribui beijos apaixonados em meu rosto, descendo até alcançar meus seios, dedicando-se a eles. Gemi sem nenhum pudor, esfregando-me no homem que eu amava e que, naquele momento, desejava somente ser tudo para mim, assim como eu desejava ser tudo para ele.

Nosso ritmo foi aumentando à medida que nos entregávamos. Ele arremetia e eu me movimentava para melhor recebê-lo e expulsá-lo, deixando

que a sensação de prazer varresse cada centímetro de nossos corpos. Ele se fartava em meus seios e pescoço, brincando com suas mãos grandes e famintas, que deslizavam em minha pele, deixando rastros de fogo puro.

E, quando eu percebi que a ansiedade que crescia em meu ventre explodiria se espalhando por cada parte minha, abracei seu tronco, puxando-o para mim e gemendo, para que ele entendesse que estava no meu limite.

– Oh, Deus! Charlotte! – ele gemeu em meus lábios e se entregou também.

Gozamos juntos, colados. Todo o meu corpo se fragmentou, espalhou, flutuou e depois voltou, se solidificando nos braços do meu eterno professor. Ele arfou com o rosto enterrado em meu pescoço, ainda se movimentando lentamente, como se quisesse arrancar de si mesmo a última gota de prazer, como se não pudesse deixar escapar nada.

Respirei fundo, sentindo minha boca seca. O leve enjoo ainda estava lá, mas quem se importava? Eu estava com Alex. Ele levantou a cabeça, buscando meus olhos, e sorriu. Tão lindo! Levemente corado e suado pelo esforço. O cabelo bagunçado, os olhos azuis penetrantes. Era a visão da perfeição.

– E a dor de cabeça? – Acariciou meus cabelos sem desfazer o nosso contato visual.

– Vai passar.

Ele sorriu ainda mais largo, encostando os lábios nos meus, então a campainha tocou não apenas uma vez, a pessoa que queria entrar esqueceu o dedo nela, fazendo um barulho infernal que, rapidamente, fez com que o meu marido levantasse. Todo o meu corpo sentiu o vazio que era estar longe dele.

– Quer apostar quanto que é Lana? – disse, pegando a bermuda no chão do quarto. – É melhor eu descer ou ela vai arrombar a porta.

Ele vestiu a cueca, a bermuda e já estava colocando a camisa quando parou para me olhar, deitada, nua, apenas observando a paisagem, sem nenhuma vontade de fazer o social.

– Você não vai descer? – Havia certa dúvida em suas palavras.

Olhei para Alex e meu coração se encheu de amor. Ele tinha medo do que eu faria em relação a nós dois.

– Deixar de recepcionar a minha cunhada? De forma alguma.

Ele sorriu amplamente, me deu um selinho dizendo:

– Vejo você lá embaixo.

A campainha continuava tocando.

– Ela vai saber que você estava transando – avisei ao constatar que ele continuava com a cara de quem havia gozado bem gostoso, o rosto corado e suado, além dos cabelos bagunçados.

– É bom que saiba o que atrapalhou – ele disse antes de sair pela porta e sumir no corredor.

Sorri como uma boba e me joguei no colchão, sentindo-me uma adolescente que beijou o garoto dos seus sonhos pela primeira vez. Precisei morder o travesseiro para conter minha euforia, depois, colaborando com o que Alex tinha dito, vesti uma calcinha, uma camisa solta do meu marido e um shortinho. Deixei o cabelo amassado, o rosto corado e a pele levemente suada. Tinha certeza de que nossos corpos cheiravam a sexo e adorei este detalhe.

– Não é justo você me deixar tanto tempo lá fora. Está chovendo – ela bradava e eu conseguia ouvir mesmo estando ainda dentro do quarto. Sorri. – Sabe o quanto eu estou preocupada. Você não está nos seus melhores dias, Alex.

– Eu estou ótimo, Lana – meu marido respondeu, mantendo o tom calmo. Apesar de não poder vê-lo, podia jurar que ele sorria.

– Ótimo até demais – João Pedro completou com seu tom debochado.

Um silêncio tomou conta do ambiente por alguns segundos, até que Lana recomeçou.

– Não acredito nisso. O que estava fazendo? Meu Deus, Alex! E Charlotte? Você é um cretino! Não consigo acreditar!

– Fale baixo, Lana – meu marido a interrompeu.

Mais silêncio e então ela falou ainda mais alto.

– Dá para parar de me olhar assim? O que estava fazendo? Não. Não fale. Dá para saber só de olhar para você. O que é isso? Disputa de ego? Charlotte passa por uma fase ruim e o que você faz é se divertir? Sinceramente, não acredito que seja meu irmão. Minha vontade é de...

– Lana, seja coerente – João Pedro tentou apaziguar, mas sua esposa estava bastante nervosa.

Desci as escadas lentamente, sem fazer barulho, e os vi na sala. Alex estava de pé, próximo ao sofá. Ele não parecia nervoso nem nada parecido, já Lana... Nossa! Ela andava de um lado para o outro e apontava para o irmão, como se ele fosse o caçula.

– Pois suba e mande essa... mande-a embora agora mesmo. Não quero desculpas, Alex. Mande-a embora e ponto final.

Alex riu e, finalmente, João Pedro me viu.

Ele me olhou, inclinou a cabeça para o lado, como se quisesse ter certeza do que via, e sorriu. Depois se voltou para a esposa e contribuiu com a confusão.

– Deixe ele se divertir, Lana. Pare de ser a irmã chata.

Meu marido riu novamente.

– O quê? Não estou acreditando nisso, João! Quer dizer então que, se eu passar por uma fase difícil, você vai se achar no direito de comer outra mulher?

– Ela realmente ficou revoltada.

Tive medo de que eles não conseguissem contornar a situação.

– Só estou dizendo que Alex é homem e sabe o que faz.

– Olha, João Pedro... – Ela parou, respirou e desistiu. – Converso com você em casa – vociferou. – E você, Alex, suba agora e mande a vagabunda embora ou então subo eu e faço este trabalho. Você pode ser meu irmão mais velho, mas, pelo visto, é um idiota completo.

– Uau! – Meu marido brincou, levantando as mãos em rendição. – Não posso mandá-la embora, Lana. Sinto muito!

Sorri. Alex estava tão bem, leve e relaxado, que me deu vontade de abraçá-lo.

– Mande-a embora AGORA! – ela explodiu e eu decidi que era hora de acabar com aquela farra.

– E por que eu iria embora da minha própria casa, Lana? – Desci o último degrau, ficando visível para todos eles.

Minha cunhada se assustou, parou, me observando, depois sorriu largamente, relaxando os ombros visivelmente.

– Eu acho que sou o tipo de vagabunda que o seu irmão prefere – brinquei.

– Charlotte! – Ela soltou o ar e riu. – Desculpe, eu... Nossa senhora! Você nem imagina o quanto estou feliz em te encontrar aqui. – Embora ela tenha me abraçado com tanta força que quase me sufocou, gostei da sua alegria.

– Tudo bem, Lana, mas ainda preciso respirar – falei, e ela me largou de uma vez só.

Alex veio ao meu encontro imediatamente, colocando a mão em meu braço para me amparar. Meu marido achava mesmo que eu era uma figura quebrável, que precisava de apoio o tempo todo. Mesmo assim, sorri para ele e aceitei a sua ajuda.

– Não acredito que está aqui. E vocês...

Ela olhou para mim, que mantinha aquela aparência de quem tinha realmente acabado de transar, e depois para Alex, que estava do mesmo jeito que eu. Levou a mão à boca e começou a rir.

– Ai, meu Deus! Perdão! Eu não sabia que você... ninguém me avisou! Por que você não ligou contando a novidade? – questionou o irmão.

– Porque eu não tive tempo. – Alex coçou a cabeça e sorriu encabulado, olhando diretamente para mim.

João deu uma risada alta e Lana ficou sem graça.

– Já volto – Alex saiu em direção à cozinha e eu apenas o segui com os olhos.

– Como você está?

Acariciou meus braços, com uma cara de preocupação. A típica cara de quem não sabe o que fazer com quem perdeu alguém que ama tanto. Senti uma dor aguda no peito. Doía muito pensar em minha mãe, respirei fundo, evitando que a tristeza me invadisse.

– Superando – tentei manter minha voz firme.

– Aqui, Charlotte. – Alex se aproximou, me entregando um copo com água.
– Beba. – E me olhou daquele jeito de quem sabia o que estava fazendo.

Peguei o copo e obedeci, bebendo toda a água. Assim que terminei, ele pegou o copo e o colocou sobre a mesa. Lana me olhou com uma expressão divertida e sorriu sem nada dizer. Então João começou a rir e ela logo o acompanhou.

– O que foi? – Alex perguntou, encostando-se no sofá. Ele também sorria amplamente.

– Vocês dois – Lana começou a dizer e seus olhos brilhavam. – É que... eu estou feliz que esteja aqui, Charlotte – disse por fim e Alex me olhou com olhos cheios de ternura, carinho, amor... – Tudo bem – ela disse ainda rindo. – Eu só vim saber se estava tudo bem com você, Alex. Nem acredito que Charlotte chegou a tempo de nos acompanhar na viagem para a Alemanha. Você vai, não é?

Alex me olhou curioso. Não tínhamos conversado sobre este assunto. Sorri e concordei com a cabeça. Ele sorriu aliviado. Era tão lindo! E eu o amava! Puxei o ar com força, admirando meu marido. Tão meu!

– Perfeito! – Lana pulou e bateu palminhas como uma criança feliz.

– Então ótimo! Você não esqueceu do jantar hoje na casa dos nossos pais, não é, Alex? Eles fazem questão.

– Eu tinha me esquecido deste detalhe – meu marido disse, voltando a me olhar sem jeito.

Eu nunca tinha ido à casa dos pais do meu marido. Também, tudo aconteceu tão rápido que nem deu tempo de conhecer a vida dele, que dirá a casa dos pais?

– Será ótimo! – respondi para tranquilizá-lo. – Eu ainda preciso desarrumar a mala e depois decidir o que levar na viagem.

– O quê? Você ainda não fez isso? Não acredito. E vai dar tempo?

Lana era engraçada. Como assim não daria tempo? Ainda faltava muito para embarcarmos. Ri da forma como ela tratava o assunto “malas”.

– Lana, nem todo mundo leva a casa na mala – João Pedro se intrometeu e Alex começou a rir.

Lana não gostou nadinha, fazendo cara feia para o marido.

– Não vou levar muita coisa, Lana. Gosto de comprar o que preciso, e não de levar o que eu preciso. – Ri e ela sorriu amplamente.

– Então será uma viagem perfeita.

João revirou os olhos e Alex me observou atentamente.

Eu não soube identificar o que significava aquele olhar, ele parecia me analisar como se não me conhecesse. E não conhecia mesmo. Ainda tínhamos tanto que aprender um sobre o outro!

– Vamos, minha princesa?

João se aproximou, puxando a esposa para seus braços e beijando o seu pescoço. No mesmo instante, eu e Alex nos olhamos e foi tão... mágico! Não sei. Foi como se ele quisesse fazer o mesmo, mas ele continuou encostado no sofá, de braços cruzados, apenas me observando. E eu me vi ansiosa demais para ser tocada.

– Vamos. Charlotte e Alex ainda têm muito assunto para colocar em dia – ela enfatizou o assunto, como se estivesse deixando claro que entendia o que faríamos assim que eles saíssem. – E cuide para que Alex leve tudo o que precisa.

– Vou fazer isso. – Ri enquanto ela me abraçava.

– Eu já sou bem crescidinho – Alex rebateu, abraçando a irmã que praticamente se pendurou em seu pescoço.

– Vamos, Lana! – João bradou.

– Ah, eu já ia esquecendo – Alex falou, chamando a atenção de João. – Aline voltou e mandou lembranças.

Vi a cara de animadinho de João se desfazer em poucos segundos. Ele encarou Alex e depois olhou para Lana. O que estava acontecendo? Lana sorriu amplamente, agarrada ao braço do meu marido.

– Quanto tempo ela vai ficar? – Minha cunhada quis saber.

– Ela voltou para ficar. Não vai mais embora. Vamos ter todo o tempo do mundo agora. – E Alex sorriu, encarando o cunhado, que continuava sério demais. – Mandou um beijo para você, Lana. Disse que está ansiosa para te reencontrar.

Lana riu com gosto.

– Isso não tem graça – João Pedro bradou.

– Eu também estou ansiosa para encontrá-la – Lana disse, encarando o marido com um sorriso sem tamanho. – Aline sumiu, nem acredito que está de volta!

– Lana, eu já te disse... – João começou.

Minha cunhada o interrompeu.

– Não posso fazer nada se quiser implicar com a minha amiga, príncipe. Aline é uma amiga muito querida e não será você quem vai me impedir de conviver com ela.

– Eu sei que tipo de amizade ela quer de você – João Pedro rebateu e abriu a porta da casa.

– Então supere, porque sei muito bem que tipo de amizade pretendo com ela.

– Vamos conversar sobre esse assunto lá em casa.

– Não vamos mais conversar sobre isso – ela disse sem se importar com a implicância do marido. – Vejo vocês mais tarde.

E saiu como se não tivesse nenhum problema. João ainda lançou um olhar cheio de coisas que ele gostaria de dizer e não podia. Alex continuou sorrindo para ele sem se importar. Então ele foi embora sem se despedir e mantendo a cara de mau.

Assim que ele saiu, eu comecei a me sentir estranha. Não sabia ao certo o que seria, era como se estivesse naquela sala com um estranho com quem acabara de ir para a cama. De repente, foi como se todas as nossas diferenças caíssem sobre nós como um elefante branco no meio da sala.

Olhei para o meu marido e ele me olhou, mordendo os lábios. Havia constrangimento das duas partes. De alguma forma, eu sabia que aquele

sentimento e qualquer outro que estivesse entre a gente precisava ser resolvido. Eu estava decidida a fazer aquele casamento dar certo, fugir ou ignorar os problemas não era a melhor solução.

– Charlotte – ele começou meio sem jeito.

Continuei parada no mesmo lugar, apenas observando. Alex balançou a cabeça, visivelmente envergonhado.

– Desculpe por ontem. Eu... não sei. Foram dias difíceis e hoje eu me sinto um imbecil.

– Infantil – eu disse sem acusá-lo. Ele sorriu, sem graça, e passou a mão pelos cabelos.

– Isso. Fui infantil.

– Muito infantil – acrescentei. – Me fazer acreditar que estava tendo um caso com a sua amiga lésbica foi mais do que infantil.

– Eu sei, só não acho legal se referir a ela dessa maneira.

Revirei os olhos. Alex e suas teorias.

– Ela é lésbica, não é?

– É. Aline não é a minha amiga lésbica. Ela é a minha amiga e pronto. Sem precisar deste rótulo.

Eu sorri. Sabia que aquilo o aborrecia, fazer o quê se eu era infantil a ponto de gostar de aborrecê-lo?

– Ok! Vamos deixar uma coisa bem definida em nossa relação, Alex.

Ele piscou, me observando parecendo aguardar mais problemas. Eu não estava disposta a continuar sendo o seu problema.

– Não existe espaço para duas pessoas infantis neste casamento, então precisamos definir os papéis de maneira a um não invadir o espaço um do outro.

– Charlotte...

Levantei um dedo, impedindo-o de continuar.

– Eu sou a mais nova, a mais inexperiente e a mais mimada, então tenho direito ao papel de infantil. – Seus lábios fizeram uma linha fina, enquanto ele se esforçava para não rir. – Você é muito mais velho – acusei com certo repúdio, o que o fez estreitar os olhos. – É muito mais experiente e, definitivamente, não é nada mimado, então se atenha ao seu papel de tutor e seja o maduro desta relação, assim, vamos evitar conflitos e manter a paz nesta casa.

Ele riu, balançando a cabeça.

– Tudo bem! – concordou, demonstrando estar mais aliviado.

– E nada de amigas lésbicas fingindo ser sua amante.

– Charlotte!

– Nem lésbicas, nem vagabundas, nem vadias de praia. Nenhuma mulher fazendo o papel de sua amante, Alex Frankli. Para o bem da sua masculinidade.

– Falando assim, é impossível não concordar. – Ele veio em minha direção, me tomando em seus braços. – Se é para manter a minha masculinidade... – Me beijou com vontade.

Foi um beijo incrivelmente gostoso. Daqueles que te deixam leve, que fazem você se sentir amada e o seu coração quase explodir de tanto amor. Foi um beijo de entrega sem reservas, um beijo no qual pude ver, sentir e entender

que Alex não era apenas o certo para mim, ele era tudo o que havia em mim, tudo o que sempre sonhei e busquei. Como seu número certo de jeans, aquele com o corte ideal, que se encaixa em seu corpo, modelando-o com perfeição, aquele que você se olha no espelho e diz: Uau!

Era exatamente isso. Alex era o meu “uau”!

Ele abandonou meus lábios e encostou a testa na minha, respirando com dificuldade devido à intensidade do nosso beijo.

– Como está seu enjoo? – Acariciou minha cabeça, procurando meus olhos.

– Fraco. Acho que nunca mais beberei tequila na vida.

Ele deu uma risadinha rouca, linda e sensual e beijou meu pescoço.

– Duvido muito, amor.

Brinquei, empurrando seu ombro, e ele riu.

– Ontem você pegou pesado. – Acariciou meu rosto, me observando com atenção.

– Acho que eu estava precisando.

Ele concordou sem nada acrescentar.

– Tenho que ligar para Miranda.

– Agora? – Sua carinha foi tão linda que tive vontade de lhe fazer um afago. Alex parecia uma criança perdida.

– Tenho que desarrumar a mala, ligar para Miranda, para o papai e ficar pronta para, finalmente, conhecer a casa dos seus pais.

– Não sabia que era tão importante para você conhecer a casa dos meus pais.

– Alex, sou a sua esposa – o repreendi e ele riu. – Acha mesmo isso normal? Digo, somos casados. E não conheço quase nada a seu respeito, nem mesmo a casa dos seus pais.

– E eu acho isso tudo muito sexy – ele disse, me puxando para os seus braços. – Estou dormindo com uma maluca, mimada, infantil e totalmente estranha para mim. Sabe Deus quando você vai surtar, quando vai ter outro ataque de rebeldia ou de imaturidade, quando vai novamente se sentir culpada por amar seu marido e decidir ir embora... É realmente um casamento que nunca vai conhecer a palavra rotina, então é mesmo muito sexy.

– Alex!

Ele riu, me prendendo em seus braços sem me deixar escapar. E voltou a me beijar.

Certo. Desta vez, não foi apenas um beijo apaixonado, foi um beijo carregado de desejo. Um beijo que descrevia com todas as letras tudo o que ele ansiava fazer comigo naquele momento. Senti o sangue ferver e a mente não conseguir formular nenhum pensamento coerente. O que eu precisava fazer mesmo?

Minha mão se fechou em seus cabelos e minha língua exigiu mais daquele beijo. Alex gemeu em meus lábios e, ao mesmo tempo, escorregou as mãos pelas minhas costas até alcançar minha bunda, puxando-me mais para perto. Senti sua ereção em meu ventre e, de repente, minha boca ficou seca.

Não era para ser assim. Não mesmo! Contra minha vontade, eu senti minha cabeça rodar, meu estômago protestar e minha garganta arder. O enjoo me fez regurgitar, então me afastei dele com a mão na boca. Puxei o ar com força.

– Charlotte? – Ele me segurava.

Abri os olhos e encontrei o meu marido preocupado.

– Você está pálida.

– Maldita tequila! – esbravejei, voltando a fechar os olhos e buscando apoio em seu corpo. – Por favor, não me deixe beber tanto novamente.

Ele riu sem muita vontade.

– Não sei se já percebeu, mas, quando coloca na cabeça que quer fazer alguma coisa, torna-se impossível movê-la do seu objetivo.

Tive que rir.

Foi exatamente este pequeno detalhe da minha personalidade birrenta e mimada que havia nos levado até ali. Alex acariciou minhas costas, mantendo-me firme em seus braços.

– Vamos pegar leve por enquanto – disse, sussurrando em meus cabelos. – Ainda temos muito tempo.

CAPÍTULO 25

“Se você se sente só, é porque ergueu muros em vez de pontes.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

– Pensei que você estivesse brava comigo – Miranda disse, mantendo a voz baixa.

Segundo ela, Patrício estava no banho, o que me fez perceber o quanto a minha amiga estava aproveitando a liberdade longe do meu pai.

– E por que eu ficaria?

Ela ficou em silêncio por alguns segundos, o que me deixou intrigada.

– O padrinho ligou ontem para dizer que você estava de volta.

– Foi? E por que ele ligou para te avisar? Não seria mais fácil eu fazer isso? Ou ele...

– Charlotte... – Miranda hesitou.

– Qual é o problema, Miranda?

– Como foi com Alex? – tentou colocar empolgação na voz, no entanto, eu sabia que a minha amiga estava me escondendo algo.

Estava tão cansada de sempre descobrir que as pessoas escondiam algo de mim. Como se não bastasse toda a história da doença da minha mãe.

– Estamos bem. Agora, você vai me contar o que está tentando esconder ou vai deixar que eu descubra da pior maneira possível?

Minha amiga suspirou do outro lado da linha.

– Não me odeie por isso, por favor!

– Conta logo de uma vez, Miranda!

– O padrinho praticamente me colocou para fora de casa... lá na Inglaterra.

– Meu pai te colocou para fora de casa? – Fiquei confusa. O que Miranda tinha feito daquela vez para que meu pai a colocasse para fora de casa? – Não estou entendendo, Miranda. Você voltou para nos visitar...

– Você não entendeu mesmo. – Ela me parecia mais constrangida.

Levantei, sentando na cama e tentando me concentrar o máximo possível na conversa, e não no que Alex fazia andando de um lado para o outro do quarto, levando coisas para o banheiro e do banheiro para o *closet*. Baixei a voz e cogitei a hipótese de sair do quarto, quando meu marido fechou a porta do banheiro, se trancando lá dentro, o que me deu mais privacidade.

– Conte.

– Tudo bem, Charlotte. Olha, eu não estava de acordo, mas o padrinho disse que, se ficássemos lá, deixando que você continuasse afundando na tristeza, você nunca voltaria ao normal. E vamos combinar que você era uma morta-viva. Até seus olhos platinados pareciam opacos.

– Eles são opacos o tempo todo – rebati, me sentindo incomodada com aquela conversa.

– Charlotte... – ela falou meio impaciente. – Você estava se enterrando junto com a madrinha, então o padrinho nos mandou embora. Eu, Johnny... Todos, inclusive, Alex. Ele foi mais persistente e acabou ficando.

– Meu pai mandou Alex embora? O que deu nele? – Imediatamente, levei a mão para ajustar os óculos.

– Acho que vontade de te fazer viver – ela disse um pouco mais baixo, envergonhada por ter participado daquilo tudo. – Desculpe, sei que deveria ter ficado do seu lado...

Fiquei em silêncio, absorvendo suas palavras.

– Charlotte?

– Estou ouvindo. – Minha voz não indicava como eu realmente me sentia. Aliás, eu mesma não sabia como me sentia com aquela história toda.

– Quando nem Alex conseguiu te fazer reagir, eles combinaram que Alex voltaria para casa. O padrinho achava que isso a faria acordar... O medo de perder seu marido... Sei lá... Ele me proibiu de abrir a porta para você... caso você não fosse para a sua casa... A sua com Alex... estou me sentindo patética com tudo isso. E agora você me odeia.

– Claro que não! – afirmei com veemência.

Meu pai era mesmo inacreditável.

Dava para odiar as pessoas que me amavam e me suportavam mesmo eu tendo consciência de que estava sendo mais do que complicada? Não dava para culpar ninguém por aquela história, mesmo sendo ela tão absurda. E eu estava realmente cansada de ser sempre jogada no meio daquelas mentiras, por mais bem-intencionadas que fossem.

– Só não gosto dessa ideia de vocês sempre armarem pelas minhas costas.

– Eu não tive escolha. Quis ficar com você, mas...

– Eu sei. – Puxei o ar com força e vi Alex sair do banheiro envolvido na toalha. Os cabelos molhados e o cheiro de sabonete e shampoo que invadiram o quarto me fizeram perder um pouco o foco. – Eu preciso desligar agora. Ligo para você amanhã, tudo bem?

– Jura que não está chateada comigo?

– Não estou. Juro pelas estrelinhas do céu.

Ela riu aliviada. Esta era a nossa brincadeira quando éramos crianças. O nosso juramento eterno.

– Então também juro por todas as estrelinhas do céu que não tive como agir de forma diferente.

– Eu acredito em você. – Acompanhei Alex com o olhar enquanto ele entrava no *closet*. – Agora preciso realmente desligar.

– Amo você! – ela disse com a voz emocionada.

– Eu também amo você, Miranda! Tchau!

– Tchau!

Fiquei sentada na cama sem saber como digerir tudo aquilo sem causar mais problemas ao meu casamento. Eu não entendia por que meu pai preferia sempre fazer as coisas pelas minhas costas. Não entendia por que Alex sempre topava, mas, definitivamente, não criaria caso por causa disso.

– Tudo bem? – Ele surgiu usando apenas uma bermuda marrom. – Quer um pouco de água?

Pisquei, organizando meus pensamentos.

– Não. Na verdade, eu queria conversar com você.

– Aconteceu alguma coisa? – Sentou-se ao meu lado na cama e me olhou com bastante atenção.

Respirei fundo. Precisava fazer tudo certo, sem perder a calma ou a paciência. Alex não merecia que eu fosse infantil naquele momento. Na

verdade, eu não queria ser, por isso, ter aquela conversa me incomodou mais do que o normal.

– Alex... – Engoli em seco. – Eu queria te pedir uma coisa... – Desviei o olhar sem saber como conduzir a conversa. – Na verdade... – Tomei coragem e o encarei. – Eu queria fazer um acordo.

– Um acordo? – Ele me encarou confuso. Parecia esperar que eu estivesse prestes a causar mais problemas.

– Sim. – Tentei sorrir, falhando totalmente. – Alex, eu descobri o seu acordo com o meu pai.

Ele me encarou ainda meio perdido, então a compreensão foi chegando e o seu semblante foi se desfazendo. Ele levantou, se afastando, encostando-se na porta da varanda.

– Charlotte... – Seus olhos demonstravam toda a sua preocupação.

– Eu entendo os seus motivos para se aventurar em mais um plano mirabolante do meu pai. Na verdade, entendo até os motivos que fizeram o meu pai chegar a este ponto, mas... Droga, Alex! Não vai dar certo se continuarmos agindo assim.

Ele tentou falar, o impedi.

– Não existe casamento baseado em mentiras, em meias verdades. Sei que fui infantil, mas... caramba! Eu estava sofrendo! Não dava para ser diferente, então, por favor! Por favor! Não faça mais isso.

– Eu pensei que fosse te perder – confessou, sofrendo por estarmos tendo aquela conversa.

– Então que fosse embora por sua vontade. Fizesse tudo o que fez por acreditar que estava seguindo o seu coração. Se revoltasse contra mim,

terminasse tudo... por favor, não faça mais nada contra a sua vontade apenas para me mostrar o que é certo. Não sou mais nenhuma criança e nunca vou conseguir amadurecer enquanto vocês insistirem em me tratar como uma incapaz.

– Não é nada disso, Charlotte.

– Claro que é – retruquei impaciente, parando abruptamente de falar para não dizer nada que não fosse necessário. – Eu só não quero ter que toda hora descobrir uma mentira.

– Desculpe! – Ele ainda se mantinha distante. – Peter me disse que era o melhor a ser feito e eu apenas o segui. Não sabia mais o que fazer. Você estava tão...

– Eu estava sofrendo! – Desisti de tentar me explicar. – Você nunca vai entender.

– Eu entendo, Charlotte.

Suspirei. Ele não entendia.

– Acontece que suas emoções sempre são mais afloradas. Você não apenas sofre, você se esquece de viver. Um problema mais sério, sempre tira você do foco e a coloca fora da estrada.

– E você acha que não tenho capacidade de retomar o controle da minha vida? Acredita mesmo que vou sempre precisar destes subterfúgios para tomar uma decisão? Já parou para pensar que esta pode não ser a minha escolha?

Ele me encarou sem responder e eu entendi a dor que sentiu com as minhas palavras.

– Não é o que você quer? – Ele continuava no mesmo lugar, me observando com cautela.

– Eu nunca desistiria de você, Alex. Nem mesmo se Aline não fosse lésbica e realmente estivesse tendo um caso com você. Nem mesmo se você realmente estivesse seguindo em frente com a sua vida. Eu voltaria e lutaria por você porque também sei o que quero. Não estou tão perdida quanto aparento.

Ficamos em silêncio. Ele estava tão constrangido que não conseguia me encarar.

– Eu não casei por pressão, nem para te agradar, nem mesmo para fazer a vontade dos meus pais. Casei porque te amo. E voltei porque te amo e vou continuar junto com você porque te amo.

Ele sorriu ligeiramente.

– Então, por favor, sem mentiras de agora em diante. Confie mais em mim, acredite mais um pouco em minha capacidade.

Ele concordou com a cabeça, soltando o ar preso nos pulmões.

– Agora, vou tomar banho.

– Eu ia encher a banheira – disse ainda sem jeito.

– Prefiro um banho rápido, tenho muito que fazer ainda.

E fui para o banheiro, deixando meu marido com os seus pensamentos.

ALEX

Tá! Eu não tinha por que entrar naquele clima de culpa de novo, mas... Puta que pariu! Como não me sentir péssimo com tudo aquilo que ela acabara de dizer?

Porra, eu havia dormido com Tiffany. Quase fiz uma desgraça em nossas vidas. Mesmo com a desculpa do álcool, nada seria justificável. Entrei em pânico. Charlotte não merecia nada daquilo, mesmo tendo certa responsabilidade em todas as merdas que fiz. Ela não merecia.

E o pior de tudo era que eu teria que conviver com mais aquela mentira mesmo tendo prometido não mentir mais.

Eu sabia de todos os pontos e detalhes negativos da personalidade da minha esposa, no entanto, nada disso foi suficiente para me fazer desistir de ficar com ela. No fundo, eu sabia que nada me faria desistir, então por que eu simplesmente não admitia que não poderia ter o controle de tudo e aceitava e compreendia o tempo que Charlotte precisava para se restabelecer?

Droga!

Ela parecia realmente aborrecida e, mesmo assim, eu vi, e era importante lhe dar mérito por este fato, que ela não pretendia fazer daquilo um novo pesadelo para nós dois. Respirei mais aliviado. Não estava em meus melhores dias para travar outra batalha com a minha esposa.

Fiquei encostado à porta da varanda pensando em tudo o que ela tinha me dito até que Charlotte, finalmente, saiu do banheiro. Ela não parou para conversar, apenas me olhou, sem mágoas, raiva ou qualquer outra coisa do tipo, seguindo para o *closet* em silêncio.

Aguardei que ela voltasse, Charlotte não voltou. Intrigado, fui até ela e a encontrei sentada no chão, separando algumas coisas em sua mala, esvaziando algumas e arrumando outras.

– Oi – falei sem jeito.

– Oi. – Ela sorriu depois de se assustar com a minha presença. – Precisa de ajuda com suas coisas?

– Não.

Fui até ela e sentei ao seu lado.

– Você precisa de ajuda com as suas?

Ela sorriu amplamente.

– Como eu disse, gosto de comprar o que preciso e não levar o que preciso. Acho terrível ter que escolher coisas aqui que nem sei se vou usar quando chegar lá.

– Tem lógica.

– Não que eu goste de ser consumista, não se trata disso, mas, sinceramente, veja estas botas. – Levantou um par de botas que estava dentro de uma das malas. – Eu tinha deixado na Inglaterra da última vez que passei alguns dias lá, meu pai acabou me despachando com tudo desta vez e elas vieram. Não sei se serão de muita utilidade, sem contar que, com certeza, já estão fora da moda.

Ri.

Nunca imaginei que presenciaria Charlotte falando sobre suas roupas estarem ou não na moda. Ela era sempre tão básica. Quer dizer... ela era, quando não estava na presença dos pais e, definitivamente, deixou de ser após perder a mãe.

– Eu acho que existem ótimas lojas no hotel, caso não consiga sair para fazer compras.

Ela concordou, retirando as botas da mala. Pegou um casaco, que parecia ser de pele e, sem pestanejar, colocou-o na que eu acreditei ser a mala que levaria.

- Lana tem razão. Não dá para levar só uma mala.
- São somente quatro dias.
- Roupa de frio faz volume. Não tem mala que acomode tudo o que tenho realmente que levar.
- Verdade. Podemos comprar uma mala nova lá, além de casacos novos e botas novas. Pronto, tudo resolvido.

Ela riu.

- E terminamos todo o trabalho antes de sairmos para jantar com meus pais. Ganhamos tempo.
- Ansioso por tempo, meu marido? – Ela sorriu lindamente.

Sem conseguir me conter, levantei a mão e acariciei o seu rosto.

Charlotte era tão jovem. Conservava aquele rosto de anjo, de inocência que me deixava até constrangido por pensar em coisas tão eróticas com uma menina como ela. Por outro lado, ela era a minha menina, então como não pensar? Seus olhos brilhavam e suas bochechas coravam de uma maneira que me deixava louco, porque eu sabia o quanto ela ainda era jovem e mesmo assim, mesmo tendo esta consciência, eu a amava, como nunca fui capaz de amar outra mulher.

Então eu entendia, só quando olhava o seu rosto de anjo, que Charlotte podia até ser realmente uma menina, infantil, confusa e perdida, mas ela havia se tornado a única mulher que conseguira me domar, acorrentar e me submeter a todas as suas vontades, sem que isso fosse doloroso ou sacrificante.

Eu amava qualquer coisa que vinha dela.

Charlotte fechou os olhos e inclinou a cabeça em direção a minha mão, aprovando o carinho e se rendendo a ele.

– Na verdade, eu queria aproveitar o tempo para conversar com você.

Ela abriu os olhos e me encarou em dúvida.

– Como você disse, conhecemos pouco um do outro e, como eu falei muitas vezes, entendo a sua dor, mas você nunca vai entender nem acreditar se realmente não me conhecer melhor. – Fiz uma pausa e ela continuou calada, quietinha, aguardando o que eu diria. – Acho que chegou a hora de te contar o porquê de eu entender a sua dor.

Charlotte se acomodou melhor, virando-se um pouco para mim e me encarando. Ele parecia ansiosa, embora não fizesse nada para me apressar, simplesmente aguardava o meu tempo. Encostei-me na parede e dobrei uma perna, apoiando meu braço no joelho.

– Quando eu tinha 13 anos, sofri um acidente enquanto ia de bicicleta de casa para a praia com a prancha equilibrada em um dos braços.

Ela fez uma careta engraçada, sem se atrever a rir ou fazer comentários desnecessários, afinal, o assunto era sério.

– Meus pais detestavam que eu fosse de bicicleta, mas eu ainda não tinha idade para dirigir, apesar de saber e de pegar o carro escondido inúmeras vezes. – Ela estreitou os olhos e continuou tentando conter o riso. – Era um saco entrar em um ônibus com uma prancha, então...

– Se você não morreu, devo deduzir que sua grande perda seja a prancha?

Ri e ela finalmente começou a rir também.

– Não, engraçadinha. Deixe-me continuar. Eu sofri este acidente, fui atropelado e a situação foi grave. Meu pai, o Dr. Adriano Frankli foi o primeiro

a chegar ao local e eu lembro até hoje do desespero em seus olhos. Bom... resumindo, quebrei as duas pernas, um braço, levei alguns pontos na testa e tive hemorragia, já que tive algumas fraturas expostas.

Ela, finalmente, ficou assustada. Eu sorri para aliviar a tensão da história.

– O fato é que precisei de uma transfusão de sangue, e é neste ponto que a minha história começa.

– Como assim?

– Charlotte, como a boa *nerd* que você é, deve saber que, quando a mãe possui sangue do tipo A negativo e o pai AB negativo, é impossível gerar um filho O positivo, não?

Ela me encarou sem entender, então rapidamente se deu conta do que eu falava. Charlotte piscou algumas vezes, seu rosto ficou vermelho e ela olhou para todos os lugares, menos para mim.

– É isso, eu não sou filho do Dr. Adriano Frankli.

– Mas...

– Minha mãe conheceu o meu pai nas férias em que viajou com as amigas. Antônio, o homem que é o meu pai biológico, era um homem da vida, segundo a minha mãe. Ele era bonito, alto, mesmo cabelo e cor dos olhos que eu carrego e um sorriso lindo... surfava.

– Um você.

Eu sorri, concordando em existir a semelhança absurda entre nós dois, e ela também, depois mordeu os lábios para não interromper a minha narrativa.

– Ganhava o mundo com uma mochila nas costas. Eles se apaixonaram e minha mãe não precisou de mais do que um convite para segui-lo. Pouco

tempo depois, ela engravidou. Quando isso aconteceu, Dana já tinha tido tempo suficiente para se arrepender de ter largado tudo para seguir aquele homem desconhecido. Antônio a amava, só não sabia viver um relacionamento duradouro. Quando eu nasci, ele não aguentou a pressão e a responsabilidade.

Ela suspirou pesadamente, sem concordar com a forma como tudo foi conduzido. Imediatamente, sua mão alcançou a minha. Agradei o toque, apesar de aquele ser um problema muito bem resolvido para mim.

– Minha mãe voltou para a casa dos pais e Antônio voltou a sua vida de explorador do mundo. Um ano depois, quando acompanhava meu avô ao hospital, conheceu Adriano Frankli. O resto você deve deduzir.

– Você é adotado – ela disse com a voz fraca.

– Sou.

– E você sente o fato de seu pai não ter ficado – tentou adivinhar.

– Não é este o ponto. Deixe-me continuar. Quando descobri o problema da doação do sangue, simplesmente surtei. Eu era muito novo e não consegui assimilar o que eles realmente haviam feito por mim. Até então, eu não sabia de nada e me corroí em raiva quando soube que tudo o que havia vivido até ali foi uma mentira, e assim eu pensava.

– Alex...

– Eu culpei minha mãe e passei a desafiar o meu pai, o Adriano. Meus irmãos eram pequenos demais e não entendiam por que o tão certinho e amoroso Alex passou a ser um problema insuportável. Simplesmente não aceitava mais a presença do meu pai, recusava a sua autoridade, desfazia tudo o que minha mãe dizia. Resumindo, transformei minha casa em um inferno. Foi quando comecei a beber e fumar. Minha mãe quase morreu quando me viu com um cigarro na boca a primeira vez.

Ri da lembrança, ela não me acompanhou. Charlotte estava com uma expressão sofrida, como se fosse capaz de sentir a minha dor.

– Quando eu fiz 15 anos, coloquei na cabeça que tinha que conhecê-lo. Minha mãe ficou louca, dizia que ele tinha ido embora, que não sabia nada mais a seu respeito. Meu pai, lógico, ficou muito magoado. Ele fazia tudo por mim, nunca me tratou diferente e me ama como se eu fosse o seu filho.

– E você é filho dele.

– Eu sei. – Acariciei seus dedos, me sentindo triste por fazê-la ouvir aquela parte ruim da minha vida.

– Vou resumir um pouco mais. Procurando com as poucas informações que minha mãe tinha e usando a internet a meu favor, consegui descobrir os meus avós em uma cidadezinha do México. Adriano não queria, porém eu disse que iria de qualquer jeito, então minha mãe, com medo de que eu fizesse mais alguma bobagem, financiou minha ida até a casa dos pais do Antônio. Lá, eu descobri que ninguém sabia da minha existência. Ele nunca havia contado que teve um filho, dá para acreditar?

Ela negou com a cabeça. Mesmo com a pouca luz do final do dia, deu para perceber que Charlotte estava com os olhos cheios de lágrimas.

– Eu consegui, por meio de um amigo do irmão dele, um endereço no Havaí. Foi de onde veio seu último postal. Liguei para minha mãe e contei. Ela me implorou para não ir, mas eu não desistiria, então consegui mais um pouco de dinheiro e fui atrás do Antônio.

– Você o conheceu? – Ela ficou alerta.

– Eu esperava chegar naquele endereço e encontrar um coroa surfando. Cheio de gírias e manias. Um homem que me diria que a vida era assim mesmo e que eu não deveria tê-lo procurado.

– E não foi o que aconteceu – ela sentenciou, fazendo-me concordar com a cabeça.

– No endereço que eu tinha em mãos, me indicaram uma hospedaria velha, jogada em um lugar esquecido. Fui até lá, procurando o Antônio, um surfista mexicano. A mulher reconheceu em mim os traços dele e resolveu me ajudar. Eu o encontrei em um pequeno quarto, abafado e não muito limpo. O homem que conheci não era nada do que eu esperava. Era alto, como eu, mas estava magro demais, quase sem cabelo, um aspecto doentio que me assustou consideravelmente.

– Ele estava doente?

– Tinha AIDS.

Charlotte levou a mão à boca e me olhou com aflição, sem saber o que dizer.

– Eu o encontrei em seu estágio mais avançado. Na época, ter AIDS não era como hoje. Não era fácil conviver com a doença, nem com a discriminação. Antônio não demonstrou desprezo nem qualquer outro sentimento ao me conhecer. Apenas falou que nunca imaginou que eu o procurasse um dia, e comentou que eu não tinha nada da minha mãe, que saí totalmente parecido com ele. Não sei se isso me revoltou mais do que o fato de ele não demonstrar nenhuma emoção quando me viu.

– Eu sinto muito.

– Fiquei arrasado, Charlotte. Não queria simplesmente chegar lá, mostrar a ele o que eu era, o que ele tinha deixado para trás, eu queria respostas... sei lá o que eu queria exatamente. Só sei que coloquei minha mochila no canto do quarto e fiquei sentindo muita raiva. “Você vai se arrepender de ficar, moleque”, ele disse sorrindo, sem se incomodar.

– Meu Deus, Alex!

– Depois da primeira noite, na qual eu acordava por segundos com ele tossindo, como se os pulmões não correspondessem, liguei para a minha mãe e contei tudo. Ela exigiu que eu voltasse, enquanto Adriano preferiu me ensinar tudo o que eu precisava saber sobre a doença do Antônio e me orientou como conviver com ele. Foi naquele momento que o meu pai, o Dr. Adriano Frankli, me mostrou o homem incrível que ele era, e eu entendi o quanto havia sido injusto com ele.

– Eu entendo – ela sussurrou, deixando escapar uma lágrima.

– Vivi um ano e dois meses com o Antônio. Ele não era um exemplo de pai. Na verdade, era mais para um colega de quarto, um amigo de bar, do que um pai realmente, mas ele me respeitou. Conversamos muito, em muitos momentos, e ele conseguiu me explicar os seus motivos. Não que eu aceitasse ou concordasse, só fui ficando. Surfamos juntos, pescamos, trocamos algumas ideias, e seu estado foi deteriorando cada vez mais. Duas semanas antes da sua morte, precisei hospitalizá-lo. Antônio estava muito debilitado, falava pouco, parecia se entregar à morte. Uma semana antes, meus pais resolveram viajar para me encontrar. Meu pai acompanhou o quadro do Antônio e soube que nada mais poderia ser feito, pois ele estava com uma infecção grave e generalizada. Logo depois, Antônio morreu.

– Sinto muito.

– Eu posso não ter conhecido o Antônio a minha vida toda, mas no tempo em que passamos juntos, ele me ensinou a amá-lo da forma como ele era, Charlotte. Nunca vou entender os motivos de ele ter me abandonado e também não posso esquecer o amigo que ele foi quando estivemos juntos e a forma como encarava a vida.

– Eu sei.

– Antes de ele morrer, no último dia antes de precisarmos interná-lo em um hospital, ele me disse que minha mãe era uma mulher incrível e que a melhor coisa que ele pôde fazer por ela foi ter ido embora. Ela nunca seria feliz ao lado dele e ele nunca seria capaz de fazer de mim uma pessoa melhor. Ele foi embora e minha mãe conheceu o cara certo, juntos, eles fizeram um ótimo trabalho comigo. Disse que eu era um garoto do bem, que era uma pessoa boa e generosa, que, se ele pudesse, agradeceria pessoalmente ao homem que foi meu pai de verdade, e foi o que ele fez. Antes de perder totalmente a consciência, me disse que se orgulhava de ter um filho como eu, me pediu para ser um homem de bem, uma pessoa correta e nunca parecer com ele em nada.

– Sorri, apesar de saber o quanto aquela parte me machucava. Como não ser igual a ele se eu era a sua cópia?

– Sinto muito, Alex. Sinto muito mesmo. – Ela se aproximou e me abraçou.

– O lado bom disso tudo foi que voltei para casa e me tornei outra pessoa, Charlotte. Entendi a minha dor, compreendi o quanto foi necessária. Amadureci com ela. Meu pai voltou a ser o meu melhor amigo e eu acho que nunca antes eu tinha pensando em minha mãe com tanto orgulho.

– Você é um filho incrível – ela disse emocionada.

– Eu me tornei. Devo isso a eles. Acho que só me rebelei quando escolhi minha carreira profissional.

Ela riu em meus braços.

– Agora você sabe que também perdi alguém importante. Ele pode não ter sido o meu pai, mas foi parte fundamental da minha vida e senti muito a sua morte.

– Isso é triste – ela fungou em meu peito.

– A vida não pode ser sempre alegre, nem conter somente histórias de sucesso... seria muito sem graça, Charlotte. – Acariciei seus cabelos, acolhendo-a ainda mais, sem conseguir tirar da cabeça o pesadelo que era a minha história com Tiffany.

– Eu sinto tanto a falta dela. Às vezes me pego pensando quando poderei ouvi-la outra vez, ou em que momento ela vai passar por aquela porta... Sei que a vida tem que continuar, só não sei o que fazer com a dor que sinto.

– Clarice Lispector uma vez disse “há momentos na vida em que sentimos tanto a falta de alguém que o que mais queremos é tirar essa pessoa de nossos sonhos e abraçá-la”.

– Charlotte levantou a cabeça e me olhou com atenção, eu sorri e acariciei seu rosto.

– Posso ser sincero com você?

Ela concordou com a cabeça.

– Esta dor nunca vai passar. Você vai voltar a sorrir de verdade, a se sentir feliz, continuará a viver sua vida sem que este seja o seu entrave, mas, lá no fundo, bem lá no fundo, vai se lembrar dela e de como gostaria de dividir aquele momento com ela, ou vai pensar em como seria se ela estivesse por perto e, posso garantir que, muitas vezes, vai se surpreender contando a ela o que pensa a respeito de muitas coisas. Esta é a parte boa, amor. Sua mãe, assim como o Antônio, fez a parte dela, marcou a sua vida da forma como pôde, e nem a morte vai conseguir impedi-los de continuar, porque eles estarão aqui. – Toquei o peito dela, no lugar do coração. – E aqui. – Coloquei a mão sobre o meu. – E nós temos obrigação de continuar por eles. Por todos os que continuam aqui.

– Obrigada! – Ela se agarrou em meu pescoço, chorando. – Obrigada, Alex!

– Pelo quê? – Ri baixinho, abraçando-a com vontade.

– Por ser o meu príncipe encantado. Por me salvar sempre do castelo, do dragão e de mim mesma. Por ser sempre tão incrível, o que só faz com que meu amor aumente e, um dia, ele não vai mais caber em mim.

– Eu também te amo, Charlotte. Muito!

E me deixei consumir em culpa.

CAPÍTULO 26

“Não se deixe levar pela distância entre seus sonhos e a realidade. Se você é capaz de sonhá-los, também pode realizá-los.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Alisei pela milésima vez o meu vestido rosa-chá. Ele era bem-comportado, apesar de acentuar a cintura, descia solto pelos quadris e tornava-se esvoaçante, ganhando movimentos ao andar. Alex o havia aprovado, apesar de eu ter percebido um sorriso estranho em seus lábios, como se ele desconhecesse aquele meu outro lado.

Claro que estava nervosa. Apesar de conhecer Dana e Adriano, de eles serem meus sogros e tudo o mais, eu não sabia como seria na casa deles, embora tivesse a certeza de que nada de errado poderia acontecer... Droga! Era

a primeira vez que eu seria recebida de maneira formal como a esposa do filho mais velho deles.

– Não tem motivo para ficar tão nervosa, amor – ele disse logo atrás de mim, enquanto aguardávamos o elevador. – Adriano e Dana sabem se comportar. – E havia um “quê” de deboche em sua voz.

– É estranho só conhecer a casa dos seus pais tanto tempo depois de termos nos casado.

– Não é estranho. – Com a mão na minha cintura, ele me conduziu para dentro da luxuosa cabine. – Tudo em nosso relacionamento foge do padrão. Não poderia ser diferente

Virei para Alex e ele sorriu lindamente. Tive que sorrir para ele, como se seu sorriso fosse só o que me bastava.

– Tudo bem, então. – Voltei a ficar de costas. – Avisou a Dana que eu sou alérgica a condimentos?

– Você é alérgica a condimentos? – Ele pareceu preocupado e o meu sorriso ficou imenso.

– Ah, sim! Muito alérgica mesmo. Da última vez que colocaram pimenta cominho em minha comida, meu rosto ficou deformado e minha garganta fechou. Foi um horror! Quase morri.

– Está falando sério?

– Aham! Ah, e abacaxi costuma me deixar toda empolada.

– Empolada?

Mordi os lábios para não rir alto.

– Eu nem sei o que eles prepararam, mas é importante avisar assim que chegarmos.

– Claro! Quando fico empolada é tão ruim que ninguém pode encostar um dedo em mim por uma semana.

– Está brincando, não é?

– Não. Eu fico toda empolada mesmo. Até... lá... você sabe. – E virei para olhá-lo.

Alex me encarou sem saber o que fazer com a minha informação. Mantive o rosto sério o máximo possível.

– É mesmo?

– Sim. E nem vai acreditar o que melhora quando fica empolado... lá... embaixo. – Fiz cara de inocente e o vi engolir em seco.

– E o que seria?

– Saliva.

Alex levou um tempo me avaliando, depois, lentamente, seus olhos ficaram estreitos e aquele sorriso preguiçoso se esticou em seus lábios.

– Puta merda, Charlotte! Você é muito safada. – Seus olhos ficaram quentes.

Mordi os lábios e voltei a olhar a porta do elevador. Estávamos quase lá. Alex me segurou pela cintura, me puxando de encontro aos seus quadris. Um volume cheio de promessas estava lá, cutucando minhas costas.

– Vou dar um jeito de só deixar você comer abacaxi esta noite.

Ri sem conseguir me conter. O elevador começou a parar com uma luz piscando no painel.

– É sério. Você é alérgica a alguma coisa?

– Falta de sexo conta?

Ele se prendeu ainda mais em mim e seus lábios pressionaram meu pescoço.

– Conta. Vou te levar para conhecer o quarto de TV.

– Alex, eu falei brincando...

A porta se abriu, ele me manteve firme e me fez sair do elevador.

Adriano e Dana já nos aguardavam com a porta aberta, duas taças e sorrisos encantadores. Eu estava vermelha, arfante e nervosa, ainda mais nervosa. O que Alex pretendia fazer?

– Charlotte! – Dana me abraçou, me entregando uma das taças. – A noite hoje é em sua homenagem. Não faz ideia do quanto estamos felizes por vê-la de volta.

– Todos nós estamos. – Dr. Frankli me deu um beijo rápido no rosto e sorriu para o filho.

Depois de saber de toda a história deles dois, eu não podia deixar de olhá-los e me emocionar. Era tão lindo saber que existiam pessoas como eles e como os meus pais, que amavam incondicionalmente, que eram capazes de aceitar o que a vida lhes oferecia e fazer o seu trabalho da melhor maneira possível. Ele era o verdadeiro pai de Alex, o que o fez ser aquele homem lindo e incrível, e eu era grata por tudo o que ele havia feito pelo meu marido.

– Será mais um sucesso? – perguntou ao filho enquanto entravam.

Claro que se referia à feira, e Alex ficou animado, deixando para trás a nossa conversa e a sua promessa.

– Temos mais duas convidadas – Dana anunciou eufórica.

Passamos pelo pequeno corredor que nos levava para o interior do apartamento, encontramos uma pequena sala e, ao passarmos por ela, encontramos uma sala imensa, com diversos ambientes muito bem decorados, um piano de cauda e um violão exposto ao lado. Havia um bar completo, um sofá enorme, uma porta de correr que dava acesso a uma varanda *gourmet* e ao fundo o mar.

Do outro lado, outra sala com móveis diferenciados e uma escada que levava ao andar de cima. Muitos quadros, jarros e tudo o que poderia existir de decoração para deixar o ambiente o mais moderno possível.

Vi João Pedro em um canto, um copo de uísque na mão e, no rosto, uma expressão carrancuda. Alex se aproximou e nem assim ele se animou. Tentei imaginar o motivo daquele jeito tão fechado, já que o professor João sempre foi o mais entusiasmado.

Assim que ouvi a risada de Lana e meus olhos a encontraram, entendi o motivo do mau humor de João Pedro. Aline estava lá. Linda, risonha, cheia de charme, encantadora em seu vestido branco que só a tornava ainda mais maravilhosa com aquela pele cor de jambo. Ela era realmente linda. Sorri largamente ao me dar conta de que eu não havia ficado abalada em nada com a sua presença.

Uma garota com traços asiáticos, magra, cabelos negros escorridos e cortados na altura das orelhas estava ao lado dela. Ela sorria educadamente e se mantinha atenta a tudo o que Aline fazia. Lana conversava com as duas enquanto ria de tudo o que Aline dizia. O telefone tocou e Dana precisou me deixar para atender.

Fui até o grupo das meninas e Lana me recebeu com alegria.

– Já conhece a Aline? – perguntou enquanto me abraçava.

– Claro que já nos conhecemos. Charlotte quase me bateu pensando que eu estivesse transando com Alex. – A garota asiática sorriu e Aline lhe lançou um olhar cheio de ternura. Entendi que ela era a sua garota. – Como estão as coisas? E a ressaca?

– Ressaca? – Lana quis saber, me encarando com divertimento.

– A garota aqui é boa de copo. Nem acredito que hoje ficará apenas no vinho.

Olhei para a minha mão e senti o enjoo tentando se apresentar.

– Na verdade. – Entreguei a taça a Lana. – Acho que vou ficar apenas com água,

Aline riu abertamente enquanto Lana entregava a taça a um garçom que circulava discretamente entre os convidados.

– Água, por favor – pediu educadamente.

– Charlotte, esta é Sayuri, minha noiva.

A oriental me estendeu a mão com um sorriso brilhante.

– Está vendo? Você não tem mais motivos para querer me bater.

– Oh, meu Deus! Eu me sinto horrível por tudo aquilo – revelei, sentindo meu rosto corar.

– Preciso saber todos os detalhes sórdidos – Lana rebateu, recebendo o copo com água e me entregando.

– Água? – Alex se aproximou, me abraçando pela cintura.

– É melhor evitar outro ataque como o de ontem – Aline provocou e sua noiva deu risada junto com Alex.

– Nós não corremos este risco – ele disse todo orgulhoso. – Você é Sayuri?
– Ele apertou a mão da noiva da sua melhor amiga e sorriu educadamente. – Aline sempre teve bom gosto.

Ok! Eu podia matá-lo?

– Não provoque – Aline advertiu e depois riu. – Não somos mais adolescentes, Alex.

E eles trocaram um olhar cheio de cumplicidade que despertou a minha curiosidade. O que aqueles dois andaram aprontando na adolescência?

– Pelo visto, já conhece a minha esposa – Alex falou e Aline revirou os olhos, virando-se para a noiva.

– Até parece que só ele tem uma esposa aqui. Dá para acreditar em um cara mais besta? – E sorriu apaixonadamente para a noiva.

Aline era intrigante. Era a típica mulher fatal. Linda, meiga, divertida, abusada e sensual na medida certa, como o decote que usava e abusava naquela noite; mas era lésbica, o que me confundia um pouco.

– Estou me coçando de vontade de te abraçar, Lana – ela disse, rindo. – Só para ver os olhos do João arregalarem.

– Para com isso. – Mas minha cunhada também ria. – João continua sendo o mesmo tolo ciumento de sempre, vai acabar se acostumando, já que você veio para ficar.

– Assim espero. Não abro mão de você. – Aline piscou e eu percebi certo olhar inseguro por parte da Sayuri.

Neste momento, Patrício e Miranda entraram na sala e eu fiquei mais do que feliz em poder abraçar a minha amiga. Ela estava linda e todos no recinto concordaram com a minha opinião. Miranda vestia um vestido simples, preto, justo ao corpo, sem decotes, mas abusava dos acessórios que enfeitavam toda a sua produção, sem contar os saltos altos e os cabelos presos que a deixavam ainda mais bonita. E ela sorria largamente, como se a felicidade habitasse nela.

– Chegou sua amiga – Alex disse baixinho em meu ouvido, em um tom de reprovação.

O que ele tinha contra ela? Não tive tempo para perguntar, pois Patrício se aproximou cheio de graça para Aline.

– Deusa! – brincou, fazendo a minha amiga apertar minha mão com força. – Nem acredito que ficou mesmo neste caminho. Com todo respeito. – E beijou a mão da noiva de Aline, que sorriu como se soubesse como ele era.

– Digamos que seria complicado ficar em um relacionamento tão cheio de competição. – E ela deu uma olhada cheia de significados para Miranda, que se encolheu nada confortável.

Todos riram, deixando o clima mais leve.

Bom... todo mundo tem problemas, não?

– Vou levar Charlotte para conhecer a cobertura – Alex anunciou e tudo dentro de mim começou a se agitar. Para o lado bom e quente, é claro. Afinal de contas, a promessa do quarto de TV ainda estava no ar. – Aliás... – Ele se virou, procurando alguma coisa na sala. – Mãe? – Dana se virou em sua direção, sorrindo. – Teremos algum prato com abacaxi hoje?

Meu rosto virou um pimentão. Não um pimentão qualquer, mas um pimentão pegando fogo. Tive vontade de beliscar Alex. Ele continuava com aquela cara de garoto levado, um perfeito filho da mãe que dedicava seus

segundos a me fazer passar vergonha no meu primeiro dia na casa dos seus pais.

– Abacaxi? – Dana repetiu confusa.

– Sim. Se não tiver algo nos pratos, pode providenciar algumas fatias para depois do jantar? Charlotte está ansiosa por um pedaço.

E eu pedi a morte.

– Não, Dana – tentei desfazer o que o cretino fazia comigo naquele momento, mas minha sogra era muito atenciosa e jamais deixaria passar um pedido meu. Merda!

Eu até já podia imaginar Alex passando a língua em mim para evitar que eu ficasse empolada. Porra! Eu já estava quente, ansiosa, úmida... E queria aquilo.

– Posso arrumar tudo agora mesmo. Por sorte, fui à feira esta semana. Adriano sabe que gosto de acompanhar a Sabrina para escolher os melhores produtos. Comprei três abacaxis que vão deixar você salivando.

– Ótimo! – Alex respondeu. – Eu já estou salivando. Sorte sua, amor – completou bem baixinho em meu ouvido. – Ninguém vai morrer de alergia por aqui hoje.

Ele me conduziu em direção às escadas. Seus dedos firmes em minha cintura e seus passos decididos. Mas... E o abacaxi?

– Alex? – Dana o chamou antes que conseguíssemos deixar a sala. – Vou mandar servir o jantar. E já providenciei o abacaxi, Charlotte.

Putá que pariu!

Seguimos todos até a sala de jantar, que era tão elegante quanto todo o restante da casa. Uma mesa para doze pessoas estava perfeitamente arrumada. Todos sentaram como se soubessem os seus devidos lugares e eu acabei ficando entre Aline e Alex.

– Que conversa é essa de abacaxi? – ela sussurrou em meu ouvido sem chamar a atenção de ninguém.

– Não sei, Aline.

Mas meu rosto entregava todo o meu constrangimento. Ela riu abertamente.

– Ainda vou descobrir do que se trata. Pode acreditar nisso – gemi sem conseguir esconder meu descontentamento. – Não seja tímida. É bom compartilhar as novidades com as amigas. Assado? Não acredito, Dana! Como soube que eu implorava pelo seu assado?

Ela mudou de assunto assim, sem mais nem menos, e me deixou incapaz de dizer qualquer coisa.

A conversa girou sobre vários assuntos, demorando mais na viagem que faríamos e em como a editora conseguia se manter no topo em um mercado tão competitivo. Claro que ninguém quis conversar sobre a morte da minha mãe, no entanto, eu me lembrei dela e de toda a sua alegria em eventos como aquele, fiz muito esforço para não me deixar abater.

Quando um pratinho contendo abacaxi foi colocado diante de mim, senti que minha mente não conseguiria mais focar em nada. Alex me olhou de maneira divertida enquanto todos os outros se deliciavam com as outras sobremesas.

– Não vai comer? – ele perguntou baixinho, para que somente eu ouvisse, mas Aline estava atenta.

E eu não poderia estar mais constrangida e ansiosa.

– E se eu tiver mesmo alergia? – tentei não chamar a atenção de ninguém.

Alex sorriu lindamente, pendendo a cabeça para o lado.

– Eu posso te salvar. – E suas palavras estavam cheias de promessas, luxúria, desejo...

Meu corpo correspondeu na mesma hora, deixando-me úmida no mesmo segundo em que sua língua umedeceu seus lábios.

– Coma.

Peguei um pequeno pedaço e coloquei na boca, mastigando sob o seu olhar atento, que parecia mais querer me devorar do que me salvar. Naquele momento, e de uma forma impossível, as duas palavras, devorar e salvar, tornavam-se sinônimas.

– Mais um pouco. – E meus pelos ficaram eriçados enquanto eu comia mais um pedaço da fruta saborosa que deixava a minha boca mais cheia de água do que o normal. – Assim.

Ele assentiu, deixando-me cheia de pensamentos pecaminosos.

– E vocês já estão com tudo pronto? – Adriano rompeu nossa bolha.

Alex o olhou como se nada tivesse feito.

– Sim. Eu gostaria de mostrar a cobertura a Charlotte.

– Claro! – Dana disse, se levantando.

– Não precisa, mãe. Eu faço questão de contar cada história que vivi aqui.

Neste momento, Aline deu uma risadinha cínica que me fez ter a certeza de que ela sabia o que faríamos. Recuei como a boa covarde que eu era.

– Pode ficar para depois. – Segurei forte em sua mão.

– Vai ser rápido. O apartamento nem é tão grande assim. – E ele me puxou sem se importar com a minha vontade, aliás, existia a minha vontade, mas não a minha coragem.

Enquanto ele me conduzia pela mão, com a segurança dos grandes mestres e a ansiedade dos adolescentes, eu me perguntava o porquê de ter inventado aquela brincadeira e o que me aguardaria quando chegássemos ao quarto de televisão.

– Você tem certeza de que quer mesmo fazer isso?

Ele parou, olhou para mim e me presenteou com aquele sorriso preguiçoso, que se estendia lentamente para um canto do seu rosto, deixando tudo muito mais sexy e tentador.

– O quê? Salvar a minha esposa?

– Alex, você sabe que foi mentira. – Revirei os olhos, sentindo que meu corpo entrava em uma crise existencial.

Por um lado, eu estava ansiosa e úmida. Desejando, mais do que qualquer outra coisa, viver aquela aventura com meu marido. Principalmente depois de tudo o que passamos e que quase nos levou ao fim. Eu queria poder atender a todas as suas expectativas, saciar as suas vontades.

Por outro lado, aquilo seria extremamente desrespeitoso.

Que espécie de nora eu seria ao permitir que Alex me envolvesse naquela loucura? E se Dana ficasse ofendida? Isso, claro, se ela chegasse a desconfiar. Mas e se desconfiasse? Era a primeira vez que eu ia à casa deles, então simplesmente me deixar ser conduzida era aceitar correr riscos que eu sabia que seriam irremediáveis. Caso fôssemos flagrados, lógico!

– Eu não sabia que a minha esposa mentia para mim. – E continuou sorrindo, no entanto, seu sorriso se tornou algo mais perverso.

Engoli em seco.

– Você... – Fechei os olhos, tentando organizar os pensamentos. – Você está me confundindo.

– Deve ser o efeito do abacaxi. – E voltou a andar, me puxando pela mão.

– O efeito não seria me deixar empolada?

Passamos por uma parede repleta de quadros interessantes que ganharam imediatamente a minha atenção.

– Vai entender os efeitos de uma alergia, não? Pelo menos sabemos qual o melhor remédio.

Puta que pariu! Alex conseguia me deixar com as pernas bambas com aquelas palavras cheias de promessas.

– Este era o meu quarto – ele indicou, passando por uma porta simples, de madeira clara, que estava fechada. – Já pedi para minha mãe transformá-lo em alguma coisa mais produtiva, mas ela teima em manter os quartos como eram. Quem sabe, agora que estamos casados, ela mude de ideia.

– Não vai me levar para conhecê-lo?

Ele me olhou rapidamente, ainda sorrindo como um menino travesso.

– Não agora. Nós vamos para lá. – E apontou para as portas duplas, grandes, no final do corredor, bem distante.

Longe de curiosos. Arfei.

– É a sala de TV?

– Exatamente. Você vai gostar.

– Tenho certeza de que sim. – E sorri também sentindo meu corpo se entregar cada vez mais à sensação de antecipação dos fatos.

– Animada? – Ele me olhava e sorria enquanto continuava andando, só que com mais pressa para alcançarmos a porta.

– Não sei ao certo. – Olhei para os lados para verificar se estávamos realmente sozinhos. – Existe alguma chance de alguém...

– Duvido muito. – Ele abriu a porta, parando antes de acender as luzes. – Minha mãe jamais seria tão indiscreta e meu pai, com certeza, nos apoiaria, independentemente do que estivermos fazendo.

Ele me puxou para dentro, envolvendo-me em seus braços e tomando meus lábios com a sede de um homem perdido no deserto. Rapidamente, meu corpo se acendeu, apesar do receio, e eu retribuí o beijo, como se minha vida dependesse dele.

A escuridão que nos cercava deixava tudo ainda mais místico. Eu sentia as suas mãos me buscando, me explorando com a mais pura luxúria. Minhas costas estavam encostadas na parede fria, apesar disso, meu corpo estava quente.

Porra, eu sentia meu sangue borbulhar! Minha pele esquentar a uma temperatura tão absurda que, por um instante, acreditei que a alergia fosse real e ansiei pelo antídoto que apenas meu marido poderia me dar.

– Agora, sim, você está animada, Charlotte – ele disse com a voz ofegante.

– E você parece um adolescente ansioso para transar com a namoradinha na casa dos pais – provoquei.

Meu marido se afastou e acendeu as luzes. A claridade me fez fechar os olhos. Logo em seguida, os abri e contemplei a imensa sala, com um sofá que acomodava quinze pessoas tranquilamente e uma tela de TV tão grande que poderíamos comparar o local a um cinema particular. Ao canto, uma mesa de cartas e outra de pebolim, com aqueles bonequinhos presos em uma vara que os meninos adoravam perder o tempo fingindo ser um time inteiro. Sorri, imaginando se Alex ainda brincava nele.

As paredes eram forradas com papel creme com pequenas flores e, no chão, de frente para o sofá que se fechava em um “c”, havia um tapete felpudo e atraente. Grandes cortinas vedavam as janelas, permitindo que o ambiente ficasse completamente escuro.

– Gostou?

– Sim. Vocês ficam muito aqui?

– Muito. Eu, pelo menos, ficava bastante. Ainda nos reunimos aqui de vez em quando.

– É? Legal demais!

– Você é engraçada. – Ele riu baixinho.

– Por quê?

– Porque uma pessoa com o dinheiro que você tem não deveria ficar deslumbrada com tanta facilidade.

Ri. Alex realmente não sabia muito a meu respeito.

– Tínhamos uma sala de TV quando morávamos todos juntos. Quando entrei para a faculdade, preferimos morar em um lugar menor, que fosse mais a minha cara e da Miranda, já que meus pais estavam sempre viajando e Johnny decidiu que deveria ter a vida dele separada da nossa. Já faz tanto

tempo que a que tínhamos não se comparava a esta. – E suspirei, sentindo saudade de quando a vida não era tão complicada e eu não precisava conviver com a ausência da minha mãe.

– Você é muito simples para alguém que vai herdar uma fortuna, Charlotte.

Olhei para o meu marido e seus olhos estavam tão focados nos meus que me vi presa. Ele me olhava com ternura, admiração, e ainda havia um pouco de orgulho... não sei ao certo. Aquele olhar fez o meu coração inflar. Eu amava quando Alex conseguia transpassar minha alma apenas olhando para mim.

– Eu não vivo pensando no dinheiro que vou herdar, Alex. Não me deslumbro com facilidade, apenas gosto de sentir a harmonia dos ambientes. Este aqui seria algo gostoso de descrever. Não sei por que você vive esperando que eu demonstre ser a garota rica, que gosta de usufruir do que o dinheiro pode me proporcionar. Eu não sou assim. Não posso dizer que minha vida não é muito mais fácil tendo sempre dinheiro para satisfazer todas as minhas vontades e realizar todos os meus desejos, mas, de verdade? Minhas vontades não ultrapassam o limite de algumas viagens, livros e pizzas aos finais de semana.

Ele sorriu e acariciou meu rosto.

– Você é uma menina linda! – Ele me puxou para seus braços com um carinho impossível de não ser sentido. E me envolveu como quem envolve a uma criança.

ALEX

Como não amar ainda mais a minha Charlotte? Ela era tão incrível, linda, simples, leve, tão perfeita que eu me via obrigado a pensar no quanto me sentia grato e sortudo por tê-la, e um grande filho da puta por ter bebido e transado com Tiffany. Tá legal que minha esposa muitas vezes abusava da infantilidade e também não posso negar que, quando ela tinha um problema, também se tornava um problema, porém o que eu podia exigir de alguém com um histórico como o dela?

Nada.

E, para falar a verdade, eu gostava de Charlotte do jeitinho como ela era. Se ela não fosse aquela menina cheia de vontades, nunca teria me feito embarcar naquela loucura. Eu realmente não teria aceitado, porque, verdade seja dita, eu também soube criar um dramalhão que me fez arriscar demais o nosso relacionamento. E eu merecia a morte por ter feito tal merda.

Por isso, quando a vi com olhos brilhantes, encarando aquela sala como se fosse algo realmente encantador, perdi completamente o foco. Charlotte era uma menina linda!

– Mas não foi para isso que você me trouxe aqui.

Sorri largamente.

– Eu sei que sou linda, que sou uma garota legal, que você adora ficar com esta cara de bobo me olhando como se eu fosse o centro do seu mundo, só que a minha pele está empolando, professor Frankli. – E ela me olhou com aquela carinha inocente que fazia meu sangue circular com mais velocidade.

– Está? – Estreitei os olhos, segurando os braços da minha esposa para conferir. – Acho que este caso é grave.

– Gravíssimo! – ela completou séria, representando o seu papel.

Charlotte era incrível!

– Vamos ver o que posso fazer para minimizar seu incômodo.

Levei seu antebraço aos lábios, beijando a pele da parte externa, deixando que minha língua brincasse na região. Charlotte estremeceu e se movimentou angustiada.

– Melhor assim?

– Não, professor. Acredito que o senhor pode fazer melhor.

– Melhor?

– Sim. Muito melhor.

– Vou dar um jeito nisso.

Me afastei, indo até a porta para trancá-la. Eu sabia que ninguém subiria para nos incomodar, mas o seguro morreu de velho, não? Era melhor não abusar da sorte.

– Venha aqui! – chamei minha esposa enquanto andava em direção ao sofá, procurando um lugar mais confortável.

Charlotte obedeceu imediatamente.

– Aqui.

Segurei-a pelos quadris, posicionando-a de forma a deixá-la encostada no fundo do sofá, onde suas mãos poderiam encontrar apoio.

– Agora me deixe ver a extensão do seu problema.

– Alex! – Ela arfou quando levei minhas mãos para dentro do seu vestido, alcançando facilmente a calcinha.

– Preciso investigar o seu caso, Charlotte. – E notei em minha voz o quanto minha excitação correspondia ao que fazíamos. – Fique quietinha que vou verificar a gravidade da situação.

Ajoelhei a sua frente, levantando o vestido e abaixando a calcinha ao mesmo tempo. Vi quando minha esposa segurou firme no encosto do sofá e quando a sua pele ficou arrepiada.

– Puta merda, Alex! – Ela gemeu em expectativa. Depois riu baixinho enquanto eu tocava as laterais do seu corpo. – Desculpe, é impossível não pensar em um palavrão.

– É uma boa hora para xingar, Charlotte.

Deixei que meus dedos brincassem em seu sexo já úmido, esfregando o líquido por toda a região e me deleitando com a maneira como ela facilmente se entregava. Olhando-a atentamente, vi quando seus olhos se fecharam de prazer e sua cabeça tombou ligeiramente para trás. Era um show e tanto!

– Ah, Deus! – Ri em deleite ao sentir Charlotte movimentar os quadris em meus dedos, mesmo que timidamente.

– Seu corpo está ardendo?

Levantei, mantendo meus dedos lá, brincando com o juízo da minha esposa.

– Oh, merda, Alex! Está... sim, está – ela sussurrou entregue, fazendo-me entrar em júbilo.

– Onde arde?

Charlotte abriu os olhos e me encarou. Mordeu o lábio inferior e se movimentou um pouco mais.

– Acho que... – gemeu quando deixei um dedo entrar em sua carne.

– Onde?

– Aqui! – Tocou o seio, me indicando por onde eu deveria começar a curá-la.

– Aqui? – Apalpei seu seio ainda por cima do vestido e ela apenas concordou com a cabeça, deixando a boca um pouco aberta de prazer. – Mostre-me.

Charlotte entendeu meu pedido e, com a mão, puxou o vestido para o lado, deixando o seio escapar. Imediatamente o tomei na boca e minha esposa gemeu mais alto, sua mão afundando em meus cabelos e me levando para perto.

Senti o bico já rijo na ponta da minha língua e a pele cheirosa e saborosa da minha esposa em minha boca. Chupei o seio, ouvindo seus gemidos de prazer e, quando mordi o mamilo, afundei meu dedo em seu sexo.

– O outro – pedi e ela prontamente me atendeu, afastando o tecido para liberar seu outro seio.

Segurando e acariciando um, brinquei com o outro até que os dois estivessem extremamente sensíveis. Charlotte gemia baixinho, como se não quisesse que alguém nos ouvisse, no entanto, continuava com as mãos em meus cabelos, mantendo-me cativo em seu corpo, enquanto rebolava em meus dedos, bem lentamente, de forma a aumentar o prazer que corria em suas veias.

Subi os lábios pelos seios e alcancei o pescoço, indo até a orelha. Charlotte estremeceu, virando o rosto, me oferecendo maior acesso. Mordi a pele, lambi com delicadeza, vendo-a suspirar e se contorcer manhosamente.

– Até aqui está tudo certo – informei ao lambe o lóbulo da sua orelha.

Ao mesmo tempo, retirei os dedos de dentro dela, acariciando levemente os lábios e pressionando o clitóris. Charlotte gemeu, puxando o ar com força.

– Mais algum lugar para ser inspecionado?

Mordi o lábio para não rir, vendo-a tão entregue, e apertei um pouco mais o seu clitóris, só para vê-la estremecer.

– Ah! – Ela gemeu. – Não sei. O que sugere? – Me olhou daquela forma que me fazia perder a noção do que era certo ou errado. Inocente e ousada ao mesmo tempo. A mistura perfeita.

– Podemos verificar um pouco mais abaixo. O que me diz?

Antes que ela pudesse me responder, desci, ajoelhando diante dela, levantando o vestido para verificar o seu estado. Charlotte se movimentou ansiosa quando meus dedos a abandonaram; nada disse, apenas aguardou.

A calcinha estava baixa, presa em suas coxas roliças, revelando o seu sexo úmido, a pele levemente brilhosa e o pontinho inchado, implorando para ser tocado, lambido, chupado. Porra! Senti a boca salivar de desejo.

– Alex... – ela gemeu, esfregando uma perna na outra.

– Onde arde?

– Eu...

Olhei para a minha esposa, que estava com os olhos fechados e mordida o lábio inferior.

– Puta que pariu!

Sorri satisfeito.

– Vou te ajudar. É aqui que arde? – Toquei suas coxas, deixando que meus dedos apertassem e se esfregassem nelas.

Charlotte se contorceu mais quando meus lábios encostaram em sua pele. Beije e lambi uma coxa, chegando bem perto do seu sexo, que já exalava um cheiro fantástico de desejo e excitação. O cheiro que apenas Charlotte tinha, que havia se tornado o meu perfume predileto nos últimos meses. Fiz o mesmo na outra coxa, lambendo a parte interna e deixando a língua experimentar a junção da sua coxa com o seu sexo. O sabor era perfeito.

– Melhorou? – Olhei mais uma vez para a minha esposa e ela negou com a cabeça, mordendo os lábios e mantendo os olhos fechados. – Talvez aqui...

Passei a língua em seu sexo, concentrando-me apenas nos grandes lábios, sem tocar na parte mais sensível. As pernas de Charlotte fraquejaram.

– Assim ficou melhor?

– Muito melhor – ela sussurrou e seus dedos se fecharam em meus cabelos. – Mais um pouco.

– Assim? – Fechei a boca no meio da vagina, saboreando os grandes e pequenos lábios, introduzindo a língua para que a brincadeira ficasse completa.

– Porra, Alex! – grunhiu, me puxando com força de encontro ao centro entre as suas pernas.

Chupe mais um pouco a carne, sentindo seu prazer escorrer em meus lábios, se alojando em minha língua, com um sabor sem igual. Então Charlotte rebolou em minha boca e foi a minha vez de gemer. Corri a mão entre suas coxas e acariciei minha esposa, introduzindo o polegar em sua entrada enquanto a chupava avidamente.

Ela abriu mais as pernas, alojando minha cabeça bem no meio delas, aproveitei para virar a mão, mantendo o polegar em sua vagina. Fechei os dentes em seu clitóris e deixei que meu dedo do meio chegasse a sua bunda, acariciando aquela entrada também.

– Oh, Deus! Alex! – gemeu com força.

O rebolado ficou mais intenso, pois Charlotte se esfregava em minha boca, enquanto empinava a bunda para que meu dedo a alcançasse com mais propriedade. Senti aquele ponto que eu tanto desejava, passei o dedo por ele, ouvindo o quanto ela gostava daquele contato. Lambi o clitóris, pressionando ligeiramente. Logo em seguida, fechei os lábios nele e chupei com voracidade, sentindo que minha esposa estava no limite.

Sugando-a com mais intensidade, deixei que meus dedos brincassem em suas duas entradas e subi a outra mão até o seu seio, apertando-o até ouvi-la choramingar de prazer. E então, aproveitando que Charlotte abriu ainda mais as pernas, se inclinando sobre o encosto do sofá, introduzi o dedo em sua bunda e senti sua carne se retesar, prendendo-me ali.

Chupei seu pontinho com mais determinação, ela estremeceu e relaxou. Enfiei e tirei o dedo, até conseguir mais mobilidade e perceber que ela estava relaxada ali. Porra, Charlotte gostava! Enfiei com mais vontade, unindo o movimento a uma chupada mais intensa e a puxada que dei em seu mamilo, beliscando-o.

Charlotte gozou em minha boca e foi delicioso. Prazeroso demais! Ela se contorceu, gemeu alto e ofegou, sentindo o prazer lambe seu corpo enquanto minha boca trabalhava em harmonia com minhas mãos. Suguei tudo o que minha esposa me oferecia e, assim que o corpo cedeu ao encanto do orgasmo, ela despencou com as pernas enfraquecidas, forçando-me a segurá-la por alguns segundos.

– O que foi isso? – gemeu, ainda incapaz de se manter de pé.

Ri baixinho, lambendo os lábios e sentindo seu gosto, que ainda me embriagava.

– Acho que a dose que utilizei para combater a sua alergia foi além da conta.

Ela sorriu, tirando os cabelos do rosto.

– Você é incrível, Alex! – E me olhou com aqueles olhos brilhantes que me tornavam seu escravo.

– Eu me esforço. – Beije seus lábios com carinho. – Melhor agora?

– Muito melhor, professor Frankli.

E ela estava mesmo recuperada.

Charlotte me envolveu em seus braços, aprofundando o beijo. Eu estava excitado demais. Meu pau latejava e implorava pela minha esposa, porém eu sabia que seria arriscar demais. Já estávamos há muito tempo longe de todos. Seria abusar deixar que aquilo se estendesse.

Não foi o que Charlotte pensou.

Ela me cercou com seus braços e uma perna subiu pela minha, fazendo com que eu a buscasse e alisasse sua coxa. Seu sexo molhado, empatado pela calcinha enrolada que ainda estava lá, tentava encontrar o meu, que estava ansioso, brigando contra a cueca e quase explodindo em minha calça.

– É melhor voltarmos – alertei, me afastando dos seus lábios ansiosos.

– Não! – Ela me prendeu com mais força, exigindo meus lábios, que logo a atenderam.

Beijamo-nos com ardor. O desejo fluindo, nos envolvendo, nos prendendo um ao outro. Mas eu sabia que não podia, não era correto.

– Menina, não podemos ficar tanto tempo. Vamos esperar mais um pouco.

– Nada disso, Alex! Agora é a minha vez – resmungou, deixando claro que não aceitaria ser contrariada.

Suspirei.

– Charlotte, logo alguém vai procurar a gente.

– Você acha que pode fazer isso? – Nos girou, deixando-me entre o encosto do sofá e seu corpo. – Me trancar aqui nesta sala... – Começou a desafivelar meu cinto. – Me chupar até que meu cérebro se dissolva... – Enfiou a mão em minha cueca até encontrar meu pau e segurá-lo. – Me fazer gozar como se eu estivesse solta no universo... – Abriu minha calça. – E depois me dizer que temos que ir?

– Charlotte! – gemi ao senti-la me puxar para fora. Meu pau pulou, ganhando liberdade, e minha esposa imediatamente começou a me masturbar. – Olha o que você está fazendo!

– Estou olhando. – Aproximou-se, mantendo o movimento da mão, e beijou meu pescoço, roçando os dentes no local. – E estou adorando a vista.

A outra mão se juntou para me enlouquecer, segurando com propriedade meu pau pela base, enquanto a outra subia e descia, captando o pré-goço que gotejava e espalhando-o por toda a minha extensão, facilitando o movimento. Eu estava muito excitado.

Sem conseguir pensar no risco que corríamos, segurei-a pela cintura, mantendo-a próxima, e busquei seus lábios em um beijo quente. Eu gemia em seus lábios e me deliciava com a promessa do que seria aquela brincadeira.

– Eu quero chupá-lo, Alex – ela murmurou cheia de luxúria.

Eu gemi, gostando de como ela fazia.

– Tem horas em que eu sou incrivelmente grato pela sua boca suja.

Ela sorriu e umedeceu os lábios.

– Gosta que eu diga que quero chupá-lo, professor.

– Hum-hum! – Mordi o lábio inferior e me permiti sentir o aperto mais firme que ela me dava.

– Gosta que eu fale sacanagem?

– Gosto, menina levada. Mas hoje, especificamente, vou adorar apenas vê-la com a boca ocupada enquanto me chupa. Vou adorar foder a sua boquinha esperta e, principalmente, vou amar calá-la com o meu gozo.

– Adorei a proposta. – Ela sorriu com aquela inocência atormentadora e, imediatamente, caiu de joelhos, me enfiando em sua boca até chegar ao seu limite.

Senti seus lábios roçando minha carne e todos os meus nervos foram acionados. O prazer que me deu era impossível de descrever. Ela me engoliu lentamente e, quando começou a me retirar de sua boca, me olhou, fazendo-me assisti-la chupar até que apenas a cabeça estivesse entre seus lábios.

Gemi descontrolado quando senti sua língua brincar com a parte sensível e sua boca me sugar com gosto, mantendo apenas aquela pequena parte cativa. Depois, fechando os olhos, ela me engoliu de novo, correndo os lábios por toda minha extensão.

– Ah, Charlotte, assim!

Segurei seus cabelos, prendendo-os em minha mão, até que eu pudesse controlar seus movimentos conforme o meu desejo. Charlotte entendeu o meu recado e se deixou conduzir.

Segurando a sua cabeça pelos cabelos, me enfiei na boca da minha esposa, sentindo um prazer absurdo por poder fodê-la daquela maneira. Ela me recebia, deixando-me entrar com vontade e, quando eu saía, ela sugava, me acariciando com sua língua quente e aveludada.

Gemi intensamente.

Charlotte subiu as mãos pelas minhas pernas e, com muita ousadia, acariciou minhas bolas. Ah, eu adorava quando ela me pegava daquele jeito! Acariciou e brincou até que meu gozo ameaçou escapar. Parei um pouco, respirando com dificuldade.

Eu queria prorrogar o prazer, atrasar o máximo possível o gozo, mas ainda tinha consciência de que não tínhamos tempo e que, logo, Lana estaria batendo na porta. Não seria nada agradável parar antes de gozar, nem constranger Charlotte em uma situação tão delicada. Por isso, me permiti continuar enfiando-me naquela boca pequena, quente e deliciosa, cada vez com mais intensidade.

Minha esposa continuava me recebendo sem reclamar, engolindo-me até o último milímetro e me chupando como se meu pau fosse o doce mais saboroso que ela já colocou na boca. Porra, era uma delícia assistir nós dois naquela situação!

Encostei-me no sofá e deixei que Charlotte terminasse o serviço. Ela assumiu o controle e, voltando a me segurar com firmeza pela base, continuou a me chupar com intensidade. Senti meu gozo se aproximando, o prazer tomando conta de mim enquanto os lábios da minha esposa me levavam ao paraíso.

– Assim! Continua.

Ela sugou, me enfiando e tirando da sua boca. Lambendo a cabeça, chupando e me libertando. Era gostoso demais. Delicioso! Movimentei os quadris para aumentar o contato e, quando ela me fechou outra vez em seus lábios, me chupando, eu gozei sem aviso prévio.

Charlotte me tomou por completo, bebendo tudo o que meu gozo lhe entregava, até que meu corpo se partiu em espasmos e eu me vi fora daquele quarto, do mundo, da realidade. Éramos apenas eu, ela e o orgasmo que me devastava com luxúria. Uma delícia!

– Hum! Agora, sim, – Charlotte levantou, lambendo os lábios, e sorriu. – Agora podemos ir.

– Porra, Charlottel! – Me apoiei no sofá e respirei profundamente. – Você consegue me fazer perder o juízo.

– É bom. – Ela me olhava com atenção, como se quisesse captar alguma coisa em mim.

– É arriscado – comecei a arrumar minhas roupas. O medo de sermos descobertos martelava em minha cabeça.

– Você me chupa, deixa eu te chupar e depois fica com esta cara de pavor? Isso é tão adolescente, Alex! – E ri sem se importar em esconder aquela carinha de quem tinha acabado de gozar.

– É exatamente como eu me sinto ao seu lado, Sra. Frankli. Um adolescente apaixonado. – Puxei minha esposa para meus braços e enterrei o rosto em seus cabelos. – Tira a calcinha e me entrega – pedi com a mente cheia de pornografias. Coisas que apenas Charlotte me fazia pensar.

– Minha calcinha? – Ela continuou rindo enquanto eu cheirava seus cabelos e pescoço.

– Sim – sussurrei com a voz rouca. – Deixa eu ficar com esta. Deixa eu voltar para casa com ela em meu bolso.

Charlotte levantou a cabeça e me encarou com uma expressão divertida.

– Que tarado!

Mas ela adorou a ideia.

– Quero colocar a mão no bolso, senti-la em meus dedos e dormir sabendo que minha boca passeou em seu corpo. Passar a noite revivendo tudo o que fizemos aqui.

– Isso é bem coisa de tarado, Alex.

Charlotte se afastou e, me encarando, retirou a calcinha, colocando-a em minha mão. Levei a peça ao rosto e cheirei. Era inebriante. Sexo, excitação, gozo, desejo, prazer, tudo misturado.

– Nossa, isso, sim, é coisa de tarado – ela provocou.

– Muito tarado. – Voltei a puxá-la para mim enquanto me alimentava daquele cheiro que eu queria guardar para sempre. – Morro de tesão por você.

– Espero que seja só por mim, professor.

Por um segundo, perdi o fio da meada. Respirei fundo me recuperando.

– Só por você, menina birrenta! Você me enlouquece.

E a preendi em meus braços, capturando seus lábios mais uma vez, parei no meio do caminho ao ouvir a voz da minha irmã ainda distante, mas no segundo andar da cobertura.

– Vamos ou Lana vai sacar o que nós fizemos aqui.

Coloquei a calcinha no bolso, verifiquei nossas roupas e saí como se nada tivesse acontecido e com a pequena peça rendada queimando em meu bolso.

CAPÍTULO 27

“Não sujes a fonte onde aplacaste tua sede.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Bom... O que posso dizer... foi meio complicado sair do carro, acho que posso começar assim.

Depois do jantar na casa de Dana, nós tivemos dias de paz, mas aquela noite havia um clima todo especial. Eu havia passado a manhã com Johnny e Miranda, já que viajaríamos naquela noite, enquanto Alex trabalhou na editora, animado demais com os últimos detalhes do meu livro, mas, no horário do almoço, ele me pegou no meu antigo apartamento e fomos para um delicioso restaurante italiano.

Ele estava excessivamente carinhoso e romântico, sempre com olhares quentes, cheios de promessas, porém sem avançar ou passar dos limites. Tão logo Alex se viu seguro, em sua propriedade, imaginou que estivesse livre para iniciar o cumprimento de sua promessa silenciosa.

Eu usava uma calça jeans, uma bata branca com mangas compridas, presa por um laço nas costas e saltos altos, o que dificultou um pouco as coisas para ele. Por isso, depois de um rápido amasso no carro, onde ele só conseguiu passar a mão em muitas partes do meu corpo, acabou desistindo e aceitando que precisaríamos sair.

– Vamos entrar – o alertei antes que me alcançasse.

O que Alex estava pensando? Era dia, não havia nenhuma barreira e uma babá caminhava calmamente empurrando o carrinho de uma criança. Não dava para arriscar. Ele rosnou, mas caminhou a minha frente, e eu sabia que, assim que estivéssemos do lado de dentro, nada mais o deteria.

E foi o que aconteceu.

Ele abriu a porta, me segurou pelo braço, como se eu pudesse fugir se me deixasse livre, e a trancou, puxando-me para seus braços e se apoiando na porta.

Voltamos a nos beijar. Suas mãos afoitas estavam em todos os lugares ao mesmo tempo. O laço da minha camisa foi desfeito e rapidamente pude senti-lo em minha pele, apertando, amassando e roçando. Seus lábios também brincavam comigo, ora em minha boca, ora em meu pescoço, e eu não conseguia mais pensar em nada.

– Não podia ter colocado uma roupa mais fácil? – reclamou quando tentou tirar minha camisa e se confundiu com os botões da frente. – Vou rasgar esta porcaria – ameaçou seriamente.

– Não! – Segurei suas mãos. – Eu tiro.

– Charlotte...

- Uma coisa, Alex. – Me afastei e ele ameaçou me puxar de volta, o impedi.
- Dê um fim na campainha.

Ele arqueou a sobrancelha sem entender.

- Vamos nos atrasar, então desligue todos os telefones.

Vi meu marido abrindo aquele sorriso sacana, cheio de promessas, tão preguiçoso e encantador que fodia com o meu juízo.

- Enquanto isso, vou lá para cima, preparar tudo para você.

- Preparar?

– Sim – tentei ser o mais sensual possível e tive medo de estar sendo ridícula.

Eu era muito mais o tipo estabanada, desajeitada e descoordenada.

– Porra, Charlotte! – Passou a mão pelo cabelo. Os olhos quentes, o desejo latejando em seu corpo. – Tudo bem, mas não vou demorar – alertou.

– Nem eu. – Sorri e dei as costas para tentar colocar meu plano em prática.

Entrei no *closet*, separei tudo o que precisava, perfumei as peças, troquei de roupa e aguardei meu marido. As cortinas fechadas, o quarto iluminado parcialmente, o som pronto para ser acionado e a música já escolhida “Touch my body”.

- Estou subindo – ele gritou da escada, todo animadinho.

Sorri, me perguntando se realmente conseguiria fazer.

Alex abriu a porta, olhou o ambiente e, então, me encontrou em um canto, vestindo um robe preto, o mesmo quase transparente que usei na noite em que

descobri os seus brinquedinhos, usava meias finas e saltos altos. Ele sorriu torto e começou a caminhar em minha direção, o impedi.

– Na cama, professor Frankli. – Ele olhou para a cama e depois para mim.
– Sem roupas.

Riu baixinho e começou a se despir, ficando apenas de cueca. A ereção já presente. Sentou confortavelmente para me observar.

– O que vai fazer?

Aumentei o som, ele estreitou os olhos, mas gostou da música. Umedecendo os lábios, recostou-se um pouco mais e cruzou os braços. Comecei a me movimentar lentamente. Não tinha coragem de levantar os olhos para encará-lo, então simplesmente dancei, tomando o cuidado para seguir o ritmo da música, tocando o meu corpo devagar, virando para que ele pudesse acompanhar todos os movimentos.

Sem muita coragem, ergui um pouco os olhos, enquanto levantava o robe para mostrar a renda da meia, e vi meu marido me olhando atentamente, os olhos quentes, a boca apertada, as mãos fechadas, como se precisasse disso para impedi-lo de avançar e estragar a minha brincadeira.

Nossos olhos se encontraram, sorri timidamente, passando um dedo por meu ombro, deslizando a seda para revelar a alça do sutiã. Ele estreitou levemente os dele, a tensão presente, se esforçando o máximo para aguentar um pouco mais. Eu podia sentir a sua ansiedade.

Virei de costas, rebolando, nada muito chamativo, apenas para movimentar de acordo com a música e sua proposta. Deslizei o tecido, segurando-o na cintura. Voltei a olhar para trás. Alex estava com a cabeça meio inclinada, olhando diretamente para a minha bunda. Ele mordeu o lábio, sem deixar de me olhar.

Meu corpo perdeu aquela guerra quando o vi alisar o pau, por cima da cueca, uma ação involuntária, como se ele não precisasse pensar para fazer aquilo; era uma necessidade, tudo sem deixar de me olhar.

Virando em sua direção, e tomando cuidado para não revelar demais, caminhei sensualmente. Ele foi para a beirada da cama, pronto para me receber em seus braços e usufruir de mim como bem quisesse.

Aconteceu rápido demais. Eu, pensando em provocá-lo mais, resolvi virar e fazer algo do tipo “dança no colo”, ou qualquer coisa parecida. Alguns passos antes de estar ao seu alcance e rebolei, deixando o robe cair no chão. Quando fui girar para que ele pudesse admirar a minha bunda, o salto prendeu no tecido, meu pé escorregou e eu me vi caindo.

Exatamente!

Como alguém consegue um feito como este? Basta este alguém ser eu.

Onde eu estava com a cabeça quando achei que conseguiria fazer uma dança sensual durante longos três minutos, usando saltos altos sem que nada acontecesse. No mínimo, eu cairia e, no máximo, faria Alex entrar em coma com traumatismo craniano.

Alex me alcançou rapidamente. Ele levantou correndo da cama assim que notou a besteira que eu fazia, me segurando com força pela cintura, e me jogou sobre o colchão, caindo por cima de mim. Primeiro, seus olhos buscaram os meus para se certificar de que estava tudo bem e, assim que teve a certeza, começou a rir. Levei as mãos ao rosto e me escondi, sentindo-me ridícula.

– Ai, meu Deus! – gemi envergonhada enquanto ele ria sem parar. Alex tentou tirar minha mão do rosto, eu neguei. – Pare, eu estou me sentindo ridícula demais.

– Não, amor! Você foi ótima! – A risada estava contida, embora ainda existissem sinais de divertimento em sua voz. – Você estava linda, amor! – Gemeu com humor e beijou meu pescoço.

– Linda? Eu caí! Puta merda, Alex! Eu caí!

Tirei a mão do rosto para protestar e encontrei seu sorriso imenso. Alex tirou meus cabelos do meu rosto, ajeitando-os. Havia um brilho encantador em seus olhos.

– Se você não tivesse caído – sorriu torto –, não seria a minha Charlotte.

Minha vergonha cedeu lugar ao amor que eu sentia por aquele homem. Ele era tão incrível! Tão perfeito! E o que eu fazia por ele além de ser infantil, egoísta e cair quando tentava ser sensual? Tive que rir com este pensamento e ele riu também.

– Pelo menos você se diverte comigo – eu disse ainda rindo.

– Eu amo você, Charlotte e, para mim, tudo o que você faz é maravilhoso.
– Estreitou os olhos, tentando ficar sério, falhou vergonhosamente e riu outra vez.

– Claro! Até as minhas quedas.

– Sua incapacidade de girar no próprio eixo é... sexy – brincou, enfiando o rosto em meu pescoço e beijando minha pele.

– Deve ser mesmo. – Me encolhi, sentindo aquele delicioso formigar que meu ventre começava a expressar quando ele me tocava.

– Ah, é, sim. – Voltou a me olhar, acariciando meu rosto, a expressão mais séria, quente. – Vai dançar mais?

– Não. Chega de arriscar minha vida por hoje.

Ele sorriu.

– Então deixe eu te mostrar uma forma de permanecer bem protegida. – Ele se acomodou melhor sobre mim, voltando a me beijar.

Alex me prendeu com seus lábios, mantendo-me entretida com seus beijos apaixonados e repletos de desejo. Ele se apoiava em um braço, pelo cotovelo, a outra mão corria livre pelo meu corpo atirando fogo por toda a minha pele.

O tecido leve do sutiã, com abertura no meio, não apenas facilitou seu trabalho, como o surpreendeu. Alex abriu a fenda, tocou o bico e me olhou com aquela cara de quem acabou de descobrir o leite condensado, louco para se acabar nele.

Ele brincou com os dedos em meu seio, apertando, puxando e beliscando, enquanto beijava e mordida o volume com tanta ânsia que me fazia arfar. Depois seus lábios provaram um seio, em seguida o outro, sugando até que meu corpo estivesse prestes a se partir de tanto prazer.

Então, como se não bastasse a tortura, enquanto mordiscava o bico rígido, sua mão desceu, correndo espalmada pela minha barriga, brincando com o pequeno laço da borda da calcinha e se alojando no meio da minha perna. Foi quando novamente me olhou surpreso.

A calcinha, que fazia conjunto com o sutiã com as fendas, possuía uma abertura no meio, uma forma de “facilitar as coisas”, como a vendedora havia me instruído naquela tarde em que, pensando que meu professor havia desistido de me ensinar, fui às compras com Miranda e comprei todo o meu arsenal.

– Aqui também?

Sua voz rouca cheia de excitação colaborava com seus dedos, que brincavam em meu sexo úmido, em uma carícia delicada, subindo e descendo,

sem se aprofundar. Mordi o lábio com força e fechei os olhos, rebolando em seus dedos.

– Interessante – gemeu, voltando toda a sua atenção para a fenda e o trabalho dos seus dedos.

– A vendedora disse que era a lingerie “secretária”.

Ele voltou a me olhar e sorriu.

– Muito conveniente. – E desceu o rosto até o meio das minhas pernas, tomando-me com desejo e chupando-me como se não existisse o amanhã.

Gemi extasiada, jogando a cabeça para trás, arqueando o corpo. Seus lábios se fecharam em meu sexo, sugando minha excitação em um beijo maravilhoso. Quando sua língua percorreu minha carne, acariciando cada nervo, pensei que não conseguiria mais me segurar. Alex, decidido a me enlouquecer, mordeu meu clitóris, sem muita pressão, apenas o suficiente para que eu gritasse de prazer, e brincou com a língua no pequeno ponto já tenso.

Eu gozei, sentindo meu corpo todo receber aquela sensação reprimida pelos longos dias em que passamos separados. Meu ventre pulsou e explodiu, espalhando chamas pelo meu corpo, que me lambiam em luxúria, fazendo-me esquecer do resto do mundo.

– Porra, Charlotte, nunca vou deixar de sentir saudade do seu gozo!

Ele entrou em mim antes mesmo que eu estivesse recuperada, antes que minha alma voltasse a se juntar ao meu corpo. Eu o senti abrindo caminho, se enfiando em mim até o seu limite e gemendo de puro prazer. Foi como uma libertação. Como se Alex estivesse preso por muitos dias e apenas ali, fundindo nossos corpos, ele tivesse voltado a viver.

Colando-se a mim buscou meus lábios. Então ele começou a se mover. A princípio, apenas rebolou, aquele movimento de quadris que eu tanto amava, que tinha todo o jeito do Alex, a sua marca registrada, rapidamente a ansiedade o consumiu.

Ele estocou mais forte, testando e saboreando, depois mais forte ainda, levantando o tronco para nos observar. Entre as minhas pernas, abertas de forma a recebê-lo completamente, ele entrava e saía de mim, gemendo descontrolado.

Eu também gemia. Meu corpo faminto não estava satisfeito. A saudade absurda me fazia acompanhá-lo, trilhando o mesmo caminho de necessidades intermináveis. E eu me vi outra vez pulsando, formigando e ansiando por mais um orgasmo.

Os movimentos ficaram mais intensos e urgentes, as investidas mais fortes. O ambiente estava climatizado, mesmo assim, nossos corpos estavam levemente úmidos. Eu o sentia escorregar para dentro de mim com uma intensidade descomunal.

– Vem assim, amor.

Com a voz carregada de tesão, ele saiu de dentro de mim e me girou no colchão, colocando-me de costas. Passou a mão na parte de baixo da minha barriga e me levantou. Imediatamente, fiquei de joelhos, enquanto suas mãos ajustavam meus quadris para recebê-lo. Olhei para trás e vi Alex segurar seu membro. Empinei a bunda e ele gemeu forte, entrando com tudo o que podia.

Os movimentos recomeçaram, estocando e gemendo, preso em um mundo só dele, e que me levava junto, pois a cada entrada eu me sentia mais perto, mais próxima de partir, pulverizar e flutuar naquele universo de cores, sentimentos e luxúria.

Ele correu as mãos em mim. Uma por baixo, buscando meus seios e me puxando em sua direção, a outra em meus cabelos, agarrando-os e me conduzindo. Ele entrou mais forte, arfou, saiu já tremendo e entrou novamente, gozando deliciosamente.

Um gemido gutural escapou dos seus lábios enquanto ele gozava e suas mãos me apertavam com força. Eu estava muito perto. Minhas paredes inchadas apertavam o sexo de Alex dentro de mim, uma ansiedade se instalava no centro das minhas pernas e eu me sentia quase lá, então a sua mão me fez perder o juízo.

Ainda arfando, Alex se afastou ligeiramente, rebolou e entrou em mim em uma investida dura e certa, no mesmo instante, sua mão se fechou apertando meu clitóris com a pressão exata, e eu gozei sentindo meu corpo se desmanchar.

ALEX

Charlotte estava deitada sobre meu peito e eu acariciava suas costas nuas. Meu corpo dava sinais de que poderíamos continuar, mas eu queria que ela descansasse um pouco, apesar de acreditar que exauri-la ajudaria a dormir durante o voo.

Sorri largamente.

Minha esposa era mesmo uma doidinha! Estava tão linda dançando para mim, tão gostosa e sensual e, então, ela caiu. Puta merda! Aquela era mesmo a Charlotte que eu conhecia e amava.

– Do que está rindo? – Tentei disfarçar, sem consegui impedir minha risada. – Está rindo de mim, não é?

Gargalhei.

– Que merda, Alex! É por isso que eu sempre prefiro me machucar, as pessoas ficam com pena, preocupadas e se esquecem de rir. Se eu quebrasse o pé, por exemplo, você não estaria rindo agora.

– E nem transando – completei ainda rindo.

– Pois é. Só tem um pequeno detalhe, eu não preciso de um pé quebrado para lhe dar mais alguns meses de castigo. – Ela tentou levantar, porém se enroscou no lençol e ficou toda perdida.

Ri ainda mais e ela começou a rir também.

– Porra! – gritou enquanto gargalhava. – Eu não consigo fazer nada direito!

Enxuguei a lágrima que descia em seu rosto, fruto do riso descontrolado.

– Você faz muita coisa direito, Charlotte! E sempre com muito jeito, bem graciosa. – Beije seus lábios. – Deliciosamente certo. – Beije-a mais e ela foi parando de rir.

– Eu tive um ótimo professor – provocou, me abraçando.

– O melhor.

Ela riu baixinho.

– E único. – Mordi seu lábio inferior e puxei. – Que fique bem claro.

– Hum! Transar com personagens literários conta?

– Eu não acredito nisso, Charlotte! Mal casamos e você já pensa em outros homens quando estamos na cama?

Ela me encarou séria.

– Eu nunca penso em outro homem quando estou com você, Alex – disse com bastante seriedade. – O problema é quando não estou com você. – Sorriu com inocência e eu tive vontade de fodê-la fazendo-a gritar meu nome sem parar.

– Sabe o que eu faço com mulheres “saidinhas” como você?

– Não. Também não tenho tempo para descobrir. Miranda já deve ter ligado umas cem vezes para se despedir. Ela disse que faria isso. E estamos atrasados. – Ela levantou, sentando na cama e puxando o lençol para não cair outra vez.

– Claro, Miranda.

Charlotte me encarou, entortou a boca e voltou a deitar em meu peito.

– Desistiu?

– O que você tem contra ela? – Sua voz saiu doce.

Fiquei tenso na mesma hora.

– Nada. – Passei a mão em seu cabelo, tentando disfarçar.

– Eu sei que tem e não é justo me esconder o que pensa. Principalmente depois de tudo o que passamos.

Fechei os olhos. Ela tinha razão, mesmo assim, não valia a pena levantar aquele problema depois de tanto tempo.

– Não é nada de mais, Charlotte. Eu só acho Miranda muito fútil.

– Fútil? – Levantou o rosto para me encarar. – Não vai mesmo me contar a verdade?

Abri a boca para confirmar minhas palavras, ela me deteve.

– Miranda não tem nada de fútil e você sabe muito bem disso. É preferível que me diga que não quer contar do que tentar me fazer de idiota com histórias como esta – rebateu ofendida.

Droga!

– Charlotte... Eu não quero criar um clima ruim entre você e sua amiga.

Vi quando minha esposa ficou tensa, mas ela se manteve firme, aguardando pelo que eu diria.

– Tá legal! Miranda dava em cima de mim – ela continuou me encarando sem nada dizer. Aguardei um tempo, como não houve nenhuma reação, continuei. – Dar em cima de mim não é a expressão mais adequada. Ela se atirava mesmo. Vivia inventando desculpas para me cercar na sala dos professores, descobriu meu e-mail e usava os meios mais absurdos para chamar a minha atenção, até me enviou uma foto só de calcinha e, no dia seguinte, me interceptou fingindo constrangimento e disse que havia errado o endereço, dá para acreditar?

Ela continuou séria, me encarando como se o que eu contava não a ferisse em nada.

– Não sei como ela sempre descobria a praia onde eu estava e, quando eu saía do mar, lá estava Miranda, com um biquíni minúsculo, fazendo de tudo para chamar a minha atenção. E eu tenho que dizer, ela fazia isso tudo mesmo quando estava saindo com alguém, não se importava. Resumindo, não me sinto confortável perto dela. Era horrível, para mim, estar interessado em você com ela sempre por perto, depois nós ficamos juntos, casamos, e o histórico de Miranda sempre me perseguindo me assustava, porque eu vivia com medo de ela te contar estas merdas, só que na versão fantasiosa dela.

Charlotte continuou quietinha. Na mesma hora, me arrependi de ter falado tanto. Era uma merda estarmos retomando nossa vida sexual e ainda termos que vencer mais este problema. Então ela riu. Um riso baixo, balançando a cabeça e, em seguida, seu riso aumentou mais e mais, até que estivesse gargalhando.

– Charlotte?

Porra, aquilo foi demais para ela. Minha esposa tinha enlouquecido de vez. Graças a Deus, não contei o que mais incriminava a amiga. Isso eu ainda não poderia revelar. Nem para ela nem para o meu irmão.

– Ai, meu Deus! – ela falou, tentando conter o riso. – Alex, eu sempre soube disso.

Riu, limpando as lágrimas que desciam pelo seu rosto.

– Oh, Deus, Alex! Quem você acha que é a única pessoa que Miranda confia no mundo?

Recuei, me sentindo envergonhado e imaginando se Charlotte conhecia aquele segredo que eu tanto guardava. E o pior: será que ela achava correto, que compactuava? Tentei não ficar com esta dúvida na cabeça, mas fiquei intrigado.

– Eu sempre soube. Ela era doidinha por você, fazia mil loucuras para chamar a sua atenção, mas tudo não passava de fogo de palha, porque ela queria você como queria todo cara interessante que aparecesse. Eu acho que Miranda queria mesmo era vencer a barreira erguida por você, mostrar que ela era capaz, sei lá. – Sorriu sem deixar que aquela admiração com que sempre me olhava sumisse. – Foi por causa dela que o escolhi para ser o meu orientador. O plano era conseguir fazer você me enxergar como escritora e a minha amiga como mulher. – Mordeu o lábio, deixando o rosto corar.

– Puta merda! – xinguei, colocando toda tensão para fora. – Você... Porra, Charlotte! E eu todo preocupado com receio de ela inventar alguma coisa, contar algo que nunca aconteceu.

– Miranda nunca faria isso. Ela é meio inconsequente, mas não a este ponto.

– Que bom. Porque eu não suportaria te perder por causa de mentiras.

– Ah! A história da foto. – Riu sem graça. – Ela enviou sem querer mesmo. Estávamos juntas. Ela tirou a foto para eu colocar em um aplicativo onde podemos nos ver vestidos com várias roupas para escolher a que fica melhor. Como Miranda não sabia mexer no aplicativo, pedi para ela enviar a foto para mim, só que eu estou cadastrada no e-mail dela como alemã, lógico que é por causa da cor – riu sem graça – e, na hora de enviar, ela trocou e entrou Alex. Sem prestar atenção, enviou para você. Como não chegou em minha caixa, eu a questionei, e descobrimos a besteira que ela havia feito.

– É sério isso? – Eu não conseguia acreditar naquela história.

– É sério. – Ela levantou a mão direita. – Palavra de escoteira.

– Você foi escoteira?

Charlotte riu.

– Não! Mas é um bom juramento.

– Nossa, como você é boba, Charlotte.

Empurrei minha esposa no colchão e me deitei sobre ela.

– Isso é loucura, mas gosto do fato de não precisar mais carregar este peso
– revelei, já passando minha mão pelo corpo dela.

– Pode até ser loucura, mas adoro o fato de você ser só meu. – Ela prendeu uma perna na minha e acariciou minhas costas. Nossos sexos já bem próximos. Rebolei, procurando me encaixar. – Estamos atrasados – disse já entregue.

– Não estamos. – Segurei seu punho, evitando que ela olhasse o relógio. Charlotte riu e não tentou escapar.

E eu entrei nela como se estivesse entrando no céu.

CAPÍTULO 28

“Tão impossível é avivar o lume com neve, como apagar o fogo do amor com palavras.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Depois de algumas horas, estávamos desembarcando em Frankfurt. Se existia uma coisa que eu detestava era passar muito tempo dentro de um avião. Mesmo tendo viajado durante a madrugada e dormido a noite toda, não era o mesmo que dormir em uma cama ou na minha cama com o meu marido.

Quando, finalmente, chegamos, eu estava cansada, com frio e irritada. Sem contar que Alex estava ao meu lado o tempo todo, o que me fazia ansiar pelos seus braços. Estávamos separados pelas poltronas que, apesar de confortáveis, me impediam de dormir abraçada com ele.

E a minha calcinha estava em seu bolso. Esta era a sua mais nova mania. Como transamos um pouco antes da nossa partida, consequência do tempo que ficamos separados, ele acabou ficando com a minha calcinha, alegando precisar dela para conter a ansiedade.

Puta merda!

Todas as vezes que via Alex colocar a mão no bolso e suspirar, meu corpo esquentava de maneira absurda. Depois ele me olhava com tanto carinho, eu podia sentir o calor daqueles olhos em mim, então minha vontade era pular para a sua poltrona e tentar me acomodar naquele espaço, mesmo que a comissária passasse a viagem toda reclamando.

Assim, ao desembarcarmos em Frankfurt, eu estava também com uma saudade imensa do meu marido.

O sol que clareava o céu não aquecia minha pele. Estava frio. Pelo menos, eu tinha os braços do meu marido em meus ombros e os seus cuidados que me mimavam mais do que os meus pais conseguiram. Abri a bagagem de mão e retirei as luvas, enquanto via Alex colocar o casaco grosso que o deixava ainda mais bonito. Ele me olhou e sorriu. Um sorriso cheio de promessas.

– Nossa primeira viagem juntos. Quer dizer... – sussurrou antes de me beijar com cuidado. – Uma viagem com um propósito mais alegre. Mas não é a nossa lua de mel.

– E nós ainda vamos ter uma? – Ri enquanto ele segurava a minha bagagem para me ajudar a entrar no táxi.

– Claro que teremos! – ele disse assim que entrou e se acomodou ao meu lado, dando espaço para Lana e João.

– É bom saber que você está com tanta disposição, professor Frankli.

– Disposição para quê? – Lana se intrometeu e Alex revirou os olhos.

– Sabia que é feio prestar atenção na conversa dos outros? – perguntou à irmã, ela estreitou os olhos e me olhou.

– É um pouco sem lógica querer privacidade dentro de um táxi.

– Privacidade você pode querer em qualquer lugar, é só uma questão de educação e respeito – Alex rebateu e eu comecei a rir da cara que Lana fez.

– Você está querendo dizer que sou mal-educada?

– Estou. – E eles se encararam como somente irmãos conseguem fazer.

– Estávamos falando de compras, Lana. – Eu sabia que isso desviaria o foco e amenizaria o clima entre os dois. – Eu quero tentar comprar alguma coisa ainda hoje, será que teremos tempo?

– O importante é ter tempo para comer, Charlotte – João interferiu. – Eu estou faminto.

– Eu também. – Minha cunhada se virou para o marido e sorriu com cumplicidade. Depois ele acariciou o rosto dela e eles se beijaram. Foi estranho e bonito ao mesmo tempo.

– Eu também estou com fome – meu marido falou diretamente para mim e me olhou como se eu fosse o prato principal. Depois, como se não quisesse nada, colocou a mão no bolso e umedeceu os lábios.

Que cretino!

Um cretino maravilhoso, delicioso e perfeito!

– Eu não. – E sorri maliciosamente.

Nós ainda brincamos e ele implicou muitas vezes com Lana enquanto seguíamos para o hotel. Ele me mostrou alguns pontos da cidade que já conhecia, afinal de contas, não era a primeira vez dele na feira, mas era a minha. Alex estava bastante empolgado e até mesmo as implicações com a irmã eram divertidas.

– Vocês não inventem de ficar mais tempo do que o necessário no quarto – Lana avisou assim que nossas malas foram colocadas dentro do quarto que ocuparíamos. – Eu estou faminta. Só vou mesmo tomar um banho e descer. Sem contar que, se quiser mesmo fazer compras, Charlotte, teremos que sair logo, porque preciso verificar se está tudo de acordo com o nosso espaço na feira.

– Não se preocupe, Lana. Encontro vocês lá embaixo. – Lancei um olhar cheio de significados para Alex, que fez muxoxo entrando no quarto.

– Lana sabe ser irritante quando quer. – Alex colocou o cartão na porta, trancando-a, e levou nossas malas até o *closet*.

– Você está implicando com ela. O que te deu?

– Digamos que eu não pretendia sair deste quarto antes da hora. – Ele voltou e me abraçou, exigindo os meus lábios. Eu entendi os seus motivos. – E eu tinha a certeza de que minha querida irmãzinha conseguiria te arrancar de mim.

Dei risada, deixando que ele avançasse a mão pelo meu vestido.

– Onde conseguiu esta calcinha? – Alex se afastou, buscando meus olhos.

– Comprei no aeroporto quando você e João foram comprar revistas.

Meu marido deu um passo para trás e retirou a minha calcinha de dentro do bolso da sua calça.

– Você quebrou o meu encanto, Charlotte – disse com uma voz debochada.

– E você foi muito ingênuo acreditando que eu viajaria sem calcinha.

Cobri a distância entre nós dois e abracei meu marido, erguendo o rosto para lhe oferecer meus lábios. Ele, ainda com aquela cara falsa de decepção, me abraçou com cuidado e me beijou de leve.

– Se eu fosse tomar um banho e você me acompanhasse, quanto tempo levaríamos?

Ele arqueou uma sobrancelha me observando sem entender nada.

– Leve em consideração que você demora muito mais do que eu no banho.

– Não demoro nada. Sou muito prático. Você é quem demora, isso, sim.

Revirei os olhos teatralmente.

– Quanto tempo, Alex?

– Não sei. Uns quarenta minutos, talvez, uma hora.

– Quarenta minutos então. Vamos? – Segurei em sua mão e o puxei em direção ao banheiro.

– Vamos para onde? Charlotte? – Ele deu risada se deixando levar.

– Se eu for explicar, vamos perder alguns minutos preciosos.

Virei para o meu marido, já retirando o seu casaco. Ele levou alguns segundos para entender minha intenção, então, tendo conhecimento do que eu pretendia, simplesmente começou a me ajudar com as roupas.

As dele e as minhas.

ALEX

Olhei minha esposa penteando os cabelos enquanto se olhava no espelho. Ela se preparava para secá-los. Eu me enxugava, relembrando o banho, e me sentia abençoado por tê-la de volta.

– Você vai demorar? – perguntei já pensando em Lana, que com certeza reclamaria do tempo que gastamos.

– Não – ela disse simplesmente e sorriu. – Se quiser descer na frente...

– Vou ver o que tem na TV – avisei, saindo do banheiro.

Peguei as roupas que tínhamos deixado largadas pelo chão do quarto e levei tudo para o *closet*. Retirei a calcinha dela, a que eu tinha feito questão de guardar comigo quando me permiti viver os meus instintos mais primitivos, e a coloquei dentro da mala, em um compartimento reservado. Depois eu iria devolver, aquele ainda não era o momento certo.

Escolhi uma calça jeans, uma camisa cinza de mangas compridas e um *blazer* preto. Coloquei as meias e os sapatos e voltei ao banheiro para pentear o cabelo. Charlotte estava com o secador ligado e seus cabelos balançavam, ganhando mais volume. Ela me olhou rapidamente, sem parar o que estava fazendo.

Abracei-a pelas costas e desfiz o nó do seu roupão. Ela desligou o secador, me observando em silêncio pelo espelho. Beijeí seu ombro, deslizei os dedos pelo seu ventre liso e acariciei sua cintura, sentindo a pele macia.

– Quer mesmo provocar Lana? – ela sussurrou.

Sorri, pressionando meus lábios em seu ombro.

– Não. – Me afastei para deixá-la terminar o serviço.

Meia hora depois, deixávamos o quarto para encontrar minha irmã e meu amigo. Eles já nos aguardavam, aparentemente não se importando com o nosso atraso. Lana estava estranha, meio dengosa demais, e João estava como sempre, sendo o mais atencioso possível com a esposa. Aliás, para falar a verdade, ele estava mais atencioso que o habitual.

– Você comeu isso tudo? – provoquei João, que apenas olhou para a minha irmã e sorriu.

– Eu disse que estava com fome.

– E você, Lana? Não disse que estava com fome? Pelo visto, não tanto quanto ele.

Ela sorriu timidamente, o que não era natural para alguém como Lana.

– A fome é inimiga de todas as mulheres.

– Menos minha – Charlotte respondeu, rindo enquanto terminava de comer. – Graças a Deus, não engordo com facilidade, ou então estaria uma baleia.

– Uma linda baleia – brinquei, beijando minha esposa com carinho.

Lana e João se olharam e sorriram.

– Ter uma baleia como esposa tem as suas vantagens – meu amigo brincou, acariciando o rosto da minha irmã. Fiquei incomodado, e não sei exatamente por quê, mas aqueles dois não estavam agindo como sempre.

– Você é um bobo – Lana respondeu, sustentando a timidez.

– E você é linda! – João se aproximou para beijá-la.

– E vocês dois são um nojo – rebati, colocando um pouco de patê em minha torrada. – Vou pedir um pouco de vodca em meu café, para ver se consigo passar a manhã toda do lado desses dois.

Charlotte riu baixinho e colocou a mão sobre a minha. Um pedido mudo para que eu tivesse mais paciência. Claro que eu teria, afinal de contas, eles não estavam fazendo nada de mais. Eu só não entendia por que estava tão aborrecido com aquela demonstração de carinho, quando eu também fazia o mesmo com a minha esposa.

– Vamos fazer compras. – Lana bateu palmas. Charlotte não parecia tão empolgada, porém estava determinada a encontrar uma bota nova. – Preciso de uma bota e, pelo visto, de uma boina mais elegante. Qualquer coisa que cubra minhas orelhas, ou irei perdê-las.

Eu e João rimos e o clima voltou a ficar bom entre a gente.

Passamos parte da manhã andando pelas ruas frias e molhadas, procurando alguma coisa que Lana não dizia o que era, apenas entrava de loja em loja, olhava tudo e saía, muitas vezes sem comprar nada. Charlotte achou as botas na terceira loja e tudo o que precisava para se proteger do frio. João e eu compramos um casaco cada um e eu escolhi um perfume que gostava muito.

Quando pensei que era hora de irmos embora, meu amigo me chamou para acompanhá-lo a uma joalheria enquanto as garotas entravam em mais uma loja.

– Joias? – perguntei assim que nos vi longe o suficiente. – Você não acha que está mimando demais a Lana?

– Nunca é demais para alguém como a minha esposa – ele respondeu simplesmente e sorriu como um bobo.

– Qual é o problema de vocês dois? De repente, deu um surto de amor eterno e incontido... – Dei de ombros sem saber como descrever o que eu via neles dois. – Sei lá, cara! Vocês dois estão insuportavelmente doces.

– Claro! Falou o cara que não aguenta ficar dois dias longe da esposa. Isso é amor, Alex. Você está reclamando porque não precisa assistir seu olhar apaixonado para Charlotte todas as vezes que ela respira.

Sorri, entrando na loja.

– E o que você vai comprar?

– Um anel.

– Outro?

– Quantos eu achar que ela merece. – Ele apontou para alguns anéis que estavam expostos e a vendedora logo nos atendeu.

– E ela merece tanto assim? – Levantei a etiqueta, mostrando o valor exorbitante. Ele olhou e sorriu como o idiota que era.

– Muito mais. Qual é o problema? Estamos falando da sua irmã. – Ele pegou justamente o que eu havia mostrado e entregou à vendedora.

– Nada. Só estou achando tudo muito estranho.

– Eu amo Lana, Alex!

– Eu sei.

– Você ama a Charlotte?

– Claro! Que pergunta!

João, então, arqueou uma sobrancelha e eu entendi o que ele dizia.

Eu daria o mundo a Charlotte, se fosse possível.

– E tem algum motivo especial? Algo que eu tenha me esquecido, tipo aniversário dela ou de casamento de vocês?

– Tem um motivo muito especial, só que você não vai saber agora. – Ele deu um tapinha em meu ombro e saiu para pagar a pequena fortuna que comprava para a minha irmã.

– Tá, então eu vou... – Olhei rapidamente para o mostruário. – Vou levar este par de brincos para a Charlotte.

Com isso, fiquei um pouco mais pobre.

CHARLOTTE

Lana me segurou pelo braço, puxando-me para outra loja, assim que os rapazes viraram a esquina, e entramos como se fôssemos cometer um delito. Ela olhou para os lados, meio assustada e animada. Só então percebi onde estávamos.

– O que fazemos aqui?

Ela sorriu de uma maneira tão tímida que nem acreditei que minha cunhada seria capaz.

– Posso confiar em você para guardar um segredo?

– Você está falando em relação a Alex ou geral?

– Geral, mas Alex principalmente. Pelo menos por enquanto.

– Tudo bem – respondi sem muita certeza se estava fazendo a coisa certa.
– Agora me conta o que está acontecendo.

– Não dá para perceber? – Lana abriu os braços e gesticulou para a loja, fazendo-me prestar mais atenção ao ambiente.

Tenho certeza de que fiz uma careta.

– Hum! Quem teve ou vai ter um filho?

– Charlotte! – Ela me olhou sem acreditar no que eu dizia. Eu não estava entendendo nada. – Pelo amor de Deus!

Só então me dei conta. Porra, Lana estava grávida! Levei as mãos à boca enquanto ela sorria docemente e seus olhos se enchiam de lágrimas. Confesso que fiquei sem saber o que dizer. Claro que parabéns era o adequado e demonstrar empolgação, já que ela estava confiando em mim, era o mais justo, porém eu me peguei observando a minha cunhada sem conseguir me expressar.

– Você... – Ela ficou desanimada.

– Ai, Lana! Desculpa! – Abracei minha cunhada, sentindo que lágrimas se formavam em meus olhos. – Desculpa! Eu fiquei surpresa. Não esperava por uma notícia como esta.

Ela riu, me abraçando também.

– Eu estou tão feliz!

– Claro que sim! Como não ficar? Conta para mim, vocês planejaram ou foi um descuido? João já sabe, né? Por isso aquela demonstração de amor tão grudenta no restaurante.

Ela riu de maneira infantil e recomeçou a circular pelas araras, onde havia vários conjuntos para recém-nascidos.

– Nós queríamos muito e estávamos tentando há algum tempo, mas não acontecia. Então fizemos alguns exames e descobrimos que precisávamos de ajuda para que acontecesse. Resolvemos tentar uma clínica de fertilização, já estávamos na terceira tentativa e não tinha dado certo ainda. Ontem recebemos a notícia de que dois óvulos conseguiram se fixar. – Ela parou, olhou para as roupas e sorriu largamente. – João ficou tão emocionado! Como ainda corremos risco, você deve saber como funciona, por isso não queremos contar. Eu conheço Alex, ele vai ficar preocupado, vai achar que deve assumir a editora outra vez e eu não quero isso. Alex precisa terminar o livro dele e curtir um pouco mais o casamento. – Piscou e foi impossível não sorrir. – Vocês dois precisam de um tempo para organizar a vida.

– Você não poderá esconder por muito tempo uma coisa como esta. Alex vai adorar a notícia!

– Eu sei, vou contar quando tiver certeza de que tudo vai dar certo.

– Vai dar certo. – Apertei a mão da minha cunhada. Eu queria que desse certo.

Nunca pensei em Lana como mãe. Na verdade, filhos eram uma realidade tão distante para mim que eu não conseguia me imaginar com crianças nos meios em que eu vivia, no entanto, assim que Lana me contou a novidade, e que eram gêmeos, meu coração se encheu de uma alegria tão grande que eu já conseguia imaginar as duas criaturinhas correndo na praia, enquanto João e Alex surfavam. Eu podia até ver Lana reclamando do trabalho, mas com os olhos brilhantes, contando as peripécias dos dois, cheia de orgulho.

E Alex? Eu podia sentir a emoção dele ao descobrir que seria tio. Podia visualizar sua alegria com os sobrinhos, a nossa casa bagunçada, ele

reclamando de tudo o que Lana faz ou deixa de fazer por causa dos filhos. E então lembrei da conversa que eu e Alex tivemos alguns dias antes. Quando ele insistiu em usar a camisinha, e era o que fazíamos desde então, até a última noite, quando, finalmente, decidi que não usaríamos mais, sem respeitar o tempo necessário para o anticoncepcional.

– Você está bem? – Lana me perguntou, se aproximando.

– Estou, sim. – Peguei um conjuntinho azul e branco e o admirei por um tempo. – Você acha que Alex quer filhos? Digo... pra já. – E minha careta deixou claro que aquilo não estava em meus planos, não ainda, só estranhava a maneira como ele vinha agindo.

Claro que, quando ele me pediu em casamento, precisou me contar os seus planos e, neles, estavam os supostos filhos que ele prometeu cuidar para que eu pudesse continuar escrevendo, mas eu nunca pensei naquela possibilidade. Pelo menos não em um futuro imediato.

– Eu acho que ele quer filhos. – Ela sorriu sem revelar muito. – Mas acredito que vá querer aproveitar um pouco a vida de casado antes. O que está te intrigando?

– O remédio. – Puxei o ar com força. – Eu não me lembrei de que precisaria tomar outra injeção. Essa confusão toda, minha mãe, meu tempo de luto... Alex lembrou na noite que voltei ao Brasil e insistiu para usarmos camisinha. O argumento dele era justamente que não era o momento certo para arriscarmos uma gravidez. – E então me dei conta. Meus olhos ficaram imensos. – Merda!

– Calma, Charlotte! Isso é perfeitamente normal. Alex se preocupa com você, não quer que fique outra vez sobrecarregada com os acontecimentos, precisa de uma trégua.

– Não é isso. – Olhei para frente com a minha mente fazendo contas sem parar. – O problema é que eu não voltei a tomar a injeção, perdi a data quando descobri que minha mãe estava doente.

– Se vocês estão usando camisinha, qual é o problema?

– Nós transamos na noite anterior à partida de Alex, na Inglaterra. – Meu rosto ficou tão quente que precisei ficar de cabeça baixa.

Era estranho conversar coisas tão pessoais com qualquer pessoa que não fosse Miranda ou o meu próprio marido.

– Sem camisinha?

Sinalizei que sim com a cabeça. Lana respirou ruidosamente.

– Quando você menstruou a última vez?

– Deixe-me ver... Acho que no enterro da minha mãe eu estava menstruada, ou foi logo após. Não lembro. Droga! Droga! Droga!

– Podemos comprar um teste de farmácia e descobrir se já temos uma criança a caminho.

– Ah, Deus! – Escondi o rosto nas mãos, me esforçando para conter a tontura.

Eu queria ter filhos do Alex, mas não naquele momento. Era coisa demais para assimilar, viver e aprender em um espaço muito curto da minha vida. Eu só tinha 21 anos. Quem, em sã consciência, engravida aos 21 anos? E tudo o que nós ainda tínhamos que viver? E a vontade clara dele de não deixar acontecer?

Merda!

– Charlotte, se você estiver grávida, esta reação não é muito legal.

Porra, Lana estava grávida! Eu não podia reagir de forma tão negativa sabendo da luta dela para gerar um filho. Além do mais, ela tinha razão. Se já tivesse acontecido, eu não podia fazer mais nada, a não ser aceitar. Respirei fundo e passei a mão na testa.

– Certo. Vamos comprar um teste de farmácia, mas este será o nosso segredo. – E pensei se seria justo esconder de Alex aquela suspeita.

ALEX

Lana e Charlotte esperavam por nós dois em um café que ficava em uma pracinha perto de onde as deixamos. Lana continuava radiante, cheia de amor e alegria, como se o mundo não pudesse ser mais perfeito, já Charlotte parecia tensa e não dava para ignorar seu estado. Fiquei preocupado.

– Tudo bem? – Sentei, passando os dedos em seu rosto.

– Tudo, sim. – Ela desviou o olhar.

Olhei para a minha irmã e ela sorriu largamente. O que estava acontecendo?

– Pra você, linda princesa. – João deu a caixinha para a minha irmã, que ficou emocionada.

– Que lindo! – Ela tirou o anel, colocando-o imediatamente no dedo. – É lindo, amor!

– Como você. – Eles trocaram carinhos e eu me forcei a desviar a atenção deles.

– Comprei um presente para você também. Espero que goste – falei baixinho, colocando a caixa no colo da minha esposa.

Ela me encarou por um tempo, depois pegou a caixa e abriu.

– Alex! – Encarou o par de brincos e depois voltou a me olhar. – Mas é...

– Como seus olhos. Achei que ficaria lindo em você, para sua estreia no mundo literário.

Vi os olhos da minha esposa ficarem marejados e ela morder o lábio inferior contendo a emoção.

– Obrigada!

Ela se aproximou e me beijou com carinho. Não foi a reação que eu esperava, afinal de contas, Charlotte não tinha um bom histórico com presentes caros, e ela me abraçou e parecia não querer mais largar. E eu adorei!

– Nós podemos almoçar em algum lugar próximo ao hotel, eu tenho pouco tempo. Quero verificar se está tudo certo para amanhã, quando finalmente vamos aparecer – Lana quebrou o nosso clima em uma explosão de empolgação.

– Eu prefiro ir para o hotel. Estou cansada.

Charlotte falou diretamente para a minha irmã, que a olhou como se quisesse dizer alguma coisa. Não entendi, porém aquela troca de olhares foi o suficiente para que Lana aceitasse, o que, definitivamente, era estranho.

– Tudo bem. Vocês voltam para o hotel e eu e João vamos procurar um restaurante e, de lá, iremos trabalhar um pouco, não é, amor?

– Tudo o que você quiser – ele disse com aquela cara de bobo que já estava me deixando irritado. Ninguém precisava se comportar como um idiota só porque amava a mulher.

– Vamos, então – Charlotte levantou, demonstrando ansiedade.

– Você está bem mesmo? – Segurei em sua cintura enquanto a conduzia até o táxi.

– Estou. – Foi só o que ela disse e, durante todo o caminho, ficou calada fingindo ouvir o que eu dizia.

Deixei que Charlotte fingisse estar tudo bem, embora tivesse certeza de que não estava. Mesmo assim, permiti que ela deitasse em meu ombro e observasse a rua. Falei sobre os diversos assuntos que vinham em minha mente, até que finalmente entramos no quarto, onde poderíamos conversar melhor.

– Vem cá. – Puxei-a até a cama. Ela ficou tensa. – O que está acontecendo? – Sentei, colocando-a em meu colo. Charlotte olhou para a cama com receio. – Nós não vamos transar, se é isso o que está te afligindo.

Ela soltou o ar e encostou a testa na minha.

– Desculpe! É que estou preocupada e não teria condições de...

– Com o quê? – Acariciei o seu rosto e o puxei para que ela me encarasse.

– Não sei como te dizer isso – revelou, desviando o olhar.

– Mas precisa me dizer, não é?

– Não sei. O ideal seria que eu tivesse certeza primeiro, no entanto, eu me sinto péssima não dividindo isso com você.

– Você acha que está grávida?

Meu coração disparou e meus dedos congelaram em seu rosto. Minha resposta não chegou com palavras, eu soube que era aquilo quando Charlotte me encarou com olhos arregalados e seus lábios ficaram mais claros, além do seu rosto pálido.

– Alex...

– Você acha ou tem certeza?

– Nem desconfiava, mas hoje... – Ela hesitou, entortando os dedos uns nos outros. – Conversando com Lana, me dei conta de que o atraso da injeção não foi lembrado a tempo e nós transamos sem camisinha, lá na Inglaterra. – Sua voz morria à medida que continuava com os argumentos.

– Você menstruou um dia após o enterro da sua mãe.

Ela gemeu baixinho e concordou.

– Depois disso, tivemos algumas semanas sem contato.

Ela concordou outra vez.

– E tivemos o tempo que ficamos separados.

– Isso.

– Ou seja, você já deveria ter menstruado novamente, Charlotte.

– Droga! Desculpe-me, Alex! Eu não estava com cabeça para me preocupar com essas coisas.

– Você está se desculpando por ter engravidado? – Ri, saboreando a sensação.

– Não temos certeza – ela rebateu, ficando ainda mais assustada. – E você preferiu usar camisinha nas últimas semanas.

Meu sorriso se desfez ao me lembrar do real motivo para usarmos camisinha. Eu era um canalha.

– E então? – Deixei que minha esposa encontrasse suas próprias respostas. Não era hora de conduzi-la, e sim de deixá-la amadurecer.

– Você disse que não era um bom momento... não sabemos ainda, não é?
– Encarei minha esposa sem saber o que dizer. - Comprei um teste de farmácia. Eu quero fazer agora – ela revelou e seu rosto corou. Charlotte não me encarava.

– Tudo bem, antes precisamos conversar.

– Conversar? – ela repetiu meio agitada.

– Charlotte, se este exame der positivo, o que você pretende fazer?

Lógico que um aborto nunca seria discutido. Eu nunca permitiria. Mas eu precisava entender o que se passava pela cabeça dela, como Charlotte encarava a ideia.

– Eu estou assustada com a possibilidade, Alex. Ter um filho não estava em meus planos. Pelo menos não agora. E você disse...

– E se der positivo?

Ela me olhou assustada, logo em seguida alinhou a coluna e ficou mais concentrada.

– É nossa responsabilidade. Nós causamos isso e somos os responsáveis por este filho. Não sei o que você pretende, Alex, só devo dizer que não passa pela minha cabeça a ideia de abortar. Se eu estiver grávida, vou ter esta criança e aceitar o que tiver que ser.

Vi em seus olhos um lampejo de insegurança. Não quanto a sua decisão, e sim em relação à minha. Sorri.

– Eu também quero este filho – sussurrei e voltei a acariciar seu rosto. – Claro que isso muda muita coisa... mas, como a vida é feita de mudanças... Vamos fazer esse exame.

– Tem certeza? Você disse...

– Eu sei o que disse – cortei sem querer ficar me lembrando do quanto eu era filho da puta. – Falei por você e não por mim. Eu quero este filho, Charlotte. Quero muito.

Charlotte respirou profundamente, então levantou, alcançou a bolsa e tirou uma caixinha de dentro dela. Depois voltou para o meu lado.

– Você sabe como usar?

Ela concordou, encarando a caixa em suas mãos.

– Lana me ensinou.

– Ótimo! Porque eu não entendo nada de Alemão.

Ela sorriu.

– Eu entendo um pouco – revelou, mordendo os lábios.

Claro que ela entenderia. O que mais Charlotte não sabia fazer sendo criada como foi?

– Eu imagino que você também toque piano e saiba bordar, ou até mesmo que tenha feito curso de pintura.

Ela riu, quebrando o clima tenso.

– Na verdade, eu toco um pouco de piano, minha mãe gostava, no entanto, meu instrumento mesmo era o saxofone. Eu adorava!

– Sério? Porra, Charlotte! Você foi criada como uma riquinha, tipo uma princesinha em um mundo só seu.

Eu ri e ela corou, ainda sorrindo.

– Verdade, só que música não tem classe social. Existem comunidades pobres onde as crianças aprendem a tocar um instrumento, a cantar, até mesmo pintar.

– Então... devo acreditar que você borda.

– Lindamente.

Gargalhei e me deixei cair no colchão.

– Isso é muito o seu mundo.

– O meu mundo é você, Alex. Você é a minha realidade.

Abri os olhos e encarei minha esposa, que se inclinou em minha direção entrelaçando nossos dedos.

– Eu amo você, Charlotte – sussurrei, sentindo uma bolha se fechar ao redor de nós dois. Ela também era o meu mundo e aquele filho, se é que ela estava mesmo grávida.

– Eu também. – Ela hesitou e olhou para o banheiro. – Vou fazer o exame.
– Levantou cheia de coragem.

– Estarei aqui.

Ela apertou meus dedos e soltou minha mão, entrando no banheiro e fechando a porta.

CAPÍTULO 29

“Desperdicei meu tempo, agora o tempo desperdiça a mim.”

William Shakespeare

ALEX

Charlotte demorou mais do que deveria. Seriam apenas dois minutos que se transformaram em vinte. Eu aguardei, deitado na cama, encarando o teto e imaginando como seria a nossa vida caso minha esposa estivesse realmente grávida.

Lógico que pensei em Tiffany e temi. Nós não usamos preservativo, o que significava que... não. Eu tinha que implorar para que não houvesse esta possibilidade. E se ela contasse? Seria uma guerra, mas eu mentiria até o último segundo. Sustentaria a minha versão. E se Charlotte estivesse grávida? Como Tiffany encararia? Como a própria Charlotte encararia?

Porra, se Charlotte estivesse grávida, meu mundo ficaria perfeito.

Era algo para temer e glorificar.

Temer porque eu conhecia muito bem Charlotte, apesar do pouco tempo, e sabia que um pequeno problema se transformava em um problemão todas as vezes que ela não conseguia encontrar uma solução. Um filho não é como uma boneca que você pode colocar de volta na caixa quando se cansar de brincar.

Um filho é algo muito sério e eu não sabia se ela teria maturidade suficiente para enfrentar uma situação como aquela.

Por outro lado, um filho colocaria muita coisa em seu devido lugar. Eu tinha certeza de que Charlotte o amaria incondicionalmente e esta poderia ser a chave para colocá-la no caminho certo. Ser mãe exigiria dela muita responsabilidade, algo que a faria pensar várias vezes e a impediria de tomar decisões intempestivas. Quem sabe não seria o caminho para seu amadurecimento pleno.

Quanto a mim, eu não tinha dúvidas. Ser pai era um sonho que eu queria realizar o quanto antes, principalmente sendo Charlotte a mulher que estaria comigo. E uma criança... puta merda, uma criança faria com que meus dias fossem perfeitos! Eu até já podia imaginar aquela voz infantil gritando pela casa e rindo, fazendo gato e sapato de mim.

Oh, sim! Eu seria um pai capaz de qualquer coisa pelo meu filho.

A porta abriu e Charlotte saiu com cara de assustada. Meu coração disparou ao observar seus olhos avermelhados. Ela havia chorado, mas por quê?

Charlotte, sem dizer nada, seguiu em direção ao *closet*, vestindo um roupão maior do que o seu corpo. Sentei na cama e aguardei. Não sei por quê, só sabia que aquele era o momento dela e o mais correto seria esperar até que minha esposa quisesse falar sobre o assunto. Mesmo eu estando com o coração na mão e ansioso para saber o resultado do teste.

Poucos minutos depois, ela voltou, usava calça jeans, uma camisa preta de mangas compridas, os cabelos soltos e os pés descalços. Ela caminhou até parar diante de mim, me encarando com olhos vermelhos. Nos encaramos por poucos segundos e, então, com um suspiro, ela começou a falar.

– Eu já imaginava a resposta, mesmo assim fiz. – Parou me observando, mordendo o lábio inferior.

– E então? – Fui cauteloso.

O que acontecia com Charlotte eu não sabia, me questionava se ela estava em pânico por estar grávida ou triste por não estar? Nos dois casos, a reação não me deixava confortável.

– Deu negativo – respondeu com os olhos baixos e a voz rouca.

– Tem certeza? – Ela balançou a cabeça, afirmando. – E o bastão?

Minha esposa olhou em direção ao banheiro e logo em seguida voltou a me olhar.

– Joguei fora. – Deu de ombros, estreitando os olhos e me avaliando. – Por quê?

– Nada. – Sentei mais próximo da beirada e acariciei seu braço. – Está tudo bem com você? – Ela suspirou de novo, colocando os fios lisos atrás da orelha.

– Sim. Eu só... não sei, Alex! Não sei como estou me sentindo.

– E por que está tão triste?

– Não triste. Eu estou... preocupada.

– Preocupada? – Segurei-a com as duas mãos, puxando-a para ficar entre as minhas pernas.

Ela respirou profundamente e sentou no meu colo.

– Se eu não estou grávida, por que não menstruei?

Encarei Charlotte até me dar conta do que ela estava querendo me dizer. Confesso que respirar se tornou um ato complicado. Meus olhos ficaram imensos e minhas mãos congelaram no corpo dela.

– Minha mãe morreu de câncer – ela completou.

Puxei o ar com força, pensando em como eu deveria tratar aquele assunto. Claro que seria dramático demais começar a sofrer sem nem ao menos sabermos a verdade. Charlotte poderia estar com qualquer coisa, até mesmo um problema hormonal, embora tenha que ser honesto e admitir que pensar nesta possibilidade foi a minha única reação.

O silêncio era tão pesado que nos cobriu como um manto. Meu coração acelerado tentava encontrar alguma resposta óbvia. Então, como se meu corpo tivesse decidido por mim, minha mão reiniciou a carícia nas costas dela e eu consegui sorrir fraco.

– Tem certeza de que deu negativo?

– Alex! – Ela revirou os olhos e me empurrou.

– Você deveria ter me deixado ver o bastão.

Consegui rir da reação de Charlotte. Ela ficou vermelha e encarou as mãos sobre o colo.

– Não sou tão idiota assim – falou à meia voz.

– Claro que não! – Acariciei a ponta dos seus cabelos que desciam até a sua cintura. – Só meio... desatenta.

– Alex! Eu vi. Deu negativo. Que coisa!

– Tudo bem, Charlotte. – Puxei minha esposa em um abraço apertado, tentando expulsar o medo que me espreitava.

– Então...

– Seu pai jamais deixaria que qualquer coisa passasse despercebida – eu disse sem saber ao certo o que dizer para fazê-la esquecer, mesmo que temporariamente, o assunto.

– Ele não conferia o meu ciclo menstrual.

Revirou os olhos. Ri.

– Claro, apenas a sua virgindade.

– Onde falhou miseravelmente – sorriu me olhando com carinho. – Você conseguiu burlar as regras.

– Só invertei. A ordem dos fatores não altera o resultado.

– E depois eu que sou *nerd*. – Aproximei meu rosto do dela e beijei seus lábios com calma. – Sério. Não acha que deveríamos investigar? – Ela se encostou em meu peito e continuou falando, tentando esconder o seu temor.

– Como eu ia dizendo: Peter com certeza pedia exames periódicos, não?

– Anuais.

– Então! – Tentei beijá-la ela recuou.

– O que tem isso de mais? Minha mãe descobriu o câncer e morreu rapidamente, e ela também fazia exames, até mais do que eu.

Fitei minha esposa e me senti péssimo. O que mais Charlotte ignorava sobre a saúde da mãe?

– Amor... – Sentei, ajeitando-a em meu colo e procurando manter nossos olhos firmes. – Sua mãe já sabia da doença há um tempo. Ela tentou muitos tratamentos, por isso eles sempre estavam viajando, infelizmente não

conseguiram bons resultados. O que você viu... – Fiz uma pausa, respirando fundo ao verificar os olhos marejados da minha esposa. – Foi realmente o fim. Quando eles decidiram que não mais lutariam e quando não havia mais nada a ser feito. Sinto muito!

Ela baixou os olhos e mordeu o lábio inferior. Depois fungou e limpou uma lágrima com a mão. Acariciei suas costas e braços e aguardei até que Charlotte estivesse melhor.

– Por que será que eu já esperava isso? Que continuaria descobrindo a verdade? – Sua voz rouca cortou meu coração.

– Eu lamento – consegui dizer baixinho.

Ela fungou, levantou o rosto e puxou o ar com força.

– E você não está doente, Charlotte!

– Vou acreditar que não – ela falou um pouco mais corajosa.

– Ainda acho que eu deveria verificar aquele bastão.

– Alex! – Fingiu revolta e tentou sair do meu colo. – Quanta falta de confiança!

– Mas nada que nos impeça de tentar, não é?

Ela me encarou com os cílios molhados e os olhos vermelhos. A ponta do seu nariz também estava mais vermelha e eu achei que ela continuava linda mesmo assim.

– Tentar o quê? – indagou sem entender, a cabeça levemente inclinada e uma expressão atenta.

– Um filho. Nós podemos tentar.

– Ah! – Pareceu confusa e depois seus olhos ficaram marejados outra vez.

– Você quer um filho agora? Digo... tão cedo?

– Não que seja uma exigência, só gosto da ideia. – Fiquei tenso. Um filho não era o que preocupava a minha esposa, e sim a possibilidade de gerar um e depois descobrir que estava doente. – Você não está doente, amor! – Tentei ser mais convincente.

– Mesmo assim, quando voltarmos, irei procurar minha ginecologista para descobrir o que está acontecendo.

– Por mim, tudo bem. – Soltei o ar que estava preso. – Podemos treinar então.

Beije seu pescoço.

Eu precisava desesperadamente tirar aquela ideia da cabeça de Charlotte ou também surtaria com a possibilidade. Na verdade, já estava em meus planos investigar, só não pretendia conversar com ela antes de estarmos de volta.

– Treinamento – ela disse com o rosto corado, depois mordeu o lábio inferior e o rubor ficou ainda mais acentuado. – De camisinha – completou.

– Se você não engravidou até agora...

– Eu prefiro evitar. – Ela me olhou com firmeza. – Enquanto não tivermos a certeza...

– Tá certo – concordei meio contrariado. O que eu poderia cobrar? A ideia da camisinha começou por causa do meu deslize, então... – O que quer fazer?

– Podemos ficar aqui no quarto? Está frio e eu queria dormir mais cedo hoje.

Forcei um sorriso, encarando minha esposa.

– Podemos, sim. Mas não tem camisinhas aqui – alertei e sorri.

Charlotte ficou ainda mais ruborizada e eu adorei.

– Nem a capa peniana?

– Podemos conseguir uma amanhã.

– Você fala em... comprar?

Concordei com a cabeça.

– Mas, e Lana? João Pedro não vai me deixar em paz, Alex. – Seu rosto ficou cada vez mais vermelho. – E nós vamos entrar mesmo em uma loja... digo, uma que venda essas coisas. Ai, meu Deus!

Ri, saboreando a sua reação. Como ela podia ser tão destemida e determinada quando estávamos somente nós dois e tímida e envergonhada na presença dos outros?

– Vamos esperar voltarmos para o Brasil então.

Ela concordou e eu ri ainda mais.

CHARLOTTE

A madrugada estava congelante. Ficamos no quarto durante a tarde e noite. Assistimos a dois filmes, jantamos, recebemos Lana e João para uma conversa sobre como seria no dia seguinte e eu contei a minha cunhada que fora um alarme falso, sem revelar meus temores.

Na verdade, quase não pensei nas possibilidades que desfilavam em minha mente. Alex me cercou de cuidados e carinhos, no entanto, eu sabia que o medo também habitava nele e, para ser bem sincera, muitas vezes eu me lembrei da dor do meu pai quando perdeu minha mãe e, nesses momentos, implorava a Deus para que isso não acontecesse com o meu marido.

Lógico que o drama faz parte da minha natureza e eu tinha consciência de que era cedo demais para pensar em qualquer diagnóstico, muito menos em minha morte e no sofrimento do Alex, mas, depois da experiência traumática que tive com a minha mãe, não conseguia desvincular um fato do outro e, de tempos em tempos, me perguntava como seria.

Olhando pela janela do hotel, eu me concentrava no vazio da madrugada em Frankfurt, no silêncio das suas ruas e na escuridão quebrada apenas pelas poucas luzes de alguns painéis e pela imensa lua que banhava as ruas vazias. Mesmo diante de tal situação onde a paz possibilitaria um conforto maior, eu estava inquieta.

Precisava de respostas, de certezas, e apenas uma única pessoa poderia me ajudar.

Caminhei lentamente sem querer despertar meu marido. Aquele era um momento em que ele não me acrescentaria nada, então que continuasse dormindo tranquilamente. Entrei no *closet*, peguei minha bolsa, encontrei meu celular e saí rapidamente, voltando para a janela onde eu estava antes.

“Acordado?”

Não precisei aguardar muito para que a mensagem fosse visualizada.

“E por que não estaria?”

Sorri.

Meu pai não parecia ser o tipo de homem que se interessasse por tecnologia, mas esta era a sua realidade. Um homem de meia-idade que adorava inovações, os avanços dos meios de comunicação, tudo que envolvesse tecnologia de ponta.

“Não sei. Velhos dormem cedo.”

“Você deveria ter se dedicado mais a geografia e fusos horários.”

Com essa, eu desisti de tentar provocá-lo.

“Por que não ligou?”

Ele insistiu. Não precisei responder. No mesmo instante, recebi uma ligação pelo *FaceTime*. Meu pai era incrível! Olhei em direção ao quarto, onde Alex dormia, decidindo me arriscar.

– Oi, pai! – falei baixinho.

– Tá escuro aí – ele disse, sorrindo. – Perdeu o sono ou está com tanta saudade que não conseguiu esperar?

– Sempre sinto saudade. – Olhei em direção ao quarto. – Alex está dormindo, por isso não liguei.

Ele concordou com a cabeça.

– Se quiser...

– Não. Eu queria... eu quero... quero conversar, pai. Preciso te contar uma coisa e ouvir de você algumas verdades.

Ele ficou atento, me observando.

– Aconteceu alguma coisa? Alex...

– Não é nada com ele. É comigo.

Vi quando meu pai deixou de ficar apenas atento, ficando em estado de alerta. Como se tivesse certeza de que algo de errado estava acontecendo.

– Pai, primeiro preciso da sua opinião como médico.

Ele estreitou os olhos.

– Minha menstruação atrasou. Eu deveria ter tomado a injeção, acabei esquecendo por causa do problema da mamãe.

Ele piscou e depois sorriu amplamente. Fiquei tão envergonhada que tenho certeza de que, mesmo com a imagem escura, ele podia ver o meu rubor.

– Você pode fazer um exame.

– Eu fiz. – Engoli para manter minha voz estável. – Deu negativo.

Vi o sorriso do meu pai se desfazer, mas ele me olhou com carinho.

– Como já tem muito tempo de atraso, então...

– Pode ser um monte de coisas, filha.

– Eu sei...

– Coisas que podem não ter nenhuma grandiosidade.

– Eu sei, pai.

– Você tem certeza de que este exame deu negativo?

Revirei os olhos. Não era possível que todo mundo agisse comigo como se eu fosse uma inútil, incapaz até de fazer uma porcaria de teste de farmácia.

– Tudo bem. Tudo bem. – Ele respirou profundamente. – Não dá para saber do que se trata, com você tão longe. Existem mulheres que levam meses sem menstruar, existem as que menstruam durante a gravidez...

– Um câncer.

Ele se calou na hora em que falei.

– Apresenta este sintoma? Existe alguma possibilidade...

Meu pai passou uma mão no cabelo e fechou os olhos.

– Não sei, Charlotte. Preciso verificar, mas, acredite, não há nada de errado com você. Eu saberia se...

– Pai, como soube que mamãe estava doente?

– Ela estava sempre fraca, reclamando de cansaço. Então surgiu a febre, perda do apetite e, como consequência, começou a perder peso. Em seguida, começaram as dores abdominais e os exames indicaram um inchaço no baço.

– Nem sempre são os mesmos sintomas, não é?

– Normalmente não, para o tipo de câncer que ela teve foi isso, filha. Existem diversos tipos, uns raros, outros mais comuns. Você não tem câncer, Charlotte.

E eu via em seus olhos o medo estampado. Não de eu ter herdado aquela carga genética, e sim de que, de alguma forma, eu acabasse partindo também.

– Eu só fiquei preocupada, mas pode ser que o problema esteja em meu útero ou nos hormônios.

– Pode ser qualquer coisa, ou nada. Olha, faça o seu trabalho, aproveite a viagem e, quando voltar, cuidarei de você, está bom assim?

Encarei a tela do meu celular e vi um homem tão assustado quanto eu. Então sorri, mesmo que forçadamente. Meu pai já tivera dores suficientes e eu não precisava dar a ele mais algumas.

– Você está no Brasil?

Ele sorriu.

– Cheguei hoje. Não quis te contar porque você inventaria alguma coisa para não viajar.

– Eu não faria isso – rebati indignada. – Não perderia a minha viagem por nada neste mundo.

Ele riu e eu também. Nós dois sabíamos que era mentira. Respirei fundo e continuei.

– Alex quer um filho. – Sorri, desviando completamente o assunto. – E acho que está muito cedo.

Deu certo, ele sorriu também e foi verdadeiro.

– Bom... É cedo para você, sem dúvida. Para mim, está exatamente na hora. – Sorriu mais. – Ter um neto seria fechar minha vida com chave de ouro.

– Vai demorar muito para o senhor fechar sua vida.

– Ora, Charlotte, pensei que você tivesse me chamado de velho.

– Um velho na flor da idade.

Ele riu com gosto.

– Certo. Por que não deita e tenta dormir? Será um grande dia.

– Vou fazer isso. Obrigada, pai!

– Por nada. Eu estava mesmo ansioso para saber como você estava.

Claro que ele estava. Quando, em sua consciência, Peter Middleton perderia a vontade de saber sobre mim? Nunca. Sorri, sentindo-me amada e protegida.

– Eu estava aborrecida porque o senhor e Alex conspiraram pelas minhas costas, e ainda mais por saber que vocês gostaram disso.

Ele riu.

– Algumas vezes, você pede por isso, filha.

Suspirei.

– Da próxima, apenas converse comigo, ok?

Ele balançou a cabeça, concordando, não tão convicto quanto deveria.

– Vá dormir, Charlotte! E ligue amanhã para contar como foi.

– Eu ligo. Amo você!

– Também te amo, Lottie.

Desliguei e me assustei com a figura alta parada na entrada do quarto. Alex estava lá, braços cruzados, encostado na parede e, apesar da escuridão, eu sabia que olhava para mim.

– Ele conseguiu te convencer? – Continuou parado onde estava enquanto eu me recuperava da surpresa de vê-lo

– Acordei você?

Ele ficou um tempo quieto, depois desistiu e andou até mim.

– Perdeu o sono? Por causa dessa bobagem?

Respirei profundamente.

– Estava frio, então acabei acordando.

Ele me envolveu com seus braços e beijou meu rosto com carinho.

– Eu sou o seu cobertor – sussurrou em meu ouvido. – Venha, vou te aquecer.

Segurou minha mão e me levou para a cama. Eu estava com receio. Tinha evitado transar durante todo o dia. Não pelo medo de engravidar, eu já tinha desencanado depois que Alex apresentou todas as suas justificativas ou mesmo depois de entender que as coisas sempre vão acontecer, independentemente da nossa vontade.

Só que eu não estava no clima. Claro que meu marido conseguiria criar o clima perfeito e tal, mas, durante a tarde, enquanto eu ainda digeriria todos os meus pensamentos loucos e tentava me convencer de que eram realmente loucos, não conseguia pensar em fazer amor com ele sem estar realmente pronta. Sem que todos os meus desejos e anseios estivessem voltados para aquele homem incrível.

Bom, não dava para saber se isso era normal, eu queria acreditar que sim. Nem tudo era perfeito, mesmo entre os casais muito apaixonados, e eu continuava perdidamente apaixonada por ele, nem sempre havia disposição ou tesão para transar.

– Alex...

Puxei um pouco minha mão, ele não desistiu, nem se voltou para mim. Alex sentou na cama e me fez subir nela, arrumou o meu travesseiro e, sem dizer uma palavra, me fez deitar nele, depois me cobriu, ajeitou o edredom e se deitou me abraçando com cuidado.

– Alex... – tentei outra vez.

Ele me impediu, enterrando o rosto em meu pescoço, fazendo cócegas.

– Não vamos mais falar sobre esse assunto. – Levantou e segurou em meu rosto para que eu prestasse atenção. – Não podemos nos torturar por algo que

nem sabemos se existe. – Seus dedos percorreram meu rosto em uma carícia que me fez relaxar completamente. – Amanhã é o seu grande dia. – Pela pouca luminosidade, pude ver aquele sorriso lindo, grandioso e perfeito. – Vamos aproveitar! Fazer com que seja especial. Amanhã, finalmente, você será conhecida como uma escritora. Não era o seu sonho?

– Não.

– Não? – Ele riu e eu também.

– Era.

– Era ou não era?

– Era até eu te conhecer, depois disso, você passou a ser o meu sonho.

Ele riu e se afastou.

– Puta merda! Você me diz isso mesmo sabendo que estou louco para fazer amor e que sabe que vai recuar.

Ri pela forma como ele falou, como se fosse um menino reclamando a falta do doce.

Levantei a mão e foi a minha vez de acariciar o rosto do meu marido. A barba por fazer pinicou a ponta dos meus dedos. Ele se inclinou, aceitando o carinho, e eu entendi que realmente estava sendo egoísta e infantil, mais uma vez. Porque eu o amava tanto que não entendia como podia ocupar qualquer que fosse a fração dos meus pensamentos com algo que não fosse ele.

E porque não havia forma de trair o meu corpo e me negar ao homem que eu amava quando ele era todo o meu mundo. Quando ele era capaz de entender meus temores, minhas recusas sem que eu precisasse dizer nada e, ainda assim, tornar tudo perfeito, lindo e encantador.

Alex era único. Era perfeito. E, se ele não estivesse ali, na minha frente, o corpo colado ao meu e o rosto em minha mão, eu poderia fechar os olhos e jurar que era um sonho. Que ele não passava de um personagem fictício de um romance, onde a escritora conseguia colocar em um papel a fórmula perfeita para o ser masculino.

Ele segurou minha mão e a levou até a boca para beijar a palma.

– Você tem razão – eu disse após os segundos em que ficamos em silêncio.
– Não vamos mais falar sobre este assunto. Não vamos mais nem mesmo pensar nele.

Alex sorriu.

– Vamos aproveitar o dia, comemorar e fazer amor.

– Gosto muito desta última parte – ele disse, já me puxando com malícia.

– Eu também. – Ri, sentindo meu marido assumir o controle da situação.

ALEX

Eu ainda não conseguia entender como Charlotte conseguia passar tão rapidamente de um estado de espírito para outro. Certo que ela sempre foi uma garota confusa, e isso eu soube desde o nosso primeiro contato, então nunca fui enganado a este respeito, mas, sinceramente, às vezes eu ficava zozinho com a velocidade da sua mudança de humor.

Como naquele momento, por exemplo. Ela estava tensa, cheia de medos e dúvidas, que tenho que confessar que também me assolavam. Como eu não queria estragar tudo pensando em algo que nada poderíamos fazer para

solucionar, pelo menos não até voltarmos para casa, minha vontade, naquele momento, era de simplesmente fechar os olhos e esquecer.

Charlotte sorriu quando me aproximei e beijei o cantinho dos seus lábios. Ela ainda estava tensa, eu podia sentir, também estava disposta a fazer como combinamos, e eu não recuaria.

– Lembra aquela noite em que eu fui te salvar lá no rancho – eu disse, lembrando-me da noite em questão, de como ela começou desastrosa e acabou de maneira perfeita.

– Lembro-me de quando você achou que eu precisava ser salva e se arriscou para me encontrar – ela rebateu, sorrindo. Charlotte nunca admitiria.

– Sei... – Levantei o corpo, sustentando o peso pelo cotovelo e a encarei com mais firmeza.

– Eu tinha tudo sob controle – minha esposa continuou, tentando me convencer a desistir da ideia de príncipe encantado.

– Claro que sim. Como a chave que você nem sabia onde estava. – Ri da careta que ela fez. – E da noite que você passaria no frio e no escuro, só porque tinha tudo sob controle.

Ela suspirou, revirou os olhos e depois sorriu.

– Se espera que eu admita que precisava ser salva, pode desistir.

– Não – respondi, fingindo desinteresse. – Eu não quero que admita algo tão humilhante.

– Vá direto ao ponto, Alex! Você está me enrolando para não transar comigo, é isso? – Encarei minha esposa e não pude segurar o sorriso largo que se instalou em meu rosto. Charlotte era tão confusa!

– O que uma coisa tem a ver com a outra?

– Não sei, só achei que, quando eu disse “Vamos aproveitar o dia, comemorar e fazer amor”, seria a sua deixa.

– Tá, Charlotte! Você está mais confusa que o habitual hoje. – Comecei a rir, ela ficou ofendida e me empurrou para me afastar. Segurei minha esposa, impedindo-a de fugir de mim.

– Você tem cinco minutos para falar logo o que tanto quer dizer – ela ameaçou, mantendo a expressão fechada.

Quando eu disse que Charlotte mudava de humor à velocidade da luz, eu não estava brincando.

– Amor, vem cá – tentei ser mais romântico para desfazer a armadura que ela acabou vestindo. – Eu não sabia que você estava tão desesperada para fazer amor.

Ela bateu em meu braço com força e eu voltei a gargalhar.

– Você acha certo se divertir com a minha cara?

– Eu acho certo – admiti ainda rindo. – Até porque você fica linda quando tenta ficar séria, enquanto está morrendo de vontade de rir. Dá vontade de morder este biquinho.

Ela abriu um sorriso encantador e começou a rir junto comigo.

– Você é inacreditável, Alex!

Charlotte se virou, me abraçando com os braços e uma perna, prendendo o seu corpo ao meu. Corri um braço por debaixo do seu tronco e, com o outro, me segurei a sua perna, mantendo-a firme em mim. Nossos lábios se juntaram

em um beijo carinhoso e romântico. Com minha esposa completamente entregue e relaxada.

– O que você queria falar mesmo? – Ela interrompeu o beijo, com a voz divertida.

Pigarreei limpando a garganta e tentando voltar a me concentrar.

– Deixa eu pensar.

Ela riu e eu fiquei ainda mais encantado com o seu riso doce e delicado. Charlotte aproximou o rosto e beijou meu pescoço.

– Bom... Eu acho que... – Com a ponta dos dedos, ela acariciou meu peitoral pela abertura do pijama. – Hum!

– A noite em que finalmente fizemos amor, Alex – brincou sem descolar os lábios do meu pescoço traçando trilhas de beijos em direção ao meu peito.

– Isso. – Ri divertido. – A noite em que te salvei da chuva.

– E de uma eternidade virgem – provocou sem interromper o que fazia.

– Isso também. – Acariciei seu cabelo. Sentindo seus dedos me explorarem com mais profundidade, descendo pela minha barriga e deixando uma promessa que me desligava do mundo.

– E então?

– E então... – Mordi o lábio ao sentir sua mão acariciando o pé da minha barriga, os dedos brincando com o elástico da calça e ameaçando ultrapassar a barreira. – E então eu não sei mais o que ia dizer. – Girei o corpo, agarrando Charlotte com força. Ela soltou um gritinho e começou a rir, se encolhendo em minhas mãos afoitas.

Voltamos a nos beijar. Ela se apertou em mim, sentindo-me com mais intensidade e gemeu baixinho, passando as mãos pelas minhas costas, levantando minha camisa para sentir melhor a minha pele aquecida pelo desejo. Movimentando-me com cuidado, me alojei entre as suas pernas deixando nossos sexos se encontrarem, e me esfreguei em minha esposa, sem nenhum pudor.

Ela gemeu forte quando descolei nossas bocas e mordisquei seu pescoço, descendo os lábios na direção do seu decote. Ao mesmo tempo, deixei que minha mão brincasse em sua coxa, acariciando a parte interna até quase alcançar seu sexo. Eu adorava quando minha esposa estava de camisola, apesar de sempre ficar ansioso demais para tirá-la.

Quando pensei que Charlotte estava rendida e já começava a me envolver a ponto de me esquecer do restante do mundo, senti seus braços me empurrando com força até que eu ficasse de costas no colchão. Ela rapidamente subiu em mim, sentando-se em meus quadris, as pernas abertas prendendo-me como seu refém.

Charlotte se inclinou, segurando minhas mãos para cima, se aproximando do meu rosto. Ri enlevado e sem a menor vontade de me rebelar. Lentamente, ela rebolou, roçando meu sexo em uma fricção maravilhosa. Umedeci os lábios, observando aquela garota determinada que tanto me surpreendia.

– Tem certeza de que não lembra o que ia dizer?

– Tem certeza de que quer mesmo conversar? – Forcei um pouco o meu sexo contra o dela, mostrando o quanto eu já estava duro e ansioso.

Ela sorriu maliciosamente.

– Sou uma mulher curiosa, professor Frankli.

– E eu sou um homem cheio de tesão – rebati, tentando beijá-la.

Charlotte riu, se afastando, continuou rebolando lentamente, apertando meu sexo contra o dela.

– Vai me contar ou não?

Precisei morder o lábio, sem conseguir conter um gemido que escapou ao senti-la tão firme, se esfregando como uma gata manhosa. Eu estava louco para entrar em Charlotte e esquecer qualquer conversa.

– Não se você continuar me torturando desse jeito.

Ela sorriu e parou de se esfregar, arqueou as costas e me fitou.

– Melhor?

– Não, mas, pelo menos assim, eu consigo pensar.

– E precisa pensar muito? É algo tão importante assim?

– Primeiro, eu preciso encontrar alguma lógica em tudo. Você se aborreceu porque comecei a conversar ao invés de fazer amor, e agora está me torturando para que eu converse e pare de tentar transar. Definitivamente, tem alguma coisa errada com você, Charlotte!

Ela liberou minhas mãos e cruzou os braços no peito. Aproveitei a liberdade e acariciei suas coxas.

– Eu ia falar sobre o quanto você estava errada quando pensou que eu estava apenas brincando e decidi me deixar, fugindo no meio daquela tempestade, colocando nós dois em perigo. – Minha voz estava calma e gentil, então Charlotte não reagiu mal às minhas palavras.

– E o que tem isso tudo?

– Tem que eu queria te mostrar que você tende sempre a ter reações exageradas, a se perder em suposições e sofrer antecipadamente pelas coisas.

Ela ficou bem quietinha, seus olhos perderam o foco, Charlotte parecia pensar no que eu dizia. Por um segundo, achei que nossa noite iria terminar ali, que minha esposa escolheria se culpar ou ficar irritada e que eu precisaria de muita habilidade para mudar seu estado de espírito antes da sua participação na feira do livro.

Não foi o que aconteceu.

Charlotte ficou algum tempo perdida em seus próprios pensamentos, em seguida, me olhou com carinho e sorriu. Foi um sorriso meigo, cheio de amor, ternura e confiança.

– Você tem razão.

– Eu sei que tenho – respondi cauteloso, sem saber ao certo o que ela faria.

– Mas – Charlotte voltou a se inclinar, se aproximando mais do meu rosto –, se você parar para pensar, se eu não tivesse enlouquecido com aquela confusão, se não tivesse fugido no meio daquela tempestade, nós nunca teríamos a nossa primeira transa, pelo menos não daquela forma tão perfeita, e você não teria ficado desesperado a ponto de querer casar comigo a qualquer custo. – Riu como uma garotinha. – E eu não teria aceitado com tanta facilidade.

– Você não aceitou com facilidade. – Ela me beijou levemente enquanto eu subia as mãos pelas suas coxas, alcançando sua bunda e apertando-a suavemente.

– acredite em mim, foi muito fácil para você. – Ela riu de novo, fazendo-me rir também.

– Eu faria tudo novamente. Enfrentaria a tempestade, o rio, a escuridão... só para tê-la em meus braços.

– E eu fugiria sempre que possível, só para ser salva pelo meu eterno professor.

– Eu amo você, minha eterna aluna! – sussurrei, sentindo-me em júbilo por aquelas palavras.

– Eu sei. – Ela sorriu amplamente e se permitiu ser amada por mim.

CAPÍTULO 30

“Somos do mesmo material do que se tecem os sonhos.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

Alex me beijou. Não foi um beijo feroz, nem cheio de ansiedade. Foi calmo, carinhoso e cheio de luxúria. Seus lábios se moviam contra os meus, como se estivessem degustando algo muito saboroso. Sua língua pediu passagem, não com a necessidade dos casais apaixonados, e sim com a certeza dos amantes que compartilham o amor.

Durante um tempo, apenas desfrutamos do nosso beijo e o leve roçar das nossas mãos. As dele em minhas costas e coxas. Apenas as pontas dos dedos subindo e descendo, deixando marcas quentes por onde passavam e eu me senti como se meu corpo tivesse rastilhos de pólvora. As minhas mãos

brincaram em seu peitoral e barriga, quase sem tocar, pois meu cérebro se concentrava naqueles lábios e naquela língua doce.

E, em poucos segundos, o frio já não mais existia naquele quarto.

Lentamente, me movimentei sobre o meu marido, sentindo o seu membro rijo sob a calça de moletom. Alex gemeu baixinho, sem desgrudar os lábios dos meus. Sua língua entrou em minha boca, um sabor indescritível, um dançar suave profundo que me transportava para longe.

Senti suas mãos mais firmes, seus gestos mais fortes. Ele me segurou pelas costas e me puxou ao encontro dos seus quadris, levantando-o até que nossos sexos roçassem. Senti como se formigas brincassem em meu íntimo, deixando tudo mais sensível.

Foi a minha vez de gemer e, como resposta, Alex mordeu meu lábio inferior. Não doeu, embora tenha acionado alguma coisa dentro de mim que me deixou mais aflita e ansiosa. Aprofundei nosso beijo, fazendo minha língua encontrar a dele com mais urgência, puxando-o para aquele labirinto em que eu me aprofundava sem nenhum temor.

Meu marido correu os dedos pelas minhas coxas e, lentamente, levantou minha camisola, deixando as pontas dos dedos roçarem minha pele, causando calafrios. Senti o bico dos seios ficarem duros e todos os meus pelos se arrepiarem, sem contar o familiar formigamento e umidade entre as minhas pernas.

Levantei-me ligeiramente para facilitar a retirada da camisola. Ele a tirou e seus olhos encontraram meus seios. Havia certa devoção naquele olhar de um azul penetrante, que me fazia desejar que ele continuasse me olhando, me consumindo aos poucos. Queria ficar exposta exclusivamente para o seu deleite e tal constatação me deixou ainda mais excitada.

Alex levantou, fazendo nossos corpos se encontrarem. Ele retirou meus cabelos do ombro direito, levando os lábios a ele, onde tocou levemente, apenas provocando com seu hálito doce, até que encontrou meu pescoço e sua língua assumiu o trabalho de me provocar até que não me restasse nenhum vestígio de sanidade.

Ele subiu uma das mãos pelas minhas costas, alcançando meus cabelos, levantando-os e me segurando pela nuca ao mesmo tempo em que sua boca buscava a minha.

O beijo foi urgente, ansioso e excitante.

Minhas mãos também reagiram, percorrendo sua pele, explorando cada detalhe dos seus músculos tão perfeitamente definidos. Ele se permitiu ser tocado desfrutando a sensação de ser tão desejado, endeusado. Sim, porque Alex, quando me dominava e conduzia daquela maneira, eu o comparava a um deus, ou a um ser mitológico, que me tirava da realidade e me transportava para um caminho de nuvens, rosas e sonhos.

E era perfeito!

Ele se tornou mais intenso, sua mão espalmada se esfregando em minha pele, descendo até que estivesse completamente dentro da minha calcinha, em minha bunda, os dedos longos subindo e descendo, tocando cada parte daquela região e me fazendo arfar.

A ponta do seu dedo do meio tocou minha entrada úmida e pulsante, uma pequena amostra do que poderia acontecer. Rebolei involuntariamente e ele escorreu em minha umidade ao mesmo tempo em que gemia em êxtase.

De repente, me vi sendo retirada da cama. Alex me levantou e me colocou em pé do lado de fora, entre as suas pernas e sem me dar chance de reagir, levou os lábios a minha barriga, o que me fez arfar ainda mais e me agarrar em seus cabelos sedosos. Ao mesmo tempo, ele começou a baixar minha calcinha.

Sua língua brincando em minha pele, seus dedos roçando minhas coxas e meu sexo ficando livre e entregue a suas carícias. Ele pegou por trás do meu joelho, forçando-me a flexioná-lo, até que o tecido passasse pelo meu pé, e depois repetiu o processo com o outro até que minha calcinha estivesse longe.

Então ele se afastou. Outra vez, aqueles olhos azuis penetrantes me observando como se eu fosse o ser mais bonito, maravilhoso e iluminado que ele já foi capaz de ver. Novamente, eu tive uma vontade incontrolável de ser admirada e desejada pelo meu marido.

Umedeci os lábios com a língua e depois mordi para conter a ansiedade que já me consumia.

– Ah, Charlotte, você é tão linda!

Suas mãos subiram pelas minhas coxas, uma carícia que começava pela parte de trás, indo em direção a minha bunda. Seus lábios voltaram para a minha barriga, onde sua língua brincou com a minha sanidade mental. Um arrepio angustiante se apossou de mim quando senti seus dedos chegarem bem perto.

Ele afastou uma mão, logo recomeçando, aumentando a minha angústia, porque me acariciava com uma mão por trás e a outra foi diretamente para o meu sexo, onde ele tocava, brincava e esfregava os dedos sem se importar com o efeito que causava em mim.

Gemi alto. Aí Alex decidiu me torturar um pouco mais. Sua mão que estava em minha bunda me puxou para mais perto, abocanhando um dos meus seios e meu corpo inteiro se acendeu. Aliás, incendiou.

Ainda com as mãos em seus cabelos, minha única reação foi apertar os dedos nos seus fios lisos e puxá-lo mais para perto, mantendo-o cativo, simplesmente porque eu o queria ali, sua boca em meu seio, chupando, mordendo, lambendo, saboreando e se deleitando.

Alex brincou comigo. Sim, ele brincou.

Ele desfrutou do meu corpo, com a sua boca devorando meus mamilos, suas mãos explorando minha carne, seus dedos invadindo meu sexo, roçando minhas paredes e espalhando a sua umidade. E eu não aguentava mais de tanto desejo.

Meu corpo protestava, agia por vontade própria, rebolando em seus dedos perturbadores, meu ventre se contraía, minha mente girava e meus seios ardiam ao serem sugados com tanta voracidade. Eu sabia que era questão de tempo. Pouco tempo. E eu logo estaria entregue ao prazer, me desfazendo em suas mãos.

Aparentemente, um orgasmo rápido não estava nos planos do meu marido. Por isso ele se afastou. Não abruptamente, bem devagar. Retirou as calças, revelando sua ereção. Suas mãos, como se não quisessem nada, subiram em direção aos meus quadris. Ele voltou a se deitar na cama e me conduziu à nossa posição inicial, deixando-me por cima.

Mordi o lábio e fiquei vermelha imediatamente, mas não iria recuar. Eu nunca recuaria. Além do mais, seus olhos continuavam em mim em uma súplica excitante, um desejo selvagem estampado naquela profundidade azul, a luxúria tangível que exalava de nossos corpos.

Montei em meu marido. Ele manteve uma mão em minha cintura e a outra segurou o próprio membro para melhor me conduzir. E, enfim, o senti, deslizando com lentidão, me completando, preenchendo e me fazendo perder a noção de tempo e de espaço.

Eu apenas o sentia roçando minhas paredes molhadas, alcançando o meu limite, até que estivéssemos completamente conectados.

Ainda mordendo o lábio, olhei para o meu marido. Sua boca estava meio aberta, a respiração entrecortada e os olhos semicerrados. Uma visão perfeita

do pecado. Ficamos alguns segundos apenas assim, sentindo, nos adaptando ao prazer, usufruindo do toque das nossas peles, até que ele se movimentou.

O leve subir dos seus quadris em direção ao centro entre as minhas pernas, fazendo-me acompanhá-lo, me despertou instantaneamente. Busquei firmeza no tronco, corri as mãos em seu peitoral e comecei a me movimentar, ditando o ritmo.

Minha carne protestou, inchando e dificultando o movimento; isso não era um empecilho, era um estímulo. Alex gemeu forte, fechando os olhos, segurando mais firme em meus quadris, me puxando para que seu sexo tivesse mais espaço dentro de mim, proporcionando a ele um prazer ainda mais intenso.

Rebolei, aceitando a pressão que se formava em meu interior. O roçar forte do seu pênis duro em minhas paredes inchadas aticava minha mente e meu corpo. Uma corrente elétrica descontrolada e fulminante brincava dentro de mim com seus fios desencapados, prontos para causar um curto-circuito.

Nossos olhos se encontraram e se prenderam por um longo tempo. Eu assistia ao prazer do meu marido e, com isso, permitia que ele tivesse direito ao mesmo tipo de espetáculo, só que ofertado por mim. Fui pura, única e exclusivamente eu mesma, deixei-me levar, me entreguei totalmente, queria que Alex tivesse o que existia de mais verdadeiro em mim. Então, sem medo ou culpa, me doeí sem reservas, me entreguei sem limites e fui dele, porque não havia como ser diferente.

Cavalguei meu marido até que ele, finalmente, fechou os olhos e gemeu entregue, se forçando para dentro de mim, aceitando meus movimentos, desfrutando do prazer. Ele apertou os dedos em meus quadris, como se quisesse se assegurar de que eu não pararia.

Rebolei, saboreando as suas entradas e saídas, aumentando o ritmo, sentindo cada centímetro alcançado, minhas paredes sendo tocadas em todos os ângulos, os choques que elas recebiam e que se espalhavam com uma agitação que partia do centro entre as minhas pernas e corria minhas veias, acionando os mecanismos que me fariam embarcar naquele caleidoscópio de emoções.

Então, sem aviso, eu me vi gozando intensamente, sentindo minha pele ser lambida pelo mais poderoso fogo, partida, rasgada e esmigalhada, solta, rodopiando pelo ar e, ao mesmo tempo, tendo consciência do todo, da fusão de nossos corpos, dos nossos movimentos e dos gemidos intensos do meu marido, que também se entregava, se liquefazendo em mim, em um gozo profundo, completo e extasiante.

Ele gemeu mais uma vez e se movimentou, se aprofundando ainda mais em mim, aproveitando os últimos segundos do seu prazer e desfrutando do latejar pulsante do meu sexo.

Respirei fundo, aguardando. Alex sorriu antes mesmo de abrir os olhos. Foi um sorriso lindo, encantador. Como se ele estivesse confirmando o quanto estava saciado e o quanto tinha sido maravilhoso para ele também.

Quando abriu os olhos, me encontrou sorrindo, retribuindo a magnitude que era vê-lo sorrir. Nos fitamos com intensidade e não precisamos de palavras.

– Nós vamos nos atrasar – gritei pela milésima vez.

Alex estava trancado no *closet* e eu não tinha ideia do que ele tanto fazia lá dentro. Eu já estava pronta, devidamente vestida com o meu vestido preto básico, que descia até os joelhos, meias que ajudariam a manter a temperatura adequada e minhas botas cano longo recém-adquiridas completando o meu visual.

O sobretudo estava sobre a mesa próxima da porta, juntamente com minha bolsa, luvas e o cachecol. Poderia até ser exagero, mas era melhor não abusar.

– Alex! Você está bem? Lana já ligou três vezes querendo saber a que horas vamos chegar.

– Estou pronto. – Ele abriu a porta e saiu do *closet*.

Olhei o meu marido com curiosidade. Ele vestia um terno completo e havia um sobretudo preto em seu braço. Os cabelos estavam arrumados, a barba feita e seu cheiro impecável.

– Aconteceu alguma coisa?

– Não. Por quê? – Ele andou pelo quarto procurando sua carteira e celular. Havia alguma coisa errada.

– Porque você demorou uma eternidade!

– Não demorei, não. Estava me barbeando, escolhendo a roupa e... – Mordeu o lábio e me encarou meio divertido.

– E?

– Ok, Charlotte! Você me pegou. Eu tentei achar o bastão para verificar se estava tudo certo, não o encontrei.

O quê? Demorei longos segundos me adaptando à sensação de invasão que tentava me dominar. Respirei fundo, encarando o meu marido.

– Eu o joguei na privada e dei descarga, satisfeito? Existe algum motivo para você duvidar de mim? – Cerrei os dentes, tentando controlar a raiva que as palavras dele provocaram.

– Eu acredito, amor! É só que... – Ele sentou na cama, com os ombros baixos em sinal de derrota e sem conseguir me encarar direito. – Sinto-me um imbecil! Perdão!

– Deu negativo, Alex! Por que eu mentiria sobre um assunto tão sério quanto este?

– Eu não acho que está mentindo. Eu só... – Me olhou com vergonha, depois desistiu. – Prefiro descobrir que você errou do que saber que está doente. É isso.

Outra vez aquele assunto. Novamente, a tensão e o medo me congelando por dentro. Eu não queria voltar àquele clima. Eu queria a paz que encontrei nos braços do meu marido no restante da noite que tivemos. Queria acreditar nas promessas que fizemos e no início de dia animador.

Por isso, e apenas por isso, não permiti que meu medo se alojasse em mim. Não permiti que Alex fosse atirado naquele turbilhão de incertezas que só servia para nos paralisar. Eu faria o que havia prometido. Faria com que Alex não pensasse mais naquilo.

– Eu não estou doente!

– E quero acreditar nisso. Merda! Eu tenho que acreditar nisso. – Ele parecia uma criança amedrontada. Foi tão ruim vê-lo daquele jeito que meu coração afundou.

– Até ontem você acreditava – rebati, tentando ser mais otimista.

– Ontem – ele gemeu. – Ontem, Charlotte, quando abri os olhos e voltei à realidade, me dei conta de que você é tudo o que sempre desejei e esperei para mim. Apesar dos problemas, de sua cabeça confusa, suas infantilidades, de tudo o que você faz para me tirar do sério, não quero que minha vida seja diferente. Merda! Eu não quero te perder! Não consigo imaginar...

Coloquei o dedo na boca do meu marido para impedi-lo de surtar de vez.

– Calma! – Encarei seus olhos para que não restassem dúvidas. – Respire, Alex! Você está parecendo... – Procurei a palavra e não encontrei uma adequada. – Eu!

Ele riu, relaxando um pouco e me abraçou pela cintura.

– Tem razão! Perdão!

– Olha, eu não perdi o apetite, não sinto fraqueza nem desânimo, não tenho inchaços, nem manchas pelo corpo, não existe nada que possa me colocar na lista. Minha menstruação atrasou, porém pode ser um distúrbio e não uma doença. Eu posso ter ovários policísticos, por exemplo.

– Charlotte! – ele gemeu e passou a mão pelos cabelos bagunçando tudo.

Suspirei.

– Qual é o problema?

– Que diabos significa "ovários policísticos"?

Sorri.

Meu marido podia até ser perfeito, mas era um homem, e homens sempre se intimidam com doenças ou, no caso de Alex, com síndromes. Sentei ao lado dele e segurei em sua mão.

– Os ovários aumentam e produzem cistos. É fácil de descobrir e, caso seja recente, de conviver também.

– Conviver? – Bom, eu não queria dizer que não existia cura, pois sabia que isso poderia aterrorizá-lo ainda mais. – E isso, nos ovários, compromete... – Ele me olhou sem saber como terminar.

– Pode ser que sim, mas não tenho como afirmar com certeza. O ideal é consultarmos minha médica assim que voltarmos. – Ele soltou o ar com força e seus olhos se arregalaram. – Esqueça isso, Alex! Eu andei pesquisando e você pode fazer o mesmo. Existem milhares de motivos para uma menstruação atrasar, inclusive não ser nada. Uma pessoa pode simplesmente começar a ter atrasos e pronto. Eu me sinto ótima! – Sorri animadamente.

– Tá! Certo, então! – Ele me olhou em dúvida. – Desculpe pelo que fiz. – Alex parecia um menino envergonhado por ter sido flagrado fazendo travessuras.

Ri.

– Precisamos ir. Lana vai ficar maluca se não aparecermos logo na feira. E ainda precisamos almoçar.

– Tudo bem. Charlotte, eu não queria ficar tão apavorado e sei que este não é o melhor momento para que eu seja a parte fraca deste relacionamento, só que eu... – Seus dedos ficaram mais firmes nos meus. – Eu não quero que nada de ruim te aconteça. Não posso conviver com a hipótese de que isso seja uma realidade, e me sinto péssimo por estar tão vulnerável em vez de estar sendo forte.

– Você não precisa ser forte o tempo todo – sussurrei. – E não existe forma de me perder.

– Como pode ter tanta certeza? – ele questionou com a mesma intensidade.

– Porque acredito em contos de fadas, príncipes encantados que enfrentam tempestades para salvar a sua princesa.

Alex riu.

– Em triciclos brancos poderosos. – Empurrei-o com o ombro. – Se não fosse para vivermos este amor com tudo o que temos direito, com certeza você não estaria lá para me salvar.

Ele riu e me puxou para um beijo que fez todo o meu corpo estremecer.

ALEX

Tudo bem, confesso que fraquejei e quase estraguei tudo. Por muito pouco, não coloquei Charlotte outra vez naquela nuvem de medo e insegurança. Mas... puta que pariu! Eu não sou de ferro. Estava sendo forte e, de verdade, não estava tão cismado quanto a minha esposa. Pensava na possibilidade, apenas nisso.

Então, quando fizemos amor e a vi tão entregue, tão minha e quente em meus braços... Era tanto amor que o medo me atingiu antes que eu pudesse evitá-lo e acabei fazendo papel de otário. A minha sorte, e eu nem sabia explicar por que a vida se adequava desta maneira para nós dois, quando eu resolvia ser o infantil da vez, ela era incrivelmente madura.

– Pronta? – perguntei assim que chegamos à entrada da feira do livro.

Estava lotado! Charlotte respirou profundamente, encarando o local, fechou os olhos e sorriu. Um sorriso lindo! Daqueles que as pessoas só dão quando entendem que deu tudo certo. Imediatamente, relaxei. Ela se permitiu aproveitar aqueles segundos só dela, de olhos fechados, sentindo o prazer da realização.

– Sempre estive – respondeu com a voz rouca de emoção.

Quando Charlotte abriu os olhos, foi como se ela tivesse evoluído cem anos. Sua postura havia mudado, a maneira como ela olhava o ambiente, como andava com a coluna ereta e a segurança que eu pensava não existir nela. Charlotte era outra pessoa.

Não mais a minha esposa, muito menos a garota doidinha que um dia me procurou com uma proposta indecorosa. Aquela era a Charlotte escritora, que conhecia, entendia e acreditava em seu trabalho. Era uma mulher segura, conhecedora do seu potencial e que me transformava no marido mais orgulhoso do mundo.

– Bom... – Segurei em sua mão e olhei para os lados. – Temos que descobrir onde ela está.

– Você não sabe?

Olhei minha esposa e sorri.

– Eu nunca sei. – Puxei Charlotte pela mão e começamos a andar.

Muitas pessoas estavam por lá. Caminhavam, paravam para olhar as novidades, para ouvir alguns autores, faziam filas, compravam todos os livros que achavam interessantes ou baratos o suficiente para correr o risco.

Muitos espaços estavam perfeitamente arrumados, com imagens de livros, entradas mirabolantes e atendentes sorridentes. Estavam muito bem organizados.

Encontrei o nosso tão logo avistei um painel alto simulando letras escapando pelo ar. Sorri. O efeito ficou muito bom.

– É ali. – Apontei enquanto Charlotte tentava avistar por cima das demais pessoas que se aglomeravam no corredor em que estávamos.

– Onde? – ela perguntou bastante animada e começou a dar pulinhos para conseguir visualizar.

– Venha, logo você verá. – Acelerei o passo e abri passagem.

Quando vencemos o corredor, demos de cara com um espaço aberto, com livros arrumados de maneira decorativa e banners, um com a imagem de Charlotte, outro com a do seu livro, o que me deixou bem feliz. Lana estava dentro, conversando animadamente com um rapaz alto, muito loiro, e o dispensou rapidamente quando nos viu. Fiquei feliz ao ver o número de pessoas interessadas em nossos livros com o mesmo fervor que tinham por livros de outras editoras.

– Vocês demoraram! – esbravejou quando nos alcançou. – Logo vamos ter muitos repórteres por aqui. Consegui uma entrevista com uma grande revista e quero falar sobre a Charlotte e na aposta que estamos fazendo em seu livro. Nossa, Charlotte, adorei o seu vestido! – falou, mudando completamente o assunto.

Lana era assim, me deixava atordoado, porém eu a amava e gostava do seu trabalho, só por isso a tolerava. Mentira! Mas que ela era insuportável com suas mudanças súbitas de humor, ela era.

– Como estão as vendas? – perguntei, me adiantando em direção ao espaço.

– Ótimas! Os livros da Tiffany são os mais procurados, já dei algumas entrevistas e estão especulando que o novo lançamento dela não será conosco.

– E o que você disse?

– Que no momento estamos pensando nos novos projetos e falei sobre Charlotte. – Ela sorriu como uma diabinha.

– Fez bem. – Olhei para as pessoas que estavam atendendo os nossos clientes. – A roupa ficou excelente – continuei observando. – Onde está João?

– Ah! – Ela olhou discretamente para Charlotte. – Foi acompanhar Tiffany em uma coletiva.

– Tiffany está aqui? – Charlotte se virou para Lana com os olhos arregalados. Pronto, foi o suficiente para que parte da sua segurança evaporasse.

– Ela é nossa autora, amor – tentei ser o mais natural possível.

– Foi por isso que você aceitou com tanta facilidade ficar no quarto o dia todo? – perguntou para mim, mas rapidamente se virou para Lana, atacando. – E foi por isso que você nem se importou?

Lana abriu a boca e fechou imediatamente, assumindo a sua culpa.

– Claro que não! – menti descaradamente. – Você não estava bem, lembra?

Charlotte piscou algumas vezes e depois relaxou.

– Tiffany é nossa autora, Charlotte. Não tem como participarmos de um evento desta magnitude sem que esteja presente – tentei ser o mais natural possível.

Ela estreitou os olhos, engoliu com dificuldade e acabou concordando.

– Vamos, temos que começar a te apresentar – e assim desviei a atenção dela.

Deus sabia o quanto eu também estava apreensivo com a presença de Tiffany. Contava com o seu bom senso para que tudo corresse bem e nada fosse dito.

Charlotte passou alguns minutos conhecendo o local, sendo apresentada a algumas pessoas, conversando sem nenhuma dificuldade, ora em inglês, ou no próprio alemão. Havia muitos brasileiros por lá. E, em nenhum momento, pareceu precisar de mim. Respirei aliviado. Lana tinha assumido o cargo de editora-chefe, no entanto, era a minha imagem que ainda estava vinculada à editora, então eu tinha muito trabalho a fazer.

João voltou sozinho, assumindo o lugar da minha irmã como assessor da Charlotte, e Lana se juntou a mim para uma pequena e informal reunião com alguns livreiros. A conversa fluíu e foi bastante promissora e só fomos interrompidos pelo meu cunhado para avisar que levaria minha esposa para conversar com alguns meios de comunicação. Acenei para Charlotte e continuei concentrado em nossa conversa.

Quase uma hora depois, eu estava livre. Lana, como não poderia deixar de ser, continuou com todo gás e não parou um só minuto. Ela me apresentou a um autor que havia lançado um livro promissor com uma editora pequena da Alemanha, que não possuía distribuição, e minha irmã pensava em trabalhar com ele, traduzindo o livro e lançando no Brasil, sem contar que assumiríamos os seus lançamentos nos demais países. Conversamos sobre os livros enquanto eu acompanhava o movimento.

Foi quando Tiffany chegou. Ela estava acompanhada de leitores que a cercavam, como se ela fosse uma celebridade. Tiraram algumas fotos,

conversaram, ela autografou os livros então entrou na sala destinada apenas aos funcionários e autores. Ela me viu e sorriu.

– Alex! Pensei que nunca conseguiria te encontrar.

Sorriu amigavelmente, sem se atrever a se aproximar muito. Eu também fiquei constrangido. Não tínhamos conversado nem nos visto depois do que aconteceu, e encará-la era, no mínimo, embaraçoso. Eu ainda não conseguia acreditar no que tinha feito com ela, por isso a dificuldade para encará-la.

– Parabéns pelo sucesso – tentei ser cortês e distante.

Tiffany, apesar de continuar sorrindo, estava estranha, o que me encabulava ainda mais. Ela mantinha as mãos juntas, torcendo os dedos nervosamente.

– Aceita alguma coisa? – Dei um passo para trás com a desculpa perfeita para me afastar. – Uma água...

Ela sorriu, entendendo o meu recado.

– Não, obrigada! – Virou para o lado e sentou na poltrona. – Dei tantas entrevistas que estou esgotada.

– Isso é ótimo! – Sentei no sofá defronte, ficando mais afastado, só um pouco, o local era pequeno. – Para você a para a gente. – Não dava para simplesmente me afastar e ignorar Tiffany. Eu devia o mínimo de consideração a ela depois do que a tinha feito passar.

– Com certeza. – Ela olhou para fora e acenou para uma fã. – Por que demorou tanto a chegar? Vai se afastar tão rápido assim da editora?

– Não. Na verdade, não vou me afastar, só não estarei mais no cargo de editor-chefe.

– Compreendo. Que bom que conseguiu resolver os problemas com Anita. Ela me contou – completou ao ver a minha cara de curiosidade. – Minha prima, às vezes, não tem limites. – E lá estava a insegurança, o medo e todas as incertezas que ainda nos rondavam.

– Verdade. – Mudei de posição, incomodado com o rumo da conversa.

– No final, deu tudo certo. Vocês vão lançar o livro da menina.

Fiquei ainda mais incomodado.

– Lana me disse que o livro é ótimo, então estou bem curiosa.

– O livro é muito bom realmente – me limitei a dizer. – Bem... – Levantei, surpreendendo-a. – Eu vou procurar Charlotte, ela está... dando algumas entrevistas.

Vi o rosto tão bem composto de Tiffany perder a máscara. Ela estreitou os olhos, como se estivesse surpresa com as minhas palavras, sua boca abriu em descrença, fechou rapidamente engolindo em seco. Então recuperou a postura, engoliu em seco e olhou para os lados, confirmando a nossa privacidade.

– Charlotte está aqui?

– Sim, como convidada. Achei que seria interessante e Lana concordou, já iniciamos a campanha para divulgação do livro dela.

– Eu vi o banner. Ficou muito bonito, só não imaginei que ela estaria viajando como autora da editora, já que o livro ainda não foi lançado.

– Arriscamos.

Ela olhou para fora e depois para os pés.

– Então vocês... – não concluiu, apenas me olhou com intensidade.

– Estamos juntos – afirmei, sabendo exatamente o que ela queria saber – Eu vou procurar Charlotte. Vejo você depois.

– Espere – me interrompeu.

Respirei fundo, já de pé, aguardando que Tiffany colocasse um ponto final naquela conversa angustiante.

– Precisamos conversar.

– Não aqui, Tiffany – alertei, sentindo o meu coração acelerar.

– Mas é importante. – Seus olhos apreensivos demonstravam que ela estava nervosa.

– Não mais do que manter esta merda embaixo do tapete.

Ela recuou e engoliu com dificuldade, passando a mão no pescoço como se o nó a impedisse de continuar.

– Você deveria me ouvir, Alex. – Não me encarou.

– O que você quer conversar? Foi um erro. Eu estava bêbado, pensei que fosse Charlotte, sabe disso... merda, Tiffany! Sabe o quanto foi horrível. O que eu fiz foi imperdoável, então não comece com aquela história de que você não liga, porque eu ligo, eu...

– Estou grávida.

Levei infinitos segundos até que a mensagem chegasse realmente a minha mente. O chão tremeu e meu peito empedrou, dificultando a minha respiração.

– Desculpe! Eu não sabia que Charlotte estaria aqui. Pensei que seria mais fácil conversarmos sobre isso, e...

– Você o quê? – Minha voz quase não saía. A apreensão começava a me deixar enjoado.

– Eu estou grávida, Alex. Desculpe! Não foi minha intenção.

– Você o quê? – falei mais alto sem conseguir acreditar.

Milhares de informações me invadiam e minha mente trabalhava a todo vapor. Não, ela não poderia estar grávida.

– Desculpe!

– Desculpe? – Fechei a mão em punho, me controlando para não passar outra vez do limite com ela.

Tiffany se encolheu na poltrona, o medo estampado em seu olhar.

– Alex, eu não queria, eu...

– É mentira. Você usa anticoncepcional. Disse isso. Me garantiu!

– Eu sei. Eu...

– É mentira! – Controlei minha voz e raiva. Não podia permitir que aquela mentira chegasse aos ouvidos de outras pessoas. – Não tem vergonha de se humilhar tanto? Não cansa de armar para estragar a minha vida com Charlotte?

Tiffany limpou uma lágrima discretamente e sorriu.

– Eu não pretendia deixar acontecer. Você estava bêbado, mas sabe que tentei evitar o quanto pude. Não fui à sua casa para transar naquela noite, Alex. Você fez isso. Não pense que estou feliz, que me sinto vitoriosa. Eu não estou. – Ela controlava a raiva na voz. Tiffany era muito melhor do que eu quando o assunto era manter a compostura. – Mas aqui está. – Ela levantou um envelope em minha direção. – O exame positivo. Fiz logo porque queria

realmente me livrar da possibilidade. Também fui pega de surpresa. Não sei como você vai fazer com Charlotte, só acho que não será fácil esconder um filho. Ainda bem que este não é um problema meu. – Ela levantou, me encarando com mais segurança.

Abri o envelope, conferindo a veracidade das suas palavras. Não podia ser. Aquilo era um pesadelo. Não podia estar acontecendo.

– Eu não estou mentindo.

– Esse filho não é meu. – Encarei minha ex-namorada determinado a encerrar a conversa.

Ela recuou com a minha acusação, visivelmente ofendida.

– Não vou entrar nesta briga com você agora, Alex. Acredite no que quiser. Conserte o seu casamento, trabalhe Charlotte ou a engane. Quando meu filho nascer, poderemos comprovar a sua paternidade e, depois disso, não poderá mais me ofender com as suas acusações.

– Você planejou tudo muito bem, não foi?

– Não! – rosnou, avançando em minha direção. – Você me agarrou. Me levou para cama porque é um babaca cheio de si. Porque é um imbecil comandado por uma garotinha que sequer te respeita.

– Não fale...

– Eu não queria. Quis em um determinado momento, porque sou tão idiota quanto você. Porque, nesta brincadeira, eu sou para você o que você é para Charlotte, um cachorrinho. Cedi porque te amo, e porque sinto a sua falta.

– Tiffany...

– Mas eu desisti. Sabe disso. A culpa em seus olhos não te deixa negar.

Recuei imediatamente.

– Eu não queria mais. Tentei te impedir. Foi você...

– Chega! – Fechei os olhos horrorizado com as imagens em minha cabeça. Eu não conseguia acreditar que chegamos àquele ponto. – Não posso mais ficar aqui. – Respirei fundo, sentindo o mundo se fechar. – Não posso continuar esta conversa.

– Tudo bem. Faça como quiser. Em pouco tempo, não haverá mais como fugir. Não se preocupe, vou te dar o tempo que precisar.

– Não... – Virei de costas envergonhado e assustado demais. – Não comente com ninguém, Tiffany. Eu... vou procurar você quando chegar o melhor momento.

– Então tire Charlotte do meu caminho – ameaçou, caminhando de volta à poltrona. – Sabe o quanto ela consegue me irritar.

– Não faça isso – praticamente implorei. – Primeiro preciso ter certeza de que é meu.

Seu olhar magoado mais uma vez me sufocou.

– Como eu disse: não é problema meu.

Saí da sala e respirei fundo. Estar naquele pequeno recinto ao lado da minha ex-amante me sufocou. Eu não conseguia mais acreditar na gentileza dela, muito menos em sua resignação. Sabia que Tiffany continuava ressentida pelo meu casamento, pelo ocorrido entre nós dois, pela minha recusa a acreditar que o filho era meu, além de não concordar com toda a atenção que dávamos ao livro da minha esposa, o que me incomodava mais do que o normal.

Por isso, andei o mais rápido possível, ansioso para encontrar Charlotte e me certificar de que estava tudo bem. Tirá-la de lá o quanto antes e mantê-la longe de Tiffany enquanto eu pudesse.

Meu mundo virou um inferno.

CAPÍTULO 31

“Cuidado para com a fogueira que acendes contra teu inimigo; ela poderá chamuscar a ti mesmo.”

William Shakespeare

CHARLOTTE

-- E o que te inspirou a escrever um romance erótico? – A blogueira diante de mim sorria com entusiasmo após uma longa conversa na qual ela confessou amar romances eróticos.

Imediatamente, meus pensamentos se voltaram para o meu marido. Lembrei-me do nosso primeiro encontro, da forma como conduzimos a situação constrangedora, do tanto que ele lutou contra o que sentíamos, das nossas aulas... minha pele ficou arrepiada e eu me vi sorrindo.

– Na verdade, eu não tive uma inspiração específica. Eu simplesmente sentia falta de algo mais profundo. Quando os casais dos romances que lia eram mais maduros, eu achava que não cabia apenas dizer que eles transaram. Havia a necessidade de algo mais, de descrever o amor.

– O amor? – Ela arqueou uma sobrancelha, levando o gravador em sua direção.

Ri.

– Desculpe, eu escrevo romances, então ainda não aprendi a separar o sexo do amor. Para mim, esta é a fórmula perfeita. A leitura fica mais bonita e gostosa quando os dois se amam, mesmo que ainda não tenham percebido.

– Obrigada, Charlotte! Seu livro com certeza parece ser muito interessante. Desejo sucesso!

– Obrigada!

Ela desligou o gravador, guardou na bolsa e voltou a me olhar sorrindo.

– Você fala com muita paixão. É bom conhecer autores assim.

– Obrigada! – Apertei a sua mão e João se aproximou.

– Esse é o último por hoje, Charlotte. Vamos voltar?

Bebi mais um gole de água para hidratar a garganta e levantei.

– Vamos, sim.

Ele colocou uma mão em minhas costas, de maneira protetora, e começamos a sair.

– O que achou?

– Achei ótimo! Você foi muito segura. Fiquei surpreso.

– Ah é? – Estreitei os olhos, ele riu.

– Não... calma! Pensei que você teria medo, ou ficaria tímida, porém, mesmo corando muitas vezes, conseguiu se manter tranquila.

Continuei rindo.

– Esqueci de te dizer que estou muito feliz por vocês dois.

Ele me olhou rapidamente surpreso com a minha revelação.

– Lana te contou?

Concordei com um aceno de cabeça e ele sorriu de uma forma tão linda e plena que meu coração se alegrou. Ele merecia aquela felicidade.

Pensei em como Alex reagiu à nossa suspeita de gravidez e tive a certeza de que ele teria a mesma reação se eu realmente estivesse esperando um bebê.

– Você contou a ele?

– Não. Lana disse que ainda não era o momento.

– Bobagem dela, no entanto, eu estou respeitando. Ela... – Ele parou me olhando sem muita certeza se deveria falar. – Ela está com medo de perder os bebês.

– E o que você acha?

– Eu acho que eles são nossos. – E voltou a sorrir com tanta doçura e segurança que eu também tive certeza.

– Eu também acho.

– Obrigado!

– Então... – continuei andando. – Vocês vão ter girinos.

Ele me olhou confuso, logo entendeu e começou a rir.

– Ou príncipes.

– Ou princesas. Ou um príncipe e uma princesa.

– Isso – ele disse ainda com aquele sorriso bobo. João pai seria realmente uma figura.

– Como foi com Tiffany? – Ele fez uma careta e continuou olhando para frente.

– Como sempre. Ela tem muita habilidade com o público. As pessoas amam os livros dela. – Me olhou de esguelha. – Seria ótimo se conseguíssemos os próximos livros.

– Desculpe por isso – fiquei desconfortável com a revelação dele.

– Não, Charlotte! Você é uma promessa e Tiffany foi muito infantil querendo vincular uma coisa a outra.

– No entanto, a recusa do Alex fez vocês perderem sua melhor autora.

– Não. Não pense assim. Nós estamos felizes com a maneira como tudo se resolveu.

Mordi o lábio sem querer acrescentar nada. Eu não queria que fosse diferente, e confesso que ter Tiffany longe era uma maravilha, no entanto, saber que por minha causa a editora poderia ser prejudicada não era algo legal para pensar.

– Então... amanhã posso comprar duas roupinhas com os dizeres Ctrl C, Ctrl V? – Ele riu alto.

– Acho que vai ser difícil esconder um presente assim do seu marido.

– Você está falando com Charlotte, mestra em esconder coisas ilegais.

Ele me olhou enviesado e eu ri.

– Como meu relacionamento obscuro com meu professor.

– Hum! Verdade. – E continuou rindo, seu sorriso se desfez aos poucos e, quando acompanhei o seu olhar, entendi o motivo.

Tiffany.

Merda! Eu não estava preparada para encontrar com a ex-candidata a atual amante do meu marido. Pelo menos não para encontrá-la tão perfeita, linda e soberana. Uma beleza fresca, como se tivesse acabado de chegar. Maquiagem impecável, corpo incrível, um vestido que cabia muito bem na personagem que interpretava para sustentar a sua imagem de moça educada e superior.

E ela se movia com uma graciosidade imperdoável, como se os saltos altíssimos não a incomodassem em nada. Notei de imediato a cor do cabelo modificada. Um castanho dourado, quase semelhante ao meu. Também não passou despercebido que ela estava deixando crescer e, imediatamente, me perguntei se era uma tentativa ridícula de se assemelhar a mim e, com isso, ganhar a atenção de Alex. A frustração foi imediata.

Vários fãs tiravam fotos, conversavam e admiravam a estrela amigável que não media esforços para atendê-los. Não sei se odiei mais a ela ou a mim por ter escolhido usar algo tão sóbrio.

– Por que não aguarda um pouco na sala, Charlotte? Eu vou procurar Alex.

Concordei. João saiu em direção a Lana, que conversava com dois rapazes e uma mulher gorda e baixinha. Passei pelas mesas repletas de livros, olhei mais uma vez para o banner com minha foto e o livro, o que me fez sentir um pouco melhor e entrei na sala, que estava vazia.

Peguei um copo com água, sentei na poltrona próxima à porta, encostei a cabeça e fechei os olhos. Eu estava cansada demais para pensar no que Tiffany significava para mim, mas, pelo visto, ela não estava.

– Charlotte! – Ouvi aquela voz que nunca me soou tão falsa e estremeci. Respirei bem fundo antes de abrir os olhos para encará-la.

– Tiffany – falei sem emoção, fitando-a.

Ela sorria e eu a odiei um pouco mais.

– Como vai? – Não me dei ao trabalho de ser educada a ponto de me levantar para cumprimentá-la.

– Estou ótima! Uma feira como esta sempre renova minhas energias. O contato com os fãs, o carinho deles, o amor pelos meus livros... – Passou a mão na barriga, ajustando o vestido impecável.

Eu entendi que ela estava tentando me atingir, por isso fiquei calada, apenas ouvindo e fingindo interesse. Tiffany não merecia que eu me desse ao trabalho. Ela falou por longos minutos e depois, aparentemente cansada de tentar me vencer pela inveja, sentou e ficou olhando para os lados, meio agitada.

– Eu pensei que não te veria por aqui – falou por fim.

Algo no seu tom de voz ou na forma como me olhou me fez estremecer.

– Por que não? – fiquei mais alerta, endireitando a coluna e encarando minha colega de editora enquanto aguardava sua resposta.

Ela me olhou como se não soubesse como me responder, desviou o olhar e encarou as próprias mãos, mudando de posição, visivelmente incomodada.

– Bom... sua mãe acabou de falecer... – Me olhou sem jeito.

Puxei o ar, sentindo o baque que era ser lembrada da morte da minha mãe. Principalmente quando eu ainda estava com tantas dúvidas e depois de ter visto Alex tão vulnerável, atingido pelo medo de me perder.

– Eu sinto muito – ela disse com aquela voz de anjo que eu bem sabia não ser verdade. – Embora tenha conhecido pouco a sua mãe, ela me pareceu ser uma boa pessoa.

– A melhor – respondi com a garganta ardendo.

Ela me encarou, parecendo resignada.

– Com certeza.

– Já faz algum tempo e ela sabia do meu sonho, então não havia por que perder esta oportunidade.

– Eu entendo – falou, levantando para pegar um pouco de água também. – Aceita mais um pouco? – Olhei para minha mão, lembrando-me do copo.

– Não, obrigada! – Ela virou de volta para pegar a garrafa dentro do frigobar.

– Alex me disse que você tinha ido embora.

Parei no mesmo instante com o copo a caminho da boca.

– Desculpe, ele não te contou, não foi?

Continuei calada, observando.

– Nós nos encontramos... algumas vezes... na praia. – Pareceu pensar no assunto. – Uma vez em um restaurante que adoramos.

Me segurei para não quebrar o copo em minha mão e fiz muito esforço para me manter impassível.

– Conversamos muito e ele me contou sobre o seu sofrimento e da sua decisão de ficar com o seu pai. Por isso não pensei que a encontraria aqui.

Ok! Alex não havia me contado sobre estes encontros, muito menos eu conseguia entender para que merda aceitara se encontrar com Tiffany na praia e no restaurante, e isso não descia. Eu estava tão entalada que não conseguia responder, tenho certeza de que meu rosto ficou tão vermelho que qualquer pessoa menos absurda do que aquela mulher começaria a gritar por ajuda, pois eu estava a ponto de passar mal.

Não Tiffany. Ela estava adorando a minha reação. Estava amando tentar me fazer acreditar que Alex tinha mesmo ficado com ela. Porra! Eu odiava aquela situação. Odiava saber que ela tinha armas para me afetar e que eu não as tinha para atacá-la.

Ou tinha?

– Eu passei alguns dias com o meu pai. Precisava cuidar dele, afinal de contas, minha mãe morreu. Alex foi muito compreensivo.

– Sei. – Ela sorriu e isso me irritou ao extremo. – Ele me contou que vocês estavam estremecidos.

Puta. Que. Pariu!

Eu mataria Alex. Mataria, com certeza.

– Ele te disse isso? – Minha voz saiu rouca e carregada.

Ela desviou o olhar, tentando esconder o sorriso.

– Nós conversamos, Charlotte!

Pensei comigo, e se eu atirasse o copo nela? Seria um prejuízo muito grande para a imagem da editora? Será que Alex encararia como mais um

momento de infantilidade? Também pensei se matar Tiffany me traria prazer suficiente a ponto de não me importar com a reprimenda do meu marido?

Ele tinha criado aquela merda. Deveria eliminá-la.

– O que eu posso dizer, Tiffany? Minha mãe morreu, eu estava em uma fase ruim, meu pai precisava de mim e Alex me apoiou, mesmo que não sendo exatamente a vontade dele, afinal, não é segredo para ninguém o quanto meu marido faz questão de estar comigo, o que, na minha opinião, faz parte da sua personalidade egoísta, então... eu estou aqui e estamos juntos.

Consegui encará-la e falar sem tremer, gaguejar ou ficar com o rosto prestes a explodir de tão vermelho. Ela não sorria mais, apenas me encarava de volta, os olhos estreitos e a mão fechada firmemente no seu copo. Foi a minha vez de sorrir.

– Eu fico pensando... – ela recomeçou, me dando as costas e caminhando até a divisória de vidro que nos separava do ambiente externo. – Até quando Alex vai ser feliz tendo que enfrentar tantos problemas? Não me entenda mal, Charlotte, é que ele pareceu tão aborrecido naquela noite em que nos encontramos! – E voltou a me olhar.

Reconsiderarei a hipótese de atirar o copo nela. Se pegasse em seu rosto e acabasse com aquela expressão superior, já seria o suficiente.

– Alex tem outros problemas. Nem tudo o que o aborrece está diretamente ligado a mim ou a nossa relação.

– É mesmo?

– Sim. Problemas que ele enfrenta e se aborrece, como todas as vezes que precisa explicar sobre as suas vontades ou decisões. Sabe, nem todo mundo consegue entender imediatamente o que ele quer, ou o que ele não quer – falei mais firme. – Algumas vezes ele precisa lidar com pessoas que utilizam de

joguinhos para persuadi-lo ou que estão tão inconformadas com suas decisões que acabam aborrecendo-o cada vez mais. Pessoalmente, acho que Alex é muito claro quando fala sobre o que deseja e o que não deseja, como, por exemplo, casar comigo. Ele sabia exatamente o que queria, nunca voltou atrás em sua decisão, sempre foi bastante explícito quanto a isso.

Pela primeira vez, eu vi Tiffany se esquecer de manter a pose. Ela mordeu o lábio e estreitou os olhos. Eu me senti realmente ameaçada. Ela puxou o ar com força, as dobras dos dedos esbranquiçadas enquanto os apertava com raiva.

Tiffany parecia alguém que tinha perdido o juízo, então, no mesmo segundo em que consegui visualizar todos estes detalhes, ela conseguiu se recompor e sorrir.

– Eu entendo – disse por fim. – Quando o seu livro será publicado? – Mudou de assunto já totalmente recuperada. – Eu queria poder ler, quem sabe escrever uma nota, porém Lana disse que já estava com tudo pronto.

– Logo. Ainda não definimos uma data. – Esfreguei uma mão na outra, me sentindo ansiosa demais para continuar conversando.

– Estou escrevendo um livro novo – continuou. – Estou apostando tudo neste.

– É mesmo? – Não conseguia sentir interesse, nem fingir me importar. Estava tão sufocada que precisava sair dali o quanto antes.

– Sim. Vou contar a história de uma garota que reencontra o amor da sua vida depois de um longo período separados e ele está casado.

Putá merda! Eu queria poder acabar com a vida dela e me livrar daquele aborrecimento. Que garota chata, mal-amada, insuportável! Tive vontade de

gritar tudo isso em sua cara, me contive e apenas sorri, tentando ser tão dissimulada quanto ela.

– É mesmo?

Ela riu meio empolgada.

– Sim, mas ele ainda a ama e os dois vão ter que decidir se podem ou não viver este amor. Ah, ela engravida dele. Vai ser um romance lindo!

Loucaaaaaaaaaaaaaaa!

Minha mente gritou enquanto eu me esforçava para manter um sorriso educado e uma cara de boa garota.

– Acredito que sim.

Levantei. Não dava mais para ficar ali.

– Já vai?

Eu ia responder, ela me cortou.

– Espere um pouco. É a primeira vez que participamos juntas de uma feira e isso merece um brinde. Poderíamos conversar, existem muitos pontos que eu adoraria te contar. Eu já volto. – E saiu tão rápido que não consegui negar.

Aproveitei a sua saída intempestiva e escapei. Saí da sala determinada a encontrar Alex, ou ir embora, já que não suportaria nem mais um minuto ao lado daquela louca. Ele que procurasse se resolver comigo depois.

ALEX

– Será muito bom. O mercado está bem aquecido. Lógico que a pirataria continua sendo um problema, ainda assim, acredito que é vantajoso para todos os lados – Rose, gerente local de uma grande empresa que comercializava e-books, falava animadamente.

Olhei para os lados, procurando Charlotte, não a encontrava em nenhum lugar. Também não podia sair e deixar para trás uma pessoa que com certeza era importante para a minha editora, além de precisar manter o contato para um futuro promissor.

No entanto, nada conseguia captar a minha atenção. Nada. O exame entregue por Tiffany queimava no bolso da minha calça. Eu não podia acreditar. Custava a crer que minha vida viraria o inferno que estava se aproximando. Não. Tiffany estava mentindo. Não podia ser outra coisa.

– Estudaremos a proposta e logo entraremos em contato. Nossos contratos englobam também o controle dos e-books, uma vez que precisamos que a mesma qualidade seja oferecida para ambos os públicos, por este motivo acredito que a parceria seria uma ótima alternativa.

– Com certeza, Sr. Frankli...

E ela continuou falando e falando sem me dar chance de encontrar a minha esposa. Merda! Eu precisava encontrar Charlotte e levá-la para bem longe daquilo tudo. Um bolo fechava a minha garganta, uma pedra estava sobre meus pulmões e minha cabeça começava a entrar em parafuso.

Eu precisava também terminar aquela conversa com Tiffany. Pressioná-la mais até arrancar dela a informação correta. Fazê-la confessar que era mentira, que o filho era de outro cara, não meu.

Porra!

Quando consegui encerrar o assunto, após uma promessa de parceria, saí em direção ao salão onde ela poderia estar, não a encontrei mais. Pudera, eu tinha extrapolado o tempo.

Voltei para o corredor, onde estava o nosso estande, o local ainda estava bastante movimentado e todos os funcionários trabalhavam com afinco. Fiquei satisfeito.

Avistei minha irmã conversando com um grupo e, assim que ela me viu, veio ao meu encontro.

– Onde você estava? Mandeí João atrás de você, mas ele não te encontrou em lugar algum – ela parecia aflita, o que me deixou em alerta imediatamente.

– Onde está Charlotte?

– Pois é! Onde está Charlotte?

– Ela não está aqui?

– Claro que não! Ela voltou, João saiu para te procurar e ela acabou ficando sozinha com Tiffany na sala para os autores.

– Puta que pariu!

Passei a mão pelo cabelo correndo meus olhos por todos os lugares. O que a maluca da Tiffany havia dito? Eu sabia que não precisava de muito para fazer a minha esposa enlouquecer. Merda!

– Encontrei com ela quando estava chegando no estande. Charlotte estava nervosa, disse que iria te encontrar e saiu sem que eu conseguisse impedi-la.

– Merda, Lana! Onde ela pode estar?

– Por que você não ficou aqui? – ela questionou nervosa.

– Porque Tiffany estava me torrando a paciência – respondi irritado.

Charlotte poderia estar em qualquer lugar, inclusive no aeroporto, indo embora.

– Não é possível que Tiffany tenha feito alguma coisa. – Minha irmã parecia bastante nervosa e eu imaginava como Charlotte deveria estar, pois Lana estava realmente preocupada.

– Vá por mim, ela fez.

Voltei a olhar o local, na esperança de encontrá-la voltando, então avistei Tiffany ao fundo, caminhando em direção à sala dos autores.

– Eu vou descobrir onde Charlotte está. – E saí em direção a minha ex-amante. – Tiffany! – chamei antes que ela entrasse no ambiente reservado.

– Alex! – Tiffany me olhou assustada.

Respirei fundo, me concentrei em não matá-la e continuei andando em sua direção, disposto a conseguir qualquer informação sobre o que ela havia dito a Charlotte para causar tamanha confusão. Tiffany sorriu, não estava calma, mas tentava disfarçar e segurava duas taças de champanhe. Fiquei curioso.

– Onde está Charlotte? – ela perguntou, olhando para os lados. Percebi um fio de nervosismo em seu olhar, que ela escondia muito bem. – Nós íamos fazer um brinde...

– Você está maluca? – Segurei em seu braço com força. – O que disse a ela?

– Nada – ela rebateu com mais raiva, só que baixo, sem despertar a atenção dos outros. – Eu não disse nada, Alex... ainda. – E me olhou com desafio.

– O que está tentando fazer?

– O que você acha?

– Eu disse que era para esperar.

– Você disse que o filho não era seu. Como se eu fosse uma cadela que sai transando por aí com qualquer um. Depois do que fez comigo naquela noite, o mínimo que poderia fazer era ter mais consideração pelo meu estado.

Soltei seu braço horrorizado.

– Não vamos discutir esse assunto aqui.

– O que está acontecendo? – Lana se aproximou, sustentando um sorriso falso. Sua mão tocou meu braço e o apertou como um aviso.

– Nada – falei sem vontade de compartilhar a minha angústia.

– Nada? – Tiffany me encarou, arqueando uma sobrancelha.

– Não me provoque, Tiffany – ameacei.

– Alex! – Lana me fez recuar. – Estão olhando em nossa direção. Pelo amor de Deus!

– Vou procurar Charlotte. Caso ela volte antes de mim, não deixe que Tiffany encoste em minha esposa.

– Não vou precisar disso, Alex. Com o tempo, ela vai acabar descobrindo a verdade.

– A verdade? Que verdade? – Lana ainda sorria daquele jeito falso, como se quisesse mostrar para as outras pessoas que estávamos brincando.

– Nenhuma – calei Tiffany. – Não se atreva.

- Por quê? Será que devo temer outra noite como aquela?
- Que noite? Do que estamos falando?
- Tire Charlotte daqui o mais rápido possível.

E saí decidido a encontrá-la.

CHARLOTTE

Procurei Alex até não conseguir mais me encontrar dentro daquele imenso espaço repleto de pessoas. Eu estava perdida. Literalmente perdida. E já sentia meu rosto corar pela vergonha de ter que assumir tal fato. Alex não deixaria passar barato. Eu até já podia imaginá-lo todo preocupado se certificando de que não me perderia de vista outra vez. E as suas indiretas infinitas.

Uma droga!

Peguei o celular para tentar falar com ele ou com Lana, qualquer pessoa que conseguisse me enviar um sinal de fumaça, indicando onde ficava o estande. Foi quando verifiquei que a porcaria estava sem sinal. Sem sinal! Dá para acreditar em tamanha confusão?

Continuei andando, sempre virando à direita, como se eu estivesse em um labirinto, tentando decorar os nomes e cores por onde eu passava, para me certificar de que não estava dando voltas em torno de mim mesma.

À medida que alcançava mais o fundo do espaço, mais aglomerado ficava e, devo confessar, lugares cheios de gente, grandes multidões, realmente me causavam pânico. Era angustiante, sufocante, fazia com que meu cérebro acreditasse que eu não conseguiria mais o ar necessário para respirar.

– Fecharam o corredor? – Ouvi uma garota com o cabelo metade azul, metade loiro, falando em um alemão perfeito, logo a minha frente. – Por que isso?

– Deve ser alguém famoso – a que estava do seu lado, de cabeça raspada e orelha repleta de brincos falou sem se importar muito.

Tentei verificar o que havia na frente, foi impossível. As pessoas continuavam andando, passos lentos, cada vez mais lentos, enquanto a multidão se aglomerava ainda mais. Foi um pesadelo. Aproveitei um pessoal que estava desistindo de continuar e voltei, seguindo-os em fila indiana.

Assim que me vi longe do aglomerado, respirei aliviada. Apesar do frio, minhas mãos ficaram suadas. Quem estava do outro lado da multidão eu nem fazia ideia, mas não aguardaria para verificar. Sem pensar duas vezes, saí para o espaço aberto decidida a voltar para o hotel. No caminho, eu conseguiria avisar Alex para que me encontrasse lá.

Eu tinha certeza de que ele se aborreceria, se preocuparia mais do que o necessário, mas ninguém poderia dizer que eu não havia tentado voltar. Entrei no táxi, passei o endereço e tentei ligar. Nada. O celular dele estava desligado. Merda! Tentei o de Lana, que chamou até cair na caixa-postal. Decidi deixar uma mensagem.

“Podem rir, mas eu me perdi. Como não consegui voltar, fui para o hotel, espero vocês lá. Bjs.”

Mande para minha cunhada e meu marido e me senti mais tranquila. Uma hora alguém iria visualizar a mensagem.

Entre no quarto, tirei o casaco e as botas, largando tudo desajeitadamente sobre o sofá. Eu precisava ser rápida, ou Alex me surpreenderia no meio da ação. Só queria que ele descobrisse o que eu tinha

em mente quando realmente chegasse a hora. E Lana não ligava para me ajudar com o plano.

Liguei o computador, entrei no site desejado, comprei tudo o que precisava, ajustei cada detalhe e me senti confortável com aquela decisão.

Fui ao *closet*, peguei as malas e comecei a arrumá-las. As coisas do Alex eram mais fáceis, ele mantinha tudo perfeitamente arrumado, cada coisa em seu devido lugar. O que deu trabalho mesmo foi a minha mala. Porque eu espalhava tudo o que levava, então tinha coisas no *closet*, no banheiro, no quarto e na sala. Uma bagunça total.

Atirei de qualquer jeito na mala e rezei para conseguir fechá-la. Levei tudo para a sala e fui para o banho. Tive o cuidado de deixar apenas um conjunto de roupas dele sobre a cama, além das que eu usaria.

Demorei no banho apenas o suficiente para aquecer o corpo e me sentir limpa. Ainda pensava nos delírios da Tiffany e o tempo todo pensando sobre ter aquela conversa com Alex. Ele precisava saber o que estava acontecendo. A mulher não estava em seu juízo perfeito, só podia ser isso. Ou então estava tão magoada e amargurada com o meu casamento que não deixaria escapar nenhuma chance de me envenenar contra o meu marido.

Se fosse em outra época, com certeza eu cairia naquela armadilha. Acreditaria em tudo o que Tiffany tentou insinuar e criaria um problemão em meu casamento. Tudo bem que ainda queria saber sobre os tais encontros, embora eu acreditasse que foram forjados pela natureza obsessiva da garota, e não pela vontade do meu marido.

Além do mais, a última coisa que eu queria naquele momento era me indispor com Alex.

Vesti um roupão. Estava frio. Mais do que deveria para um quarto aquecido. Saí do banheiro esperando encontrar o meu marido, estranhamente

ele não estava lá. Procurei o celular, verificando cinco chamadas não atendidas. Todas de Lana, nenhuma do Alex, nem mesmo uma mensagem.

Retornei à ligação, mas não completava. Troquei de roupa, coloquei um jeans justo, uma camisa de lã e minhas botas. Tentei ligar mais uma vez e não consegui. Peguei minha bolsa, juntei toda a documentação necessária, deixando para fazer o *check-out* quando Alex chegasse.

Sentei no sofá, peguei o controle e, quando liguei a TV, alguém bateu na porta do quarto. Levantei assustada, não havia pedido nada. Poderia ser Alex. Ele estava sem o nosso cartão de acesso. Levantei e ele bateu outra vez, com mais força, uma urgência que me assustou.

– Calma! – falei bem próxima a porta. – Já estou...

– Charlotte!

Alex passou por mim desesperado. Seus olhos estavam enormes e assustados, o que rapidamente fez meu coração acelerar. Meu primeiro pensamento foi Lana. Droga! Não poderia ser o que eu estava pensando.

– O que aconteceu?

Ele me olhou assustado, conferiu minhas roupas e só então notou as malas prontas na sala.

– Ela te contou?

– Ela o quê? – tentei entender o que estava acontecendo. – Lana? Você fala de Lana?

Meu marido passou a mão no cabelo, respirando com dificuldade.

– Ela disse que não era para te contar, então...

– O que tem Lana? – Foi a vez de ele ficar confuso. – Charlotte, espere. – Fechou os olhos e puxou o ar com força. – O que Tiffany te contou? Por que você foi embora sem dizer nada? – Mais uma vez, ele olhou para as malas.

– Você está muito confuso, Alex. O que aconteceu?

– Tiffany – ele continuou. – O que ela te disse?

Ah, sim. Então ele estava preocupado com a minha conversa com Tiffany.

– Que vocês se encontraram algumas vezes enquanto eu estava fora do país.

Vi seus olhos tentarem encontrar alguma resposta em meu rosto.

– O que mais? – A aflição de Alex estava me deixando nervosa.

– Por que isso tudo?

– O que mais ela disse? – Parou diante de mim, segurando meus braços. Era como se exigisse a resposta. Não gostei daquela atitude.

– Por que, Alex? O que está me escondendo?

Ele scrutinou meu rosto, relaxando.

– Nada. Por que as malas estão na sala? – Ainda havia o pânico em sua voz e eu não conseguia me sentir melhor.

– Me diga o que está acontecendo?

– Nada. – Ele se afastou, indo até as malas. – O que está acontecendo?

Suspirei. Não dava para me concentrar depois de uma tempestade como aquela. Alex estava muito estranho, com atitudes estranhas e me deixando nervosa.

– Era uma surpresa – acabei revelando sem a empolgação que eu tinha planejado.

– Surpresa?

Confirmei enquanto tentava organizar meus pensamentos.

– Era... é o meu presente de casamento. Uma viagem de lua de mel. Você disse que...

– Ótimo!

E mais uma vez a sua reação me deixou desorientada. Eu estava preparada para persuadi-lo, para insistir, e ainda contava com a ajuda da minha cunhada, que faria de tudo para que Alex entendesse que ela poderia dar conta da editora sem ele. Mas não foi assim. Ele simplesmente concordou, sem pestanejar, sem argumentar, sem ao menos perguntar qual seria o nosso destino.

Alguma coisa estava muito estranha naquela conversa.

Ele se aproximou e me abraçou com força. Fiquei sem reação. Definitivamente, eu precisava descobrir o que Alex escondia de mim. Então ele me beijou. Um beijo desesperado, o medo exalando por todos os seus poros.

– Quando vamos partir? – disse ao me deixar, o que fez minha cabeça girar confusa.

– Bom... – Busquei apoio na cama, sentando para conseguir coordenar minha mente. – Ainda temos três horas até o horário do voo. A minha ideia era partir o quanto antes.

– Ótimo! Eu só preciso... – Ele olhou para os lados, como se procurasse alguma coisa. – Só preciso de um banho. É isso. Um banho e podemos partir.

Fiquei observando o meu marido. Ele não me olhava, não parecia estar em seu perfeito juízo. Respirava com dificuldade e suas mãos não paravam um segundo no mesmo lugar.

– Alex, você está bem? Não vai me contar o motivo para esse desespero todo?

Ele arregalou os olhos e, mais uma vez, passou as mãos nos cabelos.

– Você sumiu – revelou, deixando o pavor em sua voz se apresentar. – Lana me disse que Tiffany passou um tempo com você, então pensei que ela pudesse ter dito alguma coisa que a fizesse ir embora. Me deixar outra vez.

– E eu deveria estar preocupada com alguma coisa que Tiffany pudesse me contar?

– Não! – respondeu rápido demais. – É só que ela parece estar determinada a te atingir. A nos atingir.

– Como nas vezes em que se encontraram quando eu ainda estava na Inglaterra? – eu o desafiei.

Ele piscou algumas vezes e desviou o olhar.

– Isso não aconteceu.

– Não? Mas ela me disse que foi você quem contou a ela sobre os problemas que estávamos tendo.

– Não é verdade.

– Tudo bem, Alex. Eu não quero perder meu tempo pensando em Tiffany ou em qualquer besteira que ela possa falar para tentar nos desestabilizar. Vamos esquecer tudo. Agora vá tomar banho. Ainda precisamos fechar a conta do hotel.

– Não vou demorar.

Ele aceitou rápido demais. Como se quisesse qualquer motivo para deixar o assunto “Tiffany” de lado. Ainda sentada na cama, vi meu marido desfazer o nó da gravata, tirar o paletó, a camisa e, com uma expressão cansada, tirar os sapatos, as meias e deixar a calça cair no chão.

Sem olhar para mim, caminhou até o banheiro e se trancou lá. Logo em seguida, ouvi o barulho do chuveiro. Com um suspiro cansado, levantei para catar as suas roupas e colocá-las na mala. Fui dobrando tudo, deixando sobre a poltrona sem prestar muita atenção, foi quando um papel caiu no chão. Ele estava no bolso da calça, dobrado sem muito cuidado.

Deixei a calça de lado e, sem saber ao certo por que fiz aquilo, peguei o papel, reconhecendo a logomarca de um laboratório conhecido no Brasil. Sem entender o que se passava, abri o papel.

A primeira coisa que meus olhos me mostraram foi a palavra em letras garrafais. Estava escrito “POSITIVO”, em negrito. Sem conseguir entender, voltei ao início do documento e vi, estupefata, o nome de Tiffany.

O nome de Tiffany e a palavra positivo. Meu coração perdeu uma batida. “Ah, ela vai engravidar dele”, as palavras dela voltaram a minha memória como um aviso. Não podia ser. Não era possível.

“Lana me disse que Tiffany passou um tempo com você, então eu pensei que ela pudesse te dizer alguma coisa que a fizesse ir embora.”

Não! Não podia ser verdade.

Cambaleei até a sala e sentei no sofá. Precisava pensar melhor, juntar as peças. “É só que ela parece estar determinada a te atingir. A nos atingir.” O que eu podia fazer? Como ler aquele documento e manter a calma necessária para discutir aquele assunto?

Eu não sabia. Me mantive ali, naquela sala, sem conseguir contar o tempo, ou agir para resolver. Eu apenas aguardei. E então ele chegou.

– Charlotte. – Sua voz seca e fria deixava claro que eu não precisaria questioná-lo.

Levantei os olhos e encarei meu marido. Seu rosto já me dava todas as respostas. Seu sofrimento confirmava a traição.

Minha vida tinha acabado.

CAPÍTULO 32

“O sábio não se senta para lamentar-se, mas se põe alegremente em sua tarefa de consertar o dano feito.”

William Shakespeare.

ALEX

Era como se o meu mundo estivesse despencando em minhas costas.

Quando saí do banheiro, eu já estava mais tranquilo, acreditando que a vida não poderia ser mais perfeita me dando a oportunidade de levar Charlotte para longe daquela merda toda. Nós teríamos tempo. Eu poderia convencer Tiffany a fazer um exame de DNA e, se realmente o filho fosse meu, poderia arrumar um jeito de convencer Charlotte do meu amor, do meu arrependimento... qualquer coisa que não a fizesse me abandonar.

Porém, assim que cheguei ao quarto vi a minha esposa sentada no sofá da sala, a cabeça baixa, respiração ofegante e o ar tão pesado que chegava a sufocar. E então eu vi. Ela segurava o papel. Aquele maldito papel que coloquei no bolso enquanto tentava encontrá-la. O mesmo que eu deveria ter dispensado na primeira lixeira que encontrasse.

Ela havia achado o papel e tudo estava perdido. Não havia perdão para mim. Não havia como reverter a situação. Independentemente de aquela criança ser meu filho ou não. Eu a traí. Dormi com o seu maior pesadelo. Não importavam as circunstâncias, a bebida, a confusão que o álcool causou em minha mente. Nada mais importava.

– Charlotte.

Ela me olhou e o que vi foi a confirmação de que tudo estava acabado. Charlotte partiria. Escaparia pelas minhas mãos. Ela desmoronaria. Eu tinha acabado com a vida dela, com a nossa, com os seus sonhos... eu não merecia o seu amor. Não merecia mais nada.

– Então era esse seu medo?

Vi que minha esposa tentava ser forte. Que procurava respostas. Mas não havia nada mais que pudesse ser feito. Não cabia mais mentiras, ou eu corria o risco de nunca mais ouvir a sua voz, ver seus olhos... Ela fugiria de mim como o diabo foge da cruz. E eu mereceria cada segundo de desprezo dela.

– Responda, Alex!

Sem conseguir encará-la, apenas baixei a cabeça e concordei. O que mais poderia fazer?

– É seu? – O rancor em sua voz fazia meu coração sangrar.

– Quero acreditar que não – revelei incapaz de esconder mais nada. Charlotte merecia a verdade, nada menos do que isso.

– Quer acreditar que não – ela disse, refletindo sobre a minha resposta. – Então devo concluir que vocês dormiram juntos?

– Charlotte...

– Vocês transaram?

– Por favor! – Dei um passo em sua direção e ela imediatamente levantou, se afastando.

– Transaram?

– Não como você está pensando. – Eu sentia o meu coração martelar no peito. Meu desespero aumentava a cada segundo. – Charlotte, só escute.

– Como é possível? – Sua voz ficou mais alta. – Eu juro que não entendo, Alex. Como podem ter transado, mas não como estou pensando?

– Amor...

– Não! – Ela levantou um dedo em minha direção e a primeira lágrima desceu pelo seu rosto.

– Eu estava bêbado.

– Meu Deus! – Charlotte fechou os olhos, deixando o choro cair.

– Charlotte, eu juro. Eu tinha mandado os papéis do divórcio.

Ela soluçou.

– Liguei para Peter e ele, não sei por quê, me fez acreditar que você tinha assinado o divórcio.

– E você transa com Tiffany para passar a mágoa? Que ótimo! Eu deveria ter transado com Thomas quando você foi embora e me deixou sozinha na Inglaterra, sofrendo pela morte da minha mãe – gritou sem se controlar. Senti raiva de mim, e dela também.

– Não fale besteira – esbravejei.

– Besteira? Você transou com Tiffany. Ela está grávida!

– O filho não é meu – gritei de volta.

Charlotte se afastou.

– E no que isso importa? – Sua voz ficou mais fraca, o horror chegando a sua realidade. – Qual é a diferença Alex? Você transou com ela. Você me traiu. Com Tiffany! – As lágrimas desciam sem parar.

– Eu não te traí. Foi uma confusão.

– Claro! – Ela andou pela sala. Eu sabia que não havia mais argumento. Eu tinha perdido Charlotte para sempre. Foi a minha vez de chorar.

– Eu amo você, Charlotte – sussurrei sem conseguir colocar as palavras para fora.

– Um amor que trai não pode ser considerado amor – rebateu com raiva.

– Não foi assim, Charlotte. Você não entende.

– Não entendo. – Ela me olhou, mantendo-me preso a seu olhar.

Havia tanta mágoa, decepção, desespero que pensei se não seria melhor deixá-la partir logo em vez de mantê-la ali, revivendo aquele pesadelo, enquanto eu buscava motivos para ser perdoado pelo que não havia perdão.

– Você destruiu tudo, Alex. Matou a nossa história, acabou com todos os meus sonhos. Desfiz de mim, do meu amor, da minha vida...

– Charlotte, espere. Deixe eu explicar melhor.

– Não existe explicação para isso!

Ela não gritava mais. Não conseguia. O horror esmagava as palavras ainda em sua garganta, assim como fazia com as minhas. Charlotte estava com raiva, sim, estava. Magoada até não haver mais espaço dentro dela para qualquer outro sentimento. No entanto, o que eu podia ver ali, parada a minha frente, chorando sem conseguir contar as lágrimas, era que ela sentia o mesmo que eu. O fim.

O peso de ver o fim de algo que nunca deveria acabar. A dor por precisar desistir. Os sonhos que seriam enterrados, os planos que nunca seriam colocados em prática. A confiança que foi pisoteada deixando-a sem rumo, sem direção certa na vida.

O que seríamos de agora em diante se havíamos sido apenas um o outro? Que caminho seria mais apropriado se havíamos entrelaçado nossas vidas de maneira que nunca nos desencontrássemos. Como assistir aos nossos últimos minutos indo embora sem que nada pudéssemos fazer para prolongá-los?

O desespero me paralisava. Ao mesmo tempo, eu sabia que aquilo precisava ser feito. Eu não queria. Juro que não queria abrir mão dela, deixar de ter a nossa vida, de viver o nosso casamento. Se houvesse como, eu voltaria no tempo, me impediria de beber tanto naquela noite, de abrir a porta para que o fantasma da minha esposa pudesse entrar me iludindo e me jogando na pior e mais trágica de todas as armadilhas. Não havia como. Eu tinha transado com

Tiffany e isso era um fato. Ela estava grávida e este também era um ponto que não poderia ser esquecido ou deixado de lado. E eu me odiava.

– O que vai fazer? – questionei, já sabendo a resposta.

– O que acha que devo fazer?

Sua expressão perdida quase me fez esquecer de tudo o que era certo e mantê-la presa em meus braços até que ela entendesse que, apesar de não merecer, eu precisava desesperadamente do seu perdão.

– O que eu acho? – Charlotte se afastou outra vez, querendo manter o máximo de distância de mim. – Não posso dizer o que eu acho, Charlotte. Eu...
– Dei as costas sem saber ao certo o que dizer. – Se pensa que estou me achando certo ou injustificado pelo ocorrido, está muito enganada. Eu me condeno todos os dias, me odiei a cada segundo que precisei manter esta merda longe de você, que precisei me olhar no espelho e encarar o quanto fui idiota. Naquele momento, eu acreditava que havia perdido você, não conseguia mais ver a sua volta e estava revoltado. Não justifica. Não mesmo! Infelizmente, aconteceu, mesmo eu estando muito bêbado, sem saber ao certo o que estava fazendo, e...

– Chega, Alex! – ela rosnou, deixando a raiva transparecer. – Não justifique a sua falta de caráter com as minhas ações. Não use o meu sofrimento para tentar me ludibriar, como se eu fosse a culpada pelo que fez. Se fosse o contrário? Se eu tivesse dormido com outra pessoa quando descobri a mentira que a minha vida era e que você fez questão de participar me mantendo cega? E se eu tivesse transado com Thomas naquela noite em que bebemos?

Fechei os olhos com força sem querer pensar na possibilidade e entendendo o tamanho da sua dor.

– E se fosse o contrário, Alex? O que você faria? Você me perdoaria?

– Charlotte, eu não... Merda!

– Não me culpe por ser tão canalha!

Sua raiva não me dava chance de contestar, nem explicar melhor a situação, no entanto, eu não a julgava. Não havia como sair daquela situação de uma forma melhor.

– Você não é a culpada, Charlotte – gritei mais alto, tentando fazê-la ao menos me escutar. – Na verdade, a única vítima desta história toda é você. Apenas você.

Ela soluçou, chorando ainda mais.

– E tem razão. Eu sou um canalha. Não por opção, porém não vou ser absolvido pelo que fiz, então não mereço nada mais do que o seu desprezo.

Vi minha esposa passar as mãos nos cabelos, em busca de um pouco de equilíbrio que, tanto ela quanto eu, sabíamos que não havia. Ela chorava como se estivesse ferida, e realmente estava. O que fiz não foi justo, não foi certo e ela não merecia tanto sofrimento.

– Acabou – lamentou, fechando os olhos.

– Charlotte...

– Acabou, Alex! – Ela me encarou dividida entre a raiva e a tristeza. – Não me peça para ser diferente.

– Eu sei que não tenho este direito. – As lágrimas desciam pelo meu rosto sem me deixar envergonhado.

– Não tem – ela disse baixinho, sem força.

– Mas não posso deixar que vá embora.

Ela recuou, indo até a janela.

– Não posso abrir mão de você, Charlotte. Não posso deixá-la ir. Eu não vou suportar.

– Pelo amor de Deus – ela gemeu, voltando a chorar com força. – Eu não vou suportar continuar com você.

– Eu te amo. – Me aproximei com medo de ela se afastar outra vez. – E você me ama. Não podemos simplesmente deixar acabar assim...

– Você vai ser pai. Pai do filho da Tiffany. – Foi mais como um lamento. Um reconhecimento da derrota, a mais humilhante de todas as derrotas. – Não existe nenhuma possibilidade de eu suportar viver com isso.

– Não sabemos se o filho é meu – tentei mais uma vez, mas as palavras não tinham mais força.

– É o que menos importa neste momento. E, sinceramente, não acho que Tiffany seria burra a este ponto. Ela sabia o que estava fazendo. – Limpou as lágrimas, mas novas desceram. – Não vamos ficar aqui procurando justificativas porque não vamos encontrar. Eu vou... – Olhou para o quarto até encontrar as malas. – Eu preciso ir.

– Não! – implorei sem receio. – Charlotte, por favor!

– Não faça isso – ela voltou a chorar copiosamente. Logo em seguida, parou, respirando fundo. Tomando coragem para agir. – Não me peça para ficar. Não me impeça de sair, Alex. Você sabe que não vou suportar, então... – Respirou fundo outra vez, olhando para cima para conter as lágrimas. – Apenas me deixe ir. – Sua voz saiu tão fraca que não consegui acreditar nas suas palavras. – Por tudo o que vivemos, pelo amor que sentimos, apenas me deixe ir. Você conseguiu me ferir mortalmente, então não permita que eu

morra, não me faça agonizar na sua frente até que não reste mais nada de mim, nada do que consegui ser, do que conquistei para viver ao seu lado.

– Não! – Eu não conseguia fazer mais nada, só implorar.

Eu sabia que ela ia embora. Sabia que tinha acabado mesmo antes de ela voltar. Sabia que seria assim e Charlotte tinha razão, ficar comigo apenas porque me amava não era justo com ela, com ninguém. Ela não suportaria o peso de um filho meu com Tiffany, então, para que prorrogar o inevitável?

– Eu amo você, Charlotte! Nunca se esqueça disso. Eu nunca, nunca vou deixar de te amar, porque você foi a melhor coisa que me aconteceu. E, mesmo que doa, mesmo que você sofra, nunca se permita acreditar que a culpa foi sua, ou porque eu não fui capaz de te amar, porque este amor vai me acompanhar e me fazer pagar pelos meus erros enquanto eu viver. Se tivesse uma forma de corrigir, não descansaria até encontrá-la, para minha desgraça não há, então não posso ser tão egoísta com você. Não com você.

Ela me olhava com atenção enquanto deixava as lágrimas correrem livremente pelo rosto.

– Seja feliz, porque este foi o meu único objetivo neste pouco tempo ao seu lado. Sua felicidade foi tudo para mim. E se for possível, algum dia nesta vida, me perdoe.

Charlotte levou as mãos ao rosto, se permitindo chorar sem medo. Caminhei até ela, abraçando-a. Ela não se desvencilhou, apenas se permitiu ser abraçada uma última vez. Choramos juntos. Eu sabia que eram nossos últimos segundos e implorava para que nunca acabassem.

Ela me afastou com as mãos, sem me repreender. Limpou as lágrimas e foi até as malas, sem me olhar em nenhum momento. Não consegui conter o choro desesperador. Eu queria segurá-la, mas não seria justo. Queria me

ajoelhar e implorar, mas do que adiantaria? Não era disso que Charlotte precisava. Então a deixei ir.

Minha esposa arrastou as malas até a porta do quarto, parou um segundo, respirou algumas vezes buscando forças, sem olhar para trás:

– Adeus, Alex – sussurrou.

– Adeus, Charlotte!

Fechei os olhos para não vê-la partir e apenas ouvi a porta batendo devagar.

Abri os olhos para um quarto vazio. A dor em meu peito era insuportável. Contive a vontade de correr atrás dela. Charlotte precisava ir, precisava ficar longe de mim, e eu respeitaria a sua vontade pela primeira vez desde que me coloquei em seu caminho. Era necessário.

Fiquei sozinho no quarto, o mesmo que havia me enchido de esperança, no qual fizemos planos, no qual nos permitimos acreditar que daria certo. Doía demais, mesmo assim, eu precisava tomar as últimas decisões. A última coisa que faria por Charlotte.

– Lana – pigarreei ao telefone para não assustar a minha irmã. – Charlotte precisa de você.

– O quê? – Ela pareceu confusa. – O que aconteceu.

– Ela vai te contar. Apenas, por favor, corra que ela deve estar deixando o hotel neste momento.

– Alex...

– Descubra para onde ela está indo e avise ao Peter. Ele vai ficar preocupado.

– Merda, o que você fez?

– Eu destruí tudo. Não perca tempo, vá atrás dela.

– Estou descendo neste exato momento. – Ela falou com João rapidamente enquanto eu ainda estava na linha. – Certo. Vou tentar encontrá-la. Droga! Eu ligo quando souber de algo.

Desliguei. Lana não precisaria me contar nada a respeito de Charlotte. Seria melhor assim para nós dois, mas este detalhe eu não podia mencionar ainda. Não podia fazer minha irmã perder mais tempo. Não seria nada justo abandonar uma Charlotte transtornada em uma cidade estranha, sem nem saber do seu paradeiro. Era o mínimo que eu poderia fazer por ela.

Uma coisa e eu poderia me enterrar no sofrimento. Ainda com o celular na mão, liguei para João Pedro. Ele atendeu no primeiro toque.

– Estou esperando o elevador para ir aí. O que aconteceu?

– Não venha. Preciso de uma informação.

– O que aconteceu, Alex?

– Não posso falar agora, João. – Andei até a cama, pegando as roupas que Charlotte tinha colocado para mim. – Preciso saber onde Tiffany está hospedada.

– Tiffany? Merda, cara! O que aconteceu? O que Tiffany tem a ver com isso tudo?

– Onde, João?

– Droga! Anota aí.

A porta estava aberta quando cheguei. Mesmo precisando ser anunciado, eu não esperava que ela me recebesse assim. Entrei, fechando-a. Tiffany já me aguardava na sala. Usava um roupão do hotel, mas maquiada e, pelo brilho dos seus olhos, entendi que ela esperava muito da minha visita.

– Confesso que não esperava que conversássemos tão cedo – disse cheia de confiança.

Respirei fundo, sentindo raiva de cada segundo ao seu lado, de cada detalhe. Ela me olhou, entendendo o meu estado de espírito.

– Você contou?

Fiquei calado, encarando-a.

– Pela sua cara, imagino que não tenha sido nada fácil – demonstrava uma preocupação que, se eu não a conhecesse tão bem, pensaria ser verdadeira.

– Você conseguiu. Charlotte foi embora – informei, segurando o nó em minha garganta.

Tiffany não me veria chorar. Não. Para ela, ficaria apenas a minha raiva.

– Alex...

– Eu só... – Puxei o ar para me controlar. – Eu só vim te dizer que você conseguiu, Tiffany. Destruíu o que havia de melhor em minha vida.

– Você transou comigo. Não usou camisinha – falou na defensiva, me repreendendo.

– Eu sou tão culpado quanto você. Apesar do meu erro, nada me leva a crer que você apareceu lá em casa inocentemente. Não se desvencilhou quando teve tempo. Você viu, no meu momento de fraqueza, a oportunidade para me destruir.

– Não seja ridículo. Você sabe o que aconteceu naquela noite, sabe como tudo aconteceu.

Me encolhi sob suas acusações. Sim, eu sabia o que tinha feito. Sabia o peso dos meus atos e colhia as consequências. Contudo, não era o suficiente para abrandar a sua parcela de culpa.

– Você teve chance de escapar e não o fez.

– Porque eu te amo – rebateu com raiva.

Ri com sarcasmo.

– Você não ama ninguém, Tiffany. Falou tanto de Charlotte, da sua infantilidade e, veja só, a garota mimada, que nunca aceitou perder e que jogou sujo todas as vezes que pôde, foi você.

– Eu não engravidei de propósito – falou alto, ofendida demais para se conter. – Você me forçou a fazer isso. É o único culpado, Alex. Aposto que não contou a sua esposa a forma como este filho foi gerado, não foi? Não. Eu aposto que se fez de vítima, que fez de tudo para que ela acreditasse que eu causei este transtorno. Quer mesmo saber? Não me arrependo. Eu estou grávida e vocês dois vão precisar conviver com isso.

– Pois eu te odeio – falei sem precisar me alterar. – Não pense que algum dia em nossas vidas isso vai mudar. Você não pensou em ninguém, nem mesmo em você quando permitiu que acontecesse. Olha o tamanho da merda que fez. Vai ser mãe de uma criança indesejada.

Tiffany levou as mãos à barriga, como se quisesse defender o filho.

– É o seu filho. Como pode...

– E como acha que vou conseguir conviver com isso? Como acha que vou ser capaz de amar uma criança que levou de mim a pessoa que mais amo no mundo? Como acha que vou ser pai, o pai que esta criança merecia, se todas as vezes que olhar para ela vou me lembrar de como aconteceu, de tudo o que perdi simplesmente porque você não soube aceitar que eu não te quero.

– É uma criança, Alex. – Ela chorou assustada com as minhas palavras. – Como pode culpá-la pelos seus erros?

– Nossos erros. Não se esqueça disso. A sua incapacidade de aceitar a minha vontade vai ser a responsável pela metade do sofrimento desta criança. Você a condenou a isso.

– Meu Deus! – Tiffany soluçou, sentando no sofá. – Não fale assim. Ele não tem culpa.

– Não, não tem. Mas você tem, e eu nunca vou ser capaz de superar o mal que você me causou.

– Você é um monstro!

– Eu sou o que você procurou todo este tempo, Tiffany. Sou o que me transformou.

– O que veio fazer aqui? Se não quer o próprio filho, por que simplesmente não faz como muitos homens e ignora? Por que não vai embora e o abandona?

– Porque você nunca me deixaria fazer isso, não é mesmo? E eu não sou tão canalha assim. Se o filho for meu, vou assumir, só não espere minha colaboração com a construção do seu conto de fadas. Não pense que viverá um dos seus romances porque isso nunca vai acontecer. Nós três estamos

condenados a esta infelicidade. – Dei as costas, indo até a porta. – Coitada desta criança – resmunguei.

– Vai se arrepender, Alex – gritou quando eu abri a porta.

– Não precisa esperar tanto para que aconteça. Eu já estou arrependido. Não só daquela noite, e sim de todas que me permiti passar com você. Você deveria se tratar, Tiffany. Essa criança não merece uma mãe como você... um pai como eu. Não é justo com ela.

Fechei a porta quando um jarro se espatifou nela. Deixei Tiffany no quarto de hotel consumida pela raiva. Eu sabia que não era justo. Pelo menos não totalmente justo. Eu tinha forçado a barra, era tão culpado quanto ela, mas, se Tiffany tivesse aceitado a minha decisão, se tivesse respeitado a minha escolha desde o princípio, jamais chegaríamos a este ponto.

E agora estávamos presos um ao outro, com uma criança que seria usada pela mãe para impor a sua vontade e rejeitada pelo pai, por nunca ter a sua respeitada.

Deus, eu queria não pensar assim, não queria nutrir nenhum sentimento ruim por aquela criança, mas não conseguia. Simplesmente não conseguia. Eu pensava na gravidez de Tiffany, na minha culpa pelo ocorrido e no quanto a odiava. Eu a odiava.

Queria simplesmente ir embora, deixando-a sozinha com o peso daquela gravidez, infelizmente não podia. Meu lado justo e bom me impedia de abandoná-la naquele momento, mas não me impedia de acusá-la, de culpá-la, mesmo reconhecendo a minha culpa. Eu estava tão frustrado que não me permitia parar de odiar Tiffany.

Seria um inferno e nenhum de nós merecia passar por algo tão ruim. Principalmente aquela criança. No entanto, como conter o ódio que me impulsionava? Como não acusar Tiffany de todo o meu sofrimento? Como

voltar para casa e aceitar que Charlotte não mais faria parte da minha vida, deixando lugar para Tiffany e um filho que nunca desejei, e ainda por cima sorrir?

Como imaginar que algum dia na minha vida eu poderia olhar para aquela criança e não lembrar do que eu tinha perdido para que ela existisse?

Entrei no táxi, sentindo o ar faltar. Eu estava destruído, desgastado, cansado demais para continuar. Eu não queria continuar. Não mais. Minha vida tinha acabado. Foi levada embora junto com as malas que ela retirou daquele quarto. Pegou o mesmo avião e sumiu. Desapareceu no mundo.

O PROFESSOR – LIVRO 4

ALEX

“Não, Alex! Por favor!”

Ouvi a voz de Tiffany de uma forma estranha. Ela ecoava no quarto enquanto eu fazia amor com Charlotte. As mãos da minha esposa não estavam em minhas costas, como há segundos, mas em meu peito, e não me puxava, me empurrava.

“Alex!”

Sua voz chorosa não estava exatamente onde deveria estar. Não embaixo de mim, e sim em algum lugar do quarto. Parei atordoado, sentindo uma raiva incomum me invadir. De repente, eu me vi com as mãos no pescoço daquela mulher. Não era mais Charlotte, era Tiffany, e eu estava dentro dela, com um ódio mortal. Senti o gozo me atingindo enquanto a vontade de matá-la praticamente me cegava.

“Alex!”

Charlotte choramingou, chamando a minha atenção. Tiffany, ainda embaixo de mim, me olhava com medo e mágoa. Procurei minha esposa sem conseguir encontrá-la, até que meus olhos captaram os dela.

O quarto escuro certamente me impediria de enxergar, mesmo assim, eu a via. O rosto sofrido, as lágrimas descendo incessantemente, as mãos que cobriam a boca evitando o grito de desespero.

– Charlotte?

E então a vergonha caiu sobre mim. Tiffany se encolheu na cama enquanto eu me conscientizava da gravidade da situação. Olhei para a mulher, machucada e horrorizada, depois para minha esposa, mortificada com a descoberta.

– Não! Charlotte, por favor...

Minha súplica não foi o suficiente. Ela se virou e foi embora, sem ao menos me deixar explicar.

– Charlotte!

Gritei, levantando da cama. Assustado e suado, olhei ao redor reconhecendo o pesadelo que há alguns meses me acompanhava. O quarto escuro e vazio estava absurdamente abafado, deixando meu corpo banhado de suor. Um som estridente ecoava enquanto minha mente tentava assimilar a realidade.

Ela não estava mais ali. Foi embora quando descobrimos a gravidez de Tiffany e, desde então, eu nada mais sabia a respeito da minha esposa. Na manhã seguinte, eu assinaria o divórcio. Talvez por isso a constância dos

pesadelos, ou talvez porque eu ainda sentia a sua falta, a cada segundo, milésimo de segundo que se passou desde então.

O som agudo continuava, me deixando tonto. Só então percebi se tratar do meu celular. Ainda atordoado, procurei o aparelho, encontrando-o no bolso da calça que eu tinha largado no chão do quarto. Peguei, sentei na cama e atendi sem me dar ao trabalho de identificar quem seria.

– Alô – pigarreei para espantar o pavor na minha voz.

– Alex? – A voz de Anita me deixou em alerta.

– O que houve?

– Tiffany. Ela não está muito bem.

Respirei fundo, tentando ordenar meus pensamentos.

Pouco tempo depois de desembarcarmos no Brasil, Tiffany iniciou a sua perseguição. Ela me ameaçava de todas as formas, depois mudava de estratégia e procurava se aproximar. Eu não a queria por perto, não queria dividir aquele momento com a mulher que arruinou a minha vida e ela sempre fazia a mesma coisa, me acusava, jogava na minha cara o que eu havia feito, me cobrava, e o ciclo recomeçava, ela ameaçava, se arrependia e voltávamos sempre ao mesmo ponto.

Eu sabia que era culpado, mas não conseguia digerir tudo o que ela já havia feito para me afastar de Charlotte, e a mágoa sempre falava mais alto.

Foi em uma noite, após discutirmos por quase duas horas, e eu ir embora deixando-a para trás sem me importar com o seu sofrimento, que ela fez a maior loucura da sua vida. Deprimida, Tiffany atentou contra a própria vida, o que apenas me enterrou mais fundo na culpa e ressentimento.

Droga, o que ela estava pensando? Como podia ser tão leviana com a criança que carregava no ventre? Por que sempre me colocava em primeiro lugar em sua vida quando eu não merecia sequer a sua consideração? Não quando havia feito o que fiz.

Naquela madrugada, sentado no corredor daquele hospital, sem saber se meu filho sobreviveria à besteira feita pela mãe, encarando Anita, que me olhava sem me acusar, eu descobri a verdade sobre Tiffany, e toda a minha forma de encará-la mudou. Depois de dois meses sentindo apenas ódio, comecei a entender que Tiffany só buscava companhia para dividir sua carga com alguém. Com a família longe, e eu nem sabia até que ponto eles sabiam o que estava acontecendo, ela só podia contar com Anita.

Tiffany sofria de depressão e foi diagnosticada como bipolar, o que não era nenhuma novidade, falando leigamente, já que ela conseguia sempre demonstrar dois lados bem díspares, muito antes da gravidez.

Anita estava preocupada com a prima. A situação só piorava. Tiffany não pensava no filho, apenas em como me fazer aceitá-los em minha vida. Não era pela criança, e sim pelo amor que ela dizia sentir por mim. Estava cada vez mais magra, não cuidava do corpo para melhor atender as necessidades da criança que se desenvolvia em seu ventre. Falou muitas vezes em aborto, e isso eu não conseguia admitir.

Cansado e tentando me conformar com os acontecimentos, comecei a lhe dar um pouco de assistência, na tentativa de acalmá-la. Às vezes, eu acreditava que ela estava melhorando. Quando eu chegava para visitá-la ou para levar alguma coisa que fosse da sua necessidade, ela sorria e conversava, então, quando entendia que não passaria daquilo, nossos problemas recomeçavam.

E eu preciso ser honesto. Não havia como esconder o ressentimento. Não tinha nenhuma possibilidade de fingir não estar aborrecido com aquela situação. Acredito que isso a fazia piorar, mas era muito mais forte do que eu.

Tiffany queria uma família, e eu só queria que aquele pesadelo acabasse.

Ela parou de escrever, foi definhando com a falta do amor que eu jamais poderia lhe dar, mesmo tentando ser o mais presente possível. Ela não se conformava e, assim, foi se afundando cada vez mais na depressão.

Anita pediu licença do trabalho para cuidar da prima. Eu contratei uma enfermeira para acompanhá-la de perto, afinal de contas, todo cuidado era pouco.

– O que aconteceu?

– A chuva de ontem parece ter cobrado os efeitos – revelou com a voz preocupada. – Ela não está conseguindo respirar direito, está ardendo em febre.

– Merda!

Um dia antes, Tiffany fez mais uma de suas loucuras. Grávida de sete meses, aproveitou a distração da enfermeira e saiu para a rua no meio de um temporal. Só conseguimos encontrá-la quase três horas depois, descalça e vestindo apenas uma camisola fina. Ela ficou exposta demais, principalmente por já estar frágil.

A situação se agravou ainda mais quando Tiffany se revelou hipertensa, de uma maneira extrema, o que preocupou os médicos a tal ponto que ela teve que ficar em constante repouso. Sua vida e a do nosso filho estavam em risco.

– E a pressão? Fátima está com você?

Fátima era a enfermeira da noite, que dormia com ela para ajudar em momentos como aquele.

– Muito alta. Estamos preocupadas. Ela está sentindo dor e não está falando coisa com coisa.

– Chamou a ambulância?

– Chamei, mas eles estão demorando demais. – Pelo tom de voz de Anita, eu entendia que era algo realmente grave. – Estamos com medo de removê-la sem a devida assistência.

– Estou indo. Se a ambulância chegar, me avise.

– Certo. Obrigada!

Desde que Tiffany começou a dar sinal de insanidade, eu e Anita nos tornamos mais próximos, unindo forças para cuidar dela, mas até isso se tornou um problema para Tiffany, que passou a fantasiar que algo estava acontecendo entre mim e a prima.

Eram muitos problemas. Como eu sabia que a culpa era minha, então aceitava e me resignava, tentando sempre fazer o melhor para acalmá-la.

Desliguei, peguei a calça do dia anterior, vesti e fui em busca de uma camisa limpa. Precisava ser rápido e prático. Calcei um tênis, peguei a carteira, as chaves e saí para uma noite gelada, o que agradei, já que ainda estava com o corpo suado devido ao pesadelo.

Dirigi o mais rápido possível e, quando cheguei, a ambulância já estava na porta do prédio onde Tiffany morava. O porteiro já me conhecia, então consegui passar sem burocracia. Encontrei Anita na porta do quarto, o rosto assustado e preocupado. Fátima estava com o médico e mais um enfermeiro, que se preparavam para remover a mãe do meu filho.

– Eles vão levá-la – Anita me informou sem desgrudar os olhos da prima. – Parece que o caso é grave.

– Sempre foi – rebati sem conseguir controlar a minha mágoa.

Ela me olhou brevemente, depois voltou a olhar a prima, meneando a cabeça, como se estivesse concordando comigo.

– Assim que a maca chegar, vamos removê-la – o médico se aproximou, falando diretamente com Anita.

– Este é o pai da criança, doutor. – Ela apontou para mim.

– Entendi. Ela será internada – ele começou a falar diretamente comigo. – A pressão está muito alta: 160/120. Precisamos de um ultrassom para saber como está a criança. Ela está sentindo dores que me levam a acreditar que sejam contrações, mas só no hospital teremos certeza de qualquer outro quadro.

– Contrações? Ela está com sete meses apenas – questionei apreensivo.

– Sim, o que é preocupante. A paciente tem histórico de complicações durante a gestação, por isso não queremos aguardar. Só um momento que preciso resolver a parte burocrática. Um acompanhante pode vir na ambulância com a gente, o outro deve seguir para o hospital o mais rápido possível.

– Vá você com ela – eu disse a Anita, e ela negou com a cabeça.

– Você é o pai. Ela precisa de você agora, Alex.

Respirei fundo e acabei concordando. O médico se afastou e, no mesmo instante, a maca entrou no apartamento. Assisti Tiffany ser preparada sem muito esforço. Ela estava muito magra. Então a acompanhei até o elevador. Seus olhos demonstravam medo e insegurança, mas se mantiveram em mim durante todo o tempo. Comovido com a sua fragilidade, segurei sua mão e ela, enfim, relaxou, fechando os olhos.

– Como ela está? – Anita chegou alguns minutos depois ao hospital. Levava duas malas pequenas, que deduzi serem referente ao parto. – Para o caso de o bebê nascer antes da hora. – Se desculpou, indicando as malas.

Concordei.

– Eles chamaram de Síndrome HELLp.

– Síndrome HELLp? O que diabos é isso?

Eu ainda tremia com o medo de que algo desse errado, por isso mantinha as mãos no bolso da calça.

– É grave. Pediram um exame mais específico, e ela está fazendo uma ultrassonografia. Precisei resolver a burocracia do plano de saúde e não a acompanhei. Estou aguardando voltarem.

Neste momento, o médico que assumiu o caso de Tiffany passou pela porta que nos separava. Ele olhou para mim e caminhou em minha direção. Pelo seu olhar, percebi que era mesmo grave.

– Precisamos antecipar o parto – começou sem se dar ao trabalho de nos preparar para a notícia. – Vai ser uma situação delicada. A febre alta é um agravante, a secreção em seus pulmões certamente complicará o quadro.

– O que aconteceu? – questionei preocupado.

– Houve um abrupto descolamento da placenta. É prematuro para acontecer, por isso estamos preocupados. Precisamos remover a criança o quanto antes.

– Eles vão sobreviver? – Anita se intrometeu com os olhos marejados.

– É arriscado dar qualquer certeza em uma situação como esta. Precisamos dos exames para conferir as plaquetas. Só antecipo que podemos perder os dois.

– Não! – Ela choramingou.

– Onde ela está? – Minha cabeça dava voltas e mais voltas. – Preciso ver Tiffany, doutor.

– Sim, estamos preparando-a para levá-la para o centro cirúrgico a qualquer momento. Ela está em uma sala de observação. Só pode entrar uma pessoa. Venha comigo.

Fui levado para uma sala, onde precisei me preparar com roupas específicas para que pudesse estar em contato com Tiffany. Depois me levaram para uma sala, onde ela repousava em uma cama de hospital. Muitos aparelhos ligados a ela. Tiffany parecia dormir, esgotada. Me aproximei e segurei em sua mão. Ela abriu os olhos. O terror ainda estava lá.

– Alex! – sussurrou com ansiedade.

– Calma. Vai dar tudo certo. – Vi quando uma lágrima desceu dos seus olhos.

– Ele não pode nascer agora. É cedo demais.

– Os médicos sabem o que estão fazendo, Tiffany. Vai ser melhor para vocês dois.

– Não. Não vai. – Ela chorou, voltando a respirar com dificuldade.

– Fique calma. – Mas eu mesmo não conseguia encontrar a minha.

– Eu não vou conseguir – revelou, chorando. – Você tinha razão o tempo todo. Essa criança é uma coitada. Não fui forte o suficiente por ele, não consegui ser a mãe que ele precisava.

– Não pense assim. Nós estamos aqui por ele, vamos fazer tudo dar certo, Tiffany. Você só precisa ficar calma.

Ela balançava a cabeça, negando as minhas palavras.

– Você não o quer. – Fui pego de surpresa. – Eu deixei que acontecesse porque fui burra. Queria que você ficasse comigo. Queria Charlotte longe de nós dois.

– Não pense nisso agora. Já passou, Tiffany. É passado. Vamos nos concentrar no nosso filho. – Eu tentava animá-la em vão, tudo indicava que aquele era mais um dos seus picos de depressão. Ela apertou meus dedos e me olhou com aflição.

– Me perdoe – chorou, suplicando. – Me perdoe, Alex! Eu sei que errei.

– Tiffany.

Segurei seu rosto, encarando-a firmemente.

– Eu errei com você. Não aja como se não fosse a vítima desta história.

– Não. – Soluçou. – Eu forcei a barra, mereci...

– Não faça isso, por favor! Não tente tirar a culpa de mim, não é justo. – Respirei fundo e passei a mão no cabelo, me deparando com a touca. Droga! – Não vamos voltar a este assunto, Tiffany. Nosso filho vai nascer.

– Um filho que você não quer. Que você não ama. Eu nada mais poderei fazer por ele, Alex. – Sua voz fraca estava esganiçada pelo choro. – Ele vai ficar sozinho, como você disse. Não terá a mim, não terá o seu amor.

– Não vai ser assim. Nós dois estaremos aqui, juntos! Vamos dar a ele o amor que ele merece. Vamos cuidar dele, Tiffany. Juntos! Então fique calma, pelo amor de Deus!

Os aparelhos ligados a ela começaram a apitar. Céus! Eu estava com tanto medo!

– Tiffany, olhe para mim. Tente se acalmar. – Olhei para a porta aflito.

– Por favor, prometa que vai cuidar dele. Prometa que vai amá-lo mesmo ele sendo meu filho, mesmo vindo nas circunstâncias que veio, mesmo te roubando a pessoa que mais amava.

Engoli em seco, sentindo a mágoa empedrar em meu peito.

– Prometa, Alex!

– Tiffany...

– Se não conseguir amá-lo... se for demais para você... deixe que Anita o leve para longe.

– É meu filho, Tiffany. – E as palavras já começavam a embolar em minha garganta. – O que está dizendo?

– Você não o quer – ela sussurrou, perdendo a força.

– Claro que quero. – E me vi surpreso com a minha afirmação. Nunca antes parei para pensar em perdê-lo, mas, naquele momento, havendo essa possibilidade, eu estava em pânico.

– Você vai cuidar dele?

– Nós vamos – eu me negava a acreditar que ela iria desistir.

– Prometa que vai amá-lo e perdoá-lo por ter sido concebido da forma como foi. – A voz ainda mais fraca me alertou.

Olhei outra vez para a porta e vi que enfermeiros se aproximavam. O aparelho apitava cada vez mais.

– Prometa...

– Prometo. Eu vou amar este filho e cuidar dele da maneira que ele merece.

Ela sorriu, fechando os olhos.

– Obrigada, Alex! – Eu quase não conseguia mais ouvi-la. – Obrigada.

– Tiffany?

– Eu amo você. – Não ouvi as palavras, só as identifiquei pelos movimentos dos seus lábios.

Neste momento, eles cercaram a cama, me afastando. Eu não conseguia assimilar o que acontecia, só sabia que era grave e que Tiffany não estaria conosco quando nosso filho chegasse.